

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO - UENF  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA – PPGSP

JAIME BARON

**O JORNAL “O GLOBO” COMO PORTA-VOZ DAS POSIÇÕES POLÍTICAS DA  
FAMÍLIA MARINHO, ONTEM E HOJE.**

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

DEZEMBRO – 2015

JAIME BARON

**O JORNAL “O GLOBO” COMO PORTA-VOZ DAS POSIÇÕES POLÍTICAS DA  
FAMÍLIA MARINHO, ONTEM E HOJE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para a obtenção do Título de Doutor em Sociologia Política.

**Orientador: Prof. Dr. Sérgio de Azevedo**

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

DEZEMBRO – 2015

JAIME BARON

**O JORNAL “O GLOBO” COMO PORTA-VOZ DAS POSIÇÕES POLÍTICAS DA  
FAMÍLIA MARINHO, ONTEM E HOJE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para a obtenção do Título de Doutor em Sociologia Política.

---

Prof. Dr. Sérgio de Azevedo

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF

---

Dr. Paulo Roberto Figueira Leal

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanuza Pereira Ney

Universidade Federal Fluminense – UFF

---

Prof. Dr. Renato Barreto de Souza

Instituto Federal Fluminense – IFF

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Cunha Tavares Terra

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a essência divina que me fez passar por dificuldades e obstáculos ao longo do Doutorado e ao mesmo tempo me deu forças para seguir sempre com a cabeça em pé, caminhando obstinado na direção do meu desejo de ser Doutor.

Agradeço a todos os colegas de Doutorado, amigos e familiares que colaboraram para que nas horas difíceis eu não desanimasse me dizendo reiteradamente que no fim tudo ficaria bem.

Agradeço a minha esposa, Ana Lucia, que soube suportar a pressão vivida pelo marido durante todo o tempo de doutoramento com galhardia, abnegação, compreensão, tendo ainda forças para me presentear com intensa dedicação e amor.

Agradeço a ajuda indispensável de Carlos Gustavo Sarmet Moreira Smiderle e Joseane de Souza Fernandes e faço questão de dizer que não preciso me estender muito sobre suas ajudas, já que ambos sabem muito bem o quanto foram importantes no meu doutoramento.

Por fim, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Sérgio de Azevedo, que me desafiou a encarar o duro, mas intensamente enriquecedor, trabalho de elaboração de uma tese de Doutorado, e me fez ver o quanto precisava me dedicar ao aprofundamento das minhas reflexões e repensar velhas e pouco trabalhadas convicções.

## RESUMO

Como construtor do maior conglomerado de mídia do Brasil, Roberto Marinho pôde imprimir em todos os veículos que fazem parte do que hoje é chamado de Grupo Globo uma gama de ideais em termos de valores e costumes sociais, políticos e econômicos, os quais, como é de domínio histórico, eram baseados na filosofia liberal. O jornal O Globo serve de lócus de nossa pesquisa a respeito de como tem se dado historicamente a manifestação de defesa dos ideais liberais de Roberto Marinho até o final do século XX, que em grande proporção foi dedicada ao embate contra as forças e as políticas nacional-desenvolvimentistas inauguradas com primeiro governo Vargas que durou de 1930 a 1945. Com a constatação do próprio Roberto Marinho em meados da década 1970 de que seu jornal estava envelhecido e conservador demais, foi iniciada uma ampla e geral reformulação nesse jornal com a assunção paulatina do seu comando pelos três filhos-sucessores. Mostra-se aqui que a partir dessa reformulação, O Globo passa a ter uma forma diferenciada de manifestação de posições políticas, com vistas a uma adesão aos novos tempos de exercício do jornalismo sob democracia e na busca pela objetividade e isenção jornalística.

Palavras-chave: Roberto Marinho; filhos-sucessores; expressão política; liberalismo; nacional-desenvolvimentismo

## ABSTRACT

As the builder of the largest media conglomerate in Brazil, Roberto Marinho could imprint on all vehicles that are part of what is now called *Grupo Globo* a range of ideals based on social, political and economic values and customs, which, as it is historically well known, were based on liberal philosophy. The *O Globo* newspaper will be the object of our research regarding how it has been done, historically, the manifestation of the defense of Roberto Marinho's liberal ideals until the late twentieth century. The latter has been largely dedicated to the struggle against the national-developmental forces and policies inaugurated during the first Vargas administration that lasted from 1930 to 1945. With the realization by Roberto Marinho himself in the mid 1970s that his newspaper had become too old and conservative, a broad and general overhaul of this newspaper began, with the gradual transfer of its command to the three successor sons. It shall be demonstrated here that with this redesign, *O Globo* takes up a different form of expression of political views, seeking a commitment to the new times of journalism practice in a democracy and expresses a pursuit of journalistic impartiality.

Key-words: Roberto Marinho; sons and successors; political expression; liberalism; national development

## LISTA DE SIGLAS

Acesita – Companhia de Aços Especiais Itabira

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e Caribe

CGT – Comando Geral dos Trabalhadores

CNI – Confederação Nacional da Indústria

CSN – Companhia Siderúrgica Nacional

DASP – Departamento de Administração do Serviço Público

DOPS – Departamento da Ordem Social e Política

EMFA – Estado Maior das Forças Armadas

EUA – Estados Unidos da América Latina

GATT – General Agreement on Tariffs and Trade

HPS – Hospital de Pronto Socorro

IPM – Inquérito Policial Militar

JB – Jornal do Brasil

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCO – Partido da Causa Operária

PDC – Partido Democrata Cristão

PETROBRÁS – Petróleo Brasileiro S.A.

PPS – Partido Popular Socialista

PR – Partido Republicano

PRTB – Partido Renovador Trabalhista Brasileiro

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSD – Partido Social Democrático

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSDC – Partido Social Democrata Cristão

PSL – Partido Social Liberal

PSP – Partido Social Progressista

PST – Partido Social Trabalhista

Psol – Partido Socialismo e Liberdade

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT – Partido dos Trabalhadores

PUC – Pontifícia Universidade Católica

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PV – Partido Verde

UDN – União Democrática Nacional

UPI – United Press International

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas



## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: MENÇÕES DO CANDIDATO JOSÉ SERRA NAS ELEIÇÕES 2002 .....	181
GRÁFICO 2: MENÇÕES DO CANDIDATO GAROTINHO NAS ELEIÇÕES 2002.....	181
GRÁFICO 3: MENÇÕES DO CANDIDATO CIRO GOMES NAS ELEIÇÕES 2002 .....	182
GRÁFICO 4: MENÇÕES DO CANDIDATO LULA NAS ELEIÇÕES 2002.....	182
GRÁFICO 5: MENÇÕES DOS CANDIDATOS NO SEGUNDO TURNO DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL BRASILEIRA DE 2002 .....	184
GRÁFICO 6: VALÊNCIAS DOS QUATRO PRINCIPAIS CANDIDATOS A PRESIDENTE EM 2002 DE 01/04/02 A 06/10/02 .....	185
GRÁFICO 7: VALÊNCIAS DOS CANDIDATOS LULA E SERRA NO SEGUNDO TURNO DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2002 .....	186
GRÁFICO 8: VALÊNCIAS DOS TRÊS COLUNISTAS DIÁRIOS DE O GLOBO – JOSÉ SERRA .....	187
GRÁFICO 9: VALÊNCIAS DOS TRÊS COLUNISTAS DIÁRIOS DE O GLOBO – GAROTINHO.....	188
GRÁFICO 10: VALÊNCIAS DOS TRÊS COLUNISTAS DIÁRIOS DE O GLOBO – LULA.....	189
GRÁFICO 11: VALÊNCIAS DOS TRÊS COLUNISTAS DIÁRIOS DE O GLOBO – CIRO GOMES.....	190
GRÁFICO 12: VALÊNCIAS NOS EDITORIAIS – 1º TURNO.....	191
GRÁFICO 13: VALÊNCIAS NOS EDITORIAIS – 2º TURNO 2002 .....	192
GRÁFICO 14: MENÇÕES DO ENTÃO PRESIDENTE LULA NO PRIMEIRO TURNO DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2010 .....	201
GRÁFICO 16: MENÇÕES DA CANDIDATA DILMA ROUSSEFF NO PRIMEIRO TURNO DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2010 .....	202
GRÁFICO 16: MENÇÕES DO CANDIDATO JOSÉ SERRA NO PRIMEIRO TURNO DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2010 .....	203
GRÁFICO 17: MENÇÕES DA CANDIDATA MARINA SILVA NO PRIMEIRO TURNO DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2010 .....	204
GRÁFICO 18: PADRÃO RELATIVO DE MENÇÕES DOS ATORES POLÍTICOS NO PERÍODO ENTRE O PRIMEIRO E O SEGUNDO TURNOS DA ELEIÇÃO 2010, INCLUINDO O DIA DO SEGUNDO TURNO .....	205
GRÁFICO 19: RESULTADO DE VALÊNCIAS DE O GLOBO NO PRIMEIRO TURNO – 2010 .....	206
GRÁFICO 20: RESULTADO DE VALÊNCIAS DE O GLOBO NO SEGUNDO TURNO – 2010 .....	207
GRÁFICO 21: VALÊNCIAS DOS TRÊS COLUNISTAS FIXOS DE O GLOBO – LULA .....	208
GRÁFICO 22: VALÊNCIAS DOS TRÊS COLUNISTAS FIXOS DE O GLOBO – DILMA ROUSSEFF .....	209
GRÁFICO 23: VALÊNCIAS DOS TRÊS COLUNISTAS FIXOS DE O GLOBO – MARINA SILVA.....	210
GRÁFICO 24: VALÊNCIAS DOS TRÊS COLUNISTAS FIXOS DE O GLOBO – JOSÉ SERRA.....	211
GRÁFICO 25: VALÊNCIAS PARA LULA.....	212
GRÁFICO 26: VALÊNCIAS PARA DILMA ROUSSEFF .....	213
GRÁFICO 27: VALÊNCIAS PARA JOSÉ SERRA .....	214
GRÁFICO 28: RESULTADOS DE VALÊNCIAS PARA OS EDITORIAIS DE O GLOBO NO 1º TURNO...	215
GRÁFICO 29: RESULTADOS DE VALÊNCIAS PARA OS EDITORIAIS DE O GLOBO NO 2º TURNO ...	216

GRÁFICO 30: NÚMERO AGREGADO DE TEXTOS DE CAPA FAVORÁVEIS, CONTRÁRIOS E NEUTROS EM RELAÇÃO A CADA CANDIDATO E PARTIDO PUBLICADO NO JORNAL O GLOBO DE 01/07/10 A 01/11/10.....	220
GRÁFICO 31: AGREGAÇÃO DAS VALÊNCIAS DOS CONTEÚDOS DE PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL O GLOBO NO PERÍODO DE 06/07/14 A 26/10/15 .....	225
GRÁFICO 32: SÉRIE TEMPORAL DE VALÊNCIAS CONTRÁRIAS AOS CANDIDATOS A PRESIDENTE EM 2014 NO JORNAL O GLOBO DE 01/01/14 A 26/10/14.....	226

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: CIRCULAÇÃO ANUAL DOS PRINCIPAIS JORNAIS DO RIO DE JANEIRO – 1994-1998.	152
TABELA 2: INDICADORES DE “VISIBILIDADE PONDERADA” E “VISIBILIDADE PONDERADA PADRONIZADA” PARA O PRIMEIRO TURNO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2002.....	195
TABELA 3: INDICADORES DE “VISIBILIDADE PONDERADA” E “VISIBILIDADE PONDERADA PADRONIZADA” PARA O SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2002.....	196
TABELA 4: INDICADORES DE VISIBILIDADE AMPLIADA E VISIBILIDADE AMPLIADA PADRONIZADA PARA O PRIMEIRO TURNO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2010 .....	218
TABELA 5: INDICADORES DE VISIBILIDADE PONDERADA E VISIBILIDADE PONDERADA PADRONIZADA PARA O SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2010 .....	219
TABELA 6: VALÊNCIAS DAS MANCHETES DO JORNAL O GLOBO PARA OS CANDIDATOS DE 15/09/10 A 31/10/10 .....	223
TABELA 07: VALÊNCIAS DAS MANCHETES DO JORNAL O GLOBO DE 15/09/10 A 26/10/14.....	227
TABELA 8: REVOLUÇÃO DE 30.....	241
TABELA 9: REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA .....	244
TABELA 10: GOLPE DO ESTADO NOVO .....	249
TABELA 11: DEPOSIÇÃO DE GETÚLIO VARGAS EM 1945.....	252
TABELA 13: ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 1950 – O RETORNO DE VARGAS .....	261
TABELA 14: SUICÍDIO DE GETÚLIO VARGAS .....	271
TABELA 13: ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 1955 .....	302
TABELA 14: ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 1960 .....	342
TABELA 15: RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E A TENTATIVA DE IMPEDIR A POSSE DE JOÃO GOULART .....	354
TABELA 16: GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964.....	374

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – CAPA DA EDIÇÃO DE 14/12/68, COM DETALHE DA “PREVISÃO DO TEMPO” .....	143
FIGURA 2 – CAPA DO JORNAL O GLOBO DE 28 DE ABRIL DE 1996 .....	149
FIGURA 3 – CAPA DO JORNAL O GLOBO DE 29 DE ABRIL DE 1996 .....	150
FIGURA 4 – CAPA DO JORNAL O GLOBO DE 24 DE JUNHO DE 2012 .....	151

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: PONTUAÇÃO CONFORME PÁGINA .....	194
QUADRO 2: PONTUAÇÃO CONFORME POSIÇÃO NA PÁGINA .....	194
QUADRO 3: PONTUAÇÃO CONFORME FORMATO.....	194

## SUMÁRIO

<b>I – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO II – LIBERALISMO VERSUS NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO: UMA REVISÃO TEÓRICA COMO BASE DO EMBATE QUE PAUTOU HISTORICAMENTE A POSIÇÃO POLÍTICA DE ROBERTO MARINHO E SEUS SUCESSORES NAS PÁGINAS DE O GLOBO.....</b>	<b>28</b>
LIBERALISMO VERSUS NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO: IMPORTÂNCIA E LIMITES .....	28
LIBERALISMO E LIBERALISMOS .....	29
A CRONOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO DO LIBERALISMO NO MUNDO .....	31
O LIBERALISMO ECONÔMICO CLÁSSICO .....	34
O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DOS IDEAIS LIBERAIS E SUA PRÁTICA NO BRASIL .....	37
O LIBERALISMO DURANTE A REPÚBLICA .....	40
O NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO NO BRASIL, DO GOVERNO VARGAS ATÉ OS DIAS DE HOJE .....	42
O NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO NO BRASIL: TEORIA E PRÁTICA.....	44
A ASCENSÃO DE VARGAS AO PODER E INÍCIO DAS POLÍTICAS NACIONAL- DESENVOLVIMENTISTAS .....	45
GETÚLIO VARGAS E O ELEMENTO NACIONALISTA DE SUA POLÍTICA NACIONAL DESENVOLVIMENTISTA .....	45
O PROJETO NACIONAL-DESENVOLVIMENTISTA DIANTE DO INTERREGNO LIBERAL PÓS-ESTADO NOVO .....	46
O PROJETO NACIONAL-DESENVOLVIMENTISTA NO SEGUNDO GOVERNO VARGAS.....	47
O NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO DEPOIS DO SUICÍDIO DE GETÚLIO VARGAS.....	49
A DITADURA MILITAR DE 1964 E NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO .....	51
OS PRIMEIROS GOVERNOS ELEITOS DIRETAMENTE E O NEOLIBERALISMO NO BRASIL .....	52
<b>CAPÍTULO III – UMA EXPLORAÇÃO HISTÓRICA DE TODA A TRAJETÓRIA DAS EDIÇÕES DE O GLOBO EM BUSCA DA IDENTIFICAÇÃO OU NÃO DE COMPORTAMENTOS COMUNS E PARADIGMÁTICOS NOS MOMENTOS MAIS DECISIVOS DA HISTÓRICA POLÍTICA DO BRASIL DESDE A REVOLUÇÃO DE 1930 ATÉ O GOLPE DE 1964. ....</b>	<b>59</b>
O NASCIMENTO DE O GLOBO E ASSUNÇÃO DA DIREÇÃO-GERAL POR ROBERTO MARINHO ....	59
O GLOBO E SUA INSERÇÃO POLÍTICA HISTÓRICA .....	59
REVOLUÇÃO DE 30 .....	63
REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932 .....	64
IMPLANTAÇÃO DO ESTADO NOVO.....	65
DEPOSIÇÃO DE GETÚLIO VARGAS EM 1945 .....	66
ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 1945.....	68
ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 1950.....	71
SUICÍDIO DE GETÚLIO VARGAS.....	76

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 1955.....	90
ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 1960.....	105
A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS.....	110
O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964 .....	118
<b>CAPÍTULO IV: A EFETIVAÇÃO DE UM “NOVO O GLOBO” .....</b>	<b>140</b>
INTRODUÇÃO .....	140
O DECLÍNIO DO JORNAL DO BRASIL NUM PARALELO COM A REFORMULAÇÃO DE O GLOBO	142
REFORMAS GRÁFICAS E EDITORIAIS .....	146
MUDANÇAS NO POSICIONAMENTO DE MERCADO DE O GLOBO E A CRIAÇÃO DO JORNAL “EXTRA E EXPRESSO” .....	152
<i>MEA CULPA</i> , UMA AÇÃO DE IMPACTO .....	156
PRIMEIRO ERRO: O APOIO AO GOLPE E À DITADURA.....	159
SEGUNDO ERRO: COBERTURA SUBDIMENSIONADA DAS DIRETAS JÁ.....	161
PRIMEIRA REFUTAÇÃO: NÃO HOUVE CONSPIRAÇÃO CONTRA GETÚLIO.....	164
SEGUNDA REFUTAÇÃO: FRAUDE CONTRA BRIZOLA VIA PROCONSULT.....	166
TERCEIRA REFUTAÇÃO: O SUPOSTO SOCORRO DO BNDES .....	169
<b>CAPÍTULO V – ESTUDO DE CASO: PESQUISA EMPÍRICA SOBRE A COBERTURA DO JORNAL “O GLOBO” NOS SEIS MESES QUE PRECEDERAM AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS DE 2002, 2010 E 2014.....</b>	<b>174</b>
INTRODUÇÃO .....	174
JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA PARA PESQUISA DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2002.....	177
ELEIÇÃO 2002 – DADOS DO DOXA.....	179
INDICADOR 2: VALÊNCIAS .....	184
VALÊNCIAS DOS COLUNISTAS DIÁRIOS DE O GLOBO NAS ELEIÇÕES 2002.....	186
INDICADORES 3 E 4: VISIBILIDADE PONDERADA E VISIBILIDADE PONDERADA PADRONIZADA .....	192
ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2010.....	196
JUSTIFICATIVA PARA ESCOLHA DA ELEIÇÃO DE 2010 .....	196
INDICADOR 1: MENÇÕES DO JORNAL O GLOBO AOS CANDIDATOS NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2010 .....	200
INDICADOR 2: VALÊNCIAS PARA ELEIÇÕES 2010.....	205
RESULTADOS DE VALÊNCIAS PARA OS PRINCIPAIS COLUNISTAS FIXOS DE O GLOBO NO 1º TURNO DA ELEIÇÃO DE 2010 .....	207
RESULTADOS DE VALÊNCIAS PARA OS PRINCIPAIS COLUNISTAS FIXOS DE O GLOBO NO 2º TURNO DA ELEIÇÃO DE 2010 .....	212
INDICADORES DE VISIBILIDADE AMPLIADA E VISIBILIDADE AMPLIADA PADRONIZADA PARA AS ELEIÇÕES 2010.....	217
INDICADOR 3: ANÁLISE DO MANCHETÔMETRO SOBRE CONTEÚDOS DE CAPA NAS ELEIÇÕES 2010 .....	219
INDICADOR QUALITATIVO DE MANCHETES PARA AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2010 .....	221
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2014 .....	224
INDICADOR QUALITATIVO DE MANCHETES PARA AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2014 .....	226

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>228</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>236</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>241</b>
ANEXO 1 .....	241
ANEXO 2.....	244
ANEXO 3 .....	249
ANEXO 4.....	252
ANEXO 6.....	261
ANEXO 7.....	271
ANEXO 8.....	301
ANEXO 9.....	342
ANEXO 10.....	354
ANEXO 11.....	374



## I – Introdução

Não é raro nos depararmos com a afirmação de pensadores da história contemporânea de que vivemos hoje a Era da Informação e que a mídia em geral é responsável por produzir e difundir a maior parcela do universo de informações que configura tal Era.

Uma questão importante contrapõe duas visões sobre a atuação da mídia. Esses dois campos divergem frontalmente sobre a natureza e, principalmente, quanto ao grau de seu poder de influência junto à sociedade. Basicamente, a discussão pode ser resumida dessa forma: serão os efeitos da atuação da mídia diante da política limitados ou serão eles poderosos e definidores da ação e opções dos cidadãos? E mais: que tipo de consequências podem advir desses efeitos, sendo eles “limitados”<sup>1</sup> ou “poderosos”<sup>2</sup>, para o universo político.

Com respeito ao papel que a mídia desempenha junto a sociedade, vale considerar o argumento de Figueiredo a respeito:

[...] Há vários anos, estudos sistemáticos sobre a influência da mídia vem demonstrando que este efeito é bem mais limitado do que imaginamos e, ademais, muito mais complexo do que supomos: as mensagens emitidas pela mídia são seletivamente processadas pelo público e confrontadas com outras fontes. Ou seja, a influência da mídia é mediada e com isso o seu poder de persuasão deixa de ser absoluto.

Sendo a influência filtrada pela seletividade na recepção e pelo confronto com outras fontes, então o poder desta influência depende de dois fatores importantes: a credibilidade das diversas fontes de informação perante o público e o grau de competição entre as diversas fontes no mercado de informação (2000: p.43).

Não é nossa intenção entrar aqui nessa discussão. O que nos importa para o desenvolvimento da tese é que essa influência é um fato e que, portanto, quanto mais presença um meio de comunicação ou um grupo de comunicação tiver em seu país ou mesmo no mundo, mais será importante estudar as consequências e desdobramentos da atuação destes sob o ponto de vista da visão e dos valores políticos que irradiam para a sociedade.

Desde que tomou a frente da direção executiva do jornal O Globo – fundado por seu pai, Irineu Marinho, em 1925 – no ano de 1932, até perder suas condições físicas e principalmente mentais para comandar pessoalmente suas principais iniciativas no universo da mídia<sup>3</sup> que Roberto

---

<sup>1</sup> Expressão cunhada a partir da pesquisa empírica sobre a influência dos meios de comunicação de massa na construção do voto realizada por Paul Lazarsfeld em 1940.

<sup>2</sup> Expressão utilizada por autores como Colling (2001: p.88) no contexto da análise do *agenda-setting* para efeito de contraposição ao termo “efeitos limitados”.

<sup>3</sup> Esse processo de sucessão gradual será enfocado e desenvolvido no Capítulo III desta tese.

Marinho sempre exerceu intensamente e de forma concomitante duas de suas maiores paixões na vida: o jornalismo e a política. Quem confirma isso é Bial (2004), seu biógrafo. Ao relatar que o então proprietário e redator-editor-chefe de O Globo gostava de assistir com frequência os trabalhos da Assembleia Constituinte em 1945, Bial (Ibid.: p.162,163) enfatiza o gosto de Roberto Marinho pela política e explica o porquê, conseqüentemente, da sua inserção juntamente com a de seus veículos de comunicação nos grandes episódios políticos da vida brasileira no século XX e destaca: [...] o gosto de Doutor Roberto pelo exercício político, pelo esgrimir de ideias [...]. Sim, ele nunca deixaria de fazer política de forma direta – além de gostar, frequentemente passou a ser convocado a atuar nos bastidores de grandes decisões [...].

Reforçando essa condição de dono de jornal apaixonado pela política que morreu como o mais poderoso dono de meios de comunicação do Brasil, Bial (Ibid.: p.227) afirma: “[...] João Roberto Marinho verbaliza hoje, e Roberto Irineu e José Roberto Marinho<sup>4</sup> concordam, que o Doutor Roberto se envolvia, de maneira direta, com política e políticos – para além da influência inerente a um jornal”.

Considerando que apesar de o *mainstream* do jornalismo mundial obedecer hoje à lógica concebida já no final do século XIX nos Estados Unidos (ALBUQUERQUE; SCHUDSON, apud SOUSA: 2008: p.263) da procura pela maximização da objetividade e isenção na passagem de informações para a população ao mesmo tempo em que se reconhece que aos jornais e meios de comunicação de massa em geral será sempre aceitado como inevitável e por isso aceitável algum tipo de subjetivação na passagem dessas informações, e reconhecendo o grande poder de penetração das informações emanadas das mídias do Grupo Globo, pretendemos aqui problematizar a forma com que os órgão de comunicação açambarcados pelo guarda-chuva dessa enorme corporação de mídia tem se inserido do universo da política brasileira desde o seu nascimento até os dias de hoje.

Para isso é importante lembrarmos que a fundação do primeiro órgão de comunicação do Grupo Globo, o jornal O Globo, já conta com 90 anos de existência e que durante pelo menos 70 desses anos tudo o que os meios de comunicação do “universo Globo” foram criados e eram controlados em regime de centralismo decisório e com intensa força por Roberto Marinho (BIAL: 2004) que nutria por suas criaturas um sentimento de pai e proprietário, e por isso

---

<sup>4</sup> Roberto Marinho Irineu, José Roberto Marinho e João Roberto Marinho são os três filhos sucessores de Roberto Marinho na direção do Grupo Globo.

imprimia e expressava no resultados final dos produtos produzidos por esses seus “filhotes” valores de todos os tipos.

A importância desse estudo se dá exatamente na função direta entre a grande presença dos veículos Globo na vida nacional e o fato de que, como dito, todo veículo de comunicação tem o potencial e até o direito intrínseco de manifestação de suas predileções e posições políticas. Nos interessa aqui analisar a linha editorial que Roberto Marinho, o “jornalista apaixonado por política” imprimiu aos seus veículos de comunicação enquanto esteve à frente deles e, tanto quanto, o tipo de inserção e sentido político editorial que seus filhos sucessores no comando das Organizações Globo-Grupo Globo têm imprimido aos veículos do Grupo desde que foram assumindo paulatinamente e de forma crescente o controle destes a partir da década de 1980 especificamente no campo político.

Como o Grupo Globo é hoje um império, composto de um número grande, mas impreciso, de empresas e sub-empresas, mesmo sendo a TV Globo, sem dúvida, o seu veículo mais popular e presente no dia a dia da população brasileira, optamos por trabalhar aqui com um único veículo do Grupo, justamente aquele que foi a semente que prosperou e criou as condições para o soerguimento do enorme conglomerado de mídia atual: o jornal O Globo.

A escolha de O Globo como veículo de comunicação do Grupo Globo para representar as posições políticas do Grupo Globo ao longo dos seus 90 anos de existência se deve, entre outras, a três razões:

1. A pesquisa de todo o universo das mídias componentes do Grupo Globo, na maneira ampla e múltipla como ela se apresenta hoje, tendo como destaque a TV Globo, não seria viável no contexto de uma tese de Doutorado, por isso nos concentramos aqui num único e paradigmático veículo, o jornal O Globo
2. O jornal O Globo é hoje, após o desaparecimento do Jornal do Brasil o único jornal do Rio de Janeiro com presença e abrangência nacionais, estando sempre presente nas inúmeras pesquisas que se faz na academia sobre o comportamento político dos jornais brasileiros em ocasiões especiais como é o caso das eleições, juntamente com a “Folha de São Paulo” e o “Estado de São Paulo”.
3. Existem vários estudos acadêmicos comprovando que a mídia impressa e os jornais em especial possuem características próprias como formadores de opinião, como o fator de

se dirigirem a uma categoria de cidadãos/eleitores de número essencialmente pequeno (no Brasil, especialmente), mas com significativo poder de propagação de opinião, além de apresentarem a característica de agendadores de universo noticiário e informativo para os demais meios de comunicação, sejam impressos, televisivos ou online. Apenas para citar um desses estudos acadêmicos que lidam com a questão da hierarquia de eficácia persuasiva e influenciadora dos vários tipos de mídia, alguns pensadores, entre os quais Wolf (1999: p.64), sustentam que a hierarquia em termos de “quantidade” e “qualidade” da influência efetiva depende de cada mídia. Ou seja, “os diversos mass media têm uma capacidade diferente para estabelecerem a ordem do dia dos assuntos publicamente importantes”. Wolf conclui, sem maiores dúvidas, quem é mais poderoso nesse campo: os jornais têm um poder comprovadamente maior de agendamento do que a TV. Ele justifica essa afirmação citando os resultados de uma pesquisa de campo determinante levada a cabo por McClure e Patterson em 1976, por ocasião da campanha presidencial norte-americana de 1972, na qual ficou patente que “para os consumidores de informação televisiva, o aumento de consumo não se traduz num maior efeito de agenda-setting, contrariamente ao que acontece com os grandes consumidores de informação escrita” (MCCLURE; PATTERSON, apud WOLF: p.63).

Para reforçar a escolha de O Globo como objeto central da tese, podemos resumir a justificativa para tal escolha com a seguinte observação feita por Bial (2004: p. 259): “Até o fim [...] Doutor Roberto priorizava o jornal. Não apenas por ter total intimidade com cada um de seus segredos, mas essencialmente porque julgava que era o jornal que formava opinião e tinha o real peso político”.

O prestígio e amor que Roberto Marinho devotou toda a vida ao O Globo não só justifica a escolha desse veículo como objeto da nossa tese como tendo papel paradigmático dentro do Grupo Globo, como nos deixa muito à vontade para não fixar uma barreira entre a pessoa Roberto Marinho, redator-editor-chefe e proprietário de O Globo e o jornal em si. Por isso ao longo da tese usaremos algumas vezes a expressão “O Globo diz” e em outras “Roberto Marinho diz” sem distinguir o objeto da pessoa. Uma boa sinalização de que havia uma espécie de simbiose entre ambos é que Bial (Ibid.: p.195) nos diz que “Sim, o jornal transferia poder político a Roberto Marinho e, ainda assim, era Roberto Marinho quem transferia poder político ao *Globo*”.

Nos interessa particularmente explorar dentro do universo vastíssimo de interseção entre o desenvolvimento da política nacional nesses 90 anos de existência do jornal O Globo e a postura de Roberto Marinho, como veremos no corpo da tese, pautada não só na natural expressão de posicionamentos políticos, mas na ação muitas vezes direta nos acontecimentos<sup>5</sup>, e que está consubstanciada e confirmada na forma como vimos acima referido nas palavras atribuídas ao filho de Roberto Marinho: “João Roberto Marinho verbaliza hoje [...] que o Doutor Roberto se envolvia, de maneira direta, com política e políticos [...]”, o tipo de luta política que Roberto Marinho empreendeu pelas páginas de seu jornal O Globo, ou melhor dizendo: qual era o projeto que ele tinha para a sua nação, para o seu Brasil.

Uma vez que não temos nenhuma declaração definitiva e cabal da própria autoria de Roberto Marinho se definindo politicamente, podemos defini-lo como um liberal por essência com a ajuda de referências a seu respeito feitas em entrevista a nós concedida pelo responsável por uma das principais editorias de O Globo<sup>6</sup>. Durante a entrevista ele se referiu várias vezes ao “Roberto Marinho liberal”. Além dessa evidência, temos também o testemunho de dois conhecidos de Marinho, que o definem como liberal em suas manifestações sobre sua figura no livro sugestivamente intitulado “Roberto Marinho: A trajetória de um liberal”. Nas palavras neste livro do jornalista Franklin de Oliveira (1992: p. 22) que trabalhou com Roberto Marinho por longo tempo em O Globo:

“O seu bom combate e pela construção do Brasil, de uma democracia moderna, pluralista e humanisticamente ampliada, que seja ao mesmo tempo a fator e resultado de um desenvolvimento econômico que permita que não só o pão, mas a rosa e o vinho estejam sempre na mesa feliz de cada brasileiro. Ó que Roberto Marinho quer. Mas do que uma simples impressão, esta é a minha convicção, fundada no convívio que mantivemos no jornal. Um liberal aberto aos grandes horizontes da civilização contemporânea. O seu liberalismo não ostenta o friso conservador tipo de nosso liberalismo tradicional. É um liberalismo que não renega a vertente do socialismo democrático. Roberto Marinho sabe que as novas auroras são inevitáveis”.

Já Roberto Campos (Ibid.: p.25), ao tentar definir ideologicamente seu amigo Roberto Marinho, afirma que “a grande clivagem de nossos dias é entre os dirigistas, partidários da economia de

---

<sup>5</sup> Tal costume estará amplamente apresentado e constatado no Capítulo II da tese.

<sup>6</sup> Não estamos nominando o jornalista em razão de não termos obtido, dentro dos prazos regulamentares do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Uenf, o retorno do entrevistado quanto à sua autorização formal para ser identificado. Por isso, embora a entrevista tenha sido gravada e não tenhamos qualquer sinalização impeditiva do entrevistado, optamos por nos referir a ele como o “jornalista X”. Adotamos o mesmo procedimento para nos referir a um segundo entrevistado que também será citado ao longo da tese, a quem chamaremos de “jornalista Y”.

mercado, e os liberalistas que, as vezes a franca, as vezes envergonhadamente, simpatizam com a economia de comando. Sob essa ótica, Roberto Marinho é um liberalista”.

Esse é o objetivo principal da nossa pesquisa dentro da tese. Ou seja, pretendemos identificar e aquilatar até que ponto esse personagem notável da história brasileira, o liberal Roberto Marinho, agiu através desde sua posição como proprietário e redator-editor-chefe de O Globo e cidadão apaixonado por política, tendo uma visão clara de futuro e projeto de Brasil, durante anos e anos a fio para levar seus valores, suas posições políticas e convicções liberais para as páginas do seu primeiro e para sempre mais importante veículo – segundo ele próprio, como foi visto acima – com o intuito de influenciar os acontecimentos e rumos políticos do Brasil.

Sua luta política na maior parte do tempo em que a esgrimiou se deu contra o campo ideológico e programático surgido com força a partir da Revolução de 1930 com a assunção da Presidência da República pelo político gaúcho de tradição castilhistas Getúlio Vargas. Como veremos a frente, Getúlio inicia e implanta logo em seus primeiros anos dos quinze em que pela primeira vez comandou o país como presidente, uma série de providências, políticas e medidas de cunho social, que incluíram os trabalhadores no mundo legalizado e formal da relação de trabalho e indo muito mais além, adotou medidas econômicas no sentido de dotar o Brasil de uma proteção contra a exploração estrangeira e colocou em prática uma política sistemática e intensa de industrialização que o capacitasse a, a médio e longo prazo rivalizar e concorrer com as nações mais industrializadas e portanto mais ricas do mundo. Essa nova política foi denominada “Nacional-desenvolvimentismo” e continha práticas que iam frontalmente contra as diretrizes econômicas liberais, como livre fluxo de capitais entre as nações, a boa acolhida do capital estrangeiro para o desenvolvimento do país, a priorização dos laços políticos e econômicos com as nações do Norte, com enorme ênfase para as relações privilegiadas com os Estados Unidos, entre outras.

Esse foi o paço inicial de uma história caracterizada por intensas, frequentes e muitas vezes ferozes embates. Nesses embates tínhamos o liberal Marinho trabalhando diuturnamente para dar um termo o mais rapidamente possível às reformas econômicas e às políticas desenvolvimentistas e, nesse seu afã, protagonizando batalhas encarniçadas e estocadas frequentes e periodicamente reiteradas de lado a lado. Para deixar bem claro quais são esses dois lados em disputa, devemos indicar aqui, o que ficará patente durante a tese.

A partir da continuidade no poder de Vargas por durante 15 anos e a consequente consolidação da política de aceleração do crescimento econômico com base na industrialização acelerada, Roberto Marinho escolhe definitivamente quais serão as suas lutas políticas primordiais, e, portanto, quais seriam os adversários – e muitas vez adversários que se tornaram verdadeiros inimigos políticos – a serem abatidos com o intuito de fazer prevalecer no país os seus interesses políticos e econômicos. Inicialmente através do seu jornal O Globo e depois de alguns anos, pelas ondas da Rádio Globo, Roberto Marinho conduziu um combate tenaz aos adversários nacional-desenvolvimentistas e trabalhistas – dois movimentos políticos que se misturavam no que diz respeito às práticas de política econômica – que teve início com a queda de Getúlio Vargas em 1945 e a sequente eleição democrática, quando lutou com todas as forças pela eleição do brigadeiro Eduardo Gomes, candidato pelo partido de matiz liberal União Democrática nacional – UDN, que se fundara nos últimos anos da ditadura de Vargas. Desse momento histórico em diante, Roberto Marinho, através das páginas do seu O Globo combateu em sequência, com fervor e muitas vezes com ferocidade os representantes da política que tanto rejeitava: Getúlio Vargas em sua volta na eleição de 1950, João Goulart durante toda a década de 50 até o golpe civil-militar que derrubou esse seu adversário/inimigo político em 1964, e, finalmente a Leonel Brizola, que se constituiu em inimigo figadal também desde os anos 50, passando pelo golpe de 1964 e se renovando quando da redemocratização brasileira em 1985.

Quanto a estrutura da tese em si, devemos dizer que ela segue uma determinada dinâmica de análise das posições políticas primeiramente de Roberto Marinho à frente de O Globo e, como não poderia deixar de ser, consagramos um importante espaço aos novos tempos vividos pelo jornal com a ascensão dos seus filhos sucessores como proprietários e novos controladores do jornal e do Grupo Globo.

Sendo o primeiro capítulo constituído pela introdução à tese, o segundo é dedicado à construção de uma base de natureza teórica que ajude criar um entendimento sobre as teorias e práticas envolvidas no conflito político-ideológico no qual o Brasil esteve mergulhado durante a maior parte do século passado, qual seja a adoção de políticas de aceleração do desenvolvimento brasileiro através de políticas e práticas visando a sua industrialização movida pelas forças do Estado ou a adoção das medidas de natureza conservadoras do ponto de vista econômicas, típicas do receituário liberal, estas sim capazes de dar base econômica saudável, estável e profícua para atingir o mesmo objetivo.

No capítulo está desenhada uma espécie de linha do tempo do desenvolvimento histórico das ideias e ideais liberais que foram se desenvolvendo, se consolidando e sendo postas em prática no mundo desde o século XVIII, tendo origem na França, Inglaterra e nos Estados Unidos. Houve nesse esforço teórico a preocupação em fazer uma distinção entre liberalismo político e econômico com base nas explicações a respeito feitas por Sartori (1994) e corroboradas por Bobbio (2000).

Para resumir essa distinção segundo esses autores, os direitos individuais, civis, foram sendo incorporados a democracia conforme ela se desenvolvia, tomava corpo, se consolidava como alternativa civilizatória ao autoritarismo e se espalhava pouco a pouco pelo mundo. Enquanto isso, a parte dos preceitos liberais relativos a um necessário respeito pelo Estado do direito a plena liberdade de empreendimento de indivíduos e empresas, as regras do livre comércio, etc., que também eram concebidos dentro do ideário histórico liberal, ficaram sendo a marca exposta desse – em tese – multifacetado conceito de liberalismo. Acabou sendo confundido ou tendo sua imagem ligada ao se chamaria de liberismo econômico, principalmente em função da aplicação das regras gerais do *laissez-faire* por vários governos entre o final do século XIX e o início do século XX e que levaram todo esse ideário para uma situação de renegação generalizada com o evento do crash da bolsa de Nova York em 1929, ao colapso do liberalismo econômico americano e a consequente grande depressão americana e mundial e à adoção de medidas completamente opostas ao liberalismo econômico sob a égide do *New Deal* de Franklin Roosevelt e a posterior adoção por inúmeros governos e países das práticas intervencionistas do keynesianismo ao redor do mundo.

Tratamos também do se poderia chamar de renascimento do liberal econômico com o gradual processo de falência das políticas keynesianas e do *Welfare State* a partir da crise econômica mundial da década de 1970 e a ascensão ao poder de Margareth Thatcher e Ronald Reagan ao poder na Inglaterra e Estados Unidos no princípio da década de 1980.

Evidentemente que o retrato da teoria liberal não poderia ficar restrito a sua experiência mundial e por isso tratamos no capítulo da história da introdução no Brasil das política econômicas liberais já no período do Império e sua evolução até a mudança total de rota efetuada por Getúlio Vargas a partir de sua posse na presidência da República na esteira da Revolução de 30, enterrando os mecanismos econômicos liberais até em tão em prática pelo Estado brasileiro e iniciando o processo de implantação do Nacional-desenvolvimentismo.



A partir daí, empreendemos um relato das ações e desenvolvimento das políticas de aceleração do desenvolvimento econômico brasileiro através de sua industrialização incrementada e sustentada pelo Estado brasileiro. Mostramos também que essas políticas foram hegemônicas praticamente durante todo o período entre 1930 e o golpe civil-militar de 1964 e fizemos uma ressalva histórica relevante ao reproduzir a crença de estudiosos do tema e que afirmam que depois de um início em que promoveram política econômica liberais, os militares no poder político da nação durante cerca de 25 anos acabaram por implantar também políticas bastante assemelhadas com aquelas características do nacional-desenvolvimentismo.

No capítulo III será feita uma pesquisa empírica com vistas a retratar pelas próprias páginas de O Globo a posição de seu proprietário e redator-editor-chefe Roberto Marinho diante de algumas das situações políticas mais sensíveis e conflituosas do século passado. O principal objetivo dessa pesquisa histórica nas páginas de O Globo é a de identificar materialmente as formas de expressão das posições políticas de Marinho nessas ocasiões e, a partir do recolhimento dessa matéria-prima, nos dedicamos a uma análise interpretativa das manchetes políticas e inserções em editoriais com vistas a desnudar da melhor maneira possível a intenção política de Roberto Marinho ao publicá-las. Para efetivar esse objetivo foram pesquisadas todas as edições de O Globo no período mais próximo – anterior e posterior – aos acontecimentos históricos escolhidos e feito uma reprodução literal de todas as manchetes e títulos de matérias veiculadas em O Globo em tais ocasiões históricas. O resultado *in totum* desse trabalho se encontra nos anexos da tese, uma vez que se constituem material extenso e detalhado demais para constar no corpo da tese. Nas tabelas apresentadas nos anexos, foram anotadas as datas, reproduzidas todas as chamadas, manchetes e editoriais de cunho político das edições históricas das ocasiões selecionadas, além de ter sido feita uma avaliação nossa sobre a existência ou não de viés opinativo de Roberto Marinho nesses materiais.

Através dessa pesquisa e análise, se pretendeu qualificar a atuação política de Roberto Marinho em tais ocasiões, identificando sinais mais ou menos evidentes de inserção por parte dele no embate liberalismo versus nacional-desenvolvimentismo. Veremos que o material recolhido e apresentado aqui na forma de tabelas em anexo, nos trouxeram material muito rico na direção de nosso objetivo.

Já o capítulo IV se destina a detalhar e analisar um quadro de transição ocorrida em O Globo – bem como em grande parte dos veículos do Grupo Globo – a partir da entrada direta dos filhos

e sucessores de Roberto Marinho na administração do jornal, na década de 1980. Foi a partir de um diagnóstico do próprio Roberto Marinho em meados da década de 1970 de que seu jornal precisava de uma virada na direção de sua modernização que começou um processo a princípio lento, mas gradual, e com ritmo crescente na medida em que ia chegando também ao fim o lento e gradual processo de afastamento de Roberto Marinho da tomada de decisões mais estratégicas e práticas na administração do dia a dia do jornal.

Essa reforma iniciada na década de 1980 foi acelerada na década de 1990, com a primeira grande reforma gráfica do jornal e com a aquisição do passe de vários jornalistas consagrados, boa parte deles egressos do então muito fragilizado Jornal do Brasil. Nesse capítulo veremos que as transformações pelas quais o jornal passou nos últimos 30 anos se refletem em: (a) significativas que chegam à linha editorial; (b) um esforço no sentido de melhoria da qualidade do seu plantel de jornalistas; (c) um realinhamento de linha política no sentido de um “desindireitação”, com a adoção de uma série de medidas e ações que visaram a mudança da imagem de O Globo como “jornal conservador e de direita” através de retração pública em relação a erros do passado, como a adesão e apoio à ditadura militar e uma série de reportagens que tinham por objetivo rever jornalisticamente alguns fatos relacionados com a ditadura como a bomba do Riocentro, a publicização dos nomes torturadores e a pesquisa de novos fatos e dados da guerrilha do Araguaia. Neste capítulo também serão apontados sinais explícitos de que durante esse período de transição O Globo deu mais passos na direção do liberalismo “de costumes”, já característico do modo de ser e de se expressar nas páginas de O Globo de Roberto Marinho (BIAL: 2004), sendo comprovadores desse movimento de encampação de discussões eminentemente contemporâneas e modernizadoras dos costumes na sociedade brasileira a aceitação e até a iniciativa da direção de O Globo nos últimos anos de levar a debate temas até há pouco tempo tabus, como a descriminalização da maconha, a legalização do aborto e do casamento homoafetivo.

Vale anotar que será neste capítulo que usaremos trechos, frases, reprodução de ideias e citações aos dois jornalistas entrevistados por nós para o enriquecimento de nossas observações acadêmicas sobre as posições políticas e sobre as mudanças no O Globo durante tal fase de transição, e sobre os quais foi explicado o porquê das referências não nominais a eles ao longo da tese, tal como explicado em nota de rodapé na página 21 desta introdução.

O quinto e último capítulo da tese é destinada à uma pesquisa empírica de base quantitativa para verificar através de uma análise de conteúdo das matérias, artigos, manchetes e outros elementos jornalísticos da cobertura que O Globo fez de algumas das últimas eleições presidenciais, num esforço para identificar qual é o tipo de linha editorial do ponto de vista política que os novos donos e controladores de O Globo têm imprimido ao seu jornal na cobertura das campanhas eleitorais. Essa medida é relevante não só porque nos oferece a chance de verificação com base em metodologias científicas das tendências políticas de tais coberturas como também nos dá uma possibilidade de identificação de preferências ou posições eleitorais nesta nova fase de O Globo, na qual, ao contrário do que acontecia na era em que esteve sob o comando de Roberto Marinho – que, como veremos no capítulo II, assumia, via de regra, abertamente, suas preferências e opções eleitorais – não existe mais uma explicitação de voto ou de combate a essa ou aquela candidatura.

Assim, nosso objetivo neste capítulo será analisar a fundo todo o material jornalístico produzido por O Globo nas eleições presidenciais de 2002, 2010 e 2014, através de alguns tipos de metodologia diferentes, todas elas utilizados para identificar possíveis vieses de favorecimento ou depreciação proposital, mesmo que muito dissimulados, de alguma candidatura em jogo nessas situações sensíveis para a história do Brasil.

## **II – Liberalismo versus nacional-desenvolvimentismo: uma revisão teórica como base do embate que pautou historicamente a posição política de Roberto Marinho e seus sucessores nas páginas de O Globo.**

### **Liberalismo versus nacional-desenvolvimentismo: importância e limites**

Quando, nas Ciências Sociais, analisamos temas que consideramos relevantes — atores, políticas públicas, instituições, entre outros —, somos obrigados a realizar tanto um recorte da abrangência do nosso objeto de estudo, como também explicitar quais as abordagens teóricas e questões que iremos priorizar. Isso significa que o “preço” pago para aprofundarmos uma análise específica é abrir mão de diversos outros enfoques possíveis. Neste sentido, optamos por iniciar este trabalho com uma abordagem sobre duas grandes vertentes políticas que têm se confrontado no nosso país pelo menos desde a primeira metade do século XX: o liberalismo e o nacional-desenvolvimentismo.

Entendemos ser importante, para reconstituir a trajetória da linha editorial do jornal O Globo, contextualizá-la nesse debate. Desde já, porém, deixamos claro que os pressupostos e os conteúdos ideológicos de cada uma destas correntes nem sempre se materializam na prática dos atores políticos, como veremos adiante. Em parte, pode-se atribuir isto às especificidades do contexto brasileiro em relação àquele onde floresceu o conceito de liberalismo (Europa Ocidental). De resto, a realidade é sempre muito mais complexa do que os modelos criados para enquadrá-la e analisá-la.

Nas condições atuais de globalização, podemos considerar, *grosso modo*, que, a despeito das diferenças de ênfase, a maioria dos países ocidentais, alguns dos chamados “tigres asiáticos” e parte da América Latina priorizam três grandes pilares: sociedade de mercado, regulação (pública, estatal) e democracia (direitos civis, políticos e sociais). As especificidades das correlações de força desses três pilares explicam, em parte, algumas das diferenças que encontramos quando comparamos, por exemplo, os Estados Unidos da América (EUA), a Europa Ocidental (especialmente os países nórdicos) e o Brasil. De todo modo, faremos a seguir uma explanação teórica sobre o que define os contornos do liberalismo, este conceito tão multifacetado.

## **Liberalismo e liberalismos**

Para se referir à pregação de atores, grupos, facções ou ideólogos que se apresentam como liberais, Paim (1998) usa nomenclaturas teoricamente tão díspares quanto “liberalismo social”, “conservadorismo”, “neoconservadorismo” e “neoliberalismo”, entre outros. Também para Sartori, (1994, p.147) não existe “o liberalismo”, mas sim “liberalismos”. Sobre esta polissemia, este autor afirma haver

[...] uma conexão muito tênue, quando existe, entre o liberalismo e um liberal de nossos dias. Por exemplo: um liberal norte-americano não seria um liberal na maioria dos países europeus — seria chamado de progressista ou de democrata de esquerda. A maioria dos partidos liberais da Europa continental são partidos de centro ou conservadores, e praticamente em nenhum caso os europeus chamariam de liberal um elemento da ala esquerda de seus partidos (como acontece nos Estados Unidos).

Segundo Sartori (1994), o liberalismo surgiu na hora errada e foi vítima de uma dificuldade semântica inicial, porém crucial, no que é referendado por Bobbio (2000). O termo veio a ser mencionado muito depois das práticas que receberam o seu nome. Segundo ele, essas práticas configuraram a principal doutrina do Ocidente durante quatro séculos sem que se lhe imputassem uma denominação. Assim, após ter sido usada pela primeira vez no contexto da história espanhola no início do século XIX, só veio a ser referida como denominação do conjunto de práticas referentes à priorização do indivíduo em relação ao Estado com o combate à monarquia absolutista e a elevação da liberdade ao *status* de valor-mor para a sociedade. O autor nota que esse nome só começou a circular em alguns países depois que eles já haviam deixado de ser liberais, como foi o caso da Alemanha.

Segundo Sartori (1994), o destino do liberalismo clássico, tal como pensado por idealistas franceses, ingleses e alemães, teve a grande infelicidade de nascer enquanto denominação e como uma filosofia política por inteiro num século em que o tempo “se acelerou demais”. Ele debita ao aparecimento do socialismo o desvirtuamento consentido das ideias liberais em função de ter precisado unir-se à ideia democrática para derrotar o perigo socialista que a muitos aterrorizou com a experiência da revolução de 1848. Até então, a democracia e o liberalismo eram conceitos claramente distintos. Segundo o autor, a democracia era defendida como uma sequência dos pensamentos de Rousseau e se apresentava como defensora da igualdade entre os cidadãos, enquanto a liberdade entre eles se apresentava de forma subalterna. O liberalismo, ao contrário, professava a liberdade como o valor maior. Sustenta Sartori que o surgimento da ideia socialista como forma de organização da relação sociedade-Estado, transformada em

ameaça, fez com que as duas matrizes políticas se fundissem para combater seu inimigo comum e maior, o socialismo. Na opinião de Sartori, ninguém expressou melhor e com mais intensidade a necessidade dessa união do que Tocqueville. De um sentimento de dúvida sobre a democracia americana, expressa em seu livro *A democracia na América*, Tocqueville passou a aceitar os riscos por ele identificados na experiência americana diante do perigo socialista. Nesse momento, Sartori acredita que Tocqueville se tenha dado conta de que o regime que conheceu na América era o da democracia liberal. Ou seja, ele passa então a fazer a defesa incontestada da democracia liberal.

O que Tocqueville registra é o nascimento dessa aliança. Só mais tarde, e aos poucos, foi que as pessoas tomaram consciência de que o que estava nascendo da semente do liberalismo era uma democracia muito diferente [...]. A convergência entre liberalismo e democracia foi, sem dúvida, uma convergência feliz, e, no seu todo, uma operação feliz. Mas foi um casamento desigual. (SARTORI, 1994, p. 153)

Essa democracia nascente seria, portanto, a junção da democracia e do liberalismo sob a denominação ampla de democracia. Como explicação para a denominação “democracia” ter prevalecido sobre “liberalismo”, a ponto de até hoje ela prescindir do complemento “liberal”, isso se deu em função de a palavra democracia já ter um corpo semântico histórico muito mais sedimentado do que o liberalismo. Ao que parece, Sartori lamenta a sorte do liberalismo nesse movimento histórico, pois afirma que foi o liberalismo que saiu perdendo ao dar para a democracia o ingrediente fundamental para ser amplamente aceita, qual seja, a liberdade dos indivíduos, enquanto a democracia teve de deixar de priorizar o elemento igualitário e apenas abraçar o princípio maior da causa liberal.

Com essa perda, o liberalismo ficou esvaziado como filosofia política. Ao mesmo tempo em que esse fenômeno histórico ocorria, Sartori lembra que estava ocorrendo também a primeira Revolução Industrial, “com todas as suas tensões, misérias e crueldades” e que esta “foi realizada em nome da liberdade econômica” (Ibid.: p.154). Esta seria o segundo grande impacto para o futuro do liberalismo: sua ligação com o liberalismo econômico, que Sartori classifica como “liberismo econômico”. Mesmo reconhecendo que todo o crescimento da economia industrial do Ocidente se deu sob os auspícios do *laissez-faire* e do “evangelho da escola de Manchester”, Sartori lamenta que, por conta da associação desses fenômenos econômicos ao liberalismo, este passou a ser tratado pela história quase que exclusivamente pelo seu viés econômico, ficando marcado como “capitalista”: Segundo ele, o liberalismo acabou

[...] ganhando com isso a hostilidade permanente das classes trabalhadoras, e, até hoje, a maioria dos autores continua falando de liberalismo clássico como um liberalismo *laissez-faire* – confundindo assim, de forma deplorável, o liberalismo com o “liberismo” econômico. (Ibid.: p. 154)

Sartori (Ibid.) lamenta muito que a parcela econômica do liberalismo eclipse o que o liberalismo teria de mais precioso, que é o seu viés político. Ele lamenta acima de tudo que o legado liberal de pensadores como Locke, Montesquieu, Madison e Constant caiam numa espécie de vala comum com o espírito liberal radical do liberalismo econômico, chegando a afirmar que para estes pensadores “liberalismo significava o governo-da-lei e o Estado constitucional” e ainda que “a liberdade era liberdade política, não o princípio econômico do livre comércio ou, pior, a lei da sobrevivência dos mais adaptados”.

### **A cronologia do desenvolvimento do liberalismo no mundo**

As primeiras contribuições para o que se chama hoje de liberalismo vieram a partir do Iluminismo, que por sua vez foi uma das manifestações intelectuais libertárias após os anos de cerceamento e opressão ao espírito virtuoso intelectual da humanidade, característicos da Idade Média. No rastro do Iluminismo, temos a explosão de vários movimentos, grupos e individualidades que se voltam para a produção de obras que elevam a liberdade e os direitos individuais para uma oposição acima do Estado. Viviam-se a era das monarquias absolutistas, de reis que se consideravam e agiam como “donos” de seus reinados e de seus súditos, tudo podendo para exercer seu poder sobre ambos.

Entre os pensadores que se insurgiram contra esse estado de coisas estavam os contratualistas, que em comum tinham a visão de que a soberania política pertence aos indivíduos em sociedade e que o Estado é formado para servir aos indivíduos e não o contrário. Entre os contratualistas, destaca-se Locke como aquele que lançou as primeiras reflexões para a formação histórica do liberalismo.

Em Dois tratados sobre o governo civil, Locke defende que os indivíduos não devem se curvar perante o poder de nenhum indivíduo ou instância política de forma opressiva e autoritária. Locke sustenta que um governo não pode exercer o poder que lhe é conferido pela sociedade de forma arbitrária e contrária aos interesses desta. Essa autoridade tem a obrigação de regular o comportamento dos indivíduos dentro da sociedade e até impor impostos, tudo isso apenas

para fins de proteção à sociedade e para a garantia da própria liberdade dos indivíduos quando afetados por outros. Para reforçar essas condições para a atuação do Estado, ele afirma que o direito à liberdade deve preservar todo indivíduo de estar “sujeito à vontade inconstante, incerta, desconhecida e arbitrária de outro homem” (Locke, 1998: p. 403).

Um elemento importante das ideias de Locke é o direito à propriedade. Em o Segundo tratado sobre o governo civil, Locke coloca esse direito entre os direitos naturais de todo indivíduo, mesmo ressaltando que Deus deu a terra para a humanidade como um todo.

Para Locke a delegação de poder feita pela sociedade não é definitiva e pode ser revertida sempre que a autoridade empoderada subverta os seus poderes e deixe de servir aos propósitos para os quais foi investida. Nesse caso, a sociedade estará sempre em seu pleno direito de entregar esse poder a outras mãos.

Na França do século XVIII, duas personalidades reverberavam a supremacia política da sociedade sobre o Estado e defendiam o enfrentamento do absolutismo e da opressão do indivíduo por esse Estado: Voltaire e Montesquieu. Enquanto Voltaire partia de sua posição contrária à intolerância religiosa e via na propagação do ideário liberal de Locke um bom instrumento para diminuir as tensões de viés religioso em seu país, Montesquieu, preocupado em limitar o poder absoluto dos reis, tratou de promover as ideias de Locke sobre a separação de poderes, propondo a estruturação do Estado com base na instituição de três poderes independentes — Executivo, Legislativo e Judiciário.

Já no século XIX, dois autores vão marcar a conformação das ideias e práticas liberais na Europa: Benjamin Constant, na França, e John Stuart Mill, na Inglaterra. Constant (1970), como outros franceses, preocupava-se em pensar a arquitetura de um regime democrático totalmente novo – principalmente após os conflitos e a instabilidade que caracterizaram os anos pós-revolução de 1789. Estes pensadores traziam grande preocupação com a ordem institucional a ser constituída, ao contrário dos ingleses, que tinham em mente levar ao final a opressão da sociedade pelo monarca absolutista, uma vez que já estava estabelecida, durante o século XVIII, a institucionalidade que garantia a primazia do poder do Parlamento sobre o rei.

No que tange à obra de John Stuart Mill, pode-se dizer que foi marcante e decisiva no caminho da configuração progressiva do ideário liberal no mundo – mesmo que autores como Sartori



não reconheçam isso, ao sustentarem que foi ele muito influenciado pelo Utilitarismo inglês do século XIX. Mill desenvolveu toda uma gama de reflexões sobre a sociedade em sua relação com o governo e dos indivíduos com a própria sociedade, defendendo propostas objetivas para a criação de uma sociedade liberal ideal. Todo o raciocínio de Mill a esse respeito esteve baseado na valorização da individualidade, defendendo sempre que todo indivíduo tem de ter assegurada a sua liberdade para cuidar da maximização das possibilidades de autossatisfação na vida. Seu objetivo era obviamente impor limites ao poder que os governantes detinham e exerciam sobre os indivíduos, o que impedia que estes vivenciassem em plenitude seu direito nato à liberdade. Para tal, ele defendeu que para desenvolver todo o seu potencial de autossatisfação o indivíduo deve ter garantida uma liberdade quase total de ação, sendo que essa defesa não era direcionada apenas para alguns afortunados. Sendo obrigatória a cessão do máximo de liberdade a que todo indivíduo tem direito por natureza, toda a obra de Mill tem a permeá-la o conflito entre liberdade e autoridade. Fazendo eco às posições contratualistas sobre os direitos naturais e, especialmente, sobre o direito maior à liberdade, Mill volta a discorrer sobre um tempo em que os indivíduos vivendo em sociedade não tinham como garantir a devida segurança e tranquilidade para viver diante da existência de outros indivíduos que faziam uso da força e poder pessoal para se sobrepor e levar vantagem sobre os demais. Nesse tempo, Mill concorda com a tese contratualista da necessidade de intervenção de uma força superior que pudesse impor regras de comportamento e impor uma paz pela força.

Mill manifesta o mesmo temor que Tocqueville expõe em sua obra a democracia na América, qual seja, a de que a maioria se beneficie dessa condição para oprimir uma ou mais minorias. Ele alerta para o fato de que, na teoria, a vontade do povo significa praticamente a vontade da parte mais numerosa ou da mais ativa do povo, mas que essa condição não deve servir nunca para oprimir uma parcela de sua totalidade. Caso isso aconteça, medidas devem ser tomadas para defender a minoria que for privada do gozo de suas condições máximas para o gozo de sua liberdade.

A produção intelectual de Mill coincide com a de Augusto Comte, criador da doutrina positivista, a qual exerceu grande influência durante a virada do século XIX para o século XX no Brasil. Tal doutrina ia de encontro ao liberalismo na medida em que identificava grande dificuldade da sociedade resolver os seus problemas e deficiências sem a tutela do Estado.

Entre as várias conquistas que propugna como cruciais para a vida em sociedade, Mill faz a defesa incisiva da liberdade de imprensa e o reconhecimento jurídico-constitucional dos direitos individuais da liberdade religiosa, de pensamento e de opinião. O autor expressa sua posição sobre o confronto entre Liberdade (individual) e Autoridade (estatal) em relação à economia. Mill sustenta que já tinha sido sobrepujada a antiga crença de que cabia aos governos fixar preços e regulamentar os processos de manufatura. Para ele a nova realidade demonstrava:

[...] que tanto o preço barato quando a boa qualidade das mercadorias estão mais bem garantidas quando se deixa produtores e consumidores perfeitamente livres, a única restrição sendo a liberdade igual para todos os consumidores de fazer suas compras onde quiserem. Esta é assim chamada doutrina do livre comércio, que se baseia em [...] o princípio da liberdade individual defendido neste ensaio. As restrições sobre o comércio ou sobre a produção de artigos de comercio são de fato controles, e todo controle, *qualquer* controle, é um mal. (2006: p.172)

O próximo passo no desenvolvimento do quadro doutrinário do liberalismo pode ser identificado nos estudos específicos sobre a liberdade econômica e desenvolvimento da doutrina econômica liberal.

### **O liberalismo econômico clássico**

O liberalismo econômico clássico, anterior à quebra da bolsa de valores de Nova York em 1929, é aquele que Sartori (1994) chama de “liberismo” econômico. Esse conjunto de ditames pode ser resumido aos seguintes pontos básicos: não intervenção política/governamental nos negócios; não regulamentação de qualquer tipo de atividade econômica; e abertura comercial. A esse conjunto de prescrições se convencionou chamar política do *laissez-faire*”. Somente se considera, sob esse contexto, que o Estado atue para garantir a livre-concorrência entre as empresas e o direito à propriedade privada quando esta estiver em situação de ameaça.

A figura-chave do ponto de vista histórico desse padrão de imposição de uma não atuação do Estado no mercado é Adam Smith, cuja obra *A riqueza das Nações* firmou alguns dos paradigmas que serviram de base para o regime de *laissez-faire* que vigorou com ampla adesão mundo afora até 1929.

Smith partiu do princípio de que se deve respeitar a autonomia de ação de cada indivíduo, que os homens têm propensão natural para a troca e que o papel do Estado é somente o de proteger as atividades espontâneas dos indivíduos. Defendeu a tese de que se todos os direitos e possibilidades de empreendimento e trabalho dentro de uma sociedade forem respeitados a

riqueza poderá chegar até as camadas baixas da população. Uma de suas assertivas mais marcantes é que a soma do resultado do trabalho dos indivíduos é que faz a riqueza das nações, e não a quantidade de ouro ou prata de que a nação dispõe em seus cofres. (SMITH, 1996, p. 73).

O principal legado histórico da obra de Smith diz respeito à limitação do papel do Estado diante das atividades econômicas de indivíduos e empresas. Para ele, tanto na questão dos preços das mercadorias, quanto nas relações de trabalho, é o próprio mercado que encontra o seu ponto de equilíbrio. Foi com base nesse exemplo que a obra de Smith passou a inspirar uma série de autores e economistas que, engrossando as fileiras liberais, passaram a advogar que o mercado é autorregulável e por isso não é preciso jamais que o Estado interfira no seu andamento.

Ao cabo do processo pelo qual países desenvolvidos da Europa e os Estados Unidos da América assumiram como dogmas obrigatórios o respeito à individualidade, o liberalismo viveu uma espécie de “Era de Ouro” das últimas décadas do século XIX até o fim da década de 1920. Seus preceitos econômicos também foram sendo difundidos e adotados mundo afora.

Porém, o início do século XX determinou uma mudança radical nesse quadro, com eventos como o primeiro experimento socialista/marxista representado pela revolução russa de 1917, com a mudança no padrão internacional de trocas com o fim do padrão-ouro, com a ascensão das ideologias totalitárias que vieram colocar em prova o regime de base liberal da democracia representativa e, enfim, com a débâcle econômica e a conseqüente entrada em grande depressão da já então maior potência econômica do mundo, os EUA, a partir de 1929.

Com a derrota do regime econômico liberal baseado no *laissez-faire*, o liberalismo econômico entrou no que se poderia chamar de fase de ostracismo da qual só pode sair lentamente ao fazer uma espécie de mea culpa e aceitar o fato de que defender o regime do *laissez-faire* passou a ser quase uma postura suicida.

Ao reconhecer que a hegemonia mundial dos preceitos liberais foi quebrada pelo advento da crise econômica mundial iniciada pelo crash da bolsa de Nova York em 1929, trazendo consigo uma recessão monumental nos Estados Unidos e com influência drástica no mundo inteiro, Paim (1998) diz curiosamente que o ideário liberal “absorve os fenômenos do keynesianismo e do New Deal como movimentos de correção de rota” (Ibid.: p.264) e não como sua própria

negação. Para este autor, Keynes concebe a intervenção do Estado mediante processos indiretos, sem sua transformação em empresário, sendo mantidas as características essenciais da economia de mercado.

O fato é que, após a Segunda Grande Guerra, a maior parte dos países democráticos da Europa Ocidental iniciou de forma incremental e desigual políticas sociais e de redistribuição de renda. A partir do auxílio financeiro norte-americano — o chamado Plano Marshall —, os países democráticos da Europa Ocidental fortaleceram as políticas de redistribuição de renda como forma de incrementar o crescimento econômico e ainda se fortalecer na disputa política com a fortalecida União Soviética (URSS) do pós-guerra. O crescimento incremental e progressivo do Estado de bem-estar social (welfare state) foram tão fortes que, entre meados e o final do século XX, os altos custos começaram a dificultar a competição internacional e a exportação desses países europeus, especialmente em relação aos custos mais baixos e tecnologia de ponta dos então denominados “tigres asiáticos” (Coreia do Sul, Formosa, Singapura, entre outros). Naquela conjuntura, as taxas de desemprego cresceram, e propostas de políticos autodenominados neoliberais venceram eleições e conseguiram diminuir parte dos custos sociais do welfare state europeu.

Com o keynesianismo em crise e o conseqüente aumento das críticas da corrente liberal, haveria uma união de circunstâncias propiciadoras de uma nova experimentação de políticas econômicas liberais que acabaram substituindo o keynesianismo como conjunto de práticas macroeconômicas hegemônicas na Europa Ocidental. A inflexão nesse sentido viria a ser a eleição de Margareth Thatcher como primeira-ministra britânica em 1979, dando início à onda de avanço de um novo tipo de liberalismo, não mais o liberalismo do laissez-faire e da não intervenção do Estado no mercado, mas de um liberalismo renovado, nominado como “neoliberalismo”. Segundo Paim, Thatcher introduziu na Europa uma dinâmica pela qual o keynesianismo passou a experimentar profunda revisão. A reativação econômica exigia redução de impostos — e, portanto, da despesa pública —, embora a taxa de juros continuasse sendo reconhecida como instrumento eficaz na manutenção da estabilidade monetária. Além disto, as políticas de Thatcher buscaram balancear os efeitos das políticas sociais na Europa e nos Estados Unidos. Na América, o ícone do “neoliberalismo” foi o presidente republicano Ronald Reagan, eleito pela primeira vez em 1981.

A este respeito, deve-se frisar que de certa forma a proposta “neoliberal” foi mais difundida de forma ideológica do que aplicada de fato. Nos anos recentes, tanto a socialdemocracia europeia passou a compatibilizar os direitos sociais com a necessidade do mercado, como os liberais tradicionais passaram a aceitar essa mesma tese. O caso alemão atual — onde democratas cristãos e socialistas, antes adversários ferrenhos, compartilham o governo federal — é a prova mais clara dessa nova perspectiva. Também no Chile, que é politicamente o mais europeu dos países latino-americanos, nas duas últimas décadas houve um acordo parecido com o caso alemão. Para enfrentar os conservadores, a Democracia Cristã e o Partido Socialista se uniram através da chamada Concertación Democrática. A cada eleição presidencial, de forma rotativa, um dos partidos escolhe o candidato da coalizão (AZEVEDO, 2015).

### **O desenvolvimento histórico dos ideais liberais e sua prática no Brasil**

Na condição de colônia portuguesa, o Brasil não tinha política própria até o início do século XIX. A reverberação dos ventos liberais por aqui era muito difícil, até porque vigorou a proibição total das tipografias até a vinda da corte portuguesa, em 1808 (LYNCH, 2007, p. 213). Ao contrário da Espanha, Portugal não teve a iniciativa de criar em suas colônias centros de difusão de cultura em nível superior, como universidades e faculdades.

A partir da vinda da corte se pode começar a tratar de assuntos e fatos políticos “brasileiros”, por mais que o Brasil permanecesse vinculado a Portugal até 1822. Nesse momento histórico, a dinâmica política do Reino Unido de Portugal e Algarves passa a ter como lócus prioritário o Brasil e tudo o que aqui acontecesse passava a ter muito maior repercussão e importância para todo o reino.

Lynch (Ibid.) contextualiza a chegada das ideias liberais ao Brasil dentro da passagem do Antigo Regime monárquico português para a Monarquia Constitucional. A razão para fazê-lo é em função da influência que o liberalismo teve na Revolução do Porto ocorrida em Portugal em 1820 e que levou à elaboração da nova Constituição de 1822, a partir da qual foi estabelecida a Monarquia Constitucional.

No período de 1808 até a instalação da Monarquia Constitucional, nomeado historicamente como Antigo Regime, ouviam-se poucas vozes defendendo o liberalismo político, uma vez que Dom João VI governava ainda como rei absolutista. A única manifestação favorável ao

liberalismo possível de se ter acesso no Brasil de então era o Correio Braziliense, impresso e publicado em Londres entre 1808 e 1823, sendo destinado ao público brasileiro. Mesmo chegando clandestinamente no Brasil, contava com ampla circulação e, segundo Lynch (Ibid.: p.218), até o rei em pessoa tinha o costume de lê-lo.

No início da década de 1820, surge no Brasil um grupo denominado “vintistas” que assume a frente da tentativa de efetivar aqui mudanças política inspiradas naquelas conquistadas em Portugal. Tinham uma postura claramente liberal e por isso se insurgiam contra o despotismo monárquico, transferindo o lugar do interesse público, do Estado, para o âmbito da sociedade civil.

Dentro da explosão de um amplo e acalorado debate político nesses tempos, com a publicação de incontáveis manifestações se inserindo no debate sobre o rumo que o Brasil deveria tomar, foi muito forte a ação dos grupos liberais, que tinham como meta a elaboração de uma Constituição que fosse a mais próxima possível da espanhola de 1812, com seu viés altamente liberal, na qual se tomou a maior parte do poder do Rei. Porém, estavam presentes também ecos da Carta francesa de 1814, com seus elementos e modelos mais moderados dos que os propostos, por exemplo, pelos vintistas. A discussão maior, preparatória da elaboração da nova Constituição, passa a ser entre constitucionalismo e liberalismo e tinha por tema central determinar se preveria maiores ou menores atribuições ao Parlamento em detrimento do Rei.

Nas discussões públicas sobre a configuração e linha central que deveria assumir a futura Carta, formaram-se, segundo Lynch (Ibid.: p.22) dois grandes grupos disputando o “espaço liberal”: os já referidos vintistas, denominados pelo autor como liberais, e os coimbrões, que ele chama de realistas pelo fato de aceitarem o sistema representativo inspirado nos monarquistas franceses de 1789.

Diante das discussões acaloradas acerca do poder que restaria ao Imperador após a promulgação da primeira Constituição brasileira, que chegara a um impasse, Dom Pedro I resolver dissolver a Constituinte e, através do Conselho de Estado, promulgou uma nova Constituição que não lhe dava poderes ligados ao passado do Antigo Regime, e se constituiu numa espécie de compromisso ou meio termo entre as reivindicações de coimbrões e vintistas. Assim, segundo Lynch (Ibid.: p.225):

[...] se, por um lado, os primeiros haviam conseguido nela introduzir o bicameralismo e reforçar o poder da Coroa, ao atribuir-lhe também o exercício do *Poder Moderador*, por outro, não deixaram de nela inserir uma extensa declaração de direitos, digna das malogradas constituições ibéricas.

Registre-se que a Carta, caracterizada por essa natureza conciliatória, não arrefeceu os embates de viés ideológico. Durante o reinado de Pedro I (1822-1831), o antagonismo dentro do que se pode chamar de campo liberal entre liberais de esquerda e de direita se deu com grande intensidade e “levou a um confronto interinstitucional, que opunha a Coroa, o Conselho de Estado e o Senado, com sua linguagem política monarquiana, à Câmara de Deputados, com seu discurso ultraliberal” (Ibid.: p.227). O centro do embate continuava a ser o tipo de distribuição de poder entre Executivo e Parlamento e só foi debelada com o advento da reforma constitucional de 1834, feita para firmar os ideais mais ao jeito em que se desenvolviam nas principais nações do mundo à época e que passava pelo enfraquecimento do Poder Executivo e por uma descentralização político-administrativa.

Foi nessa época que o cenário das forças políticas mais se fragmentou no Brasil. O campo liberal se dividiu entre o que pode chamar de moderados e exaltados, enquanto o campo antiliberal também apresentava fissuras. Esse panorama irá perdurar até 1831, quando da morte de Dom Pedro I. Com a instabilidade política advinda do perigo do separatismo criado a partir das várias rebeliões e revoltas ocorridas nas províncias do Norte e do Sul, o quadro político se clareia: os vários grupos em enfrentamento político se dão conta do mal maior, e se consolida no país um sistema bipartidário.

O primeiro grande partido a se formar o Partido Conservador (ou Saquarema), resultado da união da ala direita dos moderados com os antigos realistas. Ato contínuo, em reação a criação desse partido, foi fundado o Partido Liberal (ou Luzia), formado pelo restante dos moderados. A grande área de enfrentamento entre eles continuava a ser que tipo de regime político deveria imperar para manter unido o Império, mantendo a paz e assegurando o progresso do país. Segundo Lynch (Ibid.: p.230) era a luta entre liberais (à época já se referindo a pessoas de ideias avançadas e até progressistas) contra os conservadores e/ou regressistas. Detalhando um pouco mais quais valores e ideias estavam em jogo, o autor destaca que se tratava da defesa por uns da “pluralidade, a democracia, a sociedade, a liberdade ou o progresso” contra aqueles que defendiam a “unidade, a monarquia, o governo, a autoridade ou a ordem”. Segundo Lynch, apesar da aparente incompatibilidade entre tais preocupações e ideais, foi um consenso mínimo

em torno desses elementos de discussão que prevaleceu durante todo o reinado de Dom Pedro II (1831 – 1889).

### **O liberalismo durante a República**

Os primeiros anos do regime republicano no Brasil foram marcados por eventos que davam a crer que o liberalismo iria ter uma influência muito forte na República. A Constituição republicana de 1891 tem no espírito liberal o seu norte central e transforma este no pensamento político-oficial, nas palavras de Nelson Saldanha (apud. PAIM, 1998: p.122). Porém, como afirma Paim (1998: p.124), na prática o regime republicano teve a marca indelével do autoritarismo e o abandono total da representação, um dos elementos fundamentais do exercício do arcabouço doutrinário do liberalismo desde as primeiras ideias liberais preconizadas por Locke no século XVII.

Com a mudança radical da elite dirigente na passagem da Monarquia para a República, o Brasil entra numa era de grandes disputas pela posse e exercício do Executivo Central, já que este se transforma no ente único de poder decisório e de direcionamento da política brasileira. As disputas entre os vários grupos interessados em disputar a posse do governo central eram tão intensas que durante quase todo o período da República Velha os vários presidentes só conseguiam governar sob o estado de sítio e com frequentes intervenções nos estados.

Durante a República Velha, mesmo com espaço de atuação política muito restrito, não há como acusar os liberais brasileiros de terem se omitido de todo na tentativa de ver seus ideais voltarem a ser valorizados e mesmo implementados. Segundo Paim (Ibid. P.149), o grande líder e representante dessa corrente política no período em tela foi Rui Barbosa. Apoiador da instituição da República já na primeira hora, tornou-se crítico do caráter militarista do regime implantado, tendo sido exilado de 1893 a 1895. De volta ao Brasil, militou no Partido Liberal e se elegeu senador pela Bahia por diversos mandatos, tendo sido ainda candidato a presidente em 1910 e 1919.

Com a morte de Rui Barbosa, em 1923, o foco de resistência liberal no país se concentra em São Paulo, onde um grupo de ativistas — entre os quais se encontra Julio de Mesquita Filho, proprietário do jornal O Estado de São Paulo — funda o Partido Democrático em 1926. O surgimento desse partido coincidiu no tempo com o surgimento da Aliança Liberal, a qual



representou o início do processo de fatos políticos que levaram à Revolução de 1930, que conduziu Getúlio Vargas ao poder.

Com o advento posterior da ditadura Vargas e o Estado Novo, Paim (Ibid.: p.174) chama a atenção para a adesão de um grande número de intelectuais católicos à oposição e ao movimento liberal, que se apresentava como principal via política de combate ao getulismo. Após a queda de Vargas e o fim do Estado Novo, em 1945, voltam à vida política atores afastados pelo regime ditatorial e que provinham do campo católico, os quais passam a ter uma proeminência crescente até chegar à hegemonia desse campo. Isto, na visão de Paim, teria desvirtuado o viés liberal tal como praticado até então. Uma das manifestações mais indicativas desse fenômeno foi o chamado “Manifesto dos Mineiros”, de 1943, no qual expressivo grupo de intelectuais de Minas Gerais (na maioria católicos) ousadamente se expressou contra o Estado Novo. Entre eles estavam Afonso Arinos de Melo Franco, Bilac Pinto, Magalhães Pinto, Milton Campos e Pedro Aleixo.

Uma das consequências mais graves do desvirtuamento do ideal liberal tal como vinha sendo defendido e propagado até o Estado Novo, encetada pela entrada e tomada da direção da União Democrática Nacional (UDN) por políticos conservadores católicos, na visão de Paim (Ibid.: p.204), é que esse movimento levou a União Democrática Nacional – UDN, partido que reuniu liberais e conservadores católicos após a queda do regime varguista — a uma aliança com lideranças militares que perduraria pelo menos nas duas décadas seguintes.

Já Paim (Ibid.: p.204), ao julgar como equivocada tal aliança, chama a atenção para o fato de que um partido empenhado em restaurar a plenitude democrática no Brasil após a ditadura Vargas apresentasse militares como candidatos nas três eleições presidenciais posteriores ao fim do Estado Novo<sup>7</sup>. Paim (Ibid.: p.207) aponta o caráter autoritário e incentivador do desrespeito à ordem constitucional desse partido ao relatar algumas atitudes históricas da UDN, como a tentativa de impedir a posse de Juscelino Kubitschek após sua eleição para a presidência e o suposto patrocínio ou participação nas várias insurreições militares contra esse presidente, além da participação ativa no processo de tentativa de impedimento — ativando mais uma vez a sua vertente militarista — da posse do vice-presidente João Goulart na ocasião da renúncia

---

<sup>7</sup> Esta proximidade entre a UDN (um partido teoricamente de matriz liberal) e segmentos militares (à época associados a regimes de força) é outro exemplo de como a prática política frequentemente se distancia dos discursos e da própria teoria acadêmica ao classificar as forças políticas, como nos vimos forçados a fazer neste trabalho ao opor esquematicamente liberalismo e nacional-desenvolvimentismo.

intempestiva do udenista Jânio Quadros. O apoio da UDN ao Golpe de 1964, que depôs Jango, não durou muito, tendo sido canceladas as eleições presidenciais de 1965, às quais concorreria o udenista Carlos Lacerda.

### **O nacional-desenvolvimentismo no Brasil, do Governo Vargas até os dias de hoje**

Para iniciarmos a tarefa de dar conta do quadro teórico e prático do nacional-desenvolvimentismo no Brasil, temos que determinar quando essa política de Estado foi realmente implementada no país. Apesar de parecer óbvio para autores como Fonseca (2004) e Bresser-Pereira (2009) que o início desta política se situa já no primeiro governo de Getúlio Vargas – década de 1930 –, outros autores (BIELSCHOWSKY, 2000; BASTOS, 2011) preferem considerar seu início sistêmico e organizado apenas a partir da década de 1950, quando da volta à presidência de Getúlio pelas urnas.

De fato, do início dos anos 1950 até meados da década de 1960, os dois mais importantes grupos de intelectuais que buscaram discutir, a partir de uma postura nacionalista, os entraves e oportunidades para o desenvolvimento sustentável dos países latino-americanos foram a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal) e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb).

A Cepal tinha como objetivo primordial pesquisar e promover as condições para o desenvolvimento econômico da América Latina, com ênfase na ampliação da cooperação econômica e da integração regional. Sediada em Santiago, capital do Chile, a Cepal possuiu, desde sua criação, legitimidade institucional e recursos financeiros para incorporar pesquisadores importantes das América Latina, entre eles diversos brasileiros.

Já o Iseb começou a ser gestado em 1953, durante o último governo do presidente Getúlio Vargas, envolvendo basicamente intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo. Considerando o que registra Souza (2012), o quadro administrativo do Iseb era formado por três órgãos: o Conselho Consultivo, de orientação geral composto por 50 membros, designados pelo MEC; o Conselho Curador, órgão de direção, com a assistência do Conselho Consultivo e composto por oito membros, também designados pelo MEC; a Diretoria Executiva, exercida por um Diretor eleito pelo Conselho Curador, além de cinco Departamentos. Com o golpe de 1964 é aberto um Inquérito Policial Militar (IPM) do Iseb.

Desse IPM foram destacados dois pontos que, na visão dos militares participantes do golpe, comprometiam politicamente o Iseb tomado como uma “organização determinada por Moscou”. Por um lado, publicou-se no Instituto folheto esclarecedor acerca da vigência do regime parlamentarista com o plebiscito realizado em 1961, a partir da renúncia de Jânio e que veio limitar os poderes decisórios de João Goulart. Por outro lado, o Iseb cometeu o “pecado” de ter realizado cursos e conferências em entidades estudantis e sindicais – leia-se subversivas. (SOUZA, 2012).

Entre os intelectuais que fizeram parte do Iseb, alguns são tidos como “isebianos históricos”: Álvaro Vieira Pinto, Cândido Mendes, Guerreiro Ramos, Hélio Jaguaribe, Nélon Werneck Sodré e Roland Corbisier. Apesar da característica comum nacional-desenvolvimentista, o pensamento destes intelectuais envolveu "tratamentos e compreensões que ora se identificam, ora se contrapõem" (TOLEDO, 1997: 18). No geral, o grupo percebe a luta contra o “colonialismo” — condição que não se findou com a independência política em 1822, em vista da continuidade da dependência econômica — como crucial para o desenvolvimento nacional.

Na concepção de Jaguaribe (1962: p.208):

A tese central do nacionalismo desenvolvimentista é a de que a promoção do desenvolvimento econômico e a consolidação da nacionalidade constituem dois aspectos correlatos do mesmo processo emancipatório.

Segundo Bresser-Pereira (2012), o desenvolvimento de toda nação passa necessariamente por juntar desenvolvimentismo com nacionalismo. Com relação aos países de capitalismo retardatário, junta-se a eles o industrialismo acelerado para dar conta de alcançar o desenvolvimento que os países centrais já conquistaram. Para se desenvolver e poder competir com outras nações no processo de desenvolvimento, todo país precisaria se fechar, olhar para dentro, valorizar as suas forças produtivas para ter o espaço, tempo e condições necessárias para acumular riqueza. Segundo Bresser, “o nacionalismo foi necessário para que os países hoje ricos construíssem seu Estado-nação e se desenvolvessem” (Ibid.: p.2). Como lembra o autor, a Inglaterra e os Estados Unidos da América, ícones do desenvolvimento econômico nos séculos XIX e XX, praticaram por muito tempo tarifas alfandegárias altíssimas para proteger sua indústria.

## **O nacional-desenvolvimentismo no Brasil: teoria e prática**

Para Fonseca (2004, p. 226), o “núcleo duro” do nacional-desenvolvimentismo contém três elementos: (a) a industrialização; (b) o intervencionismo pró-crescimento; e (c) o nacionalismo — embora este deva ser entendido num sentido muito amplo, que vai desde a simples retórica ufanista conservadora até propostas radicais de rompimento unilateral com o capital estrangeiro. Ele identifica sementes dessa configuração já no Império e, no que diz respeito ao nacionalismo, já no período colonial.

Para que a mudança econômica e social experimentada pelo país ao longo do século XX fosse possível, foi preciso, segundo Fonseca (2004: p. 227), que ditames e ideais de grupos de brasileiros nacionalistas, defensores da industrialização, positivistas e papelistas<sup>8</sup> convergissem na intenção de acabar com o regime oligárquico que prevalecia até o final da República Velha.

Neste ideário, o desenvolvimento não é apenas uma palavra de ordem a mais, mas o elo que unifica e dá sentido à toda a ação do governo, ao legitimar a ampliação de sua esfera nos mais diferentes campos, além da economia propriamente dita: educação, saúde, legislação social, cultura, políticas públicas, etc. [...] Assim, o desenvolvimento assume a configuração de uma utopia, um estágio superior a ser conquistado, com patamar mais elevado de felicidade. Sem ele a nação permanecerá no atraso, com péssima distribuição de renda, periférica ou subordinada no contexto internacional, com indicadores sociais degradantes (FONSECA, 2004, p. 227).

Os nacionalistas tinham tido expressão já no período colonial em vozes sedentas de autonomia e independência, de que são exemplos as conjurações Mineira (1789), Baiana (1798) e Pernambucana (1817). O grupo dos defensores da industrialização teve efervescência na última década do Império e primeiras décadas da República, sem desprezar a atuação de ativistas pró-industrialização entre a década de 1820 e o fim do Império — a exemplo de Antônio Felício dos Santos, autor de um manifesto nesta linha lançado em 1882 (Ibid.: p. 234). Os papelistas inseriram na agenda de debate a admissão do crédito, do déficit público e dos empréstimos como indispensáveis para alavancar a economia. E o positivismo, já muito influente no golpe da proclamação da República, foi uma base teórica e ideológica essencial na conformação das políticas desenvolvimentistas da presidência de Vargas. Atuando como polo opositor das ideias e práticas liberais de governo, o positivismo eleva o Estado à condição de responsável por conduzir o país aos melhores caminhos rumo ao progresso.

---

<sup>8</sup> Corrente de opinião pouco conhecida, porém de grande importância para a gênese do desenvolvimentismo, os papelistas questionaram pela primeira vez alguns pressupostos monetaristas então em vigência no Brasil.

## **A ascensão de Vargas ao poder e início das políticas nacional-desenvolvimentistas**

A década de 1920 foi marcada, como é sabido, por ebulição política permanente, culminando com a falência do regime de acomodação do poder central exclusivamente nas mãos das oligarquias dos estados mais poderosos do país. A revolta dos grupos e cidadãos aliados desse pacto de poder foi crescendo ao longo dessa década, marcada também pela Semana de Arte Moderna, e teve ponto importante com o Movimento Tenentista, no qual uma parcela de jovens oficiais mexeu amplamente no equilíbrio de forças do jogo político no nível nacional.

Tendo sido derrotado por Julio Prestas — representante do status quo — na eleição presidencial de 1929, Getúlio Vargas assumiria o poder através de um golpe militar em 1930. Atuando em um momento de fragilidade das oligarquias rurais, em função da crise mundial de 1929, Vargas se mostrou um político pragmático e atuou em meio a uma coalizão de interesses.

Vargas entendeu que seu desafio era o de construir uma Nação e um Estado, era o de formar um verdadeiro Estado-nação independente, ao invés de aceitar a permanente subordinação ao Norte. Não chegou a essa política no primeiro dia do seu governo, mas foi construindo-a aos poucos, através de acordos e compromissos, de avanços e recuos. Os resultados, entretanto, foram inegáveis. (BRESSER-PEREIRA, 2009, p.8)

## **Getúlio Vargas e o elemento nacionalista de sua política nacional desenvolvimentista**

Ao mesmo tempo em que aproveitou um crescente sentimento nacionalista vigente em parte significativa da elite brasileira, que se manifestava na aversão às nações centrais que guiavam a economia dos países de capitalismo tardio segundo os seus interesses, Vargas conseguiu a adesão de uma nova burguesia, urbana e industrial, que surgiu e prosperou durante as primeiras décadas do século XX (Ibid.: p.9).

A decisão pelo incentivo à industrialização por meio de uma ação forte, incisiva e sistemática, conduzida pelo Estado ocorreu até por falta de alternativa. Segundo Bielschowsky (2000: p.251), até os “mais empedernidos conservadores agrários compreendem que não é possível depender da importação de máquinas e ferramentas”. Recorde-se que a era Vargas trouxe consigo a criação do Departamento de Administração do Serviço Público – Dasp e com ele a gradual formação de uma elite técnica composta por agentes, funcionários e dirigentes públicos dotados da competência para dar suporte ao novo papel do Estado.

Foi a partir desse diagnóstico que Vargas, já em seu primeiro governo, adotou uma série de iniciativas para dotar o Brasil de melhores condições de infraestrutura, incluindo investimentos diretos em transporte, mineração, energia e indústria de base. É de se ressaltar que Vargas jamais fechou as portas para o capital estrangeiro, que ele reconhecia como essencial para compensar a insuficiência de capital nacional para efetivar investimentos e transformações estruturais (BRESSER-PEREIRA, 2009: p.251). Sua ideia era simples nesse quesito: o dinheiro poderia vir de fora, mas quem deveria conduzir a sua aplicação era o Estado brasileiro.

### **O projeto nacional-desenvolvimentista diante do interregno liberal pós-Estado Novo**

O projeto nacional-desenvolvimentista não terminou completamente com mesmo com a derrubada de Getúlio Vargas e a posse e governo do presidente Eurico Gaspar Dutra. Como ato-reflexo de um governo que precisava se diferenciar ao máximo do regime deposto, o governo Dutra se caracterizou por praticar o liberalismo em larga escala. Como lembra e frisa Bielschowsky:

Em muitas circunstâncias, eram parte de verdadeiras campanhas liberais, como nos casos de revogação da Lei Malaia, em 1945, da extinção ou marginalização dos órgãos de planejamento, da liberalização de importações, ou da garantia da liberalidade do repatriamento de capital de lucros por empresas estrangeiras. Estava ocorrendo, decerto, algo como uma “ressurgência liberal” [...] (Ibid.: p.266/267)

Bielschowsky (Ibid.:269) deixa claro, porém, que o ímpeto industrializante seguiu em frente independentemente do esforço liberalizante de toda a economia, mostrando que já seguia uma dinâmica própria. Houve sim tentativas de retomar a ênfase na agricultura, mas nada que impedisse a continuidade do processo de industrialização. Porém, em oposição às dificuldades impostas ao capital estrangeiro durante o primeiro governo Vargas, houve uma facilitação para que esse capital entrasse e saísse com inteira liberdade durante esse período.

De todo modo, a adoção de medidas liberais pelo governo Dutra teve de ser matizada pela realidade do mercado. Segundo Bastos (2011, p. 354) as práticas liberais extremadas se mostraram impossíveis de serem aplicadas na sua plenitude:

[...] o aumento de importações e remessas de lucro provocaria uma crise cambial que forçou o governo Dutra a um recuo. Restaurou-se, no final de 1947, o licenciamento seletivo de importações tão criticado antes e evitou-se uma desvalorização cambial de efeitos previsíveis sobre a inflação.

## **O projeto nacional-desenvolvimentista no segundo governo Vargas**

Bielschowsky (2000) afirma que a literatura econômica reconhece três grandes fases no processo de elaboração do projeto nacional-desenvolvimentista: (a) 1930-1944, origem; (b) 1945-1955, amadurecimento; e (c) 1956-1964, auge — 1956-1960 — e crise — 1961-1964. Ao mesmo tempo em que categoriza o período entre 1930 e 1944 como de “origem do desenvolvimentismo”, Bielschowsky (Ibid. p.248) também o chama de “período de transição” – mais especificamente o período entre os anos 30 e 40. Falta para ele, no período em questão, “a elaboração de uma ideologia explicitamente industrialista [...] de forma plena e acabada” (Ibid.: p.258).

Como vimos no início deste capítulo, um dos núcleos de produção intelectual sobre o desenvolvimentismo a partir dos anos 1950 foi a Cepal, que teve no economista argentino Raul Prebisch um de seus expoentes. Segundo Colistete (2001) as teses Cepalinas partiam basicamente de duas suposições sobre as razões do subdesenvolvimento dos países latinoamericanos:

[...] as economias latino-americanas teriam desenvolvido estruturas pouco diversificadas e pouco integradas com um setor primário-exportador dinâmico, mas incapaz de difundir progresso técnico para o resto da economia, de empregar produtivamente o conjunto da mão-de-obra e de permitir o crescimento sustentado dos salários reais. Ao contrário do que pregava a doutrina do livre-comércio, esses efeitos negativos se reproduziriam ao longo do tempo na ausência de uma indústria dinâmica, entendida por Prebisch como a principal responsável pela absorção de mão-de-obra e pela geração e difusão do progresso técnico, pelo menos desde a Revolução Industrial britânica; o ritmo de incorporação do progresso técnico e o aumento de produtividade seriam significativamente maiores nas economias industriais (centro) do que nas economias especializadas em produtos primários (periferia), o que levaria por si só a uma diferenciação secular da renda favorável às primeiras. Além disso, os preços de exportação dos produtos primários tenderiam a apresentar uma evolução desfavorável frente à dos bens manufaturados produzidos pelos países industrializados. Como resultado, haveria uma tendência à deterioração dos termos de troca que afetaria negativamente os países latino-americanos através da transferência dos ganhos de produtividade no setor primário-exportador para os países industrializados. (Ibid.: p.23)

Para tornar possível a superação do atraso, era necessário acelerar as medidas que propiciassem a rápida industrialização e a conquista da soberania econômica diante dos países ricos e já industrializados, acabando assim com a dependência histórica vivida pela América Latina. Como diz Bielschowsky (2000, p. 326), àquela altura a linguagem e as recomendações cepalinas tinham poder de reforçar a posição de todas as correntes desenvolvimentistas no

Brasil, sendo bem recebidas na Confederação Nacional da Indústria (CNI) e “perfeitamente incorporadas pela corrente Lafer-Campos, ‘não nacionalista’ [...] e pela corrente nacionalista”.

No que diz respeito ao segundo governo Vargas, teve características bastante distintas do primeiro. Vargas teve que vencer a resistência das forças políticas em geral e dos conservadores e liberais em especial para voltar ao poder pela via democrática. Quando assumiu seu segundo mandato, havia um pacto conservador de poder entre a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrático (PSD), que de início se negou a enfrentar. A descontinuidade em relação ao governo Dutra só teria ocorrido a partir de 1953 (Ibid.: p. 318).

O grande desafio que se colocava então diante de Vargas era como conciliar essa moderação com a aceleração das reformas econômicas de cunho nacional-desenvolvimentista. As crises vividas por Getúlio Vargas em sua volta ao poder podem, portanto, ser atribuídas ao que D’Áraujo (1997) define como um esforço para conciliar interesses inconciliáveis e mutuamente incoerentes: de um lado, Vargas precisava continuar a avançar com medidas próprias do nacional-desenvolvimentismo e garantir o apoio das cada vez mais afluentes e influentes classes urbanas; de outro, não poderia abrir mão de respeitar os acordos que costurara para viabilizar a sua candidatura, posse e governabilidade.

Essa situação de certa dubiedade chama a atenção de Bastos (2011), que contesta argumentos segundo os quais o segundo governo Vargas teria adotado medidas reativas e pontuais, não se configurando um esforço sistemático e um planejamento estatal da industrialização do país. Bastos (2011: p.355) frisa que Vargas passou os anos anteriores a seu retorno à Presidência preparando um arcabouço de plano de governo de cunho claramente desenvolvimentista e que este foi sendo apresentado em pronunciamentos no Congresso e em seus discursos durante a campanha eleitoral. Para sustentar esse ponto de vista, Bastos (Ibid.: p.352) aponta a realização de importantes empreendimentos na infraestrutura, como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a Companhia Vale do Rio Doce, a Companhia Nacional de Álcalis, a Fábrica Nacional de Motores, a Companhia de Aços Especiais Itabira (Acesita) e a Companhia Hidrelétrica do São Francisco, criadas no período (Ibid.: p.352). Apesar de não constar dessa lista, é imperioso mencionar também a criação da Petrobrás no dia 3 de outubro de 1953, após longo e acirrado debate que envolveu nacionalistas versus internacionalistas.



A despeito destes constrangimentos, Bresser-Pereira (2009: p.6) diz que Vargas “encontrou um país agrário e atrasado [...] e, 24 anos depois, o deixou industrializado e dinâmico”.

### **O nacional-desenvolvimentismo depois do suicídio de Getúlio Vargas**

Com o sacrifício da própria vida e com o impacto gerado pela divulgação de sua carta-testamento, Getúlio Vargas prolongou a sobrevivência do projeto nacional-desenvolvimentista, ainda que no governo subsequente, de Café Filho, as forças liberais tenham se animado a levantar mais as suas vozes e fazer um enfrentamento cada vez mais voraz contra o dirigismo e intervencionismo estatal característico da administração do país com base no instrumental nacional-desenvolvimentista.

Para Bielschowsky (Ibid.: p.368), o período entre 1953 e 1955 foi marcado ao mesmo pelo “ponto de maturidade” do desenvolvimentismo e por uma “ressurgência liberal”. Essa nova etapa do enfrentamento que ocupava o universo político e as discussões econômicas desde 1930 teve como característica a elevação da discussão para um nível mais teórico no qual a intelectualidade passou a se mobilizar mais na tentativa de definição do melhor caminho para o desenvolvimento do país. Neste cenário, o debate confere ênfase aos aspectos de racionalidade e planejamento. Ao mesmo tempo em que próceres do ideário liberal avançavam na conquista de funções importantes nas instituições de pesquisa de políticas públicas aplicadas – como foi o caso da investidura do professor Octávio Bulhões como presidente da já então influente Fundação Getúlio Vargas –, as teses cepalinas sobre a necessidade de adoção de um planejamento global continuavam a inspirar os adeptos da solução nacional-desenvolvimentista.

Talvez por isso um dos aspectos mais marcantes do governo de Juscelino Kubitschek seja justamente a utilização do planejamento para garantir o cumprimento das metas de desenvolvimento acelerado de seu governo. Para atingir sua meta de “realizar cinquenta anos em cinco”, como era seu slogan de campanha e governo, Juscelino instalou o Conselho de Desenvolvimento Econômico, que formulou e acompanhou a execução do Plano de Metas. Conforme Bielschowsky (2000, p.401), estava ultrapassada, em 1956, a situação de perplexidade e indefinição de rumos econômicos que acompanhou a crise política dos anos anteriores. No bojo do Plano de Metas vieram grandes investimentos em infraestrutura, contemplando áreas então tidas como prioritárias, tais como energia, transporte e indústria

pesada, além de serem agraciadas também as indústrias básicas, de alimentação e também a educação.

Para Bielschowsky (Ibid.: p.402) o final da década de 1950 foi “a fase derradeira de aprofundamento do processo de substituição de importações como motor do crescimento no país”. Nessa fase, o processo de desenvolvimento pela industrialização já se transformara numa política com amplo consenso entre as forças políticas e econômicas. Porém, partir da virada para os anos 1960, Bielschowsky (Ibid.: p.409) identifica uma série de fatos e fatores que irão levar ao processo de decadência do ideal nacional-desenvolvimentista. Com a consolidação e validação por todas as forças políticas do processo de desenvolvimentismo carreado pela industrialização sistemática e acelerada (Ibid.: p.428), passa ser necessário decidir o passo seguinte no sentido de maximizar o processo de desenvolvimento do país. Surge então a questão distributiva. Intelectuais e pensadores passam a defender a extensão dos bons resultados advindos das conquistas desenvolvimentistas aos setores mais pobres da população. Também na sequência da consolidação do modelo de industrialização brasileira passou-se também a pensar mais longe e refletir sobre estratégias de longo prazo a economia. A década de 1960 traz com ela mais uma vez para o Brasil um clima de grande instabilidade política e econômica. Nas palavras de Bielschowsky:

Entre 1961 e o golpe militar de 1964, houve forte instabilidade política, inédita mobilização por reformas sociais, grandes dificuldades monetárias, financeiras e cambiais e, a partir de 1962 (sobretudo 1963), acentuado declínio nas taxas de crescimento. Como reflexo dessa nova conjuntura e da maior politização alcançada pela sociedade brasileira, ocorreu uma crise no pensamento desenvolvimentista, expressa na literatura de então (Ibid.: p.409).

Segundo o autor, o quadro que se configura nos primeiros anos da década de 1960 (inflação, crise do balanço de pagamentos e, no plano político, a tendência das forças progressistas a priorizar as “reformas de base” – sobretudo a reforma agrária – sobre o processo de industrialização) leva a uma crise e ao início da decadência do desenvolvimentismo. Neste contexto, o debate passa a tratar não da questão pura e simples da estruturação de um parque industrial, mas da posição que se assumia no que toca à interação de crescimento e distribuição de renda. Daí até fins dos anos 1960, os economistas reformistas mantinham a crença em que o único caminho economicamente viável para o desenvolvimento era a melhoria da distribuição de renda; por sua vez, os economistas conservadores amadureciam uma estratégia de aprofundamento do capitalismo, sem maiores preocupações com questões distributivas; e,

finalmente, os economistas da extrema esquerda iriam contestar tanto os conservadores como os reformistas, recusando-se a aceitar a viabilidade de qualquer estratégia de desenvolvimento econômico e social capitalista no país.

Houve a percepção de amplos setores políticos e sociais de que a industrialismo era fato consumado e de que novos passos para o desenvolvimento da nação deveriam passar por uma política de distribuição da renda. Além disto, medidas também urgentes deveriam ser tomadas para tratar dos problemas ocasionados pelo crescimento econômico obtido através da industrialização acelerada das três décadas anteriores, ou seja, tratar da miséria e do desemprego urbanos em níveis antes inimaginados.

O golpe militar de 1964 aconteceu num momento em que o projeto de desenvolvimento do Brasil visto pela esquerda e por setores progressistas em geral passava necessariamente por reformas profundas na estrutura econômica e da propriedade no Brasil. O sentimento nacionalista se encarnou na vontade política do presidente João Goulart e seus apoiadores de manter o Brasil fora da órbita de influência e domínio dos EUA. Pode-se dizer, portanto, que do projeto nacional-desenvolvimentista tal como vinha sendo praticado até então ficou o sentimento de que o crescimento econômico brasileiro deveria ser realizado radicalizando o elemento nacionalista.

### **A ditadura militar de 1964 e nacional-desenvolvimentismo**

Um dos desafios dos militares que capturaram e exerceram ditatorialmente o poder no Brasil de 1964 a 1985 foi decidir qual caminho tomar em termos de desenvolvimento do país. Não poderiam simplesmente seguir formal e oficialmente as práticas do nacional-desenvolvimentismo que vigiam até então, já que isso contrariaria a lógica de que tomaram o poder para evitar o que eles chamavam de populismo e o caminho para uma fundação aqui de uma “República sindicalista” ou uma “segunda Cuba”. Por essa razão, segundo as palavras de Duarte (2009: p.158), “os militares evitaram o uso do conceito desenvolvimento [...]. Compreenderam que era preciso pôr um fim ao populismo e até mesmo ao nacionalismo mais radical”. Nos primeiros anos de poder, o governo militar procurou criar as condições internas de estabilidade econômica e social para atrair o capital estrangeiro, que segundo eles seria o único capaz de acelerar o crescimento da economia interna.

Contudo, Duarte afirma que a partir de 1967, o presidente de então, Castello Branco, passou oficialmente, em nome do novo regime, a associar o conceito de desenvolvimento ao de segurança nacional. Talvez por isso Bresser-Pereira (2011: p.22) pode afirmar com tanta convicção que a ditadura militar brasileira se guiou pelo nacional-desenvolvimentismo durante todo o seu período de poder. Segundo ele, depois que as estruturas que suportavam o desenvolvimentismo até o governo Goulart foram inicialmente desmanteladas, houve uma rearticulação de algumas dessas forças:

Forma-se, então, um novo pacto político – o Pacto Autoritário-Modernizante de 1964 – que, ao contrário do que se pensava então, dará continuidade à estratégia nacional-desenvolvimentista do período anterior. Esse pacto político teve a mesma composição do anterior em termos de elite – burguesia nacional e burocracia pública (na qual os militares haviam se tornado dominantes) –, mas excluía os trabalhadores e os intelectuais de esquerda, enquanto os interesses estrangeiros, que haviam sido importantes no momento do golpe, perdem em seguida boa parte de sua influência. (...) O pacto foi comandado pela tecnoburocracia pública e contou com a participação ativa da burguesia industrial, que se envolverá principalmente na indústria de bens de capital, enquanto o estado continuava a investir na infraestrutura e nas indústrias de base – no caso da petroquímica, em associação com o capital externo (Ibid.: p.22).

Não deixa de ser irônico que o general Ernesto Geisel, penúltimo presidente do período inaugurado pelo golpe que supostamente encarnaria a vertente liberal contra a visão nacional-desenvolvimentista, tenha lamentado a falta de espaço para o capital privado nacional no modelo implementado pela ditadura, que fortaleceu as multinacionais e ampliou fortemente as estatais:

[...] Urge, pois, cuidar do fortalecimento deste último setor empresarial (empresa privada nacional) para que venha a ocupar o lugar de equilíbrio que lhe compete até mesmo para maior conforto e estímulo aos outros dois setores, praticamente em confrontação direta (GEISEL, 1974, apud AZEVEDO, 1975, p.3)

### **Os primeiros governos eleitos diretamente e o neoliberalismo no Brasil**

Antes de mais nada, cumpre lembrar que o termo “neoliberal”, ao ser apropriado pela linguagem da disputa político-partidária no Brasil, tornou-se uma espécie de categoria acusatória. Do ponto de vista acadêmico, é preciso, inicialmente, levar em conta as notórias diferenças da realidade concreta do Brasil e aquela do mundo desenvolvido (Europa Ocidental / Estados Unidos) onde o termo ganhou repercussão mundial a partir das eleições de Margareth Thatcher na Grã-Bretanha e de Ronald Reagan nos EUA. Adicionalmente, deve-se frisar o que foi dito no início

deste capítulo, a saber, que a proposta dita neoliberal foi mais difundida de forma ideológica do que aplicada de fato, como demonstra a convergência entre liberais tradicionais e sociais-democratas em vários países. De todo modo, é inegável que os três primeiros governos eleitos diretamente após a redemocratização no Brasil (Fernando Collor, enquanto durou, e Fernando Henrique Cardoso, em seus dois mandatos) se pautaram por um diagnóstico de falência da proposta desenvolvimentista. Neste sentido, usaremos o termo neoliberal mesmo explicitando previamente suas limitações.

Para tratarmos, então, da experiência neoliberal no Brasil é necessário um exercício de retomada histórica dos últimos anos da década de 1970. Segundo Sallum Jr. (1990), o movimento mundial de decadência keynesianismo coincidiu com o início, no Brasil, de um processo lento e contínuo de desgaste do que o autor chama de Era Vargas. Ele se refere ao período de quase meio século no qual o Estado passou a constituir-se em núcleo organizador da sociedade brasileira e alavanca de construção do capitalismo industrial no país, ou seja, um Estado de tipo desenvolvimentista. Segundo o mesmo autor, a partir dos anos 1980 a crise fica evidente:

[...] a capacidade de comando do velho Estado sobre a sociedade e a economia passa a ser severamente restringida, tanto pelas transformações econômicas internacionais, que marcam a transição do capitalismo mundial para sua forma transnacional, como pela emergência de movimentos e formas de organização autônoma dos segmentos sociais, principalmente dos subalternos (Ibid.: p.25).

Passam assim a aparecer e crescer significativas rachaduras nas históricas vigas de sustentação do sistema que orientava o desenvolvimento do Brasil desde 1930, o que contribui, inclusive, para a derrocada do regime militar. Com o esfacelamento da estrutura social-empresarial-política que durante essas cinco décadas formou a base de apoio incondicional ao projeto nacional-desenvolvimentista não havia mais as condições para a sua sustentação. Segundo Sallum Jr. é o empresariado brasileiro que mais se rebela contra tal modelo econômico com vistas a potencializar o seu controle sobre o Estado e se coloca dentro de um movimento destinado a aumentar a sua capacidade de influência nas decisões sensíveis aos seus interesses e para garantir que as políticas públicas se adequassem às suas aspirações. Para isso o empresariado “renova e multiplica suas organizações” e estende sua atuação aos meios de comunicação de massa, “difundindo-se, com isso, na massa empresarial e nas classes médias” (Ibid.: p.25). Para os empresários, era hora de mexer de forma radical no arcabouço da economia

nacional. Diante da nova ordem mundial e das dificuldades que o Brasil apresentava para retomar o caminho do crescimento econômico e para sair de uma situação de crise financeira crônica, não era mais possível depender da presença do Estado no sistema produtivo.

Porém, o empresariado brasileiro não consegue converter sua crescente força e influência em medidas concretas imediatamente por falta de apoio nas instâncias político-partidárias. Sallum Jr aponta uma clara derrota de suas posições durante a Assembleia Constituinte eleita em 1986, já que prevaleceram nela posições ainda subordinadas à ordem da Era Vargas, fazendo com que a nova Constituição fosse feita ainda sob a égide do ideário nacional-desenvolvimentista. Entre os pontos que o demonstram, segundo o mesmo autor, estão a ampliação das limitações ao capital estrangeiro, o aumento do controle estatal sobre o mercado em geral e a multiplicação dos mecanismos de proteção social aos funcionários, trabalhadores, aposentados e assim por diante. A conquista das mudanças que acabassem com o caráter estatista e intervencionista do Estado pelos empresários e demais forças sedentas por reformas liberais teve de esperar alguns poucos anos.

O início da adoção do ideário neoliberal no Brasil data da eleição de Fernando Collor de Mello à presidência da República em 1989. Entre as medidas adotadas em seu governo, lista-se (a) a abertura do mercado brasileiro para produtos estrangeiros, através da suspensão das barreiras não-tarifárias e da redução progressiva das tarifas de importação no prazo de quatro anos; e (b) o início da desregulamentação da atividade econômica e os primeiros passos do que viria a se converter num grande programa de privatização de empresas estatais, com o manifesto intuito de arrecadar recursos para melhorar as finanças do governo bem como visando a dar mais espaço para o capital privado dentro da economia brasileira. Com essas iniciativas, Collor dava fim ao projeto de construir no Brasil uma estrutura industrial completa e integrada, tendo o Estado a dirigir os esforços com esse objetivo, como aponta Sallum Jr (Ibid.: p.28). Embora cumprisse uma agenda consagrada nas urnas e unida pelo apoio dos setores mais influentes e articulados do país, Collor conseguiu, segundo Sallum Jr. “deixar a direita furiosa e a esquerda perplexa [...] atacando as classes proprietárias muito além do que Lula ousaria”. Apesar de seu final precoce decretado por processo de impeachment, não há como negar a importância do governo Collor como aquele que começou a quebrar os paradigmas e práticas históricas pautadas pelo nacional-desenvolvimentismo. Seu vice e sucessor, Itamar Franco, não deixou de levar a cabo o processo de privatizações. Mas a agenda de reforma do Estado

desenvolvimentista ganhou nova força com a eleição de Fernando Henrique Cardoso para a Presidência em 1994.

Ao assumir a presidência da República, Fernando Henrique Cardoso manifestou de forma inequívoca a sua intenção de “sepultar” a Era Vargas por supor que todos os mecanismos previstos e utilizados sob o guarda-chuva programático do nacional-desenvolvimentismo haviam se tornado anacrônicos. Sua atuação na Presidência do Brasil ao longo dos seus dois mandatos presidenciais consecutivos comprova a forma calculada, sistemática e firme com que conduziu o país para um abandono definitivo da dinâmica varguista-nacional-desenvolvimentista. Seu período à frente da Presidência estabeleceu as condições para adaptar o país a um novo mundo que tomava forma naqueles anos.

Sallum Jr. (Ibid.: p.30) descreve algumas particularidades do panorama altamente favorável que se configurou à época em que Fernando Henrique Cardoso começou essa sua tarefa:

O extraordinário sucesso do Plano Real, a eleição de Fernando Henrique Cardoso para a Presidência já no primeiro turno, a escolha de um Congresso Nacional em que a coalizão partidária vitoriosa tinha folgada maioria, a vitória de aliados políticos do presidente da República nos pleitos para as governanças de quase todos os estados – tudo isso anunciava que, em 1º de janeiro de 1995, assumiriam o leme de um Estado, já ancorado numa moeda com boas chances de manter-se estável, representantes de um novo sistema de poder hegemônico, prontos para completar a tarefa de moldar a sociedade às suas diretrizes.

Fernando Henrique Cardoso representou um agrupamento de forças políticas e empresariais que desejavam mudanças decisivas rumo a uma nova forma de inserção da economia brasileira no mundo da “globalização”, traduzida em maior abertura para o capital estrangeiro, abertura comercial, desregulamentação da economia e privatização de empresas estatais. No entanto, não seria adequado falar em uma suposta defesa de um “Estado mínimo”, tendo em vista especialmente o ímpeto da agenda regulatória daqueles dois governos (1994-1998 e 1999-2002). O fato é que o governo contou com amplo apoio popular em vista de o presidente ter sido visto como artífice e verdadeiro “pai” da grande vitória contra a inflação e a consequente conquista da estabilidade econômica tão esperada pela população brasileira durante as três décadas recentes. Além desse motivo direto para sua popularidade, Sallum Jr. (Ibid.) chama a atenção para o apoio generalizado com que seu projeto contava na mídia, o que obviamente reverberava e amplificava a abrangência e efetividade do seu discurso renovador.

Ao quadro de popularidade e legitimidade democrática para efetivar as suas mudanças e reformas radicais, soma-se um quadro de tranquila maioria congressual de que usufruiu durante o transcorrer dos seus dois mandatos. Essa maioria folgada, unida em torno das medidas de desmonte do Estado desenvolvimentista, fazia-se necessária para aprovar as reformas constitucionais perseguidas, que requeriam maioria qualificada de 3/5 do Congresso.

Sua ação política envolveu algumas linhas fundamentais, às quais se somavam desdobramentos mais concretos.

O núcleo dessa perspectiva pode ser resumido neste pequeno conjunto de proposições: o Estado não cumpriria funções empresariais, que seriam transferidas para a iniciativa privada; suas finanças deveriam ser equilibradas e os estímulos diretos dados às empresas privadas seriam parcimoniosos; não poderia mais sustentar privilégios para categorias de funcionários; em lugar das funções empresariais, deveria desenvolver mais intensamente políticas sociais; e o país teria que ampliar sua integração com o exterior, mas com prioridade para o aprofundamento e expansão do Mercosul. Este ideário liberal básico materializou-se em iniciativas que mudaram institucional e patrimonialmente a relação entre Estado e mercado. Seu alvo central foi quebrar alguns dos alicerces legais do Estado nacional-desenvolvimentista, parte dos quais fora constitucionalizado em 1988. (Ibid., p.31).

A maioria folgada no Congresso nacional amalgamada pelo credo neoliberal propiciou a que o governo Fernando Henrique Cardoso passasse praticamente todas as suas propostas que necessitavam de reforma constitucional. Sallum Jr. (Ibid.) lista aqui não só as propostas mais importantes e decisivas como também algumas outras ações e deliberações que necessitavam do respaldo legislativo para garantir a concretização das reformas de cunho liberal:

o fim da discriminação constitucional em relação a empresas de capital estrangeiro; b) a transferência para a União do monopólio da exploração, refino e transporte de petróleo e gás, antes detido pela PETROBRÁS, que se tornou concessionária do Estado (com pequenas regalias em relação a outras concessionárias privadas); c) a autorização para o Estado conceder o direito de exploração de todos os serviços de telecomunicações (telefone fixo e móvel, exploração de satélites, etc.) a empresas privadas (antes empresas públicas tinham o monopólio das concessões). [...] o governo Fernando Henrique estimulou fortemente o Congresso a aprovar lei complementar regulando as concessões de serviços públicos para a iniciativa privada, já autorizadas pela Constituição (eletricidade, rodovias, ferrovias, etc.), conseguiu a aprovação de uma lei de proteção à propriedade industrial e aos direitos autorais nos moldes recomendados pelo GATT e preservou o programa de abertura comercial que já havia sido implementado. Sustentado pela legislação que permitia e regulava a venda de empresas estatais desde o período Collor e pelas reformas constitucionais promovidas desde 1995, executou um enorme programa de privatizações e de venda de concessões tanto no âmbito federal como no estadual. (Ibid.: p.32)



Ainda segundo Sallum (Ibid.: p.32), a partir do momento em que conseguiu criar nova base legal e constitucional, Fernando Henrique Cardoso colocou em prática as ações pretendidas, dentre as quais se podem citar as seguintes:

- (a) o fim da discriminação constitucional em relação a empresas de capital estrangeiro;
- (b) a transferência para a União do monopólio da exploração, refino e transporte de petróleo e gás, antes detido pela Petrobras, que se tornou concessionária do Estado (com pequenas regalias em relação a outras concessionárias, privadas);
- (c) a autorização para o Estado conceder o direito de exploração de todos os serviços de telecomunicações (telefone fixo e móvel, exploração de satélites etc.) a empresas privadas (antes empresas públicas tinham o monopólio das concessões).

Fernando Henrique incrementou a concessão de serviços públicos para a iniciativa privada em áreas como eletricidade, rodovias e ferrovias; fez aprovar uma lei de proteção à propriedade industrial e aos direitos autorais nos moldes recomendados pelo Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT); preservou o programa de abertura comercial iniciado por seus predecessores; e executou intenso programa de privatizações e de venda de concessões tanto no âmbito federal como no estadual.

Mesmo que a contragosto, Fernando Henrique Cardoso teve de se curvar diante da persistência e até piora do quadro de crise econômica e a partir de março de 1995 passou a tomar medidas que compensavam as consequências daninhas das políticas que expuseram o país e sua economia a um quadro muito ruim. A maioria das novas medidas eram de cunho mais heterodoxo e tendiam a proteger setores industriais tradicionais no Brasil, como de calçados e têxteis, além de promover uma reestruturação do sistema econômico nacional, com ênfase no setor bancário. Trata-se de uma linha que Sallum Jr. chama paradoxalmente de “neoliberalismo desenvolvimentista”, o que evidencia, uma vez mais, a grande medida em que os modelos e suas nomenclaturas não significam tanto quanto possa parecer a princípio.

Outra frente na qual Fernando Henrique Cardoso investiu de forma sistemática para destruir os restos de práticas nacional-desenvolvimentistas foi no que diz respeito ao ingrediente nacionalista da Era Vargas. Ancorado na inserção igualitária do Brasil na economia global, Fernando Henrique tomou todas as providências possíveis no sentido de abrir caminho para a entrada do capital e das empresas estrangeira no país, inclusive diminuindo ao máximo a participação estatal nas atividades econômicas e dando tratamento igual às empresas de capital nacional e estrangeiro.

Concluimos nosso quadro histórico que embasa teoricamente o enfrentamento que perpassou quase todo o século passado entre as forças políticas que apoiaram as políticas nacional-desenvolvimentistas e seus executores e aquelas que desejavam um outro tipo de política para o desenvolvimento nacional mais ancorados nos ditames liberais. Passamos no capítulo II a recuperar subsídios históricos nas edições de O Globo para analisar como Roberto Marinho conduziu a inserção do seu jornal nos momentos mais decisivos da política brasileira do século XX.

### **Capítulo III – Uma exploração histórica de toda a trajetória das edições de O Globo em busca da identificação ou não de comportamentos comuns e paradigmáticos nos momentos mais decisivos da história política do Brasil desde a revolução de 1930 até o golpe de 1964.**

#### **O nascimento de O Globo e assunção da direção-geral por Roberto Marinho**

Roberto Marinho começou a trabalhar sob o comando de seu pai, então proprietário do jornal A Noite. Após sofrer um golpe por parte de antigos parceiros e perder o controle sobre esse jornal, seu pai logo se recuperou da traição e se lançou à empreitada de erguer um novo jornal. Por ironia, foi através de uma campanha “hospedada” em O Jornal, de Chateaubriand, que foi divulgada a campanha de escolha pela população do nome do futuro jornal (Moraes, 2011: p.133). Tal campanha coadunava com intuito de Irineu, depois referendado por seu filho Roberto, de fazer um jornal “popular”. O nome que surgiu da campanha – tendo o vitorioso sido descartado por ter homônimo na praça - foi O Globo.

O novo jornal de Irineu Marinho foi às ruas pela primeira vez no dia 29 de julho de 1925. Com poucos meses de existência sofreu um enorme e precoce abalo com a morte do seu fundador. Quando o pai de Roberto Marinho morreu, em 1925, sua mãe, herdeira do jornal, decidiu que ele seria o novo diretor-chefe. Porém, apesar de já possuir certa experiência em jornal, trabalhando ao lado do pai, tendo então apenas vinte anos, se reconheceu jovem e inexperiente demais para assumir tamanha responsabilidade e decidiu não assumir imediatamente a direção-geral e a chefia de redação do jornal, a qual deixou para o amigo e velho companheiro de seu pai Eurycles de Mattos. Somente com a morte deste, seis anos depois, é que Roberto Marinho se empossa no cargo e começa a impor um conjunto de ideias visando construir o “seu jornal”.

#### **O Globo e sua inserção política histórica**

Sendo o objetivo da presente tese a qualificação da inserção histórica de O Globo no que seria uma tentativa permanentemente renovada de fazer vencer no Brasil o projeto de país baseado nos princípios liberais, num enfrentamento também permanente, iniciado com a Revolução de 30, perpassando as sete décadas seguintes do século XX e que muitos autores argumentam perdurar de certa forma até os dias de hoje, contra o projeto de Brasil construído a partir do conjunto de ideias e princípios constitutivos do nacional-desenvolvimentismo.

Para que esse confronto seja entendido como um processo histórico contínuo – mesmo que nem sempre externalizado nas páginas de O Globo – mostrando que nas principais ocasiões da história do Brasil desde 1930 esse jornal, como órgão que desde a sua fundação até os dias de hoje funciona como bom sinalizador das posições políticas do Grupo Globo e de seus proprietários, todos membros da família Marinho, vem se comportando e se expressando reiteradamente de forma a deixar clara a sua opção pela construção liberal e sua aversão aos ideais nacional-desenvolvimentistas e assemelhados.

A forma por nós escolhida para expor essa opção histórica foi a de identificar da maneira mais criteriosa e fática o tipo de posicionamento político que O Globo adotou em onze situações emblemáticas e paradigmáticas da história política do Brasil desde a Revolução de 30 até o evento do golpe militar de 1964. Essas situações foram selecionadas por se constituírem importantes marcos da história política do país no espaço de tempo determinado, sendo relacionadas ou com período de eleições presidenciais ou com momentos nos quais o confronto entre os projetos liberal e nacional-desenvolvimentista ou mesmo seus líderes e representantes maiores – Getúlio Vargas e João Goulart – estiveram em evidência.

Os períodos selecionados foram a própria Revolução de 30, a Revolução Constitucionalista de 1932, o autogolpe de Getúlio Vargas e a instituição do Estado Novo em 1937, a derrubada de Getúlio Vargas pelos militares e a subsequente eleição presidencial de final de 1945, as eleições de 1950, 1955 e 1960, a renúncia de Jânio Quadros, o plebiscito sobre o parlamentarismo em 1963 e o golpe civil-militar de 1964. E para demonstrar com a maior precisão possível a posição política de O Globo nessas ocasiões históricas num espaço de tempo que coadunasse com um esforço acadêmico de tese de doutoramento, foi determinado e definido um período de pesquisa das edições diárias de O Globo dos quatorze dias anteriores e quatorze dias posteriores ao dia desses acontecimentos, perfazendo a pesquisa de cada período estudado um total de vinte e nove dias de edições analisadas.

Definido o espaço de tempo da pesquisa, definimos que essa pesquisa teria como lócus a primeira página dessas edições, já que a análise de todas as páginas do jornal no período seria algo inexecutável, principalmente em se tratando de pesquisa para tese de doutorado. Foi determinado que seria obrigatório reproduzir e analisar todas as manchetes e eventuais textos

de chamada a elas vinculados<sup>9</sup>, relativas aos temas políticos da situação histórica em questão, e, sempre que houvesse um editorial, procurar reproduzir literalmente as ideias e argumentos mais representativos e que sinalizassem de forma direta a postura política de seu proprietário e redator-editor-chefe, Roberto Marinho, diante das circunstâncias políticas históricas pesquisadas.

Para viabilizar essa pesquisa foi utilizado o site do “Acervo O Globo”, no qual estão disponíveis para visualização e leitura todas as edições diárias desse jornal – com raríssimas exceções – desde o seu primeiro número publicado em 29 de julho de 1925 até hoje.

Como dito acima, começamos nossa pesquisa com as edições que precederam e sucederam a Revolução de 1930. Para apresentar os resultados dessa e das demais pesquisas das demais ocasiões históricas selecionadas para estudo, elaboramos uma tabela na qual consta a data da edição do jornal numa coluna, a reprodução literal das manchetes e de excertos de trechos de conteúdo significativo tirados dos editoriais<sup>10</sup> na segunda coluna e a análise da postura política contida nessas referências materiais numa terceira coluna. Essas tabelas, em função de seu tamanho e conseqüente ocupação de espaço, estão disponíveis em forma de anexos no final da tese. Chamamos atenção para o fato de que apesar de esse material histórico com a grande carga de informações que apresenta, somado as análises e contextualizações histórico-políticas feitas por nós de cada uma das inserções reproduzidas e colocados no final da tese, são elementos relevantes para que se forme uma panorama bastante amplo e preciso sobre a forma , principalmente as estratégias que Roberto Marinho usou através das trincheiras de O Globo para fazer os embates e proselitismo político no período histórico entre 1930 e 1964. Apontamos ainda para o fato que os principais editoriais escritos ou cancelados por Marinho nos períodos históricos pesquisados estão em parte reproduzidos nas tabelas em anexo, sendo que para uma maior precisão e compreensão dos acontecimentos e, principalmente, para que entendamos com maior precisão a maneira de raciocinar politicamente e tomar decisões políticas que depois eram externadas em O Globo, reproduzimos no Anexo 11, de forma integral, os editoriais de O Globo nos dias próximos ao golpe civil-militar de 1964.

---

<sup>9</sup> De agora em diante passaremos a não mencionar mais os “textos de chamadas” atrelados à manchetes e passaremos, para efeito de simplificação, a usar unicamente a expressão genérica “manchete”.

<sup>10</sup> Como exceção, foi decidido que, em função da sua importância histórica, as editorias dos dias 31 de março e 2, 3 e 4 de abril de 1964 deveriam ser reproduzidos em sua integralidade.

Há que se reconhecer que a tarefa não se configurou como de fácil realização. A reprodução literal dos conteúdos determinados foi custosa e longa já que não houve como retirá-los das páginas do acervo online de O Globo e reproduzi-los de forma a poder ser editada na tabela. Porém as dificuldades maiores consistiram da escolha das manchetes e trechos dos editoriais que indiscutivelmente teriam natureza e teor político e selecionar quais deles eram importantes para serem destacados e analisados extensivamente no corpo do presente capítulo. Além dessa dificuldade, um grande desafio foi analisar a postura política de Roberto Marinho/O Globo diante de todo esse material selecionado, com destaque para as dezenas de manchetes escolhidas para análise. Optamos por dar tratamento diferente a dois tipos de manchetes: para aquelas que não tinham carga de grande influência no panorama político da época, categorizávamos como Notícia política com viés valorativo ou Notícia política sem viés valorativo. Já para as manchetes que forma consideradas mais consistentes e com potencial de influência maior junto à opinião pública foi feita uma análise política específica para cada uma delas.

Antes de apresentar os resultados da pesquisa e as análises pertinentes, se faz necessário ressaltar que as tabelas referentes a cobertura de O Globo da revolução de 30, da Revolução Constitucionalista em 1932, da implantação do Estado Novo varguista em 1937, da derrubada de Getúlio Vargas em 1945 e da eleição presidencial do mesmo ano apresentam pouca quantidade de manchetes e principalmente de editoriais com evidente viés político nas edições diárias de O Globo. Isso pode se dever a um momento histórico no qual podemos imaginar que apesar de não haver uma censura formal e oficial aos jornais até a instauração do Estado Novo, em 1937, não deve poder descartar a existência de constrangimentos mais ou menos explícitos e tangíveis à liberdade de expressão e de imprensa durante todo o período de governo de Vargas até a sua deposição em 1945. Por outro lado, é obrigatório levar também em consideração que foi só a partir dos anos de 50 que os editoriais, com toda a sua carga opinativa só foram sendo publicados com mais frequência nas edições de O Globo.

Corroborando essa hipótese, temos a análise que Sodré (2011) faz a respeito. Ele afirma que o hábito da imprensa escrita brasileira de abraçar ou de servir como veículo de expressão de intenções e posições políticas continuou presente durante os anos de presidência de Getúlio Vargas apesar de ter tido de lidar com a repressão e censura. Após o primeiro momento, quando da ascensão ao poder através da vitória da Aliança Liberal, a imprensa oposicionista sofreu uma ação repressiva tão violenta que levou algum tempo para se reerguer. Assim, foi dentro das

próprias hostes situacionistas que brotaram as primeiras manifestações de uma imprensa que divergia dos primeiros encaminhamentos políticos do governo Getúlio Vargas.

No site “Memória O Globo” existe uma referência à posição política de Roberto Marinho nos tempos pré-Revolução de 30, reportando que o próprio Marinho “lembra de lutas políticas de que o jornal participou, mais de meio século antes, com uma referência à Aliança Liberal, constituída em 1929 [...]”. É também no site oficial dedicado de refazer toda a memória de O Globo que retiramos a seguinte narrativa sobre a exposição de posição política nas páginas do jornal nos tempos que antecederam a Revolução de 30:

No agravamento do conflito político, nos últimos momentos da República Velha, a partir do final de 1929, o jornal expressa em várias de suas primeiras páginas oposição a Washington Luís e defende propostas da Aliança Liberal, mencionada por Roberto Marinho no texto de 1984. Na edição de 21 de setembro de 1930 (fac-símile na galeria de páginas), a poucos dias de eclodir a Revolução, em 3 de outubro, é concedido grande destaque a um manifesto da Aliança, com a citação de algumas lideranças do movimento: Ruy Barbosa, Luiz Carlos Prestes, Nilo Peçanha.

### **Revolução de 30**

A respeito da pesquisa das edições de O Globo nesse período, é possível se identificar uma adesão plena de Roberto Marinho à Revolução. Frases como “A epopeia da regeneração nacional” mostram que o jornal, na pessoa do seu diretor-editor-geral, comungava com a opinião de muitos políticos e brasileiros em geral que se mostravam cansados do regime da “República Velha”, e com a constatação de que em persistindo o monopólio político das velhas e poderosas oligarquias contra o interesse de progresso do país e de sua população como um todo, se tornaria uma missão impossível dar ao Brasil condições mínimas para caminhar para o progresso e para a satisfação das necessidades da maioria da sua população.

Ressaltamos também dentre as matérias retiradas das edições de O Globo nesse período uma ressalva importante, em meio ao conagraçamento e às boas-vindas ao novo Presidente, quando O Globo diz na edição de 3 de novembro diz: “O Sr. Getúlio Vargas assume hoje o governo do Brasil com poderes discricionários [...], mas não tendo como, espera a opinião pública, outros objetivos que não sejam a regeneração nacional!”. Pode-se identificar aqui um elemento

importante e presente em outras ocasiões que seria uma preocupação “em princípio”<sup>11</sup> legalista de Roberto Marinho. A destacar também a divulgação e comemoração da criação do Ministério do Trabalho, no dia 4, através da seguinte manchete: “A instituição do Ministério do Trabalho vem provar que o novo governo, ao contrário do extinto, não considera os problemas sociais e operários como meros casos de polícia!”, demonstrando uma sintonia de Marinho com uma campanha liderada por políticos liberais nos anos anteriores no sentido não só de o Estado passar a dar mais atenção à solução dos problemas sociais que assolavam grande parte do povo brasileiro<sup>12</sup> como, especificamente, no caso das relações entre patrões e empregados, se adotar regulamentação específica visando a proteção dos empregados.

Segundo Sodré (2011: p.552), a dissensão nas hostes do movimento que levou Getúlio Vargas à presidência da República avançou de forma expressiva e a situação política se agravou progressivamente, formando-se duas correntes que vislumbravam de forma diferente o futuro político imediato do Brasil. De um lado estavam aqueles que defendiam uma redemocratização imediata através da convocação de uma Constituinte, enquanto outro – composto na sua maior parte por “tenentistas” – defendia o prolongamento por tempo indefinido do Governo Provisório encabeçado por Vargas. Sodré (Ibid.) sustenta que a maioria da imprensa defendia a primeira solução e em São Paulo, especificamente, os jornais prepararam o clima que viabilizou a eclosão da Revolução Constitucionalista. Bial (2004: p104) acrescenta que na direção de O Globo, Roberto Marinho conduz o jornal no apoio enfático à Revolução Constitucionalista que o estado de São Paulo protagonizou.

### **Revolução constitucionalista de 1932**

Algumas observações importantes podem ser feitas a partir dos conteúdos retirados de O Globo por ocasião da Revolução Constitucionalista. A principal delas é que apesar de apoiar a causa da constituinte, O Globo se expressou terminantemente contra o banho de sangue que necessariamente ocorreria em consequência da luta fratricida encetada pela Revolução. Portanto, quanto Bial afirma, como referido acima, que Roberto Marinho apoiou essa Revolução, ele não está sendo preciso. O que nossa pesquisa muito claramente comprova no

---

<sup>11</sup> Veremos em pesquisas mais a frente reportadas que esse “legalismo a priori” de Roberto Marinho não resistiu algumas vezes a situações nas quais essa preocupação prejudicava, segundo ele próprio, a adoção de medidas obrigatoriamente fora da legalidade institucional.

<sup>12</sup> Como foi referido no primeiro capítulo, esse era exatamente o período em que o liberalismo, após o choque da falência do *laissez-faire*, passava a incorporar esse tipo de preocupação na sua atuação política e em suas diretrizes de governo.



editorial da edição do dia 13 de julho de 1932 de O Globo é que a opção dos paulistas por pegar em armas para alcançar seus objetivos políticos é simplesmente errada e que levaria à uma inaceitável tragédia na forma do sangue derramado de irmãos/concidadãos. Foi assim que em o jornal de Roberto Marinho se manifestou nessa ocasião:

“Longe de se dissipar, vem ao contrário, se agravando nessas últimas horas a impressão de pesadelo, em que se agita e aflige o espírito público desde que o Estado de São Paulo empunhou as armas contra o Governo Provisório, jogando nesse lance com as vidas de seus filhos, o sangue generoso dos brasileiros, que deverá nunca ser derramado e, luta de irmãos [...].

Outra observação digna de nota é que na edição do dia 9, Roberto Marinho expressa seu temor e preocupação com a quebra da coesão e do respeito à hierarquia dentro das Forças Armadas já que a Revolução Constitucionalista dava sinais claros de que investiria com relativo êxito na queda de tais paradigmas. O apelo a preservação do princípio inabalável do respeito à hierarquia vem expresso dessa forma: “Uma das maiores garantias da tranquilidade nacional está ainda na disciplina que deve ainda de reinar nos seios das classes armadas!”

Esse é um início ou indício de uma relação de muita proximidade entre o criador do Grupo Globo e os militares que será alimentada e demonstrada com uma frequência durante os episódios históricos aqui pesquisados e em outros dos quais não trataremos.

A ressaltar ainda o fato de Marinho ter se referido ao poderoso Getúlio Vargas como “ditador”, quando na edição do dia 18, seu jornal veicula “A displicência do ditador [...]”. Isso demonstra que o jornalista proprietário e editor-chefe de O Globo não temia o “ditador”, além do fato também demonstrar que embora houvesse sim constrangimentos à liberdade de imprensa, a censura total, que com certeza o impediria de fazê-lo, só se efetivou de fato a partir do Estado Novo.

### **Implantação do Estado Novo**

O próximo episódio político pesquisado foi o golpe perpetrado no dia 10 de novembro de 1937 pelo Presidente Getúlio Vargas para se instalar como ditador, abolindo a constituição em vigor e se atribuindo poderes legislativos além dos executivos, além de instaurar a censura total e adotar mais uma série de medidas totalitárias, instaurando assim o que se denominou de Estado Novo.

Sodré (2011: p.584) trata das consequências desse autogolpe para a imprensa brasileira ressaltando que a ditadura Vargas, no contexto do Estado Novo, significou grande golpe para a imprensa escrita brasileira. Com as possibilidades de ação da ditadura, foi efetivado um rígido controle da imprensa através da censura, a perseguição a jornalistas e proprietários de jornais que por ventura ousassem se expressar contra o governo, a proibição de criação de novos jornais e o fechamento de outros. E acrescenta que quando Getúlio achava que a repressão não era o melhor caminho para a satisfação de seus interesses políticos, apelava para o suborno, comprando a opinião dos jornais.

Os elementos de convicção e posição política de O Globo e, conseqüentemente, de Roberto Marinho, encontrados em nossa pesquisa desse período de edições do jornal estão elencados a seguir.

Nas edições de O Globo dos dias 3 e 4 encontramos as manchetes: “Brasil decidiu enfrentar a livre concorrência do mercado cafeeiro” e “Liberdade afinal para o café: inaugura-se uma nova política do nosso maior produto”. São manchetes que evidenciam uma clara satisfação e até saudação de Roberto Marinho à uma medida econômica governamental com nítido caráter liberal. Ainda no sentido de expressar através do seu jornal a sua convicção liberal, ao listar uma série de iniciativas de Getúlio Vargas dentro do contexto do Estado Novo, ele se refere na página 11 à “[...] herança do artificialismo econômico”, o que deixa bastante patente uma crítica às políticas econômicas não liberais adotadas pelo governo Vargas.

Outra observação digna de nota é uma aparente hesitação inicial de Roberto Marinho e seu O Globo diante do novo regime. Ao veicular as manchetes “Sadia demonstração de força” na edição do dia 12 e “Sob uma só bandeira todo o Brasil em festas! As grandes comemorações de hoje fortalecem o sentimento da unidade nacional” no dia 19, podemos identificar uma tendência de Roberto Marinho a aderir ou ao menos dar ao novo regime uma chance de mostrar que mereceria sua simpatia e até mesmo apoio.

### **Deposição de Getúlio Vargas em 1945**

Seguindo adiante cronologicamente em nosso propósito de reportar as posições políticas de Roberto Marinho nas páginas de O Globo diante de determinados eventos políticos históricos do Brasil, apresentamos e analisamos a seguir o material recolhido das edições de O Globo no

intervalo de tempo próximo à derrubada do poder pelos militares de Getúlio Vargas no dia 29 de outubro de 1945.

O período próximo do golpe que depôs Getúlio Vargas foi escolhido com o propósito de captar a posição de O Globo no momento histórico em que apesar da proximidade das eleições presidenciais democráticas que ocorreriam em dezembro de 1945, existia um clima de instabilidade, com o um conflito de interesses intenso entre até então Presidente Getúlio Vargas e seus apoiadores que defendiam a sua permanência na presidência – os “queremistas” - e os militares que em função da nova conjuntura pró-democracia do pós-guerra desejavam assegurar as eleições.

Nossa pesquisa não teve subsídios suficientes para definir a posição de Roberto Marinho em relação a situação política daquele momento apesar de toda a instabilidade acima citada, sendo de notar, inclusive, que o Globo, mesmo já livre de censura, não criticou o ditador durante todo o período em tela. Alguns sinais nesse sentido só são perceptíveis se amplificarmos e atribuirmos intenção crítica à inserções jornalísticas tais como “O Conselho da Ordem dos Advogados denúncia à nação a ilegalidade do decreto 8.063” na edição de 16 de outubro e “No importantíssimo discurso pronunciado ontem pelo brigadeiro Eduardo Gomes [...] – Análise profunda do descalabro legal que se inaugurou não no Brasil a 10 de novembro de 1937 – Resposta minuciosa a todas a recentes palavras do Sr. Getúlio Vargas”, esta veiculada no dia 20 de outubro.

Já com relação a outros posicionamentos políticos, fica mais uma patente a defesa que Roberto Marinho faz, nas páginas de O Globo, de relações privilegiadas com os Estados Unidos, como acontece com a seguinte notícia veiculada no dia 24 de outubro: “ ‘Brasil marchará ao lado dos Estados Unidos em quaisquer circunstâncias’. Declarações do general Mascarenhas de Moraes sobre a política de amizade da grande democracia do Norte com nações do hemisfério ocidental” e na edição do dia 31 desse mesmo mês na qual expressa que “Não haverá mudanças no relacionamento entre os Estados Unidos e o Brasil”.

Outra posição política identificada nesse período é de certa dubiedade de certa forma surpreendente de Roberto Marinho em relação ao papel desempenhado pelas Forças Armadas naquela ocasião histórica. Através de O Globo o jornalista se posicionou na edição do dia 20 de outubro –, antes, portanto, do golpe que depôs Vargas - contra o envolvimento dos militares

com a política. Essa manifestação se deu na forma de editorial intitulado “A pátria e o exército” e em cujo início está registrado: “Que as classes armadas se devam manter acima da política, é princípio que ninguém discute. [...] Quanto mais alheias se mantiverem se mantiverem da política, mas se fortalecerá o sentimento de soberania nacional”. Após a queda de Getúlio Vargas não se identifica nenhuma glorificação das Forças Armadas, veiculando O Globo apenas notícias sem conotação valorativa, apenas se restringe a repercutir os acontecimentos que se seguiram a esse evento histórico.

Já em relação à defesa da causa liberal, estão aqui identificadas duas inserções nesse sentido. A primeira delas, do dia 23 de outubro em manchete na qual O Globo privilegia a candidatura presidencial do brigadeiro Eduardo Gomes, representante da liberal UDN, o que fica patente dessa forma: “ ‘Vitória ao brigadeiro’ – Foi o ‘slogan’ profético do povo de Vitória”.

Pode-se também citar uma inserção do dia 9 de novembro que pode ser interpretada como condizente com a defesa dos princípios econômicos do liberalismo e que se apresenta da seguinte forma: “Foi revogada a lei antitruste”.

### **Eleição presidencial de 1945**

O momento histórico seguinte de nossa pesquisa é constituído pela eleição presidencial de 2 de dezembro de 1945, na qual se selava o destino político do país após aquela que pode chamada de “primeira fase da Era Vargas”, ou seja, sua presidência desde 1930 até a deposição pelas Forças Armadas no mês de novembro de 1945.

A pesquisa sobre a cobertura jornalística de O Globo da eleição presidencial de 1945 tem um resultado concreto e pacífico: o jornal fez campanha inequívoca pelo candidato da liberal UDN, Brigadeiro Eduardo Gomes, enaltecendo vigorosamente suas qualidades e virtudes, exaltando a grandiosidade dos seus comícios e citando muitas vezes só a ele na primeira página do jornal, como se não houvesse outros candidatos na disputa. Ressaltando essa intenção manifesta de eleger o liberal Eduardo Gomes, candidato da liberal UDN, observa-se como detalhe fundamental o fato de que nas edições de O Globo anteriores ao pleito de 1945 o único candidato a ser mencionado - fora raríssimas exceções – era o brigadeiro.

As matérias favorecendo o “Brigadeiro” podem ser citadas em quantidade e algumas delas estão listadas abaixo:

Dia 19/11 - “O grande comício da UDN em Florianópolis. Como falou ao povo catarinense o Brigadeiro Eduardo Gomes sobre os problemas locais”.

Dia 26/11 – EDITORIAL: “Sobrancelheiro às calúnias, acima dos próprios interesses” – “O discurso do brigadeiro Eduardo Gomes no grande centro industrial mineiro de Juiz de Fora, e proferido quando vai atingindo o seu fim a campanha regeneradora dos nossos costumes políticos eleitorais, nos renova o sentimento da continuidade das intenções puras do candidato nacional e da sua coerência diante dos espelhos do patriotismo se não de sua própria consciência republicana. Certos os rumos traçados pelo orador de Juiz de Fora, nitidamente se revelam ao exame da opinião pública através de todos os depoimentos de sua palavra, que já se contam por algumas dezenas. A rigor desse nome assim se impôs na preferência da maior parte do nosso eleitorado, bem que se pode dizer equipara-se aqueles que, surgindo nas maiores democracias, não necessitariam de plataforma nem de programas, bastando o povo recordar-se dos principais lances da sua vida de homem público e das linhas gerais do seu caráter”.

Dia 29/11

– O Globo abre manchete com amplo destaque para o seu candidato declarado: “O Brigadeiro Eduardo Gomes falará hoje, ao povo do Rio, no Largo da Carioca” –enquanto a notícia sobre o comício de Gaspar Dutra, do PSD, ligado a Vargas, é relegada ao canto de página em espaço diminuto.

– “Consagração do povo ao seu candidato! O grandioso comício de ontem foi uma apoteótica afirmação antecipação ao pronunciamento das urnas. Indescritíveis as vibrações populares. Gente de todas as condições sociais. Aplaudido até o delírio o Brigadeiro Eduardo Gomes. A multidão manifesta o repúdio à ditadura deposta e aos extremismos. Os Srs. José Américo e Octávio Mangabeira sob intensas ovações. O discurso de um operário empolga à assistência. Flagrantes fixados pela reportagem de O Globo na bela festa democrática”. – Notícia com claro tom panfletário a favor da candidatura de Eduardo Gomes, veiculada na edição do dia”.

Dia 30/11 – “Democracia ou integralismo! A encruzilhada que defronta o Brasil, ante o apoio dos antigos camisas verdes a um dos candidatos ao governo. Veementes declarações também, do General Miguel Costa, prócer esquerdista, condenando a orientação do Sr. Luis Carlos Prestes. ‘Se o fascismo vencer, a responsabilidade da divisão das forças democráticas recairá sobre o Partido Comunista’. Uma situação de legalidade somente devido ao idealismo de Eduardo Gomes. O candidato nacional, seu passado e seu presente”.

Esses exemplos de explícita propaganda eleitoral em nome da vitória do candidato de Roberto Marinho nas páginas de O Globo mostram como estratégias, não só a reincidência e multiplicidade de citações e referências sempre positivas e entusiásticas a respeito de Eduardo Gomes e sua campanha bem como o apresentam como candidato da regeneração dos costumes políticos e como único candidato capaz de salvar a pátria.

Após a eleição, num esforço aparentemente de insuflar otimismo entre seus correligionários e eleitores de Eduardo Gomes, O Globo - apesar de desde o início das apurações ter ficado clara a vantagem do general Eurico Gaspar Dutra - veiculou uma série de manchetes dando conta de que o Brigadeiro estava muito à frente na apuração dos votos na capital, Rio de Janeiro, não se podendo descartar a hipótese de ter sido essa uma estratégia para tentar demonstrar que o núcleo central e nevrálgico do poder do país estava com o candidato do jornal. A seguir reproduzimos algumas dessas manchetes: “Eduardo Gomes está vencendo no Rio!” (dia 4/12); “Eduardo Gomes continua vitorioso no Rio, também com grandes vantagens a frente dos demais partidos a UDN em relação a votação para deputados e senadores” (dia 5/12); “Mais da metade da votação do Rio vai para Eduardo Gomes, Mantem-se o candidato das forças democráticas com mais de dez mil votos sobre o general Eurico Dutra, nesta capital” (dia 6/12); “Aumenta a vantagem de Eduardo Gomes no Rio” (dia 7/12); “Maior a vantagem para o Brigadeiro no Distrito Federal” (dia 10/12).

A adesão e defesa enfática, forte e assumida de Roberto Marinho através de O Globo à candidatura liberal de Eduardo Gomes chega a medidas extremas, como na veiculação da manchete e comentários na edição do dia 8 de dezembro, decorrida uma semana da eleição que consagrou presidente o General Eurico Gaspar Dutra. Nessa manchete Roberto Marinho inclui palavras fortes contra a candidatura vencedora e lança acusações de malfeitos por parte de integrantes dessa campanha. Foi da seguinte forma que O Globo manifestou o inconformismo de seu proprietário diante da derrota do seu candidato: “Coligação reacionária contra o Brigadeiro. Agruparam-se em Pernambuco, para derrotar o candidato democrático, todas as forças fascistas e estadonovistas, diz a O Globo o Sr. Lima Cavalcanti. [...] Como o clero foi envolvido na campanha de descrédito contra a UDN. Fundos públicos teriam sido utilizados para fins de suborno. O caso das cooperativas Agropecuárias e a adesão dos Lundgren”.

Mais duas inserções com viés de posição política ativa podem ser destacadas aqui, além das manifestações a favor da candidatura de Eduardo Gomes. As duas se caracterizam por

reproduzir posições políticas que aparecem com muita constância em grande parte das ocasiões e eventos políticos históricos na nossa pesquisa: a ligação de reverência, grande respeito e identidade de valores e princípios que Roberto Marinho expressa e nutre pelos Estados Unidos, e a intensa, constante e perseverante enfrentamento que Roberto Marinho moveu durante toda a sua vida contra o comunismo.

Com relação à atitude de reverência e deferência para com os EUA, identificamos no período histórico em tela a seguinte inserção de O Globo no dia 12 de dezembro: “ ‘Dutra o presidente do Brasil’. Desejam os Estados Unidos ‘que o Brasil continue sua vida pacífica e ordeira, tal qual aconteceu durante as eleições’ – Comentário do “The New York Times” sobre o pleito eleitoral brasileiro. Dos quatro candidatos, o General Dutra parece o menos democraticamente ‘inclinado’, mas ‘terá trabalho mais fácil que os seus adversários’”.

Quanto ao combate incansável e contínuo e inclemente contra o “perigo comunista” há que se notar que com todo o evidente clima democrático sob o qual foram realizadas essas eleições, ainda assim O Globo, em função de seu forte sentimento anticomunista que Roberto Marinho nutriu durante toda a sua vida, - fato esse confirmado em nossas pesquisas dos períodos decisivos da política nacional da Revolução de 30 em diante - fez questão de veicular no dia 28 de novembro a seguinte manchete: “Proibidos os comícios comunistas em S. Paulo”. Já no dia 30 saiu em O Globo a seguinte notícia: “Veementes declarações também, do General Miguel Costa, prócer esquerdista, condenando a orientação do Sr. Luis Carlos Prestes – “Se o fascismo vencer, a responsabilidade da divisão das forças democráticas recairá sobre o Partido Comunista””.

### **Eleição presidencial de 1950**

Um clima de intensa instabilidade natural, algumas vezes amplificado por O Globo, marcou a eleição que trouxe Vargas de volta à presidência nos braços do povo nas eleições de 1950.

Esse período entorno da eleição de Getúlio Vargas apresenta alguns elementos para análise interessantes e até certo ponto inesperados. Ao contrário da campanha de 1945, que como acabamos de registrar, teve um O Globo muito atuante como ator político, arriscando seu capital de credibilidade jornalística e política na vitória do candidato liberal brigadeiro Eduardo Gomes, na eleição de 1950, Roberto Marinho opta por não externar preferência por nenhum

candidato e ainda por cima, se priva de realizar ataques diretos à candidatura de seu antigo desafeto Getúlio Vargas, o ex-ditador – como vimos em pesquisas anteriores, era dessa forma que O Globo se referia a ele episodicamente – e se dedica a alertar o povo brasileiro quanto ao perigo que representava então a atuação e presença no panorama político dos comunistas, tendo à frente seu líder histórico Luis Carlos Prestes, frisando muito o papel destes na configuração final das eleições.

Considerando-se que uma campanha anticomunista por parte de O Globo nos anos 50, dentro de um contexto histórico de primeiros e tensos anos da guerra fria seria muito natural se não se convertesse num elemento jornalístico tão presente durante os 14 dias que antecederam a eleição daquele ano e os 14 dias seguintes a ela. Ao lermos com acuidade as notícias veiculadas entre manchetes e editoriais no período em tela, verificamos alguns pequenos, porém relevantes, indícios de que a campanha massiva e virulenta contra a ameaça “vermelha” – que, como constatado na tabela de manchetes e editoriais referente a esse período histórico, domina amplamente as manchetes incluídas na tabela acima – pode ser ligada, mesmo que de forma indireta e dissimulada, à candidatura Vargas. É possível construir essa hipótese a partir de algumas inserções em manchetes e editoriais, nos quais se nota uma abordagem crítica a Getúlio Vargas, mesmo que, como dito acima, de forma muito dissimulada.

Abaixo reproduzimos as manchetes dando conta da “ameaça comunista” nas páginas de O Globo no período anterior ao pleito presidencial:

Dia 25/9:

- “O povo tentou linchar os comunistas”
- “Apelo à desordem - Manifesto do Sr. Prestes, incitando a aproveitarem o pleito para greves, demonstrações e atos de sabotagem – Os acontecimentos de Belém”
- “Candidatos para a desordem e a subversão - Os comunistas buscam, apenas, a proteção da lei para a sua ação sediciosa, sob o amparo de falsos democratas – Já são numerosos os atentados praticados somente nesta capital – Armas clandestinas – O maior interesse é a perturbação das eleições”.

Dia 26/9 – “O governo garantirá a normalidade do pleito é o que afirma o general Góes, aduzindo, porém, que os comunistas tudo farão para perturbar as eleições”.



Dia 29/9 – “Fechados todos os escritórios eleitorais dos comunistas em São Paulo - Num dos redutos vermelhos houve reação a bala e resistência durante duas horas – Apreendido um ‘tank russo’ e presos trezentos bolchevistas - Concitavam o povo à desordem - Numerosos comunistas presos em Jacarepaguá - Apreendido farto material de propaganda”.

Dia 2/10 – “Mantidos os registros dos comunistas nesta capital”

Ao clima de tensão e desassossego social e político que O Globo ajudou a repercutir e amplificar sem que possamos aludir a uma razão concreta e indiscutível para essa estratégia, além das referências à agitação comunista, muito contribuíram também as notícias dando conta de agitações e perturbações da ordem em geral, não necessariamente atribuídas aos comunistas. Seguem algumas dessas notícias

Dia 19/9:

– “O Ministro da Guerra e a situação política - Declara o general Canrobert Pereira da Costa que tudo vai bem e desfaz rumores sobre requisição de força federal para São Paulo”.

– “Fala o Ministro da Aeronáutica sobre as denúncias do general Góes - Por que soldados da FAB tomaram parte dos conflitos de Belém – A alegada presença de aviões em Maceió – Novas declarações do senador alagoano – Pedida a dissolução do diretório do PST de São Paulo”.

– “Será mantida a ordem custe o que custar”

27/9:

– “A desordem só interessa aos inimigos do País - Fala a “O Globo” o Sr. Cristiano Machado sobre as tentativas de perturbação do ambiente eleitoral – Mantenham-se os propósitos de elevação e respeito mútuo com que foram iniciadas as campanhas - É preciso honrar o próprio País

– “Deprimentes os episódios de desatinado partidarismo, que se registram em vários pontos do País, que ontem agitaram a própria capital da República – O centro da cidade foi teatro de lamentáveis cenas durante a recepção ao Sr. Cristiano Machado – Quatorze feridos medicados no HPS - Brutalmente espancado um fotógrafo”.

– “Previstos graves acontecimentos no Pará! - Os elementos do PSD estão sendo armados e municados para 3 de outubro – Prometem os opositoristas agir da mesma maneira – O próprio comandante da Região denuncia o fato ao Governo

29/9 – “Forças do Exército por via aérea para garantir o pleito nos estados”

30/9 – “Caçado até no Rio! - O deputado Oséaz Cardoso, que continua impedido de voltar a Alagoas, responde ao general Góes Monteiro – Complô permanente – Nenhuma segurança para a oposição – Fala a O Globo o parlamentar alagoano”

Dia 2/10:

- “Prontidão das Forças Armadas para a garantia do pleito”
- “Calma em São Paulo, na véspera do pleito”
- “Alagoas continua sem garantias”

Afora as questões referentes ao clima de inquietude social e política, há ainda uma série de inserções dignas de serem mencionadas nesse período, as quais elencamos a seguir em ordem cronológica:

Dia 29/11: “Encerramento das campanhas dos Srs. Cristiano Machado e Eduardo Gomes”. Aqui O Globo menciona apenas os principais oponentes de Getúlio, como se só os dois estivessem na disputa”.

Dia 30/11: Ilustração/cartum no topo da primeira página retrata candidatos e figuras de destaque da UDN sob o título: “Os times da UDN”. Uma demonstração do que pode ser interpretado como manifestação de preferência, mais uma vez, de O Globo pela candidatura liberal da UDN”.

Dia 3/12: “O pensamento de Vargas. Tende o candidato populista [...]”. Ao se referir a Getúlio Vargas dessa forma, O Globo está necessariamente depondo contra ele. Interpretando a razão do uso dessa categorização do político gaúcho por parte de O Globo, vale lembrar que GOMES (apud. CERVI: 2001, p.151) afirma que “O sentido de ‘populismo’ que passou para a história tem uma carga semântica altamente negativa. Os políticos populistas são estigmatizados como enganadores do povo, por suas promessas jamais cumpridas e como aqueles capazes de articular retórica fácil com falta de caráter”.

Dia 9/12: “Chega um avião da Argentina, mas não trouxe Perón”. Aqui O Globo liga a figura de Getúlio Vargas à de Perón, o que significava dizer, necessariamente, que o ex-ditador

brasileiro tinha identificação e ligação de proximidade com um ator político tido à época por O Globo como ditador, autoritário e populista”<sup>13</sup>.

Além dessas inserções, identificamos uma posição expressa no editorial do dia 6 de dezembro que, apesar de não nomear Getúlio, ao nosso ver não deixar qualquer margem de dúvida de que seria uma referência a ele e justamente numa abordagem de alta gravidade, por insinuar um conluio entre os perigosos comunistas e a candidatura de Vargas. Ao afirmar que a ordem dada pelo líder comunista Luis Carlos Lacerda Prestes no sentido de que os comunistas brasileiros deveriam votar em branco naquelas eleições por serem todos os candidatos “burgueses, imperialistas, reacionários, etc.” não se concretizou nas urnas, O Globo fez a seguinte inserção: “Como não acreditamos na falta de disciplina dos partidários do Sr. Luis Carlos Lacerda Prestes, somos levados a concluir que essa história de votos em branco não passou de uma atitude ‘técnica’, a camuflar compromissos previamente assumidos, sabe lá com quem...”. A dedução de que ao publicar “sabe lá com quem...” O Globo estava necessariamente se referindo a Getúlio - e, portanto, fazendo a ele uma acusação muito séria - se dá em função direta da aplicação do princípio da conclusão. Assim, já que não existiria lógica possível no fato de Roberto Marinho fazer tal acusação em relação a Cristiano Machado, nem muito menos a Eduardo Gomes, principais adversários do ex-presidente naquela eleição, a acusação cabe única e exclusivamente a Getúlio Vargas.

É digno de nota, na análise dos dados recolhidos nessa pesquisa, que além de não ter se pronunciado a favor de qualquer uma das principais candidaturas, O Globo teve o cuidado de se apresentar ao seu leitor e à opinião pública em geral na eleição de 1950 como defensor da legalidade, demonstrando respeito total à democracia e, portanto, ao resultado das urnas, alertando, inclusive, que não se poderia tolerar golpes ou outra qualquer medida que viesse a impedir o ganhador de assumir o mandato recebido dos eleitores. Como prova desse esforço e decisão política de Roberto Marinho podemos citar a seguinte inserção do dia 5 de outubro, no bojo do editorial intitulado “Agora a última etapa” e que pontua:

“Ora, as urnas de 3 de outubro estão a demonstrar que o eleitor votou livremente preferindo, na maioria dos casos, o candidato não bafejado pelo oficialismo. Só os acontecimentos futuros dirão se essa liberdade foi usada da melhor maneira possível, isto é, se o candidato escolhido

---

<sup>13</sup> Teremos a frente mais subsídios sobre a imagem projetada publicamente por O Globo sobre Peron nas pesquisas referentes ao suicídio de Vargas e na eleição de 1945.

correspondeu a confiança nele depositada. [...] Feita essa constatação, é necessário formular a certeza que as urnas, seja qual for o resultado, terão o seu veredito respeitado”.

A preocupação em se mostrar democrático teve o seu ponto alto no editorial do dia 7 de dezembro, no qual O Globo reconhece que a vitória de Vargas era de difícil assimilação por muitos brasileiros - talvez inclusive pelo próprio Roberto Marinho - mas que nada deveria impedir que a democracia se concretizasse em sua plenitude, na forma da posse do ex-ditador. A manifestação se deu dessa forma: “Compreendemos os receios com que parte ponderável da opinião pública recebe a eleição do Sr. Getúlio Vargas. Sabemos que para muitos patriotas, que amam estremecidamente a sua pátria, o antigo Presidente pode representar, pelos seus antecedentes, um motivo de temor para a normalidade democrática do regime. Mas tais receios não devem servir e pretexto para golpes ou quarteladas inadmissíveis”.

### **Suicídio de Getúlio Vargas**

Passando a análise do período que antecedeu e sucedeu o suicídio do Presidente Getúlio Vargas, verificamos que ele pode ser dividido em três temáticas preponderantes: a cobertura do atentado ao deputado e jornalista Carlos Lacerda que culminou com a morte do major Rubens Vaz como consequente a cobertura jornalística da identificação dos assassinos, sua prisão e a identificação dos mandantes do crime; as repercussões do suicídio de Vargas e produção em profusão de notícias a respeito de ações dos sempre lembrados “agitadores comunistas”.

O combate de O Globo a Getúlio Vargas e seus correligionários, que já foi identificado com intensidade aqui, na ocasião da deposição do ex-Presidente e nas eleições para sucedê-lo em 1945, está presente praticamente em todos os dias pesquisados neste período. A razão para isso foi o drama nacional configurado pelo atentado da Rua Toneleros, como ficou conhecida a tentativa de assassinato de Carlos Lacerda, que mudou repentinamente a história do país e cuja consequência maior foi o suicídio do Presidente da República, o Sr. Getúlio Vargas. Como ficou óbvio que um atentado contra o maior inimigo de Vargas só poderia ter sido executado por alguém de alguma forma ligado ao Presidente e com o testemunho do próprio Lacerda identificando entre os participantes do atentado membros da guarda pessoal do Chefe de Governo, tudo o que sucedeu ao atentado respingou e atingiu em cheio Getúlio Vargas. Podemos conjecturar a hipótese de que com as matérias quase diárias a respeito, O Globo pôde

fazer um ataque frontal contra o “varguismo” sob a aparência de uma cobertura meramente jornalística de um fato importantíssimo para o país.

Essa hipótese faz com que nossa análise e categorização de cada uma das matérias veiculadas por O Globo sobre os desdobramentos policiais do atentado da Rua Toneleros possam ser definidos tanto como neutros, sem caráter valorativo ou como parte da campanha permanente contra as forças varguistas. Nesse caso o esforço de reportagem atende aos dois objetivos com a mesma eficácia.

Para comprovar a extensão e intensidade dessa campanha, é bastante anotar que ela sequer deixou de existir nos momentos apaixonantes e trágicos que se seguiram ao suicídio de Getúlio Vargas. Para tanto, já na edição do dia 25 de outubro de 1954, um dia após o suicídio, O Globo veiculou: “Sr. Benjamim Vargas foi intimado a depor no Galeão”, e três dias após, trouxe a seguinte as seguintes manchetes: “Roberto Alves, um dos mandantes. Foi o único, aliás, a chorar com a notícia do suicídio do sr. Getúlio Vargas – o inquerito policial – Climério acusa Gregório – A defesa de Soares – Acareados o chefe da extinta guarda, Valente e Tomaz – Como se recebia e esbanjava dinheiro ‘secreto’”

A seguir, elencamos uma pequena amostra da série de notícias a esse respeito:

Dia 10/9 - “Identificado o pistoleiro que matou o major Rubem Vaz! - Alertado por elementos da guarda presidencial, fugiu do seu esconderijo - Quatro integrantes da guarda dissolvida apontados por Carlos Lacerda”

– “Manter a ordem, a disciplina e a autoridade - Fala a O Globo sobre a reunião e as decisões do Alto Comando – Veemente o desmentido de que pretendia prender brigadeiros e oficiais de outras patentes da Aeronáutica – Também o exército interessado na inflexível apuração das responsabilidades do atentado”

Dia 14/9 – “Sejam quais forem os culpados devem ser entregues à justiça

Enérgica proclamação do Ministro da Guerra – “não medirei esforços para que sejam garantidas as liberdades constitucionais” – Conferência reservada com o general Zenóbio da Costa com o Brigadeiro”

Dia 14/9 – “Toda a vigilância sob os preceitos constitucionais - O que ficou decidido pelos oficiais da Armada, na Assembleia do clube naval ontem realizada”.

Dia 17/9:

– “Preso Climério - Já está recolhido à base aérea no Galeão - Forças de terra e ar na mais sensacional diligência de todos os tempos”

– “José Soares quer entregar-se - Outra nota sensacional é que José Nunes Soares, outro pistoleiro da guarda presidencial e aquele que empreitou diretamente o sicário João Aldino do Nascimento para a tocaia sinistra e covarde na Rua Toneleros, quer entregar-se às autoridades. Seu advogado já iniciou sondagens nesse sentido, ao que soubemos”.

Dia 18/9 – “Documentos arrancados de Gregório revelariam o verdadeiro mandante! - Falando à reportagem de O Globo, admite o coronel Adil de Oliveira que é forte a suspeição contra certa figura de relevo da política nacional, cujo nome deve permanecer em segredo”.

Dia 19/9 – “Climério pronto para a confissão sensacional! - Agora é o cerco psicológico ao pistoleiro que se incumbira da execução do atentado – Teriam sido apreendidas cédulas falsas no gabinete de Gregório Fortunato – Série e estampa que provam ser o dinheiro da mesma origem – Apelo da mãe de Soares para que ele se apresente à polícia – Documentos altamente comprometedores – a ação da polícia técnica e os primeiros depoimentos”.

Dia 31/9 – “Outras vidas seriam exterminadas! - Sinistro complô que visaria a uma série de atentados contra opositores do Governo Vargas – A missão do perigoso pistoleiro que veio de Pernambuco – Uma carta reveladora ao general Ancora”.

Dia 4/10 – “Revelações sensacionais sobre o atentado - Nada, porém, envolvendo Ministros de Estado, generais e figuras do clero nos arquivos de Gregório”

Dia 7/10 – “Gregório depõe novamente - Reduzidas a termos todas as sensacionais declarações que formam a sua confissão - Confirma-se o “furo” do O Globo – Ainda não houve a acareação com o Sr. Benjamim Vargas – Mais documentação comprometedora contra o chefe da extinta guarda pessoal – A esposa do “tenente” comparece à Polícia Técnica e se excede – o pedido da prisão preventiva”.

Reforçando e adensando a gravidade dessas matérias, O Globo usa um instrumento que já foi identificado em períodos passados aqui pesquisados: as Forças Armadas brasileiras como instância que paira acima das instituições democráticas e como responsável por manter a ordem e a paz política, deve entrar sempre em ação quando as instâncias políticas civis não conseguem manter essa “ordem”. Nossas pesquisas mostram que em todas as ocasiões históricas escolhidas para mostrar a posição política de O Globo nos momentos de maior gravidade e tensão do Brasil desde 1930, esse elemento esteve presente com grande peso e influência. Uma prova cabal dessa relação histórica é que em todas as eleições que se seguiram à queda de Getúlio Vargas

em 1945 até a eleição de Jânio Quadros em 1960, sempre houve um ou mais fortes candidatos militares à presidência da República, como é o caso das duas candidaturas do brigadeiro Eduardo Gomes (45 e 50), do general Juarez Távora (55) e do Marechal Teixeira Lott (1960). Isso sem contarmos os militares que fundaram e governaram o país no início da República Velha e os Presidentes-Generais da última ditadura militar.

Diante das circunstâncias que cercaram o atentado da Rua Toneleros e levaram ao suicídio de Vargas, mais uma vez as vozes militares foram escutadas em alto volume e suas ações e manifestações foram reverberadas com muita intensidade e frequência pelo O Globo. Assim, a pesquisa das edições de O Globo no período em tela mostra como dado notável a frequência muito grande, quase diária, de referências e reportagens sobre as ações dos militares até o dia do suicídio de Getúlio Vargas. O que torna os resultados da pesquisa ainda mais importante é que desde a edição desse dia em diante, o jornal passa a tratar desse tema em raríssimas ocasiões. Infere-se da nossa pesquisa não só que Roberto Marinho realmente dedicava às Forças Armadas o papel de salvaguarda da ordem política, social e econômica que lhe interessava viger no país, como também usou seu jornal para realçar e amplificar as movimentações militares que estavam prenhes de insatisfação com o estado de coisas da nação sob o Governo Vargas. O fato de que morto Vargas, não se encontram mais nas primeiras páginas das edições de O Globo menções importantes aos militares, caindo drasticamente em relação à frequência e quantidade em relação ao período anterior ao suicídio de Vargas, chegando a desaparecer do noticiário do jornal a partir de 30 de agosto – quando O Globo veicula: “Sessou a prontidão nas Forças Armadas” – parece comprovar que para O Globo a “questão militar” cessou a partir do momento em que, com o desaparecimento de Getúlio Vargas, o grande motivo para a interferência das Forças Armadas na política brasileira de então deixou de existir.

O panorama acima descrito pode ser atestado pelo seguinte quadro de matérias o qual se apresenta separado em dois segmentos temporais, o primeiro deles contemplando o período dos 14 dias anteriores ao suicídio de Vargas e o segundo, as edições posteriores a esse fato histórico.

Parte I – Antes do suicídio:

Dia 10/8 – “Manter a ordem, a disciplina e a autoridade - Fala a O Globo o Ministro da Guerra sobre a reunião e as decisões do Alto Comando – Veemente o desmentido de que pretendia

prender brigadeiros e oficiais de outras patentes da Aeronáutica – Também o exército interessado na inflexível apuração das responsabilidades do atentado”

– “O chefe do Gabinete Militar da Presidência em vigília permanente no Catete”

Dia 11/8 – “Não pensam em subversão da ordem! Porque a segunda nota do Alto Comando do Exército, esclarecendo não se ter cogitado de prestar solidariedade ou não ao governo – Novos esclarecimentos do Ministro da Guerra em declarações a O Globo”

– “Repercussão favorável, no Catete, às palavras do Brigadeiro Eduardo Gomes

Satisfeito o próprio Presidente Vargas com o sereno pronunciamento do líder da Aeronáutica”

– “Esse episódio lamentável não causará a perturbação da ordem

A advertência do almirantado – A palavra esclarecedora do Ministro da Marinha”

– “O Sr. General Zenóbio da Costa já lhes embargou os passos quando garantiu com a sua assinatura, que a reunião do Alto Comando do Exército tivesse tido por objeto manifestar ou negar solidariedade ao Presidente da República [...]”.

Dia 12/8 – “Mantenham-se os homens de farda unidos e fiéis à Pátria, acima de políticos e partidos, que a crise será superada sem prejuízo – antes com vantagem – para a punição dos criminosos por mais poderosos que sejam”

Dia 13/8 - “A nação não irá à anarquia – Incisivas declarações do Ministro da Guerra – A guarda será toda metida na cadeia caso se comprove a sua responsabilidade – Apelo aos jornalistas e aos políticos – O espírito da nota do generalato”.

- “Importante reunião de generais, brigadeiros e almirantes”

Dia 14 – “Sejam quais forem os culpados devem ser entregues à justiça - Enérgica proclamação do Ministro da Guerra – “não medirei esforços para que sejam garantidas as liberdades constitucionais” – Conferência reservada com o general Zenóbio da Costa com o Brigadeiro”

Dia 14/8 – “O compromisso de honra dos chefes militares”

Dia 16/8:

– “Fala a O Globo sobre a moção votada na assembleia do clube militar o Ministro da Guerra - Não foi chamado ao Catete – “Quanto a mim, frisa o general Zenóbio da Costa, todos sabem que o meu ponto de vista é da dignidade, da liberdade e da apuração inflexível do atentado”

– “Em qualquer eventualidade o Exército manter-se-á dentro dos preceitos constitucionais

Dia 17/8 – “Em assembleia extraordinária reuniu-se sábado o Clube Militar como foi amplamente divulgado, para analisar a situação decorrente do atentado que vitimou o major-aviador Rubens Florentino Vaz e estudar a conduta a ser mantida pelo Exército em face dos acontecimentos”.



Dia 19/8 – “O novo titular da Aeronáutica define a O Globo o seu lema: Acima de tudo, os interesses da Força Aérea Brasileira e, portanto, da nação” - “O novo Ministro confia na união da Aeronáutica”.

Dia 21/8 – “Reúne-se o Alto Comando do Exército com altas patentes das Forças Armadas”  
– “Os dramáticos acontecimentos da noite de ontem e da madrugada de hoje nesta capital – Como se desenvolveu a histórica reunião dos brigadeiros no Clube da Aeronáutica

Dia 23/8 (Véspera do suicídio) – “Dez horas de debates sob uma expectativa de intenso nervosismo – A atuação do brigadeiro Eduardo Gomes e a reunião decisiva na residência do marechal Mascarenhas de Moraes – A atitude do Ministro da Guerra – Conferenciou com o titular da Aeronáutica e partiu, em seguida, para a Vila Militar – O ambiente no Palácio do Catete – Rigorosa prontidão das Forças Armadas – Censura às estações de rádio – Preso Raul Brunini – Carlos Lacerda na base aérea do Galeão”

– “O Marechal Mascarenhas de Moraes em conferência com o Ministro da Guerra às 2 horas de hoje”

– “Reina a mais completa ordem em todo o território nacional”

– “Uma nota oficial do Ministério da Guerra sobre os acontecimentos”

– “A situação não justifica qualquer alarme e o Governo conta com o apoio das Forças Armadas para repelir qualquer agitação (Da nota especial do Ministério da Justiça) ”

– “O Marechal Mascarenhas de Moraes recusa-se a comentar os acontecimentos”

Parte II – Após o suicídio de Vargas:

Dia 26/8 – “O Ministro da Marinha não aguardará o seu substituto” – “Em benefício da ordem e da tranquilidade”

Dia 27/8:

– “Recebi a notícia de minha nomeação sob o impacto de uma surpresa’ – Diz a O Globo o General Teixeira Lott, novo Ministro da Guerra”

– “Contestada a prisão do general Zenóbio da Costa”

Dia 28/8 – “Palavras do Ministro da Guerra sobre a situação do País – o Gabinete do General Teixeira Lott”.

Dia 30/8 – “Desmobilização – Sessou a prontidão nas Forças Armadas

Outra questão que parece pertinente analisar no período em tela é a que diz respeito à relação de O Globo para com o ex-Presidente Getúlio Vargas. Esta se mostra bastante complexa já que

o proprietário do jornal decidiu por uma abordagem um tanto ambivalente, podendo ser definida como sutil. Faz parte dessa estratégia não fustigar Getúlio frontal e violentamente como em outras situações, até mesmo antes do seu suicídio, sendo que essa estratégia se tornou ainda mais elaborada a partir do momento que com o seu suicídio, Getúlio Vargas simplesmente sai da cena política e O Globo tem que improvisar rapidamente uma abordagem ainda mais sofisticada para poder lidar, em suas páginas, com a imagem daquele que foi seu grande adversário e até inimigo histórico, mas que era sumamente popular – o que Roberto Marinho não podia ignorar e desprezar - e adquirira o status de mártir com seu desaparecimento.

Diante dessa estratégia é interessante tratar isoladamente os dois momentos indicados. Antes do suicídio/sacrifício do Presidente Getúlio Vargas, O Globo atacava o ex-Presidente até com certa severidade, porém esporadicamente. Paralelamente, o jornal se dedicava com maior frequência a ataca-lo indiretamente, ao isenta-lo de responsabilidade direta, tanto no atentado da Rua Toneleros, quanto da culpa pelo ambiente de agitação social, da degradação da economia e do tenso ambiente político dessa época. O alvo principal dos ataques de O Globo são seus correligionários, colaboradores, apoiadores, enfim o grande grupo de pessoas que O Globo acusa de ter acumulado muito poder, de ter se locupletado e produzido o cenário desolador que o Brasil atravessava naquele momento através da proximidade com o Presidente da República. É necessário notar que dentro da estratégia de não pesar a mão nos ataques frontais a Getúlio, O Globo, na edição de 18 de agosto, fez uma ilação com potencial destrutivo de grande proporção quando veiculou: “[...] admite o coronel Adil de Oliveira que é forte a suspeição contra certa figura de relevo da política nacional [...]”. É obvio que não existe a possibilidade de se afirmar que O Globo estava induzindo o leitor a suspeitar de Getúlio Vargas, mas, ao mesmo tempo, mas não seria descabido cogitar que a reprodução da suspeita do coronel Adil em O Globo pode ser percebida como uma suspeita deixada propositadamente no ar.

Seguem abaixo as inserções mais representativas da estratégia de ataque de O Globo pré-suicídio de Vargas:

10/8 – Editorial: “Contra o crime, mas sempre pela constituição e a democracia” – “Não se pode negar que o Sr. Getúlio Vargas subiu de novo as escadas do Catete numa atmosfera de festivas esperanças. Mesmo os seus mais encarniçados adversários não ousavam vaticinar-lhe o quadro que aí está. Para muitos deles, o líder trabalhista vinha resgatar, afeito pelo povo, os

erros do passado e governar, não para os amigos e os correligionários, mas para a nação, com os olhos no julgamento da posteridade”.

[...]

Mas o Presidente constitucional desde logo se colocou numa posição sectária, criando e animando a luta de classes, esforçando-se para implantar o domínio do seu partido [...] e incorrendo na escolha de homens suspeitos para o exercício de certos postos-chave da administração e da política, tentando infiltrar-se nos partidos de oposição [...]. Em breve a corrupção espalhou-se no governo [...].

12/8 – “A nação está longe de convalescer do choque emocional que a tragédia da Rua Toneleros provocou em todas as classes sociais”.

[...]

Mas a verdade é que a autoria material já se pode levar à debito da tristemente famosa guarda pessoal do Sr. Getúlio Vargas, estando em plena luz o capanga Climério Eurides de Oliveira que é, comprovadamente, ‘cria’ da fazenda presidencial no Rio Grande.

Não é necessário atribuir ao Sr. Getúlio Vargas nem mesmo ao seu filho Luthero Vargas a ordem de fuzilar traiçoeiramente o jornalista da oposição, para que se configure em plena luz, a responsabilidade do governo na obra dos assassinos do major Rubens Vaz, quanto mais não seja pela manutenção dos sicários arregimentados numa guarda presidencial”.

13/8 – Editorial: “Catilina em Belo Horizonte” – “Quando a nação exprime a sua indignação crescente ao saber que os autores do crime na Rua Toneleros se encontravam na guarda pessoal do Presidente da República [...] o Sr. Getúlio Vargas aproveita a inauguração da Usina da Mannesmann para dirigir-se ao povo brasileiro vestindo a pele do cordeiro de Deus! A técnica de defender-se atacando remonta à estratégia dos velhos capitães da antiguidade, mas neste momento, as palavras ofensivas de S. Ex. soam falsas a todos os ouvidos [...]. Do que se queixa afinal o Sr. Getúlio Vargas? De que seus adversários “falseando os fatos e fantasiando as intenções têm o propósito de gerar a confusão pela mentira, para levarem o País a desordem, ao caos e a anarquia.

[...]

Se, porém, a intenção de S. Ex. foi ameaçar, como o resultado de vários trechos, mais lamentável é ainda a atitude de S. Ex. Até hoje ninguém deixou de considerar S. Ex. ausente da preparação e insciente do crime, na sua materialidade, embora todos reconheçam a sua responsabilidade moral pelo ocorrido [...]”.

14/8 – “Veemente libelo do senador Bernardes Filho

Ao comentar, na Monroe, o discurso presidencial em Minas Gerais – Má fé do Presidente enumerando seus benefícios a Minas – Transcrito nos anais o editorial de o Globo – “O chefe do governo é o único pela desordem e pela corrupção no Brasil” diz o senador Hamilton Nogueira”

18/8 – “Documentos arrancados de Gregório revelariam o verdadeiro mandante!

Falando à reportagem de O Globo, admite o coronel Adil de Oliveira que é forte a suspeição contra certa figura de relevo da política nacional, cujo nome deve permanecer em segredo”

Após o suicídio de Getúlio em 24 de agosto se identifica com clareza, com a ajuda dos resultados de nossa pesquisa, que existe uma mudança de estratégia do jornal com relação às referências ao ex-Presidente. Em função da comoção nacional em consequência da morte trágica de um Presidente tão popular, o jornal se volta para a defesa do “legado” de Vargas, o enaltecimento de seus feitos e do amor a ele dedicado por grande parte da população, especialmente os trabalhadores. Como com a morte de Vargas o varguismo não morreria necessariamente, O Globo passa automaticamente a atacar de forma muito incisiva os caudatários e herdeiros do varguismo e os círculos políticos e civis que giravam em torno de Getúlio.

Reproduzimos a seguir as inserções referentes a Getúlio nas edições diárias pós-suicídio, quando será possível identificar em matérias e editoriais os sinais explícitos dessa mudança de estratégia.

27/8 – Editorial: “Filosofia da crise” – “[...] O pesar pelo desaparecimento de Getúlio Vargas não houve se não uma unanimidade comovedora e compacta. Amigos, adversários e indiferentes – todos se solidarizaram no prantear, cada qual nos seus altares, a figura do insígnio líder desaparecido pelo decreto de uma trágica autodecisão. Muito cedo ainda para estudar-se, mesmo que parcialmente o homem e a obra, que encheram de luta, aplausos e contestações estes agitados últimos 25 anos. Ninguém, entretanto, lhe regateou, nem lhe poderia regatear, a enorme soma de serviços prestados à coletividade. Se é cedo para o arrolamento deles, muito mais para uma conscienciosa avaliação de seus erros”.

2/9 – Editorial: “A fala do Sr. Café Filho e os trabalhadores” – “No concernente aos primeiros, os trabalhadores – nada mais justo do que conservarem eles, na memória agradecida, o nome de Getúlio Vargas, o homem que lhes deu o “status” de garantias, vigente hoje no Brasil. É

incontestável, que a muitos dos seus decretos e atitudes faltava, para a sua segura execução, uma base econômica.

[...] se o lugar de Vargas já está garantido na história e deve permanecer no coração fiel dos “trabalhadores do Brasil“, como ele os carinhosamente os evocava, o que interessa à comunhão laborista é saber se o seu sucessor vai prosseguir as linhas da mesma política ou se, desastrosamente, vai se deixar levar a uma guinada à direita, não só suprimindo as conquistas já consumadas, como paralisando o movimento de progressivo atendimento dos interesses, direitos e justos reclamos dos obreiros de qualquer categoria.

Para encerrar a análise do tratamento que O Globo deu a Getúlio Vargas no período em tela acreditamos ser impossível deixar de expor uma inserção de O Globo no dia 4 de setembro: “Idade e receio, assim teria explicado seu gesto trágico o Presidente Getúlio Vargas, manifestando-se numa sessão espírita”. Parece acima de qualquer dúvida que Roberto Marinho, pelas páginas de seu jornal, nessa edição, sai fora do padrão normal de ética jornalística ao veicular tal notícia.

Com o fim do problema que representava Getúlio Vargas vivo, Roberto Marinho se volta, pelas páginas de O Globo, para o combate aos líderes varguistas em geral, e mais especificamente para aqueles que poderiam eventualmente se colocar como continuadores das lutas e políticas do ex-Presidente auto imolado. Como presidente do PTB, partido de Getúlio Vargas, e sendo político muito ligado ao ex-Presidente, João Goulart foi visto por Roberto Marinho como sucessor natural do varguismo e como tal, passou a receber em O Globo atenção especial e a constar com maior frequência das matérias desse jornal. Apesar de ter sido mencionado com viés aparentemente positivo no editorial do dia 4 de setembro intitulado “O anel de Alexandre”, no qual O Globo afirma que “Com a volta da calma às ruas e aos espíritos desprevenidos, um destacado grupo de homens públicos – segundo dizem os jornais – encarregou-se declarar aberta a sucessão política do Presidente Getúlio Vargas [...] sem atenção a ordem natural hereditária. Esta aponta em linha reta o nome do Sr. João Goulart, como destinado a recolher o posto partidário do finado estadista”, esse parece ser simplesmente um sinal de que além de constatar que João Goulart passaria obrigatoriamente a liderar o varguismo, Roberto Marinho estava escolhendo o seu alvo de enfrentamento predileto desse momento em diante. Essa hipótese estará completamente comprovada quando, mais a frente, nos dedicarmos a analisar o período que compreende os dias próximos à eleição de 1955, vencida por Juscelino Kubitschek.

O tratamento de adversário destinado a Goulart por Roberto Marinho já pode ser constatada nas edições no período próximo ao suicídio de Getúlio Vargas e fica explicitado nas seguintes referências de O Globo nesse período:

Dia 18/8 – “Entrou, olhou e saiu... – O Sr. João Goulart visitou a sala dos chapéus da Câmara para não perder o mandato de deputado”

Dia 1/9 - “Considerada inevitável a greve geral articulada em São Paulo pelos comunistas e pelos ‘Janguistas’”

Dia 3/9 – Editorial: “Jango, o Líder...” – “[...] é que Jango se transformou no deputado mais caro da terra. Durante todo o tempo em que esteve na Câmara Federal, só compareceu à duas sessões, não obstante ter sempre recebido assiduamente os seus subsídios, que somados, representam um pagamento fabuloso para apenas duas entradas naquela casa do Congresso no decorrer dos trabalhos legislativos.

Desprezando o seu dever de representante do povo, deixava de comparecer às sessões da Câmara para entregar-se a uma obra de desagregação social, nos sindicatos, fazendo a mais baixa e nefasta demagogia. Não importava, porém, que, enquanto iludia impiedosamente os trabalhadores, envenenando-os o espírito, fizesse no Banco do Brasil, como de fato fez, um empréstimo de 20 milhões de cruzeiros, sem garantias.

Embora não o citando diretamente, sendo comprovado a escolha por parte de O Globo de João Goulart como principal alvo de combate político, podemos inferir a possibilidade de que no editorial do dia 26 de agosto – portanto, passados apenas dois dias do suicídio de Getúlio – tal como reproduzido a seguir, intitulado “Torpe manipulação visando a impunidade”, que O Globo já endereça a ele palavras duras e que podem se configurar como uma espécie de alerta: “Estão enganados os que imaginam ardilosamente aproveitar-se de um dramático episódio, que veio acabrunhar os brasileiros de todos os partidos, para absolver-se das tremendas culpas de que terão que prestar contas à nação. Os falsos amigos do Presidente extinto, os que provocaram a crise, com seus desmandos, oferecendo um espetáculo de degradação a bem dizer único na história dos povos modernos, os que com suas maquinações criminosas envergonharam a nacionalidade diante do mundo civilizado – terão de ajustar as contas com a justiça ou com o tribunal da opinião pública. De nada lhe valerá o embuste, a mistificação, a felonias!”

Morto o inimigo Getúlio, O Globo se vê também obrigado a tomar uma decisão rápida em relação ao sucessor deste, Café Filho. As referências a ele nas edições de O Globo, tal como expostas abaixo, já desde antes do desfecho trágico da crise de agosto de 1954, são altamente

positivas e mostram uma atitude de apoio amplo e proativo ao novo Presidente da República. A histórica política de Café Filho até o evento do suicídio de Getúlio não assinala qualquer razão evidente para o apoio que recebeu de O Globo, mas já no dia 23 de agosto, portanto um dia antes da morte de Getúlio Vargas, o jornal já dava indicação de que Marinho não só não o rejeitava politicamente como se interessava em emprestar a ele uma imagem positiva perante a opinião pública. Nessa edição, O Globo noticiou: “O Sr. Café Filho propõe dupla renúncia em benefício da salvação nacional - Tanto o Vice-Presidente como o Sr. Getúlio Vargas deixariam o Poder, passando o Poder para o presidente da Câmara dos Deputados – Neste caso, o Congresso dentro de 30 dias elegeria o novo Presidente, que completaria o mandato do renunciante nos termos da Constituição”. Na mesma primeira página em que consta essa informação simpática em relação a Café Filho, até então apenas sucessor constitucional de Getúlio Vargas, O Globo trouxe uma manchete que opunha o “desprendimento do Vice-Presidente” ao que seria o apego ao cargo de Getúlio: “Recusada a proposta pelo chefe de Governo - O Presidente da República recusa-se a renunciar”.

A seguir, elencamos duas referências de O Globo a Café Filho que destacam as qualidades do novo Presidente e ajudam na construção de uma imagem positiva deste perante a nação:

Dia 25/8 – “Mantendo sua iniciativa como Vice-Presidente, o Presidente Café Filho receberá o povo, no Palácio do Catete, em dia a ser determinado”

Dia 27/8 – “Madrugador o Sr. Café Filho”

Dia 27/8 - Editorial: “Filosofia da crise” – “Vai o Presidente Café Filho, um homem do povo, enfrentando com firmeza a grave missão de reestabelecer as boas normas da administração pública, o princípio da autoridade, comprometido pelas demandas de agentes da Presidência da República, princípios da moralidade pública, tão fundamentalmente golpeada pela corrupção mais desbragada, de que a memória nesse País”.

Dia 2/9 - Editorial: “A fala do sr. café filho e os trabalhadores”

Fez muito bem o Sr. Café Filho em dirigir-se diretamente à nação na última terça-feira. A radiodifusão tem, para os homens de governo a vantagem e a virtude de pô-los em comunicação direta com o povo [...].

[...]

Continue o Sr. Café Filho a falar ao povo, o povo entende a sua linguagem”

Dia 4/9 – Editorial: “ O anel de Alexandre”

“[...]”

Pela qualidade moral e intelectual dos Ministros, será o novo Governo considerado dos que melhores expectativas têm entre nós podido comportar. Em vão lhe imputam tendências plutocráticas: a verdade é que o professor Gudín é apenas um ilustre universitário há muito aposentado como homem de negócios, e talvez um dos poucos conhecedores da nossa vida econômica que não têm ligação ativa com empresas, grupos financeiros ou interesses criados”.

Entre louvores e apoio, Roberto Marinho também soube ser exigente com Café Filho e em editorial na edição do dia 31 de agosto, lhe impõe o que pode ser considerado como um preço por seu apoio. O teor da mensagem de O Globo destinada a Café Filho pode ser visto como uma exigência para que o novo presidente cuidasse de acabar com veículos concorrentes poderosos e apoiadores de Getúlio Vargas e do varguismo, como era o caso do jornal “Última Hora”<sup>14</sup>:

“[...]” A começar pela imprensa e pelo rádio, que precisam ser depurados dos órgãos sem decoro, carecendo de vida própria, vivendo às custas dos dinheiros públicos, voltados unicamente para os negócios escusos e para os apoios interesseiros viciados aos círculos oficiais, amantes da corrupção e dos corrompidos.

[...]

É tempo de, diremos nós, de acabar com a nefanda indústria dos jornais e rádios oficiais que arrastam o Estado um tipo de atividade que não lhe cabe e constitui, por outro lado, uma forma inaceitável de cerceamento da iniciativa privada.

[...]

Olhos postos no Presidente Café Filho, o povo brasileiro espera que saiba estar à altura das circunstâncias, cumprindo, como se impõe, o seu dever”.

O apoio demonstrado por Roberto Marinho a Café Filho ganhou um novo alento na forma dos primeiros passos do novo presidente na direção da adoção de medidas e práticas econômicas de perfil liberal, o que ficou patente e se concretizou pelas mãos de Eugênio Gudín, conhecido e reconhecido economista liberal nomeado por Café Filho como Ministro da Fazenda. Uma pequena amostra deste fator de identidade com o novo governo pode ser identificada na seguinte

---

<sup>14</sup> O jornal Última Hora foi fundado em 1951 por Samuel Wainer, jornalista amigo de Getúlio Vargas, com a intenção de contrabalançar as forças midiáticas antivarguistas, como era o caso de O Globo e o Tribuna da Imprensa, de Carlos Lacerda.



manchete veiculada no dia 27 de agosto: “Regime de austeridade no campo econômico - O Ministro Eugênio Gudin falou a O Globo logo após a confirmação da sua nomeação”.

De resto, não se pode deixar de tratar de mais esse período histórico no qual as páginas de O Globo se tornam lócus de combate à ameaça comunista. Somos mais uma vez obrigados a destacar que esse foi sempre um instrumento poderoso, constantemente usado por esse jornal para combater muitos dos seus oponentes políticos dentro do macroperíodo histórico estudado no presente capítulo.

No período da morte por suicídio de Getúlio Vargas, Roberto Marinho se valeu, como de hábito, do medo causado pelo alastramento do comunismo num mundo sob intensa presença da guerra ideológica contida e motivadora da Guerra Fria, para atacar a memória de Getúlio, a seu aliado primordial e sucessor político João Goulart e ao varguismo como um todo. A seguir, veremos exemplos dessa prática no período histórico em tela, os quais mostram em poucos exemplos um O Globo no qual seu proprietário e editor-chefe se vale da – como o jornal se refere com frequência – “ameaça vermelha” para tentar implantar no inconsciente coletivo da população brasileira uma ligação atávica e inequívoca entre o varguismo e a tentativa dos comunistas de transformar o Brasil em mais um “satélite” russo, a isso acrescidas notícias que reforçam o medo da população com o espectro da “agitação social” perpetrada pelo movimento comunista internacionalista:

Dia 28/8 - “Denunciam como comunista a greve que ameaça São Paulo”

Dia 1/9:

- “Considerada inevitável a greve geral articulada em São Paulo pelos comunistas e pelos ‘Janguistas’”
- “Como vândalos! Os comunistas atacaram o City Bank provocando consideráveis prejuízos
- Um policial ferido”

Dia 7/9 – “Agitadores comunistas usam adolescentes para subversão”

Para finalizar a análise das edições de O Globo à época, cremos ser importante reproduzir a seguinte manchete, do dia 28 de agosto, a qual dá conta do fato político que significou o início de um novo patamar de colaboração e interação entre Roberto Marinho e o influente líder liberal, Carlos Lacerda, e que perdurando até o golpe militar de 1964, em muito influenciara fatos políticos nacionais vindouros: “Carlos Lacerda hoje na Rádio Globo - O jornalista Carlos

Lacerda voltará hoje ao microfone das Rádio Globo, devendo falar às 20:30 minutos para focalizar os últimos acontecimentos políticos”.

### **Eleição presidencial de 1955**

Passamos a seguir ao período histórico que apresenta as posições políticas de O Globo no período que antecede e sucede a eleição de Juscelino Kubitschek no dia 3 de outubro de 1955. Esse é um período de alta tensão e efervescência política no qual pudemos encontrar O Globo total e expressamente engajado na desconstrução das candidaturas tanto de Kubitschek a presidente, quanto – e muito mais, como veremos – a de João Goulart a vice-presidente, e num esforço amplo, intenso e muitas vezes incisivo de emplacar Juarez Távora como presidente e Milton Campos como vice. Nesse período está presente um O Globo que faz a sua parte numa verdadeira guerra onde todos os expedientes são válidos para conquistar a vitória eleitoral.

A tabela em anexo, contendo as manchetes e editoriais com teor político veiculadas por O Globo durante este período e na qual é possível constatar não só que Roberto Marinho “fez campanha” por Juarez Távora e Milton Campos pelas páginas de O Globo nessa eleição bem como usou de toda sorte de expedientes jornalísticos de natureza panfletária<sup>15</sup> nos dias posteriores ao pleito, participando efetivamente dos primeiros movimentos que visavam anular a recente eleição com o intuito declarado de impedir a posse dos inimigos políticos “J. J.” – forma talvez irônica como Roberto Marinho se referiu aos vencedores no editorial do dia 15 de outubro.

A leitura e necessária análise política das manchetes e editorial contidos na referida tabela, nos leva a constatação que O Globo se apresentou como um instrumento jornalístico que refletiu durante todo o período por nós pesquisado a preocupação e comprometimento total de Roberto Marinho com o resultado dessa eleição. Cabe a nós agora demonstrar de que formas e quais recursos e estratégias ele usou para usar seu veículo de comunicação impresso com o intuito de ver se concretizarem seus objetivos para aquele pleito.

Estratégias de ataque na defesa de interesses com a execução sistemática de ações jornalísticas visando à concretização dessas estratégias. Essa é uma forma de descrever em poucas palavras o espírito que engloba e dá sentido ao conjunto de manchetes e editoriais presentes nas edições

---

<sup>15</sup> Ribeiro (2007) afirma que de 1821 a mais ou menos 1880/1890 no Brasil “O jornalismo que se desenvolveu, nesse momento, como não poderia deixar de ser, tinha características muito específicas: era profundamente ideológico, militante e panfletário. Seu objetivo, antes mesmo de informar, era tomar posição, tendo em vista a mobilização dos leitores para as diferentes causas”.

diárias de O Globo nos 14 dias que antecederam o pleito presidencial de 3 de outubro de 1955 e naqueles 14 dias que sucederam o pleito.

Com base no que foi apreendido da leitura do material constante na nossa pesquisa desse período foi possível identificar uma decisão única e matricial de Roberto Marinho que norteou a construção das edições de O Globo durante todos os 29 dias pesquisados: impedir quase que a qualquer custo a vitória da dupla Juscelino-Goulart. Tomada essa decisão, várias formas de exercício do jornalismo impresso capazes de atingir esse objetivo foram utilizadas. Pudemos visualizar e projetar a estratégia colocada em prática nas páginas de O Globo que se desdobrava no seguinte quadro de ações:

1. Desconstrução da imagem de Jango e Juscelino perante os eleitores através de ataques frontais e indiretos.

1.1. Tipificação dos ataques a Jango:

1.1.1. Destruição pura e simples desse personagem político e público através da veiculação praticamente diária de matérias dando conta do “caso da carta de Brandi”, nas quais se informava ao público como iam as investigações dentro do Inquérito Policial Militar que visava comprovar a veracidade da tal carta que tanto comprometia e tinha o potencial de destruir sua carreira política, inclusive com grande risco de leva-lo à prisão como traidor da pátria.

1.1.2. Ataques diretos a Jango em contextos fora de sua, desde logo presumida culpa, no caso da “Carta de Brandi”.

1.1.3. Juntamente com a tentativa de incriminar Goulart legalmente por crimes graves contra a pátria, O Globo o vinculou seguidamente Jango a figura de Peron, já que não só todo o peso das acusações feitas a ele no contexto da “carta de Brandi” estão concentradas na acusação de que os dois mantinham vínculos fortes que “propiciaram que se fizesse uma infiltração peronista no Brasil”, mas também como forma de forçar a que os brasileiros assimilassem pelas páginas de O Globo o “vínculo promiscuo” de Jango com “um ditador com sede de domínio sobre o Brasil” e também “praticante de esbulho contra o povo argentino”.

1.1.4. Através do ataque que O Globo fez de forma sistemática e feroz contra o alegado acordo de apoio eleitoral do Partido Comunista, de Luis Carlos Prestes e seus partidários, à chapa Kubitschek-Goulart.

## 1.2. Tipificação dos ataques a Juscelino Kubitschek:

1.2.1. Os ataques ao político Juscelino eram canalizados para o ataque ao homem Juscelino, baseados na acusação de que cumpriu um papel desagregador da política brasileira ao “seguir seu ego” e insistir obstinada e cegamente em sua escolha como candidato elo PSD.

1.2.2. A segunda linha de ataque a JK foi a mesma citada acima no caso dos ataques a Goulart, ou seja, relacionando Juscelino com o “comunismo anticristão”, “promotor de badernas e inquietação social”, “moscovita”, “internacionalista e sectário”. É importantíssimo ressaltar que um dos motes mais poderosos para essa via de ataque, que servia para tentar atingir a chapa Kubitschek-Goulart, se baseava no relatório do delegado da Delegacia da Ordem Social e Política – DOPS de São Paulo, veiculado por O Globo em sua edição do dia 7 de outubro, que dizia: “A sucessão foi um momento propício para a expansão do credo vermelho - Tremendo libelo do Diretor do DOPS, em São Paulo, que afirmam terem os Srs. Juscelino Kubitschek e Jango Goulart dado 8 milhões de cruzeiros pela opinião dos comunistas”. A força destrutiva dessa acusação consistia não só em vincular os dois candidatos ao “perigo comunista”, tal como já foi exposto em períodos estudados acima, mas como destacar que esse acordo fora feito com um partido proscrito e, principalmente, que esse apoio foi feito em troca de muito dinheiro.

2. Propaganda eleitoral direta ou indireta, explícita ou implícita, em quase 100% das edições de O Globo no período pesquisado, tentando angariar votos para o General Juarez Távora. Foram identificadas também, com alguma frequência, inserções favoráveis a Milton Campos. Enquanto isso, todas as referências diretas à Juscelino Kubitschek e João Goulart eram feitas com viés crítico.
3. Além de atacar, muitas vezes com virulência, a Juscelino e Goulart e fazer a defesa explícita do voto em Juarez Távora e Milton Campos, O Globo, também com constância através de

matérias jornalísticas, deu subsídios para que após a eleição, grupos e atores políticos antivarguistas pudessem tentar a anulação da eleição com base na acusação acima referida sobre um conluio, consubstanciado em acordo formal e bem-remunerado, de apoio através do voto de “todos os comunistas brasileiros” à chapa Kubitschek-Goulart. Após a eleição, O Globo “fala por Roberto Marinho”, passa a agregar a sua voz, fazendo coro as muitas e poderosas vozes da imprensa e da sociedade brasileira a clamar pela impossibilidade legal e moral da posse na presidência e vice-presidência da República dos vencedores da eleição. Para isso, Roberto Marinho e tais grupos usaram para esse fim o argumento dos votos comunistas, os quais, comprovadamente - segundo eles, incluindo Roberto Marinho - teriam sido o fiel da balança numa eleição em que os vencedores abriram pouquíssima frente de votos contra os segundos colocados.

Elencadas as táticas mais sistematicamente usadas na guerra não declarada de Roberto Marinho, através das edições de O Globo, contra a continuidade do varguismo no caso da vitória de Juscelino Kubitschek e João Goulart, tanto no período que antecede a eleição quanto naquele que lhe sucede, iremos em seguida detalhar, através de citações de manchetes e exposição de excertos de editoriais das edições de O Globo nesse período, comprovando o que foi exposto acima como sendo o panorama geral da análise da postura política nas eleições de 1955.

Primeiramente, no que diz respeito aos ataques a João Goulart, estes parecem ser motivados pelo fato de que Roberto Marinho identificou neste o seu inimigo prioritário no contexto da sua luta permanente contra o varguismo. Tal reflexão está baseada não só no peso político de Jango à época, como presidente do PTB varguista e ex-ministro – polêmico – do Trabalho<sup>16</sup>, mas também, no fato de que Roberto Marinho o havia “indicado” – como registrado aqui, na pesquisa referente ao período do suicídio de Vargas – para ser o sucessor político de Vargas e, portanto, destinado a se converter no alvo primordial de ataques antivarguistas do jornal após a morte de Getúlio. Destruir sua reputação, colocá-lo na cadeia como traidor da pátria era um objetivo tangível e desejado, que poderia ser concretizado com a ajuda da intensa campanha levou a cabo O Globo, repercutindo todos os desdobramentos do caso da “carta de Brandi”, no que se constituiu um poderoso instrumento para viabilizar ambos os objetivos. Vale anotar que para que esse esforço não ficasse totalmente explicitado e formalizado, Marinho, tentou

---

<sup>16</sup> A polêmica que envolveu Jango durante a sua permanência no Ministério do Trabalho disse respeito a sua determinação em dobrar o salário mínimo até então vigente. Houve muita resistência da parte das classes patronais e até do Exército.

dissimula-lo, afirmando no editorial do dia 20 de setembro que: “Não está O Globo animado com o desejo de aniquilar moralmente o Presidente do PTB. De nenhum modo. Somos adversários de sua candidatura pelas altas razões por nós sempre expostas. Elas bastam para impedir a sua vitória nas urnas”.

Uma vez que foi constatado que o ataque sistemático a Jango durante os 29 dias de edições de O Globo aqui pesquisados se deu na função direta em que o jornal cobria “jornalisticamente” as investigações sobre a veracidade dessa carta, consideramos que todas as manchetes e notícias diariamente veiculadas pelo O Globo nesse período que contivessem qualquer referência ao “caso da carta de Brandi” tinham a intenção de atingir indireta a reputação do político trabalhista.

Para se dimensionar o tamanho e a dramaticidade que adquiriu a tal “carta de Brandi” nessa eleição, que serviu para dar a Roberto Marinho munição de alto poder destrutivo contra o adversário João Goulart, é necessário que se explique aqui do que se tratava a tal carta. O faremos através do próprio O Globo. No editorial do dia 20 de setembro de 1955, a 13 dia do pleito eleitoral, O Globo afirma o seguinte:

“Insustentável posição do sr. Goulart

Desde sábado está a opinião pública do nosso país sensibilizada pela divulgação do texto de uma carta escrita pelo deputado Antônio Brandi, da Província de Corrientes da República argentina. Segundo se depreende de sua leitura, teria aquele documento sido escrito em 5 de agosto de 1953, e enviada ao seu destinatário, Sr. João Goulart, então no exercício das altas funções de Ministro do trabalho do Governo do Presidente Getúlio Vargas.

[...]

Por outro lado, as ligações estreitas do Sr. Goulart com o general Peron, com os amigos deste, com o peronismo, são elementos favoráveis a aceitação da tese que o documento é autêntico.

[...]

O caso do Sr. Goulart requer um esclarecimento amplo e urgente, porque sua candidatura está posta ao exercício da segunda Magistratura do País. Se ele é destinatário da incriminada carta; se ele combinou com especialistas do sindicalismo peronista o envio de agentes para o Brasil; se ele contratou a compra de armas para sua milícia sindicalista [...], então não pode de forma alguma ser companheiro de chapa do Sr. Juscelino Kubitschek.”

Cabe aqui destacar a última frase desse excerto: “[...] então não pode de forma alguma ser companheiro de chapa do Sr. Juscelino Kubitschek.” Está aqui aludida uma das alegações que serão usadas Roberto Marinho através de O Globo durante toda a campanha eleitoral e posteriormente a ela com o intuito de desqualificar João Goulart como candidato dotado de legalidade e integridade moral para se candidatar e, depois de eleito, assumir o segundo posto mais importante do poder no Brasil.

Passando agora a tratar de reproduzir as manchetes e editoriais que comprovam toda a campanha acima descrita contra a candidatura da chapa Kubitschek-Goulart veremos que a primeira manchete dessa campanha, dentro do período de 14 dias anteriores à eleição foi veiculada na edição do dia 19 de setembro foi assim veiculada para assimilação do povo brasileiro: “Apuração imediata da verdade - Encarece o Ministro da Marinha urgência para o inquérito sobre a autenticidade da carta do deputado peronista Antônio Brandi ao Sr. João Goulart e sua remessa à justiça eleitoral ‘para proceder dentro da lei’”.

Durante os 29 dias pesquisados, Roberto Marinho usou as páginas de O Globo para, através de diárias e numerosas manchetes de primeira página e inserções em vários editoriais – também sempre na primeira página – repercutir os desdobramentos policiais do Inquérito Político Militar instaurado no Ministério da Guerra para averiguar a veracidade da tal “carta de Brandi”. São tantas as matérias a respeito e tantos os editoriais nos quais Roberto Marinho se empenha em denegrir a imagem de Jango com a ajuda do – comprovadamente falso, posteriormente – conteúdo da “carta de Brandi” presentes no período em tela e constantes na tabela em anexo, que optamos por representar todos o trajeto que essas acusações percorreram nas páginas do O Globo de então por momentos.

Para reforçar a carga de suas investidas acusatórias e denegridoras de Jango, O Globo se auxiliou da inestimável ajuda do então jornalista Carlos Lacerda, também inimigo de Jango e dos varguistas em geral, que trabalhando no jornal Tribuna da Imprensa, se empenhou numa iniciativa de ir a Argentina investigar por conta própria o caso da “carta de Brandi” com o intuito de provar com evidências irrefutáveis a veracidade da carta. Como resultado de mais essa cooperação entre os jornalistas Marinho e Lacerda, O Globo repercutia em suas páginas as “descobertas” de Lacerda na Argentina e chegou a veicular a seguinte manchete na edição do dia 28 de setembro: “Tenho provas irrefutáveis de que Jango é um traidor” – Provas de suas relações com o peronismo – O falso comerciante de queijos afirma conhecer o Presidente do

PTB desde pequeno – Fala ao O Globo o jornalista Carlos Lacerda – Confirmada a viagem do General Maurell Filho”.

Assim, podemos dizer que as edições de O Globo nos dias que atravessaram a pré-eleição e continuaram em alguns dias após esta trouxeram manchetes e manifestações de opinião por intermédio de editoriais se mostraram prenes de confiança da veracidade da carta e aproveitando esse fato, tentaram formar um ambiente de execração pública de João Goulart. Para exemplificar essa afirmação temos:

Dia 4/9 – Editorial: “A perícia caligráfica e a autenticidade da carta de Brandi”

“Antes que as urnas se abrissem à patriótica ansiedade nacional, um acontecimento destinado a ter enorme repercussão, dentro e fora do nosso país, ocupou o primeiro lugar no dia de ontem. Trata-se do telegrama oficial emitido, de Buenos Aires, ao Ministro da Guerra, pelo General Maurell Filho. Como é sabido, este ilustre oficial-General foi incumbido pelo eminente General Teixeira Lott de apurar, à frente de uma Comissão Militar de Inquérito, a autenticidade ou a falsidade da carta atribuída ao deputado argentino Antonio Brandi endereçada ao Sr. João Goulart, quando este era Ministro do Trabalho, no Governo do Presidente Vargas.

[...]

A posição de O Globo neste assunto ficou fixada na primeira hora. Graças ao nosso colega Carlos Lacerda, reproduzimos junto com a “Tribuna da Imprensa, o “fax símile” da carta de Brandi, que o deputado apresentara na televisão.

[...]

Eis que ontem estourou a bomba nos já semivazios arraiais do Sr. Goulart e de seus atribulados defensores. O gabinete do Ministro da Guerra distribuiu pela manhã um comunicado à imprensa, descrevendo o telegrama que aquele titular enviará o General Maurell, ora na Argentina, à serviço da Comissão. Neste despacho, diz o General Maurell a seus superiores “transcrevo o laudo pericial que acaba de me ser entregue pelo chefe da Polícia Federal de Buenos Aires – “Neste caso particular pode dizer-se que a firma fotografada (fotocópia) tem as características que fazem sumamente provável que pertença a mesma mão que as firmas dos documentos anteriores.

[...]

A verdade à cerca das ações das ligações de Goulart com Peron começa a aparecer em sua nudez. Durante meses e meses o Sr. Goulart cultivou, entre deslumbrado e invejoso, a figura



do ditador argentino, seus métodos de ação, seu vozerio na Plaza de Mayo, as aclamações dirigidas pela CGT”.

Porém, como a carta era falsa e era simplesmente impossível fugir da realidade nua e crua, O Globo passa a ter problemas ligados ao fato de ser um jornal que não pode perder sua credibilidade e que, portanto, não poderia se vincular indefinidamente a uma farsa ao noticiar e amplificar os fatos relacionados a ela. Continuar a fazê-lo era ariscado para seu jornal, mas Roberto Marinho resolveu manter a pressão sobre Jango até onde pode, só começando a veicular indícios mínimos, quase imperceptíveis pelo leitor, da falsidade da acusação, depois de transcorrida a eleição e mesmo assim, mantendo por mais um tempo a veiculação das manchetes repercutindo as investigações que continuavam sendo feitas na Argentina dentro do Inquérito Policial Militar pelo General Eugênio Maurell Filho até praticamente o último dia aqui pesquisado. No dia 13 de outubro, O Globo veiculou a primeira notícia dando conta de que talvez toda a história da “carta de Brandi” fosse um farsa: “A carta de Brandi seria falsa - O embaixador Leite Ribeiro presta informações ao Itamarati – Segundo sabemos, o Itamarati recebeu uma comunicação da nossa embaixada em Buenos Aires, pela qual o General Emilio Maurell Filho teria declarado ao Embaixador Leite Ribeiro, na presença de várias pessoas, que considerava falsa a carta de Brandi, assim como os fatos nela denunciados”. Reforçando a impressão de que esse foi um momento de insegurança para todos aqueles que sustentaram e se basearam na autenticidade da carta para denegrir e até destruir a imagem de João Goulart, O Globo no dia 13 de outubro a seguinte manchete: “Termina suas pesquisas o General Maurell Filho - O assunto pode tornar-se sério, mas ante os resultados das minhas investigações, deve ser objeto de profundo estudo por parte do Governo brasileiro”, avisa o militar – O desmentido do General Amauri Kruehl”.

Porém, como foi dito, mesmo depois dos primeiros indícios que apontavam para o caráter criminoso da farsa da “carata de Brandi” Roberto Marinho ainda sustenta aversão de veracidade da mesma ao resolver levar a reverberação jornalística da farsa até onde conseguiu, o que se comprova na seguinte matéria do dia 15 de outubro: “Há outras prisões de estrangeiros no caso da cartado Sr. A. Brandi – Fez relatório verbal ao Ministro da Guerra o General Maurell Filho – Dentro de 10 dias o pronunciamento final”.

Coincidentemente, no último dia de nossa pesquisa, O Globo veicula uma manchete que indica que realmente as coisas não saíam como planejadas pelos inimigos de Jango: “Seria confiada

ao General Etchegoyen a última fase do inquérito sobre a carta - O Inspetor geral da artilharia de costa, porém, não confirmou a notícia – prometeu o General Maurell Filho declarações para hoje”.

O combate a Jango usando sua alegada proximidade com Peron também se apoia na tal “carta de Brandi”. Ou seja, todo o movimento de traição à pátria por parte de Jango retratado naquele documento falso se apoiava em acordos funestos como o envio ao Brasil de agentes sindicais peronistas para ajudar na agitação sindical no país e o envio de armas para a guerra de subversão que Jango estaria preparando e liderando. Destaca-se aqui para melhor compreensão do poder do ataque a Goulart por suas ligações com o líder argentino Peron, que O Globo transmitia à opinião pública uma imagem muito ruim de Peron, como pode ser constado nas seguintes inserções do dia 20 de setembro de 1954: “Peron como ditador já estava durando muito” e “Juan Peron teve o fim de todos os ditadores”

No intuito de reforçar o conteúdo da carta e sua veracidade, O Globo aborda o que seria a grande proximidade de Jango com Peron e com círculos peronistas como forte indício da veracidade da “carta” no seguinte trecho do editorial do dia 20 “[...] as ligações estreitas do Sr. Goulart com o general Peron, com os amigos deste, com o peronismo, são elementos favoráveis a aceitação da tese que o documento é autêntico. Além dessa alegação, visando comprovar ainda mais a proximidade e os vínculos de parceria históricos entre Goulart e o general Peron, com os amigos deste, com o peronismo como elementos favoráveis à aceitação da tese que o documento é autêntico, O Globo ainda veiculou na edição do dia 28 de setembro a seguinte manchete: “Levou Jango a Buenos Aires no avião particular do Presidente do PTB - Declaração do antigo piloto do ex-Ministro do Trabalho”.

No que tange aos ataques a Juscelino Kubitschek, contra quem O Globo também voltou pesadamente suas baterias, o que talvez explique tal atitude de Roberto Marinho simplesmente sua aliança com o PTB “varguista” e “janguista”, além do apoio eleitoral que arregimentou entre os comunistas e o alegado acordo de apoio eleitoral alegadamente firmado com o líder do Partido Comunista, Luis Carlos Prestes. Não se pode deixar de considerar nesse quadro a possibilidade de que seus planos de governo, que indicavam a continuidade das criticadas pelo O Globo medidas nacional-desenvolvimentistas, como era o caso das promessas feitas na campanha por JK de investimento estatal em transporte e energia, terem reforçado a decisão de Roberto Marinho de trabalhar contra sua candidatura. Apesar de também atacar a JK com

intensidade e frequência, se comprova com a leitura dos dados emanados de nossa pesquisa histórica, que os ataques a Juscelino se dão em menor proporção em relação a João Goulart e muitas das críticas lhe são feitas se devem justamente por ter feito chapa com o líder trabalhista, herdeiro político de Getúlio Vargas.

Pode-se dizer que a maior parte dos ataques e críticas desferidos por O Globo contra Juscelino Kubitschek nesse período podem ser computadas na categoria de acusações sobre seu egocentrismo materializado na sua ação política. Roberto Marinho o acusa de personalismo político ao não abrir mão de sua candidatura a Presidente diante da possibilidade reportada por Marinho, de que ao abrir mão dela, permitiria a construção de uma candidatura que reuniria os dois principais partidos de então, PSD e UDN, debelando assim a crise política que, ainda segundo Marinho, impedia que o país caminhasse para tempos de concórdia e desenvolvimento econômico e social.

Refletindo essa posição de Roberto Marinho nas páginas de seu jornal, apontamos a seguinte análise crítica feita por intermédio de O Globo no editorial do dia 22 de setembro: “A cerca do ex-governador de Minas, a opinião nacional está mais do que esclarecida. É sem discussão o ambicioso criador da crise que devasta este grave momento da vida brasileira. Não se lhe conheceu neste episódio, um minuto de sincera compenetração pelo interesse público. Fez-se candidato em combinações prematuras e clandestinas com elementos irremediavelmente comprometidos nos acontecimentos de agosto do ano passado, e, apesar de todas as tentativas de uma nobre conciliação de partido, não se deu nunca, nem mesmo em favor de nomes ilustres, entre os quais dois ou três possedistas, também mineiros, a que mereciam uma larga margem de um vigoroso apoio, para que o país fosse poupado a uma luta esgotante e desnecessária”.

Além de encontrar no egocentrismo político de JK um grande mal para o Brasil, O Globo também o acusa de vinculação e relações perigosas com grandes grupos econômicos na edição do dia 24, quando em seu editorial, leva a seus leitores a seguinte curta, mas potente provocação: “Quando apeava do avião particular (presente de alguns milhares de dólares, dado, nesta hora de aperturas cambiais, por um grupo de “magnatas do poder” econômico) [...]”.

Encontramos outras duas linhas de ataque a Juscelino Kubitschek durante os 14 dias de edições de O Globo antes da eleição. A primeira trata de afirmar que ele encarnava o papel de candidato que vendia ilusões ao eleitorado, que prometia o que seria impossível realizar em seu mandato,

como visto no editorial veiculado no dia 30 de setembro: “[...] os candidatos quase sempre se excedem na ostentação de programas miraculosos, para cuja realização não bastaria um século”. Reforçando essa crítica, Roberto Marinho usou O Globo para atribuir a ele o pecado de se apresentar como o salvador mágico da pátria, já que, segundo Marinho, ele se vendia como o futuro presidente capaz de resolver com facilidade todos os problemas do Brasil, acusação essa consubstanciada na seguinte inserção do dia 30: “O Sr. Juscelino Kubitschek prometeu resolver rápido, todos os problemas nacionais...”.

Essas acusações e críticas tinham sua importância na estratégia de torpedear as chances de vitória de Juscelino Kubitschek. Porém, a maior e poderosa carga de ataque contra sua candidatura era exatamente a mesma que estava reservada para impedir que Jango se tornasse Vice-Presidente da República: a vinculação de ambas as candidaturas ao voto comunista.

Nas edições de O Globo durante os dias pesquisados nesse período histórico, foram identificados alguns dados importantes a respeito da campanha que foi veiculada nas páginas de O Globo no sentido não só de fazer com que a opinião pública em geral e o eleitorado em especial se convencesse que Jango e Kubitschek eram os candidatos dos comunistas, alertando sobre as consequências de um voto que fizesse com que o Brasil se tornasse uma nova Cuba, como também tentando construir uma teia de enredamento dessas candidaturas com o Partido Comunista Brasileiro num acordo formal e remunerado por parte dos candidatos.

A primeira inserção nesse sentido se deu em meio a um editorial, na edição de 22 de setembro de 1954, num prazo ainda relativamente distante do dia da eleição. Num editorial premeditado para justificar o voto no General Juarez Távora, O Globo afirma o seguinte: “Há um aspecto decisivo que torna o General Távora o homem adequado para o momento: é o seu apaixonado senso de justiça, sua intransigente hostilidade ao comunismo internacional, hoje descaradamente atuando na parceria Kubitschek-Goulart”. Está aqui, portanto, citada explicitamente que Roberto Marinho queria que seu leitor vinculasse a parceria Kubitschek-Goulart com o comunismo, não só brasileiro como o mundial.

Ao todo, considerando todas as referências de O Globo a essa vinculação, contabilizamos dezesseis inserções, sendo onze na forma de manchetes e cinco como parte ou conteúdo total de editoriais. Essas referências começam a aparecer no dia 22 de setembro, doze dias após nosso

primeiro dia de coleta de material jornalístico de O Globo no período. Nesse dia o Globo veiculou duas matérias fazendo referência ao “conluio”.

Após essa referência ao conluio entre Kubitschek e Goulart e os comunistas, só foram veiculadas três matérias sobre o assunto até o dia da eleição.

No dia 7, já após a eleição, e com a vitória anunciada de Juscelino Kubitschek e João Goulart, O Globo traz a seguinte notícia: “A sucessão foi um momento propício para a expansão do credo vermelho - Tremendo libelo do Diretor do DOPS, em São Paulo, que afirmam terem os Srs. Juscelino Kubitschek e Jango Goulart dado 8 milhões de cruzeiros pela opinião dos comunistas”. Nota-se que a acusação grave vem em forma de notícia e não no meio de um editorial. A importância de se apontar para isso se deve ao fato de que uma notícia se beneficia diretamente da credibilidade do jornal, enquanto o conteúdo do editorial pode ser debitado aos interesses do jornal e de seus proprietários. Como é constatado pelas informações extraídas das edições nos dias seguintes, essa manchete se converteu num primeiro gesto ou passo no encadeamento de uma sequencias de manifestações do jornal no que se configuraria numa campanha visando construir as condições para anular a eleições usando o “fator voto comunista” como mote legal e moral. Para confirmar que esse movimento seria bastante crível, lembramos que toda o período pré-eleitoral foi utilizado por O Globo para, de várias formas e através de variados estratagemas, impedir a vitória de Juscelino e Goulart.

Já no dia seguinte a essa manchete matricial, 8 de outubro, Roberto Marinho lança o primeiro de uma série de editoriais quase em sequência – os outros são publicados nos dias 12, 14 e 15 de outubro –. Ou seja, no quinto dia pós-eleição, dentro de um contexto de grande efervescência no país em função dos conflitos produzidos pelo resultado da eleição, e que fez com que O Globo do dia 11 trouxesse a seguinte notícia: “O mal-estar diante da provável eleição de Jango, é geral; não acredito, porém, em violências” – Declara o deputado Lopo Coelho”, Roberto Marinho se manifesta através de O Globo de forma categórica pela ilegalidade da vitória de Juscelino e Goulart, lançando mão da veiculação de quatro editoriais num espaço de uma semana, todos eles inteiramente dedicados ao convencimento da nação quanto ao seu ponto de vista.

Abrindo aqui um parêntesis, vale lembrar mais uma vez que o “fator perigo comunista” vem sendo identificado fartamente na presente pesquisa desde outras ocasiões históricas aqui já

apresentadas, portanto ele não poderia ser considerado como uma novidade da eleição de 1955. Porém, nessa eleição, esse fator se transformou no mote para uma campanha de O Globo no sentido de impedir a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart na presidência e vice-presidência da República. Saindo de uma inserção inicial rara, que durou até a eleição, para uma frequência quase diária depois que as forças políticas de oposição a Jango e Kubitschek resolver se sublevar contra o resultado eleitoral, esse elemento de retórica se transformou, nessa eleição, no grande fator em torno do qual se fez a guerra entre as forças que defendiam a obediência e respeito ao resultado das urnas e aqueles que desejavam a subversão da ordem democrática. O Globo adotou esse esforço editorial e prático de defesa da anulação das eleições ao sustentar que a vitória dos dois candidatos se deu de forma espúria, já que a pequena diferença de votos entre os vencedores e os candidatos que vieram em segundo lugar foi muito pequena e que essa pequena margem era com certeza atribuída aos disciplinados votos comunistas, calculados precisamente por O Globo no editorial de 12 de outubro em 500 mil e que pela argumentação tecida por Roberto Marinho, votaram todos, sem exceção, em Juscelino Kubitschek e João Goulart em “obediência” à “ordem” do seu líder máximo, Luis Calos Prestes.

Tal argumento está manifestado explicitamente no seguinte trecho do editorial veiculado em 15 de outubro: “No caso presente, não se trata de insistir que qualquer candidato não está livre de receber votos de comunistas [...]. Porque a 3 de outubro não houve acaso, simpatia ou qualquer sentimento pessoal do eleitor comunista para sufragar os Srs. Kubitschek e Goulart. Não, em absoluto. O que houve foi uma transação feita e acabada, num contrato oneroso [...] por força de cujas cláusulas, não alguns comunistas agindo isoladamente, mas o Partido Comunista inteiro e disciplinado, como é de sua ética, se comprometeu a votar nos aludidos candidatos”. Como reforço ao que expressava com gravidade nos editoriais em sequência, nos quais iniciou a campanha de O Globo pela anulação da recente eleição, Roberto Marinho também conseguia difundir notícias que iam ao encontro do que “alertava”, como nessa manchete de 11 de outubro: “O Sr. Juscelino Kubitschek quer abrir as portas à Rússia’ - Novos planos e promessas do candidato mais votado para a presidência da República” (note-se que O Globo se refere a JK como o “candidato mais votado” e não como o “candidato eleito”).

Para derrotar a Juscelino e Jango não bastaria ataca-los e denegrir ao máximo a sua imagem. Era preciso que o eleitor tivesse uma alternativa para “votar bem” e salvar o Brasil – como dá a entender o editorial de 22 de setembro. Segundo a visão e os interesses de Roberto Marinho era obrigatório votar no General Juarez Távora para presidente e em Milton Campos para vice-

presidente. Essa opção, além de pragmática, por indicar aos eleitores o voto em candidatos viáveis, também representava mais uma opção histórica de Roberto Marinho por candidatos liberais da liberal União Democrática Nacional – UDN. Essa opção política motivada por uma oposição extrema a Jango e estendida a Juscelino manifestou-se através da veiculação quase diária de notícias e manifestações de políticos e militares que beneficiavam a candidatura Juarez e, de forma mais expressa, através de 2 editoriais nos quais declara de forma peremptória e definitiva que apoia a candidatura do general. Essa declaração de voto só pode ser entendida como consequência de uma decisão de envidar literalmente todos os esforços e instrumentos a sua mão para impedir que Juscelino e Goulart assumissem o poder no Brasil em vez do representante do liberalismo naquela eleição.

São tantas referências positivas em relação à candidatura de Távora nas edições de O Globo no período em tela que não caberia aqui reproduzir a todas. O panorama nesse sentido é realmente radical, já que todas as referências a Távora e a Milton Campos foram positivas enquanto as manchetes notícias e referências dentro dos editoriais a JK e Jango foram negativas – em sua maioria esmagadora – havendo apenas algumas raríssimas neutras. É em razão dessa quantidade enorme de menções e referências positivas que iremos elencar apenas algumas delas:

Dia 21/9 - “Se não houver fraude, Juarez Távora ganhará” - E acrescenta o Sr. Eliomar Baleeiro, em declarações a O Globo: “Não acredito que os brasileiros deem a vitória a candidaturas repugnantes ou pilhéricas” – O Sr. Jânio Quadros afirma que se for eleito um candidato desonesto, deixará o governo de São Paulo, pois será o fim do Brasil – “Diminuem cada vez mais, em nosso estado, a diferença entre Ademar e Juarez”, observa o Sr. Cunha Bueno

Dia 22/9 – “Dinheiro para a produção mesmo que vire o Banco do Brasil ao avesso - Solução para o problema básico do País, segundo o General Juarez Távora – A palavra que esclarece e o voto que decide para a implantação da verdadeira democracia – A Petrobras dará petróleo ou arrebitará – O comício do Grajaú e as demais atividades de ontem do candidato da Frente de Renovação Nacional”

28 - “Juarez já ganhou”

E acrescenta o líder Afonso Arinos em declarações a O Globo: “ A sua vitória será a salvação da democracia e da decência na vida pública brasileira”

29 - “O Brasil está enfermo; só com Juarez poderá melhorar”, declara Mangabeira

30 – “Sensacional irradiação pela Rádio Globo sobre o acordo dos comunistas com o PTB e PSD”

– A irradiação do comício da campanha de Juarez – O comício de hoje a noite do General Juarez Távora, na Esplanada do Castelo, marcará o encerramento de uma campanha cívica que há de ficar na escrita dos anais da vida brasileira pelo sentido de renovação que ele veio imprimir aos nossos costumes políticos”.

Dia 1/10 – “Dar ao Brasil um governo de respeito e que seja respeitado – Este o objetivo que o General Juarez Távora teve em sua campanha eleitoral – Reafirmou o candidato da Frente de Renovação Nacional seus propósitos no grandioso comício de encerramento de sua pregação cívica – Como falaram os Srs. Milton Campos, Carlos Lacerda e outros – Enorme multidão consagrou, na Esplanada do Castelo, o candidato democrático”.

– “Governo de honradez e justiça social – Vibrante proclamação do general Juarez Távora ao povo, através de O Globo – Também se dirige ao eleitorado, por nosso intermédio, seu companheiro de chapa, Sr. Milton Campos – dados biográficos do candidato de renovação nacional”.

A inserção a seguir tem especial apelo e importância. Ela foi feita no próprio dia da eleição, 3 de outubro, e se constituiu numa verdadeira propaganda de última hora, na qual O Globo resumia as mais impactantes virtudes do General Távora e de Milton Campos, como exaltadas em suas páginas durante a campanha: “Juarez Távora e Milton Campos são os candidatos da Frente de Renovação Nacional. Representam pelo seu passado, uma garantia de dignidade e de firmeza contra a corrupção dos costumes políticos e administrativos e o perigo da subversão comunista que ameaça abalar os alicerces da democracia e das não nossas tradições cristãs”.

Nesse período, como dito acima, O Globo dedicou dois editoriais inteiros para fazer e refazer sua declaração de voto e a defesa de sua escolha. A primeira declaração aconteceu dentro do editorial intitulado “Por que Juarez Távora”, no dia 22 de setembro e o reforço, no editorial dia 30 do mesmo mês intitulado “A renovação nacional, com Juarez Távora e Milton Campos”, incluindo nele a defesa da opção por Milton Campos para vice-presidente.

Uma vez que derrotar João Goulart era de fundamental importância para Roberto Marinho, Milton Campos como único candidato capaz de vencê-lo na disputa para a vice-presidência também teve um editorial de O Globo inteiro dedicado a mostrar ao eleitor a importância do cargo de vice-presidente no Brasil, a ridicularizar João Goulart e a elogiar, obviamente, a Milton Campos. Esse editorial saiu na edição do dia 23 de setembro e foi intitulado “Para o Brasil a



fatídica opção: Goulart ou Milton Campos?” No corpo do editorial há um trecho no qual O Globo trata com extrema ironia o inimigo, expressando bem o tipo de sentimento que Roberto Marinho nutria por seu inimigo político: “Este é o que terá de optar: Milton Campos ou João Goulart. Pelo professor que ganhou o apreço e admiração da mocidade mineira ou pelo discursador tatibitate dos comícios em prol da majoração do salário mínimo? Pelo mestre da política à juventude universitária da velha Minas liberal, ou pelo pequeno demagogo rural que nem conhece os lineamentos da ciência social? Pelo governante austero do seu estado, ou pelo vadio Secretário do Interior do Rio Grande, que sequer frequentava seu gabinete durante dois anos? Pelo varão de uma proverbial integridade ou pelo Ministro que acobertou o desvio de verba do fundo sindical?”

“Carlos Lacerda diariamente na Rádio Globo”. Essa é a inserção em O Globo com a qual finalizamos a análise dos dados relativos ao período próximo às eleições de 1955, apesar de não ser uma inserção crucial para a eleição em si. Pensamos que não se poderia deixar de anotar que foi durante esse período, no dia 20 de setembro, que O Globo anunciou o início da irradiação do programa diário de Carlos Lacerda na Rádio Globo que, como já foi dito acima, teve grande influência nos acontecimentos políticos no Brasil até 1964.

### **Eleição presidencial de 1960**

A análise dos dados emanados da pesquisa relativa às edições de O Globo no período de 14 dias antes da eleição presidencial de 1960, vencida por Jânio Quadros, e nos 14 dias que lhe sucederam, nos levam a um panorama bastante semelhante ao quadro encontrado no período anterior, relativo à eleição de Juscelino Kubitschek. Mudaram alguns atores, algumas circunstâncias políticas eram, como seria de se esperar, diferentes, mas a postura e estratégia de O Globo frente a mais um desafio de ver na presidência da República alguém afinado com as suas convicções e interesses não mudou no essencial, sendo que encontramos alguns ajustamentos apenas.

Vale dizer, a partir do reproduzido na tabela relativa aos dados referentes a esse período de edições de O Globo constante na tese como anexo nº 11, que esse é mais um período de eleição no qual Roberto Marinho, a exemplo de 1945, 1950 e 1955, expressou nas páginas pesquisadas de O Globo sua opção presidencial sem rodeios e de maneira absolutamente enfática. Ou seja, O Globo foi para a candidatura do liberal Jânio Quadros, representante da liberal UDN, exatamente o que havia sido na eleição anterior para com as candidaturas do brigadeiro Eduardo

Gomes e do general Juarez Távora, ou seja, o que se pode chamar de espaço de divulgação e proselitismo a favor da eleição de um Presidente liberal para o Brasil.

Mais uma vez Roberto Marinho fez um esforço sistemático, expresso, assumido e direto para ajudar a vitória do seu candidato, o ex-governador de São Paulo, Jânio Quadros, como anunciado e declarado pelas páginas do seu jornal, através de uma estratégia em que, deixando de lado qualquer preocupação com a isenção e objetividade jornalística, fez campanha durante praticamente em todas as edições por nós pesquisadas. Ele o fez mesclando dois tipos de armas jornalísticas: pela veiculação intensiva de matérias se referindo a Jânio sempre com viés positivo, através de matérias que tinham leitura inconfundível como propaganda do candidato Jânio e ainda, como em outras ocasiões anteriores, através da inserção de material que lhe favorecia franca e expressamente em editoriais.

Essa estratégia de Roberto Marinho se mostra mais impactante na medida em que verificamos que ao mesmo tempo em que trazia a candidatura para dentro de seu jornal quase diariamente e com tratamento 100% positivo, seu principal oponente, o Marechal Teixeira Lott, apareceu em suas manchetes e editoriais no máximo três vezes, sendo que nenhuma delas com viés eleitoralmente positivo. Talvez com a intenção de se apresentar como um jornal minimamente plural e democrático, O Globo reportou e criticou da seguinte forma, na edição de 22 de setembro, os ataques que Lott recebera de estudantes em visita a PUC carioca: “Tumultuada por estudantes a exposição de Lott na PUC - Manifestações desrespeitosas de alguns universitários provocaram um ambiente incompatível com a tradição de elevado nível cultural e moral da Universidade Católica; e no editorial intitulado “Revide antidemocrático” do mesmo dia, aproveitou para repudiar comportamento semelhante de estudantes contra Carlos Lacerda: “Impossível não condenar a atitude antidemocrática e a de desrespeito com que foi tratado ontem por alguns estudantes da Universidade Católica o Marechal Teixeira Lott.- Lamentáveis acontecimentos de sexta-feira última na faculdade Nacional de Direito aonde deveria falar o Sr. Carlos Lacerda”

Existiu uma terceira referência a Lott a qual não temos elementos suficientes de análise para avaliar a razão de sua veiculação em O Globo. Foi no dia 28 de setembro, quando o jornal de Roberto Marinho exibiu a seguinte manchete: “O documento pela renúncia de Vargas assinado por Lott”. Como em nossa metodologia de trabalho no presente capítulo não consta aprofundar a pesquisa de notícias veiculadas na primeira página, é impossível asseverar que ela tem um

viés negativo para a candidatura do Marechal, porém, lembrando das complexas circunstâncias do acontecido por ocasião do suicídio de Getúlio Vargas e o importante papel que o marechal Lott desempenhou nos acontecimentos antecedentes e posteriores ao suicídio, é no mínimo razoável firmar que da maneira isolada do contexto político da época, essa veiculação não pode ser computada inserção favorável nem muito menos neutra em relação à candidatura Lott.

Entre as manchetes com viés que consideramos indubitavelmente pró-Jânio nesse período, destacaremos apenas as que antecederam ao pleito e tinham, portanto, a possibilidade de influenciar na criação de uma consciência de voto no leitor/eleitor e na opinião pública como um todo. São elas:

Dia 19/9 – “[...] Torpedeamento do comício de Jânio, cuja vitória no interior do estado é prevista com frente superior a 100 mil votos”.

Dia 22/9 – “O próprio chefe de polícia de Manaus comandou os distúrbios contra Jânio!”

- “Apreendido farto material de propaganda injuriosa ao candidato da oposição”

Dia 23/9 – “Através de O Globo, Carvalho Pinto fala aos brasileiros: Enganam-se os extremistas; nada impedirá a vitória de Jânio! - Certo o governador de São Paulo da vitória de Jânio Quadros - Não tem dúvidas de que a crise econômica será debelada - O fomento agropecuário de São Paulo e a reforma agrária - Elogio à plataforma do candidato oposicionista - O apoio dos comunistas é uma contradição do Marechal Lott - Conclamação ao povo para a revolução pelo voto”

Dia 24/9 – “Jânio promete a dinamização do País, com a valorização do homem no regime da moral - Na homenagem que lhe foi prestada na revista “O Cruzeiro”, o candidato da oposição as linhas mestras do seu governo – Diálogo de admiração recíproca entre o ex-governador paulista e o poeta Manoel Bandeira – D. Elóia tem a certeza da vitória – mensagem do governador Carvalho Pinto

Dia 26/9 – “Juraci tem certeza da vitória de Jânio - Governador da Bahia vem trabalhando decisivamente em favor do candidato oposicionista – Violências contra os janistas no Espírito Santo – Plínio reconhece o prestígio político de Jânio”

Dia 27/9 – “Jânio fará um grande governo – Assegura Carvalho Pinto no Rio”

Dia 28/9 – Editorial: “Na hora do exame de consciência”

“Ao oposto de seu honrado competidor, acaba de renovar em seu último discurso este solene compromisso: “equilibraremos os orçamentos, proscurendo os gastos supérfluos ou adiáveis.

Conteremos a inflação que corrompe os costumes e flagela os humildes em benefício dos poderosos”.

Dia 29/9

– “Jânio vencerá por um milhão de votos ao lado de Milton como Vice-presidente - Conclusão de uma análise dos colégios eleitorais e da evolução da campanha – Ferrari perdeu a chance e “Milton vencerá bem” – A oposição é invencível no Rio; Lacerda será governador – Fala a O Globo o deputado Meneses Cortes.

– “Eduardo Gomes aos cariocas - Por intermédio de O Globo, o Brigadeiro Eduardo Gomes dirige a seguinte mensagem aos eleitores do estado da Guanabara: “Elegendo Jânio, Milton campos e Carlos Lacerda, o povo carioca estará exprimindo sua fé na mudança inadiável dos métodos de política e de governo”

Dia 30/9:

– “Delírio da multidão na apoteose a Jânio, Milton Campos e Lacerda - O grande espetáculo cívico”

– “Consagrada em Niterói a candidatura de Jânio - O povo fluminense tributa ao candidato opositor uma das maiores recepções de todos os tempos a um homem público – Milton Campos diz que nunca houve eleição com resultados tão antecipados – Impressionante peroração do Sr. Jânio Quadros

– “Juracy certo da vitória de Jânio”

Dia 1/9:

– “Consagrador encerramento da campanha de Jânio e Milton”

– “Jânio ao povo” – “Encerrada a sua campanha eleitoral, o Sr. Jânio Quadros dirige cálida mensagem de confiança e certeza na vitória ao povo carioca por intermédio de O Globo. A mensagem resume todo um programa e dá assim as razões do resultado que todos esperam: a eleição de Jânio Milton e Lacerda.

‘Por intermédio de O Globo, do grande Roberto Marinho, meus respeitos e minha saudação ao povo carioca e brasileiro em todas as suas camadas sociais, a minha confiança na vitória esmagadora que nos aguarda a 3 de outubro, a bem da integração nacional, do progresso material, cultural e moral, da pátria comum, da segurança, da justiça social e da felicidade de seus filhos. Guanabara 3/9/60”

Na presente pesquisa foi possível identificar duas inserções que refletiram a visão liberal da economia por parte de Roberto Marinho, sendo que as duas se deram dentro do contexto jornalístico dos editoriais.

No editorial do dia 15, Roberto Marinho expressa essa sua maneira liberal de idealizar a política econômica do Brasil da seguinte forma:

“Também a profissão de fé na livre-empresa tranquilizará as classes produtoras, até aqui sujeitas aos assaltos do socialismo de bolso do Sr. Goulart e seus companheiros.

[...]

Aliás, a tese da nacionalização das indústrias e serviços está francamente em pleno declínio”.

Já no editorial do dia 28 do mesmo mês, depois de ter criticado o caráter nacionalista do processo de industrialização brasileira no editorial acima citado, Roberto Marinho demonstra seu descontentamento com a ênfase quase que exclusiva dada ao desenvolvimento econômico via industrialização sistêmica e acelerada, característica dos governos Vargas e JK e sustenta: “[...] o progresso de uma nação não se mede pelo número de suas fábricas ou de seus palácios, senão pelo valor de sua moeda, pela seriedade de suas leis, de meios, pelos saldos de seu balanço de comércio, pelo equilíbrio de suas contas, pelo rigoroso atendimento às suas fontes de produção, pelo número de suas escolas, pela saúde do povo. Acima de tudo pelo bem-estar da pessoa humana”.

Nota-se que nesse período, em comparação ao relativo à eleição de 1955, diminuiu a quantidade de editoriais destinados a deixar explícito o voto de O Globo/Roberto Marinho em Jânio Quadros e para expor as razões que deveriam levar os eleitores a seguir essa opção eleitoral. O Globo apenas o fez de forma direta no editorial do dia 21 de setembro de 1960, que foi intitulado “O que o povo está esperando” e no qual, além de elencar argumentos para que o leitor votasse em Jânio, O Globo confirma sua opção por Jânio e faz também apelos, como: “Não se iluda ninguém, O Sr. Jânio Quadros lá vem vindo aí e cumprirá um por um os itens de suas diretrizes. Sozinho não conseguirá fazê-lo. Precisa do povo. Para colaborar, não para submetê-lo a sua vontade ou escorchar-lo dos tributos. Mas o povo ajudará. Está farto de esperas e decepções”.

Outra diferença marcante e digna de nota do comportamento de O Globo nessa eleição foi uma intensidade muito menor de ataques ao candidato a vice-presidente João Goulart. Não tendo deixado nunca de ser um inimigo a ser vencido, como comprovam as pesquisas até aqui

expostas bem como as que virão à frente, desta feita Roberto Marinho para ter decidido por uma tática de confronto mais sutil e na vitória de Jânio, o que por si talvez já poderia ser considerado um potente golpe contra Jango, pois sua influência no governo cairia ao mínimo, com o cargo quase simbólico de Vice-Presidente. A prova dessa mudança de tática é que em meio a todas as manchetes e editoriais acerca das eleições, O Globo só fez as seguintes duas referências diretas – e obviamente muito críticas e negativas – a Jango:

Dia 27/9 – Editorial: “Com o dinheiro dos bancários” – “O acontecimento comprova o que O Globo tantas vezes tem posto em destaque. Isto é, que a poderosa máquina da Previdência Social é um instrumento das ambições do Sr. João Goulart e seu cortejo de pelegos multicores. Indicando os nomes dos dirigentes dos institutos e autarquias, impondo seus caprichos dentro da pasta do Trabalho, sujeitando-a a petebismo, o Sr. Goulart é um político privilegiado. Tem às suas ordens uma máquina considerável de funcionários obedientes à sua vontade e dispõe de empregos e dinheiro a rodo para conquistar adeptos e votos”.

Dia 28/9 – “Milton Campos é quem pode derrotar Jango”

Em entrevista a O Globo, Carlos Lacerda conclama o povo carioca a votar em massa no candidato udenista a Vice-Presidência da República - Lembrando uma frase de Jânio Quadros: “Um udenista assim como Milton Campos” – A revolta das massas trabalhadoras – Um conselheiro, e não um concorrente para Jânio”.

### **A renúncia de Jânio Quadros**

O período de pesquisa relativo ao intervalo de 29 dias de edições de O Globo por ocasião da renúncia do Presidente Jânio Quadros demonstra, como não poderia deixar de ser, um panorama de posição política diferente do padrão apresentado nas épocas de eleição presidencial. Em vez de encontrarmos notícias e inserções em editoriais apresentando um conteúdo e expressão de preferência explícita por um do candidato da UDN liberal, como nos casos de 1945, 1950, 1955 e 1960, temos aqui edições diárias de um jornal que cobre uma situação de crise política, o que nos leva a uma análise mais correlata com o período relativo à deposição de Vargas em 1945 e a relativa ao suicídio desse político Presidente da República em 1954.

O período histórico em tela deve ser dividido necessariamente em dois. O primeiro, dos 14 dias anteriores à renúncia de Jânio e o segundo, naturalmente, se refere aos 14 dias que sucederam ao ato do então Presidente da República.

Na primeira parte, o que verificamos é um O Globo e seu proprietário em pleno estado de beligerância com o presidente que ele próprio ajudou a se eleger, como ficou evidenciado na pesquisa anterior e é confirmado na presente pesquisa, mais especificamente na edição do dia 23 de agosto, quando em meio ao editorial, O Globo diz: “Especialmente nós, de o Globo, estamos à vontade pois em plena campanha eleitoral estranhamos e profligamos a viagem do nosso candidato a Cuba (nosso sim, porque por ele nos batemos principalmente nos momentos de maior incerteza ...)”.

Essa crise entre Roberto Marinho, pela páginas de seu jornal e Jânio Quadros se deve à várias ações do Presidente que sinalizaram firmemente para uma aproximação com o mundo comunista, com o reatamento de relações com a URSS e a China, a recepção oficial por Jânio a membros de uma Missão Especial da URSS e mais que nada, a condecoração com a Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul, maior comenda brasileira, ao líder comunista, membro ativo do governo comunista cubano e ativista pela revolução comunista internacionalista, Che Guevara. É interessante lembrar que além dessas ações serem mal recebidas por uma parcela ampla da sociedade civil e pelos militares, o combate permanente, incisivo e muitas vezes virulento contra o comunismo e os comunistas esteve presente em todos os períodos aqui analisados, o que mostra que esse era um combate de toda a vida de Roberto Marinho.

Provando mais uma vez o que Bial (2004) nos informa sobre a adoração à política e que por isso se inseria bastante e efetivamente na prática política brasileira, O Globo dos dias que precederam a renúncia de Jânio produziu manchetes e veiculou em editoriais toda e muita insatisfação com os rumos do governo de seu candidato de cerca de um ano passado. Porém, é necessário ressaltar que apesar de esta ser uma contrariedade de forte proporção, não se encontra nessas edições quaisquer sinais de discordâncias de Roberto Marinho em relação a outras áreas de atuação da administração central do país. A ressalva dando conta de que a política externa era a única área de conflito do governo com seus apoiadores na eleição recente e com as forças políticas e militares até então, fica explícita no editorial do dia 26, no qual Roberto Marinho expressa sua incredulidade com o gesto do então Presidente: “Tudo se poderia esperar nesses tempos incertos, menos que o Chefe da Nação, elevado ao poder por imensa maioria de votos, viesse a resignar o cargo quando praticamente nenhuma oposição organizada contra ele existe dentro e fora do Congresso. Menos ainda no seio das Forças Armadas, voltadas exclusivamente para as suas atividades profissionais. Tudo quanto agitava o ambiente nacional, neste momento, era a conveniência ou inconveniência de alguns atos da nossa política externa,

pelos quais o governo parecia descaracterizar os nossos antecedentes, em face do conflito ideológico entre as democracias ocidentais e o comunismo internacional, quando sempre fomos, somos e queremos ser vinculados à comunidade interamericana e à resistência ao avassalamento do materialismo dialético. Mas aquela profunda divergência jamais afetara o respeito a autoridade presidencial nem abalara a confiança na força da legalidade, por todos desejada como um escudo contra a desordem”.

Com a intempestiva e obviamente surpreendente renúncia de Jânio Quadros, o quadro político muda em 180 graus. Vem à tona com todo o potencial explosivo o se poderia chamar de “problema João Goulart”, cujos conflitos junto ao mundo político, militar e especificamente junto ao O Globo, na pessoa de seu proprietário editor-redator-chefe Roberto Marinho, se apresentavam em tons e ações pesadas desde sua participação no Governo Getúlio Vargas como Ministro do Trabalho em 1953.

O problema que precisava de uma providência imediata por parte de todos os segmentos da sociedade brasileira, meros adversários políticos ou inimigos figadais do líder trabalhista, passava a ser um só: como impedir que Jango assumisse o poder de fato do Brasil. Essa era uma possibilidade absolutamente impensável e inaceitável para essas forças, então hegemônicas no universo do exercício do poder no país. E O Globo passa, a partir da sua edição do dia posterior à renúncia presidencial a, primeiramente, repercutir as muitas manifestações dando voz ao veto quanto a uma presidência executiva de Jango e posteriormente, noticiando os movimentos políticos no âmbito parlamentar no sentido de se encontrar uma solução dentro da legalidade constitucional para que, em se respeitando a ordem constitucional e efetivando a posse de Jango na presidência, este não dispusesse de força para governar efetivamente a nação.

Juntamente com o tratamento que deu ao problema Jango no âmbito da política no universo civil, O Globo precisou também reverberar e veicular apelos à manutenção da ordem, palavras de tranquilidade à nação e repercutir as movimentações dos militares mais graduados, que àquela altura se encarregaram de controlar a situação a sua feição e gosto, ou seja, engrossando as vozes que não aceitavam a posse de um Presidente João Goulart com força executiva e esperando por uma saída política satisfatória exarada pelo Congresso Nacional.

Para exemplificar o tratamento dado em O Globo às atitudes surpreendentes e desprezíveis de Jânio, podemos apresentar as manchetes e análises em editorias desse período:



Dia 12/8 – EDITORIAL: “Sob patrocínio do grande inimigo”

[...]

Tudo isso vai criando um clima de simpatia, solidariedade e “attachment”, que, no futuro, poderá vincular à Rússia numerosas parcelas da população brasileira [...]”.

Dia 17 – “Mensagem de Jânio ao Secretário Geral do Presidium da URSS”.

Dia 18

– “Nem rompimento com Jânio nem mudança de secretários – O governador Carlos Lacerda, em entrevista à imprensa, fala de assuntos nacionais e internacionais: A URSS não está tomando conta do mundo; por que não há protesto oficial em face das violências contra a autodeterminação do povo alemão?”

– “Guevara descortês com o governo brasileiro – Foi inesperadamente à Argentina e não chegou a Brasília na hora marcada, sem haver dado qualquer explicação as nossas autoridades, que o esperaram inutilmente no aeroporto”

– Editorial: “Grã-Cruz para um agitador internacional”

“Tudo tem um limite, até a capacidade que alguns creem inesgotável de o povo brasileiro aguentar provocações a seus sentimentos e seus ideais.

Atingiu esse limite a outorga ao Sr. Ernesto Guevara, vulgo “che”, ex-cidadão argentino, que renegou sua pátria para servir à causa do bolchevismo no fronte avançado de Cuba, da Ordem nacional do Cruzeiro do Sul”.

[...]

Depois de conferir as mesmas insígnias outorgada à abstrusa missão soviética assim chamada de Boa-Vontade, depois de agraciar Yuri Gagarin com a Comenda do Mérito Aeronáutico, o governo se excede e condecora o mais ativo agente da subversão do nosso continente.

Assim já é demais, o “Cruzeiro do Sul” representa, ao mesmo tempo, uma demonstração do apreço nacional e uma prova de nossa fé nos ideais formados à sombra do cristianismo. Colocar no peito do falso cubano e autêntico comunista o emblema da cruz de Cristo é um acinte que não expressa a vontade da nação e desmoraliza completamente a mais antiga e respeitável ordem brasileira”.

Dia 21/8

– “O que fez ‘che’ Guevara para merecer a ordem do Cruzeiro do Sul? – Novas manifestações do povo contra a distinção ao Ministro cubano”

– “Ainda tensa a crise causada pela política exterior do governo – O Governador Carlos Lacerda disse a o Globo que a tensão diminuiu, mas que a crise perdura – “O Sr. Jânio Quadros seguiu para Brasília – O governador carioca decidiu permanecer no Rio”

– “A chegada Presidente na capital da República”

Dia 22/8 – “Ainda não superada a crise – Tem-se como certa a alteração do modo como o governo realiza a sua política exterior – A repercussão em todo o País”

Dia 23/8 – EDITORIAL: “A hora de falar claramente” – “Não adiantaria, sob nenhum ponto de vista, tenta diminuir nesta altura a extensão e gravidade da crise política sobrevinda em consequência da aparente tendência esquerdizante em nossa política externa; como resultado das últimas atitudes assumidas pelo presidente Jânio Quadros.

[...]

Especialmente nós, de o Globo, estamos à vontade pois em plena campanha eleitoral estranhamos e profligamos a viagem do nosso candidato a Cuba (nosso sim, porque por ele nos batemos principalmente nos momentos de maior incerteza ...).”

Já na segunda parte das manifestações políticas de O Globo no macroperíodo da renúncia de Jânio Quadros, cujo viés muda completamente, como afirmado acima, as manchetes e editoriais se apresentaram concentradas na solução do “problema Jango” por parte dos políticos dentro do Congresso Nacional pari passo com comentários prenhes de preocupação com a manutenção sempre positiva da imagem das Forças Armadas junto à população brasileira.

Digno de nota aqui é uma constatação paradigmática sobre o que se poderia chamar de mudança na linha editorial imposta por Roberto Marinho nesse período pesquisado. Notamos que falta no transcorrer dos 29 dias analisados um alinhamento automático, total e integral deste com as ações e percepções políticas das Forças Armadas e uma eventual, mesmo mínima e passageira manifestação legalista discordante da ação das Forças Armadas nesse episódio histórico nunca vista até aqui. Talvez já esteja presente nesse comportamento uma aproximação, por menor que seja, com a tendência do jornalismo mundial na direção da objetividade e isenção. Acreditamos que esta hipótese é plausível se levarmos em consideração que desta feita Roberto Marinho não veiculou uma manchete ou editorial sequer de natureza crítica a Jango durante todo o período pesquisado pós renúncia de Jânio e tampouco fez coro com as vozes poderosas que impuseram um veto à posse do sucessor legal de Jânio, sob o regime presidencialista.

No editorial do dia 30 de agosto intitulado “Crime contra o Brasil” encontramos a única manifestação de O Globo contendo uma ressalva em relação a atitudes das Forças Armadas do

Brasil em todos os períodos pesquisados. Nela Roberto Marinho transmite à população brasileira uma crítica dissimulada, mas óbvia, além de um alerta explícito:

“Agora novamente as forças armadas intervêm na ordem constitucional. Desta vez a sua bandeira é de evitar que assuma o poder um presidente comprometido com ideologias contrárias à índole e aos interesses do povo brasileiro.

[...]

Mesmo os maiores adversários do Sr. João Goulart lamentam a provação a que está sendo submetida a instituição republicana.

[...]

É necessário urgentemente encontrar uma fórmula que sirva como denominador comum permitindo que se harmonizem os pontos de vista de modo a preservar o sistema representativo e também que as Forças Armadas saiam desse episódio sem desprestígio”.

Não nos sendo possível saber hoje qual foi a repercussão imediata e direta desse movimento junto aos militares, constatamos apenas que após esse editorial, Roberto Marinho volta ao seu discurso rotineiro de apoio incondicional às Forças Armadas e de preocupação com a manutenção de sua imaculada imagem junto à nação. Prova disso são as várias manchetes dedicados a esse fim:

Dia 28/9 – “Séria advertência do Ministro da Guerra à nação - Estamos na encruzilhada: democracia ou comunismo - O Marechal Odílio Denys disse hoje as seguintes palavras à UPI: ‘Chegou a hora de escolher entre democracia e comunismo, no Brasil. Nada tenho contra a pessoa do Sr. João Goulart, mas apenas contra a forma de governo que ele representa.’”

Dia 30/8 – “As forças armadas apelam para o povo”

Dia 1/9:

– O Brasil não se pode transformar em campo de batalha sangrenta entre duas ideologias  
Todos os esforços para evitar a destruição de tudo quanto nos é mais caro - As declarações do Sr. Cid Sampaio a O Globo, após a reunião dos Ministros militares com os governadores, na qual ficou acertado um entendimento entre estes e os congressistas, para o encontro de uma formula capaz de solucionar em definitivo a crise política - Presentes à reunião o general Cordeiro de Farias, o Ministro Clemente Mariani e o chefe de gabinete do ministério da Guerra  
– MINI-EDITORIAL: “Esclarecimento patriótico” – Disse o Sr. Carvalho Pinto que interrogara o ex-presidente sobre o assunto e ouvira em resposta em termos categóricos, que a ação das

forças armadas fora sempre comovente e exemplar na preservação da autoridade do presidente da República e na sustentação do seu governo”.

Dia 2 – “Exército, Marinha e Aeronáutica coesos contra a agitação subversiva - Em nota oficial, o Ministério da Guerra destaca que apenas o II exército permanece em rebeldia”

Dia 4/9:

– Os chefes militares concordam com o governo parlamentarista - Oficialmente comunicada a decisão ao Sr. Ranieri Mazzili – Os líderes políticos comprometem-se a prestigiar as Forças Armadas – Muitos candidatos a Primeiro-Ministro

– Transferida a posse do Sr. João Goulart – [...] Manifesto dos Ministros militares acatando a decisão do Congresso

Dia 7/9 – Surge a pacificação nas Forças Armadas – Radiogramas trocados entre os comandantes do III e I exércitos

Dia 8/9 – Cinquenta oficiais-generais receberam o Marechal Denys – Regressou ontem à noite o Ministro da Guerra

Embora tenhamos identificado esse momento único de discordância entre o proprietário de O Globo e as Forças Armadas e seu movimento de volta à identificação e apoio automático às Forças Armadas, é necessário ressaltar que isso não impediu que dessa feita Roberto Marinho tenha privilegiado verdadeiramente o caminho da legalidade institucional. Por isso encontramos as seguintes inserções dando conta dos esforços para a criação de uma saída legal e constitucional para o impasse que cercava a posse de João Goulart na presidência da República:

Dia 26/8 – “Em expectativa a nação sobre a posse de Jango - Governo de união nacional promete Ranieri Mazzili – Simples, a cerimônia em que o novo presidente assumiu o cargo, no Palácio do Planalto – Ficaré no posto com humildade, mas com a firme disposição de manter o regime constitucional – o gabinete

– “A legalidade do regime, mesmo com João Goulart”

Dia 30/8:

– “A comissão mista de 16 membros sugere a adoção do parlamentarismo - Aprovado o parecer Oliveira Brito, apenas contra o voto do Sr. Barbosa Lima Sobrinho – Reunido o Congresso para debater as sugestões da comissão”

– “João Goulart na presidência”

– “Primeiro Ministro escolhido pelo Congresso governará até 31 de janeiro de 1963”

Dia 1/9:

– “João Goulart aceita o parlamentarismo - Presidente do PTB comunicou sua decisão ao senador Moura Andrade – A emenda deverá chegar ao senado nas próximas horas – O Vice-Presidente do Sr. Jânio Quadros pediu apenas que o plebiscito não seja realizado no final de seu governo – Resistente o Sr. Almino Afonso”

– “João Goulart nomeará o presidente do conselho”

– Aprovada pela Câmara, esta madrugada, por 234 votos a 59 votos, nova emenda que alterou fundamentalmente estabelecido a respeito do parlamentarismo – As alterações deram motivo a protestos e desinteligências

1/9 – “Jango em Porto Alegre saudado como Presidente”

5 – EDITORIAL: “Uma garantia” – “Vivemos uma hora em que não é possível estar arriscando o futuro da Pátria em arriscadas experiências e improvisações.

De qualquer maneira o parlamentarismo é um fato. A emenda foi aprovada e promulgada e não adianta especular os seus deméritos. Foi a única solução encontrada para o País e o que importa, agora, é que o regime parlamentar contribua, também, para resolver os outros problemas que tornam tão grave a atual conjuntura”.

Dia 6/9 – “Toda a nação à espera do nome do nome do Primeiro-Ministro”

Dia 7/9 – “UDN e PSD unidos para dar base parlamentar para o primeiro gabinete - Firmado acordo entre os dois maiores partidos com a possibilidade de adesão do PSP, PDC, e de outros partidos menores – Fora do bloco o PTB e o PSB, em face da posição antiparlamentarista”

Dia 8/9:

– “Pede João Goulart o referendo popular para o parlamentarismo

No discurso de compromisso, o novo Presidente da República entende que a sua investidura, “embora sob a égide de um novo sistema”, consagra respeitoso acatamento da ordem constitucional - a única luta interna que deve ser travada é a da nossa emancipação econômica, contra o pauperismo e o subdesenvolvimento”

– “Tancredo Neves anuncia governo de austeridade - Em declaração aos presidentes de partidos, o Primeiro-Ministro promete uma política de fortalecimento da moeda e de combate ao empreguismo e aos desmandos administrativos”

– O êxito ou insucesso do parlamentarismo dependerá dos bons ou maus políticos - Falam a O Globo, historiadores e estudiosos do parlamentarismo

Dia 9/9:

– “Empossados o Presidente e o Conselho de Ministros - Aprovado o gabinete chefiado pelo Primeiro-Ministro Tancredo Neves – O Congresso deu posse ao Presidente João Goulart e ao Conselho em cerimônia realizada ontem à noite – Expressiva votação consagrou a aceitação do primeiro governo parlamentarista da República”

Nas edições dos dias finais desse período, pode-se ter uma noção mais explícita de como Roberto Marinho vislumbrava a nova etapa da política nacional inaugurada com a implantação do regime parlamentarista no editorial e na manchete a seguir. No editorial, expressa a ideia de que essa seria uma experiência válida e que, de todo jeito, caso fracassasse, poder-se-ia efetivar uma volta ao presidencialismo numa data em que João Goulart já estaria em fim de mandato. Já na manchete reproduzida a seguir, ele se mostra disposto a mudar um pouco a forma com que tratava até então seu inimigo Jango, uma vez que como presidente sem poderes executivos, o futuro Presidente já poderia receber dele, através de O Globo, um tratamento mais moderado e, de certa forma, até condescendente.

Dia 9/9 – EDITORIAL: “A bandeira da paz” – “O plebiscito já está previsto na emenda constitucional mas para nove meses antes do término do mandato do atual Presidente da República. Contenham-se, portanto, os agitadores e deixem a nação sossegar provando em paz o regime parlamentarista, a este não se deve desmoralizar nem dificultar, se ele fracassa, prejudicado será o País. Se não der certo voltaremos em 1965 ao presidencialismo”.

Dia 11 – “Apagar ressentimentos e divergências diante do dever para a Pátria

Como falou o Sr. João Goulart, na cerimônia de transmissão de cargo de presidente da República – Grande empenho em pacificar a família brasileira – Acatamento a decisão do Congresso”.

### **O golpe civil-militar de 1964**

Ao tratarmos do último dos períodos históricos escolhidos como representativos e indicativos do comportamento político identificado nas edições diárias do jornal O Globo em situações de grande tensão e decisivas para o destino político do Brasil, veremos que a deposição do Presidente João Goulart no contexto de um golpe civil-militar no dia 1 de abril de 1964 representa não só o réquiem da longa luta política entre Roberto Marinho e o político gaúcho, desde que Jango era um aliado privilegiado de Getúlio Vargas no início da década de 1950 até

a oportunidade de tal golpe de Estado, mas também como o início de um período em que a imprensa brasileira em geral e os jornais em particular – O Globo inclusive –, são obrigados a se adaptar a montarem suas coberturas políticas sob o fardo da autocensura e da censura propriamente dita exercida pelas autoridades ditatoriais.

Quanto aos resultados dessa pesquisa em si, pode-se dizer que em se tratando de mais uma ocasião em que existe um corte dramático na ordem natural da história, nesse caso com o evento do golpe de 1 de abril, temos um panorama em que O Globo faz um ataque frontal, sistemático e enfático ao Presidente Jango e seu governo, através da veiculação de inúmeras, frequentes e constantes manchetes e inserções em editoriais com indiscutível viés negativo para Jango nos 14 dias que antecedem a sua derrubada do poder e depois, nos 14 dias que sucedem o evento, encontramos um O Globo dedicado a justificar a ação das Forças Armadas, a convencer a sociedade com riqueza de argumentos de que era imperativa essa operação de “salvamento da pátria sob perigo de transformação em nação comunista”, e a ajudar a viabilizar o caminho para o futuro político de curto prazo do país através da constituição de um novo governo para o país.

Para ilustrar o panorama sobre a primeira fase do período de 29 dias pesquisados, escolhemos manchetes e inserções dentro de editoriais que melhor representam o espírito de guerra contra João Goulart, da verdadeira campanha na qual O Globo se engajou para criar um ambiente de descrédito total de Jango e para abalar ao máximo a sua imagem diante da população brasileira. Não estão reproduzidas aqui todas as manchetes e editoriais com essa natureza já que o universo delas é enorme, constituindo praticamente todo o noticiário político de O Globo nesse período. Todas as referências a João Goulart e seu governo nesse conjunto de dias pesquisado tinham viés negativo. Eis os exemplos mais significativos desse período:

17/3:

– O CGT faz ultimato ao Congresso

Ameaçou tomar “medidas concretas” se o legislativo não atender ao pedido de reforma da Constituição dentro de 30 dias

Paridos acertam plano para defender o Congresso contra pressões do executivo - Meneghetti solidário com Congresso Nacional

– “Goulart acusado de traição à Pátria pelo pe. Calazans

O sacerdote-senador falando na segunda reunião organizadora da Marcha da Família, com Deus pela Liberdade, que acabou em comício pela defesa da Constituição e dos princípios

democráticos declarou: “esse homem nunca deveria ter tomado posse e devemos exigir que ele renuncie, porque é um traidor à Pátria”. Apelo da mulher paulista à rede democrática, através de nosso companheiro Rogério Marinho e de João Calmon”

Dia 18/3:

- Mais de 50 mil pessoas na “Marcha da Família”
- EDITORIAL: “Se não, não!” – “Ainda se poderá falar em legalidade neste País?”

Dia 19/3:

- “Delegações de 8 estados vão hoje a São Paulo, para a “Marcha pela Liberdade”
- “Sobral Pinto propõe a criação de Núcleos de Resistência Legal”

Dia 20/3:

- “São Paulo de pé em defesa da democracia

São Paulo parou para acompanhar a grandiosa “Marcha da Família”, que teve a participação de delegações de todo o interior do estado e de Minas, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Brasília, Goiás, Paraná, Rio de Janeiro, Alagoas, Santa Catarina, Bahia e Guanabara. Tão grande era a multidão que não coube na praça da Sé, onde houve a concentração oficial, com discursos e orações, espalhando-se pelas ruas das vizinhanças. Em todos os discursos ficou patenteada a disposição do povo brasileiro de defender sua liberdade e sua fé religiosa. Estiveram presentes políticos, militares e religiosos de todos os credos. [...].

- EDITORIAL: “A palavra de ordem dos patriotas”

Depois da fabulosa concentração popular de ontem em São Paulo – realizada sem o auxílio financeiro da Petrobras e de outros organismos políticos ou estatais, mas com o entusiasmo e o patriotismo da gente paulista -, vão pensar duas vezes aqueles que reclamam plebiscitos para auscultar o povo brasileiro sobre os problemas atuais.

[...]

Sirva o acontecimento aos que pensam em desviar o Brasil de seu caminho normal, apresentando-lhe soluções contrárias ao ideal democrático e ensejando a tomada do poder pelos comunistas, que o povo brasileiro jamais concordará em perder a liberdade nem assistirá de braços cruzados ao sacrifício de suas instituições.

Temos dito e repetido: só dentro das normas constitucionais encontrará o País saída para a crise. Fora da Constituição será o caos e a guerra civil.

Dia 21/3:

- “Brizola admite que Goulart pode não terminar mandato



A saída do Presidente aconteceria em face do que o deputado classifica como desfecho que se aproxima. Numa entrevista em Brasília, perante a convenção nacional do PTB, que começou inesperadamente, o Sr. Brizola afirmou que a época mais propícia para o desfecho será de julho a novembro e que o Sr. João Goulart poderá, entretanto, evita-lo ou conduzi-lo, par impedir o imprevisível”.

– “Ordem de João Goulart: maior aproximação Brasil-URSS”

– “Enterro do comunismo

Com um caixão, simbolizando o enterro do comunismo, cartazes de repúdio a bolchevização do País e com a exclamação a toda hora repetida: ‘Comunismo, não; Brasil, sim!’, um grupo de democratas realizou ontem à noite, a Passeata da Liberdade, saindo da Praça General Osório, em Ipanema, encerrando-a em um comício na Praça Serzedelo Correa em Copacabana”.

– “A mulher pernambucana contra o comunismo e pela democracia”

– “Em estudo a encampação das distribuidoras de petróleo”

Dia 24/3:

– “A mulher carioca prepara “Marcha da Família”: no dia 2, da Candelária à Esplanada”

– EDITORIAL: “A hora da liberdade”

“O momento é oportuno, como jamais o foi durante toda a nossa História, para refletirmos, nós também, sobre a liberdade que também estamos ameaçados de perder. O momento é oportuno porque o que está em jogo desta vez não é a liberdade alheia, distante, mas é a nossa própria liberdade, ameaçada dentro das nossas próprias fronteiras, das nossas próprias casas, e em cada um de nós. Se a soubermos defender, o País estará salvo e nós com ele. Sem não a soubermos defender, tudo estará perdido para todos”

Dia 25/3:

– “A ‘Marcha da Família’ empolga a todos os setores da população”

– “Pedradas na democracia

Aqueles que não gostam do regime democrático, não gostam que problemas do povo sejam resolvidos por métodos democráticos. Isso lhes tira um pouco o combustível com que eles alimentam a agitação social”.

– EDITORIAL: “O perigo das soluções primárias”

Se o Governo está perdendo a cabeça, porque a opinião democrática do País se arregimenta para derrotar a agitação e as tentativas de estatizar, a força, esta Nação livre, arrisca-se a criar uma situação em que será o maior prejudicado, infelizmente, tudo indica que o que acontece no momento.

[...]

[...] Lembre-se S. Ex. que só está no governo graças ao espírito legalista das Forças Armadas e do povo. Se passar à ilegalidade, perderá as condições para continuar chefiando o Governo.

O plebiscito, por exemplo, que atualmente empolga a imaginação de seu cunhado - famoso pela maneira rápida com que adere `para soluções primárias -, é um caminho ilegal. O plebiscito já seria o golpe.

Dia 26/3:

– “Vibrou o povo de Santos durante a ‘Marcha da Família”

– “Mensagem aos militares jovens

Como O Globo não circulará amanhã, publicamos hoje, na sétima página, o artigo da série ‘Mensagem aos Militares Jovens’ da autoria do General Augusto Cesar Muniz de Aragão, normalmente publicado às sextas-feiras”.

– EDITORIAL: “Animadora constatação”

[...]

Censurou o Almirante Silvio Mota aqueles militares que têm os olhos mais voltados para a política do que para os seus afazeres profissionais reconheceu que a estrutura militar da Marinha, e com ela a sua hierarquia, vem sendo abalada em seus alicerces, por pressões estranhas a seus quadros e pelo clima de insatisfação que foi criado.

Dia 30/3:

– “Firme a oficialidade da Marinha: punição para os rebeldes e afastamento de Aragão

Os oficiais das Armada levaram a sua exigência ao Ministro Paulo Mário como condição básica para um entendimento. Asseguram que a hierarquia foi quebrada e não há condições de manter a disciplina nem em terra nem a bordo”.

– “Bandeira a meio-pau – Na sede do Clube Naval a bandeira foi hasteada a meio-pau”

– “Aumentam as adesões à Marcha da Família com Deus pela Liberdade

É crescente no Rio o movimento de colaboradores em ação para completo êxito da manifestação, a ser promovida no próximo dia 2, em defesa das instituições democráticas e das tradições cristãs do povo brasileiro. E, dos estados, chegam notícias de que numerosas delegações virão participar da passeata”.

Dia 31/3 (véspera do golpe):

“Reage o Congresso a comunização do Brasil

A crise da Marinha teve efeito de provocar, além da reação da oficialidade, apoio maciço do Exército e da Aeronáutica, através do Clube Militar e de outras entidades de classe. É de alertar

o Congresso, que agora reage à comunização do País. Seu presidente e do Senado, Sr. Auro de Moura Andrade, assim como o da Câmara falaram a O Globo. Por outro lado, oradores da Câmara e do Senado manifestaram-se da tribuna verberar a instigação à desordem”.

– “Goulart aos sargentos: continuemos a defender, até com a própria vida, as nossas instituições cristãs

No discurso que pronunciou, na noite de ontem, durante as homenagens que lhe foram prestadas pela Associação dos Sargentos e Subtenentes da Polícia Militar, no Automóvel Clube do Brasil, disse o Presidente da República: ‘A minha palavra, o meu apelo, é para que os sargentos e todos os brasileiros continuem cada vez mais unidos, cada vez mais disciplinados, naquela disciplina consciente, fundada no respeito recíproco, comandantes e comandados”

– “Criou-se um soviete na Marinha de Guerra

O líder do PSD em declaração ao O Globo, adverte o País contra a subversão das instituições”

– “A ‘marcha da Família’ já conta com o apoio de 28 organizações”

– “Oficiais da Marinha e Exército perfeitamente identificados na defesa da lei e da disciplina  
Desse ontem estão unidos em assembleia permanente, o Clube naval e o Clube Militar, e em troca de mensagens, o presidente de um e o presidente de outro assinalam a necessidade de manter a hierarquia das Forças Armadas. Durante todo o dia os oficiais da Marinha receberam manifestações de solidariedade. Enquanto isso, o Presidente da República é homenageado por sargentos no Automóvel Clube. Em Belo Horizonte, o Governador Magalhães Pinto, depois de um encontro com o governador Nei Braga, divulgou um manifesto de solidariedade à Marinha, que teve aplauso unânime da Assembleia Legislativa mineira. E no Rio, circularam rumores de que o Almirante Aragão teria sido substituído, no comando do Corpo de Fuzileiros Navais pelo Almirante Washington Frazão, mas as autoridades da Marinha não os confirmaram nem desmentiram. A crise repercute na Câmara, no Senado e na Assembleia da Guanabara”

– “A influência comunista no Brasil preocupa Washington”

– “Doutel desmente intenção de golpe, Mazilli desaparece e a crise domina Brasília. Ao término de um dia inteiro de notícias desencontradas, que levaram quase o pânico aos meios políticos da capital, o líder do PTB divulgou nota na qual afirma que o Presidente da República jamais se afastou dos limites da lei e da Constituição, e que as versões sobre o regime comunizante partem de um plano de agitação. Mazilli partiu para São Paulo”

– EDITORIAL: “Nação unida às forças armadas”

“Em meio a luta que vem travando, na defesa da defesa de suas corporações - ameaçadas pelos golpes assestados contra a hierarquia, a autoridade e a disciplina, os oficiais brasileiros devem

sentir, ao menos, confortados pela solidariedade de todos os setores da vida nacional, com a só exceção daqueles vinculados ao partido comunista e ao processo de destruição do regime.

O povo percebe, sem ser preciso explicar-lhe, que ao enfraquecimento e posterior liquidação das Forças Armadas, desaparecerá o grande obstáculo à marcha da subversão comunista. Para o êxito do processo desencadeado pelos vermelhos e indispensável a supressão do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. Por isso se unam todos os brasileiros democratas, sem distinções partidárias, na esperança de que os fatos que tiveram lugar na Marinha de Guerra não assinalem o início do fim, mas pela indignada e justificada reação que provocaram, signifiquem o fim de um estado de coisas que só nos levam e só podem levar à anarquia e a guerra civil.

[...]

O País está, realmente, tendo o mais difícil momento de sua História. Não há dúvida de que atingimos a encruzilhada de nossos destinos. Agora se decidirá [...] ou se, ao contrário, uma ditadura esquerdista se apossará do País, graças, principalmente ao enfraquecimento e desaparecimento das Forças Armadas. A nação democrática, que sempre viu nas Forças Armadas a segurança de que não seriam vitoriosos no Brasil os elementos subversivos que insistem em conduzi-lo contra a sua vocação histórica e suas tradições, recusa-se a admitir a segunda hipótese, e se manifesta em apoio a Marinha de Guerra, vítima, no momento, do mais grave erro cometido pelo Governo. O assunto não é político-partidário. Não se discute, agora, como devem ser feitas as reformas. Não estão em jogos pontos de vistas divergentes respeito deste ou daquele problema isolado. O que une a todos os democratas, nesta hora, é a convicção de que com o desaparecimento das Forças Armadas significaria a morte do nosso regime político, que já não teria mais quem o defendesse. E como a crise que estourou na Marinha durante a Semana Santa, deixa ver a quantas anda as instituições militares ameaçados em sua integridade, mobilizam-se todos os brasileiros lúcidos e patriotas para impedir que o processo de destruição daquelas corporações seja levado adiante. Todos têm a certeza que o Brasil não poderá mais suportar que à sombra das liberdades e garantias constitucionais os comunistas e seus auxiliares trafeguem comodamente, preparando o asfixiamento daquelas liberdades e a derrubada da Constituição”.

Nos excertos acima apresentados podemos apontar como eixo central de ataque o que se apresentava para Roberto Marinho como o processo de “comunização” do Brasil, no qual se inclui com relevo a acusação de que os comunistas já estavam de fato no comando do governo brasileiro e a denúncia de que estava sendo colocado em prática um plano que visava acabar com as Forças Armadas brasileiras, destruindo assim qualquer possibilidade da sociedade

brasileira ter um mecanismo capaz de impedir a comunização do Brasil, sendo a rebelião dos marinheiros e fuzileiros e a consequente quebra do princípio da hierarquia e da disciplina o grande primeiro e grande movimento nesse sentido.

Entre manchetes e inserções dentro de editoriais enfatizando o caráter comunizante do governo Jango como “Ordem de João Goulart: maior aproximação Brasil-URSS” e “Em estudo a encampação das distribuidoras de petróleo” (dia 21); “Reage o Congresso a comunização do Brasil”, “Criou-se um soviete na Marinha de Guerra” e “A influência comunista no Brasil preocupa Washington” (dia 31/3) e muitas notícias reportando o clima de instabilidade política e militar causadas por João Goulart, podemos observar três conjuntos de temas principais e mais recorrentes: o processo de “comunização” do Brasil no qual se inclui com relevo a acusação de que os comunistas já estavam de fato no comando do governo brasileiro e a denúncia de que estava sendo colocado em prática um plano que visava acabar com as Forças Armadas brasileiras, destruindo assim qualquer possibilidade da sociedade brasileira ter um mecanismo capaz de impedir a comunização do Brasil, sendo a rebelião dos marinheiros e fuzileiros e a consequente quebra do princípio da hierarquia e da disciplina o grande primeiro e grande movimento nesse sentido.

Dentro desse quadro de manchetes e editoriais que direta ou indiretamente criticavam ou construíam uma imagem muito ruim do Presidente João Goulart podemos destacar as seguintes linhas ou estratégias distintos desse ataque concentrado e agressivo contra o Presidente deposto em 1 de abril.

A primeira dessas estratégias seria o uso de críticas de terceiros, ou seja, O Globo veiculou inúmeros e frequentes comentários depreciativos e críticos contra Jango feitos por pessoas públicas como o sacerdote-senador, pe. Calazans, que na edição do dia 17 de abril acusou Goulart de traidor da Pátria, do advogado Sobral Pinto propondo a criação de Núcleos de Resistência Legal na edição do dia 19 de março e no dia 31, véspera do golpe, a forte proclamação “Criou-se um soviete na Marinha de Guerra” a partir da qual o líder do PSD “adverte o País contra a subversão das instituições”.

Outro estratégia utilizado por Roberto Marinho através de seu jornal dar intensiva e quase diária divulgação e reverberação dos preparativos para as “Marchas com Deus pela Família e a Liberdade”. A forma com que O Globo promoveu essas manifestações populares mostra o que

pode ter sido uma preocupação em deixar a mostra que a resistência e revolta contra as práticas do governo Goulart eram tamanhas que já tinham o poder de levar grandes segmentos do povo a irem as ruas protestar. Com essas manifestações, seria também possível criar um clima de instabilidade e comoção no seio da população brasileira, proporcionando boa chance de desestabilização ainda maior do governo de então. Comprova essa ação propagandística de O Globo a seguinte lista de manchetes: Dia 18, “Mais de 50 mil pessoas na “Marcha da Família””; dia 19, “Delegações de 8 estados vão hoje a São Paulo, para a “Marcha pela Liberdade””; do dia 20, “São Paulo de pé em defesa da democracia - São Paulo parou para acompanhar a grandiosa “Marcha da Família”, que teve a participação de delegações de todo o interior do estado e de Minas, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Brasília, Goiás, Paraná, Rio de Janeiro, Alagoas, Santa Catarina, Bahia e Guanabara”; dia 24, “A mulher carioca prepara ‘Marcha da Família’: dia 2, da Candelária à Esplanada”; dia 25 “A ‘Marcha da Família’ empolga a todos os setores da população”; dia 26, “Vibrou o povo de Santos durante a ‘Marcha da Família””; dia 30, “Aumentam as adesões à Marcha da Família com Deus pela Liberdade - É crescente no Rio o movimento de colaboradores em ação para completo êxito da manifestação, a ser promovida no próximo dia 2, em defesa das instituições democráticas e das tradições cristãs do povo brasileiro.” E na véspera do golpe civil-militar, “A ‘marcha da Família’ já conta com o apoio de 28 organizações”. Ocorrida a derrubada de João Goulart no dia 1 de abril, aconteceu a “Marcha” do Rio de Janeiro e sobre a qual O Globo assim se manifestou na edição do dia 3: “Mais de 800 mil pessoas na ‘Marcha da vitória’ - Impressionante massa humana transformou a marcha da Família com Deus pela Liberdade na maior demonstração democrática jamais vista no Brasil que serviu como demonstração esplêndida do repúdio do povo ao comunismo”.

A linha de ataque mais significativa de Roberto Marinho contra João Goulart nesse período foi a que usou para preparar a opinião pública para o golpe que viria. Já tendo verificado em vários dos outros períodos decisivos da história política brasileira aqui pesquisados que Marinho usava, de acordo com os seus interesses pontuais em cada situação, posturas legalistas ou apelos e defesa da intervenção das Forças Armadas. E aqui, quando além de toda a questão da “comunização” do Brasil, houve também uma movimentação e criação de instabilidade dentro das próprias Forças Armadas, Roberto Marinho optou por apoiar de forma decidida e atuante uma intervenção destas contra a ordem institucional democrática para fazer o país sair da instabilidade política e do risco de se encaminhar para reformas sociais e econômicas por ele rejeitadas, e após a intervenção golpista, seguir caminhos mais satisfatórios para ele.

A tática para legitimar uma ruptura institucional com a derrubada do então Presidente empregada por ele nas páginas de O Globo foi a de abordar a questão da legalidade versus desordem/subversão/comunismo versus democracia. Era importante dissociar um golpe de Estado porvir da associação com um movimento de caráter autoritário ou mesmo ditatorial das Forças Armadas e ajudar assim a que tal golpe de força fosse bem assimilado pela população brasileira. A leitura do que Roberto Marinho veiculou nos editoriais dos dias 18 e 31 de março e 2 de abril de 1964 comprova que ele agiu nessa direção muita convicção a qual transmitiu com assertividade na sua argumentação a esse respeito.

No dia 18 de abril o editorial de O Globo traz o seguinte argumento: “O mínimo que se poderia afirmar na atual conjuntura nacional brasileira, é que estamos cada vez mais próximos da ilegalidade”. Ainda não tendo o motim na Marinha a trazer as Forças Armadas diretamente para o centro dos acontecimentos, Roberto Marinho já projeta a sua ação redentora e cita os artigos da constituição que preveem sua intervenção na ordem institucional democrática: “Sob a autoridade suprema do Presidente da República, mas dentro dos limites da lei (Art. 176 da Constituição), elas defenderão os poderes constitucionais, a lei e a ordem (Art. 177). Não admitirão, assim, que grupos sectários e subversivos, sejam eles ou não da intimidade do Chefe do Executivo, se manifestem contra o Congresso e intentem pressioná-lo, pois não podem elas endossar gestos ilegais e processos contrários à Constituição.

Assim é que Roberto Marinho começa a dar ares de legalidade a um futuro ato de força dos militares brasileiros. O argumento é que a “legalidade” do estado de coisas de então ensejava perguntar o que era realmente legal. Legal seria uma intervenção militar sob a égide da constituição.

Já no editorial de 31 de abril, véspera do golpe de Estado, Roberto Marinho traz uma discussão sobre a essência da democracia e diz que não se pode deixar a democracia morrer pelas mãos daqueles que atuam dentro de suas franquias para destruí-la. Para impedir que isso aconteça, a questão da “legalidade” deve ser relativizada, deixar de ser “[...] um tabu a impedir que os democratas defendam as instituições [...]”. Destaque-se que ao publicar essa reflexão, Marinho admite que já se posicionou dessa forma “muitas vezes”.

No dia seguinte ao golpe que rompeu a ordem constitucional e democrática do Brasil, implantando uma ditadura militar que só deixaria o regime democrático voltar ao país em 1985, Roberto Marinho reafirma as suas concepções sobre legalidade e democracia ao publicar o seguinte: “Como dizíamos, no editorial de anteontem, a legalidade não poderia ser a garantia

da subversão, a escora dos agitadores, o anteparo da desordem. Em nome da legalidade não seria legítimo admitir o assassinio das instituições, como se vinha fazendo, diante da nação horrorizada”.

Levada a cabo a conspiração contra o governo democraticamente eleito de João Goulart e efetivado o golpe de Estado, contando com o posicionamento político de O Globo nos 14 dias que precederam a esse episódio histórico, era de se esperar que Roberto Marinho passasse imediatamente defender a ação perpetrada pelas Forças Armadas com a ajuda de lideranças civis, entre eles governadores de estados poderosos como Magalhães Pinto de Minas Gerais e Carlos Lacerda da Guanabara. Na edição do dia 2 de abril, na qual explica que não houve edição no dia anterior por conta da invasão das dependências do seu jornal por fuzileiros navais comandados pelo Almirante Aragão que impediram a impressão da edição já pronta do jornal, Roberto Marinho fez um jornal dedicado, evidentemente, a repercutir – favoravelmente – o golpe que apeou do poder seu inimigo de longa data João Goulart. Nele, além de publicar o editorial do dia, publicar também o editorial que seria veiculado na edição proibida do dia 1. Nesses dois editoriais, O Globo traz um inventário dos fatos que levaram à insustentabilidade do governo deposto, defende de forma firme e veemente o gesto dos militares e começa a projetar como deveriam se dar os próximos passos e os novos tempos de um Brasil livre do comunismo e da subversão da ordem democrática praticada por João Goulart e seus partidários.

Após o golpe de Estado do dia 1 de abril, abre-se como apontado acima, uma segunda fase da nossa pesquisa das edições diárias de O Globo, na qual João Goulart deixa de ser o inimigo a ser abatido e passa a ser apenas o alvo de acusações que irão justificar o golpe perpetrado contra a ordem democrática brasileira. Os assuntos das manchetes se adequam naturalmente ao novo contexto histórico, principalmente na direção do tratamento de questões sobre a construção de uma nova realidade política para o Brasil, com destaque para a eleição em curtíssimo prazo de um novo Presidente da República que desse conta dos velhos e novos desafios e problemas da nação. Quanto aos editoriais, estes seguem a lógica de pensamento de Roberto Marinho mas basicamente tratam de defender a intervenção militar através de um detalhamento das causas que levaram os militares brasileiros a tal atitude extrema, da defesa da candidatura Castelo Branco a presidente, das medidas de exceção adotadas pelos militares do Alto Comando Revolucionário já nos primeiros dias pós-golpe, além de projetar o Brasil sem a “ameaça comunista” personalizada por João Goulart e seus companheiros de atuação política.



Para expor o panorama das manchetes e editoriais de O Globo nos 14 dias posteriores ao 1º de abril, optamos por fazê-lo através da sua divisão por macrotemáticas. Seriam elas: a defesa da atuação das Forças Armadas no pré-golpe, no golpe e no pós-golpe; a indicação e adoção da candidatura vencedora de Castelo Branco para a presidência da República; a veiculação de notícias e inserções nos editoriais que direcionavam as decisões políticas imediatas para o Congresso nacional, o que incluiu uma pressão para que este escolhesse e elegeesse no menor espaço de tempo possível o novo Supremo Mandatário; a divulgação de notícias sobre a mudança radical na política externa brasileira e, por último, a projeção pessoal de Roberto Marinho para o futuro político imediato do Brasil.

A primeira macrotemática a ser desenvolvida a seguir é aquela que merece a maior atenção de Roberto Marinho ao dirigir essas edições, qual seja: a defesa das Forças Armadas e do papel de “salvação da pátria” que ele atribui a elas. Essa preocupação e ação pode ser sub dividida em três subtemáticas: a defesa da “solução militar” para acabar com o caos, com a ameaça à existência das Forças Armadas ensejada pelas atitudes de Jango frente a insubordinação e ataque à hierarquia e disciplina na Marinha; a apresentação à opinião pública das primeiras ações do Alto Comando Revolucionário e aquela que parece ser a intervenção mais sensível de Roberto Marinho nesse contexto histórico: seu apoio às medida e força e exceção perpetradas por esse Comando antes mesmo que o General Castelo Branco assumisse a presidência da República.

Relativamente ao primeiro subtema apontado acima, qual seja, a defesa da intervenção na ordem institucional democrática pelas Forças Armadas, temos o seguinte elenco de manchetes e inserções em editoriais:

Dia 2/4 – EDITORIAL: “Ressurge a democracia!” – “Graças à decisão e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes mostraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se de um governo irresponsável, que insistia em arrasta-lo para rumos contrários a sua vocação e tradições.

[...]

Mas restavam as Forças Armadas a impedir que ele levasse às últimas consequências os planos arquitetados para transformar o Brasil numa segunda Cuba.

[...]

Atendendo aos anseios nacionais, de paz, tranquilidade e progresso, impossibilitados nos últimos tempos pela ação subversiva orientada pelo Palácio do Planalto, as Forças Armadas tomaram a si a tarefa de restaurar a Nação na integridade de seus direitos, livrando-a do amargo fim que lhes estava reservado pelos vermelhos que haviam envolvidos o Executivo Federal.

[...]

Agora é a Nação toda de pé, para defender as suas Forças Armadas, a fim de que estas continuem a defendê-la dos ataques e das insídias comunistas”.

Dia 3 – EDITORIAL: “A vez do congresso” – “Para defender a democracia e, preservar as instituições e continuar existindo, as Forças Armadas se encarregaram com amplo apoio popular e político, de afastar do governo aquele que não soubera aproveitar as esplêndidas oportunidades que lhe havia reservado o destino”.

Dia 6/4:

– “A revolução democrática antecedeu em um mês a revolução comunista - Enquanto farta documentação é apreendida no Recife, inclusive um manifesto de Arraes, continuam as prisões dos agitadores no interior pernambucano”.

– “O Brasil põe as suas esperanças na coesão das Forças Armadas”.

Dia 7/4 – EDITORIAL: “A sorte da democracia” – “A medida em que os brasileiros vão tomando melhor conhecimento dos perigos que ameaçavam de bem perto a nossa democracia, cuja destruição estava sendo preparada pelo conluio do governo anterior com os comunistas, maior é o sentimento de gratidão que a todos anima, relativamente às Forças Armadas, que defendendo o regime, nos salvaram de escravidão semelhante àquela em que jaz o povo cubano”.

Já na segunda subtemática, aquela que diz respeito à divulgação dos atos, movimentações e manifestações dos militares no seu novo contexto de poder, destacam-se as manchetes e inserções a seguir:

Dia 2/4 – “Castelo Branco adverte os comandos: As Forças Armadas são para defender a lei não a baderna - Na circular reservada que a 20 de março dirigira aos generais-comandantes de tropas, o Chefe do Estado-Maior do Exército, após analisar as consequências do comício do dia 18, deixava claro que as Forças Armadas não poderiam atraiçoar o Brasil. Ao referir-se à ação do CGT, acentuava que a pretendida paralização geral do País, no quadro do esquema revolucionário, configurava, provavelmente, uma calamidade pública. Assim, por julgar que

não seria possível aos militares ficarem omissos ou tornarem-se caudatários do comando da subversão, alertava-os para a necessidade de defender a legalidade, contra a revolução para a ditadura e a constituinte”.

Dia 4 – “EMFA divulga documento confidencial em que sugeria a João Goulart a opção entre o poder legislativo e os sindicatos”.

Dia 11 – “Costa e Silva: a revolução visa a moralização das instituições”

Dia 15 – “Afirmou o Ministro da Guerra: ‘Ao primeiro grito estaremos de pé pelo Brasil’.

Ao discursar ontem no regimento Sampaio, durante as comemorações de mais um aniversário da batalha de Montese, o general Arthur da Costa e Silva disse à tropa que a missão ainda não está terminada, e que os soldados permanecem vigilantes nos quartéis, cumprindo o seu dever, prontos a atenderem a defesa do povo”.

Quanto ao apoio e, por conseguinte, defesa da parte de Roberto Marinho, através de O Globo, das primeiras ações discricionárias e antidemocráticas dos militares no poder, note-se que ele as trata de forma “natural”, como consequências e ações inevitáveis para instalar a paz e a tranquilidade no país, no que seria uma espécie de operação de limpeza – expressão usado por marinho no editorial do dia 11 de abril – dos elementos subversivos, responsáveis por tudo o que levou ao golpe, o que se lhe apresentava como medida obrigatória para pavimentar o caminho do Brasil em direção oposta ao que vinha sendo direcionado até o dia 1 de abril de 1964.

Nesse quadro destacaríamos as seguintes inserções e manifestações:

Dia 3 – “Falcão pede punição para os criminosos”.

Dia 4 – “Decidem-se os militares pela imediata cassação do mandato dos parlamentares comunistas. No encerramento da assembleia do Clube Militar, presente o presidente do Clube Naval, deliberaram os oficiais das Forças Armadas indicar como providência essencial para que não seja frustrado o objetivo da revolução, não só a urgente cassação dos mandatos de Deputados e Senadores comunistas e agitadores ou comprometidos com os desmandos que deram o motivo para o movimento em que se empenharam as forças militares, mas também o expurgo nos quadros administrativos, políticos, sindicais e militares de todo o País”.

Dia 6 – “Castelo Branco: haverá punição para os traidores - Ao receber grande manifestação popular, ontem, diante de sua residência em Ipanema, por sua valorosa participação na

revolução democrática e em favor da sua eleição para presidência da República, o general Humberto Castelo Branco afirmou que serão punidos todos os responsáveis pela desordem e pela comunização do País”.

Dia 7 – “Os chefes militares apresentam um Ato Institucional para que o País possa ser descomunizado - Os líderes do Movimento Revolucionário Democrático estão levando a apreciação dos dirigentes partidários um documento que engloba medidas que julgam imprescindíveis para o desmantelamento do processo comunizante. Apontam como a providência mais fundamental e mais premente que a própria eleição do próximo Presidente da República”.

Dia 9/4 – “Cassados os mandatos de três deputados em Minas”.

Dia 10/4:

– “Cassados os mandatos de 40 parlamentares e suspensos direitos políticos 58 pessoas - Os atos números 1 e 2 do Supremo Comando da Revolução cuidaram da perda de mandatos e suspensão dos direitos políticos durante 10 anos. O ato número 3 informa que Francisco Julião não foi preso por ter sido auxiliado na fuga pelo deputado Adauto Lucio Cardoso”.

– “O Ministro da Guerra anuncia a instauração de uma nova República - Ato institucional garante armas para a democracia – O alto comando revolucionário, pelos Ministros militares, ontem, as 17h 45m, no salão nobre no Palácio da Guerra, o ato institucional que vigora até janeiro de 1966 e prevê a eleição do Presidente e do Vice-Presidente pelo Congresso em dois dias; competência ao Presidente para enviar ao Congresso projetos de lei sobre qualquer matéria e para decretar estado de sítio; cassação de mandatos legislativos suspensão por 10 anos de direitos políticos”.

Dia 13/4 – “A Revolução garante a liberdade de imprensa – Até onde não fira os ideais da Revolução, a liberdade será ampla. Mas de modo algum será tolerada a divulgação de ideias comunistas, garante o Ministro da Guerra, respondendo à indagações de diretores de jornais”.

11 - EDITORIAL: “A revolução consolidada” – “Urgia a limpeza do terreno afim que o novo Governo pudesse encetar imediatamente a sua tarefa regeneradora. Para isto foi baixado pelo Alto Comando Revolucionário um Ato Institucional cujo principal efeito deve ser permitir a normalização imediata da vida administrativa.

Trata-se, evidentemente, de uma medida de exceção, que para certos espíritos carregados de um liberalismo à outrance aparecerá como um atentado às liberdades públicas. Queremos

chamar a atenção aos que se assim pensarem que o momento nacional também é de exceção, em consequência, pedindo em consequência, remédios drásticos e extraordinários”.

Com relação as inserções nas quais Roberto Marinho invoca a escolha e a eleição de Castelo Branco à presidência, podemos começar evocando uma passagem do editorial do dia 19 de janeiro de 1963 – edição fora dos períodos selecionados para serem pesquisados no presente capítulo –, pouco tempo após o plebiscito sobre o sistema de governo no Brasil, no qual se derrubou democraticamente o parlamentarismo, que fora concebido para tirar a força executiva de João Goulart como Presidente da República sucedendo o renunciante Jânio Quadros. Nesse editorial constam as seguintes observações de Roberto Marinho sobre o General Castelo Branco:

“Uma das mais eminentes figuras do exército brasileiro é, sem sombra de dúvida, o general Humberto Castelo Branco, atualmente no comando do IV exército, com sede em Recife.

[...]

Discreto, avesso à publicidade, não é o general Castelo Branco uma figura popular. Respeitado, reverenciado mesmo no seio da tropa, é quase desconhecido no mundo civil, pois não exerceu cargos que o colocassem na necessidade de emitir pronunciamentos e, militar perfeito, não dá entrevistas, não recebe sindicatos, não desleixa a hierarquia dos quartéis, não ultrapassa o limite de suas atribuições.

[...]

Eis que uma notícia vinda da Salvador informa ter o general Castelo Branco quebrado o seu mutismo, quando ali chegou para visita de inspeção. Abordado pelos jornalistas teria apontado o perigo da colocação de comunistas em postos da administração, da educação e nos organismos estatais.

[...]

Se o general Humberto Castelo Branco julgou de seu dever fazer uma advertência podem afirmar, quantos o conhecem, que a situação é realmente grave, e providências precisam ser tomadas, com urgência, para pôr cobro à penetração vermelha nos escalões superiores da República e nos setores e nos setores de maior importância para os destinos do Brasil. Só em último caso – quase diríamos, em desespero de causa – abandonaria o comandante do IV exército a diretriz de nunca se manifestar em assuntos deslocados da esfera técnico-militar.

Essa lembrança dos idos de início de 1963 vem comprovar que a relação de apreço, admiração e até de amizade(17)\* que Roberto Marinho nutria por esse personagem militar vinha já de algum tempo, não sendo portanto de surpreender o apoio inequívoco que o jornalista proprietário de O Globo lhe prestou para ser presidente do Brasil . A partir daqui, elencamos as referências todas elogiosas feitas em O Globo a Castelo Branco durante os dias que se seguiram ao golpe civil-militar:

Dia 7/4 – EDITORIAL: “A sorte da democracia” – “A solução está encaminhada. Os governadores, líderes da revolução, coincidem, ao que se sabe, em indicar ao congresso o nome do general Humberto Castelo Branco para concluir o quinquênio presidencial. Apesar do indicado ser um oficial-general, trata-se de uma solução civil, no sentido de que foram os líderes civis que a formularam, vencendo, aliás, os nobres escrúpulos que sempre dominam os nossos militares quando se lhes oferece o poder e dos quais se fizeram interpretar o próprio general Castelo Branco”.

Dia 10/4 – EDITORIAL: “O novo presidente” –

“Parece que a escolha não foi difícil, não somente pelo impulso patriótico que vem animando os chefes dos executivos estaduais, mas em face das excelsas qualidades do indicado, o general Humberto Castelo Branco, que nós mesmos, antes da decisão dos governadores, já apontávamos em editorial, como o paradigma do militar com à altura de ocupar a Suprema Magistratura.

[...]

Temos a certeza de que, na presidência da República, o general Humberto Castelo reafirmará os seus conceitos verdadeiro patriota, que sempre soube usar a sua inteligência, seu prestígio, a robusta cultura acumulada em toda a vida, em favor dos ideais da Nação”.

Dia 13/4 – “[...] Forçado pelas aclamações que recebia do povo aglomerado em frente a sua residência, o general Castelo Branco foi à rua, onde foi recebido com palmas, vivas, abraços e lágrimas de emoção. [...].

Dia 14/4 – “Sinos, sirenas e o hino nacional saudarão em todo o território nacional a posse de Castelo Branco - Teve ampla acolhida a ideia de O Globo para que o momento histórico da posse do general Castelo Branco na presidência da República seja assinalado em todos os

---

<sup>17</sup> Bial (2004: p.203) reporta que esse era um sentimento assumido de Roberto Marinho por Castelo Branco e que se constituiu também em grande razão para o apoio que lhe deu nessa ocasião.

setores de atividade. Representantes da Igreja, indústria, comércio, da RRF e do Lloyd apoiaram a ideia, como manifestação de júbilo nacional pela nova era que se inicia”.

15 – “O Brasil em festa saúde a posse de Castelo Branco”

Durante os 14 dias pesquisados no pós-golpe foi possível encontrar uma tendência de Roberto Marinho em dotar de certa áurea legalista os caminhos e ações políticas desses tempos, no que se poderia considerar como um desejo de “normalização institucional pelo Congresso”, intenção essa muitas vezes evidenciada nas edições do jornal nesse período através da publicação de manchetes e opinião em editoriais nos quais essa intenção se tornava verificável:

Dia 3/4 – “Mazzilli chega hoje ao Rio para formar o novo governo – Presidente da República iniciará os contatos com militares e políticos para a escolha de seus Ministros, completando o trabalho iniciado ontem pelo senador Auro de Moura de Andrade, e estará, também, em São Paulo e Belo Horizonte para outros contatos. O nome do Sr. Martins Rodrigues, líder do PSD está sendo cogitado para o Ministério da Justiça, posto que já ocupou no Governo do Sr. Ranieri Mazzilli após a renúncia do Sr. Jânio Quadros”.

Dia 7/4:

– “O Senado aprova e envia à Câmara o projeto de eleição do Presidente”.

– “Congresso elegerá livremente os indicados que mereçam o respeito do povo, garante o Ministro da Guerra”.

Dia 9 – Congressistas propõem um Ato Constitucional para dar fim ao extremismo no Brasil - Líderes de todos os partidos apoiam o general Castelo Branco - Aos 30 minutos do dia de hoje, estiveram na residência do general Castelo Branco, reafirmando a inteira solidariedade à sua candidatura os seguintes parlamentares e líderes partidários [...]”.

Dia 10/4 – “Convocado o Congresso para eleger amanhã o Presidente e o Vice – Na qualidade de Presidente do Congresso Nacional, o Sr. Auro de Moura Andrade baixou ontem edital convocando as duas Casas para a eleição amanhã, às 16 horas, no plenário da Câmara de Deputados, do Presidente e Vice-Presidente da República, na forma da lei 4.321/64”.

Dia 11/4 – EDITORIAL: “A revolução consolidada” – “Nos termos da Constituição e do ato institucional, o Congresso elege hoje para Presidente e Vice-Presidente da República”.

Completando o se poderia se chamar de campanha pessoal pela candidatura de Castelo Branco por parte de Roberto Marinho e seu O Globo, identifica-se nas edições de O Globo nos dias de pesquisa pós-golpe a veiculação de pequenos recados expressando a necessidade de se fazer a escolha e eleição do novo presidente o mais rápido possível, o que pode ser verificado nos seguintes excertos:

Dia 2/4 – EDITORIAL: “Ressurge a democracia!” – “[...] Agora o Congresso dará o remédio constitucional a situação existente, para que o país continue sua marcha em direção ao seu grande destino, sem que os direitos individuais sejam afetados, sem que as liberdades públicas desapareçam [...]”.

Dia 3/4

– Eleição imediata do Presidente pelo Congresso – Um governo de 30 dias é a mesma coisa que ausência de governo. (Dario de Almeida Magalhães)”

– Ameaça de consequências funestas para a estabilidade da vida da Nação (Sobral Pinto)

– EDITORIAL : “A vez do congresso” – [...] Precisa o Congresso ter uma inspiração de grandeza e colocar na Chefia da Nação quem mereça a confiança de todos os setores democráticos, podendo realizar, em consequência, um governo fortalecido por amplo apoio parlamentar. Ao nosso ver, em face das condições atuais tendo em vista que o mandatário que o Poder legislativo vai nomear caberá a presidência da Nação em ano eleitoral, deveria ser sufragado um nome equidistante e não comprometido com qualquer das candidaturas apresentadas. Um nome militar, por exemplo, do gabarito dos ilustres comandantes do movimento vitorioso.

[...]

O Congresso tem, no momento, a maior oportunidade de mostrar ao país como eram injustas as críticas que lhe fazia o Ex-Presidente, seguido pela fina flor da agitação subversiva e do peleguismo imoral. Não deve perder essa chance, pois, em última análise, foi para sua defesa, para a defesa do que ele representa, como expressão do regime democrático, que as Forças Armadas se puseram em marcha, o povo enfrentou a violência e toda a nação viveu um período de sofrimento e angústia, finalmente transformado em dias de luz e esperança”.

Dia 4/4 – “O que se quer, e já, é um Governo apartidário e democrata – “Importantes contatos políticos do governador da Guanabara com seus colegas de Goiás, Paraná e com os presidentes da Câmara e do Senado, nas quais ganhou ênfase a tese de se eleger imediatamente um



presidente que possa assegurar, pelas qualidades pessoais e pela estabilidade, a consolidação dos princípios que nortearam a revolução”.

Uma parte relevante das críticas que a oposição à João Goulart fazia e que Roberto Marinho reverberava nas páginas de O Globo era em relação à uma aproximação clara e crescente com os países comunistas como a URSS, China e Cuba. Assim, nada mais natural do que as páginas de O Globo, que tanto serviram para criticar a tendência do governo de se afastar da órbita de influência e associação histórica com os Estados Unidos e se aproximar do bloco comunista – tal postura já foi identificada aqui nas edições de O Globo durante os dias que antecederam a renúncia de Jânio Quadros em 1961 – fossem usadas para apontar para medidas práticas e imediatas da diplomacia brasileira pós-golpe no sentido de fazer com que os aspectos mais tradicionais da política externa brasileira voltassem a imperar. Essas mudanças podem ser identificadas nas seguintes duas manchetes publicadas em O Globo:

Dia 10 – “Leitão da Cunha diz que o Brasil não pactuará com o comunismo na América Latina”.

Dia 11 – “Horácio Lafer congratula o Itamarati pela volta à política internacional tradicional do Brasil”.

O último, porém, importante tema de preocupação e expressão de opinião de Roberto Marinho no período pós-golpe de Estado se liga à sua concepção de Brasil futuro. Ou seja, o deveria ser feito na sua opinião para encaminhar o Brasil para um futuro bem melhor do seu estado de então, dentro de uma expectativa de que se desenvolvesse de forma a assumir o seu verdadeiro papel e lugar no mundo. Para melhor demonstrar que essa era realmente uma ideia que o ocupava e interessava, seguem suas ideias a respeito do futuro imediato do Brasil após a saída de Jango e sua visão de país e o que deveria ser feito para propiciar condições para que o país assumisse a sua grandeza no cenário internacional tal como registradas em quatro editoriais desse período:

Dia 7 – EDITORIAL: “A sorte da democracia” – “Urge, portanto, ultrapassar essa fase imprecisa, compreensível por suceder de um movimento revolucionário espontâneo, estruturando definitivamente o novo governo, cujas características devem ser a autoridade, a moralidade, a eficiência e a isenção partidária.

[...]

Aguardamos, como toda a nação, ansiosamente, a construção do novo Governo. Será o Governo mais carregado de responsabilidades de que o Brasil já possuiu [...] Disto depende a sorte da democracia em nossa Pátria”.

Dia 9 – EDITORIAL: “O exemplo dos trabalhadores” – “É esta a grave responsabilidade assumida pela Revolução<sup>18</sup>, a de não decepcionar as massas trabalhadoras, que estão tendo um comportamento admirável nesta hora de crise e apreensão, um comportamento muito mais nobre e elevado do que o de muitos homens públicos, que ainda agora, impermeáveis as lições da História, e insensíveis à realidade expressa pela Revolução, desta pretendem apossar-se, visando proveito político e partidário”.

Dia 10 – EDITORIAL: “O novo Presidente” – “[...] Assim aos dez dias de vitoriosa, já poderá a Revolução apresentar ao País um Governo formado segundo os ideais que a inspiraram, em condições, portanto, de empreender imediatamente, uma obra de recuperação econômica, restauração financeira e saneamento moral.

Para que não restasse a menor dúvida quanto ao sentido que deve ter o novo Governo, que teria e ser um Governo movido a um propósito de completar a tarefa iniciada pelas Forças Armadas, preparando Brasil para a definitiva normalização democrática após as eleições de outubro de 1965 resolveram os governadores, que foram os líderes civis do movimento revolucionário indicar ao Congresso, para Presidente, o nome de um dos seus principais chefes militares”.

Dia 15 – EDITORIAL: “As bases para a reconstrução” – “Mas de agora em diante terá de ser diferente. Aplicando com rigor a justiça fiscal, opondo-se a qualquer tipo de favorecimento a pessoas ou grupos, praticando a austeridade e dando o exemplo de contenção, o novo Governo poderá adotar as providências reclamadas para o saneamento financeiro. Poderá estabelecer medidas para deter o descalabro que reina em matéria de pessoal, não apenas no que tange a vencimentos, como os privilégios de certas carreiras, e o mal e arraigado hábito de fazer crer que os funcionários públicos têm mais direitos do que deveres. [...] Poderá rever o caso dos subsídios às exportações e considerar com realismo as tarifas de serviços públicos, os quais, por serem públicos, não devem forçosamente dar prejuízos, evidentemente, só podem ser cobrados por todos os contribuintes, e não apenas dos usuários dos mesmos.

[...]

---

<sup>18</sup> Vale anotar aqui que essa é a primeira vez que Roberto Marinho se refere diretamente em editorial ou mesmo pelas notícias veiculadas em O Globo ao golpe de 1 de abril de 1964 como “revolução”.

[...] Só com as finanças recuperadas vamos conseguir no mundo o lugar que nos cabe e que nada nos falta pois somos um dos países mais ricos e predestinados de nosso tempo, com incomensuráveis possibilidades de desenvolvimento, com extraordinárias condições para o progresso. Realmente, nada nos falta para a grandeza. Só nos tem faltado Governo.

Ao fazermos o fechamento desse capítulo no qual se fez uma pesquisa histórica versando sobre a posição e ação política de O Globo em alguns dos mais importantes, conflituosos e decisivos momentos da história do Brasil durante cerca de quatro décadas do século XX, é possível concluir que são evidentes algumas preocupações e ocupações de Roberto Marinho em seu O Globo no conjunto de períodos e ocasiões históricas aqui pesquisadas, sendo as principais delas – no que diz respeito a nossa tese – a tentativa de emplacar presidentes liberais, representantes da UDN como presidentes do Brasil para que se gerisse o presente e se configurasse o futuro do país a partir dos ditames econômicos dessa doutrina; a relação de proximidade, afeição, respeito, apoio indestrutível que uniu sempre Roberto Marinho às Forças Armadas, sendo elas para ele um espécie de eterno porto seguro aonde ele podia sempre aportar um navio chamado Brasil sempre que suas condições políticas e sociais o exigissem; o combate ao varguismo que só cresceu desde que Getúlio Vargas se empossou como presidente em 1930 até a noite de 26 de agosto de 1954, quando do suicídio desse seu grande adversário político; a verdadeira guerra travada nas páginas de O Globo contra a ideologia comunista que se apresentou como uma luta permanente para impedir que o Brasil, como nas da palavras do próprio Marinho “se tornasse uma nova Cuba”.

## Capítulo IV: A efetivação de um “novo O Globo”

### Introdução

Tendo sido revisado no capítulo II o passado de O Globo em termos de atuação e posicionamento político diante dos momentos mais decisivos da história do Brasil até o golpe civil-militar de 1964 sob o comando firme e único de Roberto Marinho, é nossa intenção nesse capítulo reportar como seus sucessores encaminharam o desenho editorial e formal de O Globo após o seu ingresso na direção do Grupo Globo. Pelo depreendido das observações de Bial (Ibid.), Roberto Marinho era um proprietário de jornal absolutamente atento à necessidade de atualizar seu negócio às mudanças sociais e tecnológicas. Já nos anos 1970 Roberto Marinho se deu conta de que era necessário agir para acompanhar o tempo e as mudanças na sociedade e especificamente no jornalismo, levando a cabo mudanças substanciais em seu O Globo. Para termos uma ideia exata do que norteou Marinho nessa ocasião, veremos uma referência de Bial (Ibid.: p.235) a respeito, quando cita Henrique Caban, dileto colaborador de Roberto Marinho na reformulação que começou a ser implementada pelo então mandatário do jornal nessa ocasião:

O Globo que nós encontramos era um Globo conservador, retrógrado, um Globo que o Roberto Marinho não queria mais. O Doutor Roberto estava preocupado porque o Globo não estava mais representando o pensamento dele. O Globo estava muito mais à direita do que ele, em função de gente que dominava a redação.

Embora Roberto Marinho já tivesse manifestado esse intuito de modernização do jornal, uma mudança nesse sentido só seria evidenciada e radicalizada com a entrada dos filhos e sucessores na direção do jornal, o que, como o site “Memória O Globo” informa, teria acontecido ao longo década de 1980. Com aquilo que se poderia chamar de entrada de oxigênio e sangue novo na direção do jornal é dado início a um lento e gradual — porém muito expressivo e pujante — projeto de reformulação no sentido de sua modernização em termos formais e de conteúdo.

A partir desse movimento histórico, O Globo, hoje sob o comando dos filhos sucessores de Roberto Marinho, tem sido publicado desde o final do século passado com nítidas tendências à adesão aos crescentes avanços nas questões relacionadas aos costumes que a sociedade brasileira vem encarando cada vez com mais naturalidade e entusiasmo nas últimas décadas. Essa mudança de diretrizes pode ser comprovada pelo espaço que O Globo concede hoje à discussão de assuntos sensíveis para a sociedade, como a política de cotas, o aborto e a liberalização da maconha.

Tal modificação efetivada na direção da modernização de O Globo foi feita de forma lenta e escalonada a partir da década de 1980, com papel importante reservado aos três filhos de Roberto Marinho mesmo antes da morte do pai. O primeiro a assumir cargo executivo no próprio jornal foi João Roberto Marinho: tornou-se vice-presidente em 1982, depois de passar por diferentes áreas de produção e se familiarizar com os setores de oficinas, rotativas e composição<sup>19</sup>. Em funções executivas, a trajetória dos outros dois filhos — José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho — esteve mais ligada a outras empresas do grupo. Em 1998, porém, Roberto Marinho e os filhos se reuniram em uma instância dedicada a questões estratégicas do grupo quando deixaram as funções executivas nas empresas e passaram a formar o Conselho de Gestão das Organizações Globo<sup>20</sup>.

Se, por um lado, houve o desejo explícito do proprietário de O Globo de mudar, também é verdade que houve fatores estranhos à vontade e ao controle de Roberto Marinho que favoreceram a implementação das mudanças. Alguns que nos parecem mais relevantes serão destacados neste capítulo. Embora, obviamente, a realidade tenha sempre um grau de dinamismo, identificamos na década de 1990 o período de maturação de uma série de transformações que de algum modo condicionaram a execução do propósito de mudanças na trajetória de O Globo. Por exemplo, foi nos anos 1990 que se deu a maior parte da derrocada do Jornal do Brasil (JB, então seu principal concorrente), embora o processo tivesse começado antes e se prolongado depois. Da mesma forma, foi na década de 1990 que o jornal O Dia, tradicionalmente marcado por um perfil de matérias sobre violência e com forte apelo popular, colheu os primeiros frutos de uma reforma editorial que fez agregar leitores de outros perfis, ensejando o lançamento, pelas Organizações Globo, do jornal Extra. Foi também em meados da última década do século XX que o próprio jornal O Globo deu os primeiros sinais de uma postura editorial que se reivindica mais pluralista, como que preparando o terreno para a autocrítica efetuada em 2013.

Veremos, neste capítulo, que O Globo por alguma razão sentiu necessidade de fazer um exercício de autocrítica e proceder a um reexame da postura editorial adotada em momentos-chave da história brasileira no século XX. Nesta autoanálise, em que considerou algumas das

---

<sup>19</sup> Memória O Globo: <http://memoria.oglobo.globo.com/perfis-e-depoimentos/joatildeo-roberto-marinho-9257568>. Consulta em 28/10/15

<sup>20</sup> Memória O Globo: <http://memoria.oglobo.globo.com/perfis-e-depoimentos/joatildeo-roberto-marinho-9257568>. Consulta em 28/10/2015

principais acusações que pesavam sobre sua conduta, o jornal assumiu alguns “erros” e contestou o que tomou como “acusações falsas”. Além disso, reafirmou princípios editoriais afinados com as ideias de isenção e pluralismo como sendo as bússolas da atuação contemporânea do veículo. De forma aproximadamente concomitante, o jornal abriu espaços para matérias investigativas sobre crimes cometidos pela ditadura e buscou ocupar um espaço mais ao centro do espectro político, buscando livrar-se do rótulo de “jornal de direita”.

O objetivo central deste capítulo é não apenas caracterizar este movimento editorial, mas também propor uma interpretação para prováveis razões deste processo. Ao longo das próximas páginas, pretendemos (a) identificar marcos importantes desta trajetória, que poderão fornecer um panorama explicativo mais abrangente para uma iniciativa que de outra forma poderia ser equivocadamente abordada como pontual; (b) resgatar e apreciar criticamente as linhas mestras da autocrítica empreendida pelo jornal (admissão de “erros” e refutação de “acusações falsas”) e (c) detalhar os princípios editoriais vigentes.

Esta tarefa não poderia ser desempenhada sem uma referência, ainda que breve, ao conjunto de transformações experimentadas pela sociedade brasileira — sentidas em termos de modificações tanto no aparato institucional quanto na cultura política — nas últimas três décadas. Feito este percurso, estaremos em condições de convidar o leitor a uma avaliação crítica, no capítulo seguinte, sobre o alcance e os limites da nova postura editorial do jornal, à luz de dados analisados sob uma metodologia que se pretende em algum grau inovadora.

Começaremos, pois, contextualizando o cenário em que se deu o processo de mudanças editoriais do jornal O Globo, a começar pela decadência de seu principal concorrente à época.

### **O declínio do Jornal do Brasil num paralelo com a reformulação de O Globo**

Do ponto de vista desta pesquisa, o movimento na linha editorial de O Globo deve ser situado no contexto da correlação de forças da grande imprensa do Rio de Janeiro. Durante as quatro últimas décadas do século XX — período da ditadura militar e do início da redemocratização —, a mídia impressa fluminense tinha no próprio Globo e no Jornal do Brasil (JB)<sup>21</sup> suas maiores expressões.

---

<sup>21</sup> Para detalhes sobre a história remota do Jornal do Brasil, que não são relevantes para este trabalho, ver Fonseca (2008).

Como nas disputas eleitorais, em que perfis do eleitorado são disputados por correntes partidárias que ocupam os espaços representativos de cada segmento, o mercado editorial contém fatias específicas de público. Embora tanto O Globo quanto o Jornal do Brasil tenham apoiado o Golpe de 1964, o recrudescimento da ditadura, a partir da instauração do Ato Institucional número 5 (AI-5), significou um divisor de águas. Forças políticas e sociais até então simpáticas à intervenção militar — incluindo, por exemplo, importantes lideranças políticas, segmentos da Igreja Católica e setores da imprensa — assumiram postura contrária ao regime no novo contexto. Uma manifestação desta cristalização de posições pode ser reconstituída também no caso dos dois principais jornais do Rio de Janeiro.

Por ocasião da passagem dos governos militares para as mãos de civis, em fins de 1984, O Globo publicou editorial assinado pelo então diretor-redator-chefe Roberto Marinho explicitando o apoio ao regime do início ao fim:

Participamos da Revolução de 1964, identificados com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada. (...) Acompanhamos esse esforço de renovação em todas as suas fases. (...) Voltando os olhos para as realizações nacionais dos últimos vinte anos, há que se reconhecer um avanço impressionante (...). (MARINHO, 1984)

Esta postura caracteriza verdadeiro contraste com as posições adotadas pelo Jornal do Brasil (JB). Em atitude emblemática, o JB se manifestou de forma sutil, mas eloquente, contra a instauração efetiva da ditadura militar mediante decretação do Ato Institucional número 5 (AI-5), em fins de 1968. Para denunciar a censura imposta à redação, o jornal estampou na primeira página da edição de 14 de dezembro de 1968 o anúncio “Ontem foi o Dia dos Cegos” e a seguinte previsão do tempo: “Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos...”.

Figura 1 – Capa da edição de 14/12/68, com detalhe da “previsão do tempo”



Durante os 20 anos de governos militares, portanto, estabeleceu-se uma referência: O Globo era visto como governista, e o JB, como independente. Evidentemente, esta caracterização dos dois veículos não supõe alinhamentos ou rejeições automáticos a medidas pontuais dos governos militares — até porque jornais não são organizações monolíticas. O jornalista Jânio de Freitas, por exemplo, oferece perspectiva bem diversa da aqui exposta:

Mais importante jornal em todos aqueles anos, o “Jornal do Brasil”, como principal órgão criador de opinião pró iniciativas do regime (“milagre brasileiro”, “Brasil grande”, a designação de “terroristas” para os oposicionistas, nem todos armados, e muito mais), proporcionou o exemplo definitivo da ligação ideológico-econômica dos meios de comunicação com a antidemocracia. Habitua-se tanto aos ganhos estupendos e fáceis com sua posição, que, vinda a democracia, foi rápido para o colapso (FREITAS, 2012).

Para os fins deste trabalho, porém, não importa tanto o efetivo comportamento editorial do JB, tanto mais que a institucionalização da censura governamental torna inócua a avaliação dos conteúdos principais dos grandes jornais — restando sutis brechas como possibilidades de contestação. O que importa aqui é a representação que o público faz dos veículos. No Rio de Janeiro, inequivocamente a polarização entre os dois principais jornais punha O Globo à direita do JB.

Em algum grau, a segmentação do público gera uma configuração de espaços a serem ocupados pelos principais veículos. Mesmo que dois grandes jornais eventualmente não sejam muito distantes no espectro ideológico, o fato de um situar-se mais “à direita” e outro mais “à esquerda” induz a que cada um ocupe o espaço político que lhe seja mais próximo. Neste sentido, a parcela da opinião pública menos crítica em relação ao regime conduzido pelos militares tendeu a ter no Globo um canal de expressão de sua visão. Da mesma forma, a fatia de público mais avessa ao regime tendeu a ter no JB o veículo de sua preferência.

Apesar do prestígio adquirido, o JB tinha extrema dificuldade para concorrer comercialmente com O Globo. Como relata Herkenroff (2010, p. 7), a decadência financeira do jornal começou a se tornar mais visível na década de 1980, como efeito da crescente concorrência do rival, ancorada na maciça publicidade efetuada na televisão desde a década anterior.

Na virada dos anos 80 para os anos 90 afluíram as grandes crises financeiras do JB, os primeiros atrasos no pagamento de salários. Os bancos, que antes premiavam erros administrativos do JB mediante sucessivos empréstimos, fecharam a porta para a família Brito (HERKENROFF, 2010, p. 7).



Segundo este autor, a circulação começou a cair vertiginosamente, e os sinais da crise financeira começaram a ser sentidos em vários pontos. Em 1995, por exemplo, quando ocorreu a quebra do Banco Nacional, “ninguém noticiou” que o JB devia, somente àquela instituição, cerca de 50 milhões de dólares:

Pelo menos é o que o alto escalão na redação, nas internas, dizia na época. Pouco depois, quebraria o Banco Econômico, e de novo lá estava o JB na lista dos maiores devedores, algo em torno de 10 milhões de dólares, sempre segundo editores com quem privei naquela correria de atualizar e melhorar a edição em cima do fechamento ou já durante a rodada, posto que ainda havia luta renhida com o concorrente O Globo (HERKENROFF, 2010, p. 7).

Já sem condições para manter seus principais e célebres profissionais diante de sua decadência financeira e paralelamente ao movimento de O Globo para se revitalizar e se apresentar aos leitores com um novo padrão de qualidade jornalística, o JB perderia alguns de seus principais nomes, muitos dos quais, ironicamente, tomariam o caminho da redação do concorrente. Foi o caso dos colunistas Zózimo Barroso do Amaral (1993), Zuenir Ventura (1999) e Ancelmo Gois (2001), para citar alguns exemplos.

Em 2001, endividado e já em forte crise, o JB foi arrendado pelo empresário Nelson Tanure, à época conhecido por ter adquirido o estaleiro Verolme (concordatário) e por ter-se tornado sócio majoritário da Companhia Docas de Santos, entre outros negócios bastante alheios ao ramo da Comunicação. Aos 16 de abril de 2006, o JB abandonou o tradicional formato *standard* e adotou o chamado formato europeu, de tamanho intermediário entre o tabloide e o convencional. Finalmente, em 1º de setembro de 2010 o jornal passou a circular apenas pela internet, tendo tido sua última edição impressa aos 31 de agosto de 2010. Mas o que deixou de circular já não era o velho Jornal do Brasil, como resumiu o jornalista Ancelmo Gois, em declaração ao Globo do dia 31:

O "JB" acabou faz tempo. Era um cadáver insepulto. Digo isso com tristeza. É difícil dizer quando exatamente o jornal acabou, mas, certamente, não foi agora. Em que pese o esforço quase heroico dos coleguinhas que estavam lá, o jornal já tinha perdido a alma (O GLOBO, 2010. P.30).

A “morte” do JB, mais um *processo* do que um *evento*, criou novo cenário no jornalismo do Rio de Janeiro. O fim da polarização criaria ambiente propício para mudanças no antigo concorrente.

## Reformas gráficas e editoriais

Enquanto o JB cumpria sua trajetória descendente, O Globo tomava iniciativas para ampliar o seu espaço no mercado editorial do Rio de Janeiro. Um marco importante deste processo foi a grande reforma gráfica experimentada pelo jornal, em 1995. O novo projeto foi desenvolvido pelo escritório dos *designers* Milton Glaser e Walter Bernard, localizado em Nova York. Segundo o *site* Memória O Globo, adotou-se “uma tipologia mais moderna” e “um logotipo adaptado às cores da bandeira brasileira e um novo conceito de redação”.

Em 20 de dezembro de 1995, O Globo mudou de cara da noite para o dia seguinte. Sempre acompanhando os avanços tecnológicos, o jornal alterou radicalmente a sua apresentação gráfica [...].<sup>22</sup>

Não foi apenas uma mudança visual, mas também de conteúdo. No mesmo dia 20/12/95, O Globo inaugurava uma modificação editorial que sinalizava a busca de mais pluralidade em sua seção de opinião: a inserção de um artigo com visão diferente da defendida em editorial pelo próprio jornal. Naquela edição de quarta-feira, na página 06, O Globo combatia a tese da discriminação do consumo de maconha, a propósito de um projeto de lei que propunha eliminar a pena de prisão para o simples consumidor de drogas. Mesmo reconhecendo os avanços da proposta, no sentido de minar a corrupção policial e evitar a prisão de pessoas de baixo potencial de periculosidade, o jornal foi enfático ao criticar a possibilidade de liberalização generalizada do consumo de maconha e outras drogas tidas como mais fortes: “Avançar mais do que isso, em qualquer direção, seria contraproducente” (O GLOBO, 1995, p. 6)

Logo abaixo do editorial, o jornal publicou artigo do então deputado federal Fernando Gabeira, do Partido Verde do Rio de Janeiro (PV/RJ), intitulado “Nova política de drogas”. Também defendendo a proposta de mudança, Gabeira se diferenciou do Globo, no entanto, ao qualificar a nova política como uma espécie de primeiro passo, limitado pelo caráter controverso do tema.

No momento em que a violência urbana é essencialmente determinada pelo tráfico de drogas, não seria uma política de avestruz essa permanente tendência de dar as costas para o problema? (GABEIRA, 1995, p. 6)

---

<sup>22</sup> Memória O Globo: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/reforma-graaceutifica-9178726>. Consulta em 3/10/2015.

É emblemático que a posição do Globo a esse respeito em 20/12/95, data-marco de um processo de oxigenação editorial, tenha sido completamente modificada alguns anos após. Em 20/06/11, em editorial intitulado “Livre trânsito de ideias”, o jornal comemora a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de liberar as chamadas marchas da maconha:

A expansão do consumo em todo o mundo é prova inquestionável da falência da política, ainda predominantemente adotada nos fronts da guerra contra os entorpecentes, escorada em princípios policial-militares (O GLOBO, 2011, p. 6).<sup>23</sup>

Em entrevista concedida a esta pesquisa, o jornalista “X” — responsável, como foi dito anteriormente, por uma das principais editorias em 2015 — declarou textualmente que a opinião do jornal está “fechada com a descriminalização”.

A reforma gráfica de 1995 foi complementada por uma nova intervenção, bem menos incisiva, realizada em 2012. A edição de 29/07/12, que inaugurou as novas mudanças, incluiu um suplemento dedicado a explicar aos leitores o que estava sendo mudado. Neste suplemento, o então vice-presidente das Organizações Globo, João Roberto Marinho, explicitou a resistência de Roberto Marinho em adotar inovações propostas pelos filhos. O comentário foi publicado em uma entrevista realizada por dois jornalistas: Ascânio Seleme, então diretor de Redação, e Luiz Antonio Novaes, o Mineiro, então editor executivo de primeira página:

João Roberto Marinho: [...] A primeira reforma gráfica do Globo foi a de 95, e isso era uma característica do meu pai. Ele achava que o jornal não devia surpreender o leitor. O jornal devia evoluir sutilmente na sua apresentação gráfica, com o leitor sempre habituado a ela, em vez de fazer uma reforma em que, num dia, sairia diferente do que era antes.

Ascânio Seleme: Foi o que aconteceu em 95. Mas não é o que acontece agora.

João Roberto Marinho: Não, não é o que acontece agora. Em 95, estávamos com uma proposta de mudar o projeto do jornal mesmo; não era só uma questão gráfica. Era de estrutura do jornal, e nosso projeto foi muito feliz (O GLOBO, 2012, p. 2)

Na mesma entrevista, João Roberto Marinho explica que, enquanto a maioria das reformas tendia a adotar um padrão de matérias mais curtas — para concorrer com a televisão —, O Globo apostou justamente em matérias mais longas nas pautas “que realmente são importantes

---

<sup>23</sup> Nesta edição, o tema também mereceu uma seção “Outra opinião”. Assinado pelo presidente da seção paulista da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Luiz Flávio Borges D’Urso, o artigo contrário teve como título “Evitar um mal maior”.

para o leitor ter visões diferentes de um mesmo assunto” (O GLOBO, 2012, p. 2). Tratou-se, portanto, sob o ponto de vista do próprio jornal, de ampliar o aspecto plural da cobertura.

Sobre a maior ascendência dos filhos de Roberto Marinho sobre os destinos do jornal mesmo antes da morte do pai, indicada no episódio da reforma gráfica e editorial de 1995, temos um depoimento que ratifica sua importância. Em entrevista a esta pesquisa, o jornalista “X” informou que o trabalho de transição em direção à entrega da administração do jornal à geração seguinte foi feito com bastante antecedência em relação à morte de Roberto Marinho.

Quando ele morreu, houve o velório, o enterro, mas vida que segue, sem alteração na sistemática. Porque o grupo já tinha feito uma reforma de gestão que horizontalizou as decisões. Em vez de ser um círculo com Roberto Marinho no meio, já tinha ficado mais horizontal.

Também em entrevista concedida a este trabalho, o jornalista “Y” — destacado e premiado jornalista da redação de O Globo<sup>24</sup> — sustentou que a opinião do jornal não interfere no tom do noticiário. Citou como exemplo matérias investigativas sobre crimes de tortura praticados durante a ditadura militar que ganharam grande destaque em diversas edições. E mencionou que a revisão da linha editorial explicitada em 2013, por ocasião da autocrítica efetuada pelo jornal, foi um processo que começara bem antes.

De certa forma, o meu trabalho é um pouco na prática essa guinada, e ela já aconteceu antes mesmo de o jornal oficialmente institucionalizar com a famosa autocrítica. Não começou comigo, veio antes um pouco, premiado com um trabalho fantástico sobre o Araguaia, em 1996, um ano antes da minha entrada. Depois, de certa forma, a gente mergulhou nas investigações sobre os crimes da ditadura.

O repórter se refere à série de reportagens sobre a guerrilha do Araguaia publicada pelo Globo a partir de 28 de abril de 1996, demonstrando que os guerrilheiros não foram mortos em combate, como tentava fazer crer a versão oficial. Em seu site de memórias, o jornal resgata a série de matérias e exalta o papel do Globo na reconstituição da história do país. Diz ter-se tratado de “um furo histórico” que “chocou o Brasil”, uma vez que provava definitivamente como, onde e quando ocorreu a morte dos guerrilheiros.

---

<sup>24</sup> Como já explicitado na página 21 desta tese, também este entrevistado não está sendo nominado em razão de não termos obtido, dentro dos prazos regulamentares do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Uenf, seu retorno quanto à autorização formal para ser identificado. Por isso, embora a entrevista tenha sido gravada e não tenhamos qualquer indicação em contrário do entrevistado, optamos por nos referir a ele como o “jornalista Y”.

Foi dessa forma que O Globo conseguiu recontar a história de Maria Lúcia Petit, Kléber Lemos e Dower Cavalcante, mortos no Araguaia. O trabalho também levou à identificação de quatro cemitérios clandestinos e fez com que o governo Fernando Henrique se comprometesse a ajudar na localização de ossadas. A série levou o Prêmio Esso de Jornalismo daquele ano.

A reportagem inaugural foi tema da manchete do jornal de 28 de abril de 1996. Ocupando dois terços da largura da página (quatro colunas, como se diz em linguagem jornalística) e mais da metade da altura, a chamada de capa estampa uma foto de José Genoíno algemado pelos soldados do Exército em abril de 1972. À época da publicação, Genoíno era deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT). No interior do jornal, a reportagem ocupou quatro páginas, da 14 a 17. No dia seguinte, 29 de abril de 1996, O Globo voltou a abordar o tema em sua manchete.

Figura 2 – Capa do jornal O Globo de 28 de abril de 1996



Figura 3 – Capa do jornal O Globo de 29 de abril de 1996



Na entrevista que nos concedeu, o jornalista “Y” menciona que ele próprio produziu reportagens sobre crimes da ditadura que tiveram destaque na primeira página do jornal. Foi o caso da matéria com o ex-agente da repressão Paulo Malhões, selecionada como a manchete da edição de 24 de junho de 2012 (conforme figura 4). A reportagem resgatou relatos sobre a chamada “Casa da Morte”, em Petrópolis, para onde foram levados, torturados e executados pelo menos 22 presos políticos durante a ditadura militar. Instado sobre a possível interferência da opinião oficial do jornal sobre certos temas tratados nas seções de notícias, afirmou categoricamente a liberdade que os repórteres têm em seus trabalhos de apuração e redação:

Pergunta: Você já está me respondendo sobre a liberdade que você tem, se é total... tem a orientação editorial do Globo que o Aluísio colocou: economia de mercado, liberais nos costumes, a favor da redução da maioria penal...

Jornalista “Y”: Sim, mas isso não interfere na reportagem. No caso do tema que a gente está discutindo aqui. O jornal tem posição clara: anistia é ponto final, não tem que rever nada. Nem por isso eu deixei de publicar várias matérias sobre denúncias do Ministério Público contra agentes do regime, o jornal mancheteou até. Não adianta eu dizer “ah, eu nunca sofri nenhum tipo de restrição”; estou mostrando resultado prático.

Figura 4 – Capa do jornal O Globo de 24 de junho de 2012



À parte o fato de se tratar de um tema de notório interesse jornalístico, a dedicação do jornalista “Y” a reportagens investigativas sobre a ditadura tem uma motivação particular. Aos 19 anos de idade, quando fazia estágio em um jornal da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, ele esteve presente ao Riocentro no momento da explosão de uma bomba que matou o sargento Guilherme do Rosário e feriu o então capitão Wilson Dias Machado, aos 30 de abril de 1981<sup>25</sup>. Na ocasião, realizava-se um show comemorativo na véspera do Dia do Trabalhador, feriado nacional. O governo atribuiu a autoria a radicais de esquerda, mas o atentado foi uma tentativa de setores militares insatisfeitos com a abertura política então empreendida. Em seu relato ao próprio jornal O Globo, o jornalista “Y” diz que estava nos camarins quando surgiu a notícia da explosão de uma bomba no estacionamento. Chegou tão rápido ao local, que não havia isolamento. “Os agentes da repressão pareciam atônitos. Mais atônito fiquei eu. Não consegui anotar nada” (O GLOBO, 2015). Na entrevista concedida a esta pesquisa, o repórter conta o que a cena representou para o resto da sua vida profissional:

A vida me colocou diante disso, eu estava lá no Riocentro, estagiando, vi o sargento morto na minha frente, fui enxotado daquela cena. Eu era uma criança praticamente, fiquei assustado, ficou uma dívida que não consigo jamais pagar.

<sup>25</sup> Uma segunda explosão, sem vítimas, ocorreu na miniestação elétrica responsável pelo fornecimento de energia do Riocentro. A bomba foi jogada por cima do muro da miniestação, mas explodiu em seu pátio; a eletricidade do pavilhão não chegou a ser interrompida. De acordo com diferentes relatos e depoimentos colhidos nos Inquéritos Policiais Militares (1981 e 1999), essa segunda bomba deveria ocasionar a interrupção no fornecimento de energia do local, paralisando o show e causando, certamente, tumulto e pânico (COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, 2014, p. 4).

## **Mudanças no posicionamento de mercado de O Globo e a criação do jornal “Extra e Expresso”**

Vimos que a mudança no perfil editorial de O Globo ocorreu paralelamente à decadência do antigo rival, o Jornal do Brasil, podendo ser situada como um processo maturado ao longo da década de 1990. Nesta mesma década, em 1998, surgiria outro elemento relevante no processo de mudança do antigo jornal de Roberto Marinho: o jornal Extra.

Seu lançamento ocorreu em abril de 1998, com foco principal sobre os leitores da Classe C. Esta fatia do mercado fluminense era então dominada pelo jornal O Dia, que vinha de mudanças editoriais importantes, a partir de sua aquisição pelo empresário Ary Carvalho, em 1987, deixando de pertencer à família de Chagas Freitas, governador do Rio de Janeiro no período de 15/03/1979 a 15/03/1983.

Em dezembro de 1997, a circulação de O Dia ultrapassou a de O Globo, refletindo-se na assunção da liderança entre os jornais do Rio de Janeiro ao final do primeiro semestre de 1998, como mostra a Tabela 1.

**Tabela 1: Circulação anual dos principais jornais do Rio de Janeiro – 1994-1998**

	<b>O Dia</b>	<b>O Globo</b>	<b>Jornal do Brasil</b>	<b>Extra</b>
<b>1994</b>	109.085.611	121.631.573	45.116.777	-
<b>1995</b>	123.142.912	151.497.457	42.272.055	-
<b>1996</b>	129.017.721	147.505.798	40.367.362	-
<b>1997</b>	137.142.540	139.835.174	38.789.447	-
<b>1998/1º semestre</b>	70.226.326	64.519.491	18.778.338	20.811.278

Fonte: Instituto de Verificação de Circulação (IVC), *apud* Brandão (1998)

Se a concorrência de O Globo com o JB se esvaziava na medida da decadência deste último, a disputa de mercado com O Dia se acentuaria, mas se daria em outra frente. Em virtude de seu estilo sensacionalista original e da fatia de público a que se destinava (classes C e D), O Dia não era visto como concorrente direto de O Globo, ainda que as mudanças editoriais do jornal adquirido por Ary Carvalho lhe garantissem crescente penetração em estratos sociais superiores. Em 1998, O Dia se consolidou como líder nas classes B2, C e D, conforme Brandão (1998).



Para fazer frente ao crescimento de O Dia, O Globo precisaria reagir. Eventuais mudanças para atingir o público preferencial do concorrente poderiam exigir uma mudança de identidade potencialmente capaz de fazer perder o espaço que o jornal já tinha entre leitores de classes mais altas. A solução encontrada foi justamente o lançamento de um novo jornal voltado para a classe C: o Extra<sup>26</sup>.

Esperava-se também uma reação do O Globo, que, pressionado pela perda de liderança para O Dia, há tempos estava desenvolvendo um projeto de um jornal popular para estancar o crescimento do seu concorrente. Finalmente em abril de 1998, O Globo lançou o jornal Extra, um jornal a cores, boa qualidade editorial, caderno de domingo, caderno de esporte, uma campanha publicitária estimada em US\$ 10 milhões, a força da marca O Globo, e um preço de capa de R\$ 0,25, metade do preço do O Dia. Revelou-se desde o início um enorme sucesso e estourou as previsões mais otimistas, vendendo inicialmente 230.000 diários, e conseguiu efetivamente estancar o crescimento do O Dia, apesar de também ter canibalizado vendas do O Globo (BRANDÃO, 1998, p. 20)

A primeira edição do Extra, com 130 mil exemplares, esgotou-se antes das 8h30 da manhã. Buscando, como O Dia, conciliar informação com entretenimento, Extra adotou artistas e pessoas famosas como colunistas, uma página de serviços diária, um pequeno dicionário de palavras não usuais e termos técnicos e uma revista aos domingos, o Canal Extra, além de promoções constantes como forma de atrair mais compradores (FLESSATI, 2013).

A aposta no Extra correspondeu a uma estratégia bem-sucedida por parte dos controladores do Grupo Globo para conquistar os leitores da classe C, cujo potencial de consumo crescia a partir da estabilização da inflação, em 1994 (Plano Real). À época, esta fatia do mercado de jornais do Rio de Janeiro vinha sendo amplamente dominada pelo jornal O Dia, que desde a década de 1980 buscava abandonar uma identidade de jornal de notícias policiais.

Para os fins deste trabalho, o que importa no caso do jornal Extra são dois aspectos que, tomados em conjunto, lançam luz sobre nossa reflexão: sua linha editorial, fortemente voltada para o entretenimento (sem foco em pautas políticas ou partidárias) e sua relativamente alta circulação. A consideração destes dois aspectos permite interpretar a postura dos controladores do Grupo Globo demonstra uma preocupação pautada pelo pragmatismo empresarial dando vasilão a

---

<sup>26</sup> Este raciocínio está exposto na postagem “A história do jornal Extra”, no blog *Marketing e Gestão*, de responsabilidade de Fernando Flessati (<http://proffernandoflessati.blogspot.com.br/2013/07/gestao-estrategica-mba-unigranrio.html>). Segundo Flessati, trata-se de um estudo de caso (*case*) do qual não é o autor: os dados foram levados por um funcionário do Extra e apresentados em aula.

decisões tomadas por razões de mercado e, com certeza, muito menos por motivações ideológicas, o que poderia acontecer se Roberto Marinho ainda estivesse à frente do Grupo. Afinal, o período em que o jornal de Roberto Marinho foge à imagem de um veículo marcadamente “direitista” corresponde, no tempo, à paulatina morte do seu antigo concorrente à esquerda — o Jornal do Brasil, que deixou órfã uma fatia do público leitor do Rio de Janeiro. Na mesma linha, o braço popular do Globo, capaz de obter penetração na classe C, não se preocupa em veicular posições políticas ou defender valores caros à tradição “liberal” do grupo, contentando-se em se adequar o mais que puder às exigências de seu público. Tudo isto sugere que as recentes alterações na linha editorial do Globo não devem ser analisadas apenas à luz de critérios ideológicos, mas também como adequação a um dinamismo de mercado<sup>27</sup>.

Como resultado dessas mudanças em termos de um atendimento mais segmentado aos leitores de jornais no Rio de Janeiro temos hoje um O Globo cuja circulação é estimada em 203.595 exemplares nos dias úteis e em 281.500 nos domingos, segundo pesquisa feita pelo instituto Ipsos Marplan<sup>28</sup>. Dos leitores de O Globo, segundo outra pesquisa do Ipsos Marplan<sup>29</sup>, 50% pertencem à classe B; 30% à classe A; 18% à classe C e 2% às classes D e E. Em termos de escolaridade, a mesma pesquisa que identificou as classes sociais dos leitores de O Globo indicou os seguintes percentuais: 60% têm nível superior; 26% têm o 2º grau e 14% têm apenas o 1º grau. Esses números levam à conclusão óbvia de que O Globo é hoje um jornal destinado à uma elite econômica e social, e que para atingi-la e fideliza-la, seus responsáveis são obrigados a publicar um jornal com características muito próprias, capaz de satisfazer esse público-alvo em termos dos seus anseios, gostos e valores. Algumas das estratégias para fazê-lo estão expressas a seguir.

Acresça-se ao cenário específico da imprensa no Rio de Janeiro, base do público do jornal O Globo, todo um conjunto de mudanças contextuais mais gerais que ocorrem no Brasil desde pelo menos a redemocratização, em meados da década de 1980. De certa forma, este amplo conjunto de mudanças pode ser visto como uma etapa avançada da paulatina revolução

---

<sup>27</sup> Como lembra Azevedo (2011), em vista da dissociação da agenda dos segmentos populares e “nova classe média” em relação à agenda das classes A e B, a influência (recíproca) entre a opinião dos grandes jornais e a do público se concentra sobre as classes mais altas. Esta perspectiva se coaduna com a que adotamos neste trabalho ao considerarmos as mudanças editoriais do Globo não como simples mutação ideológica, mas em parte como acomodação ao mercado (do que a criação do Extra seria exemplo emblemático).

<sup>28</sup> Realizada de abril de 2013 a março de 2014 e divulgada pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação) em julho do corrente ano.

<sup>29</sup> Realizada entre julho de 2008 a julho de 2009.

diagnosticada nos anos 1930 por Sérgio Buarque de Holanda (1995), que apenas lentamente poderia desativar os mecanismos personalistas de sociabilidade e organização política herdados da época colonial.

A grande revolução brasileira não é um fato que se registrasse em um instante preciso; é antes um processo demorado e que vem durando pelo menos há três quartos de século. Seus pontos culminantes associam-se como acidentes diversos de um mesmo sistema orográfico. (HOLANDA, 1995: 171)

Os reflexos deste amplo processo são sentidos em todas as áreas, mas particularmente na afirmação de uma nova matriz de moralidade que tende a valorizar as opções individuais na vida privada e minar os pilares do tradicional arcabouço hierárquico do Brasil. Para recorrer a um exemplo emblemático, que problema haveria, três ou quatro décadas antes, no fato de um ministro da Fazenda pedir a um subordinado, presidente da Caixa Econômica Federal, para verificar a movimentação bancária de um simples caseiro que incomodava o governo com acusações ao mesmo ministro? Que problema haveria em vazar a informação de depósitos suspeitos na conta do mesmo caseiro, fazendo supor que este agisse contra o ministro por estímulos financeiros de alguém da oposição? Pois este episódio, ocorrido em 2006, tornou insustentável a permanência no cargo do então ministro da Fazenda Antonio Palocci<sup>30</sup>.

Estamos nos referindo a um processo que, em seu aspecto mais abrangente e visível, interpela todos os atores, independentemente do seu poder de intervenção, e os constrange a justificar discursivamente sua atuação<sup>31</sup>. É evidente que isto não significa uma equalização geral de todos a um mesmo nível de poder, mas sim que se notam no Brasil crescentes limites morais e institucionais à pura e simples afirmação do interesse do mais forte. Neste mesmo processo — nesta grande e duradoura revolução de que fala Sérgio Buarque de Holanda — se incluem, entre outros, (a) o aumento das restrições legais em virtualmente em todas as áreas de atuação (gestão pública, setor empresarial, âmbito profissional etc.); (b) o fortalecimento de instâncias efetiva ou relativamente insuladas frente ao poder político-partidário e empresarial (notadamente o

---

<sup>30</sup> Na mesma linha, o jornalista “X” afirmou que hoje não seria admissível uma edição de debate entre candidatos a presidente nos moldes do que a Rede Globo de Televisão fez nas vésperas do segundo turno da eleição em que Fernando Collor de Melo derrotou Luiz Inácio Lula da Silva, em 1989.

<sup>31</sup> Trata-se de um terreno no qual a teoria da ação comunicativa de Habermas (1989), fortemente normativa, ganha clara correspondência empírica.

Ministério Público pós-Constituição de 1988 e a Polícia Federal a partir dos governos do Partido dos Trabalhadores); e (c) a crescente exigência de transparência nas instâncias de decisão<sup>32</sup>.

Uma vez descrito este contexto, é possível analisar com mais propriedade e entendimento os vários movimentos empreendidos pelos responsáveis pelo jornal O Globo para levar a uma mudança significativa e desejada de sua imagem junto aos seus leitores e ante a opinião pública brasileira.

### ***Mea culpa, uma ação de impacto***

Em 1º de setembro de 2013, nas páginas 14 e 15 do primeiro caderno, O Globo apresentou ao público a concretização do seu projeto de disponibilização integral do acervo de todas as edições do jornal desde sua fundação, em 1925. Além de abrir seus arquivos à pesquisa de qualquer cidadão, o projeto Memória O Globo trouxe o resultado de uma autocrítica feita pelos três filhos de Roberto Marinho, hoje no comando do Grupo Globo quanto a episódios controversos de sua cobertura, analisados “à luz da história”. Concebemos este gesto como parte importante da estratégia Grupo Globo de, de certa forma, virar formal e oficialmente uma página na história do Grupo e, conseqüentemente do seu principal jornal, ao se apresentar com uma nova face perante seu público e a sociedade brasileira em geral.

Sobre o *mea culpa*, manifestado e amplamente difundido pelo Grupo Globo dentro de seus veículos de comunicação e que contou com enorme repercussão na opinião pública, com relação ao apoio dado pelo jornal ao golpe civil-militar de 1964 e por todo o seu período de duração do regime militar se se instalou no Brasil por intermédio desse golpe, vale nos debruçarmos mais detidamente. O ato em si parece ter sido um movimento muito bem pensado e calculado com o intuito de remodelar a imagem que a sociedade brasileira tinha sobre as antigas “Organizações Globo”, hoje Grupo Globo e mais especificamente sobre o jornal O Globo. Porém há que se registrar que as reações da sociedade brasileira, ou melhor, de partes e setores da sociedade brasileira não foram necessariamente de boa vontade e aceitação integral desse ato institucional importante e histórico.

---

<sup>32</sup> Notável, neste sentido, é a transmissão ao vivo, por canais institucionais de televisão e/ou pela internet, de sessões do Supremo Tribunal Federal e das casas legislativas em todos os níveis da federação (Senado, Câmara Federal, assembleias legislativas e câmaras municipais).

Por um lado, houve muitos atores políticos e representantes da sociedade civil que consideraram o teor desse mea culpa como pálido e insuficiente esforço de revisão histórica e como mero “jogo de cena” político e de marketing. O que se pode observar a respeito do conteúdo desse mea culpa é que, além de fazer uma ode à democracia e ressaltar enfaticamente o compromisso de O Globo com ela, esse mea culpa realmente anuncia mais do que oferece. Ao reconhecer que o jornal errou, ou melhor dizendo, que Roberto Marinho errou nos idos de 1964, os atuais responsáveis pela linha editorial do jornal acabaram em grande medida justificando a atitude do pai ao descrever e contextualizar as circunstâncias históricas que quase o obrigaram a esse apoio.

As reações vieram de vários pontos do espectro ideológico da nossa sociedade, desde as críticas que o Instituto João Goulart fez quanto ao que chama de mentiras contidas no mea culpa à reação de representantes das Forças Armadas que, como visto repetidamente aqui, tiveram uma relação de integração de interesses quase absoluta e atávica com Roberto Marinho durante todo o tempo em que este esteve à frente de suas organizações de comunicação.

Como exemplo das reações vindas da sociedade civil e, mais especificamente, da mídia, reproduzimos a seguir a argumentação a esse respeito feita por Claudio Bernabucci publicado no site da revista Carta Capital<sup>33</sup>

[...] impossível não constatar a absoluta insuficiência da elaboração oferecida pelos vértices da Globo à sociedade brasileira: no comprido editorial – que dedica muito espaço a encontrar justificativas, em vez de articular com qualidade a reflexão autocrítica – faltam profundidade de pensamento e, mais ainda, deduções lógicas. Não quero estender-me nesse aspecto, que outros colegas tratarão nesta revista – estou certo – com maior competência do que eu. Só me interessa destacar que a autocrítica superficial presta-se à forte suspeita de ser – com razão ou sem ela – meramente instrumental: resposta contingente aos problemas do presente, mais do que autêntica catarse histórica. Em outros termos, à luz de minha apreciação anterior: a montanha pariu um ratinho.

Já da parte dos círculos militares que se sentiram traídos por essa ação, o que se viu foi uma incisiva manifestação de revolta. Destaca-se nesse quadro a reação do Clube Militar, que, para expor toda a sua indignação com a atitude dos filhos do aliado de sempre, Roberto Marinho, transcreveu em seu *site* uma nota de protesto intitulada “Equívoco é uma ova!”<sup>34</sup>:

---

<sup>33</sup> Publicado em 07/09/2013 09h12, última modificação 06/06/2015, 17h09.

<sup>34</sup> Ver link <http://www.cartacapital.com.br/blogs/midiatico/clube-militar-critica-editorial-201cmea-culpa201d-de-o-globo-1717.html>, consulta em 15/10/15.

Numa mudança de posição drástica, o jornal O Globo acaba de denunciar seu apoio histórico à Revolução de 1964. Alega, como justificativa para renegar sua posição de décadas, que se tratou de um “equivoco redacional”.

[...]

Pressionado pelo poder político e econômico do governo, sob a constante ameaça do “controle social da mídia” – no jargão politicamente correto que encobre as diversas tentativas petistas de censurar a imprensa – o periódico sucumbiu e renega, hoje, o que defendeu arduamente ontem.

Alega, assim, que sua posição naqueles dias difíceis foi resultado de um equivoco da redação, talvez desorientada pela rapidez dos acontecimentos e pela variedade de versões que corriam sobre a situação do país.

Dupla mentira: em primeiro lugar, o apoio ao Movimento de 64 ocorreu antes, durante e por muito tempo depois da deposição de Jango; em segundo lugar, não se trata de posição equivocada “da redação”, mas de posicionamento político firmemente defendido por seu proprietário, diretor e redator chefe, Roberto Marinho, como comprovam as edições da época; não foi, também, como fica insinuado, uma posição passageira revista depois de curto período de engano, pois dez anos depois da revolução, na edição de 31 de março de 1974, em editorial de primeira página, o jornal publica derramados elogios ao Movimento; e em 7 de abril de 1984, vinte anos passados, Roberto Marinho publicou editorial assinado, na primeira página, intitulado “Julgamento da Revolução”, cuja leitura não deixa dúvida sobre a adesão e firme participação do jornal nos acontecimentos de 1964 e nas décadas seguintes.

Declarar agora que se tratou de um “equivoco da redação” é mentira deslavada.

Equivoco, uma ova! Trata-se de revisionismo, adesismo e covardia do último grande jornal carioca. Nossos pêsames aos leitores.

No que tange à revisão histórica do jornal O Globo, aquele que Roberto Marinho reputava como o mais influente dos seus veículos de comunicação, verificamos que seus dirigentes atuais assumiram dois erros e refutaram como falsas outras três acusações. Foram considerados equivocados o apoio à ditadura militar instaurada a partir do Golpe de 1964, como dito acima, e a cobertura do movimento pelas eleições diretas para presidente da República, em 1984 (“Diretas Já”). Por outro lado, contestou as acusações de (a) conspiração contra Getúlio Vargas por ocasião de seu suicídio; (b) participação em suposta tentativa de golpe contra a eleição de Leonel Brizola para o governo do estado do Rio de Janeiro em 1982 (caso Proconsult); e (c) recebimento de recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) durante reestruturação financeira em 2005.

Para efetivar com sucesso a reformulação do jornal, desde sua apresentação gráfica como o enriquecimento e aprimoramento do conteúdo e os ajustes na linha editorial que tinham por objetivo criar praticamente um novo jornal, que mantivesse seus leitores já conquistados e conquistasse uma parcela de leitores habituais de jornal que ficaram sem o “seu” Jornal do Brasil foi necessário, como dito acima, fazer as contas com o passado e para abrir caminho para um novo futuro. Para isso foi necessário reconhecer os erros pelo apoio ao golpe e ao regime militar e da cobertura subdimensionada do movimento popular das Diretas Já.

A seguir detalharemos os dois episódios históricos e paradigmáticos nos quais os atuais responsáveis pelo O Globo reconhecem que o jornal errou – entende-se aqui, obrigatoriamente, que Roberto Marinho errou – e, ato contínuo, mas não declarado, pedem perdão aos seus leitores e ao povo brasileiro.

### **Primeiro erro: o apoio ao golpe e à ditadura**

Quando O Globo publicou sua autocrítica, em 1º de setembro de 2013, o Brasil vivia os reflexos imediatos das manifestações de junho. Mas, segundo o jornal, a iniciativa da reflexão sobre o seu passado foi anterior àquela conjuntura, hostil à mídia convencional e particularmente ao grupo Globo. Como registra em editorial (O GLOBO, 2013, p. 15), as manifestações de junho ressuscitaram o coro “a verdade é dura, a Globo apoiou a ditadura”.

Intitulado “Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro”, o texto de retratação também ganhou destaque no Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, com uma nota coberta que teve duração de dois minutos e quarenta segundos (TEIXEIRA, 2014, p. 5). Para esta autora, a referência às palavras de ordem já no começo do texto configura uma estratégia discursiva que denota o interesse do grupo em demonstrar uma postura de diálogo e de transparência.

Como relata o jornalista “X”, em entrevista concedida em 29/04/15 para esta pesquisa, a discussão interna sobre os pontos controversos da história do jornal tinha começado cerca de dez anos antes:

Pergunta: Daria para descrever mais ou menos processo, como você falou? Indicar como isso se estabeleceu como pauta...

Jornalista “X”: Minha leitura pessoal: há um momento... o jornal já é plural, a TV faz dramaturgia de alta qualidade, um jornalismo vibrante, debates em campanhas — aprendeu que não pode editar debate, né? — enfim, uma preocupação em fazer direito nos nossos padrões de Brasil e mesmo internacionais. E nós vamos ficar carregando esse estigma? Olha, gente, é o seguinte: erramos. Se fosse hoje, certamente não faríamos. Foi um equívoco, pronto, acabou. Simples assim. Mas isso é processo. Não é um dia chegar e dizer... são dez anos!

Ao fazer referência à hostilidade das manifestações à adesão do Globo à ditadura, o editorial de 1º de setembro de 2013 expressa que aquela era uma lembrança impossível de ser refutada, embora incômoda para o jornal. O texto atenua o peso do erro ao listar outros apoiadores do golpe, à época, como a maioria dos grandes jornais (O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo,

Jornal do Brasil, Correio da Manhã) e “parcela importante da população” por meio de manifestações e passeatas organizadas no Rio de Janeiro, em São Paulo e em outras capitais.

Naqueles instantes, justificavam a intervenção dos militares pelo temor de um outro golpe, a ser desfechado pelo presidente João Goulart, com amplo apoio de sindicatos — Jango era criticado por tentar instalar uma “república sindical” — e de alguns segmentos das Forças Armadas. (O GLOBO, 2013, p. 15)

Na transcrição para o jornal impresso dos textos constantes do *site* dedicado ao resgate da memória do periódico, consta que a divisão ideológica do mundo na Guerra Fria, entre Leste e Oeste, comunistas e capitalistas, se reproduzia, em maior ou menor medida, em cada país, incluindo o Brasil.

A situação política da época se radicalizou, principalmente quando Jango e os militares mais próximos a ele ameaçavam atropelar Congresso e Justiça para fazer reformas de “base” “na lei ou na marra”. Os quartéis ficaram intoxicados com a luta política, à esquerda e à direita. Veio, então, o movimento dos sargentos, liderado por marinheiros — Cabo Anselmo à frente —, a hierarquia militar começou a ser quebrada e o oficialato reagiu.

Naquele contexto, o golpe, chamado de “Revolução”, termo adotado pelo Globo durante muito tempo, era visto pelo jornal como a única alternativa para manter no Brasil uma democracia. Os militares prometiam uma intervenção passageira, cirúrgica. Na justificativa das Forças Armadas para a sua intervenção, ultrapassado o perigo de um golpe à esquerda, o poder voltaria aos civis. Tanto que, como prometido, foram mantidas, num primeiro momento, as eleições presidenciais de 1966.

O desenrolar da “revolução” é conhecido. Não houve as eleições. Os militares ficaram no poder 21 anos, até saírem em 1985, com a posse de José Sarney, vice do presidente Tancredo Neves, eleito ainda pelo voto indireto, falecido antes de receber a faixa (O GLOBO, 2013, p. 15).

O texto resgata ainda o editorial de 07 de dezembro de 1984, assinado por Roberto Marinho, em que se reafirmava o apoio não apenas ao golpe, mas à ditadura militar que se seguiu até a década de 1980. Em tom defensivo, conclui:

Os homens e as instituições que viveram 1964 são, há muito, História, e devem ser entendidos nessa perspectiva. O Globo não tem dúvidas de que o apoio a 1964 pareceu aos que dirigiam o jornal e viveram aquele momento a atitude certa, visando ao bem do país. À luz da História, contudo, não há por que não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro, assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto original. A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma (O Globo, 2013, p 15).



## **Segundo erro: cobertura subdimensionada das Diretas Já**

O segundo erro admitido por O Globo segue a mesma linha do primeiro: se antes se tratava do apoio editorial ao regime implantado pelos militares, neste caso está em questão a omissão do vigor da campanha popular que visava justamente pôr fim à ditadura por meio da convocação de eleições diretas para a Presidência da República.

O movimento, que ficaria conhecido como “Diretas Já”, teve como âncora uma proposta de emenda constitucional apresentada em 1983 pelo deputado federal Dante de Oliveira (PMDB-MT). Embora o governista Partido Democrático Social (PDS) tivesse maioria no Congresso, tornando em tese inócua a proposta oposicionista, a campanha pelas eleições diretas ganhou as ruas do país. No entanto, o crescimento da mobilização — que culminou com grandes atos públicos em 1984 — não encontrou expressão nas páginas de O Globo<sup>35</sup>.

Em seu *mea culpa*, o jornal faz uma cronologia dos episódios mais relevantes de sua omissão. Afirma que começou a errar em novembro de 1983, quando houve um ato público “de porte médio” na Praça Charles Muller, à frente do estádio do Pacaembu, que mereceu um registro de apenas um parágrafo, ao final de pequena matéria intitulada “Tancredo: Diretas, só pelo entendimento com o PDS”.

O erro prosseguiu na cobertura do primeiro comício da campanha, realizado em Curitiba, em 12 de janeiro de 84. Apesar de reunir estimados 50 mil participantes, ele foi noticiado em pé de página interna, com foto, mas sem menção na primeira<sup>36</sup>

Na visão do próprio Globo, o principal erro do jornal ocorreu na cobertura dos eventos do dia 25 de janeiro de 1984, quando houve importante comício na Praça da Sé, em São Paulo. O ato teve a presença do governador Franco Montoro e de personalidades como o deputado federal Ulysses Guimarães, o senador Fernando Henrique Cardoso e o governador do Rio, Leonel Brizola. Artistas populares também marcaram presença, como Chico Buarque, Paulinho da Viola, Fafá de Belém, Fernanda Montenegro e outros.

---

<sup>35</sup> Também a Rede Globo de Televisão silenciava o clamor popular pelas eleições diretas. Em 27 de maio de 1984, um mês e dois dias após a derrota da emenda Dante de Oliveira no Congresso Nacional, a Globo expôs-se ao constrangimento de não saber o que dizer ao transmitir ao vivo, durante a final do Campeonato Brasileiro de Futebol, o grito das torcidas de Fluminense e Vasco durante a execução do Hino Nacional. Em vez de se insultarem reciprocamente, como é comum nos estádios, gritavam em uníssono “um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil!”.

<sup>36</sup> Memória O Globo: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/cobertura-das-diretas-jaacute-9598120>

Na edição de 26, O Globo noticiou o comício (...) na galeria, num espaço maior que o comício de Curitiba, mas sem o destaque que merecia e com apenas uma chamada muito pequena na primeira página, que pecava ainda por atribuir o grande número de participantes aos artistas que deram show no palanque armado (...).

No dia seguinte, 27 de janeiro de 1984, em editorial, o jornal creditou o sucesso de público à presença de artistas e à propaganda contratada pelo governo estadual junto a diversos meios de comunicação e ao fato de “haverem os governantes determinado a gratuidade de todos os meios de transporte...”. No mesmo editorial, o jornal reconheceu que as "Diretas Já" tinham a preferência de grande parte do eleitorado, mas ressaltou que sistemas indiretos ou mistos de preenchimento de cargos convivem com a democracia, como ocorre nos Estados Unidos. E qualificou como "imprudência máxima" o estabelecimento do voto direto a apenas um ano da sucessão.

Na perspectiva do jornal, o erro começaria a ser reparado na edição de 25 de fevereiro de 1984, com a cobertura do comício da véspera, em Belo Horizonte — o terceiro da campanha, que finalmente mereceu foto na capa, ainda que na metade inferior. Como consta da autocrítica, ampliava-se o espaço editorial dado ao assunto. Na legenda da foto, informava-se que a Secretaria de Segurança tinha estimado a multidão em 150 mil pessoas, e os organizadores, em 300 mil.

Com o avanço da contagem regressiva para a votação da emenda na Câmara, o movimento cresce e, com ele, o destaque nas edições Globo, corrigindo-se os rumos. No jornal de 22 de março, a passeata no Rio, que ocupou a Avenida Rio Branco da Candelária ao Obelisco, na Cinelândia, foi noticiada com uma chamada objetiva na primeira página ("Diretas: passeata vai da Candelária até a Cinelândia") e grande foto no alto. Em página interna, destaque para as estimativas dos organizadores e dos órgãos de segurança: como em Minas, 300 mil e 150 mil.

O comício teve destaque, mas não foi a manchete. Pelo contrário, no conteúdo de maior destaque da primeira página, O Globo destacou a proposta do governo de restabelecer a eleição direta para presidente, prefeitos de capitais, de estâncias hidrominerais e de municípios considerados de segurança nacional apenas na sucessão do sucessor do então presidente, João Figueiredo. Segundo a autocrítica do jornal, somente quando do maior comício da campanha — realizado na Candelária, no Rio de Janeiro — a cobertura foi condizente com os fatos.

O tema foi manchete do jornal ("Cidade faz por diretas seu maior comício"), e recebeu ampla foto e três páginas internas. Numa delas, o título: "Foi a maior concentração

política da história da cidade". (...) Corrigia-se finalmente a origem dos erros do jornal: deixar que a opinião favorável do Globo à emenda do governo que postergava as diretas para depois do sucessor de Figueiredo influenciasse a cobertura dos fatos.<sup>37</sup>

Frente à linha dura adotada pelo governo na véspera da votação da emenda Dante de Oliveira, a “emenda das diretas”, O Globo incorporou tom crítico. A votação ocorreria em 25 de abril de 1984. No dia 24, o presidente João Figueiredo decretou estado de emergência na Capital Federal e em dez municípios goianos próximos e nomeou o general Newton Cruz (ex-chefe do Serviço Nacional de Informações, o SNI) como responsável pelas providências. Como relata O Globo, o governo temia que manifestações populares ampliassem a dissidência no partido do governo, o PDS, e viabilizasse a aprovação da emenda. Houve cerco da Polícia Militar (PM) ao Congresso e censura ao noticiário das emissoras de televisão e de rádio. Em editorial publicado no dia seguinte ao resultado da votação, O Globo criticou não propriamente o artifício de exceção, mas sim o que considerou excessos, por assim dizer, operacionais do esquema de segurança conduzido pelo general Newton Cruz:

Em contraste com o comportamento impecável das multidões, o país assistiu estarecido aos desmandos de autoritarismo, vizinhos da histeria, que constrangeram e humilharam a população de Brasília e arredores a partir de um precipitado e descabido uso de medidas de emergência. Grotescos e humilhantes interrogatórios nos pontos de chegada à Capital, brasileiros tratados em sua terra como se fossem estrangeiros, invasões, prisões arbitrárias, demonstrações de vã arrogância — ao ponto de controlar-se o trânsito com fuzis para silenciar buzinas —, excessos na despreparo dos executores da exceção.<sup>38</sup>

Por apenas 22 votos, a emenda Dante de Oliveira não foi aprovada na Câmara dos Deputados. A maioria esmagadora da população experimentaria grande frustração, amenizada, meses depois, pela eleição de Tancredo Neves e José Sarney na última eleição indireta do período. Seguiu-se um período de grandes emoções coletivas, ora com sinal positivo, ora com sinal negativo. Assim, o Brasil assistiu à internação de Tancredo na véspera da posse — aos 14 de março de 1985 — seguida de sua morte aos 21 de abril, 38 dias depois. No segundo ano do mandato de Sarney, um clima de euforia cívica tomou conta do país com o “Plano Cruzado” — iniciativa governamental que promoveu congelamento de preços como tática para zerar a inflação —, seguido da *ressaca* com o chamado “Plano Cruzado II”, recheado de medidas

---

<sup>37</sup> Memória O Globo: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/cobertura-das-diretas-jaacute-9598120>, consulta em 15/10/15.

<sup>38</sup> Memória O Globo: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/cobertura-das-diretas-jaacute-9598120>

impopulares e editado logo depois das eleições de 1986 (para as assembleias e governos estaduais e para o Congresso Constituinte).

Passamos a seguir a uma reprodução resumida da autodefesa que O Globo fez em relação à algumas críticas que sofreu até aquele momento de acerto de contas com o passado, no que temos considerado como uma tentativa de renovação de imagem de O Globo em relação aos tempos de comando de Roberto Marinho.

### **Primeira refutação: não houve conspiração contra Getúlio**

Ao reconstituir o contexto político e social no qual o presidente Getúlio Vargas se suicidou, em 24 de agosto de 1954, com um tiro no peito dentro do Palácio do Catete, O Globo rejeita como falsa a acusação de ter conspirado contra seu governo.

Como vimos no capítulo II, o jornal tinha nítida linha de oposição a Vargas, ainda que tivesse apoiado circunstancialmente a Revolução de 1930. As divergências entre Vargas e Roberto Marinho foram se intensificando desde o ponto em que Marinho apoiou a luta por uma constituinte em 1932 e pela democratização do Brasil e a constituinte, embora tenha acontecido em 1934, nunca foi colocada em prática, e a democracia não só não foi alcançada mas como o regime varguista se tornou tirânico e explicitamente ditatorial a partir da golpe do Estado Novo em 1937. Portanto o período de governo de Getúlio Vargas de 1930 até 1945 esgarçou fortemente as relações entre esses dois atores políticos e levou Roberto Marinho a combater o varguismo com intensidade e perseverança até o golpe civil-militar de 1964.

Em março de 1954, cinco meses antes do suicídio, Vargas enfrentava uma segunda tentativa da oposição de aprovar seu *impeachment*. A primeira, apresentada no ano anterior, fora derrotada em plenário. Em editorial publicado em 25 de março de 1954, intitulado "Prestígio ao governo constitucional", O Globo cita o argumento de "crimes de responsabilidade", apresentado por Bilac Pinto e Aliomar Baleeiro, da UDN, mas não se considera convencido da oportunidade do afastamento legal do presidente.

O Globo prefere que Vargas cumpra o mandato, até 31 de janeiro de 56, sem interrupções. Não acha compensadora para a nação a turbulência política que seria causada pelo *impeachment*. Não é uma postura de conspirador.<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> Memória O Globo: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/jornal-natildeo-conspirou-contra-getuacutelio-9471143>. Consultado em 30/10/2015.

A morte de Rubens Vaz — guarda-costas de Lacerda e major da Aeronáutica — em um atentado supostamente comandado pelo Chefe da Segurança de Vargas, Gregório Fortunato, tornou inviável a permanência de Getúlio no poder. Os oficiais de alto escalão das Forças de Vargas exigiam abertamente sua renúncia ou deposição. Ao se suicidar, na madrugada de 24 de agosto, e tornar pública sua carta-testamento, Getúlio passou de acusado para vítima e ainda mudou o quadro político através de mensagens fortes contra as “elites” que tramaram contra ele e o povo.

Recorrendo ao testemunho de quem viveu pessoalmente aquele momento<sup>40</sup>, lembramos que após a sua morte as rádios não paravam de reler a “Carta-Testamento” durante todo o dia. A população dos subúrbios do Rio de Janeiro chorava profusamente, e os carros do O Globo que distribuíam o jornal eram cercados, tinham os pneus furados e às vezes os vidros quebrados. Quanto aos jornais, eram queimados em meio à fúria popular. Havia uma emoção à flor da pele, e o sentimento de perda<sup>41</sup> era avassalador, especialmente entre as mulheres que choravam sem parar.

Ao se defender da acusação de ter contribuído diretamente para a morte do popular Getúlio, o jornal afirma que sua linha editorial “sempre foi pelo cumprimento da Constituição, quando havia alguma em vigor, ou pela institucionalização do regime”, em momentos de ruptura institucional como 1930 e 1945. Afirma ainda ter apoiado Vargas na Revolução de 1930, mas ter logo cobrado a Constituinte para instituir o estado de direito, o que corresponde às indicações da nossa pesquisa empírica, relatada no capítulo II. Insurgiu-se contra os comunistas e os integralistas, pelo mesmo motivo. “Na ditadura do Estado Novo, (...) tão logo ficou livre da censura ergueu as mesmas bandeiras legalistas”<sup>42</sup>.

No entanto, há que se oferecer uma explicação para as manifestações de indignação contra O Globo logo após o suicídio do presidente. À parte o potencial de irracionalidade próprio do chamado comportamento de massa, os populares viam plena identificação entre a posição do jornal e o discurso passional da oposição. Um fato importante é que a Rádio Globo, como dito no capítulo II, abria espaços frequentes para pronunciamentos raivosos de Lacerda contra

---

<sup>40</sup> Aqui recorro às memórias do professor Sergio de Azevedo, orientador desta tese, que fluíram durante várias ocasiões da interlocução que mantivemos nos últimos três anos do doutorado.

<sup>41</sup> Abordagens psicanalíticas poderiam explicar melhor o efeito da imagem de “pai dos pobres” sobre o sentimento de perda da massa popular.

<sup>42</sup>Memória O Globo: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/jornal-natildeo-conspirou-contra-getuacutelio-9471143>

Getúlio, com anúncio na primeira página do jornal. Como também registra a autocrítica, o radialista Raul Brunini, político e aliado de Lacerda, reforçava os ataques pela Rádio Globo. Na visão prospectiva do próprio jornal, nada disto caracteriza conspiração: “Há grande distância, porém, entre dar espaço na Rádio Globo a opositores de Getúlio, mostrar no jornal as mazelas do governo, e conspirar para a queda do presidente”.

O reexame da própria história continua com a menção de que, morto Getúlio, O Globo defende — “por coerência” —, a posse do vice-presidente Café Filho. Em editorial, o jornal evita julgar o presidente morto e afirma que Vargas desconhecia o atentado a Lacerda e os “delitos” de seu auxiliar Gregório Fortunato. Àquela altura nem haveria como o jornal manter qualquer belicosidade frente ao personagem que acabara de se transformar em mito. Mesmo assim, a refutação reivindica: “Também isso não é típico de um conspirador. ”

### **Segunda refutação: fraude contra Brizola via Proconsult**

Se fosse possível dizer que o sentimento de repulsa à linha pró-ditadura do Globo e das Organizações Globo/Grupo Globo — um sentimento difuso, precipitado aqui e ali em manifestações como as de junho de 2013 — tivessem se encarnado em um personagem, este seria o ex-governador do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul Leonel Brizola. Único político eleito diretamente para governar dois estados diferentes, o gaúcho Leonel de Moura Brizola foi governador do Rio Grande do Sul de 1959 a 1963 e duas vezes governador do Estado do Rio de Janeiro, primeiramente de 1983 a 1987 e depois de 1991 a 1994. Foi candidato derrotado a presidente da República em 1989 e 1994 e a vice-presidente em 1998, na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva.

Ao longo do capítulo II já tivemos oportunidade de identificar algumas escaramuças por parte de Roberto Marinho contra Leonel Brizola. Como cunhado e político muito próximo de João Goulart, Brizola era já desde a década de 1950 um dos alvos preferenciais dos ataques do proprietário e redator-editor-chefe de O Globo. Sempre que podia, Marinho apontava para a péssima influencia que Brizola exercia sobre Jango.

Provavelmente ninguém mais do que Brizola repetiu — em palanques, entrevistas ou horários eleitorais gratuitos — que as Organizações Globo/Grupo Globo mereciam o repúdio da nação

pela sua adesão ao regime militar. A pregação contra a Rede Globo<sup>43</sup> fez parte do repertório obrigatório do líder popular, ao lado da criação de bordões (como a recorrente referência ao problema das “perdas internacionais”, ou seja, à sangria de recursos do Brasil mediante pagamento de encargos da dívida externa e envio de lucros das multinacionais ao exterior) e da invenção de apelidos para seus adversários ou ex-adversários<sup>44</sup>. Talvez por isto mesmo — pela força do seu carisma, a penetração do seu discurso e a insistência da sua pregação contra as Organizações Globo — é que o episódio da Proconsult tenha se firmado entre as mais incômodas acusações à trajetória do Globo. Talvez por isso o episódio tenha entrado no rol das acusações que merecessem refutação por ocasião da autocrítica de 2013.

A Proconsult foi a empresa privada contratada pela Justiça Eleitoral para processar a apuração dos votos nas eleições de 1982 no Rio de Janeiro, à qual Brizola chegou como um dos favoritos, disputando diretamente com Moreira Franco, do Partido Democrático Social (PDS, sucessor da Arena, que dera sustentação ao regime militar no Congresso). Aquela disputa acabou sendo uma surpresa, pois no início da campanha a polarização prevista seria entre Miro Teixeira (PMDB) — candidato do então governador Chagas Freitas (o último nomeado pela ditadura militar, embora não pertencente à Arena, partido governista durante o bipartidarismo) — e Sandra Cavalcanti, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Brizola, que tinha liderado a campanha legalista contra a deposição do presidente (e sogro) João Goulart em 1964, concorria pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), que fundara ao voltar do exílio, em vista de ter perdido a legenda histórica do PTB na disputa com Ivete Vargas. Ou seja, dentre todos os candidatos a governador no pleito de 1982, no conjunto dos estados brasileiros, Brizola encarnava o maior grau de oposição ao regime.

---

<sup>43</sup> Carro-chefe do que hoje se chama Grupo Globo. A propósito, vê-se em <https://www.youtube.com/watch?v=dVln407XqH4> uma nota de repúdio à Globo assinada por Brizola e lida pelo apresentador Cid Moreira durante três minutos e 15 segundos no Jornal Nacional de 15/03/1994.

<sup>44</sup> Por exemplo, Moreira Franco — governador que sucedeu a Brizola na administração estadual do Rio de Janeiro, no período 1987-1990, notório por ter cabelos completamente brancos apesar de pouca idade — foi chamado de “Gato Angorá”; Fernando Collor de Melo, primeiro presidente eleito diretamente após a ditadura militar, foi chamado por Brizola, durante a campanha eleitoral, de “Filhote da Ditadura”; e Lula, antigo adversário da esquerda tornado aliado na disputa presidencial de 1998 (de quem Brizola foi candidato a vice), foi chamado de “o Sapo Barbudo”, em referência à ideia de que sua eleição representaria para a elite brasileira a necessidade de “engolir um sapo”.

A análise retrospectiva do Globo, feita em tom compreensivelmente defensivo, inicialmente tenta fazer crer que haveria motivos (técnicos, operacionais) razoáveis para se preverem dificuldades na totalização dos votos.

Não seria tarefa fácil, por se tratar de um pleito muito amplo (além de governadores, escolheram-se senadores, deputados federais e estaduais, prefeitos e vereadores), e num país sem eleição direta havia muito tempo. A máquina da Justiça Eleitoral não parecia preparada. Tratava-se, ainda, de uma experiência nova na apuração em si, porque o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) decidira informatizar a fase final de contagem dos votos. Muitos estados contrataram, para isso, os serviços do Serpro, empresa estatal, mas o Rio de Janeiro preferiu a Proconsult & Racimec Associados, firma privada<sup>45</sup>

A este contexto previamente complexo, o jornal acresce fatores como o lento andamento da apuração nos primeiros dias e diferentes metodologias de totalização dos votos por parte dos meios de comunicação, “amplificados por uma visão conspiratória”, para explicar a acusação dirigida ao jornal e à TV Globo de participarem de uma fraude para impedir a vitória de Leonel Brizola.

Mesmo contestando a acusação, o texto continua em tom defensivo nos parágrafos seguintes. Menciona “questões-chave para entender o que houve”, como a montagem de um centro de computação próprio, pelo jornal, para fazer uma totalização independente a partir dos números colhidos nas 230 juntas eleitorais dos então 64 municípios do estado do Rio de Janeiro. A coleta dos números foi feita por 700 estagiários, “que copiavam os resultados oficiais de cada urna”, sem usar listagens da Proconsult.

O processo do Globo era lento, porque os estagiários que colhiam os dados em cada seção eleitoral tinham que preencher uma planilha com números dos pleitos majoritários (governadores, prefeitos e senadores) e proporcionais (deputados federais, deputados estaduais e vereadores), um volume grande de informações. Cada planilha, de cada seção, com cerca de 1.000 números, era levada para o Centro de Processamento de Dados do jornal, no Rio. Lá, os números eram digitados novamente por 320 profissionais, que trabalhavam 24 horas por dia, em sistema de revezamento, para alimentar os computadores.

Segundo O Globo, o clima ficou ainda mais propício a “acusações descabidas contra o jornal” porque a Rádio Jornal do Brasil pôde divulgar informações atualizadas sobre a apuração em vista de ter focado apenas a totalização dos votos para governador, grande novidade daquele

---

<sup>45</sup> Memória O Globo: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/caso-proconsult-9328203>. Consultado em 30/10/2015



pleito, deixando de lado os votos para os demais cargos. Com esta agilidade diferencial, não demorou a captar que a votação de Brizola tinha ultrapassado a de Moreira Franco.

A TV Globo foi ainda mais prejudicada, por ter ficado na dependência das totalizações do jornal. Este precisava apenas de números computados no final do dia, enquanto a TV necessitava de um fluxo de informações constante para os diversos jornais e boletins sobre as eleições.<sup>46</sup>

O clima esquentou, conforme a reconstituição do jornal, quando o então senador Roberto Saturnino Braga, do partido de Brizola (PDT), afirmou, na tribuna do Senado, que a Proconsult, com apoio das Organizações Globo, estaria manipulando as eleições ao computar somente os resultados favoráveis aos candidatos do PDS e omitindo os que beneficiavam os do PDT<sup>47</sup>.

Embora se eximindo de qualquer participação em eventual ilícito da Proconsult, o texto do O Globo identifica na ação da Proconsult uma “provável tentativa de interferência” no resultado das urnas. Em depoimento pessoal publicado no *site* da memória do Globo, o jornalista Evandro Carlos de Andrade se expressou na mesma linha:

(...) Homero Icaza Sánchez, que trabalhava na Rede Globo como especialista em pesquisas, desconfiou que havia alguma má intenção (não da Globo ou do O Globo) na apuração e alertou Brizola, que, esperta e desonestamente, passou a acusar a Globo de estar distorcendo os resultados. (...) Eu acredito, sem prova alguma, que a Proconsult serviria a algum plano do SNI de falsificar o resultado da eleição. Mas insisto que as Organizações Globo nada tiveram a ver com essa conspiração, caso ela tenha existido.<sup>48</sup>

### **Terceira refutação: o suposto socorro do BNDES**

O quinto ponto polêmico abordado pela autocrítica do Globo em 2013 — o terceiro enquadrado pelo jornal no rol das “acusações falsas” — talvez tenha sido o mais delicado. Se nas questões anteriores o jornal explicitou as acusações e tratou de assumi-las ou rejeitá-las, neste caso há somente o longo relato de um suposto (e desmentido) apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no esforço de reestruturação financeira das

---

<sup>46</sup> Memória O Globo: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/caso-proconsult-9328203>. Consultado em 30/10/2015.

<sup>47</sup> O texto do site de memória do Globo situa o episódio, equivocadamente, em 24 de janeiro; na verdade, ocorreu em 24 de novembro.

<sup>48</sup> Memória O Globo: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/caso-proconsult-9328203>. Consultado em 30/10/2015

então Organizações Globo, no ano de 2002. Teria esta questão envergadura comparável às outras quatro elencadas como objeto da autocrítica?

A inclusão deste tópico na autocrítica também é de certo modo curiosa porque O Globo não apenas desmente que o suposto empréstimo tenha havido, mas também afirma que não havia à época impedimento legal a que eventualmente tivesse ocorrido. Em outras palavras, caso se esteja diante de uma “acusação falsa”, qual exatamente seria a acusação? Nos outros dois casos de refutação, as acusações estavam explícitas na autocrítica: tratava-se (a) de uma suposta conspiração contra o presidente Getúlio Vargas antes do seu suicídio e (b) de um alegado conluio com a empresa Proconsult para fraudar a eleição para governador do Rio de Janeiro em 1982. Nos dois casos, O Globo especifica as acusações e afirma que não procedem.

Talvez a resposta para essa pergunta esteja nas eleições presidenciais daquele ano. A acusação oculta aqui seria a de que O Globo teria se apresentado de maneira extraordinariamente moderada e até condescendente com o candidato Luis Inácio Lula da Silva, o Lula naquela ocasião, ao contrário de outras eleições passadas nas quais O Globo e outros veículos do grupo teriam tido uma postura contundente anti-Lula e anti-PT.

A alegação que corria informalmente, mas difundida amplamente pela opinião pública, era a de que os responsáveis pelas Organizações Globo/Grupo Globo poderiam ter modulado a linha editorial do jornal O Globo diante de sua vulnerabilidade financeira<sup>49</sup>. Vale dizer a esse respeito que a cobertura das eleições presidenciais de 2002 pela grande imprensa é apontada por diversos estudiosos como exemplo singular de pluralismo e equidistância frente às principais forças envolvidas na disputa. Como registra Azevedo (2011), em 2002 praticamente todos os grandes jornais deram um tratamento bastante equilibrado aos candidatos Lula e Serra, que disputaram o segundo turno.

(...) O Estado de S. Paulo apoiou explicitamente o candidato oficial, mas os dois outros diários de expressão nacional (Folha de S. Paulo e O Globo) se mantiveram formalmente neutros na disputa (AZEVEDO, 2006, p. 108).

Como se vê, a postura excepcionalmente equilibrada da cobertura das eleições de 2002 não foi exclusividade do jornal O Globo, mas uma marca da grande imprensa em geral. Da mesma

---

<sup>49</sup> A propósito, ao historiar o processo de reestruturação financeira das Organizações Globo, a autoanálise do jornal destaca a liderança de Roberto Irineu Marinho, que “recusou qualquer opção de venda de participação ou interferência de credores na gestão nas Organizações Globo ou de suas empresas de mídia [...]” (Grifo nosso), conforme Memória O Globo (<http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/bndes-renegociaccedilatildeo-da-diacutevida-9643965>, consulta em 30/10/15).

forma, não foi somente O Globo ou as Organizações Globo que experimentaram agudo desequilíbrio financeiro no período, mas o conjunto dos veículos. Neste sentido, se a acusação implícita que O Globo refutou em 2013 foi a de ter “negociado” seu tradicional ímpeto antiesquerdista a troco da perspectiva de uma ajuda financeira dos favoritos a formar o novo governo, talvez estejamos diante de uma precipitação. Afinal, se acusação houve, ela terá sido dirigida a toda a grande imprensa, e não somente às Organizações Globo.

Intitulado “BNDES e renegociação da dívida”, o texto do Globo reconstitui o contexto em que se desenvolveu a questão. A estabilização da economia a partir do Plano Real, de 1994, propiciou grande expansão no mercado publicitário brasileiro, que, segundo o jornal, dobrou de tamanho entre 1995 e 2000. Ainda no início da década de 1990, com base em análises de cenário feitas por diversos analistas econômicos, as Organizações Globo decidiram investir no mercado brasileiro de TV por assinatura. Por ocasião da captação dos recursos para os investimentos, a TV Globo — empresa mais madura e rentável do grupo, conforme o jornal — entrou como garantidora das dívidas da Globopar e de algumas dívidas da Infoglobo, empresa responsável à época pelos jornais O Globo e Extra.

No entanto, o mercado de TV por assinatura não cresceu na velocidade e no tamanho esperados, e a economia foi abalada por sucessivas crises internacionais que provocaram forte desvalorização do real. O Globo prossegue o texto informando que como a maior parte da dívida tinha sido contraída em dólar, a conjuntura impactou significativamente a estrutura de capital das Organizações Globo e como consequência da incapacidade momentânea para pagar suas dívidas após uma “crise de liquidez sem precedentes levou as Organizações Globo a entrar em *default*”. A moratória foi declarada em 28 de outubro de 2002.

Todo este relato foi feito a propósito do fato de que, durante o processo de negociação das dívidas, “alguns órgãos da imprensa divulgaram que o BNDES teria realizado um empréstimo para salvar a Globopar” — que, segundo o jornal, “nunca aconteceu”<sup>50</sup>. Relata O Globo que em 13 de setembro de 2005<sup>51</sup> o então deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) fez acusações à Globo e críticas contundentes ao BNDES em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo e na tribuna da Câmara. Ele acusava o banco de ter realizado um empréstimo de R\$ 2,8 milhões para salvar

---

<sup>50</sup> Memória O Globo: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/bndes-renegociaccedilatildeo-da-diacutevida-9643965>. Consultado em 30/10/2015.

<sup>51</sup> Por ocasião do estouro do chamado escândalo do Mensalão, segundo o qual o governo federal teria distribuído pagamentos mensais a deputados federais em troca de apoio parlamentar.

a Globopar. No dia seguinte, o BNDES distribuiu nota à imprensa dizendo ser improcedente a afirmação de que o banco liberou crédito para a Globopar.

Conforme a versão para os fatos de O Globo, o empréstimo do BNDES estaria relacionado a dois episódios: (a) O BNDES, como sócio da Globo Cabo desde 1999, acompanhou o capital realizado por todos os sócios da empresa em 2002, injetando mais R\$ 156 milhões; (b) em 2003, a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV (Abert), uma das principais entidades representativas do setor de mídia no Brasil, pleiteou junto ao BNDES um programa de financiamento ao setor como um todo, afinal não consumado.

Ao concluir o relato desta maneira, O Globo não deixa explícita qual seria efetivamente a acusação que ele refuta como falsa.

À luz das considerações anteriores, somos levados a propor uma interpretação para o significado da autocrítica empreendida pelo Globo. Em primeiro lugar, foi um movimento condicionado por um contexto de abertura de espaços em virtude da intensa decadência daquele que era à época o seu maior rival: o Jornal do Brasil. Havia uma fatia importante do público das classes A e B se sentindo órfão de um jornal minimamente compatível com sua visão de mundo. Por aí se pode explicar, em parte, a aproximação da linha do noticiário com temas mais caros à esquerda, como o destaque conferido a matérias investigativas sobre torturadores do regime militar publicadas anos antes da autocrítica formal. Esta consideração atenua, se não elimina, a perspectiva segundo a qual a trajetória da linha editorial do Globo se pautaria basicamente por critérios ideológicos. Neste sentido, a assunção de erros e a contestação de acusações se mostra bastante crível e razoável.

Por outro lado, cabe matizar a postura do jornal no caso específico do tratamento conferido aos crimes cometidos por agentes da ditadura militar. Quando se acusa a grande imprensa ou setores dela de sacrificarem o pluralismo que professam como bandeira e se colorarem a serviço de um interesse de algum modo inconfessável, trata-se, no mais das vezes, de denunciar o comprometimento dos grandes veículos com atores sociais poderosos e defensores de interesses igualmente fortes e particularistas. Sem dúvida, este foi o caso do apoio ao regime militar: por trás do governo ou dos militares estava uma coalizão de grandes interesses (externos e internos ao Brasil). Com a consolidação da democracia brasileira, já bastante adiantada na década de 1990 e mais ainda, segundo se supõe, em 2013, fazer um *mea culpa* em torno do apoio à ditadura

é algo que já não envolve qualquer grande interesse em disputa. Em termos práticos, equivaleria mais ou menos a dedicar atualmente uma página inteira à memória de um antigo desafeto como, por hipótese, Leonel Brizola — hoje morto e sem herdeiros políticos importantes.

De qualquer modo, a autocrítica do jornal veio acompanhada da reafirmação, agora formal e sistematizada, de antigos valores associados à isenção e ao pluralismo na cobertura jornalística. A esta altura, impõe-se uma abordagem empírica para nortear a reflexão suscitada por este trabalho. Neste sentido, trataremos, no próximo capítulo, da cobertura conferida pelo O Globo às eleições mais recentes e a algumas anteriores.

## **Capítulo V – Estudo de caso: pesquisa empírica sobre a cobertura do jornal “O Globo” nos seis meses que precederam as eleições presidenciais brasileiras de 2002, 2010 e 2014.**

### **Introdução**

Após termos feito, no capítulo II, a análise do comportamento político de O Globo nas situações mais decisivas e conflituosas do Brasil de 1930 até 1964 e termos elencado, no capítulo III, as características paradigmáticas mais contemporâneas do jornal, faremos a seguir um esforço para expor como se tem dado a inserção política desse jornal nas recentes eleições de 2010 e 2014. Resgataremos ainda o comportamento editorial do jornal nas eleições de 2002, marcadas, como já indicado, por uma cobertura generalizadamente mais equilibrada.

Para tanto fizemos uma pesquisa quantitativa e qualitativa que permite tipificar a postura política do jornal sob comando dos irmãos Marinho, tendo como parâmetro a quantidade e a qualidade da cobertura conferida a cada uma das principais candidaturas.

A abordagem que se segue é quantitativa principalmente ao mensurar o tamanho do espaço conferido a cada candidato nas edições diárias durante certo tempo da campanha. E é qualitativa ao atribuir uma qualificação “positiva”, “negativa”, “neutra” ou “equilibrada” a estas mesmas menções. Trata-se aqui das chamadas “valências”. Uma valência é considerada *positivas* e a matéria na qual houve menção a um ator político passou uma mensagem ou um tom positivo do mesmo. O contrário acontece com a menção cuja valência é definida como *negativa*, quando se considera que a mensagem ou seu tom geral se mostrou negativa para a imagem do ator político perante o público leitor. A valência do tipo *neutro* considera que a mensagem em que houve a menção não conta com valor valorativo nem qualitativo algum em relação à imagem dos atores políticos. Já a valência do tipo *equilibrado* apresenta uma menção ao ator político em que a mensagem ou informação nela embutida evidencia e apresenta pesos idênticos para uma percepção positiva e negativa dos mesmos.

Discorrendo sobre o uso dessa ferramenta metodológica, Azevedo (2001: p.189)\* escreve:

A dimensão valorativa definiu a natureza da cobertura eleitoral, se objetiva e apartidária ou não. Para trabalhar a dimensão valorativa se convencionou aplicar um sinal de valência (positivo, neutro ou negativo) em cada matéria (texto) ou imagem

(foto/charge) levando-se em conta o saldo das informações, se benéfica, prejudicial ou neutra à candidatura de cada postulante.

Cabe ressaltar que a ocorrência de valência positiva ou negativa não significa necessariamente uma “intenção de viés ou parcialidade jornalística” (ALDÉ, 2003, p. 97).

Nossa pesquisa referente à cobertura das eleições presidenciais de 2002 e 2010 foi feita a partir de dados extraídos de uma planilha construída pelo instituto Doxa<sup>52</sup>. Quanto às coberturas das eleições de 2014, usaremos dados do Manchetômetro e levantamentos feitos por nós.

O Doxa começou a funcionar em 1996, ligado ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), por sua vez vinculado à Universidade Candido Mendes (Ucam), e recebeu a designação formal de *Laboratório de Pesquisa e Opinião Pública*, coordenado pelo professor Marcus Figueiredo. Rebatizado como *Doxa- Laboratório de Pesquisa em Eleições, Comunicação Política e Opinião Pública*-, passou a se vincular institucionalmente ao Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Iesp/Uerj). A expertise do Doxa, que recolheu e analisou todas as matérias veiculadas nos meses que antecederam as eleições presidenciais nos jornais O Globo, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e Jornal do Brasil — foi reconhecida ao longo de diversas eleições presidenciais desde 2002.

Sua planilha é constituída de um levantamento contínuo de todas as matérias<sup>53</sup> veiculadas nos referidos em todos os dias do ano. Essas matérias foram analisadas pelos bolsistas/colaboradores do instituto, que categorizaram cada uma delas em termos de formato, título, autor, página, posição, tema, fonte, iniciativa, enquadramento e valência. Esse trabalho resulta num banco de dados de proporção grandiosa e permitiu que pudéssemos extrair dados que embasaram análises e conclusões referentes aos pleitos de 2002 e 2010.

Já o Manchetômetro foi implantado em 2010, no âmbito do Iesp/Uerj, e começou a divulgar seus dados na eleição presidencial de 2014. Diferentemente do Doxa, que recolhe e analisa os

---

<sup>52</sup> Somos gratos ao professor Felipe Borba, então coordenador do Doxa, pela gentileza da cessão da planilha contendo toda a base que nos permitiu viabilizar a presente abordagem para as eleições 2002 e 2010. Surpreendentemente, não encontramos em nossa pesquisa bibliográfica referência a outros estudos que tenham utilizado a mesma base.

<sup>53</sup> Ao usarmos, neste capítulo, o referente “matéria(s)”, estaremos incluímos todos os tipos de inserção de base jornalística, como notícias, reportagens, artigos de opinião, colunas diárias, semanais ou mensais, editoriais etc. Daqui para frente usaremos este termo neste sentido genérico, sendo eventualmente substituído por termos como “registros” ou “conteúdos”.

conteúdos de todas as páginas dos jornais considerados, o Manchetômetro se concentra na primeira página, com todos os seus conteúdos:

A análise levada a cabo no Manchetômetro é focada na capa dos jornais. Tal escolha se baseia nas seguintes justificativas: as capas de jornal tem um poder comunicativo muito maior do que as notícias do miolo da publicação; a manchete, as chamadas e as fotos da capa são os elementos comunicativos mais vistos na publicação, seja pelos assinantes e seus familiares, pelas pessoas que compram os jornais nas bancas ou mesmo pelas pessoas que circulam todos os dias em frente às bancas de revistas, onde as capas dos jornais diários são expostas para a apreciação pública; as manchetes e chamadas na capa são aquelas consideradas mais relevantes pelos editores do jornal, as que resumem melhor o conteúdo de toda a publicação, as que supostamente atraíram mais os leitores (MANCHETÔMETRO, 2015).

Veremos, ao longo deste capítulo, que submetemos nosso objeto – a cobertura político-eleitoral do jornal O Globo – a uma análise efetuada a partir de um conjunto de instrumentos. Ao fazê-lo, temos em mente que todo instrumento contém potencialidades e limitações e que o melhor caminho metodológico está na combinação dos melhores instrumentos disponíveis. Neste sentido, propomo-nos a levar o leitor a uma aproximação gradual em relação ao nosso objeto, partindo de uma consideração mais ampla (conteúdos publicados em toda e qualquer seção do jornal, utilizando a base do Doxa), passando pelos conteúdos de primeira página (compilados pelo Manchetômetro) e chegando às manchetes em sentido estrito, que expressam o que há de mais nobre em cada edição.

Ao processarmos os dados da planilha do Doxa, referentes a 2002 e 2010, entendemos ser necessário inserir um mecanismo de ponderação das matérias. Em vez de nos limitarmos a quantificar os conteúdos positivos, negativos e neutros/equilibrados e assim estabelecer um saldo, cuidamos de atribuir pesos diferentes a cada registro, como se verá na ocasião de apresentarmos os dados segundo esta metodologia.

O período considerado, que vai de 1º de abril até a data do segundo turno de cada uma das eleições escolhidas para pesquisa, constitui um segmento de seis meses intensivos de campanha eleitoral e mais o mês de outubro. Este mês é particularmente importante por apresentar matérias veiculadas entre o primeiro turno, ocorrido no dia 3, e o dia da votação em segundo turno, ocorrida nos dias finais desse mês. A nosso ver, este período é suficiente para fornecer material consistente para a consecução de nosso objetivo.



A escolha de abril como marco inicial da pesquisa se deve ao fato de ser o mês em que as escolhas partidárias por um determinado candidato próprio ou o apoio a um candidato de outro partido se dão em caráter definidor, preparando o terreno para a realização das convenções dos partidos com vistas à escolha e oficialização das candidaturas, constituindo-se, portanto, num mês em que os jornais já podem estar fazendo uma cobertura diferenciada da futura eleição e de seus atores principais.

### **Justificativa para a escolha para pesquisa da eleição presidencial de 2002**

A inclusão dessa eleição se deve primeiramente ao fato de ter sido essa a primeira eleição presidencial a ser monitorada pelo Doxa. A eleição de 2002 apresenta alguns fatores muito próprios e ricos para serem estudados. Do ponto de vista da cobertura da mídia, Azevedo (2011) registra que em 2002 praticamente todos os grandes jornais deram um tratamento bastante equilibrado aos candidatos Lula e Serra, que disputaram o segundo turno.

(...) O Estado de S. Paulo apoiou explicitamente o candidato oficial, mas os dois outros diários de expressão nacional (Folha de S. Paulo e O Globo) se mantiveram formalmente neutros na disputa (AZEVEDO, 2006, p. 108).

Especificamente sobre Lula, o principal representante do espectro de centro-esquerda, Aldé (2003) aponta que o candidato teve, desde o início da campanha, uma boa *performance* em termos de agenda positiva na cobertura dos jornais. Tendo estado durante todo o período em primeiro lugar nas intenções de voto — o que, conforme a autora, é um fator objetivo de espaço positivo na cobertura —, também se beneficiou do fato de que angariou apoios políticos e sociais relevantes. Como pontos fracos, a reação negativa do mercado financeiro a seu favoritismo eleitoral e as denúncias envolvendo a prefeitura petista de Santo André, cujo prefeito, Celso Daniel (PT), foi assassinado em 18/01/2002.

Esta tendência da campanha de Lula de produzir boas notícias, e seu favoritismo eleitoral, encontrou um ambiente favorável na maior parte dos meios de comunicação (ALDÉ, 2003, p. 98).

Cabe destacar que em 2002 o Brasil vivia o segundo e desgastado governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, que enfrentava o cenário já descrito de crise internacional, instabilidade econômica, desvalorização cambial, desemprego em alta e, com tudo isso, era pequena a probabilidade de eleger seu sucessor, o candidato José Serra (PSDB). Por outro lado, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) aparecia em primeiro lugar nas pesquisas de intenção

de voto desde o início da corrida eleitoral. Carreirão (2004: p.181) discorre da seguinte forma sobre esse panorama pré-eleitoral:

Esse parece-nos ser um fator decisivo da eleição: a avaliação feita pelo eleitorado do desempenho do governo FHC. [...] a avaliação era negativa ou neutra (“regular”) para uma maioria do eleitorado. Havia uma insatisfação da maioria do eleitorado com os rumos tomados pelo país sob FHC, especialmente em seu 2º mandato. Isso se devia, em parte, ao desgaste do governo após oito anos de mandato e à fragilidade frente às instabilidades externas (devida ao alto grau de endividamento, entre outras coisas); mas, fundamentalmente, era devido às altas taxas de desemprego e à manutenção de desigualdades sociais enormes: houve uma percepção majoritária de que o governo FHC não fez o suficiente para melhorar a vida das pessoas mais pobres. Assim, o percentual de eleitores que ainda avaliavam positivamente o governo fornecia combustível para que um candidato situacionista pudesse chegar ao 2º turno, embora dificilmente pudesse ganhar as eleições [...].

Coincidentemente ou não, a cobertura das eleições presidenciais de 2002 marcou forte contraste frente ao pleito anterior. Se em 1998 a disputa recebeu pouca atenção da grande mídia — em particular da Rede Globo (AZEVEDO, 2011) — em 2002 a realidade foi bem diferente. Conforme Aldé (2003), a questão financeira dos meios de comunicação seria uma das explicações para a maior disposição da imprensa para investir no assunto eleitoral em relação às duas eleições anteriores:

As explicações para esta centralidade do tema eleitoral, notada já por outros pesquisadores (Miguel, 2002; Rubim, 2002), são complexas e multicausais; incluem as estratégias profissionais dos candidatos, que desde os programas partidários do início do ano investiram na visibilidade pessoal dos pré-candidatos, bem como a incerteza quanto aos resultados de uma eleição extremamente competitiva, que se refletiu na demora para definir alianças e apoios, aliada a um cenário de instabilidade financeira dos próprios meios de comunicação. (ALDÉ, 2003, p. 93, grifo nosso).

Exatamente por se tratar de uma cobertura atipicamente equilibrada é que ela pode nos proporcionar resultados importantes, principalmente numa perspectiva comparada com outras eleições onde esse quadro não foi reproduzido, como é o caso – como veremos – das eleições presidenciais de 2010 e 2014.

Do ponto de vista estritamente político, a escolha dessa eleição se justifica por se tratar do que poderia representar no final do ciclo de poder e hegemonia política do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB) — que, no quadro geral do embate entre liberalismo e nacional-desenvolvimentismo que tomamos como referência, representava, naquele contexto uma opção política mais próxima da primeira corrente do que da segunda. Em consequência, essa eleição

poderia ser o marco de uma mudança profunda na orientação política e econômica na gestão do Brasil, existindo no horizonte a possibilidade de retomada de políticas mais aproximadas do nacional-desenvolvimentismo ou qualquer outra política que um governo do PT poderia adotar e que afetasse os principais valores historicamente defendidos por O Globo. Vamos, pois, aos números.

Para as eleições de 2002 e 2010, utilizaremos os dados do Doxa e os apresentaremos em uma ordem de refinamento. O **Índice de Menções** aponta, dentre o total de matérias publicadas no período considerado, o percentual daquelas em que cada candidato foi mencionado. As **Valências** propostas pelo Doxa indicam o percentual de matérias positivas, negativas e neutras/equilibradas dentre as menções registradas. A seguir usaremos o **Índice de Visibilidade Ponderada**, que atribui pesos específicos às menções conforme o destaque conferido pela edição. Finalmente, apresentaremos o **Índice de Visibilidade Ponderada Padronizada**, que contempla a ponderação do indicador anterior e permite uma análise de como seria o perfil das menções de cada candidato se o número absoluto de menções de cada um deles fosse o mesmo.

Para as eleições de 2014, não há dados disponíveis do Doxa. Apresentaremos, então, os dados do Manchetômetro (que contempla todos os conteúdos de primeira página) e a compilação e avaliação qualitativa (valência) de manchetes em sentido estrito (título principal expresso na primeira página).

### **Eleição 2002 – dados do Doxa**

Antes de determinarmos nosso foco em termos dos candidatos que tiveram a cobertura de suas campanhas por O Globo detalhadas em nossa pesquisa, vale reproduzirmos o quadro geral de candidatos envolvidos no primeiro turno da eleição de 2002. Foram eles: Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores, PT), apoiado pelo Partido Liberal (PL) e pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB); José Serra (Partido da Social-Democracia Brasileira, PSDB), apoiado pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB); Anthony Garotinho (Partido Socialista Brasileiro, PSB); Ciro Gomes (Partido Popular Socialista, PPS), apoiado pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) e pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); José Maria (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado, PSTU); e Rui Pimenta (Partido da Causa Operária, PCO). Dos partidos mais relevantes, o Partido Progressista Brasileiro (PPB) e o Partido da Frente Liberal (PFL) não lançaram nem apoiaram oficialmente qualquer candidato.

Nenhum desses candidatos obteve maioria absoluta dos votos válidos, passando ao segundo turno Lula (46% dos votos válidos) e Serra (23% dos votos válidos). Em virtude da eleição em dois turnos, nossa análise dos dados emanados do banco de dados do Doxa está também dividida em duas partes.

Na parte das análises dos dados relativos ao primeiro turno, consideramos representativa a escolha, além das candidaturas “privilegiadas”, representando as duas forças hegemônicas nas últimas décadas da política — Serra, do PSDB, e Lula, do PT —, mas incluímos também nas análises os números dos candidatos Ciro Gomes e Garotinho. Para explicar a necessidade de trabalharmos também com essas duas candidaturas, vale recorreremos ao trabalho de Carreirão (2004: p.179):

[...] até abril de 2001 a soma das intenções de voto em terceiros candidatos era superior às intenções de voto em Lula. Com a desistência de Roseana, as candidaturas que mais cresceram foram as de Serra e de Lula, até a metade de maio, quando este último ultrapassa a soma das intenções de voto nos terceiros candidatos. A partir do início de junho, com a grande exposição de Ciro na televisão, foi ele quem cresceu, enquanto todos os demais candidatos declinaram até o final de julho. Nesse momento, a soma das intenções de voto em Ciro e Garotinho ultrapassou as de Lula. Com a queda de Ciro, a partir da metade de agosto, os outros três candidatos cresceram, mas já ao final de agosto Lula ultrapassou a soma de Ciro e Garotinho e isso se manteve até o dia da eleição.

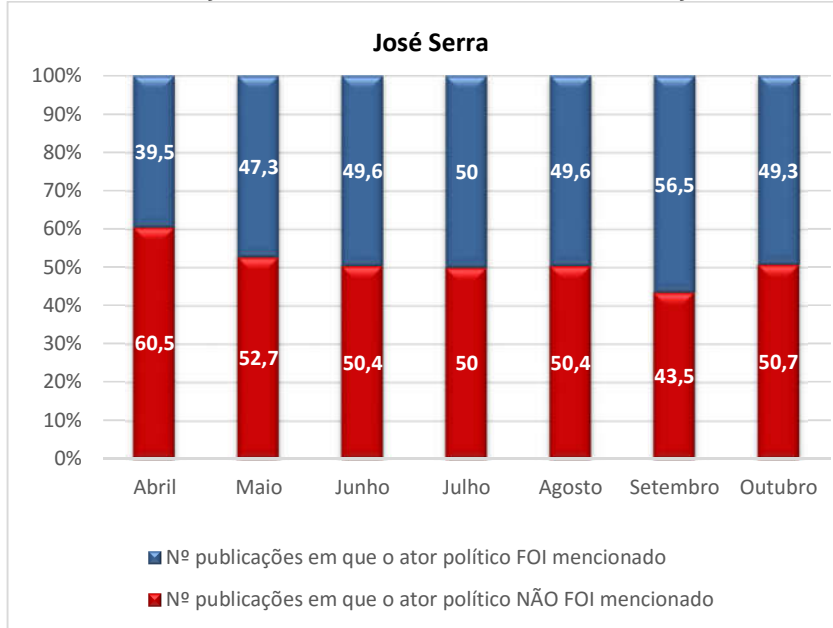
Ou seja, interpretando e indo além dos dados frios de Carreirão, podemos dizer que embora a disputa mais acirrada entre Lula e José Serra tivesse ares de “a disputa” da eleição, tanto Ciro Gomes quanto Garotinho tiveram momentos de expressivas intenções de voto, o que nos impediria de desprezá-los.

### **Indicador 1: Menções para as eleições de 2002**

Diz respeito ao número total de matérias (em sentido genérico, conforme nota de pé de página nº 51) nas quais os candidatos mais fortes à presidência da República foram mencionados pelo menos uma vez, sem considerar a conotação (ou valência) – positiva, negativa ou nula – dessa menção. O padrão relativo de menções segundo o candidato à Presidência da República nos dá um panorama quantitativo da visibilidade dos candidatos. Os índices de menção aos candidatos

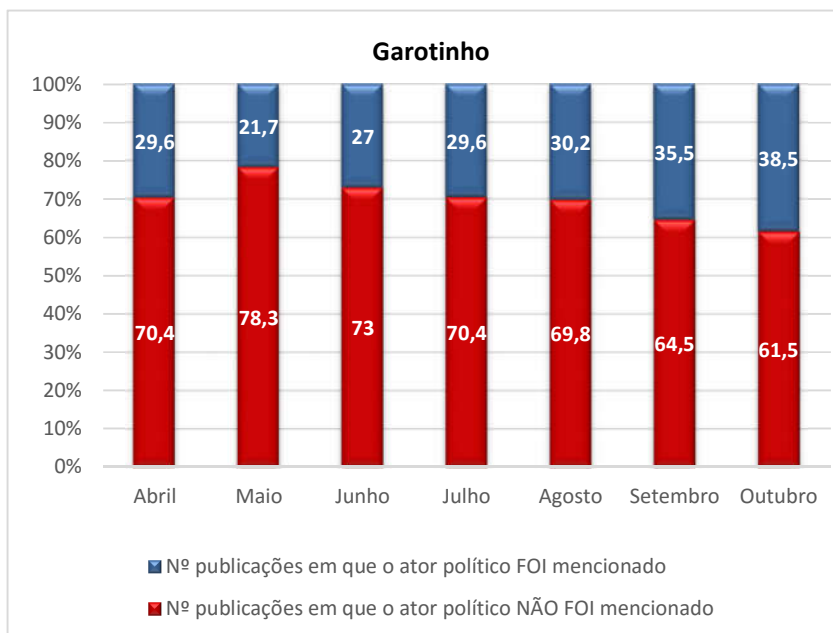
referentes ao mês de outubro dizem respeito apenas ao período até a votação de primeiro turno, no dia 6. Esses resultados estão expostos nos gráficos 1, 2, 3 a 4:

**Gráfico 1: Menções do candidato José Serra nas eleições 2002**



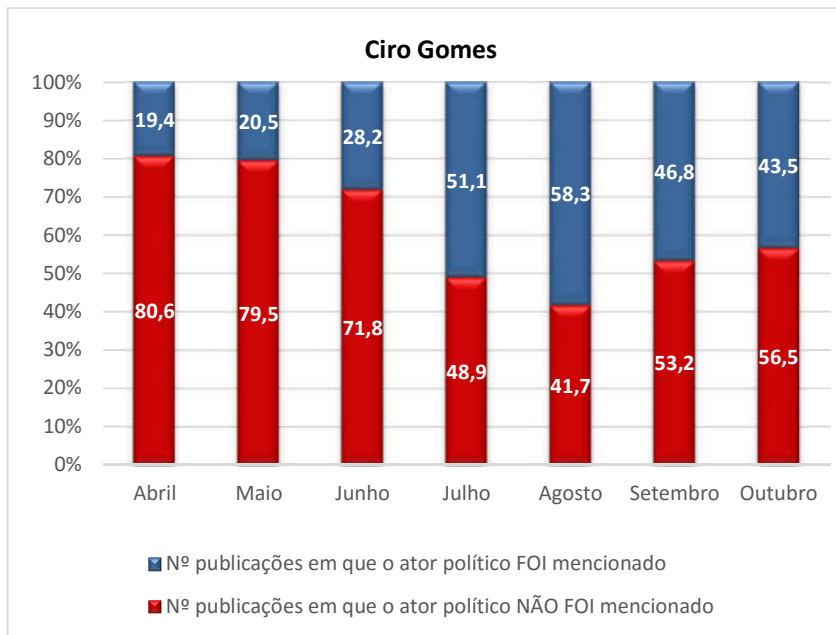
Fonte: Doxa, 2002

**Gráfico 2: Menções do candidato Garotinho nas eleições 2002**



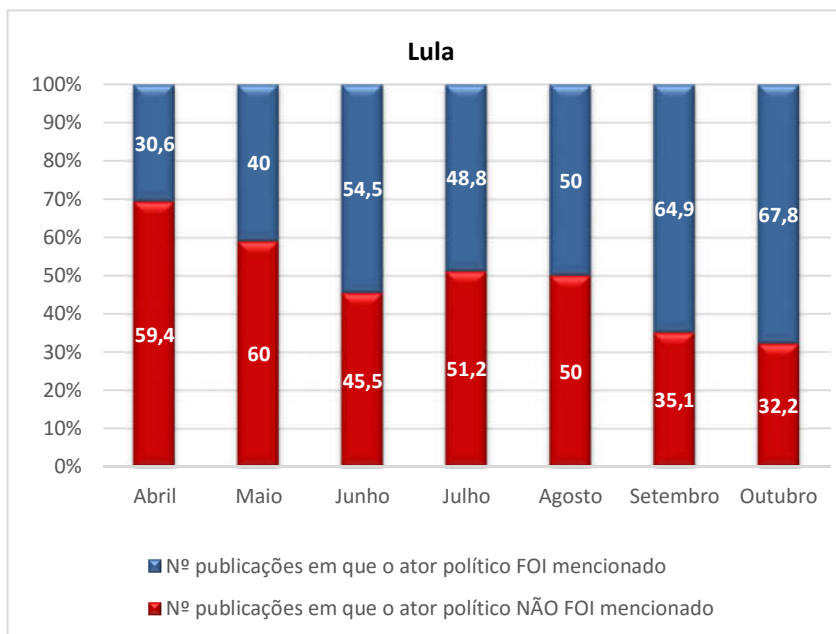
Fonte: Doxa, 2002

**Gráfico 3: Menções do candidato Ciro Gomes nas eleições 2002**



Fonte: Doxa, 2002

**Gráfico 4: Menções do candidato Lula nas eleições 2002**



Fonte: Doxa, 2002

No que tange ao grau de visibilidade do candidato José Serra, existe um equilíbrio nos índices nos meses pesquisados. Ele sai de um patamar inicial, em abril, da casa dos 40% de menções e se estabiliza na casa dos 50% no decorrer de todo o resto desse período.

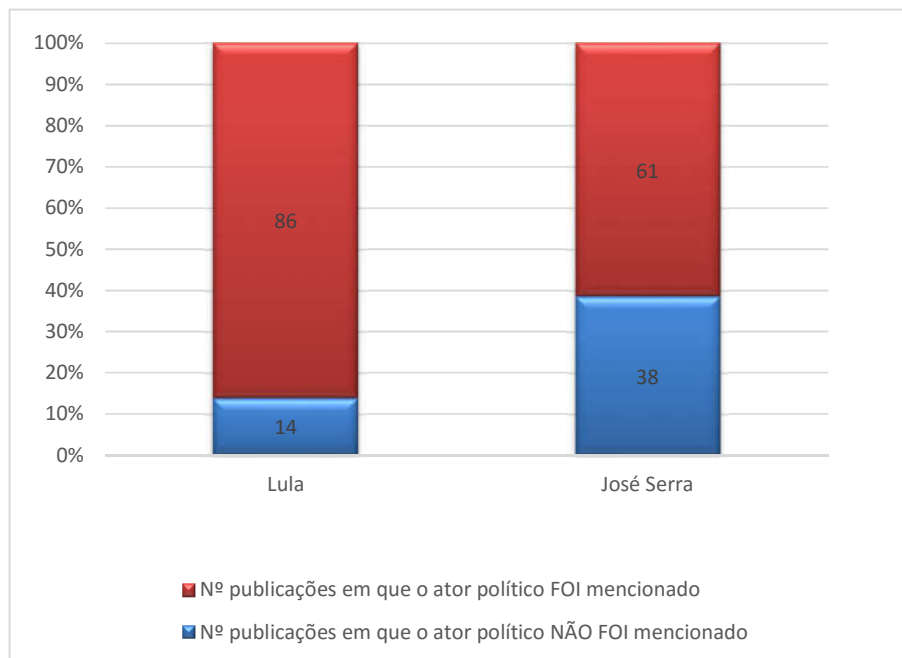
O gráfico referente ao percentual das menções ao candidato Garotinho mostra um candidato com um índice de menções com média regularmente baixa durante todo o período de sete meses anteriores ao pleito eleitoral. Garotinho sai de um patamar baixo (22%) em abril, passa para 30% em maio e só passa da casa dos 40% em setembro, chegando perto dos 50% nos seis dias antecedentes à eleição de primeiro turno.

Já o gráfico referente a Ciro Gomes demonstra uma oscilação que corresponde ao que já foi comentado aqui pelas palavras de Carreirão (2004: p.179) sobre uma movimentação brusca que houve nos índices de simpatia de parte do eleitorado com a sua candidatura durante o período em tela. Por isso temos um quadro em que Ciro aparece inicialmente muito pouco no noticiário de O Globo, sendo citado em menos de 30% das matérias nos dois primeiros meses pesquisados, tendo subido bruscamente nesse quesito até o pico de quase 60% no mês de agosto. Com a queda nas pesquisas de intenção de voto, vem também uma queda nas menções de seu nome em O Globo, que se estabilizam entre 40% e 50% nos dois meses finais da campanha.

No que diz respeito ao movimento dos índices de visibilidade de Lula nesse período, verificamos um viés de crescimento constante durante os meses pesquisados. Lula sai de um índice baixo de 30% de menções em abril e chega ao pico de índice de 60% nos últimos dois meses pesquisados. Esse movimento tem um marco de alta que chega perto também dos 60% de menções nomes de junho, quando a “Carta aos Brasileiros” foi produzida e divulgada por Lula para tranquilizar o mercado financeiro e a população quanto a eventuais grandes mudanças na política econômica de seu eventual futuro governo. O índice de menções majoradas nos meses finais pode ser atribuído a uma possível sedimentação e consolidação da candidatura Lula, comprovando ser viável.

Para o segundo turno o padrão relativo de menções dos candidatos foi o que consta do gráfico 6.

**Gráfico 5: Menções dos candidatos no segundo turno da eleição presidencial brasileira de 2002**



Fonte: Doxa, 2002

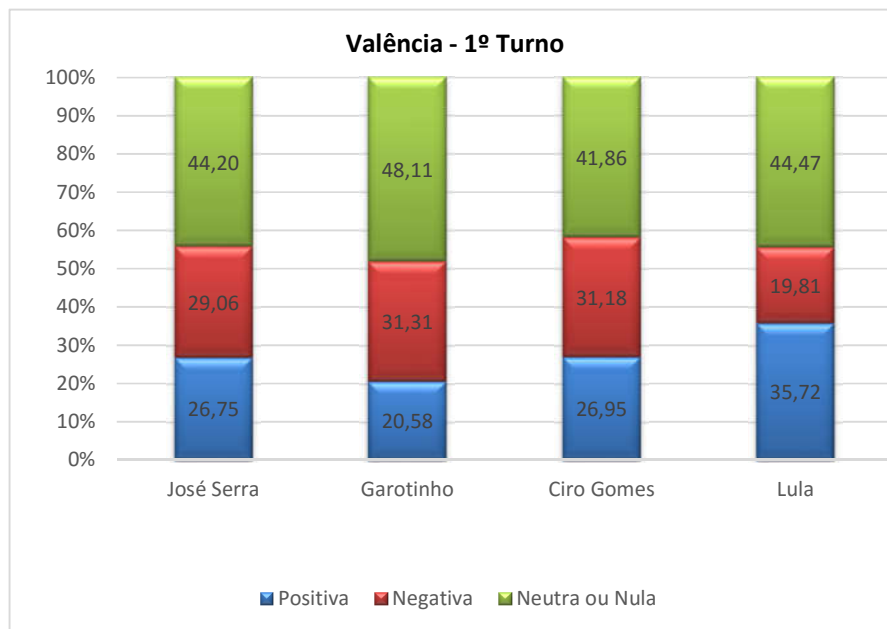
Como se nota, o candidato Lula foi mencionado em mais de 85% das matérias do jornal, ao passo que Serra foi citado em pouco mais do que 60%. Pode-se dizer que este quadro acentua uma tendência — de Lula ser mais mencionado do que Serra — verificada já no primeiro turno das eleições.

### **Indicador 2: Valências**

No “livro de códigos” do banco de dados do Doxa, há quatro possíveis tipos de valência: negativa, positiva, neutra e equilibrada. Nos gráficos 7 e 8, apresentamos o quadro consolidado das valências de cada candidato no período acumulado de 1º de abril até 06 de outubro, data do primeiro turno da eleição, e no período de 07 a 27 de outubro, data do segundo turno.



**Gráfico 6: Valências dos quatro principais candidatos a presidente em 2002 de 01/04/02 a 06/10/02**

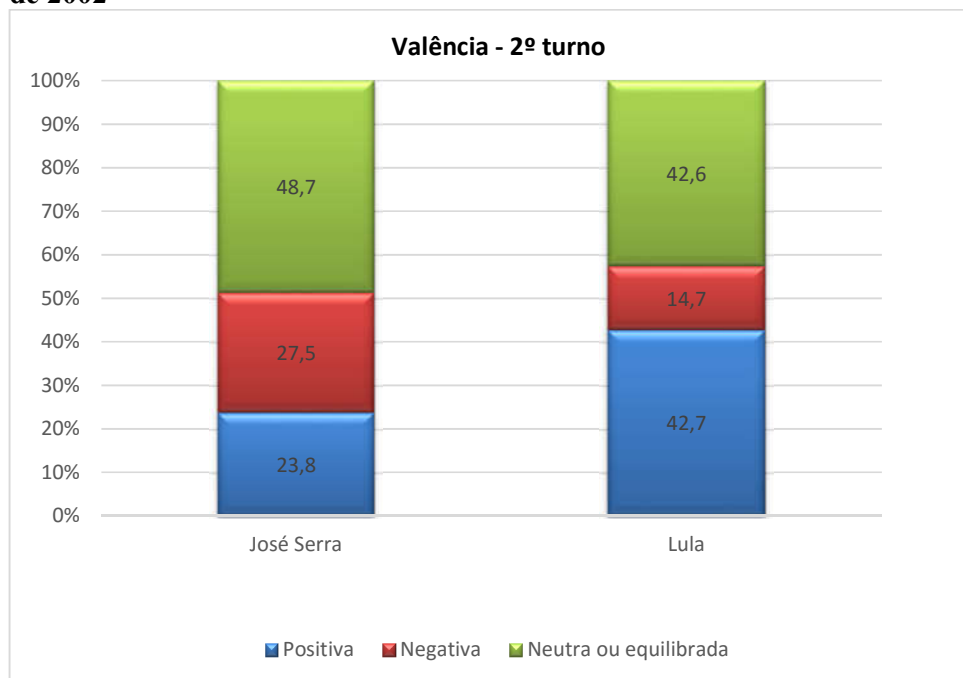


Fonte: Doxa 2002

A leitura dos dados apresentado pelo gráfico acima nos leva a algumas observações importantes. A primeira delas é que no acumulado dos percentuais de valência nesse período Lula aparece claramente como o candidato com o maior percentual de valências positivas (35,7%) e o menor de valências negativas (19,8%). Quanto aos outros candidatos, eles apresentam índices negativos e neutros em níveis semelhantes, só se distinguindo um pouco no que tange às valências positivas, nas quais há um empate entre José Serra e Ciro Gomes, ficando Garotinho em último lugar.

A seguir veremos o padrão de valência para os dois candidatos que foram para o 2º turno nessa eleição, Lula e José Serra.

**Gráfico 7: Valências dos candidatos Lula e Serra no segundo turno da eleição presidencial de 2002**



Fonte: Doxa, 2002

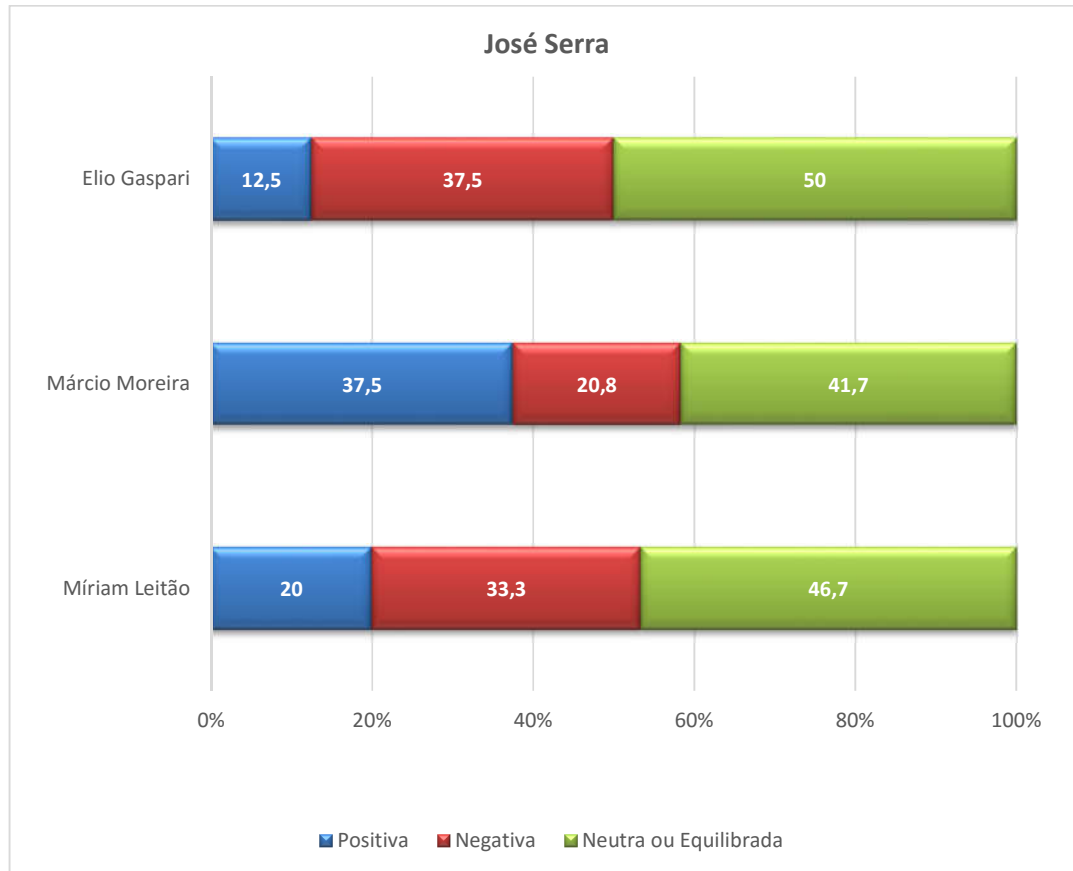
Notem-se as mudanças significativas nos padrões de valências dos dois candidatos do primeiro para o segundo turno. Para o candidato José Serra as valências positivas (26,75%), negativas (29,06%) e neutra/equilibrada (44,2%), observadas no primeiro turno, variaram respectivamente para 23,8%, 27,5% e 48,7%. No caso do presidenciável Lula, as valências positivas aumentaram de 35,72% no primeiro turno para 42,7% no segundo turno, enquanto as negativas reduziram de 19,81% para 14,7% e as neutras/equilibradas caíram de 44,47% para 42,6%.

### **Valências dos colunistas diários de O Globo nas eleições 2002**

Com o objetivo de nos aprofundarmos mais na identificação de sinais de posicionamento e preferência político-eleitoral da atual direção de o Globo, fizemos uma pesquisa de valências para três dos principais e representativos colunistas nas eleições aqui pesquisadas. Temos assim um quadro de comparação de expressão de valência para cada um dos quatro principais candidatos em 2002 tirado das colunas de Elio Gaspari, Marcio Moreira Alves e Miriam Leitão. Cabe aqui a ressalva de que Elio Gaspari e o falecido e famoso pela resistência à ditadura militar Marcio Moreira Alves podem ser considerados colunistas eminentemente políticos, enquanto

Miriam Leitão se especializou em comentários econômicos, porém com um viés de análise de políticas macroeconômicas dos governos. Vamos aos dados:

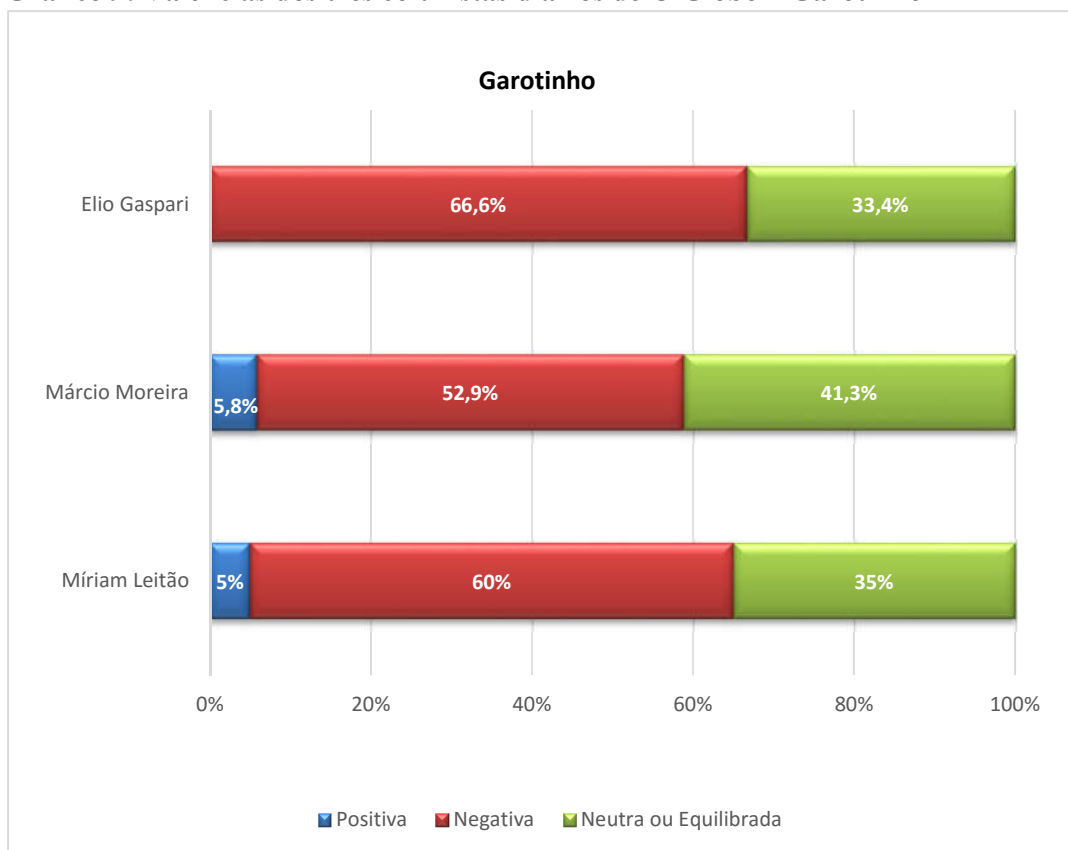
**Gráfico 8: Valências dos três colunistas diários de O Globo – José Serra**



Fonte: Doxa, 2002

Começando com o candidato José Serra, vemos que este candidato mereceu de Márcio Moreira Alves o melhor tratamento, recebendo dele uma valência positiva de cerca de 38%, um percentual negativo de apenas 20% e o resto de valências neutras. Enquanto Miriam Leitão divide mais equanimemente sua posição em relação a este candidato em termos de valências positivas, negativas e neutras, Elio Gaspari se mostra pouco simpático com essa candidatura, rendendo a ela um percentual de valência positiva de apenas 20%, o maior percentual de valências negativas entre os três (com cerca de 38%), sendo o restante de valências neutras.

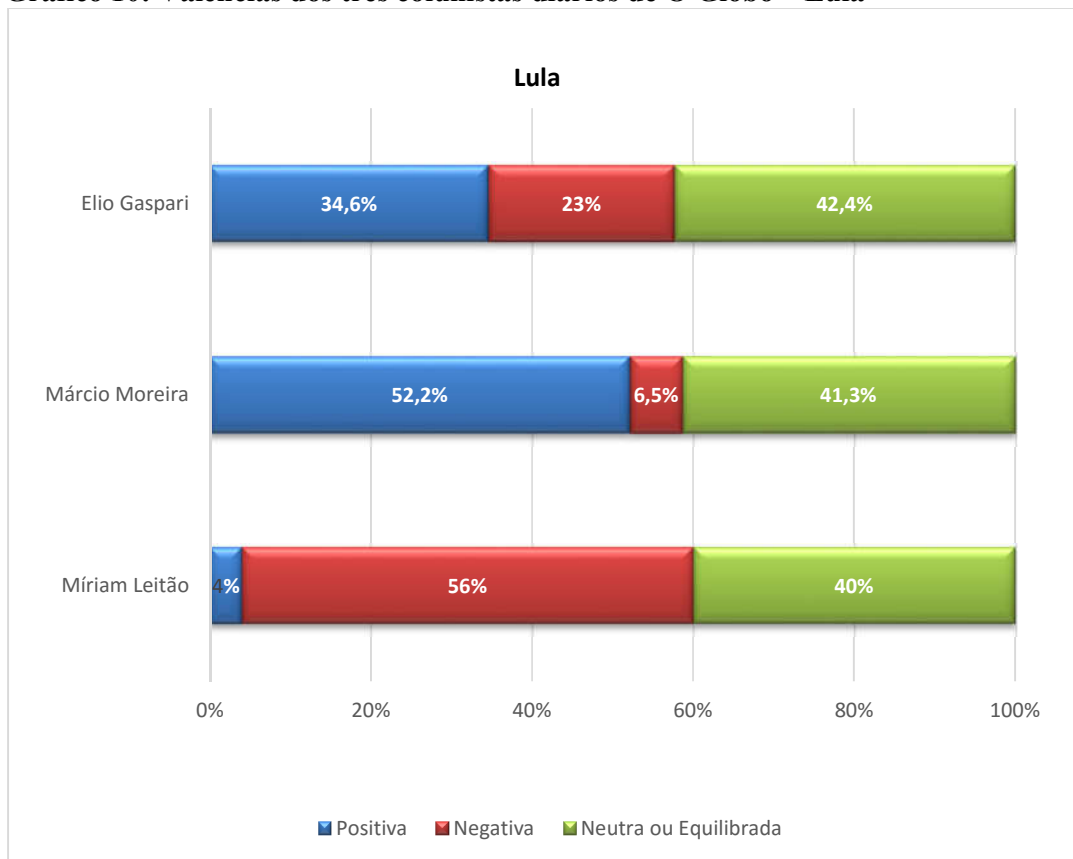
**Gráfico 9: Valências dos três colunistas diários de O Globo – Garotinho**



Fonte: Doxa, 2002

A análise das valências para a candidatura de Garotinho nos dá um quadro bastante radicalizado, ao contrário do de José Serra. As colunas de Elio Gaspari simplesmente não dão nenhuma valência positiva para esse candidato. Quase 70% delas são negativas, sobrando o resto dos cerca de 30% para valência neutra. Miriam Leitão e Márcio Moreira Alves ainda destinam alguma positividade para Garotinho em suas colunas, apesar de que este índice fica na casa dos 5% nos dois casos. A rejeição ao candidato é imensa também para Miriam e Marcio, girando em torno dos 60% a proporção de valências negativas para Miriam Leitão e 53% para Márcio Moreira Alves.

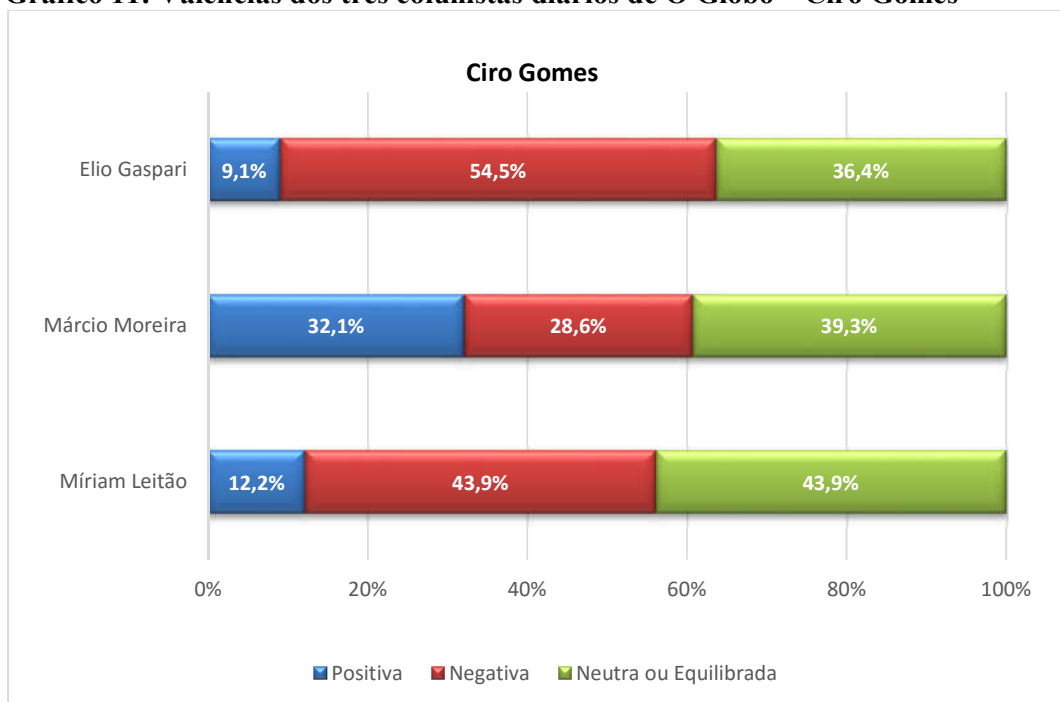
**Gráfico 10: Valências dos três colunistas diários de O Globo – Lula**



Fonte: Doxa, 2002

A análise das valências nos traz elementos interessantes e entre eles se destaca uma enorme disparidade de tratamento entre os três colunistas. Não podemos deixar de nos admirar com a rejeição de Miriam Leitão a essa candidatura, ao mesmo tempo que também é muito significativo o alto grau de simpatia de Marcio Moreira Alves para com Lula, revelados pelo índice de 52% de valência positiva. Enquanto isso, vemos uma posição praticamente equilibrada entre valências positiva, negativa e neutra por parte de Elio Gaspari.

**Gráfico 11: Valências dos três colunistas diários de O Globo – Ciro Gomes**

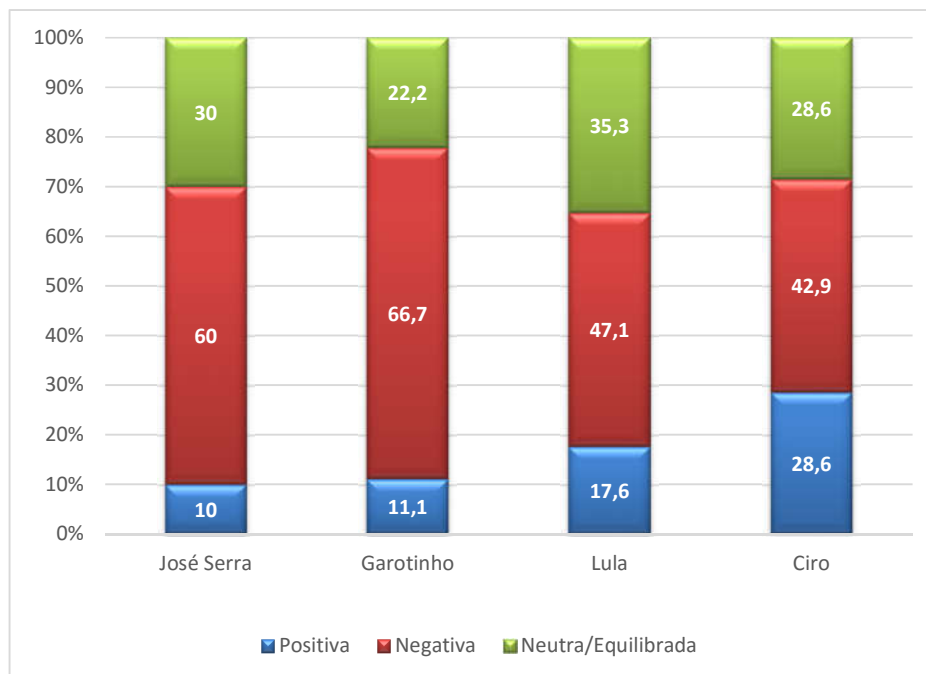


Fonte: Doxa, 2002

A leitura dos dados emanados do gráfico de valências para a candidatura de Ciro Gomes ressalta um quadro de semelhança entre a visão de Míriam Leitão e Elio Gaspari, com valência positiva pequena, na casa dos 10%, valência negativa grande, ficando entre os 44% de Míriam e os 55% de Gaspari. Enquanto isso, é Márcio Moreira Alves quem, desta vez, equilibra bem os pesos das valências entre o positivo, o negativo e o neutro.

Para refinar ainda mais nossa pesquisa, chegamos agora à apresentação do quadro de valências para aquele que é o mais tradicional e direto reproduzidor da opinião política dos jornais: o editorial. Mesmo sabendo que esse é um espaço de expressão dos proprietários do jornal, que não nos proporciona nenhum dado extraordinariamente surpreendente ou significativo, resolvemos trazer seus resultados para termos um panorama desse posicionamento tendo em vista o que o corpo do jornal nos diz sem que seja explicitada nenhuma posição política e o que o editorial nos diz.

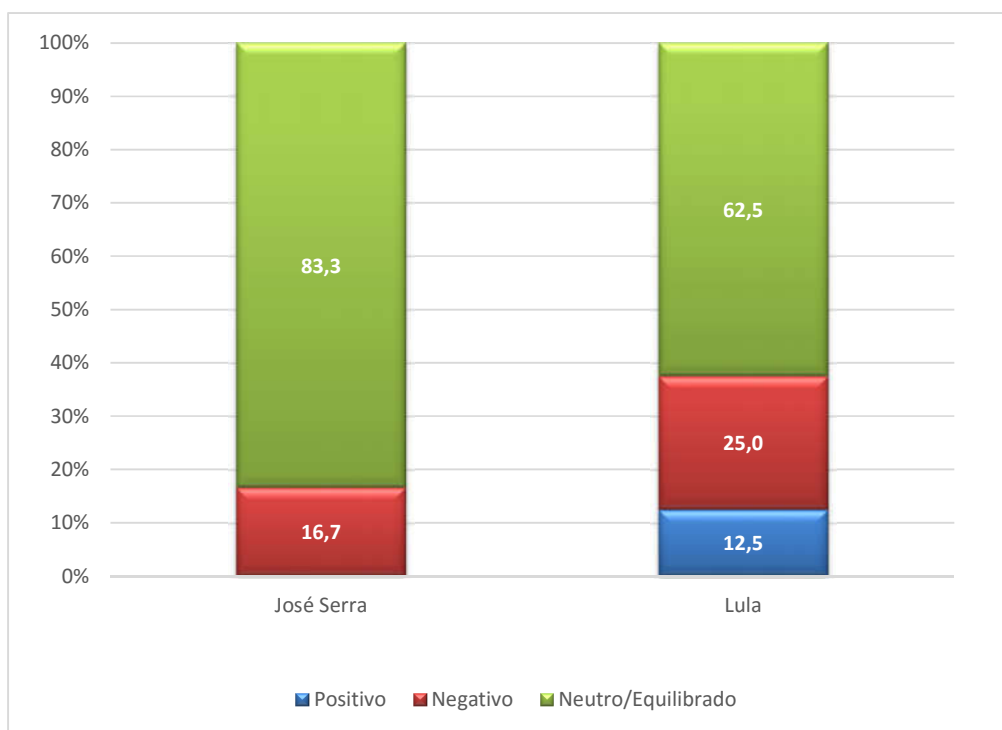
**Gráfico 12: Valências nos editoriais – 1º turno**



Fonte: Doxa, 2002

O dado que mais sobressai da leitura desses dados é que se existia à época uma candidatura rejeitada pela direção superior de O Globo, essa era a de Garotinho, apresentando um índice de valência negativa de cerca de 67%. Salta aos olhos também o alto de índice de tratamento negativo referente a José Serra, girando em torno dos 60%, já que como já dito, ele em tese era o candidato de continuidade das políticas que caracterizaram os dois mandatos do presidente Fernando Henrique Cardoso e apoiadas pelos responsáveis maiores pelo Grupo Globo. A se destacar também, uma pequena vantagem em termos de valência positiva para a candidatura de Ciro Gomes. Quanto à atitude oficial de O Globo em relação a Lula, chama a atenção o baixo percentual de valência positiva, um índice bastante grande de valência negativa, na ordem de 48% e também um percentual considerável de editoriais com valência neutra ou equilibrada.

**Gráfico 13: Valências nos editoriais – 2º turno 2002**



Fonte: Doxa, 2002

O quadro de valências específico para o segundo turno dessa eleição, disputado por Lula e Serra, também reserva certas surpresas. Primeiramente destacamos que o candidato Serra não tem absolutamente nenhuma valência positiva, um percentual pequeno de valência negativa e o muito expressivo índice neutro de 84%. Já a candidatura de Lula, ao contrário do fato radical de José Serra, recebe dos editorialistas de o Globo algum índice positivo, mesmo que baixo. Ele recebe também quase o dobro de valência negativa em relação a seu oponente e tem um índice bem menor de valência neutra ou equilibrada.

### **Indicadores 3 e 4: Visibilidade Ponderada e Visibilidade Ponderada Padronizada**

Em mais um passo de aproximação ao nosso objeto de estudo (a cobertura das eleições presidenciais pelo jornal O Globo), propusemos a adoção de um novo indicador, que chamaremos de **Visibilidade Ponderada**. Trata-se da mesma classificação de registros feita pelo Doxa, com uma diferença relevante: cada registro contribui em uma proporção diferente para o somatório em função de três variáveis — a página em que foi publicado, a posição na



página e o formato<sup>54</sup>. Sabe-se, por exemplo, que o impacto (positivo ou negativo) de dois conteúdos não podem ser dados como equivalentes se um foi publicado na primeira página e outro em uma página interna. Da mesma forma, é bastante evidente que um conteúdo incluído no alto de uma página tende a chamar muito mais atenção do que outro publicado na parte inferior. Portanto, o indicador de **Visibilidade Ponderada** é um escore, que será positivo ou negativo conforme o maior ou menor predomínio relativo de registros positivos ou negativos<sup>55</sup>. Semelhante abordagem já foi experimentada antes por outros autores, como Camargos (2000) e Cervi (2003), que elegeu as mesmas três variáveis ao propor o que chamou de “Índice de Visibilidade das Matérias”. Este autor atribuiu o mesmo peso (33,33%) a cada uma das variáveis. Nós, diferentemente, entendemos que há uma hierarquia entre as variáveis consideradas e por isso atribuímos 50% do peso à variável “número da página”, 30% à variável “posição na página” e 20% à variável “formato”<sup>56</sup>.

Trata-se, portanto, de considerar no modelo de abordagem que cada matéria possui um potencial diferente de repercussão em função destes fatores. No que toca ao número de página, atribuímos três faixas de pontuação: um ponto para conteúdos publicados em páginas pares; cinco pontos para conteúdos publicados em páginas ímpares; e 15 pontos para conteúdos publicados na capa<sup>57</sup>. No que se refere à posição na página, a pontuação varia de um (quadrante inferior esquerdo) a nove (página inteira). No tocante ao formato, a contribuição de cada matéria para o somatório de pontos flutua entre um (editoriais)<sup>58</sup> e seis (fotos, charges e infográficos). Cada pontuação atribuída conforme os critérios acima, terá sinal positivo ou negativo de acordo com a valência atribuída pelo Doxa a cada conteúdo. O “retrato” da cobertura do jornal para

---

<sup>54</sup> Os formatos considerados são os seguintes: colunas assinadas; fotos, charges e infográficos; textos informativos (notícias, reportagens e chamadas); artigos assinados; e editoriais.

<sup>55</sup> Se todos os registros fossem neutros ou equilibrados (o que não é factível mesmo em um jornal completamente isento frente às diferentes candidaturas), o escore de todos os candidatos seria zero.

<sup>56</sup> Além desta mudança de fundo, propusemos algumas modificações pontuais em relação ao esquema de Cervi (2003). No parâmetro “formato”, abolimos a pontuação destacada para o tópico “chamadas” (visto que o destaque conferido por elas já está contemplado na pontuação atribuída à condição de conteúdo publicado na primeira página), englobando-as na rubrica genérica “textos informativos”, à qual não atribuímos pontuação destacada. Também alteramos, na hierarquia dos formatos, a ordem de “fotos, charges e infográficos”, que passou à frente de “textos informativos: notícias, reportagens, chamadas”.

<sup>57</sup> A pontuação em si sempre terá algum aspecto arbitrário, mas a hierarquia estabelecida entre primeira página, páginas ímpares (à direita quando um jornal está aberto) e páginas pares (à esquerda) é habitualmente considerada tanto por editores quanto por tabelas de preços de anúncios publicitários.

<sup>58</sup> Os editoriais receberam a menor pontuação não por desprezarmos sua repercussão, mas porque representam a opinião do veículo e, neste sentido, é absolutamente “normal” que tomem partido, sendo, portanto, os conteúdos menos sujeitos à problematização tratada neste trabalho.

cada candidato em certo período surge do saldo – positivo ou negativo – acumulado a partir da contribuição de cada conteúdo publicado contendo menção ao mesmo candidato.

Os quadros 1, 2, 3 trazem um resumo do nosso método de processamento dos dados constantes das planilhas do Doxa para as eleições de 2002 e 2010.

### Quadro 1: Pontuação conforme página

Página par	Página ímpar	Primeira página
01 ponto	05 pontos	15 pontos

Fonte: Elaboração própria

### Quadro 2: Pontuação conforme posição na página

Quadrante inferior esquerdo	Quadrante inferior direito	Quadrante superior direito	Quadrante superior esquerdo	Metade inferior	Metade superior	Página inteira
01 ponto	02 pontos	03 pontos	04 pontos	05 pontos	07 pontos	09 pontos

Fonte: Elaboração própria

### Quadro 3: Pontuação conforme formato

Editoriais	Artigos assinados	Textos informativos(notícias, reportagens ou chamadas)	Fotos, charges ou infográficos	Colunas assinadas
01 ponto	02 pontos	03 pontos	04 pontos	06 pontos

Fonte: Elaboração própria

A pontuação de cada matéria será, portanto, a soma dos pontos atribuídos segundo cada um dos três parâmetros (número da página, posição na página e formato). E o sinal será positivo ou negativo conforme a valência atribuída. Expressando em termos matemáticos, a valência positiva implica multiplicar aquela soma por 1 (um); a negativa, por -1 (menos um); e a neutra ou equilibrada, por zero<sup>59</sup>. O conjunto de matérias analisadas no período considerado, cada qual

<sup>59</sup>Certamente se poderia objetar que a visibilidade neutra ou equilibrada está longe de ser efetivamente inócua ou insignificante, pois ter visibilidade (não negativa) é sem dúvida um recurso positivo para qualquer candidato. Isto valeria especialmente no hipotético contexto em que houvesse um candidato muito desconhecido do eleitorado, o que não se aplica aos principais candidatos das eleições de 2002 e 2010, que tinham biografias políticas sedimentadas.

com seu número (positivo ou negativo) de pontos, dá origem a um escore que indica a maior ou menor visibilidade do candidato naquele intervalo de tempo.

Em um passo adicional, recorreremos a uma versão padronizada do mesmo indicador, que permite responder à seguinte pergunta: se todos os candidatos tivessem o mesmo número de menções no período considerado, qual seria o escore de cada um? Este é um aspecto que ficaria oculto se não oferecêssemos a ferramenta da padronização. Nas tabelas 1 e 2, apresentamos os dados para o primeiro e o segundo turno da eleição de 2002, onde N corresponde ao número absoluto de menções de cada ator político.

**Tabela 2: Indicadores de “Visibilidade ponderada” e “Visibilidade ponderada padronizada” para o primeiro turno das eleições presidenciais de 2002**

Ator político	N	Visibilidade ponderada	Visibilidade ampliada padronizada
Lula	2922	5379	184,09
José Serra	2840	-696	-24,51
Garotinho	1721	-2222	-129,11
Ciro Gomes	2321	-1259	-54,24

Fonte: Elaboração própria, com base em planilha do Doxa, 2002

A Tabela 2 aponta que Lula teve não apenas o maior número absoluto de menções (2.922), mas também o maior escore acumulado no período. Os outros três candidatos considerados, com números variados de menções, acumularam escores negativos de Visibilidade ponderada. O caso emblemático é o do candidato Garotinho, que teve o menor número de menções (1.721) e o maior saldo negativo de Visibilidade ponderada (-2.222). Ao equalizarmos, para fins de comparação, todos os candidatos a um número hipotético de menções igual a 100, temos uma visão qualitativa da cobertura a cada um deles. É o que fazemos no indicador de Visibilidade ampliada padronizada. Não por acaso, Garotinho tem o pior resultado, com -129 pontos. Ciro Gomes tem -54,24, enquanto José Serra tem -24,51. Somente Lula tem pontuação positiva (184,09), como já se apontava no escore absoluto.

**Tabela 3: Indicadores de “Visibilidade ponderada” e “Visibilidade ponderada padronizada” para o segundo turno das eleições presidenciais de 2002**

Presidenciável	N	Visibilidade ponderada	Visibilidade ponderada padronizada
Lula	750	2467	328,93
José Serra	539	-130	-24,12

Fonte: Elaboração própria, com base em planilha do Doxa, 2002

Na Tabela 3, referente ao segundo turno de 2002, consolida-se a melhor performance de Lula, com maior número de menções (750), maior pontuação na Visibilidade ponderada (2.467) e destaque na Visibilidade ponderada padronizada (328,93). Mais uma vez, Serra apresenta menor número absoluto de menções e escores negativos na Visibilidade ponderada e na Visibilidade ponderada padronizada.

O que os dados do Doxa apontam, portanto, é uma cobertura favorável ao candidato Lula, do PT, em 2002.

## **Eleição presidencial de 2010**

### **Justificativa para escolha da eleição de 2010**

São três as razões para escolhermos pesquisar aqui os dados recolhidos pelo Instituto Doxa sobre as eleições de 2010. O primeiro, muito pragmático, é a impossibilidade de recolhermos material junto ao Doxa da última eleição, de 2014, já que o Doxa parece ter sido na prática desativado entre as eleições de 2010 e 2014, possivelmente por alguma questão interna à instituição que não diz respeito a nossa pesquisa.

O segundo motivo é que quando esta tese foi gerada em forma de projeto para entrada no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf), em 2011, a eleição mais recente era justamente a de 2010 e, portanto, foi com os dados a seu respeito que trabalhei desde então, estando eles hoje num estágio consolidado de análise.

Existe também uma motivação de natureza acadêmica para o uso dessa eleição nesse capítulo: a eleição de 2010 trouxe um quadro rico do ponto de vista político, que permite sua análise em perspectiva comparativa com os dados emanados da pesquisa do Doxa de 2002. Assim como naquela eleição, quando se fechou um ciclo de governo de dois mandatos consecutivos de Fernando Henrique Cardoso, existiu na eleição de 2010 também o final de um ciclo de dois governos consecutivos de um presidente, Luiz Inacio Lula da Silva, o Lula, do PT.

O contexto em que se deram essas duas situações de fim de ciclo presidencial se apresentou, porém, de forma radicalmente diferente em termos da popularidade do presidente que saía e, portanto, das possibilidades de vitória do candidato da situação. Enquanto o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso saía da presidência com índices de aprovação popular que beiravam os 25%, Lula deixou a presidência com um percentual altíssimo de aprovação popular, beirando os 85%<sup>60</sup>. Esse fator político facilitou muito a campanha de Dilma Rousseff, a candidata escolhida do presidente. Ao mesmo tempo, a tarefa de derrubar a candidatura governista se mostrava muito difícil para qualquer candidato de oposição.

Em termos de produção de resultados palpáveis quanto ao posicionamento político de O Globo durante toda a campanha, essa foi uma eleição com excelente potencial. Partindo do conhecimento fornecido pelas informações expostas aqui na presente tese, de uma longa história de identificação de Roberto Marinho com os ideais e causas liberais, de sua luta de muitas décadas contra os candidatos que representavam os valores políticos e econômicos opostos aos seus, a pesquisa de uma eleição que colocava mais uma vez frente a frente um representante das forças liberais, qual seja José Serra<sup>61</sup>, e do outro, uma representante de forças nacionalistas e desenvolvimentistas, no caso Dilma Rousseff, nos dá a devida razão para explorar essa campanha desde a análise dos bancos de dados do Doxa dessa eleição.

Para entender o que seria uma possível oposição sistemática de base programática e ideológica por parte dos comandantes atuais de O Globo diante dos dois governos de Lula e uma daí decorrente posição de combate à candidatura de Dilma Rousseff como de continuidade das políticas do que Singer (2009; 2011) cunhou como “lulismo”, é necessário que abramos um

---

<sup>60</sup> Em pesquisa divulgada em 23/09/2014 pelo Instituto Datafolha, o governo Lula gozava de aprovação de 78% dos brasileiros. Fonte: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2010/09/1211639-lula-mantem-aprovacao-e-grau-de-influencia.shtml>

<sup>61</sup> Reconhecemos que este enquadramento de José Serra é completamente dependente do contexto e da correlação de forças políticas da época, visto que mesmo dentro de seu partido, o PSDB, Serra foi muitas vezes tido como excessivamente “desenvolvimentista”.

pequeno parêntese nessa altura da introdução da análise dos dados relativos à cobertura de O Globo das eleições de 2010 para elaborarmos uma breve discussão teórica sobre uma pergunta: seriam as políticas socioeconômicas características do lulismo algo próximo das práticas nacional-desenvolvimentistas ou ao menos “desenvolvimentistas”?

Bresser-Pereira se propõe a participar dessa discussão e responde a essa pergunta sustentando que há, sim, semelhanças e pontes ligando as políticas lulistas com as práticas do nacional-desenvolvimentismo. Para ele,

Há duas formas de organização econômica e política do capitalismo, o liberalismo econômico e o desenvolvimentismo. Embora a alternativa desenvolvimentista não esteja clara para a maioria, porque, tanto pelos liberais quanto pelos socialistas, fomos sempre levados a pensar que a alternativa ao liberalismo era o socialismo, mas, na verdade, dentro do capitalismo, o que vimos foi, no século XX, a substituição do liberalismo econômico pelo desenvolvimentismo, aqui entendido como uma intervenção moderada do Estado na economia e nacionalismo econômico (BRESSER-PEREIRA, 2013, p.21).

Segundo a linha de reflexão de Bresser-Pereira, com Lula e o PT no poder foi levada a termo uma associação entre trabalhadores e empresários industriais, relação essa que somada à burocracia pública constitui uma coalizão que para ele é o elemento essencial para a execução de uma política desenvolvimentista, ressaltando que essas políticas só podem se concretizar se estiverem nessa coalizão somente capitalistas industriais e não capitalistas rentistas.

Uma vez constatado que houve esse movimento sob o governo de Lula, logrando a adesão dos capitalistas industriais para participarem de uma política desenvolvimentista que incentiva e investe no robustecimento da indústria nacional, Bresser-Pereira afirma que aí “o liberalismo econômico é deixado de lado, e configuram-se uma política desenvolvimentista e uma estratégia nacional de desenvolvimento” (Ibid.).

Para aprofundar a discussão sobre a pertinência de classificar as práticas de governo de Lula como desenvolvimentistas, trazemos as reflexões que fizeram a respeito Fonseca; Cunha; Bichara (2013). Ao apresentar o problema da identificação das políticas econômicas de Lula, se nota imediatamente que os autores não tocam no aspecto “nacionalista” dessa discussão, se atendo apenas a análise do ponto de vista econômico. Eles explicam que não é fácil efetivar essa categorização pois lhes parece precoce “afirmar que se trata de uma retomada do desenvolvimentismo como ideologia norteadora de nova fase da economia e da sociedade

brasileiras, apesar dos sinais visíveis da retomada de uma trajetória de crescimento [...]”. E complementam:

[...] vários autores têm sugerido a interpretação de que estaria de volta o desenvolvimentismo brasileiro, ressaltando mudanças na condução da economia com relação aos governos das décadas de 1980 e 1990 (ver, por exemplo: Belluzzo: 2009; Novy: 2009a, 2009b; Nakano: 2010; Cervo: 2009; Herrlein: 2011; Cardoso Jr., 2011, p. 61, 450). Outros, concordando com a guinada de rumo, mas de forma crítica [...] admitem as tendências desenvolvimentistas do governo Lula e as interpretam como uma forma de populismo, lembrando a antiga relação, tradicional nas análises sobre economia latino-americana, desenvolvimentismo, substituição de importações e populismo (Ibid.: p.405)

Lembram ainda que autores vão além de verem nas políticas econômicas de Lula o ranço do populismo. Citam Gonçalves (2012) como economista que vê nessas políticas um “nacional-desenvolvimentismo às avessas” já que ao contrário do nacional-desenvolvimentismo praticado durante o século XX existia a opção pela industrialização via substituição de importações, melhoria do padrão de comércio, maior controle nacional do sistema produtivo e subordinação da política monetária à política de desenvolvimento, enquanto que as políticas econômicas de Lula tinha como característica a desindustrialização, reprimarização da exportações, desnacionalização e dominação financeira sobre a esfera produtiva.

Os autores apontam ainda para economistas que classificam as políticas distributivistas do governo Lula como assistencialistas além de populistas, o que as afastaria em muito de serem consideradas desenvolvimentistas. Segundo eles, as políticas “assistencialistas” de Lula se afastam do paradigma populista por se mostrarem consistentes com o tempo, o que contraria a ideia que delas fazem os economistas que se referem à ineficácia dessas políticas justamente por serem políticas de tiro curto, de efêmera ação positiva, já que se apresentam como boas ideias porém inócuas com o passar do tempo, posição essa que os autores em tela chamam de “postulado tradicional do liberalismo como corolário da defesa do livre mercado e condenação de medidas intervencionistas pró-redistribuição de renda” (Ibid.: p.423).

Caminhando afinal num sentido semelhante ao exposto aqui por Bresser-Pereira, Fonseca; Cunha; Bichara (Ibid.) creditam um papel fundamental para que políticas desenvolvimentistas sejam verdadeiramente implementadas no país:

O desenvolvimentismo, para se firmar tanto como ideologia hegemônica e, daí, como prática efetiva, supõe um relativo consenso sobre a natureza e a profundidade da política econômica como indutora não só de investimentos em áreas prioritárias, mas

da ação estatal nas demais esferas de abrangência – como educação, tecnologia, mercado de trabalho e políticas sociais, dentre outras -, de forma a forjar um projeto com coerência interna entre os meios e instrumentos para viabilizá-los. Supõe, portanto, um pacto político capaz de lhe dar sustentação, ou seja, agentes econômicos, classes e segmentos sociais dispostos a pactuar uma agenda mínima. Apesar de se ter avançado nessa direção nos últimos anos e a crise internacional vir também colaborar neste sentido, não há como fugir da constatação realista de que tudo sugere ser algo não muito claro de se vislumbrar em um horizonte mais próximo. (Ibid.: p.424)

Portanto, alargando um pouco a abrangência de análise sobre a questão de natureza acadêmica sobre se podemos ou não lidar com o governo Lula como um retomador de práticas desenvolvimentistas (sem o ingrediente “nacional” do nacional-desenvolvimentismo), e expondo um quadro mínimo de discussão daqueles que estudam o lulismo como fenômeno desenvolvimentista, podemos afirmar com certa segurança que Lula e seu governo apresentaram ao menos traços de políticas confrontadas historicamente por Roberto Marinho e por hipótese aqui levantada, também por seus sucessores, Assim sendo, poderemos considerar mais um elemento na análise dos números e indicadores que surgirão de nossa pesquisa sobre os dados produzidos pelo Doxa por ocasião dessa campanha eleitoral.

### **Indicador 1: Menções do jornal O Globo aos candidatos na eleição presidencial de 2010**

Começando nossa pesquisa relativa à eleição de 2010, se faz necessário listar todos os candidatos que concorriam naquele pleito: Américo de Souza (PSL); Dilma Rousseff (PT); Ivan Pinheiro (PCB); José Maria Eymael (PSDC); José Serra (PSDB); Levy Fidélis (PRTB); Marina Silva (PV); Plínio Sampaio (Psol) ; Rui Pimenta (PCO) ; Zé Maria (PSTU).

Para o pleito de 2010, os candidatos selecionados para análise foram Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB) e Marina Silva (PV). Além deles, incluímos na análise o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A justificar esta decisão tem-se o fato político de que ele chegou ao final de seus oito anos na Presidência com altíssimos índices de apoio popular<sup>62</sup> e, estando impedido de se candidatar a mais um mandato, indicou Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil durante a maior parte de seu mandato, para dar continuidade ao seu governo e manter também o projeto de poder do seu partido, o Partido dos Trabalhadores (PT). Sendo o presidente no exercício do poder ao longo de toda a campanha eleitoral e se constituindo um ator político de

---

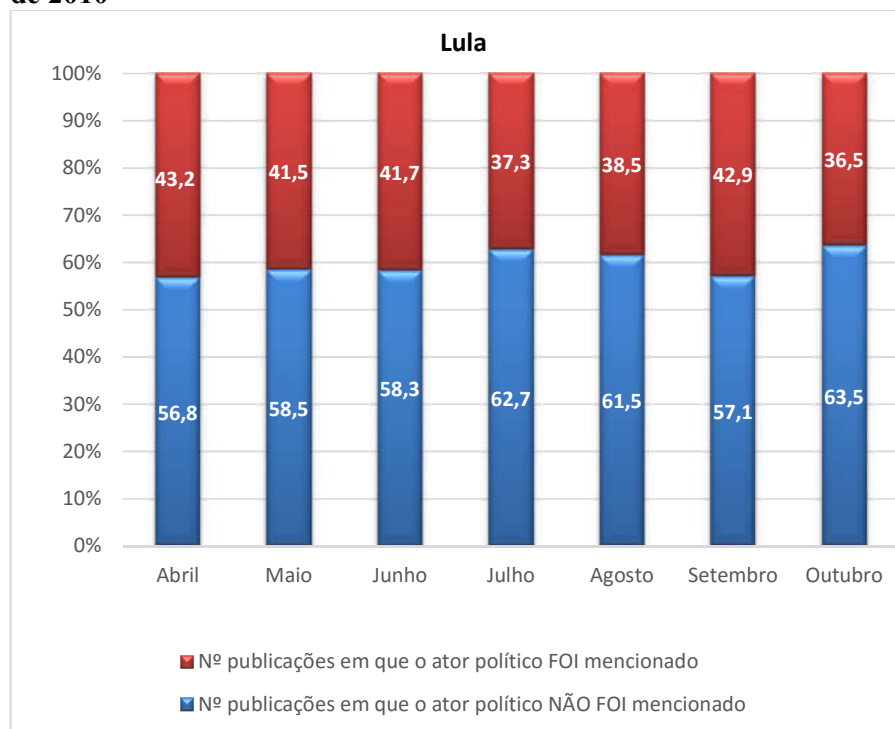
<sup>62</sup> Em pesquisa divulgada em 23/09/2010 pelo Instituto Datafolha, o governo Lula gozava de aprovação de 78% dos brasileiros. Fonte: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2010/09/1211639-lula-mantem-aprovacao-e-grau-de-influencia.shtml>



tamanho magnitude, seria previsível que a mídia se referisse com muita constância e intensidade a Lula como o grande personagem daquela eleição, sendo razoável inferir que muitas das menções positivas e negativas a sua pessoa atingiam indiretamente a candidatura de Dilma Rousseff.

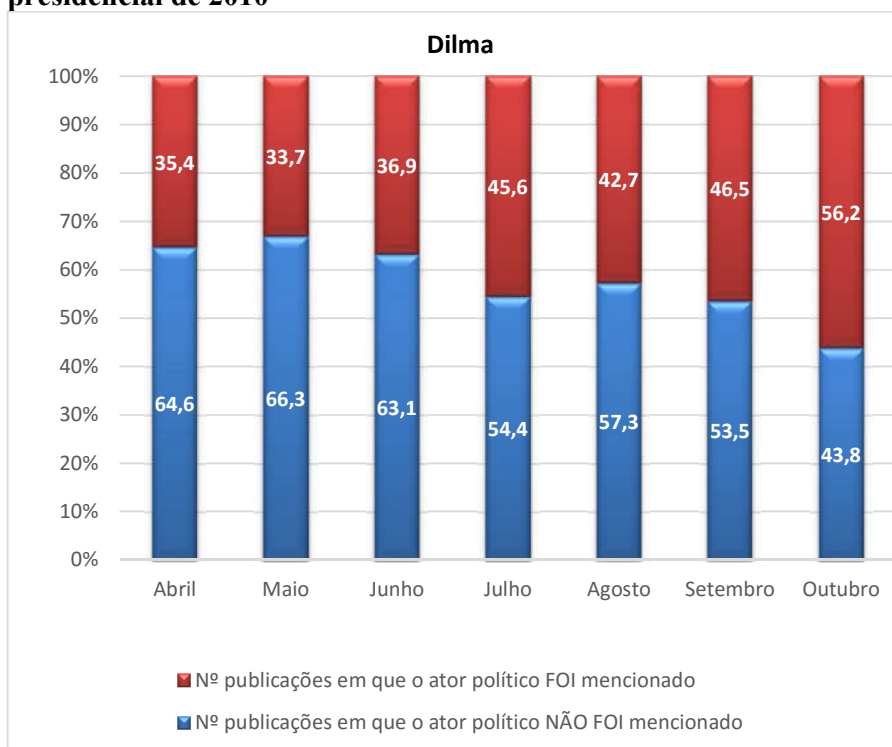
Vejamos, nos gráficos a seguir, os padrões de menções a estas personalidades.

**Gráfico 14: Menções do então presidente Lula no primeiro turno da eleição presidencial de 2010**



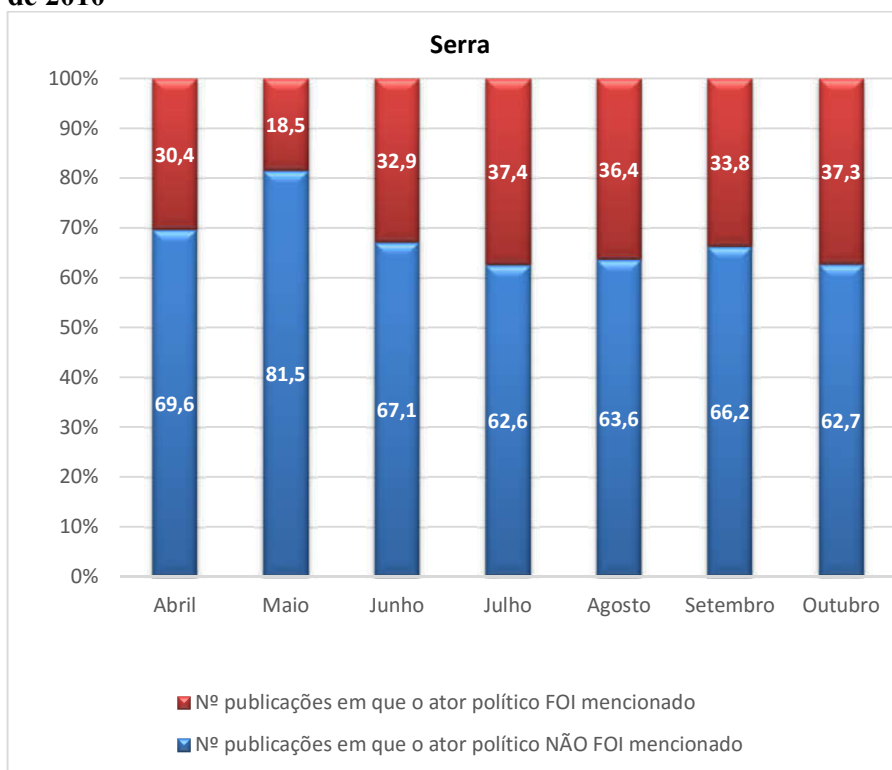
Fonte: Doxa, 2010

**Gráfico 16: Menções da candidata Dilma Rousseff no primeiro turno da eleição presidencial de 2010**



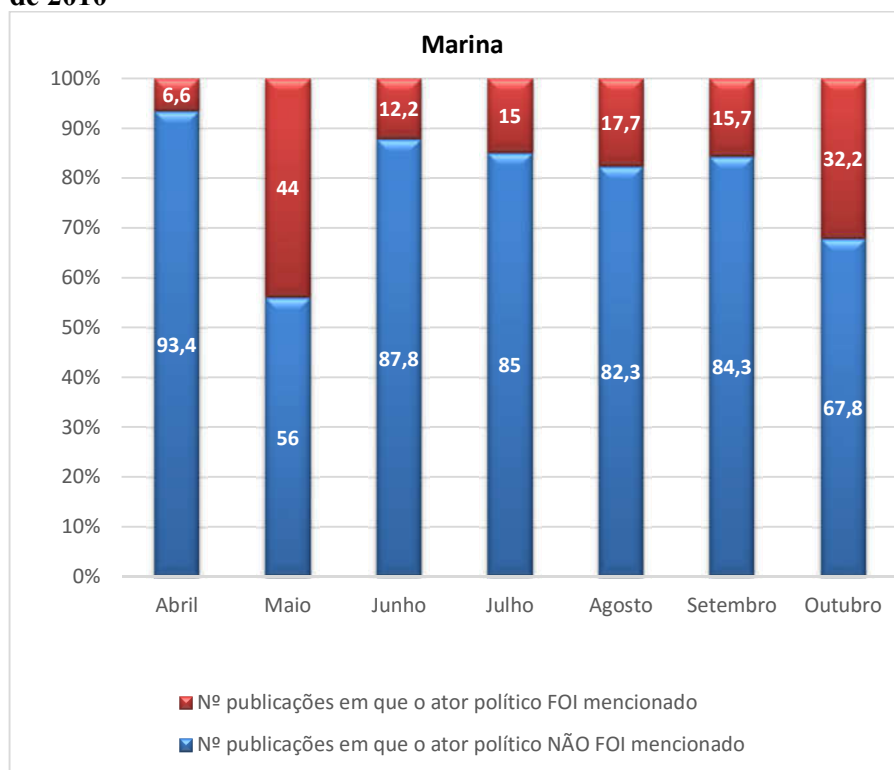
Fonte: Doxa, 2010

**Gráfico 16: Menções do candidato José Serra no primeiro turno da eleição presidencial de 2010**



Fonte: Doxa, 2010

**Gráfico 17: Menções da candidata Marina Silva no primeiro turno da eleição presidencial de 2010**



Fonte: Doxa, 2010

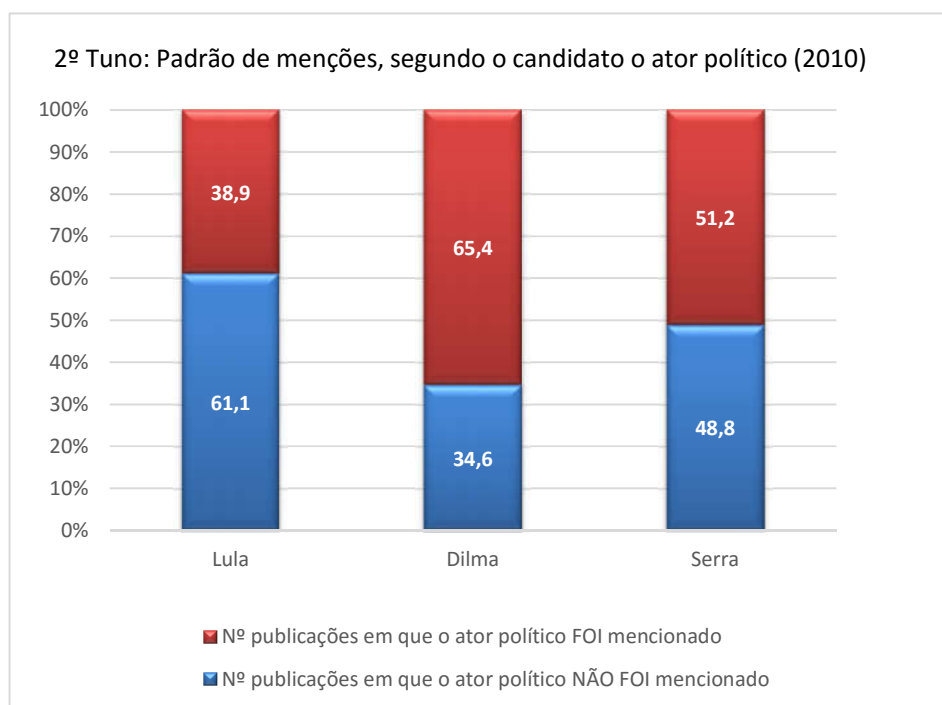
A se pontuar na leitura dos dados desses gráficos a grande quantidade de menções a Lula, o que pode ser atribuído ao fato de que como então presidente da República seria altamente previsível que os meios de comunicação e O Globo, especificamente, se referissem com grande frequência ao seu nome e também ao fato de que, como dito acima, Lula se apresentava ao Brasil, aos leitores de O Globo e aos eleitores como presidente com altíssima aprovação popular e por isso se configurava como principal ator político daquela eleição.

Também se nota que o segundo ator político com maior índice de menções foi a candidata Dilma Rousseff, indicada por Lula para ser sua sucessora, tendo os números do Doxa mostrado que ela também recebeu uma quantidade grande de menções, sendo que no nível mais alto dessa exposição seu nome chegou a 56% das menções nos dias de outubro anteriores ao pleito em primeiro turno.

Salta aos olhos também o baixíssimo nível de menções à candidata Marina Silva nesse período. Os únicos meses com índices mais altos de exposição em O Globo são maio, mês no qual houve

o lançamento da sua pré-candidatura, quando alcançou 43% de exposição, e nos dias que antecederam ao primeiro turno daquela eleição, quando chegou a ser mencionada em 32% das matérias relacionadas aos candidatos.

**Gráfico 18: Padrão relativo de menções dos atores políticos no período entre o primeiro e o segundo turnos da eleição 2010, incluindo o dia do segundo turno**



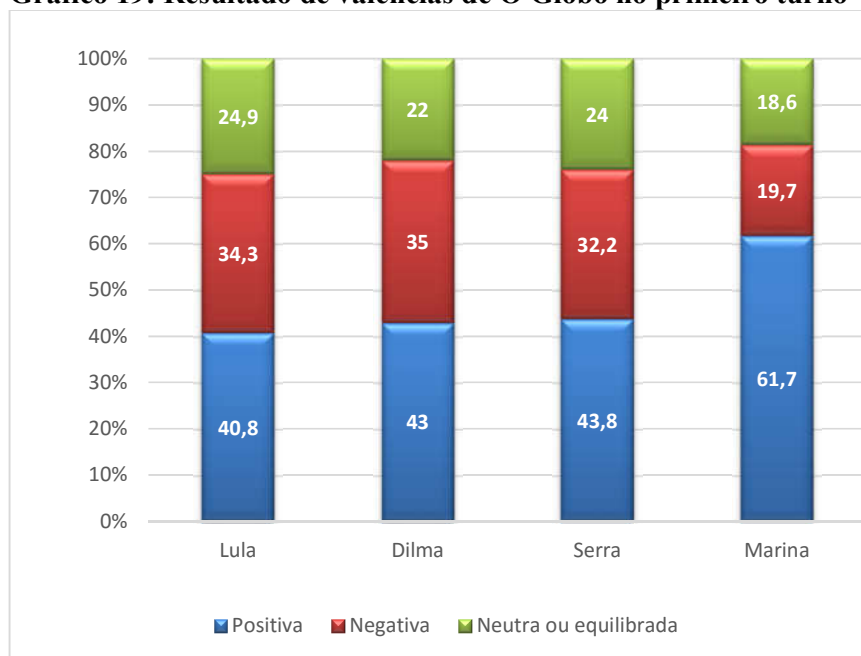
Fonte: Doxa, 2010

A análise de menções no segundo turno da eleição de 2010 mostra que Lula continuou sendo o grande *player* daquela eleição, descontando o fato de ter muita atenção por ser Presidente da República. Chegando ao índice de 61% de menções, contra 34% para Dilma Rousseff e 49% para José Serra, vê-se quão importante ele foi no panorama geral da eleição que elegeu sua candidata como Presidente da República.

### **Indicador 2: Valências para eleições 2010**

Apresentamos, a seguir, o gráfico de valência (positiva, negativa ou neutra/nula) para os principais atores políticos da campanha presidencial de 2010, conforme dados fornecidos pelo Doxa. O período considerado se estende de 1º de abril a 03 de outubro de 2010, data do primeiro turno da eleição.

**Gráfico 19: Resultado de valências de O Globo no primeiro turno – 2010**

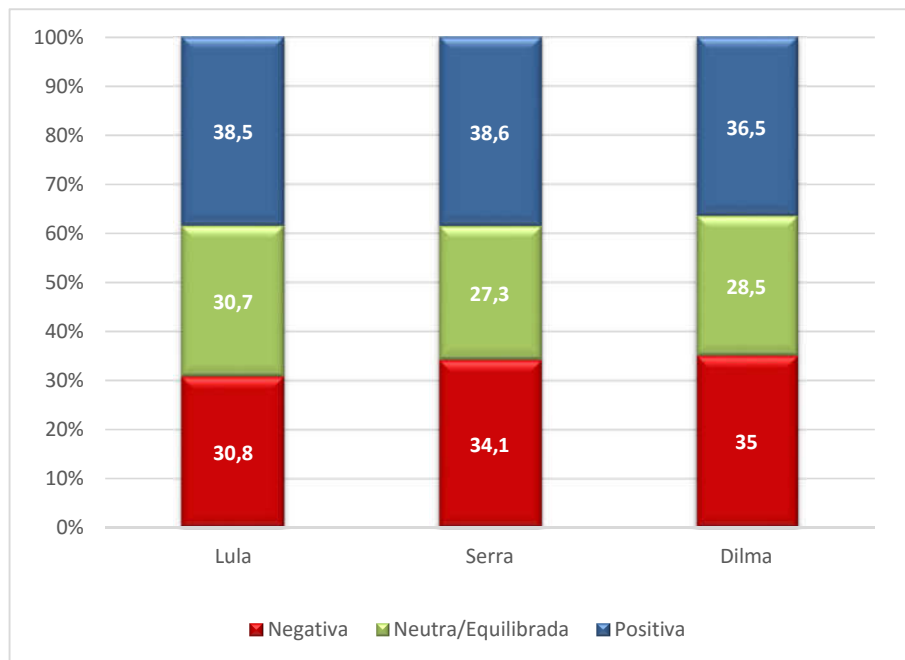


Fonte: Doxa

A primeira vista o dado mais visível nesse gráfico é o percentual de valência positiva de Marina Silva, que chega a quase 62%, contando ela ainda com um índice bastante baixo de menções negativas e um índice igualmente baixo de valência neutra. Esses configuram claramente os melhores resultados para todas as valências entre os quatro atores políticos. A razão para isso pode ser o tipo de candidatura que Marina representou, ou seja aquela de candidata *low profile*, que está acima das maiores divergências e embates nos quais os dois primeiros colocados nas pesquisas se envolviam, acrescidos de tudo o que envolvia em termos de exposição do presidente Lula.

Quando comparamos as valências para Lula, Dilma e Serra, constata-se um quadro de “empate”, com valências de todos os tipos se apresentando em níveis bastantes semelhantes para os três atores políticos. Porém, há que se lembrar a hipótese de que uma parte das menções negativas a Lula pode ser transferido para a conta das valências de Dilma Rousseff, já que como já foi sustentado aqui, os dois constituíam praticamente um par/candidato, sendo impossível separar o tratamento dado a Lula do tratamento dado a Dilma. Se a oposição desejava desalojar o PT do governo, era preciso bater em Lula para quase que automaticamente enfraquecer a sua candidata.

**Gráfico 20: Resultado de valências de O Globo no segundo turno – 2010**



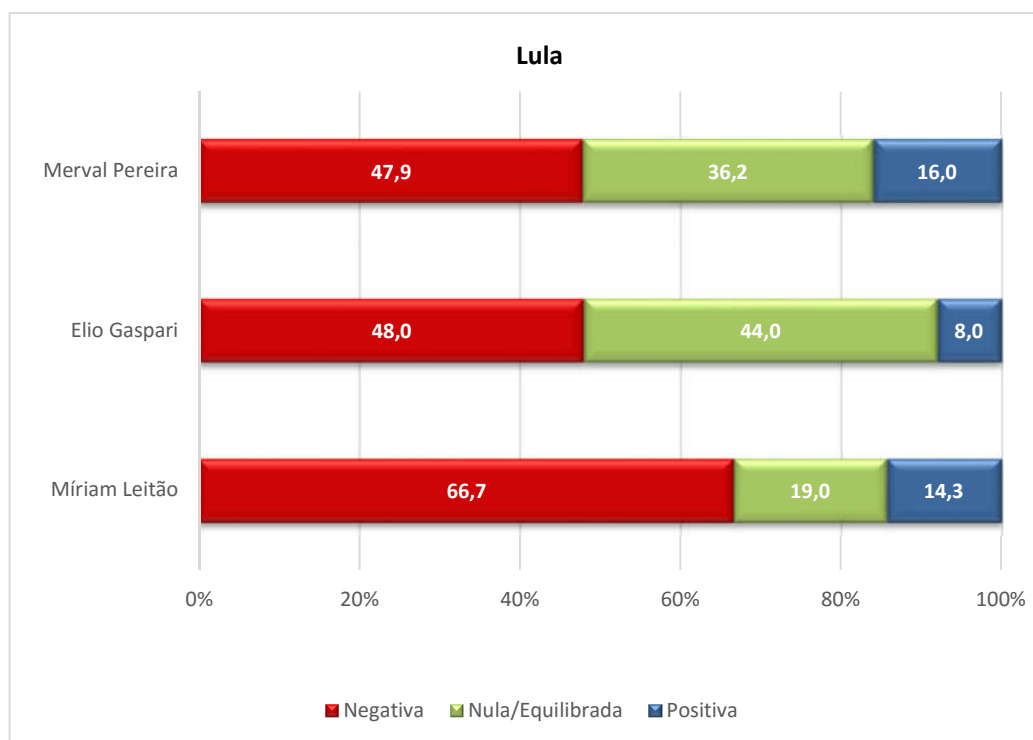
Fonte: Doxa, 2010

Neste gráfico, os dados praticamente falam por si. Existe aí um equilíbrio quase perfeito entre os índices de valência dos três tipos para os três atores políticos considerados em cena.

### **Resultados de valências para os principais colunistas fixos de O Globo no 1º turno da eleição de 2010**

Em relação aos colunistas fixos de 2002, mantiveram-se Miriam Leitão e Elio Gaspari, enquanto a morte de Márcio Moreira Alves, em 2009, levou a sua substituição pelo ex-editor geral do jornal Merval Pereira, que foi incluído em nossas análises.

**Gráfico 21: Valências dos três colunistas fixos de O Globo – Lula**



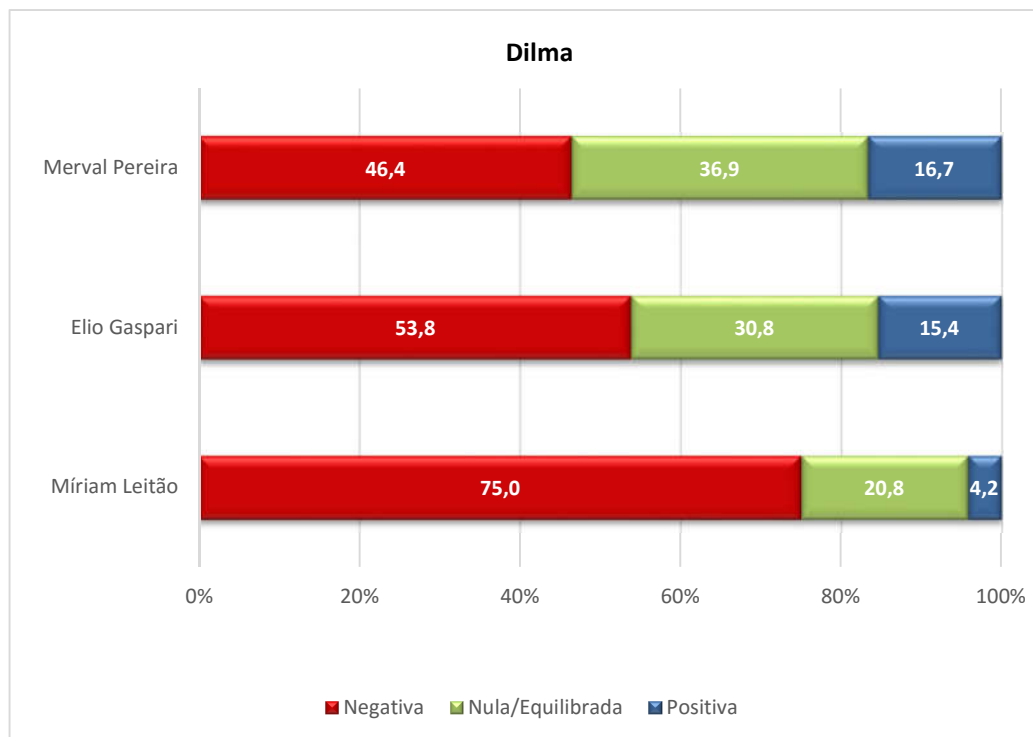
Fonte: Doxa, 2010

Como seria de se esperar, temos aqui manifestações claras dos principais colunistas de O Globo em relação ao presidente Lula, “pai” da candidatura Dilma Rousseff. Salta imediatamente aos olhos, por exemplo, o alto nível de rejeição que Lula gera em Miriam Leitão. Durante o primeiro turno desta eleição, as colunas de Miriam Leitão apresentaram uma média de valência negativa em torno dos 79%, enquanto suas menções positivas alcançaram cerca de 14%. Nota-se que a colunista apresentou em suas colunas um quadro de radicalidade extrema para com Lula, ficando as valências neutras próximas dos 20%.

Já as valências de Merval Pereira e Elio Gaspari se apresentaram de maneira mais ponderada com relação a Lula. Enquanto as colunas de Elio Gaspari se dividiram basicamente meio a meio entre valências negativa e neutra, Merval Pereira manteve o mesmo nível de Elio Gaspari quanto à negatividade em relação ao presidente de então (pouco menos de metade das menções) e deu a Lula um o mais alto padrão de valência positiva entre os três colunistas: quase 17%.



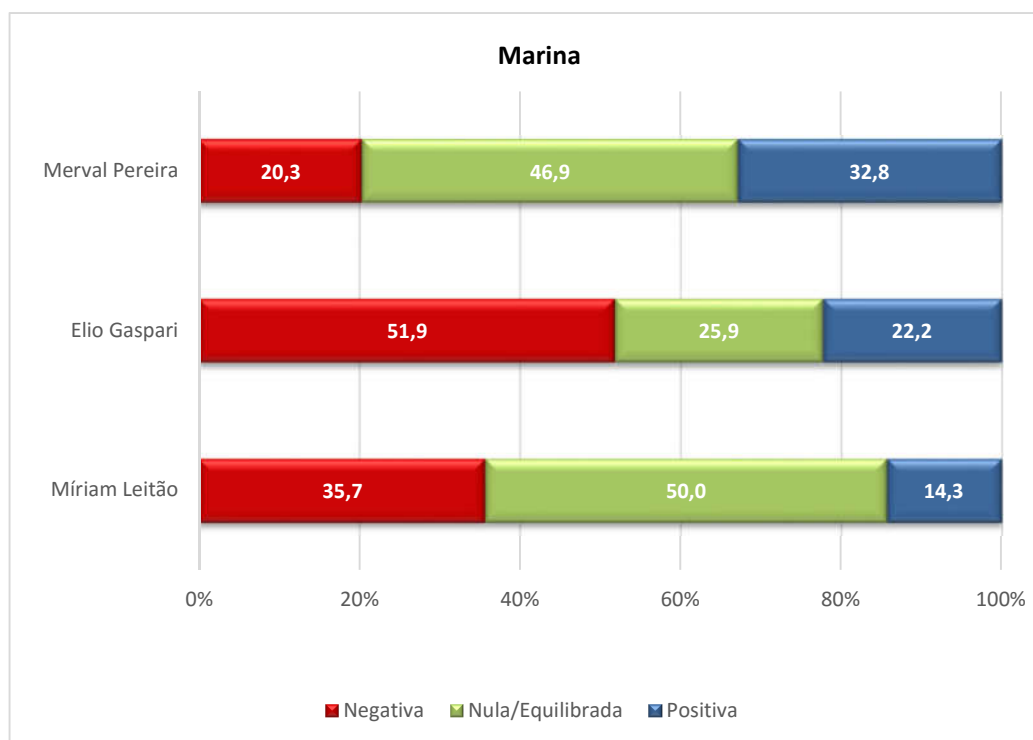
**Gráfico 22: Valências dos três colunistas fixos de O Globo – Dilma Rousseff**



Fonte Doxa, 2010

Para a candidata Dilma Rousseff, o padrão de valências se apresenta de forma bastante parecida com o de seu mentor político, Lula. Salta novamente o índice gritante de rejeição de Dilma nas colunas de Míriam Leitão, cuja valência negativa chega aos 75%. Para não se dizer que a colunista não via absolutamente bom na candidata oficial, temos aqui uma valência positiva de 4,2% para Dilma em suas colunas durante a campanha para o primeiro turno da eleição. Seguindo também a tendência verificada no gráfico para Lula, aqui também existe uma posição um pouco mais negativa por parte de Elio Gaspari em relação a Dilma Rousseff do que a de Merval Pereira. A valência negativa das colunas daquele jornalista (Gaspari) em relação à candidata de Lula chega a cerca de 54%, com valência positiva ficando em 15,4%. No que diz respeito às valências das colunas escritas por Merval Pereira, temos mais uma vez o mais moderado dos três, apresentando o menor índice de rejeição à candidata (46,4%), o maior índice positivo (16,7%) e de valência neutra (36,9%).

**Gráfico 23: Valências dos três colunistas fixos de O Globo – Marina Silva**



Fonte: Doxa, 2010

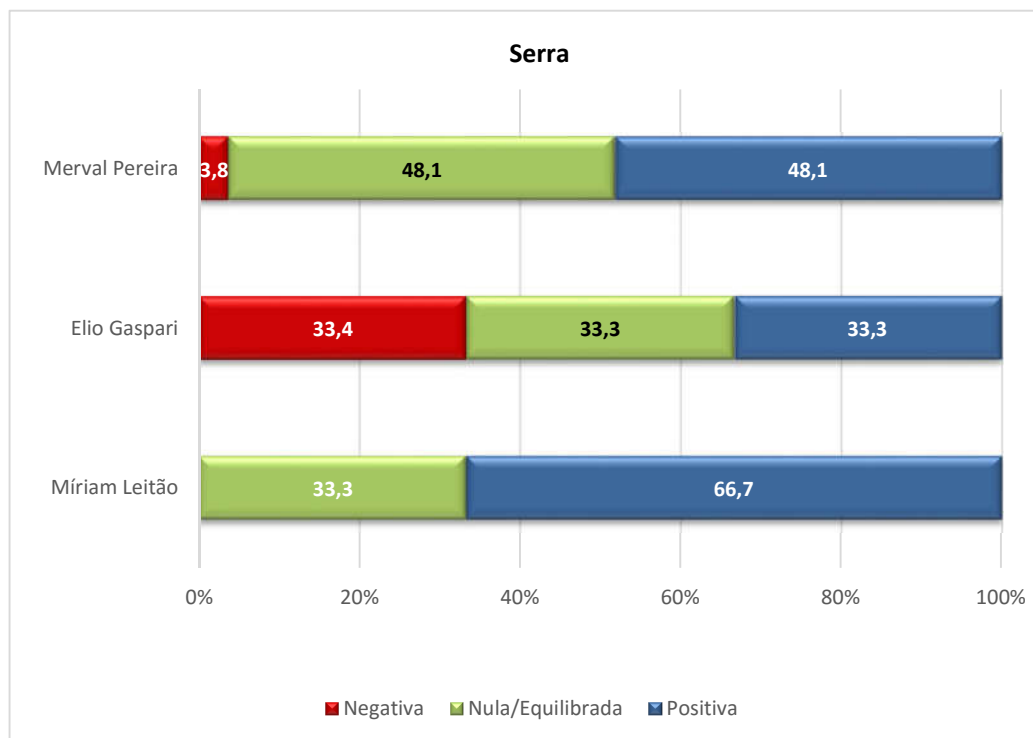
A leitura e interpretação dos dados desse gráfico são um tanto mais complexas do que os anteriores. Lembremos aqui que Marina Silva se manteve ao longo da campanha num distante terceiro lugar nas intenções de voto, tal como retratado nas pesquisas de opinião de então, representando uma espécie de *outsider* ou uma candidata franco-artiradora, que usava sua campanha para divulgar suas preocupações com o respeito ao meio ambiente e defendia o crescimento com sustentabilidade, não abdicando, porém, do pleito de ser eleita presidente da República. Exercendo esse papel, não é de se estranhar que tenha recebido tratamento tão díspare por parte desses três colunistas.

Abrindo esse quadro, começemos nossa interpretação com uma atitude característica de Elio Gaspari: há aqui mais uma vez uma valência negativa muito alta em suas colunas para Marina Silva, que fica em praticamente 52%. Contrastando consideravelmente, esse índice cai para 35,7% nas colunas de Miriam Leitão e 20% no caso de Merval Pereira.

Já no que diz respeito a atitudes gerais favoráveis aos quatro atores políticos em tela, vemos que a maior valência positiva para a candidata Marina Silva foi a de Merval Pereira, que chegou a quase 33%.

Vale ressaltar ainda o alto percentual de valência neutra que essa candidatura recebeu por parte de Merval Pereira (47%) e de Miriam Leitão (50%).

**Gráfico 24: Valências dos três colunistas fixos de O Globo – José Serra**



Fonte: Doxa, 2010

Na nossa visão, esse é o quadro de valências que expressa com mais nitidez uma tendência de preferência dos três colunistas políticos mais prestigiados de O Globo. Nele é possível identificar uma clara posição condescendente ou até favorável à candidatura de José Serra.

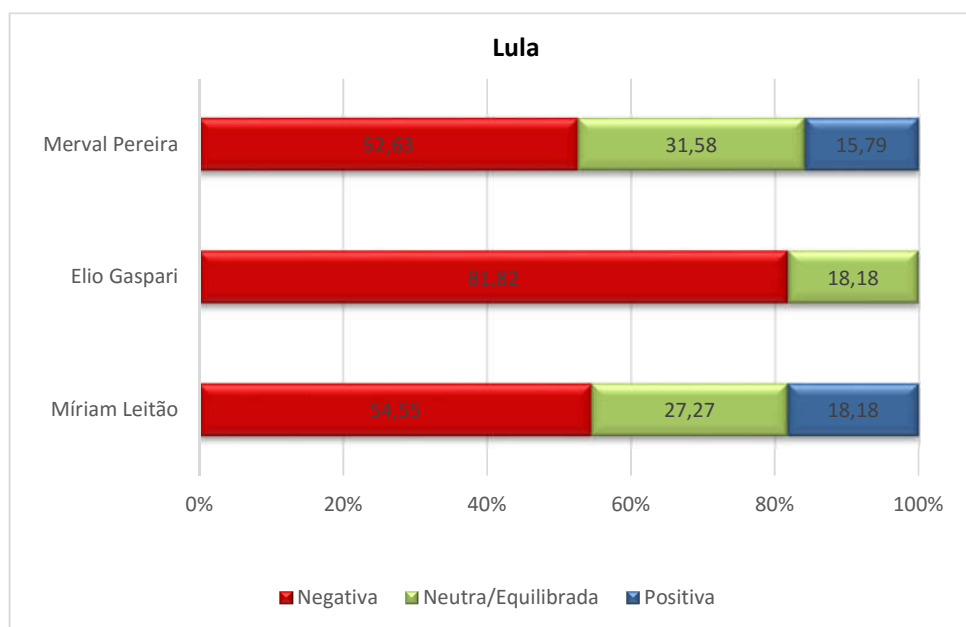
No caso de Merval Pereira, por exemplo isso se mostra pelo fato de a valência negativa para esse candidato durante a campanha eleitoral de primeiro turno não chegar nem aos 4%. Embora no mesmo nível das valências neutras, o índice de valência positiva ao candidato José Serra vai a quase 50% nas colunas desse jornalista.

Quanto ao quadro de valências de Elio Gaspari, podemos dizer que mais uma vez ele não demonstra maior entusiasmo por algum candidato e suas valências para José Serra nessa se dividem em proporções exatamente iguais entre positivas, negativas e neutras.

Porém, quando chegamos aos resultados para as colunas de Miriam Leitão, nos deparamos com uma preferência evidente, clara e cristalina por esse candidato. Em seus resultados simplesmente não existe nenhuma valência negativa para esse candidato, apresentando um terço de valências neutras e trazendo dois terços de valências positivas.

## Resultados de valências para os principais colunistas fixos de O Globo no 2º turno da eleição de 2010

Gráfico 25: Valências para Lula

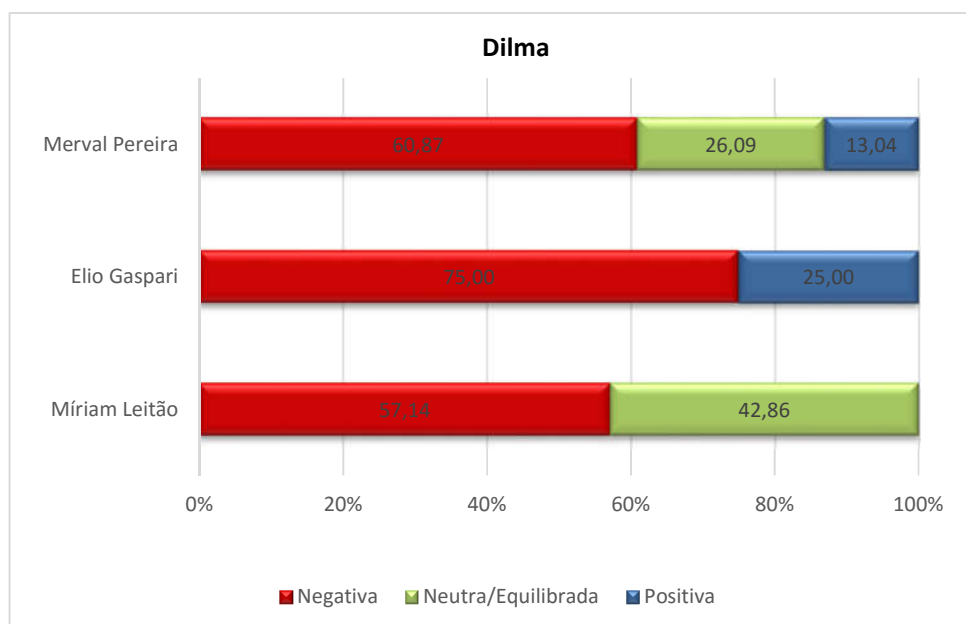


Fonte: Doxa, 2010

Temos aqui, sem dúvida, um quadro de valências muito mais explícito e até radicalizado em comparação com os do primeiro turno. Não é preciso perder muito tempo para constatar isso quando se vê uma valência negativa na ordem de quase 82% de Elio Gaspari para Lula por essa ocasião. O mesmo Gaspari não destina um por cento sequer de valência positiva para o presidente de então e o trata de maneira neutra em cerca de 18% das menções a ele em suas colunas.

Os resultados aqui para Merval Pereira e Miriam Leitão se apresentam de maneira muito semelhante, com percentuais que ultrapassam os 50% de valência negativa e deixam em torno de 30% para as valências neutras.

**Gráfico 26: Valências para Dilma Rousseff**



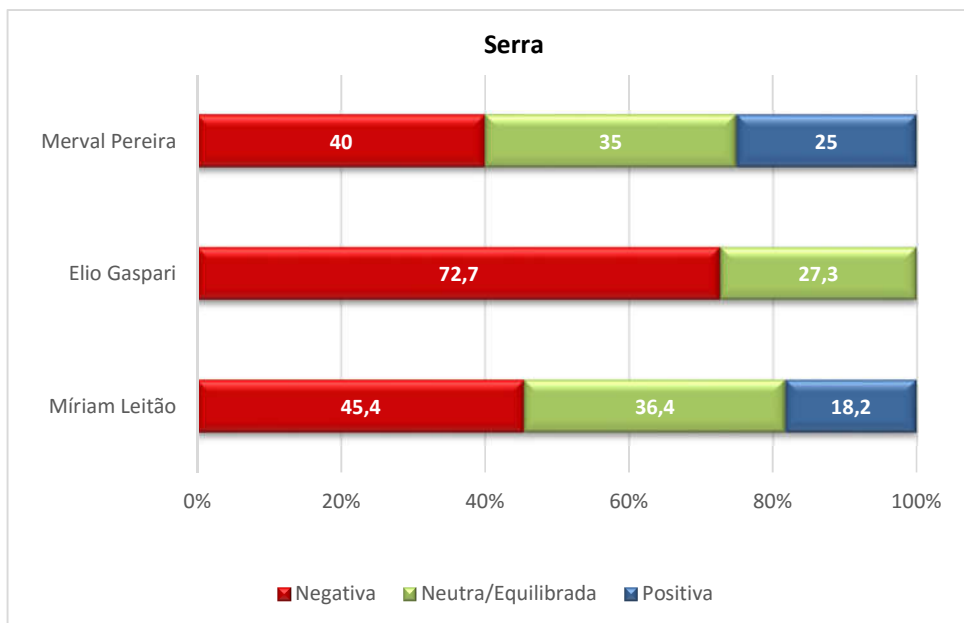
Fonte: Doxa, 2010

Como que para confirmar que a candidatura de Dilma Rousseff esteve colada durante todo o tempo de campanha eleitoral em 2010 com a presença e a influência de Lula, percebemos aqui um quadro de valências quase igual ao que foi apresentado no caso de Lula. São diferenças pequenas, quase sutis, num quadro que só é quebrado pelo fato de Miriam Leitão ter zerado suas colunas em termos de referências positivas à candidata da continuidade do governo de Lula e do PT, enquanto no que diz respeito a referências positivas a Lula essa jornalista havia concedido uma valência positiva de quase 20%.

Quanto a Merval Pereira, pode-se dizer que manteve para Dilma Rousseff o mesmo padrão de tratamento dados a Lula.

Ficou para Elio Gaspari a maior diferença entre os dois gráficos. Não que ele tenha diminuído seu grau de rejeição à candidatura do PT, mas parece ter transformado todas as colunas em que se referiu a Dilma em um jogo de tudo ou nada. Dessa atitude decorreu que não há valência neutra em suas colunas, e o percentual de valência positiva cresce e se apresenta na casa dos 25%, sendo essa a maior valência positiva para Dilma entre os três colunistas.

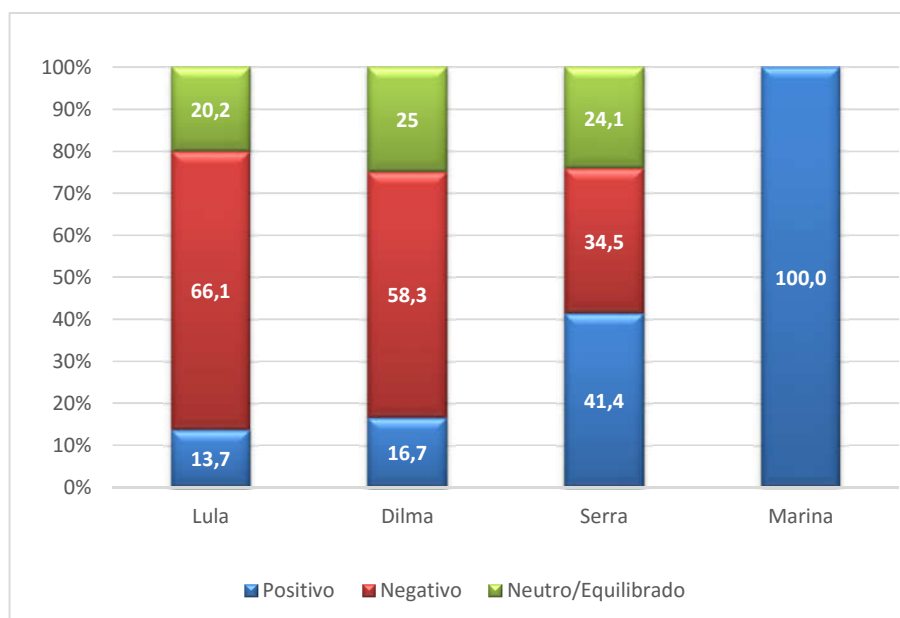
**Gráfico 27: Valências para José Serra**



Fonte: Doxa

Nota-se aqui um refluxo significativo das valências aplicadas às colunas desses três jornalistas do gráfico referente ao período pré-primeiro turno para esse, referente ao segundo turno. Não há aqui a mesma manifestação quase explícita de preferência pelo nome de José Serra para a presidência da República e sim, pelo contrário, um quadro de grande aumento da valência negativa para ele, a manutenção em níveis parecidos de valência neutra e uma diminuição radical no padrão da valência positiva. Esta caiu de 66,7% para 18% nas colunas de Miriam Leitão e de 48% para 25% no caso de Merval Pereira.

**Gráfico 28: Resultados de valências para os editoriais de O Globo no 1º turno**



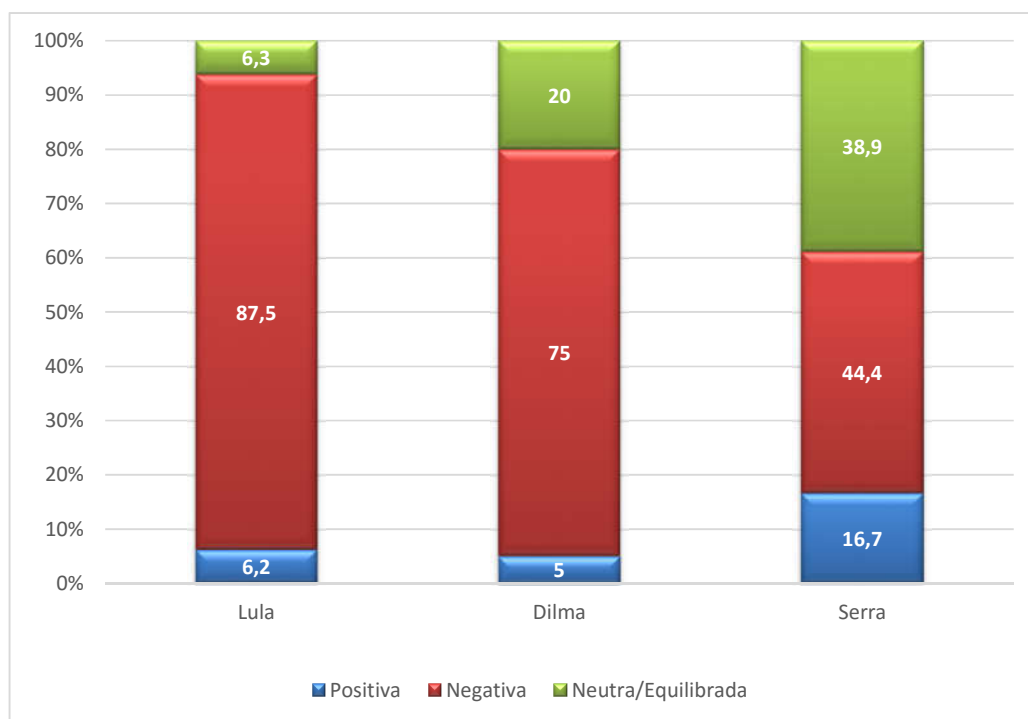
Fonte: Doxa

Temos aqui refletido com clareza que só a reunião de editoriais pode fornecer as valências para a expressão de preferências e rejeições de O Globo para com os candidatos em disputa pela presidência da República e para o ator político Lula. Salta aos olhos na leitura dessas valências os 100% de valência positiva dados à candidata Marina Silva, o que pode ser explicado pela pouca exposição desta candidata durante a campanha, o que pode ter propiciado uma situação em que do pouco que O Globo tratou oficialmente de sua candidatura, o fez positivamente.

Com relação à postura de O Globo com relação a José Serra, pode-se tirar do conjunto de seus editoriais durante a campanha de primeiro turno que esta se apresentou de forma bastante equilibrada, num quadro em que valências neutra, negativa e positiva se mostraram em níveis bastante próximos umas das outras.

Já o mesmo não pode ser dito em relação à Dilma Rousseff e Lula. Com relação a eles o conjunto de editoriais se mostrou de forma amplamente negativa, tendo a valência negativa de Lula chegado aos 66% e o de Dilma aos 58%. Como decorrência desses números negativos, as valências positivas de ambos não passaram nem dos 17% neste período.

**Gráfico 29: Resultados de valências para os editoriais de O Globo no 2º turno**



Fonte: Doxa

O quadro visualizado e interpretado com facilidade para valências dos editoriais de O Globo na campanha eleitoral de primeiro turno se torna ainda mais óbvio e cristalino no quadro que apresenta o resultado para a campanha de segundo turno. Aqui não há muito o que analisar ou interpretar: a direção de O Globo, na forma de editoriais, afirmou e confirmou que era contra a candidatura de Dilma Rousseff e contra o ator político Lula em proporção semelhante, sendo mais claro ainda através da valência negativa de 85% para Lula o que mostra que o objeto maior de rejeição da direção de O Globo naquela eleição não foi para a candidata Dilma, mas sim seu patrocinador e idealizador, Lula.

Os resultados de valências gerais de O Globo nos apontam para uma valência negativa para a candidata Dilma que é o dobro da encontrada para a candidatura José Serra, seu mais ferrenho opositor naquela eleição. Já que a valência negativa para Lula empata com a de Serra, esse fato acaba por configurar um quadro interessante. Se consideramos necessária a inclusão do personagem Lula nas análises, em vista de que Lula e Dilma formavam um par de atores imbricados na eleição, faz sentido que um ataque ou um elogio a qualquer um dos dois poderia ter impactos na visibilidade da candidata. Se este raciocínio for considerado razoável, teremos um somatório de valências negativas acachapante para a candidatura do governo e do PT.



No entanto, há que se acrescentar que as valências atribuídas ao candidato de oposição, representante do majoritariamente liberal PSDB, não foi apresentado nem muito menos defendido como candidato preferencial de O Globo naquela eleição, já que teve valência positiva baixa (16,7%), nível consideravelmente alto de valência negativa (44%) e um padrão também alto de valência neutra (39%) nos editoriais de O Globo na fase mais decisiva da eleição presidencial de 2010. Acrescente-se a isso que nenhum dos atores considerados teve de O Globo um índice alto de menções de natureza positiva.

Enquanto isso, o panorama muda muito quando nos dedicamos à análise de vozes mais representativas e com grande poder de repercussão política de suas manifestações, como são os principais colunistas políticos, cujo panorama de valências aponta, de uma maneira geral, e salvo raríssimas exceções, para uma ampla rejeição tanto a Lula quanto a Dilma Rousseff. Registre-se também que tal rejeição aos dois atores políticos ficou mais do que patente na análise das valências da manifestação política de O Globo em seus editoriais.

Feita esta exposição, é hora de refinarmos a abordagem dos conteúdos de O Globo sobre as eleições de 2010 através de indicadores que ponderam o peso de cada matéria em função de sua localização (página e posição na página) e formato. É o que faremos a seguir.

### **Indicadores de Visibilidade ampliada e Visibilidade ampliada padronizada para as eleições 2010**

Como vimos no tratamento dos dados referentes às eleições de 2002, os indicadores de Visibilidade ampliada e sua versão padronizada são baseados em uma pontuação atribuída a cada matéria/registo, conforme três parâmetros: número da página, posição na página e formato. O sinal da pontuação será positivo ou negativo conforme a valência atribuída pelo Doxa. Enquanto a Visibilidade ampliada constitui um escore, que varia também conforme o número de menções de cada candidato, a Visibilidade ampliada padronizada indica a pontuação de cada candidato na hipótese de todos tivessem tido o mesmo número de menções (base: 100 menções). Nas tabelas 4 e 5 veremos o desempenho de cada ator político considerado no período referente ao primeiro turno das eleições:

**Tabela 4: Indicadores de Visibilidade ampliada e Visibilidade ampliada padronizada para o primeiro turno das eleições presidenciais de 2010**

Ator político	N	Visibilidade ponderada	Visibilidade ponderada padronizada
Lula	2926	1228	41,97
Dilma	2942	2310	78,52
José Serra	2277	2173	95,43
Marina	924	3793	410,50

Fonte: Elaboração própria, com dados da base Doxa, 2010

Em termos qualitativos, a candidata Marina Silva desponta com a maior pontuação (Visibilidade ampliada 3.793), refletindo a cobertura mais fortemente positiva por parte do jornal O Globo. Note-se que o número de menções da candidata (924) corresponde a menos de um terço das aparições de Dilma (2.942) e de Lula (2.926) e ainda a cerca de 40% das menções a Serra (2.277). Com menos de um terço das menções de Dilma, Marina superou a pontuação de sua adversária em 64%. Algo muito semelhante surge na sua comparação com Serra. Isso sinaliza que em média as matérias que mencionaram Marina foram mais frequentemente positivas para ela (como já se via pelo indicador de valências, chegando a 72,8% de matérias positivas em setembro de 2010) e com maior potencial de repercussão em função de sua localização (página, posição na página) e formato (notícias, colunas, artigos etc.). É possível visualizar este aspecto qualitativamente mais positivo da visibilidade de Marina no jornal através do indicador de Visibilidade ampliada padronizada, que compara a pontuação de cada ator político em uma hipotética base comum de 100 menções para cada um. Neste quesito, Marina tem uma pontuação quatro vezes maior do que a de Serra e cinco vezes maior do que Dilma.

A apreciação da cobertura do segundo turno de 2010 segundo esta mesma abordagem, envolvendo a dupla Dilma/Lula e o candidato Serra, está na tabela 4.

**Tabela 5: Indicadores de Visibilidade ponderada e Visibilidade ponderada padronizada para o segundo turno das eleições presidenciais de 2010**

Ator político	N	Visibilidade ponderada	Visibilidade ponderada padronizada
Lula	582	224	38,48
Dilma	1018	238	23,38
José Serra	810	-127	-15,68

Fonte: Elaboração própria, com dados da base Doxa, 2010

Esta tabela indica um desempenho ruim (literalmente negativo) da visibilidade do candidato José Serra, possivelmente influenciado pelo contexto negativo do favoritismo de sua adversária em todas as pesquisas de intenção de voto. Como se sabe, as pesquisas pautam fortemente os grandes jornais, e sua cobertura quase sempre merece grande destaque na edição, inclusive manchetes. Neste período entre turnos, os candidatos que ficam muito atrás nas pesquisas também sofrem defecções em suas bases, ao contrário dos melhor situados, que tendem a ganhar apoios importantes — o que também costuma ser objeto de matérias destacadas nos grandes jornais. Daí se compreende a diferença de resultados em relação à pura e simples análise de valências que apontava equilíbrio entre os padrões de menção dos três personagens (Serra, Dilma e Lula): mesmo que haja equilíbrio entre matérias positivas e negativas para determinado candidato, aquelas que têm maior destaque (no caso de Serra, negativas) se refletem em maior grau nestes indicadores.

### **Indicador 3: análise do Manchetômetro sobre conteúdos de capa nas eleições 2010**

Como explicitamos no início deste capítulo, propusemo-nos a levar o leitor a uma aproximação gradual em relação ao nosso objeto, partindo de uma abordagem dos conteúdos publicados no conjunto das seções do jornal, passando pelos conteúdos de primeira página e chegando às manchetes em sentido estrito. Este é o momento de abordarmos as capas, utilizando dados do já referido Manchetômetro, website de acompanhamento da cobertura midiática das eleições vinculado ao Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (Lemep), por sua vez sediado

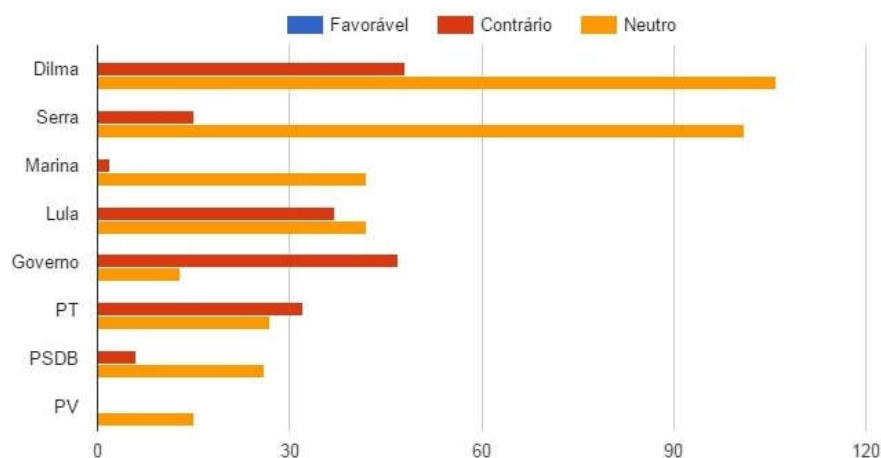
no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

Segundo a equipe do *site*, o foco na capa dos jornais como unidade de análise se baseia nas seguintes razões:

1. As capas de jornal têm um poder comunicativo muito maior do que as notícias do miolo da publicação.
2. A manchete, as chamadas e as fotos da capa são os elementos comunicativos mais vistos na publicação, seja pelos assinantes e seus familiares, pelas pessoas que compram os jornais nas bancas ou mesmo pelas pessoas que circulam todos os dias em frente às bancas de revistas, onde as capas dos jornais diários são expostas para a apreciação pública.
3. As manchetes e chamadas na capa são aquelas consideradas mais relevantes pelos editores do jornal, as que resumem melhor o conteúdo de toda a publicação, as que supostamente atraíram mais os leitores. (MANCHETÔMETRO: 2015)

No gráfico 31, apresentamos o resumo das valências atribuídas pelo Manchetômetro aos conteúdos das capas do jornal O Globo no intervalo de 01/07/10 a 01/11/10. Estes quatro meses compreendem basicamente o período propriamente eleitoral daquele ano, incluindo os três meses anteriores ao primeiro turno e o dia seguinte à realização do segundo turno. Além dos principais candidatos (Dilma, Marina, Serra) e do presidente à época (Lula), o gráfico inclui dados relativos ao governo e aos partidos dos postulantes a presidente (PT, PSDB e PV)

**Gráfico 30: Número agregado de textos de capa favoráveis, contrários e neutros em relação a cada candidato e partido publicado no jornal O Globo de 01/07/10 a 01/11/10**



Fonte: Manchetômetro, 2014

O que mais salta aos olhos neste gráfico é um panorama extremamente diferente da valência negativa para a candidata Dilma Rousseff em relação ao seu competidor mais consistente, José Serra em comparação com resultados obtidos pela metodologia do Doxa. Enquanto aqui, no Manchetômetro, a valência negativa para Dilma chega a ser mais que três vezes maior do que a de Serra, no Doxa essa diferença não existe, ficando ambas na casa dos 32%-33% no primeiro turno e 28%-27% no segundo turno.

Também com relação aos resultados de negativas valências para Lula existe uma diferença significativa entre os resultados dos dois institutos de pesquisas e suas metodologias distintas. No gráfico do Manchetômetro, a valência negativa para Lula é na ordem de duas vezes maior que a de José Serra, enquanto no Doxa o quadro de valências negativas dos dois atores políticos também se apresenta com índices similares, na casa dos 32%-33%, tanto no primeiro como no segundo turno.

Esses resultados díspares podem ser atribuídos, primeiramente, a um tipo de tratamento dedicado aos atores políticos e candidatos à presidência nas capas dos jornais em geral, e no caso de O Globo em particular, em muito diferente do que é praticado no corpo do jornal, além de também poder ser entendido no contexto de algum tipo de diferença metodológica praticada pelos dois institutos.

É de se notar ainda que nenhum candidato ou ente envolvido na análise recebeu qualquer menção de conotação positiva (“favorável”). Também se deve registrar que o Manchetômetro incluiu nas análises outros atores, como partidos e o “Governo”. Dois entes receberam mais menções negativas (“contrário”) do que neutras: o “Governo” e o “PT”, que, no contexto, praticamente a mesma coisa.

### **Indicador Qualitativo de Manchetes para as eleições presidenciais de 2010**

Finalmente, vamos aproximar ainda mais a “lente de aumento” e levar o leitor a se debruçar sobre as manchetes, que são o espaço mais nobre e de maior repercussão de qualquer jornal. Para examinar a cobertura do jornal O Globo a partir deste indicador, coletamos as manchetes veiculadas pelo jornal em um período de 45 dias ininterruptos, começando em 15/09/10 e estendendo-nos até 31/10/10. Com este levantamento, englobamos a quinzena decisiva que antecedeu o primeiro turno e todo o período que termina na realização do segundo.

O desenvolvimento e uso dessa metodologia parte da ideia de que a capa dos jornais é realmente o *locus* de maior atenção de leitores entre transeuntes e leitores habituais do jornal, como é defendido pelo Manchetômetro, porém consideramos que a manchete (título principal) é ainda mais importante em termos de visibilidade e índice de leitura, refletindo sempre, por isso, uma inserção jornalística estratégica do jornal, cujos editores sabem aquilatar com precisão a relevância e o altíssimo índice de leitura que elas propiciam ao jornal.

Entendemos como manchetes, no contexto deste trabalho, o título principal da primeira página (aquele costumeiramente grafado em letras maiores do que todos os demais) e seus respectivos subtítulos (frases ou períodos curtos que se seguem às manchetes). Chegamos, portanto, ao nível mais “microscópico” na aproximação gradual ao objeto que vimos propondo ao longo deste capítulo.

Para atribuímos valências às manchetes, usamos método semelhante ao do Manchetômetro: cada conteúdo “é analisado por dois codificadores e, havendo discordância, por um terceiro cujo veredicto funciona como critério de desempate” (MANCHETÔMETRO: 2015). Aqui é preciso ressaltar o detalhe de que as manchetes podem ser positivas ou negativas para um candidato mesmo sem mencionar explicitamente o nome dele. Candidaturas governistas são impactadas positiva ou negativamente por manchetes de sinal favorável ou contrário ao governo de que fazem parte. Por outro lado, é preciso ressaltar que nosso método restringe o alcance da valência (positiva, neutra ou negativa) aos candidatos efetivamente envolvidos nos temas das manchetes. Neste sentido, o fato de uma manchete contrária ao governo ser considerada como negativa a uma candidatura governista não leva a que a mesma manchete seja considerada favorável às demais candidaturas.

Destaque-se ainda uma sutileza adicional envolvida na análise das manchetes e de sua valência para os atores políticos. As manchetes podem ser consideradas como os conteúdos de maior densidade informativa de um jornal, já que em nenhum outro espaço os editores buscam passar tanta informação com tão poucas palavras. Segue-se deste caráter “telegráfico” que as valências (positivas, negativas ou neutras/equilibradas) precisam ser identificadas mesmo sem haver menção explícita aos atores em questão, como se disse acima. Ou seja, trata-se de identificar situações em que os conteúdos envolvem um certo “saldo das informações” — benéfico, prejudicial ou neutro, conforme Azevedo (2001, p. 189) — mesmo em textos que não tragam os nomes explícitos das personalidades estudadas. Para efetuar estas análises, recorreremos à colaboração de codificadores com alta escolaridade (doutores) e aguda percepção política. O

conjunto de manchetes apresentado aos analisadores de valência foi definido como aquele que reproduz as manchetes de O Globo no intervalo de tempos entre 15 de setembro e o dia da eleição em segundo turno.

Para o ano 2010, tivemos 47 edições do jornal entre o dia 15 de setembro e o dia 31 de outubro. O tema da eleição dominou completamente as manchetes do período, exceção feita a uma data (13 de outubro de 2010) em que o maior destaque da capa foi reservado ao resgate de trabalhadores soterrados em uma mina do Chile depois de 69 dias. Na tabela 6, apresentamos o resumo das valências das manchetes para os principais candidatos a presidente naquela eleição e para o então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

**Tabela 6: Valências das manchetes do jornal O Globo para os candidatos de 15/09/10 a 31/10/10**

	Positivas	Negativas	Neutras/equilibradas	Total
Dilma	--	35 (74%)	12 (26%)	47 (100%)
Lula	--	28 (60%)	19 (26%)	47 (100%)
Serra	04 (8,5%)	03 (6,3%)	40 (85,2%)	47 (100%)
Marina (apenas 1º turno)	04 (21%)	--	15 (79%)	19 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Os dados indicam com bastante clareza que não foram propriamente as eleições que dominaram as manchetes, mas sim os conteúdos negativos para a candidata Dilma Rousseff. Das 46 edições que reservaram manchete à disputa eleitoral, 35 continham teores negativos à candidatura do PT. A análise das manchetes alusivas (explícita ou implicitamente) ao então presidente Lula revela resultado semelhante, com 60% de manchetes negativas e 40% de neutras. Nem Lula nem Dilma tiveram qualquer manchete positiva<sup>63</sup>. Os altos índices de matérias neutras para os outros candidatos (85,2% para Serra e 79% para Marina) refletem o fato de que, no geral, as manchetes não diziam respeito diretamente a tais candidaturas. O destaque do dia da eleição em primeiro turno resume bem a caracterização geral da chamada principal do jornal O Globo no período: “Quem vai administrar o Brasil real? Após oito anos, governo Lula não avançou em áreas prioritárias como educação, saneamento e infraestrutura”.

<sup>63</sup> Isto é particularmente significativo se se considerar que a candidata do PT liderou todo o tempo as pesquisas de intenção de voto, que costumam pautar o noticiário sobre as eleições.

## **Eleições presidenciais de 2014**

As eleições de 2014 foram objeto de nossa pesquisa nesse capítulo em função de ter sido a mais recente eleição do país, o que pode nos dar subsídios e dados renovados sobre o panorama da cobertura de O Globo no contexto político da nossa história política contemporânea.

Elas tiveram inicialmente sete candidatos a presidente: Aécio Neves, do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB); Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), candidata à reeleição; Eduardo Campos, do Partido Socialista Brasileiro (PSB); José Maria Eymael, do Partido Social Democrata Cristão (PSDC); Levy Fidelis, do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB); Rui Costa Pimenta, do Partido da Causa Operária (PCO); e Zé Maria, do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Foi uma campanha eleitoral marcada por reviravoltas importantes, como a morte do candidato Eduardo Campos, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), na queda de um avião em Santos (SP), aos 13 de agosto de 2014. Seu falecimento suscitou a entrada na disputa de sua candidata a vice, Marina Silva<sup>64</sup>, alterando momentaneamente todo o panorama de intenções de voto então registrado. Apesar de um grande crescimento de sua candidatura, Marina perdeu a vaga no segundo turno nos últimos dias da campanha para o candidato Aécio Neves, que enfrentou Dilma Rousseff e foi por ela derrotada.

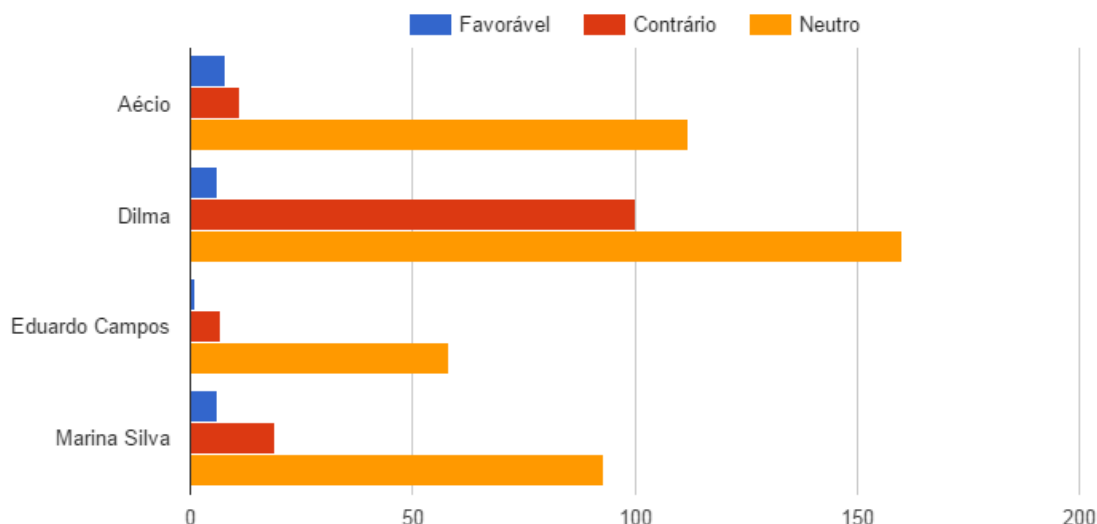
Para a análise da cobertura de O Globo em 2014, recorreremos a dois instrumentos: os dados do Manchetômetro sobre os conteúdos de capa e nossa própria compilação das manchetes em sentido estrito. Como se viu na avaliação do material de 2010, o Manchetômetro compila todos os conteúdos da primeira página e lhes atribui valências positivas, negativas, neutras ou ambivalentes. No gráfico 31, pode-se ver que um resumo do volume de conteúdos favoráveis, contrários ou neutros em relação a cada candidato.

---

<sup>64</sup>Formalmente filiada ao mesmo partido, o PSB, mas apenas devido ao fato de o partido cuja implantação ela então liderava, a Rede Sustentabilidade, não ter obtido registro a tempo de participar da eleição.



**Gráfico 31: Agregação das valências dos conteúdos de primeira página do jornal O Globo no período de 06/07/14 a 26/10/15**

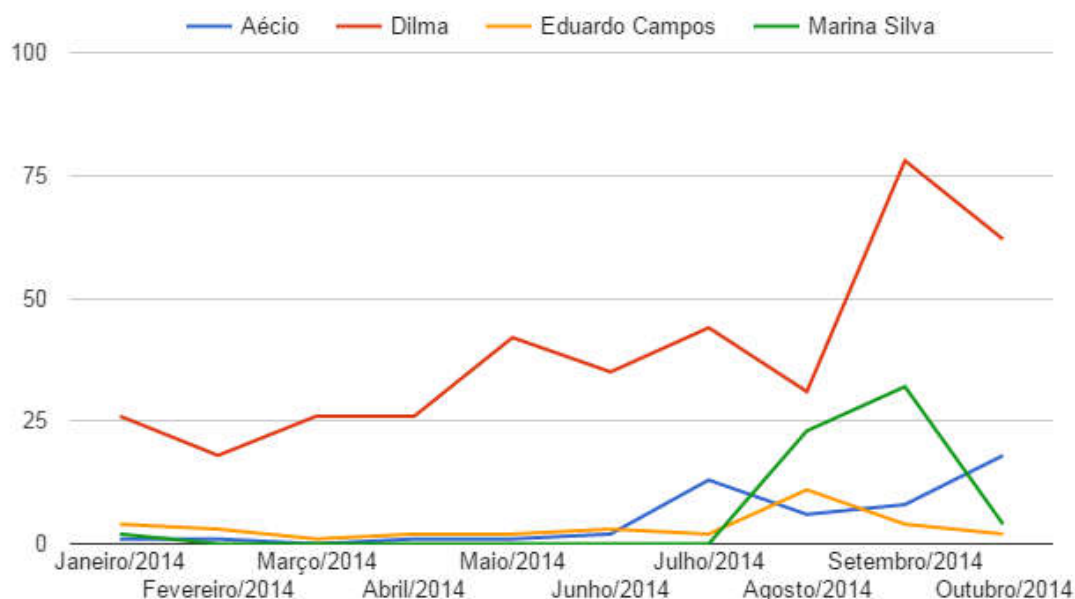


Fonte: Manchetômetro, 2015

O gráfico acima demonstra uma predominância, para todos os candidatos, de conteúdos de valência neutra e uma menor proporção de registros com valência positiva ou “favorável”. No entanto, a barra dos conteúdos contrários destaca claramente a candidata Dilma Rousseff. Aécio Neves tem a maior proporção de conteúdos positivos (“favoráveis”) em relação aos negativos (“contrários”).

É possível acompanhar a evolução mês a mês das valências contrárias aos candidatos no gráfico do Manchetômetro baseado em coletas desde 1º de janeiro até o dia do segundo turno, 26 de outubro de 2014. É o que apresentamos no gráfico 32.

**Gráfico 32: Série temporal de valências contrárias aos candidatos a presidente em 2014 no jornal O Globo de 01/01/14 a 26/10/14**



Fonte: Manchetômetro, 2015

O gráfico 34 revela uma absoluta predominância de valências negativas para Dilma Rousseff ao longo de todos os meses que antecederam a eleição, com elevação praticamente ao dobro do patamar médio nos meses de agosto e setembro. Marina Silva, que teve índices baixos de conteúdos negativos, experimentou uma variação relevante a partir de julho, com pico na transição de setembro para outubro. Aécio Neves, por sua vez, teve menções negativas relativamente discretas ao longo do ano, com saliências em julho e em outubro.

Apresentados estes parâmetros, é hora de avaliarmos a cobertura da eleição 2014 pelo jornal O Globo a partir de suas manchetes.

### **Indicador Qualitativo de Manchetes para as eleições presidenciais de 2014**

Da mesma forma que aplicamos uma metodologia de pesquisa de valências para indicação da atitude editorial de O Globo na eleição de 2010, pesquisamos também as manchetes principais de O Globo de 15 de setembro a 30 de outubro de 2014. Deste total de 45 dias, um deles não se encontra reproduzido no acervo digital do jornal não contém a edição: 20 de outubro.

Das 42 manchetes coletadas, 16 não dizem explicitamente respeito às eleições. Porém, isto é apenas uma aparência, pois a maioria delas contém fortes críticas ao governo e, portanto, à presidente candidata à reeleição.

**Tabela 07: Valências das manchetes do jornal O Globo de 15/09/10 a 26/10/14**

	Positivas	Negativas	Neutras/equilibradas	Total
Dilma	06 (14,3%)	25 (59,5%)	11 (26,2%)	42 (100%)
Aécio	13 (31%)	08 (19%)	21 (50%)	42 (100%)
Marina (apenas 1º turno)	02 (9,5%)	05 (23,8%)	14 (66,7%)	21 (100%)

Fonte: Elaboração própria

A exemplo da eleição 2010, o teor das manchetes foi amplamente desfavorável à candidata Dilma Rousseff, que teve praticamente 60% de ocorrências negativas. Seu principal concorrente, Aécio, teve apenas 19% de manchetes negativas. Também aqui, embora em menor grau, os altos percentuais neutras/equilibradas para Aécio (50%) e Marina (66,7%) traduzem o fato de que o foco das manchetes esteve em atacar o governo.

## Considerações finais

Instigante e complexa. Assim pode se resumir esta tentativa de mergulho no que algumas vezes durante esta tese chamamos de “universo Globo”. Quase tudo o que diz respeito a esse universo é grande demais, importante demais; é superlativo, enfim.

Como diz Bial, Roberto Marinho se considerava um homem “condenado ao êxito” (2004: p. 12) e chegou ao “posto não declarado” de um dos homens mais poderosos, senão o mais poderoso do Brasil (Ibid.: p.227), se tornando um ator que fazia as coisas acontecer no auge de seu ativismo jornalístico e político. Nessa mesma biografia é citado o evento da montagem do ministério de Tancredo Neves, no qual, como reportado por José Sarney e Jorge Cerpa – amigo e colaborador para assuntos políticos de Roberto Marinho – que Roberto Marinho não nomeou os ministros do futuro governo Tancredo como muitos insinuavam e insinuam até hoje, mas que tinha e exerceu um poder de veto na escolha de cada um dos ministros aventados pelo presidente eleito que não conseguiu exercer a presidência. Nesse mesmo contexto, Bial reproduz, auxiliado por José Sarney, o seguinte diálogo ocorrido entre Tancredo e o deputado Ulisses Guimarães, quanto este soube (e mostrou ampla rejeição) que Tancredo pretendia indicar Antônio Carlos Magalhães como Ministro das Comunicações:

Olha, Ulisses, eu brigo com o papa, eu brigo com a Igreja Católica, eu brigo com o PMDB, com todo o mundo; eu só não brigo com o Doutor Roberto Marinho. (Ibid.: p.315).

Portanto, esse personagem — jornalista, proprietário de um conglomerado de mídia e ator político de inequívoca influência na história brasileira recente — deverá ser objeto ainda de muitas e muitas pesquisas. Ele e sua pessoa. Ele e suas ações. Ele e os veículos que criou pessoalmente, hoje reunidos sob a denominação de Grupo Globo.

Nesta tese, procuramos explorar sua atuação política à frente de O Globo e desvelar as estratégias e práticas jornalísticas que levou para aquele que foi até o fim da sua vida o veículo mais querido entre todos os que criou e colocou sob o guarda-chuva do hoje chamado Grupo Globo. Como se viu na reconstituição de momentos cruciais da história do Brasil, esta atuação visou atingir os objetivos que tinha em mente para o Brasil.

Identificada a luta de quase toda a vida de Roberto Marinho como liberal contra os governos e práticas do nacional-desenvolvimentismo, procuramos identificar o maior número possível de

indícios, fatos, manchetes, editoriais e outros produtos jornalísticos que ilustrassem essa que foi a maior e mais decisiva luta política e ideológica do século passado no Brasil.

Chegamos a algumas conclusões ao vermos concluído nosso trabalho. A principal delas é que foi possível confirmar — por tudo o que aqui foi referido e apresentado — que Roberto Marinho sempre foi realmente, como diz Bial, um ser político, um ser apaixonado pela política e que exerceu com intensidade essa paixão na sua vida como cidadão e ainda extravasou e fez publicar nas páginas de O Globo muito dessa atuação, de suas preferências e opções políticas. Esse fato se configurou para nós na forma de uma decisão de vida de tentar influenciar os rumos políticos do país através de seu jornal. O capítulo II dessa tese mostra com clareza que não houve situação de gravidade e importância no cenário político nacional, enquanto esteve à frente de O Globo, nas quais tenha deixado de usar todas as suas munições de natureza jornalística no bojo das páginas do jornal que foi durante muito tempo sua principal arma de combate e lhe garantiu poder suficiente para encarar essas lutas com chance de vitória. Ele nunca deixou de externar e expressar suas preferências no mais das vezes de modo bastante aberta e cristalina. Não costumava esconder suas posições, mas muito pelo contrário, levava-as de forma majoritariamente direta e eloquente através do seu jornal para que seus leitores e o Brasil inteiro soubessem em que lado se encontrava nas situações políticas decisivas da nação.

O material aqui apresentado também serviu para entendermos um pouco melhor a natureza do “Roberto Marinho liberal” e, conseqüentemente, o quanto e o que esse homem liberal levou para seu jornal em termos de linha editorial. Vimos aqui que Roberto Marinho levou para O Globo muitas das complexas e ricas nuances que um liberal pode representar e apresentar.

Em termos de posicionamento político como um todo, Roberto Marinho tinha uma margem de manobra bastante estreita que variava do centro para a direita desse espectro. Como visto no capítulo II, Marinho pautou a postura política de O Globo pela luta contra as políticas nacional-desenvolvimentistas levadas a cabo com nuances por Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e João Goulart, atacando não apenas os presidentes responsáveis por essa política, mas também a todos os políticos com liderança suficiente para dar corpo e reforçá-las.

Assim Roberto Marinho lutou durante por décadas contra Getúlio exatamente até o dia em que, morto em auto-sacrifício, este deixou de ser um problema político para o proprietário de O Globo. Já durante essas refregas políticas com Vargas, Roberto Marinho havia aberto uma linha

de combate que, sem receio de exagerarmos, pode ser definida como feroz com relação a João Goulart, a qual só acabou com o golpe de 1964 e com intensidade muito semelhante em intensidade contra o cunhado de Jango, Leonel Brizola de Moura Brizola, a quem combateu enquanto viveu.

Creemos ser importante abrir aqui um parêntese para lembrar uma situação na qual Roberto Marinho levou às raias do radicalismo e, conseqüentemente, colocou em risco o capital de credibilidade jornalística de seu jornal quando entrou de corpo, alma, manchetes e editorias na tese de que João Goulart era um subversivo que tramava tomar o poder do Brasil através dos caminhos da subversão no episódio que entrou para a história do Brasil como o caso da “carta de Brandi”, referida no capítulo II. Nesse episódio, parece que era tamanho o ímpeto de Roberto Marinho em destruir de uma vez o inimigo político Jango, que entrou numa cilada, incentivado e devidamente municiado de informações vindas do jornalista e político Carlos Lacerda, também inimigo político visceral de Jango. Ao mergulhar seu jornal na cobertura detalhada, intensa e diária sobre a veracidade ou falsidade da tal carta incriminatória contra Jango, Roberto Marinho parece ter perdido a noção da razoabilidade jornalística, da qual saiu como tendo jogado todas as suas cartas políticas no aniquilamento de seu inimigo político e dela tendo saído de cabeça baixa com a comprovação da falsidade da tal carta.

Essa foi uma luta obstinada e sem tréguas. Era a luta, como foi tratada aqui como hipótese, de natureza doutrinária/ideológica, durante a qual Roberto Marinho se entrincheirou nas páginas de O Globo, se empenhou e se comprometeu como único responsável pelo produto final das edições diárias de O Globo de 1934 a 1934, como afirmou o jornalista “X” – em entrevista para este trabalho –, num combate ideológico contra o varguismo, o janguismo e o brizolismo, e à procura de um líder político com capacidade suficiente para liderar o Brasil no caminho que imaginava ser o melhor para seu país, como o foi o caso de Jânio Quadros em 1950 e Fernando Collor de Mello em 1989.

Durante essas longas e recorrentes jornadas de combate político por intermédio do jornalismo, Roberto Marinho mostrou, e isso está registrado e expresso nesta tese, alguns traços de atuação comuns, estratégias e táticas de ação e posicionamento político em O Globo sobre as quais discutiremos a seguir.

Acreditamos que, com todo o material visto no capítulo II, pode-se dizer que a principal arma de retórica e convencimento que Marinho usou durante todo esse tempo, nas mais variadas situações, para ter sucesso no combate ao varguismo, trabalhismo e ao nacional-desenvolvimentismo com o um todo foi o se pode chamar sem exagero de “terrorismo contra a ameaça comunista”. Nenhuma outra arma foi tantas e tão intensamente utilizada por Roberto Marinho nessa verdadeira guerra. Desde a derrubada de Getúlio pelos militares e a eleição presidencial subsequente que vimos repetidos e numerosos ataques ao comunismo como um todo e aos que aqui no Brasil se dedicavam a essa causa. Mesmo considerando que o uso do perigo comunista não seria tão estranho ou anormal num mundo inteiramente conflagrado pela guerra fria e o confronto mundial entre o sistema comunista, liderado pela União Soviética, e o capitalista, capitaneado pelos Estados Unidos, pensamos que é bastante razoável atribuir a frequência e intensidade com que Roberto Marinho se utilizava desse artifício político nas páginas de O Globo durante todo o período em que foi o responsável único por tudo o que era publicado nesse jornal, pode ser atribuído a uma estratégia clara e, com muita certeza, eficaz, de convencimento da opinião pública de que tudo, ou quase tudo, o que dizia respeito ao varguismo, o trabalhismo e ao nacional-desenvolvimentismo tinha alguma parcela de ligação com a ameaça comunista. Dentro dessa estratégia, tantas vezes repetida e em tão variadas ocasiões desde 1945 até o apoio incontestado e explícito ao golpe de 1964, passando pelo apoio total de Marinho à ditadura militar até seus últimos instantes – o que ficou expresso de forma inequívoca no editorial de 1984, aqui abordado no capítulo III –, Roberto Marinho fez com que seu jornal fosse palco de noticiário pleno de informações dando conta de atos de baderna, subversão e desordem cometidos pelos “vermelhos”.

Esse artifício foi usado à exaustão e teve o seu ápice no período anterior ao golpe civil-militar de 1964, quando Roberto Marinho acusou Jango e seus apoiadores de estarem agindo de forma sistemática e intencional para implantar em terras brasileiras uma “segunda Cuba” — ou seja, um país ditatorial e no qual todas as nossas tradições “católicas e democráticas” seriam literalmente aniquiladas.

Outra faceta digna de nota sobre a atuação política de Roberto Marinho através de O Globo é aquela que diz respeito à sua relação histórica, de toda a vida, com as Forças Armadas brasileiras. Estas serviram para nosso ator político em tela como que o único porto seguro para onde Roberto Marinho e, por consequência, o Brasil poderia ser aportado em momentos em que

os atores políticos civis não eram capazes de resolver os mais sérios e intricados problemas e crises da política nacional.

A maior e também mais inequívoca prova dessa relação foi o apoio total, declarado e ativo que ele deu a todos os candidatos militares, representantes da liberal UDN nos pleitos em que se candidataram. Não terá sido coincidência, inclusive, que todos os candidatos dessa agremiação partidária até a candidatura de Jânio Quadros eram militares, sendo o brigadeiro Eduardo Gomes, com suas duas candidaturas, a caracterização maior de uma realidade que se apresentava ao Brasil, muitas das vezes nas páginas de o Globo, de que eram militares os brasileiros em melhores condições para impedir o avanço em nossas terras do inimigo vermelho como também possuindo as melhores credenciais para levar o país para frente, rumo a um futuro grandioso.

Essa relação de proximidade, apoio e até admiração pelas instituições militares brasileiras levaram a inúmeras e repetidas manifestações de loas e elogios rasgados ao profissionalismo e ao caráter de salvaguarda das tradições brasileiras das Forças Armadas brasileiras. Essa relação fez com que algumas posturas de Roberto Marinho diante de certas circunstâncias políticas durante os anos em que esteve à frente de O Globo o obrigassem ou permitissem a sair de um quadro que poderíamos chamar de “legalismo em tese” que fazia parte da *persona* do jornalista/político. Em várias situações reportadas aqui, verificamos sua expressão de fé na legalidade institucional – como na candidatura democrática de Vargas em 1950, o respeito ao resultado desta eleição, por ocasião do pós-suicídio do mesmo Vargas em 1954 e ao respeito da solução parlamentarista para a posse de João Goulart em 1963 – e respeito à constituição e aos ritos próprios da democracia. Porém, esse “compromisso” nunca o privou de apoiar a sua quebra e desrespeito sempre que, aos seus olhos, a situação da nação se configurava como tendente a rumos que lhe desagradavam totalmente. Esse comportamento de chamamento ao socorro e à intervenção armada contra a normalidade democrática pelas Forças Armadas mostrou desde sempre um ator político que tinha há para si verdadeiros limites e linhas que não podiam ser ultrapassadas dentro do jogo democrático, a partir das quais era forçosa para ele a entrada em ação dos militares que a tudo resolveriam e devolveriam o país saneado para os civis.

Foi exatamente essa situação ocorrida na fase pré-golpe civil-militar de 1964. Ali estava um Roberto Marinho ávido por dar cabo à “cubanização do Brasil” e, portanto, sem maiores escrúpulos – o que foi devidamente comprovado aqui através de suas manifestações em editoriais – para defender a quebra da ordem democrática em nome da própria ordem



democrática. Disse ele, então, que a democracia não poderia ser um regime suicida e que para salvá-la da extinção no Brasil seria necessário — ou mais, obrigatório — um movimento de forças com poder suficiente para dar um basta ao caos e a *comunização* do Brasil. Esse poder só quem tinha, evidentemente, eram as Forças Armadas, que foram conclamadas mais uma vez para a tarefa de “salvação” da pátria livre.

Esse movimento estratégico de Roberto Marinho, como referido no capítulo III, fez com que ele tivesse sua imagem e a de seu jornal atrelada à ditadura, aos militares, à tortura e repressão brutal que a ditadura implementou no Brasil e o obrigou a seus sucessores a fazerem uma série de mudanças e movimentos de cunho jornalístico e político para melhorar ou mesmo mudar essa imagem que foi colada ao O Globo com o apoio irrestrito do patriarca marinho à ditadura.

Digna de nota nesse momento histórico de Roberto Marinho é que, apesar de defender a ruptura da normalidade democrática para o que ele considerava a própria salvação da democracia no Brasil, ele correu riscos que depois tiveram consequências na continuidade dos acontecimentos ligados ao desenvolvimento da história da ditadura a partir de 64, quando deixou para trás o seu caráter de “parceria civil-militar” para se tornar numa explícita ditadura militar. Durante os períodos pré-golpe, identificamos pronunciamentos de Marinho que davam todos os sinais de que ele acreditava piamente que a interferência militar na institucionalidade democrática duraria no máximo um ano, com os militares deixando o poder por ocasião da eleição presidencial prevista para ocorrer no ano de 1965. Esta crença parece ter motivado inúmeros outros atores políticos brasileiros que apoiaram primeiramente o golpe, cujo exemplo maior talvez seja Carlos Lacerda.

Roberto Marinho chegou a defender as medidas de excepcionalidade autoritárias adotadas desde o início pela liderança militar do golpe, como as cassações de direitos de políticos e parlamentares identificados com a ordem política anterior ao golpe, as prisões dos “agitadores comunistas” e outras medidas de força. Para ele todas seriam medidas necessárias para fazer uma ampla “limpeza política” que propiciaria a volta à normalidade democrática no menor espaço de tempo possível.

O que todos sabemos é que a ditadura militar fincou raízes e permaneceu oprimindo a nação até o ano de 1985 e que Roberto Marinho, seja por dever de lealdade, gratidão histórica pelas Forças Armadas ou seja pelo fato de ter se beneficiado extremamente em seus negócios durante

esse período, acabou por referendar e endossar as práticas mais brutais cometidas pelos militares – como a tortura, a repressão brutal aos opositores e tantas outras – durante todo o tempo em que estiveram no poder.

Passando a uma segunda parte da tese, tentamos entender e identificar como se deu o rito de passagem pelo qual passou O Globo quando da mudança de comando das mãos de Roberto Marinho para as de seus filhos sucessores. Mantivemos o objetivo central de confirmar ou não a configuração de uma linha às vezes mais, às vezes menos consolidada e expressa de atuação desde os anos 1930 até hoje no sentido de privilegiar as posições tanto políticas quanto econômicas de seu projeto de Brasil sob a égide do liberalismo, combatendo as tentativas e práticas que iriam contra esses ditames.

No capítulo III detalhamos como se deu, de forma gradual, paulatina, porém com objetivos claros e prazos curtos, a transição de comando de O Globo das mãos do patriarca Roberto Marinho para seus filhos e sucessores. Estes, ao assumirem a direção, tomaram providências para que O Globo passasse a se mostrar para seus leitores e para a sociedade em geral através de uma imagem de moderação e ponderação política, e liberal e até certo ponto moderno, em termos da abordagem que faz de questões relacionadas com os costumes e que se mostram merecedoras de debate na sociedade contemporânea, como a discussão sobre o aborto, a descriminalização da maconha e o casamento homoafetivo. Dentro desse movimento, houve também grandes ajustes na linha editorial na área da política; a introdução da noção do contraditório às opiniões externadas oficialmente pelo jornal nos editoriais; a reforma gráfica, que mudou de forma radical a sua estética também no sentido de uma aparência gráfica mais leve e moderna, com o uso intensivo de cores — coisa que Bial (2004) afirma que Roberto Marinho fez de tudo para impedir ou atrasar.

Tais mudanças não só identificadas pelos leitores como também confirmadas de dentro do seu corpo de jornalistas. Ao entrevistarmos os jornalistas “X” e “Y”, constatamos que internamente essas mudanças foram óbvias e que realmente alcançaram uma mudança considerável no jornal. Os dois reconheceram em suas entrevistas que hoje O Globo é um jornal intencional e expressamente mais contemporâneo e plural, tendo sido expresso pelo jornalista “X” ter havido realmente uma decisão e medidas concretas no sentido de O Globo deixar de passar a imagem de jornal conservador, o que, foi consubstanciado na citação já referida aqui de que do ajudante

de Roberto Marinho, Henrique Caban de que “[...] O Globo estava muito mais à direita do que ele [...] (Ibid.: p.235)”.

Para que se pudesse demonstrar o enorme esforço feito pela nova geração da família Marinho no comando de O Globo no sentido de viabilizar o ajustamento na linha editorial rumo ao centro político e realizar as reformas e mudanças realizamos desenhemos aqui um registro geral dos vários momentos e processos pelos quais O Globo passou no contexto de sua reformulação modernizadora.

Esse esforço incluiu não só um *mea culpa* oficial pela atual direção do Grupo Globo quanto ao apoio ao golpe civil-militar de 1964, mas também com a publicação de matérias premeditadamente impactantes e com pretensão de se tornarem “furos investigativos” sobre momentos e fatos relacionados com a ditadura, num aparente esforço para, de alguma forma, compensar o erro passado e se apresentar aos brasileiros como um veículo de comunicação que tem compromisso com a legalidade e a ordem democrática. A ideia aqui, pelo que identificamos, foi a seguinte: transformar O Globo num quase “novo O Globo”, mantendo toda a base e conquistas mercadológicas e jornalísticas.

Em síntese, a imersão na longa trajetória do jornal O Globo permitiu vislumbrar a complexidade do nosso objeto de pesquisa, o que reflete o processo de diversificação e complexificação da própria sociedade brasileira. Se na primeira metade do século XX a disputa pela hegemonia ideológica tinha partes mais claramente visíveis, no século XXI o cenário se sofisticou. O Globo continua sendo fortemente favorável às forças afinadas com o liberalismo econômico, no sentido da limitação da intervenção do Estado na economia. Mas na esfera dos costumes o jornal apoia a descriminalização da maconha e o debate sobre o aborto como questão de saúde pública, por exemplo. Este perfil ideológico bem pode ser identificado com o estilo da chamada “Nova Cultura Política” (NCP). Segundo autores que trabalham com este conceito, essa nova visão conjugaria valores tipicamente pós-modernos — integrantes de uma agenda ligada aos direitos individuais, tolerância à diversidade de padrões de comportamento, abertura para experimentação — com certo conservadorismo no nível de políticas econômicas, como registram Azevedo *et al* (2009):

Em outras palavras, no que concerne à cidadania, as tensões existentes (...) entre as dimensões civil (direitos individuais) e cívica (direitos coletivos) tendem a se acirrar na denominada NCP da pós-modernidade.

Ao invocarmos recorrentemente a figura de Roberto Marinho, não nos movemos pela ingenuidade de tratá-lo como se pairasse acima dos interesses e dos conflitos presentes na sociedade. Pelo contrário: ao reconstituirmos a trama de uma sociedade através da trajetória de um ator, podemos expressar uma vez mais o quanto é necessário considerar as duas instâncias (agência e estrutura) para entender as transformações em curso no nosso país.

Após identificarmos e contextualizarmos as posições políticas de Roberto Marinho e de seus sucessores expressas no jornal O Globo, é forçoso acentuar que tais posições, embora enquadradas em uma moldura ideológica (anticomunismo, antitrabalhismo e combate ao nacional-desenvolvimentismo), não se podemos excluir a suposição de que esses atores políticos sempre buscaram, também, a satisfação de seus interesses, em sentido estrito, no curto, médio e longo prazo.

## **Referências bibliográficas**

AGUIAR, Leonel Azevedo de. **Entretenimento: valor-notícia fundamental**. Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), v. V, p. 13-23, 2008.

ALBUQUERQUE, Afonso. **Um outro "Quarto Poder": imprensa e compromisso político no Brasil**. Revista Contratempo, Nº 4. RJ: 2000.

ALDÉ, Alessandra. **As eleições presidenciais de 2002 nos jornais**. ALCEU - v.3 - n.6 - p. 93 a 121 - jan./jun. 2003, p.93-116

AZEVEDO, Fernando Antônio. **Eleições presidenciais, clivagem de classe e declínio da grande imprensa**. Revista USP, São Paulo, nº 90, p. 84-101, junho/agosto 2011

AZEVEDO, Fernando Antônio. **Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político**. Opinião Pública. 2006, vol.12, n.1, pp. 88-113. Campinas (SP)

AZEVEDO, Sérgio de. **A política habitacional para as classes de baixa renda**. Dissertação de mestrado em Ciência Política. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, IUPERJ, Brasil. Ano de obtenção: 1975.

AZEVEDO, Sérgio de; SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos; RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. **Mudanças e permanências na cultura política das metrópoles brasileiras**. Dados, Rio de Janeiro, v. 52, n. 3, p. 691-733, 2009

AZEVEDO, Sergio de. **Discursos iguais e práticas diferentes**. Jornal "Folha da Manhã", 05/11/2015.

BAHIA, Juarez. **Três fases da imprensa brasileira**. Editora Presença. Santos: 1960.

BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. **Qual era o Projeto Econômico Vargas?** Est. Econ., v. 41, nº 2, abril-junho. São Paulo: 2011.

BIAL, Pedro. **Roberto Marinho**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 2004.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro: O ciclo ideológico do desenvolvimento**. Contraponto. Rio de Janeiro: 2000.

BIROLI, Flávia. **Técnicas de poder, disciplinas do olhar: aspectos da construção do "jornalismo moderno" no Brasil**. História, v. 26, n. 2, p. 118-143. São Paulo: 2007

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BRANDÃO, Luiz Eduardo Teixeira. **Jornal O Dia: o desafio de ser o líder**. Estudo de caso apresentado na Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / PUC-Rio: 1989.

BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. **Getúlio Vargas: o estadista, a nação e a democracia**. Ensaio para livro sobre Getúlio Vargas organizado por Pedro Cezar Dutra Fonseca e Pedro Paulo Bastos. Versão de 4 de de junho de 2009.

\_\_\_\_\_. (a) **Estado desenvolvimentista, nacionalismo e liberalismo**. Trabalho apresentado à reunião anual da Sociedade Brasileira de Ciência Política, Gramado, agosto de 2012. Segunda versão, ainda provisória, setembro de 2012.

\_\_\_\_\_. (b) **Os três ciclos da sociedade e do Estado**. Revista Perspectivas, v. 41, jan./jun. São Paulo: 2012.

\_\_\_\_\_. **Empresários, o governo do PT e o desenvolvimentismo**. Revista de sociologia e política, V. 21, Nº 47, Setembro, 2013

CERVI, Emerson Urizzi. **As sete vidas do populismo**. Revista Sociologia Política, 17, nov. Curitiba: 2001

COLISETI, Renato Perin. **O desenvolvimentismo cepalino: problemas teóricos e influências no Brasil**. Revista Estudos Avançados, 15 (41). São Paulo: 2001.

CONSTANT, Benjamin. **Princípios políticos constitucionais**. Editora Liber Juris. Rio de Janeiro: 1998.

D'ÁRAUJO, Maria Celina. **A era Vargas**. Editora Moderna. Rio de Janeiro: 1997.

DINES, Alberto. **Morte sem epitáfio**. Observatório da Imprensa, 16/07/10. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/morte-sem-epitafio/> Consulta em 25/09/15.

DUARTE, Teresinha Maria. **O projeto de desenvolvimento do regime militar e o estado de Goiás**. Revista Opsiis, v. 9, n. 12, jan-jun. Goiânia: 2009.

FLESSATI, Fernando. **A história do jornal Extra**. Disponível em <http://proffernandoflessati.blogspot.com.br/2013/07/gestao-estrategica-mba-unigranrio.html>. Consulta em 30/09/15.

FONSECA, Letícia Pedruce. **A Construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Design do Departamento de Artes & Design do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio: 2008

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. **Gênese e precursores do desenvolvimentismo no Brasil**. Pesquisa & Debate, volume 15, nº 2(26), São Paulo: 2004.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra; CUNHA, André Moreira; BICHARA, Julimar da Silva. **O Brasil na Era Lula: retorno ao desenvolvimentismo?** Nova Economia, Belo Horizonte, 23 (2), maio-agosto, 2013.

FREITAS, Jânio de. **Imprensa e democracia**. Folha de São Paulo, 03/06/12. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/46597-imprensa-e-democracia.shtml>

GABEIRA, Fernando Paulo Nagle. **Nova política de drogas**. O Globo, Rio de Janeiro, 20 dez 1995, p.6.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1989.

HERÉDIA, Leila. **A retórica dos jornais**. 32º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu: 2008

HERKENHOFF, Alfredo. **Memórias de um Secretário: Pautas e Fontes**. Zift Gráfica e Editora. Rio de Janeiro: 2010.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Companhia das Letras. São Paulo: 1995

JAGUARIBE, Hélio. “ISEB – Um breve depoimento e uma reapreciação crítica”. Cadernos de Opinião, s/d. Obs.: citado no seguinte link: <http://21politicaearredores.blogspot.com.br/2012/05/sobre-o-instituto-superior-de-estudos.html>

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Político**. Fundo de Cultura. Rio de Janeiro: 1962.

KOTSCHO, Ricardo. **Notícia de uma morte anunciada**. In: Observatório da Imprensa, 14/07/2010. Consulta em 22/09/2015. São Paulo: PROJOR Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo, 2010

FIGUEIREDO, Marcus. **Mídia, Mercado de informação e Opinião Política**. In: Informação & Democracia. César Guimarães e Chico Junior (Orgs.). Ed Uerj, Rio de Janeiro, 2000.

LAFER, Celso. **Ensaio Liberais**. Editora Siciliano, São Paulo: 1991.

LYNCH, Edward Cyril. **O conceito de liberalismo no Brasil (1750-1850)**. Araucaria, Revista Iberoamericana de Filosofia, Política y Humanidades, N° 17, Maio, 2007.

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. Editora Martins Fontes. Rio de Janeiro: 1998.

MALIN, Mauro. **Concorrência faz falta**. Observatório da Imprensa, edição 769. Disponível em [http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed769\\_concorrencia\\_faz\\_falta/](http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed769_concorrencia_faz_falta/). Consulta em 25/09/15

MARICATO, Ermínia. **É a questão urbana, estúpido!** In: Cidades Rebeldes Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Boitempo Editorial. São Paulo: 2013

MARINHO, Roberto. **Julgamento da Revolução**. Editorial de capa do jornal O Globo de 07 de dezembro de 1984. Rio de Janeiro. Disponível em <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226>

MILL, Stuart. **Sobre a liberdade**. Editora Escala. São Paulo: 2006.

PAIM, Antonio. **Historia do liberalismo no Brasil**. Editora Mandarim. São Paulo: 1998.

\_\_\_\_\_. **O liberalismo contemporâneo**. Edições Humanidades. Londrina: 2007.

O GLOBO. **Da ditadura à anistia: o jornalismo de fôlego que reescreveu a História da Guerrilha do Araguaia**. Reportagem publicada em 06/07/15. Disponível em <http://oglobo.globo.com/brasil/da-ditadura-anistia-jornalismo-de-folego-que-reescreveu-historia-da-guerrilha-do-araguaia-16670684#ixzz3m7EmHpQC>

O GLOBO. **A melhor mídia ainda é o papel**. Entrevista com João Roberto Marinho publicada no suplemento especial de 29/07/12, pág. 2. Disponível em <http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120729>

O GLOBO. **Livre trânsito de ideias**. Editorial publicado na edição de 20 de junho de 2011. Pág. 6.

O GLOBO. **O adeus ao Jornal do Brasil**. Reportagem publicada na edição de 31 de agosto de 2010. Pág. 30.

O GLOBO. **Pequenos avanços**. Editorial publicado na edição de 20 de dezembro de 1995. Pág. 6

OLIVEIRA, Franklin de. **Depoimento sobre um liberal**. In: Roberto Marinho: A trajetória de um liberal. Topbooks. Rio de Janeiro: 1992.

PERUZZO, C.M.K. **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que o gigante acordou (?)**. Matrizes (Online) – v. 7, p. 73-93, 2013.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A imprensa da independência e do primeiro reinado: engajamento e mercado**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo: 2007.

ROLNICK, Raquel. **As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações**. In: Cidades Rebeldes Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Boitempo Editorial. São Paulo: 2013

SALLUM JR. Brasílio. **O Brasil sob Cardoso: neoliberalismo e desenvolvimentismo**. Tempo Social; Revista de Sociologia da USP, 11 (2). São Paulo: 1999.

SARTORI, Giovanni. **A democracia revisitada V.2**. Editora Ática. São Paulo: 1994.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. V. 2. São Paulo: Nova Cultural, 1996.



SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. EDIPUCRS. Porto Alegre: 2011.

SOUZA, Marcio Ferreira de. **Sobre o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)**.  
Postado em 26/05/12. Disponível em  
<http://21politicaearredores.blogspot.com.br/2012/05/sobre-o-instituto-superior-de-estudos.html>. Consulta em 10/11/15

TEIXEIRA, Ana. **Lembranças incômodas: uma análise da autocrítica dos jornais O Globo e Folha de São Paulo sobre seu apoio à ditadura militar**. In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2014, João Pessoa. Comunicação: Guerra e Paz, 2014.

TOLEDO, Caio Navarro de. **Iseb: fábrica de ideologias**. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1997.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação: Mass media: contextos e paradigmas, novas tendências, efeitos a longo prazo e o newsmaking**. Editorial Presença. Lisboa: 1999.

## Anexos

### Anexo 1

**Tabela 8: Revolução de 30**

DATA	MANCHETES e EDITORIAIS	POSICIONAMENTO POLÍTICO
------	------------------------	-------------------------

10 Outubro	<i>O momento político: Como o Sr. Presidente falou à nação.</i>	Matéria sobre crise - não valorativa
11	<i>O momento político: Um comunicado do Ministério do Interior.</i>	Matéria sobre crise - não valorativa
12	Não houve edição	Não houve edição
13	<i>O momento político: foram tomadas pelo governo providências sobre o abastecimento em todo o território nacional.</i>	Matéria sobre crise - não valorativa
14	-	-
15	-	-
16	-	-
17	-	-
18	-	-
19	Não houve edição	Não houve edição
20	<i>O momento político: foram iniciadas na Cruz Vermelha Brasileira as aulas práticas para enfermeiras</i>	Matéria sobre crise - não valorativa. Temendo enfrentamentos militares e o uso da força.
21	-	-
22	-	-
23	-	-
24 <b>Revolução</b>	<i>A ação das forças pacificadoras da guarnição militar da Capital da República consagrou na manhã de hoje, desoprimindo a população atormentada, a vitória da Revolução que empolgou o País de Norte a Sul!</i>	Noticiando de forma inequivocamente favorável à revolução
25	<i>A epopeia da regeneração nacional, que se abriu com as páginas de sangue do R. G. do Sul, de Minas e da Paraíba, foi grande na Capital da República à luz gloriosa dos entusiasmos que saudaram as forças pacificadoras!</i>	Saudação à Revolução
26	Não houve edição	Não houve edição
27	<i>A visão de um Brasil perpetuamente e indissolavelmente unido, e consciente do seu destino e grandeza, através do movimento que o transfigurou de Norte a Sul!</i>	Saudação à Revolução
28	<i>Estamos seguramente informados ter sido decidido, nas entrevistas entre os chefes revolucionários já nesta Capital e a Junta Governativa que o Sr. Getúlio Vargas, logo que chegue ao Rio, será investido da presidência do governo provisório.</i>	Notícia positivamente que Vargas será o Presidente
29	<i>O sublimado levante do Dezoito do Forte preludiu a formidável conquista,</i>	Manifestação positiva Rev.

	<i>que depois de outras arrancadas heroicas, iria ultimar a revolução de 3 de outubro, e coroar o movimento das forças pacificadoras nesta Capital!</i>	
30	<i>O Globo divulga hoje o mais importante documento da revolução que deverá restabelecer a moralidade pública, a decência administrativa e o respeito à soberania das urnas!</i>	Manifestação positiva em relação à Revolução.
31	<i>A cidade que hoje aclama o Sr. Getúlio Vargas como chefe da revolução vitoriosa, é a mesma que em 2 de janeiro, em pleno governo do Sr. Washington Luis, consagrou o candidato da Aliança Liberal com a maior demonstração de civismo popular de que até então se teve notícia!</i>	Boas-vindas a Getúlio
01 Novembro	<i>Os primeiros efeitos da revolução: reforma do aparelho legislativo e reforma do aparelho judiciário</i>	Manifestação positiva em relação à Revolução.
02	Não houve edição	Não houve edição
03	<i>O Sr. Getúlio Vargas assume hoje o governo do Brasil com poderes discricionários, como declarou à imprensa, mas não tendo como, espera a opinião pública, outros objetivos que não sejam a regeneração nacional!</i>	Manifestação a favor, porém com a ressalva que haverá poderes discricionários
04	<i>A instituição do Ministério do Trabalho vem provar que o novo governo, ao contrário do extinto, não considera os problemas sociais e operários como meros casos de polícia! O Brasil nacionalizado e grande</i>  <i>Ouvindo a palavra calorosa de um dos vultos mais expressivos da Revolução brasileira</i>	O Globo elogia a criação do Ministério do Trabalho – Preocupação social - Estava sendo defendida na época pelos liberais brasileiros  Reproduz manifestação nacionalista de militar - Sem viés valorativo
05	<i>Não devemos desperdiçar essa magnífica ocasião em que se propaga o bem da regeneração dos costumes para eliminar da política e da administração os nomes e os processos contra os quais o País se armou!</i>	Defesa da regeneração pela revolução
06	<i>Felizmente, embora tarde, o Supremo Tribunal reconheceu que a revolução iniciada em 1922, e por ele assistida e sempre julgada, até o triunfo imortal de</i>	Defesa da Revolução

	<i>1930, empolgou a nação inteira, ainda que com o sacrifício dos reservistas que foram chamados a defender a “legalidade”, e aos que a inclemência da toga negou o remédio do “habeas corpus”.</i>	
07	<i>O Governo Provisório, procedendo às reformas morais que se anunciam traz ao País a esperança de ser afinal abolido o regime criminoso de impunidade em que temos vivido!</i>	Favorável: “Movimento regenerador”

## Anexo 2

**Tabela 9: Revolução Constitucionalista**

<b>DATA</b>	<b>MANCHETES e EDITORIAIS</b>	<b>POSICIONAMENTO POLÍTICO</b>
-------------	-------------------------------	--------------------------------

25	<i>Depois da nota do Catete: os revolucionários da esquerda organizam-se também em frente única</i>	O Globo investe contra a esquerda revolucionária que atuava, entre outras fações, contra o Governo provisório de Getúlio Vargas
26	Não houve edição	Não houve edição
27	<i>Conferências, entrevistas, concílios, encontros, cochochos, declarações, etc.: decidindo os destinos do Brasil...depois do ensaio geral da recomposição ministerial. Os concílios e os pombos-correios adiantam muito pouco</i>	Notícia política sem viés valorativo
28	<i>Esgotadas as quarenta e oito horas da “formula”, entrega às meditações do Catete, nada justifica que o pano de boca não se levante para a apresentação dos novos artistas</i>	Notícia política com tom crítico
29	<i>O chefe do Governo provisório ainda poderia traçar um programa inflexível, que libertasse o País do regime cotidiano de improvisos!</i>  <i>Regime de improvisos: Para quando o ministério de concentração? O chefe de governo provisório oprimido entre dois programas</i>	Notícia política com tom crítico
30	<i>Dado o rompimento das “frentes únicas” com a ditadura, não são otimistas as perspectivas que nos aguardam!</i>	O Globo alerta para os perigos iminentes
1	<i>A volta da nação a posse de si mesma não é um programa das frentes únicas porque é um imperativo da consciência brasileira!</i> <i>Brasil povo, Brasil força, Brasil riqueza!</i>  <i>Os partidos políticos e o exército nacional</i>  <i>Pela volta do regime da lei!</i>	Clamor contra a ditadura
2	<i>Pelo bem do Brasil – Ensarihar armas!</i> <i>O Ministro da Guerra lança aos seus comandados uma proclamação, concitando-os a vencer as paixões do momento.</i>	Notícia política valorizando o apelo a conciliação das posições confrontantes
3	Não houve edição	Não houve edição

	<p><i>Basta de sobressaltos!</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>OS APELOS DO PATRIOTISMO E AS AMEAÇAS DA FORÇA</b>  <i>Para o julgamento inflexível da opinião pública</i></p>	<p>Noticiário em tom incisivo e assertivo, se expressando contra o clima de crise infindável</p> <p><b>EDITORIAL</b>  Roberto Marinho se exalta na expressão no seu sentimento de pressa em solucionar imediatamente a crise</p>
5	<p><i>O Rio Grande do Sul reafirma os seus propósitos de não reatar negociações com o Governo provisório!</i></p> <p><i>A significação dos fatos hoje recordados</i>  <i>Como o País encara a campanha revolucionária</i></p> <p><i>A data mais palpitante do nosso liberalismo</i></p>	<p>Notícias políticas sem viés valorativo</p> <p>Presença de apelo ideológico</p>
6	<p><i>Com a iniciativa da reunião de Belo Horizonte, o grande estado de Minas avoca a responsabilidade dos compromissos que o Rio Grande do Sul assumiu para a Nação!</i></p> <p><i>Entendimentos...</i></p> <p><i>Caberá a Minas Gerais a glória de conciliar as correntes desavindas?</i>  <i>Um momento de grandes e ansiosas expectativas</i></p>	<p>Notícias políticas sem viés valorativo</p>
7	<p><i>A maior responsabilidade do Sr. Getúlio Vargas para com a nação é a de restituí-la a o quanto antes ao governo de si mesma</i></p> <p><i>O sentido histórico da revolução e as verdades do momento</i></p>	<p>Notícia com viés político crítico</p>
8	<p><i>É muito sintomática para o momento político a tendência das esquerdas revolucionárias a favor da imediata convocação da constituinte!</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>QUE ESTRANHOS DESTINOS NOS AGUARDAM?</b></p>	<p>O Globo se expressa:</p> <p>Alerta para o perigo do jogo radical da esquerda</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  Roberto Marinho cobra de Vargas o cumprimento das promessas feitas</p>

	<i>Depois do fracasso da conferência de Belo Horizonte cogita-se da recomposição ministerial As promessas revolucionárias e as expectativas do País</i>	por ocasião da Revolução de 30. A paz no País depende disso.
9 <b>Revolução</b>	<i>Uma das maiores garantias da tranquilidade nacional está ainda na disciplina que deve ainda de reinar nos seios das classes armadas!</i>  <b>EDITORIAL:</b> <b>O PATRIOTISMO DO REVOLUCIONÁRIO E A FALTA DO SOLDADO</b> [...] serve a assinalar que o Governo Provisório parece decidido a tomar afinal os rumos imprescindíveis à restituição da paz ao país.	Roberto Marinho sempre preocupado com a defesa e a coesão das Forças Armadas contra o perigo da dissensão no seu seio.  <b>EDITORIAL:</b> <i>O Globo expressa todo a sua preocupação com a manutenção da paz interna e com a priorização do princípio de respeito a hierarquia nas Forças Armadas</i>
10	Não houve edição	Não houve edição
11	<i>Estourou um movimento armado contra o Governo Provisório</i>  <i>Assumi o comando em chefe das forças sublevadas o general Isidoro Dias Lopes</i>	Notícia a eclosão da Revolução paulista  Notícias políticas sem viés valorativo
12	<i>O movimento armado contra o governo provisório</i>  <i>Estará sendo negociada a paz entre os revolucionários e as tropas sob o comando do general Góes Monteiro?</i>	Notícias políticas sem viés valorativo
13	<i>O movimento armado contra o governo provisório</i> <i>Partiram para a frente de operações o general Góes Monteiro e o capitão João Alberto</i>  <b>EDITORIAL:</b> Longe de se dissipar, vem ao contrário, se agravando nessas últimas horas a impressão de pesadelo, em que se agita e aflige o espírito público desde que o Estado de São Paulo empunhou as armas contra o Governo Provisório, jogando nesse lance com as vidas de seus filhos, o sangue generoso dos brasileiros, que deverá nunca ser derramado e, luta de irmãos [...].	Notícias políticas sem viés valorativo  <b>EDITORIAL:</b> O Globo não apoia o movimento militar dos paulistas na defesa da Constituinte. É absolutamente contra a Revolução e, conseqüentemente, a guerra civil.

14	<p><i>O movimento armado contra o governo provisório</i></p> <p><i>As primeiras impressões do enviado especial de O Globo à zona de operações.</i></p> <p><i>Como estão se desenrolando os acontecimentos (matéria do correspondente do globo entre os legalistas!)</i></p>	Notícia sem viés valorativo
15	<p><i>O movimento armado contra o governo provisório</i></p> <p><i>As esquadrilhas da aviação militar a ofensiva contra as posições revolucionárias paulistas</i></p>	Notícias políticas sem viés valorativo
16	<p><i>O movimento armado contra o governo provisório</i></p> <p><i>“Não pode haver mais protelação” - Transmite o general Góes Monteiro aos revolucionários – O ex-deputado Cyrillo Júnior procura o Ministro da Marinha como emissário dos rebeldes – Como o capitão Canrobert conseguiu retirar sua família de São Paulo – O Sr. João Francisco de viagem marcada para Curitiba</i></p>	Notícias políticas sem viés valorativo
17	Não houve edição	Não houve edição
18	<p><i>O movimento armado contra o governo provisório</i></p> <p><i>Visita à frente de operações o Sr. Getúlio Vargas</i></p> <p><i>A displicência do ditador</i></p> <p><i>S. Ex. passa tranquilamente através da zona permitida – Observando os revolucionários de binóculo</i></p>	<p>Informativo</p> <p>Roberto Marinho se refere a Getúlio Vargas como “o ditador”</p>
19	<p><i>O movimento armado contra o governo provisório</i></p> <p><i>Seguiu para a “frente” o major Juarez Távora – As operações militares em Minas – A situação de Itararé, segundo um rádio captado – As impressões do Sr. Getúlio Vargas da zona de operações</i></p>	Notícias políticas sem viés valorativo
20	<i>O movimento armado contra o governo provisório</i>	



	<i>Em um manifesto à nação os Sr.es Srs. Borges de Medeiros e Raul Pilla declaram que “ainda é tempo de evitar o desastre final”.</i>	O Globo indica que a guerra ainda é evitável
21	<i>O movimento armado contra o governo provisório</i>  <i>Acentua-se a impressão de que se vai desencadear a ofensiva geral</i>	Notícia política sem viés valorativo
22	<i>O movimento armado contra o governo provisório</i>  <i>Cenas e tipos do fronte, através das impressões do enviado especial do GLOBO</i>	Notícias políticas sem viés valorativo
23	<i>O movimento armado contra o governo provisório</i>  <i>Uma visita inesperada do general Ministro da Guerra ao Hospital Geral do Exército – S. Ex. conforta um oficial ferido- o Sr. Mauricio Cardoso voltou a conferenciar hoje com o Sr. Getúlio Vargas</i>	Notícias políticas sem viés valorativo

### Anexo 3

**Tabela 10: Golpe do Estado Novo**

DATA	MANCHETES e EDITORIAIS	POSICIONAMENTO POLÍTICO
25 Outubro	-	-
26	-	-
27	-	-
28	-	-
29	-	-
30	-	-

31	-	-
1 Novembro	-	-
2	<i>Outro violentíssimo desastre de trem Chocaram-se um cargueiro e um especial cheio de integralistas, em Mesquita</i>	Notícia aparentemente sem viés político
3	<i>Brasil decidiu enfrentar a livre concorrência do mercado cafeeiro</i>  <i>Atentado ferroviário! Essa a feição dada pelo maquinista do trem sinistrado e por alguns integralistas que viajam no especial Quase cem feridos e três mortos – A identidade das vítimas – Prisões – A origem das suspeitas</i>	<b>Adoção de medida de cunho liberal</b>  Acidente de trem que atingiu dezenas de integralistas pode ter sido um atentado contra esses mesmos integralistas.
4	<i>Liberdade afinal para o Café: inaugura-se uma nova política do nosso maior produto.</i>  <i>Queria a luta o general Flores Em longo relatório entregue ao Ministro da Guerra, o general Daltro Filho descreve como evitou uma revolução no Sul</i>	<b>Notícia com viés liberal</b>  Indícios de inquietação política e militar
5	-	-
6	<i>Não é candidato! O Sr. Oswaldo Aranha sente-se feliz entre o povo norte-americano</i>	<b>Notícia política – Eleições 38</b>
7	-	-
8	-	-
9	<i>Mobilizam-se as forças democráticas</i>	Notícia política
10	<b>GOLPE – Estado Novo</b>	<b>GOLPE – Estado Novo</b>
11	<i>Manter-se-á o regime federativo! Reclamadas pela necessidade de defender a nação as medidas que vem de ser tomadas pelo governo – Os anacronismos da constituição de 1934 – Os grandes problemas brasileiros - Será suspenso o pagamento de dívidas externas – A herança do artificialismo econômico – Como falou ontem à nação o Sr. Getúlio Vargas</i>	Noticiado o golpe de forma dúbia. Caráter crítico nítido do ponto de vista liberal/econômico
12	<i>Sadia demonstração de força</i>	O Globo titubeia, não é situação nem oposição

	<i>Em entrevista ao “Globo”, o prof. Ribas Carneiro destaca as vantagens do novo estatuto político</i>	
13	<i>Dois mil contos de trigo por dia! A obrigatoriedade do pão misto será a primeira medida pelo governo em benefício da economia nacional</i>	Notícia política sem viés valorativo
14	-	-
15	<i>Discute-se em Washington o novo regime no Brasil Longa e amistosa conferência entre o Sr. Sammer Wells e o embaixador Oswaldo Aranha</i>	Notícia política sem viés valorativo
16	<i>Promovidos todos os aspirantes a oficial O Presidente da República, atendendo à necessidade do serviço, assinou um decreto, na pasta da guerra, dispensando do resto do interstício todos os aspirantes a oficial e promovendo-os imediatamente a 2<sup>os</sup> tenentes</i>	Notícia indica um gesto muito significativo de “compra do maior apoio possível dos militares” ao novo regime por Getúlio Vargas
17	-	-
18	<i>Extinta a justiça federal! Baixado um decreto-lei regulando a matéria – Serão criados novos tribunais e cartórios Partido nacional para apoiar o regime</i>	Notícia política sem viés valorativo apesar de indicar medidas totalitárias pelo ditador Getúlio Vargas
19	<i>Sob uma só bandeira todo o Brasil em festas! As grandes comemorações de hoje fortalecem o sentimento da unidade nacional</i>	Roberto Marinho parece apoiar o novo regime. Porém pode ser por constrangimento ou pressão por medida de força da ditadura
20	<i>Não serão retardados os julgamentos – Aceitas pelo Ministro da Justiça as ponderações do Supremo Tribunal</i>	Notícia política sem viés valorativo
21	Não houve edição	Não houve edição
22	-	-
23	<i>Todos os telefones ligados ao palácio Através de onze aparelhos de controle, instalados na sede do governo, o Sr. Flores da Cunha sabia do que se passava nos quartéis e nas residências dos opositores</i>	Notícia sobre inimigo político de Vargas

#### Anexo 4

**Tabela 11: Deposição de Getúlio Vargas em 1945**

DATA	MANCHETES e EDITORIAIS	POSICIONAMENTO POLÍTICO
15	<i>Nenhuma outra modificação na lei eleitoral O Sr. Getúlio Vargas, falando ontem, no almoço que lhe foi oferecido em Santa Cruz, disse, ainda, que não haverá golpes nem atos secretos</i>	Notícia política sem viés valorativo

16	<i>O Conselho da Ordem dos Advogados denuncia à nação a ilegalidade do decreto 8.063</i>	Possível crítica
17	-	-
18	-	-
19	<p><b>EDITORIAL:</b>  <b>A VOZ DO SILÊNCIO</b>  <i>[...] mas como o general Góes Monteiro não tem ocultado que as forças da desordem estão conspirando, à sombra das paixões políticas, contra a unidade da Pátria, que o Estado Novo tem sabido preservar, é compreensível essa vigilância das administrações militares em entendimentos que se furtam ao conhecimento da opinião pública.</i>  <i>[...]</i>  <i>Respeitemos o silêncio do Sr. Getúlio Vargas. Deixemos os Ministros das pastas militares combinar em secreto o que acham melhor para a economia das classes armadas [...].</i></p>	<p><b>EDITORIAL:</b>  O Globo estranha o silêncio tanto de Getúlio Vargas quanto dos colóquios entre os comandantes militares. Mais uma vez exige do povo respeito à Forças Armadas (assuntos internos). Hora de lutar pela democracia.</p>
20	<p><i>“A marcha para a legalidade foi iniciada, e ninguém poderá detê-la”  Nenhum argumento contra o alvitre de entregar o governo ao presidente do Supremo Tribunal Federal  No importantíssimo discurso pronunciado ontem pelo brigadeiro Eduardo Gomes, [...] – Análise profunda do descalabro legal que se inaugurou não no Brasil a 10 de novembro de 1937 – Resposta minuciosa a todas a recentes palavras do Sr. Getúlio Vargas</i></p> <p><b>EDITORIAL</b>  <b>A PÁTRIA E O EXÉRCITO</b>  <i>Que as classes armadas se devam manter acima da política, é princípio que ninguém discute. [...] Quanto mais alheias se mantiverem se mantiverem da política, mas se fortalecerá o sentimento de soberania nacional.</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo  O Globo parece apoiar a declaração de um graduado militar.</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  Presentindo algum movimento militar, O Globo defende o afastamento das forças armadas do processo político</p>
21	Não houve edição	Não houve edição
22	-	-
23	<i>“Vitória ao brigadeiro” – Foi o “slogan” profético do povo de Vitória,</i>	Notícia política com viés valorativo Preferência pelo candidato da UDN?

	<i>durante o comício do candidato nacional na capital do Espírito Santo Convocados extraordinariamente os generais pelo Ministro da guerra.</i>	Alerta de inquietação militar
24	<i>“O Brasil marchará ao lado dos Estados Unidos em quaisquer circunstâncias” Declarações do general Mascarenhas de Moraes sobre a política de amizade da grande democracia do Norte com nações do hemisfério ocidental</i>	Defesa indireta do alinhamento histórico de Roberto Marinho e seu O Globo com os EUA?
25	-	-
26	-	-
27	<i>Exploração oficiosa para intranquilizar o País O general Raymundo Sampaio responde por intermédio de O Globo...</i>	O Globo noticia mexericos e movimentos de militares
28	Não houve edição	Não houve edição
29	-	-
<b>Golpe</b>		
30	<i>“O Globo” divulga a nota dos generais ao Sr. Getúlio Vargas “O Globo” diante do presidente deposto! As primeiras palavras e as primeiras fotografia do Sr. Getúlio Vargas depois dos acontecimentos de ontem.</i>	Deposição de Vargas O Globo noticia desdobramentos da deposição de Vargas sem viés valorativo
31	<i>Não haverá mudanças no relacionamento entre os Estados Unidos e o Brasil</i>  <i>Partiu para São Borja o Sr. Getúlio Vargas A reportagem de “O Globo” testemunha o momento histórico da saída do Guanabara e o embarque no aeroporto Santos Dumont. Calmo e sorridente, o ex-chefe de governo – O último cafezinho no palácio – Isolado o aeroporto – As pessoas presentes – “Até breve, pai”, a frase de despedida da filha Sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto – Não seguiu a Sra. Darcy Vargas – Apenas dois sobrinhos no avião.</i>  <i>Normaliza-se o novo Governo da República Depois da posse, o presidente concede a primeira entrevista coletiva</i>	Referência constantes às boas relações e aos laços com os EUA.  Notícia política sem viés valorativo  Notícia política sem viés valorativo

1	<i>Nenhuma subordinação às deliberações do governo deposto!</i>  <i>Serão coordenadas as várias correntes de opinião do País para a solução definitiva dos problemas políticos nacionais.</i>	Notícia política com viés valorativo  Notícia política com viés valorativo
2	Não houve edição	Não houve edição
3	<i>Estarão substituídos até segunda-feira todos os interventores</i>  <i>Renúncia do Gen. Dutra e dissolução do seu partido.</i> <i>Fez exigências ao governo o candidato do PSD.</i>	Notícia política sem viés valorativo  Notícia política sem viés valorativo
4	Não houve edição	Não houve edição
5	<i>Hoje uma reunião decisiva do PSD. Renúncia do General Dutra ou reafirmação peremptória de sua candidatura.</i>	Notícia política sem viés valorativo
6	-	-
7	<i>Acima das paixões e das ambições políticas</i> <i>Nenhum dinheiro dos estados em favor da propaganda de qualquer dos candidatos.</i>	Notícia política sem viés valorativo
8	<i>Havia um plano para evitar as eleições!</i> <i>A revelação do Gen. Góes Monteiro em sensacionais declarações a "O Globo"</i>	O Globo reproduz declaração de um dos líderes do movimento militar que depôs Getúlio Vargas dando justificativa para o golpe
9	<i>Foi revogada a lei antitruste</i>  <i>Aumento para o funcionalismo civil e militar.</i>	Notícia enfatizando medida de natureza liberal  Notícia política sem viés valorativo
10	-	-
11	Não ouve jornal	Não ouve jornal
12	-	-

## Anexo 5

**Tabela 10: Eleição presidencial de 1945**

DATA	MANCHETES E EDITORIAIS	POSICIONAMENTO POLÍTICO
16	<i>Mais dois candidatos à Presidência da República</i>	Notícias política sem viés valorativo

	<p><i>Serão conhecidos hoje os nomes escolhidos pelo Partido Comunista e pelo Partido Trabalhista Brasileiro</i></p> <p><i>Reuniões sucessivas durante o dia e a noite no PCB - O Sr. João Neves, candidato ou coordenador? – O encontro com o General Gaspar Dutra e outro com o Sr. Segadas Viana.</i></p> <p><i>Eleições dignas de um povo civilizado</i></p> <p><i>Agirão os governantes nas interventorias e prefeituras, como juizes, colocando-se acima das paixões políticas e das preferências pessoais</i></p>	<p>Valorização da democracia</p>
17	<p><i>Quatro candidatos disputarão a presidência da República</i></p> <p><i>Recorde de comícios na campanha presidencial do Brigadeiro</i></p>	<p>Notícias política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo pró-Eduardo Gomes</p>
18	-	Não houve
19	<p><i>“O que o povo vai depositar é também uma sentença e um julgamento sobre a sua capacidade de ser livre – Palavras do Brigadeiro Eduardo Gomes, ontem, em Florianópolis</i></p> <p><i>“É preferível substituir todos os prefeitos”</i></p> <p><i>Telegrama do Ministro Sampaio Dória ao interventor em São Paulo a propósito do pleito e a imparcialidade das autoridades</i></p> <p><i>O grande comício da UDN em Florianópolis</i></p> <p><i>Como falou ao povo catarinense o Brigadeiro Eduardo Gomes sobre os problemas locais</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo pró-Eduardo Gomes</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo pró-Eduardo Gomes</p>
20	<p><i>Onde estava o dinheiro para o “queremismo”?</i></p> <p><i>O Sr. Hugo Borghi não responde, preferindo acusar firmas estrangeiras e reptar o Ministro da Fazenda. Continua “queremista” e acha que os juizes deveriam permitir que o Sr. Getúlio Vargas se candidatasse – Um telegrama ao ditador nas vésperas da deposição – Uma entrevista com O Globo.</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo anti-Vargas</p>



21	<p><i>Implica em acatamento pelo Sr. Getúlio Vargas o apoio ao General Dutra Vitoriosa dentro do PSD a corrente “queremista”</i></p> <p><i>O Sr. Augusto do Amaral Peixoto persiste em não figurar ao lado de quem criticou o ex-ditador.</i></p>	Notícia com pequeno viés anti-Vargas
22	<p><i>Abraçam-se “queremistas” e “dutristas” do PSD</i></p> <p><i>Na ausência do candidato, agiu o ex-prefeito Dodsworth no sentido da reconciliação</i></p> <p><i>O desembarque do General Dutra – Nenhuma dissensão”, diz o presidente do partido – “O que meu chefe, Sr. Henrique, resolveu na minha ausência está muito bem”, afirma o Sr. Mozart Lago – “O PSD é continuidade dos próprios ideais do Sr. Getúlio”, sentencia do Sr. Augusto do Amaral Peixoto</i></p>	Notícia política sem viés valorativo
23	-	Nada
24	<p><i>Questão social, integralismo, funcionalismo e religião</i></p> <p><i>Alguns dos temas que inspiraram intrigas contra o Brigadeiro Eduardo Gomes e de que se ocupará, hoje, em Juiz de Fora, o candidato nacional</i></p>	Notícia política com viés valorativo pró-Eduardo Gomes
25	-	Não houve
26	<p><i>“Ou perdemos a honra mais uma vez sob o terror integralista, que já se organiza à sombra do candidato do PSD, ou a recuperaremos para sempre com Eduardo Gomes”</i></p> <p><i>Petrópolis confia no candidato da regeneração responde unânime à pergunta do Sr. Otávio Mangabeira, bradando q Eduardo Gomes sairá vitorioso das urnas, a 2 de dezembro – Como falaram o major-brigadeiro e os demais oradores no Tênis Clube</i></p> <p><i>O brigadeiro esmaga os seus caluniadores</i></p> <p><i>O grande comício da UDN em Juiz de Fora – Desfeitas as intrigas em torno de</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo pró-Eduardo Gomes</p> <p>Notícia política com viés valorativo pró-Eduardo Gomes</p> <p>Notícia política com viés valorativo pró-Eduardo Gomes</p>

	<p><i>sua campanha – ‘Sou um soldado da democracia’”, bradou</i></p> <p><i>O brigadeiro repudia a adesão dos integralistas</i></p> <p><i>Vitória da UDN na concentração dos “craques”</i></p> <p><i>EDITORIAL (vespertina): SOBRANCEIRO ÀS CALÚNIAS E ACIMA DOS PRÓPRIOS INTERESSES</i> <i>O discurso do brigadeiro Eduardo Gomes no grande centro industrial mineiro de Juiz de Fora, e proferido quando vai atingindo o seu fim a campanha regeneradora dos nossos costumes políticos eleitorais, nos renova o sentimento da continuidade das intenções puras do candidato nacional e da sua coerência diante dos espelhos do patriotismo se n se sua própria consciência republicana. Certos os rumos traçados pelo orador de Juiz de Fora, nitidamente se revelam ao exame da opinião pública através de todos os depoimentos de sua palavra, que já se contam por algumas dezenas. A rigor desse nome assim se impôs na preferência da maior parte do nosso eleitorado, bem que se pode dizer equipara-se aqueles que, surgindo nas maiores democracias, não necessitariam de plataforma nem de programas, bastando o povo recordar-se dos principais lances da sua vida de homem público e das linhas gerais do seu caráter.</i></p> <p>.</p>	<p>Notícia política com viés valorativo pró-Eduardo Gomes</p> <p>Notícia política com viés valorativo pró-Eduardo Gomes</p> <p>EDITORIAL DE APOIO À CANDIDATURA DE EDUARDO GOMES!!! (Da UDN e anti-Vargas) Roberto Marinho apresenta aqui o brigadeiro como democrata, honrado e patriota. O brigadeiro, representante do liberalismo udenista, já a essa altura teria ganho a preferência da maioria do eleitorado com sua campanha pela regeneração dos costumes políticos eleitorais e sem precisar convencer ninguém com plataforma ou programa de governo.</p>
27	<p><i>Legítimos e inalteráveis os poderes que o povo vai eleger</i> <i>A constituinte e o presidente terão atribuições paralelas, cada um na sua esfera privativa</i> <i>Sem candidato à presidência da República</i> <i>Uma reafirmação do Partido Trabalhista Brasileiro a seus associados</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p>

28	<p><i>O Brigadeiro Eduardo Gomes falará hoje, ao povo do Rio, no Largo da Carioca</i></p> <p><i>“Eis-me aqui oferendo ao julgamento do povo brasileiro ideias e compromissos!”</i></p> <p><i>Como falou o general Eurico Gaspar Dutra, no comício de ontem, no Largo da carioca</i></p> <p><i>Os outros oradores – Lida a mensagem do Sr. Getúlio Vargas – O PTB não adere</i></p> <p><i>Proibidos os comícios comunistas em S. Paulo</i></p>	<p>Posição de destaque logo no alto da página enaltece a candidatura apoiada declaradamente por O Globo</p> <p>Notícia de canto de página, pequena e sem maiores atrativos sobre comício do candidato Dutra, rejeitado pelo jornal por ter intensa ligação como varguismo e Vargas</p> <p>Demonstra-se mais uma vez o anti-comunista de sempre de Roberto Marinho</p>
29	<p><i>Consagração do povo ao seu candidato! O grandioso comício de ontem foi uma apoteótica afirmação antecipação ao pronunciamento das urnas</i></p> <p><i>Indescritíveis as vibrações populares – Gente de todas as condições sociais – Aplaudido até o delírio o Brigadeiro Eduardo Gomes – A multidão manifesta o repúdio à ditadura deposta e aos extremismos – Os Srs. José Américo e Octávio Mangabeira sob intensas ovações – O discurso de um operário empolga à assistência – Flagrantes fixados pela reportagem d’”O Globo” na bela festa democrática</i></p>	<p>O Globo dá mais provas cabais de que tem um candidato definido, festeja-o, incentiva o voto nele e anuncia a sua certa vitória com esse objetivo</p>
30	<p><i>Democracia ou integralismo! A encruzilhada que defronta o Brasil, ante o apoio dos antigos camisas verdes a um dos candidatos ao governo</i></p> <p><i>Veementes declarações também, do General Miguel Costa, prócer esquerdista, condenando a orientação do Sr. Luis Carlos Prestes – “Se o fascismo vencer, a responsabilidade da divisão das forças democráticas recairá sobre o Partido Comunista” – Uma situação de legalidade somente devido ao idealismo de Eduardo Gomes – O candidato nacional, seu passado e seu presente.</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b> <b>REABILITAÇÃO DO BRASIL NO MUNDO DEMOCRÁTICO</b></p>	<p>O Globo reproduz e amplifica chantagem de um “general de esquerda” Eduardo Gomes é o “O candidato nacional”.</p> <p><b>EDITORIAL:</b> O Globo faz um elogio a forma com que as autoridades conseguiram levar a um pleito totalmente democrático e enaltece</p>

		o papel do seu candidato Eduardo Gomes nesse processo. Cita o nome desse candidato como se fosse candidato único.
1	<i>Dirigem-se à nação os quatro candidatos Virtudes e vícios das candidaturas à presidência (Leitura borrada)</i>	O Globo tenta ser inteiramente democrático trazendo a mensagem dos 4 candidatos, inclusive Fiuza do PCB.
2	Não houve edição	Eleição
3	<i>Conhecidos os primeiros resultados das eleições</i>  <i>EDITORIAL: UM DIA MEMORÁVEL</i>	Notícias genéricas, sem viés  EDITORIAL: Festeja a festa da democracia
4	<i>Eduardo Gomes está vencendo no Rio!</i>	Tenta injetar ânimo no campo do Brigadeiro mas noticia que Dutra está na frente na apuração nacional.
5	<i>Eduardo Gomes continua vitorioso no Rio Também com grandes vantagens a frente dos demais partidos a UDN em relação a votação para deputados e senadores.</i>	Últimos resultados com Dutra à frente. Mesmo assim o Globo continua superdimensionando o fato de Eduardo Gomes estar liderando no Rio e reforça a UDN como vitoriosa nas eleições parlamentares
6	<i>Aumenta, na apuração geral, a vantagem do candidato do PSD Mais da metade da votação do Rio vai para Eduardo Gomes Mantem-se o candidato das forças democráticas com mais de dez mil votos sobre o general Eurico Dutra, nesta capital</i>	O Globo continua com o seu projeto “Vitória no Rio”
7	<i>Aumenta a vantagem de Eduardo Gomes no Rio</i>	Agora já em escala diminuta, com matéria pequena e no meio da página, O Globo ainda insiste no projeto “Vitória no Rio” Detalhe: Dutra já está com 400 mil votos à frente de E. Gomes
8	<i>Coligação reacionária contra o Brigadeiro Agruparam-se em Pernambuco, para derrotar o candidato democrático, todas as forças fascistas e estadonovistas – Diz a O Globo o Sr. Lima Cavalcanti “Voltaremos!” o “slogan” dos interventores e prefeitos afastados – Como o clero foi envolvido na campanha de descrédito contra a UDN</i>	Denúncia do Globo força a barra em tom de “essa eleição não valeu”.

	<i>– Fundos públicos teriam sido utilizados para fins de suborno – O caso das cooperativas Agropecuárias e a adesão dos Lundgren</i>	
9	Não Houve edição	Não houve
10	<i>Maior a vantagem para o Brigadeiro no Distrito Federal</i>	Continua a ladainha
11	<i>Incompatível o antigo Dasp com o novo regime O chefe justifica a reforma daquele órgão e se defende das acusações dos diretores demissionários – reestabelecimento da autonomia dos ministros e da disciplina e hierarquia.</i>	Notícia política sem viés valorativo
12	<i>“Dutra o presidente do Brasil” Desejam os Estados Unidos “que o Brasil continue sua vida pacífica e ordeira, tal qual aconteceu durante as eleições” – Comentário do “The New York Times” sobre o pleito eleitoral brasileiro Dos quatro candidatos, o General Dutra parece o menos democraticamente inclinado” mas “terá trabalho mais fácil que os seus adversários ,</i>	Opinião do “gigante do Norte” – Sempre importante para Marinho
13	–	–
14	–	–
15	<i>Anulação de 40 urnas! Deverá haver novas eleições nas seções correspondentes  O novo ministério</i>	Fogo de palha
16	Não houve edição	Não houve edição
17	–	–

## Anexo 6

**Tabela 13: Eleição presidencial de 1950 – O retorno de Vargas**

DATA	MANCHETES e EDITORIAIS	POSICIONAMENTO POLÍTICO
19	<i>O Ministro da Guerra e a situação política Declara o general Canrobert Pereira da Costa que tudo vai bem e desfaz rumores</i>	Notícia política sem viés valorativo

	<i>sobre requisição de força federal para São Paulo.</i>	
20	<i>Fala o Ministro da Aeronáutica sobre as denúncias do general Góes Por que soldados da FAB tomaram parte dos conflitos de Belém – A alegada presença de aviões em Maceió – novas declarações do senador alagoano – Pedida a dissolução do diretório do PST de São Paulo</i>	Notícia política sem viés valorativo
21	-	-
22	-	-
23	-	-
24	Não houve edição	Não houve edição
25	<i>O registro da candidatura de Adhemar de Barros  O povo tentou linchar os comunistas  Apelo à desordem Manifesto do Sr. Prestes, incitando a aproveitarem o pleito para greves, demonstrações e atos de sabotagem – Os acontecimentos de Belém – Possível encontro Vargas-Brigadeiro no Rio Grande do Sul – Requisitada também pela Paraíba força federal</i>	Notícia política sem viés valorativo  Anticomunismo  O Globo usa a arma intimidatória da ameaça à segurança pública, tendo como instrumento prioritário Luis Carlos Lacerda Prestes e os comunistas em geral
26	<i>O governo garantirá a normalidade do pleito é o que afirma o general Góes, aduzindo, porém, que os comunistas tudo farão para perturbar as eleições  Será mantida a ordem custe o que custar</i>	Informações jornalísticas, ressaltam a ameaça comunista  Notícia política com viés valorativo
27	<i>“A desordem só interessa aos inimigos do País” Fala a “O Globo” o Sr. Cristiano Machado sobre as tentativas de perturbação do ambiente eleitoral – Mantenham-se os propósitos de elevação e respeito mútuo com que foram iniciadas as campanhas  É preciso honrar o próprio País Deprimentes os episódios de desatinado partidatismo, que se registram em vários pontos do País, que ontem agitaram a própria Capital da</i>	Recado de O Globo para os comunistas e afins feito por um dos candidatos na eleição.  O Globo usa mais uma vez o recurso político da ameaça à segurança pública.

	<i>República – O centro da cidade foi teatro de lamentáveis cenas durante a recepção ao Sr. Cristiano Machado – Quatorze feridos medicados no HPS- Brutalmente espancado um fotógrafo</i>	
28	<p><i>Previstos graves acontecimentos no Pará!</i></p> <p><i>Os elementos do PSD estão sendo armados e municados para 3 de outubro – Prometem os oposicionistas agir da mesma maneira – O próprio comandante da Região denuncia o fato ao Governo</i></p> <p><i>Candidatos para a desordem e a subversão</i></p> <p><i>Os comunistas buscam, apenas, a proteção da lei para a sua ação sediciosa, sob o amparo de falsos democratas – Já são numerosos os atentados praticados somente nesta capital – Armas clandestinas – O maior interesse é a perturbação das eleições</i></p>	<p>O Globo usa mais uma vez a arma da ameaça à segurança pública contra o PSD</p> <p>Lança acusação de sedição ao grande e esse partido.</p> <p>Mais um sinal da campanha anticomunista de sempre – atentados e violência.</p>
29	<p><i>Forças do Exército por via aérea para garantir o pleito nos estados</i></p> <p><i>Declaração de bens, a começar pelo Presidente da República</i></p> <p><i>É o que propõe o Sr. Amaral Peixoto, afim de pôr a salvo de suspeitas as autoridades públicas - A quem deveriam os chefes do Executivo prestar contas, segundo o projeto do ex-interventor fluminense – Em telegrama ao Sr. Getúlio Vargas o coronel Juracy Magalhães contesta expressões que lhe foram atribuídas - Encerramento das campanhas dos Srs. Cristiano Machado e Eduardo Gomes</i></p> <p><i>Fechados todos os escritórios eleitorais dos comunistas em São Paulo</i></p> <p><i>Num dos redutos vermelhos houve reação a bala e resistência durante duas horas – Apreendido um “tank russo” e presos trezentos bolchevistas</i></p> <p><i>Concitavam o povo à desordem</i></p> <p><i>Numerosos comunistas presos em Jacarepaguá - Apreendido farto material de propaganda.</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Ao reportar o encerramento da campanha dos candidatos a presidente, O Globo simplesmente não menciona o candidato de Getúlio, General Eurico Gaspar Dutra.</p> <p>Insistente e contínua campanha anti-comunista – associa o tempo todo à violência</p> <p>Insistente e contínua campanha anti-comunista – associa o tempo todo à violência</p> <p>Compensação?</p>

	<i>Pedem proteção os comunistas ao Tribunal Eleitoral</i>	
30	<p><i>Ilustração/cartum de O Globo no topo da Página retrata sob o título: “Os times da UDN”</i></p> <p><i>Encerramento da campanha sucessória</i></p> <p><i>Falam os candidatos sobre a liberdade de imprensa</i></p> <p><i>Caçado até no Rio! O deputado Oséaz Cardoso, que continua impedido de voltar a Alagoas, responde ao general Góes Monteiro – Complô permanente – Nenhuma segurança para a oposição – Fala a O Globo o parlamentar alagoano</i></p>	<p>“Licença jornalística” com nítido viés político/eleitoral</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo usa mais uma vez o recurso político da ameaça à segurança pública</p>
1 Outubro	Não houve edição	Não houve edição
2	<p><i>Prontidão das Forças Armadas para a garantia do pleito</i></p> <p><i>Calma em São Paulo, na véspera do pleito</i></p> <p><i>Alagoas continua sem garantias</i></p> <p><i>Mantidos os registros dos comunistas nesta capital</i></p> <p><i>Tudo pronto para as eleições!</i></p> <p><i>Os partidos que concorrerão ao pleito</i></p> <p><i>Difícil prognosticar o candidato vitorioso em Minas</i></p>	Notícia política sem viés valorativo
3 Eleição	-	-
4	<p><i>Os primeiros resultados</i></p> <p><i>Não foram enviados do governo federal aos estados</i></p> <p><i>Todos satisfeitos com o transcurso do pleito</i></p>	Notícias políticas sem viés valorativo



	<p><i>Quase fuzilado o senador Izmar de Góes Monteiro</i></p> <p><i>Impressões do Presidente da República sobre o pleito</i></p> <p><i>O Sr. Prestes teria estado no Rio, mas não votou</i></p>	Sempre os comunistas
5	<p><i>Inépcia ou traição dos líderes do PSD</i>  <i>Diz o general Góes Monteiro que grande parte da agremiação majoritária, se não a maior, votou no Sr. Getúlio Vargas - E acrescenta, “eu já esperava isso” – Fala o Presidente do PTB, Sr. Danton Coelho – O Sr. Amaral Peixoto pede garantias para a população de uma cidade</i></p> <p><i>A polícia no encalço de Prestes</i>  <i>Decretada a prisão preventiva do líder comunista pelo Supremo Tribunal Federal – Ordens às guarnições das fronteiras para evitar sua fuga – Declarações do general Lima Câmara a O Globo – Mobilização policial aqui e nos Estados – assinalada sua passagem, as 16 horas, por Pinheiral, no estado do Rio</i></p> <p><i>EDITORIAL:</i>  <i>AGORA A ÚLTIMA ETAPA</i>  <i>Os resultados até agora conhecidos do pleito de 3 de outubro, permitem assinalar, desde logo, uma importante constatação. A de que o candidato do partido do Governo já é mais, necessariamente, o candidato vitorioso.</i>  <i>[...]</i>  <i>Ora, as urnas de 3 de outubro estão a demonstrar que o eleitor votou livremente preferindo, na maioria dos casos, o candidato não bafejado pelo oficialismo. Só os acontecimentos futuros dirão se essa liberdade foi usada da melhor maneira possível, isto é, se o candidato escolhido correspondeu a confiança nele depositada.</i>  <i>Feita essa constatação, é necessário formular a certeza que as urnas, seja qual for o resultado, terão o seu veredito respeitado.</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Anticomunismo</p> <p>EDITORIAL:  O Globo ressalta o poder do voto e sua soberania. Defende que se respeite o resultado das urnas e que para isso se esqueça o passado. Pragmático e <u>legalista</u>.</p>

6	<p><i>Reforma constitucional propõe o Sr. José Américo em face da debacle dos partidos nacionais, sugere S. Ex. a não coincidência das eleições presidenciais com as estaduais – o líder paraibano elogia a postura do governo Federal em relação ao pleito</i></p> <p><i>Protesto contra as declarações do general Góes</i>  <i>“Os líderes do PSD não são ineptos ou traidores”, afirma o Sr. Atila Soares em telegrama ao senador alagoano – “O eleitorado é que não nos acompanhou”</i></p> <p><i>Impugnação em massa de urnas em São Paulo</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>ONDE ESTÃO OS VOTOS EM BRANCO DO ELEITORADO VERMELHO? ...</b>  <i>Às vésperas das eleições, o chefe dos patriotas russos no Brasil fez duas coisas soleníssimas: lançou um manifesto pregando a revolução (que no caso só poderia ser bolchevista, e por isso a mais alta Corte de Justiça do País já decretou a sua prisão nos termos do código penal) e determinou aos comunistas que votassem em branco para Presidente da República por considerar indignos de tão seleto eleitorado os quatro candidatos burgueses, imperialistas, reacionários, etc., que concorriam ao pleito.</i>  [...]  <i>Em parte alguma, as Juntas Apuradoras estão encontrando tantos votos brancos como era de esperar. Como não acreditamos não a falta de disciplina dos partidários do Sr. Luis Carlos Lacerda Prestes, somos levados a concluir que essa história de votos em branco não passou de uma atitude “técnica”, a camuflar compromissos previamente assumidos, sabe lá com quem...</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  O Globo é ácido com Luis Carlos Prestes e os comunistas. Relembra que este ordenara aos militantes comunistas que votassem em branco na eleição presidencial. Roberto Marinho diz, através deste editorial que esses votos não apareceram e provoca: teria sido apenas um jogo de cena para dissimular um apoio secreto a algum dos candidatos...</p>
---	--	---

<p>7</p>	<p><i>Aranha reconhece a vitória de Vargas Como adversários – Declarou o ex-chanceler à imprensa norteamericana – Temos de respeitar a vontade popular em prol dos interesses gerais da democracia</i></p> <p><i>Reage o Brigadeiro no Rio</i></p> <p><i>Governo de país, prometeu o Sr. Vargas ao general Góes “Já em 45 eu dizia que o Dr. Getúlio contava com a maioria do povo”, declara o senador alagoano ao O Globo – “protesta S. S. contra insinuações no sentido de que o exército deveria impedir a posse do ex-chefe do governo – “Só em janeiro Vargas retornará ao Rio”, informa o Sr. Danton Coelho</i></p> <p><i>EDITORIAL:</i> <i>A DEFESA DAS INSTITUIÇÕES</i> <i>Selada nas urnas a sorte dos candidatos presidenciais e cada vez mais evidente a vitória do Sr. Getúlio Vargas, Começam a tomar corpo certas insinuações destinadas a empanar o notável espetáculo cívico que foram as eleições de três de outubro. A vingarem tais insinuações a vontade do povo teria de ser desconhecida, se não pela Justiça Eleitoral, pelas Forças Armadas, cuja honra se pretende condicionar à não volta ao poder do antigo ditador.</i> <i>[...]</i> <i>A missão das Forças Armadas, como o deixaram claro aqueles que por elas podem e devem falar, consiste em assegurar a posse do candidato livremente eleito, afinal proclamado pela Justiça Eleitoral.</i> <i>[...]</i> <i>Compreendemos os receios com que parte ponderável da opinião pública recebe a eleição do Sr. Getúlio Vargas. Sabemos que para muitos patriotas, que amam estremecidamente a sua pátria, o antigo Presidente pode representar, pelos seus antecedentes, um motivo de</i></p>	<p>Notícia com possível, mas não indubitável, viés político “americanista” e “legalista”</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p><i>EDITORIAL:</i> Aos que já defendem um golpe contra a posse do presidente eleito Vargas, O Globo responde dizendo que não se pode lançar essa ideia de intervenção no processo democrático e na expressão da vontade popular às Forças Armadas. Elas são as forças abalizadoras do processo legal democrático. Ressalva que também tem receios com a volta do ex-ditador, mas que isso não deve impedir a sua posse.</p>
----------	---	--

	<i>temor para a normalidade democrática do regime. Mas tais receios não devem servir e pretexto para golpes ou quarteladas inadmissíveis.</i>	
8	Não houve edição	Não houve edição
9	<p><i>Fala Getúlio sobre o pleito Embora esquivando-se a declarações formais, o candidato trabalhista alude à crise e ao “abandono em que vive o povo brasileiro”, como causas parciais para a votação que vem obtendo – Na Estância de São Pedro, o colóquio entre o ex-chefe do Governo e os jornalistas – Riu com as últimas anedotas disse ser muito cedo para pensar em ministério – Nunca foi a Iguape, que lhe deu votação total - Passeios pelo campo, todas as manhãs – Chega um avião da Argentina, mas não trouxe Perón</i></p> <p><i>“É uma infâmia! ”</i>  <i>Reage o Sr. Benedicto Valladares às notícias de traição do PSD mineiro ao Sr. Cristiano Machado – Conversou como o general Dutra, mas não foi chamado para dar explicações – Falará oportunamente – Palavras do Sr. Juscelino Kubitschek</i></p>	<p>O Globo reporta sobre Getúlio com naturalidade mas acaba fazendo uma ligação com o então muito malvisto Perón.</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>
10	<p><i>Declara o general Eurico Gaspar Dutra ao presidente do PTB que o vencedor será empossado e que repudia qualquer ideia de golpe</i>  <i>Pensam do mesmo modo o Ministro da Guerra e o comandante da 1ª região</i></p> <p><i>Algumas horas de convívio com o Sr. Getúlio Vargas na estância do Sr. Baptista Luzardo</i>  <i>Alegre e discreto – A “proteção” dos apóstolos – A desolação dos adversários do ex-chefe do Governo e uma frase expressiva de S. Ex.: “É a vida”... – Anedotas, boa disposição de espírito, camaradagem, mas, nenhum pronunciamento por enquanto</i></p> <p><i>A palavra do chefe da Nação ao Sr. Getúlio Vargas</i></p>	<p>O Globo tenta passar uma mensagem gentil para Getúlio Vargas, realça as manifestações legalistas das mais altas autoridades e até indica que tem com ele uma relação normal entre jornal isento politicamente e o Presidente eleito.</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>

	<p><i>Por intermédio do Sr. Danton Coelho, o general Dutra mandou dizer que passará o governo ao eleito, no dia 31 de janeiro que haja ordem é tudo quanto deseja – outros detalhes da entrevista com o presidente do PTB que já seguiu para o Sul</i></p> <p><i>Será empossado o vencedor</i>  <i>Nem plano de golpe contra o Sr. Getúlio Vargas nem exoneração do Ministro da Guerra</i>  <i>O pensamento do general Canrobert Pereira da Costa e do comandante da Região general Zenóbio da Costa</i></p>	<p>O Globo faz inserção exaltando a importância de seguir a legalidade</p>
11	<p><i>UDN e PSD tomam posição</i>  <i>O Sr. Amaral Peixoto ouve os líderes pessedistas e vai propor a convocação do Conselho Nacional da agremiação majoritária – Um novo partido para apoiar o Sr. Vargas – Chega o Sr. Nereu Ramos</i>  <i>Os udenistas em reunião – “Depois da derrota o general precisa ver o que sobrou”, diz a O Globo o coronel Juracy Magalhães – O que o chefe da Nação aconselhou ao Sr. Danton Coelho sobre o futuro governo de conciliação</i></p> <p><i>No Rio, só no dia da Posse</i>  <i>O Sr. Getúlio Vargas firme em não fazer declarações políticas por enquanto e continuar na fazenda de S. Pedro – “Não tenho projetos” – “Vai tudo correndo bem e isto nos é particularmente grato” – pequenas frases e nenhum pronunciamento – O Sr. Danton Coelho apresenta minucioso relatório</i></p>	<p>Notícias políticas sem viés valorativo</p> <p>Notícias políticas sem viés valorativo</p>
12	<p><i>O pleito honrou o Brasil</i>  <i>Satisfeito o presidente da República com as referências elogiosas à conduta do Governo Federal em face das eleições</i>  <i>Deseja o prosseguimento do ambiente de ordem, em benefício do País – São Ex. escusou-se de falar sobre os resultados já apurados – Como o general Dutra se manifestou a O Globo</i></p>	<p>Notícias políticas sem viés valorativo</p> <p>Notícias políticas sem viés valorativo</p>

	<p><i>O encontro de Getúlio Varga - Estilac Leal</i></p> <p><i>Discreto o chefe militar depois de sua conferência com o senador gaúcho – Volta ao Rio o Sr. Danton Coelho de fazer um relatório verbal ao candidato do PTB</i></p>	
13	<p><i>Todo o PSD disposto a apoiar o novo Governo – As sondagens do Sr. Amaral Peixoto</i></p> <p><i>O pensamento de Vargas</i></p> <p><i>Tende o candidato populista a aproveitar os grandes valores morais nos altos cargos da administração – Também nos setores técnicos, aproveitamento de elementos mesmo sem filiação partidária – Colaboração total do PSD – Extinção das favelas e melhoramento no tráfego, pelo metropolitano, na primeira linha dos problemas cariocas – Serão ouvidos hoje os Srs. Nereu Ramos, Góes Monteiro, José Américo e outros próceres – Fala-nos o Sr. Danton Coelho</i></p> <p><i>O povo tudo varreu com o voto</i></p> <p><i>Como um dos candidatos à Presidência da República vê e interpreta o fenômeno das primeiras eleições gerais no Brasil – Houve uma rebelião das massas – Erro ou acerto do eleitorado? – Faz interessantes declarações a O Globo o Sr. João Mangabeira</i></p>	<p><i>O Globo, apesar de tentar aparentar conformismo e aceitação natural da vitória de Vargas, o chama de candidato populista</i></p> <p>A matéria em si não apresenta viés valorativo.</p> <p>Identificado aqui um certo direcionamento ou indução política nas perguntas ao candidato derrotado Mangabeira</p>
14	<p><i>Apoio do PSD e oposição construtiva da UDN</i></p> <p><i>Prossegue o Sr. Danton Coelho nas “démarches” com as duas agremiações – Diz o general Góes que seu partido deve prestigiar o candidato eleito</i></p> <p><i>Guerra de nervos...</i></p> <p><i>Um suposto complô para impedir a posse do Sr. Getúlio Vargas</i></p>	<p>Notícias políticas sem viés valorativo</p> <p>Estaria aqui O Globo se portando como legalista?</p>
15	-	Não houve
16	-	-
17	<p><i>Impossível anular o pleito</i></p> <p><i>Todos os argumentos evocados somente poderiam contra a apuração, e não quanto à eleição em si – O recurso vem</i></p>	Notícias políticas sem viés valorativo

	<p><i>fora do prazo, e o TSE tinha competência para deliberar sobre a constituição das juntas</i></p> <p><i>Em novo sufrágio, proclama o Sr. Ruy Carneiro, teríamos vitória ainda maior – Falam também a O Globo os Srs. José Américo e Chagas Freitas – Adiados o encontro Adhemar-Getúlio – Encontro Danton Coelho-Mendes de Moraes</i></p>	
--	---	--

**Anexo 7**

**Tabela 14: Suicídio de Getúlio Vargas**

DATA	MANCHETES e EDITORIAIS	POSICIONAMENTO POLÍTICO
------	------------------------	-------------------------

<p>10</p>	<p><i>O comercio fechará amanhã, às 10 horas, em todo o Brasil, para que empregados e empregadores assistam as exéquias do major Rubens Florentino Vaz</i></p> <p><i>Identificado o pistoleiro que matou o major Rubem Vaz!</i> <i>Alertado por elementos da guarda presidencial, fugiu do seu esconderijo</i> <i>Quatro integrantes da guarda dissolvida apontados por Carlos Lacerda</i></p> <p><i>O Ministro Nero Moura no Catete</i></p> <p><i>Manter a ordem, a disciplina e a autoridade</i> <i>Fala a O Globo o Ministro da Guerra sobre a reunião e as decisões do Alto Comando – Veemente o desmentido de que pretendia prender brigadeiros e oficiais de outras patentes da Aeronáutica – Também o exército interessado na inflexível apuração das responsabilidades do atentado</i></p> <p><i>O Cardeal oficiará a missa por alma do Major Rubens Vaz</i></p> <p><i>D. Jaime Câmara esperado no Catete</i></p> <p><i>O chefe do Gabinete Militar da Presidência em vigília permanente no Catete</i></p> <p><i>“A UDN acompanhará até o fim os trabalhos de apuração” e acrescenta o líder Afonso Arinos a O Globo: pugnamos pela efetiva punição dos culpados, quaisquer que sejam e aonde quer que se encontrem</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b> <b>CONTRA O CRIME, MAS SEMPRE A FAVOR DA CONSTITUIÇÃO E DA DEMOCRACIA</b> <i>Não era difícil antecipar o tremendo abalo que o crime da Rua Toneleros</i></p>	<p>O Globo retrata uma grande movimentação e comoção com o atentado a Lacerda e a morte de Vaz. O Globo repercute com intensidade essa movimentação.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Sempre a manutenção da ordem e da disciplina</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b> A situação é muito grave, Getúlio Vargas é o culpado por isso, mas é preciso ir com calma, encontrar os culpados, mas em ordem e paz.</p>
-----------	---	---



<p><i>deveria de causar em todas as camadas da população brasileira.</i> [...] <i>Não se pode negar que o Sr. Getúlio Vargas subiu de novo as escadas do Catete numa atmosfera de festivas esperanças. Mesmo os seus mais encarniçados adversários não ousavam vaticinar-lhe o quadro que aí está. Para muitos deles, o líder trabalhista vinha resgatar, afeito pelo povo, os erros do passado e governar, não para os amigos e os correligionários, mas para a nação, com os olhos no julgamento da posteridade.</i> [...] <i>Mas o Presidente constitucional desde logo se colocou numa posição sectária, criando e animando a luta de classes, esforçando-se para implantar o domínio do seu partido [...] e incorrendo na escolha de homens suspeitos para o exercício de certos postos-chave da administração e da política, tentando infiltrar-se nos partidos de oposição [...]. Em breve a corrupção espalhou-se no governo [...]</i> [...] <i>Contra um jornalista de oposição, excessivo, por vezes, nas suas expressões, mas que se fez verdadeiro na luta contra a corrupção, desencadearam-se as fúrias decima, cada vez mais ameaçadoras, até o epílogo do crime em que ferido o jornalista faleceu o jovem digno major Aviador Rubens Vaz, ambos alvejados por sicários [...]. Todas as suspeitas logo convergiram para elementos da intimidade do Governo, embora ninguém atribuisse a autoria do delito ao Sr. Getúlio Vargas, cujo passado não autoriza tão grave reputação.</i> [...] <i>Este jornal, em sua já larga carreira, sempre se conservou fiel às razões que inspiraram Irineu Marinho no ato de sua fundação. Somos e gostamos de ser um órgão da opinião conservadora do País reflexo das tendências médias de nossos</i></p>	<p>Auto definição de o Globo – “Somos e gostamos de ser um órgão da opinião conservadora do País reflexo das tendências médias de nossos concidadãos, dos anseios e esperanças de quantos que desejam que o progresso se faça pela evolução natural, não pelos abalos revolucionários.”</p>
---	---

	<p><i>concidadãos, dos anseios e esperanças de quantos que desejam que o progresso se faça pela evolução natural, não pelos abalos revolucionários.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Daí a nossa autoridade para concitarmos o Governo e o Povo a que se conttenham dentro das regras constitucionais [...].</i></p>	
11	<p><i>Prisão do homem-chave a qualquer instante!</i></p> <p><i>Oficiais da Aeronáutica já na pista de Climério Eurides de Almeida</i></p> <p><i>Não pensam em subversão da ordem!</i></p> <p><i>Porque a segunda nota do Alto Comando do exército, esclarecendo não se ter cogitado de prestar solidariedade ou não ao governo – Novos esclarecimentos do Ministro da Guerra em declarações a O Globo</i></p> <p><i>Repercussão favorável, no Catete, às palavras do Brigadeiro Eduardo Gomes. Satisfeito o próprio Presidente Vargas com o sereno pronunciamento do líder da Aeronáutica</i></p> <p><i>Fusão do PSD, da UDN e do PR, propõe o senador Bernardes</i></p> <p><i>O Presidente da República irá mesmo a Belo Horizonte</i></p> <p><i>“Esse episódio lamentável não causará a perturbação da ordem”</i></p> <p><i>A advertência do almirantado – A palavra esclarecedora do Ministro da Marinha</i></p> <p><i>“Podem me acordar”</i></p> <p><i>O Sr. Getúlio Vargas declarou ao coronel Adil que a qualquer hora estaria à disposição das investigações. “Podem me acordar a qualquer hora da noite”, frisou. E forneceu ao coronel Adil o número do seu telefone particular</i></p>	<p>Informações gerais sobre o atentado</p> <p>Notícia enaltece o legalismo das Forças Armadas</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo enaltece o papel das Forças Armadas</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Box veiculado por O Globo fazendo público o repúdio e indignação dos membros da Aeronáutica com o</p>

	<p><i>BOX<sup>65</sup> ESPECIAL:</i>  <i>Dos oficiais da Aeronáutica ao povo:</i>  <i>Há seis dias foi covardemente assassinado o major Rubens Florentino Vaz, eliminado por facínoras, não lhe foi dada a mínima chance de defesa, morreu inocente. Exigimos justiça.</i></p>	<p>assassinato de um de seus colegas de armas e exigindo a prisão imediata dos responsáveis. Este box será diariamente repetido diariamente ainda por mais de um mês.</p>
12	<p><i>Não foi discutida a renúncia do Presidente da República na reunião das classes armadas</i>  <i>Formal contestação dos Ministros da Guerra e da Marinha e do Marechal Mascarenhas de Moraes</i></p> <p><i>Ganham as ruas os últimos acontecimentos políticos</i></p> <p><i>A sensação de ontem: o depoimento de Gregório</i>  <i>Deixou a entender o ex-chefe da guarda presidencial que a responsabilidade pela fuga do criminoso Climério caberia ao chefe do gabinete Militar da presidência da República – Adoeceu após o hábil interrogatório – Quanto possui e quanto ganha</i></p> <p><i>Liquidariam o Sr. Carlos Lacerda</i>  <i>Grave denúncia levada ao conhecimento da Câmara pelo deputado Aureliano Leto – Comprometido o Sr. Luthero Vargas – A posição da UDN segundo os Srs. Bilac Pinto e Afonso Arinos</i></p> <p><i>Parte a polícia ao encontro de Climério e esposa</i></p> <p><i>Contesta o general Caiado de Castro</i>  <i>O chefe do Gabinete da Presidência República declara a O Globo que ordenou a prisão de Climério assim que constatou tratar-se de elemento da guarda presidencial.</i></p> <p><i>EDITORIAL:</i>  <i>O FEIXE DAS VARAS E A UNIÃO DAS CLASSES ARMADAS</i></p>	<p>Preocupação de o Globo de isentar as Forças Armadas de qualquer participação nos eventos.</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo repercute as investigações sobre o atentado da Rua Toneleros</p> <p>O Globo veicula com tom dramático notícia sobre o atentado contra Lacerda  Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>EDITORIAL:</p>

<sup>65</sup> Box é um recurso gráfico-jornalístico no qual dá destaque a um texto colocando-o na página dentro de uma espécie de quadrado formado por linhas.

	<p><i>A nação está longe de convalescer do choque emocional que a tragédia da Rua Toneleros provocou em todas as classes sociais.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Mas a verdade é que a autoria material já se pode levar à debito da tristemente famosa guarda pessoal do Sr. Getúlio Vargas, estando em plena luz o capanga Climério Eurides de Oliveira que é, comprovadamente, "cria" da fazenda presidencial no Rio Grande.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Não é necessário atribuir ao Sr. Getúlio Vargas nem mesmo ao seu filho Luthero Vargas a ordem de fuzilar traiçoeiramente o jornalista da oposição, para que se configure em plena luz, a responsabilidade do governo na obra dos assassinos do major Rubens Vaz, quanto mais não seja pela manutenção dos sicários arregimentados numa guarda presidencial.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>O Sr. General Zenóbio da Costa já lhes embargou os passos quando garantiu com a sua assinatura, que a reunião do Alto Comando do Exército tivesse tido por objeto manifestar ou negar solidariedade ao Presidente da República [...].</i></p> <p><i>Mantenham-se os homens de farda unidos e fiéis à Pátria, acima de políticos e partidos, que a crise será superada sem prejuízo – antes com vantagem – para a punição dos criminosos por mais poderosos que sejam.</i></p>	<p>Apesar de a responsabilidade pela autoria do atentado já estar indubitavelmente ligada ao governo Getúlio Vargas, O Globo pede serenidade e muito ponderação e postura legalista por parte das Forças Armadas.</p>
13	<p><i>A nação não irá à anarquia Incisivas declarações do Ministro da Guerra – A guarda será toda metida na cadeia caso se comprove a sua responsabilidade – Apelo aos jornalistas e aos políticos – O espírito da nota do generalato</i></p> <p><i>Regressou o Presidente da República O Presidente da República regressou esta manhã de Belo Horizonte tendo sido recebido por Ministros de Estado e altas autoridades</i></p>	<p>O Globo enaltece o papel das Forças Armadas</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>

<p><i>Estes depoimentos são indestrutíveis E o Sr. Aldo Lúcio Cardoso afirma a O Globo que os testemunhos ontem tomados, comprovando a participação da guarda pessoal do Sr. Getúlio Vargas no atentado, estão num cofre à disposição das autoridades</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p>
<p><i>Preparada mesmo a fuga dos pistoleiros pelo subchefe da guarda pessoal presidencial João Valente de Souza, que forneceu todos os recursos aos sicários, levado para o Galeão, está sendo ouvido pelas autoridades militares</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p>
<p><i>A confissão explícita de Gregório Fortunato Conclusões das autoridades de uma resposta do chefe da extinta guarda presidencial</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p>
<p><i>Importante reunião de generais, brigadeiros e almirantes</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p>
<p><i>A nação ainda não se refez do golpe nem da inquietação. Reafirma o Sr. Aliomar Baleeiro a responsabilidade do Presidente da República – Ainda uma vez reclamada a renúncia do Sr. Getúlio Vargas – No Senado o Sr. Reginaldo Cavalcanti combate a tese da renúncia presidencial</i></p>	<p>O Globo repercute o pedido de renúncia de Getúlio Vargas por deputados na Câmara</p>
<p><i>“Não sei de crise nenhuma” E o Sr. Getúlio Vargas acrescenta: Não renunciarei nem jamais pensei, ao menos, em renunciar” - Como o Presidente da República falou aos jornais em Belo Horizonte – Uma frase do líder Gustavo Capanema, sobre o discurso do Chefe de Governo: “De agredido o Sr. passou a agressor”- Protesto estudantil e um incidente com a deputado Último de Carvalho</i></p>	<p>O Globo repercute a reação de Getúlio Vargas às acusações e pressões que vem sofrendo</p>
<p><i>EDITORIAL: CATILINA EM BELO HORIZONTE</i></p>	<p><i>EDITORIAL:</i></p>

	<p><i>Quando a nação exprime a sua indignação crescente ao saber que os autores do crime na Rua Toneleros se encontravam na guarda pessoal do Presidente da República [...] o Sr. Getúlio Vargas aproveita a inauguração da Usina da Mannesmann para dirigir-se ao povo brasileiro vestindo a pele do cordeiro de Deus! A técnica de defender-se atacando remonta à estratégia dos velhos capitães da antiguidade, mas neste momento, as palavras ofensivas de S. Ex. soam falsas a todos os ouvidos [...]. Do que se queixa afinal o Sr. Getúlio Vargas? De que seus adversários “falseando os fatos e fantasiando as intenções têm o propósito de gerar a confusão pela mentira, para levarem o País a desordem, ao caos e a anarquia”.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Se, porém, a intenção de S. Ex. foi ameaçar, como o resultado de vários trechos, mais lamentável é ainda a atitude de S. Ex. Até hoje ninguém deixou de considerar S. Ex. ausente da preparação e insciente do crime, na sua materialidade, embora todos reconheçam a sua responsabilidade moral pelo ocorrido [...].</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>O Globo tem pregado desde o primeiro momento a necessidade de serem punidos os assassinos, mas de preservar-se, mas de preservar-se, ao mesmo tempo, a legalidade constitucional, de modo que a crise não arraste em seu vartilhão a democracia tão dificilmente renascida depois de oito anos de ditadura.</i></p>	<p>O Globo critica a reação de Vargas às acusações que o comprometem diretamente no atentado. Deveria assumir uma postura no mínimo mais serena.</p> <p>Acusa Vargas de anunciar grandes feitos em Minas, quando sua responsabilidade nos feitos é mínima. Defende punição aos culpados, doa a quem doer.</p>
14	<p><i>O Sr. Luthero Vargas apresenta-se à Comissão de Inquérito disposto a abrir mão de suas imunidades para facilitar o esclarecimento do atentado!</i></p> <p><i>O autor do atentado já foi preso e confessou</i></p> <p><i>Teria afirmado que agira a mando do Sr. Luthero Vargas, não para matar Carlos</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>

	<p><i>Lacerda, mas, apenas, para atingi-lo no pé!</i></p> <p><i>Sejam quais forem os culpados devem ser entregues à justiça</i>  <i>Enérgica proclamação do Ministro da Guerra – “não medirei esforços para que sejam garantidas as liberdades constitucionais” – Conferência reservada com o general Zenóbio da Costa com o Brigadeiro</i></p> <p><i>Toda a vigilância sob os preceitos constitucionais</i>  <i>O que ficou decidido pelos oficiais da Armada, na Assembleia do clube naval ontem realizada</i></p> <p><i>Governo vai responder ao líder da minoria</i>  <i>Discurso do Sr. Vieira Lins, segunda-feira – esclarecimentos do deputado Augusto do Amaral Peixoto sobre a proposta de um triunvirato militar – Agiu por conta própria e não em nome do Presidente da República</i></p> <p><i>Empossado o novo diretor da Divisão da Ordem Política e Social</i></p> <p><i>Veemente libelo do senador Bernardes Filho</i>  <i>Ao comentar, na Monroe, o discurso presidencial em Minas Gerais – Má fé do Presidente enumerando seus benefícios a Minas – Transcrito nos anais o editorial de o Globo – “O chefe do governo é o único pela desordem e pela corrupção no Brasil” diz o senador Hamilton Nogueira</i></p>	<p>O Globo enaltece mais uma vez o papel e importância das Forças Armadas para o país e a política</p> <p>Notícia sobre as Forças Armadas reforça o comprometimento destas com o respeito aos preceitos constitucionais</p> <p>O Globo dá espaço para manifestação das forças da situação</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo reproduz acusações veementes a Getúlio Vargas</p>
15	Não houve edição	Não houve edição
16	<p><i>Gregório Fortunato foi preso e recolhido, incomunicável, ao Hospital Geral da Marinha</i></p> <p><i>Novas prisões de implicados no atentado, inclusive um vigilante municipal do Rio!</i></p> <p><i>As pegadas do chefe dos pistoleiros</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>

	<p><i>Em qualquer eventualidade o Exército manter-se-á dentro dos preceitos constitucionais</i></p> <p><i>Em assembleia extraordinária reuniu-se sábado o Clube Militar como foi amplamente divulgado, para analisar a situação decorrente do atentado que vitimou o major-aviador Rubens Florentino Vaz e p estudar a conduta a ser mantida pelo Exército em face dos acontecimentos.</i></p> <p><i>O compromisso de honra dos chefes militares</i></p> <p><i>Fala a O Globo sobre a moção votada na assembleia do clube militar o Ministro da Guerra</i></p> <p><i>Não foi chamado ao Catete – “Quanto a mim, frisa o general Zenóbio da Costa, todos sabem que o meu ponto de vista é da dignidade, da liberdade e da apuração inflexível do atentado</i></p> <p><i>A nova direção do inquérito policial</i></p> <p><i>Fala a O Globo o novo delegado Silvio Terra</i></p> <p><i>Nenhuma promessa de apresentação dos culpados até amanhã</i></p> <p><i>O coronel João Adil de Oliveira desmente declarações que lhe foram atribuídas numa irradiação</i></p> <p><i>Severa vigilância da FAB e da polícia em São Paulo</i></p>	<p>Destaque para pronunciamentos dos militares, que por sua vez defendem que se deve apurar tudo, mas em consonância com os preceitos constitucionais</p> <p>O Globo repercute movimentação militar</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>
17	<p><i>Preso Climério</i></p> <p><i>Já está recolhido à base aérea no Galeão</i></p> <p><i>Forças de terra e ar na mais sensacional diligência de todos os tempos</i></p> <p><i>Fugira da casa onde se acoitara à aproximação da caravana que ia captura-lo</i></p> <p><i>Onde a fera foi acuada</i></p> <p><i>Cães policiais na captura</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>



	<p><i>A caçada espetacular</i></p> <p><i>José Soares quer entregar-se</i>  <i>Outra nota sensacional é que José Nunes Soares, outro pistoleiro da guarda presidencial e aquele que empreitou diretamente o sicário João Aldino do Nascimento para a tocaia sinistra e covarde na Rua Toneleiros, quer entregar-se às autoridades. Seu advogado já iniciou sondagens nesse sentido, ao que soubemos</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>
18	<p><i>Documentos arrancados de Gregório revelariam o verdadeiro mandante!</i>  <i>Falando à reportagem de O Globo, admite o coronel Adil de Oliveira que é forte a suspeição contra certa figura de relevo da política nacional, cujo nome deve permanecer em segredo</i></p> <p><i>“Lutero? Não creio” acrescenta, reticente, o presidente da Comissão Militar de Inquérito – Climério só vai depor quando voltar a lucidez completa – Absurda a hipótese de a Aeronáutica interpelar o Ministro da Justiça</i></p> <p><i>Enquanto Gregório Fortunato chora ao ser interrogado: “Pelo amor de deus não me mate” implora Climério ao ser capturado</i>  <i>Sensacional relato a O Globo pelo comandante Carlos Niemayer, que tomou parte ativa na captura do sicário</i></p> <p><i>“Com a prisão agora dos culpados, estou confiante em que tudo se esclarecerá” Uma frase do Presidente da República sobre os acontecimentos que emocionam a nação</i></p> <p><i>Gregório levanta dinheiro no Banco do Brasil</i></p> <p><i>O novo Ministro da Aeronáutica</i></p> <p><i>Entrou, olhou e saiu...</i>  <i>O Sr. João Goulart visitou a sala dos chapéus da Câmara para não perder o mandato de deputado</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo reproduz aqui uma referência à suspeição de participação no atentado de uma figura política de relevo, obviamente do campo da situação</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo dá espaço para o Presidente</p> <p>Possível viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>

	<p><i>A polícia começa a ouvir os pistoleiros. Detida a esposa de Climério, não tendo sido possível fazer-se ainda a sua acareação com o facínora Oscar Domingo dos Santos, um farsante – Novas declarações por ele feitas por ele a O Globo – Prosseguem, em São Paulo, a caçada a Antônio Soares - Revelações sobre a Hudson misteriosa – Outros informes</i></p>	<p>Notícia com viés valorativo</p>
19	<p><i>Eis os criminosos presos no Galeão</i></p> <p><i>Climério pronto para a confissão sensacional!</i></p> <p><i>Agora é o cerco psicológico ao pistoleiro que se incumbira da execução do atentado – Teriam sido apreendidas cédulas falsas no gabinete de Gregório Fortunato – Série e estampa que provam ser o dinheiro da mesma origem – Apelo da mãe de Soares para que ele se apresente à polícia – Documentos altamente comprometedores – a ação da polícia técnica e os primeiros depoimentos</i></p> <p><i>O novo titular da Aeronáutica define a O Globo o seu lema:</i></p> <p><i>Acima de tudo, os interesses da Força Aérea Brasileira e, portanto, da nação</i></p> <p><i>O novo Ministro confia na união da Aeronáutica</i></p> <p><i>“Que Deus nos inspire a manter a união de todos os brasileiros”</i></p> <p><i>Palavras do general Zenóbio da Costa em ordem do dia quando era recebido o fogo simbólico do Ministério da Guerra - Reafirma S. Ex. a O Globo que as Forças Armadas estão com a constituição e a lei – Não poderia ter influenciado na escolha do novo Ministro da Aeronáutica</i></p> <p><i>Os mandantes do atentado</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia de natureza política a respeito das Forças Armadas</p> <p>Notícia de natureza política a respeito das Forças Armadas</p> <p>O Globo reforça de forma reiterada o discurso de respeito às Forças Armadas e enaltece o comprometimento destas com a constituição</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>

	<p><i>Nada contra os Srs. Luthero Vargas, Danton Coelho e João Goulart – Quanto ao Sr. Benjamim Vargas, nada de positivo – Climério, um farsante, procurando inocentar-se – Declarações do coronel Adil de Oliveira</i></p> <p><i>Renúncia do Presidente da República, insiste a minoria parlamentar</i></p> <p><i>Animados debates na Câmara e no Senado – Falam os deputados Alberto Deodato e Frota Aguiar, e Hamilton Nogueira e Bernardes Filho – o Sr. Bilac Pinto critica a escolha do novo Ministro da Aeronáutica</i></p> <p><i>O Marechal Dutra não vai discursar</i></p> <p><i>Os esclarecimentos do ex-presidente da República sobre sua ida a Belo Horizonte, sábado próximo, e sobre o encontro de ontem com o governador Amaral Peixoto</i></p> <p><i>“Cão fiel, incapaz de abandonar o dono”...</i></p> <p><i>A Sra. Gregório Fortunato fala da dedicação do ex-chefe da guarda presidencial ao Presidente Vargas – esquece a esposa e os filhos para melhor atender S. Ex. – não acredita que o marido estivesse envolvido no brutal atentado na Rua Toneleros</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>
20	<p><i>Soares trazido preso de avião</i></p> <p><i>Entregue, pela manhã, à Comissão Militar de Inquérito no Galeão, o “guitarrista” que arranhou o executor do atentado. Nega tenha participado do brutal crime</i></p> <p><i>O “tenente” Gregório, intermediário de escusas negociatas na CEXIM</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p>

<p><i>[...] O ex-chefe da guarda pessoal do Presidente adquiriu por cerca de 4 milhões de cruzeiros, uma fazenda a um filho do Sr. Getúlio Vargas – Sócia a esposa de Fortunato de mercadinho de Copacabana – Despesas pessoais elevadas e compra de um cavalo de corridas</i></p> <p><i>A negociata não teria sido deferida Esclarecimentos do Sr. Coriolano do Góes a O Globo</i></p> <p><i>Climério começa a falar a verdade Já seria conhecido o nome do mandante do atentado – Somente amanhã, porém, o depoimento oficial</i></p> <p><i>Preso Arquimedes Manhães</i></p> <p><i>Nada que possa obstar a completa elucidação do crime</i></p> <p><i>Fria a confissão do assassino do major Depois do crime, teve coragem de dizer para os comparsas “que ia bem, graças a Deus” – o desarranjo do carro de Soares evitou que matasse Carlos Lacerda em Barra Mansa – Confiou na “força superior do Dr. Luthero Vargas” – Climério disse-lhe que o deputado é quem lhe mandara 10 mil cruzeiros – Afirmou que o major Rubens Vaz morreu lutando bravamente</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b> <b>UM LÍDER OU UM DISCURSO APENAS</b> <i>[...]</i> <i>O que a nação esperava do brilhante espírito do deputado mineiro (líder da maioria, Gustavo Capanema) era uma peça ponderada e alta, confessando a sua fé na inocência do Presidente, mas concitando o povo para remeter a tomada de suas decisões para depois da apuração do crime e da investigação rigorosa sobre quais foram os seus autores materiais ou intelectuais. Porque em verdade, excluir desde já (quando o</i></p>	<p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>EDITORIAL: Critica o líder da maioria no parlamento, ao estranhar sua atitude de acobertamento e expressão de pré-julgamento da inocência de Getúlio Vargas.</p>
--	--

	<i>Sr. Capanema confessa também “estar na expectativa do inquérito”) a renúncia do Sr. Getúlio Vargas é assumir uma atitude puramente partidária, não filia-la à uma solução de justiça ou de dignidade da mais alta magistratura da República.</i>	
21	<p><i>Novas revelações hoje sobre o inquérito policial-militar.</i></p> <p><i>Teria o Presidente da República violado o compromisso sagrado de defender as leis</i></p> <p><i>Fugiu com medo de Climério!</i></p> <p><i>Surpreendente revelação de Soares à reportagem de O Globo – Afirmou que antes do pistoleiro ter falado nada saberia explicar sobre o crime</i></p> <p><i>Esteve na caixa de amortização, trocando o dinheiro – Disposto a acusar – Climério depõe, afinal – Teria feito revelações sensacionais – Tomada de depoimentos até a madrugada – Suspensas a vigilância nas barreiras e as investigações na Aeronáutica – As atividades na Polícia Técnica – Prisão preventiva para João Alcino do Nascimento</i></p> <p><i>Ninguém pode duvidar do rigor do inquérito policial-militar</i></p> <p><i>Reúne-se o Alto Comando do Exército com altas patentes das Forças Armadas</i></p>	<p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p>
22	Não houve edição	Não houve edição
23	<p><i>O Globo revela o sentido de uma importante conferência</i></p> <p><i>O Sr. Café Filho propõe dupla renúncia em benefício da salvação nacional</i></p> <p><i>Tanto o Vice-Presidente como o Sr. Getúlio Vargas deixariam o Poder, passando o Poder para o presidente da Câmara dos Deputados – Neste caso, o Congresso dentro de 30 dias elegeria o novo Presidente, que completaria o mandato do renunciante nos termos da Constituição</i></p>	Notícia política sem viés valorativo

<p><i>Recusada a proposta pelo chefe de Governo O Presidente da República recusa-se a renunciar.</i></p> <p><i>Os dramáticos acontecimentos da noite de ontem e da madrugada de hoje nesta capital – Como se desenvolveu a histórica reunião dos brigadeiros no Clube da Aeronáutica Dez horas de debates sob uma expectativa de intenso nervosismo - A atuação do brigadeiro Eduardo Gomes e a reunião decisiva na residência do marechal Mascarenhas de Moraes – A atitude do Ministro da Guerra – Conferenciou com o titular da Aeronáutica e partiu, em seguida, para a Vila Militar – O ambiente no Palácio do Catete – Rigorosa prontidão das Forças Armadas – Censura às estações de rádio – Preso Raul Brunini – Carlos Lacerda na base aérea do Galeão</i></p> <p><i>O Marechal Mascarenhas de Moraes em conferência com o Ministro da Guerra às 2 horas de hoje</i></p> <p><i>“Reina a mais completa ordem em todo o território nacional” Uma nota oficial do Ministério da Guerra sobre os acontecimentos</i></p> <p><i>“Não tive e nem tenho qualquer ligação com esse lamentabilíssimo atentado” Afirma o deputado Evaldo Lodi – Compareceu espontaneamente ao Galeão afim de saber o que havia e prestar esclarecimentos julgados necessários</i></p> <p><i>NÃO RENUNCIAREI Como o Sr. Getúlio Vargas respondeu a proposta que lhe levou o Marechal Mascarenhas de Moraes “Fui eleito pelo povo para um período de cinco anos. Não me deixarei me desmoralizar pelos que pretendem abreviar meu tempo de governo. Não renunciarei” – Foi a resposta do Sr.</i></p>	<p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>O Globo reporta as movimentações de militares e políticos que em seu ápice levaram ao suicídio de Vargas</p> <p>Idem</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo abre espaço para uma firme manifestação de resistência de Getúlio</p>
--	---

	<p><i>Getúlio Vargas ao Marechal Mascarenhas de Moraes, por ocasião do Chefe do Estado Maior das Forças Armadas entregar a S. Ex. o memorial dos brigadeiros.</i>  <i>O Marechal Mascarenhas de Moraes fez, então, uma continência ao Presidente da República e acentuou:</i>  <i>- Eu acompanharei V. Ex.</i></p> <p><i>“O Getúlio só renunciará depois de morto! ”</i>  <i>Uma frase do Ministro da Guerra a propósito da situação</i></p> <p><i>Em grande atividade o Sr. Gustavo Capanema</i>  <i>Avistou-se com os Ministros da Guerra e da Justiça e com o chefe de polícia</i></p> <p><i>”A inabalável visão do governo é a de defender intransigentemente, o mandato que lhe conferiu o povo brasileiro, cumprindo e fazendo cumprir a Constituição”</i>  <i>Declarações do General Caiado de Castro, em nome do Governo</i></p> <p><i>“A situação não justifica qualquer alarme e o Governo conta com o apoio das Forças Armadas para repelir qualquer agitação</i>  <i>(Da nota especial do Ministério da Justiça)</i></p> <p><i>O Marechal Mascarenhas de Moraes recusa-se a comentar os acontecimentos</i></p> <p><i>Gregório recebia dinheiro em profusão e de diversas fontes</i></p>	<p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo abre espaço para manifestação do governo</p> <p>Idem</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>
24	<p><i>SUICIDOU-SE</i>  <i>O SR. GETÚLIO VARGAS</i>  <i>O chefe do Governo desfechou um tiro no coração nos seus aposentos</i>  <i>Morreu de fisionomia serena, esboçando um leve sorriso – Uma declaração escrita – o desespero de D. Darcy e da Sra. Amaral Peixoto – Em pranto convulso o Sr. Oswaldo Aranha – Grande massa popular no Catete</i></p>	<p>O Globo não tinha nada a manifestar nesse dia.  Somente reportar o fato.</p>

	<p><i>Eduardo Gomes e Prado Kelly em conferência</i>  <i>O Brigadeiro Eduardo Gomes esteve em conferência na manhã de hoje, com o Sr. Prado Kelly, em sua residência [...]. Às 7 horas saiu pelos fundos, entrando rapidamente num carro oficial, que era guardado por praças com metralhadoras.</i>  <i>- Mais uma vez as Forças Armadas vêm ao encontro do povo para salvar o Brasil.</i></p> <p><i>A CARTA DEIXADA PELO PRESIDENTE VARGAS</i></p>	<p>A divulgação da informação do encontro político do Brigadeiro Eduardo Gomes pouco tempo antes de se consumar o suicídio de Vargas é expressivo. A última frase da matéria, mais ainda.</p> <p>O Globo é obrigado veicular a Carta-Testamento de Getúlio Vargas e a assumir, mesmo que indiretamente, o seu papel no processo que levou ao suicídio ao divulgar a Carta-Testamento</p>
25	<p><i>Mantendo sua iniciativa como Vice-Presidente, o Presidente Café Filho receberá o povo, no Palácio do Catete, em dia a ser determinado</i></p> <p><i>Trasladado para São Borja o corpo do Sr. Getúlio Vargas</i></p> <p><i>Eleições que atestem a vontade real da nação</i>  <i>Fala a O Globo o novo Ministro da Justiça, Desembargador Seabra Fagundes – A preocupação do governo será um clima de segurança para o pleito de 3 de outubro</i></p> <p><i>Recusa convites o Sr. Helmano Cardim [...] Pretendeu o Sr. Café Filho prestar à imprensa na pessoa de um de seus mais eminentes representantes, homenagem da maior significação</i></p> <p><i>O Sr. Benjamim Vargas foi intimado a depor no Galeão</i></p> <p><i>Já está sendo formado um ministério de união nacional</i></p>	<p>Um dia após o suicídio O Globo já fala com naturalidade de Café Filho como novo Presidente  Indicação de que Roberto Marinho dará apoio ao novo governante</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia com possível viés valorativo: apoio ao governo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia com viés valorativo, já que O Globo não dá trégua ao grupo de Vargas no caso do atentado da Toneleros nem com a recente tragédia.</p>



	<p><i>Três Ministros escolhidos: o Brigadeiro Eduardo Gomes no Ministério da Aeronáutica, o Desembargador Seabra Fagundes no Ministério da Justiça, o senador Alencastro Guimarães para o Trabalho – O general Juarez Távora na chefia do Gabinete Militar – O primeiro dia do novo Presidente</i></p> <p><i>Considera um dever de soldado e de cidadão</i></p> <p><i>Como o Brigadeiro Eduardo Gomes se referiu, em palavras, a O Globo, à missão que lhe conferiu o Presidente Café Filho – A posse do novo Ministro da Aeronáutica</i></p> <p><i>Fortalecer o novo governo</i></p> <p><i>Fala a O Globo o presidente da UDN, o Sr. Artur Santos – Considera o Sr. Café Filho isento de qualquer suspeição partidária, conclama todas as correntes políticas a apoiarem a sua administração, em defesa do regime democrático – A questão da maioria parlamentar</i></p> <p><i>Comunistas dirigindo as manifestações populares</i></p> <p><i>Bandos contra jornais e estações de rádio</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Os capangas mobilizados por essa máfia e devidamente municiados de pedras e cacetes, foram atirados contra os jornais e as organizações que se destacaram no combate ao estado de coisas que levou a eclosão da crise política atualmente encerrada.</i></p> <p><i>Alguns desses desordeiros realizaram manifestações hostis diante da redação do Globo e dos estúdios da Rádio Globo, o que nos levou a solicitar as garantias das Forças Armadas, que agiram com a presteza possível e com a energia serena e louvável.</i></p>	<p>Notícia com possível viés valorativo: indício de apoio ao governo?</p> <p>Notícia com possível viés valorativo: possível o apoio ao governo em função de seu perfil conservador e a identificação de longa data de Roberto Marinho com a UDN</p> <p>Mais uma manifestação da repulsa de Roberto Marinho aos comunistas</p> <p>O Globo reporta os ataques que sofreram de populares órgãos de imprensa identificados como inimigos de Getúlio Vargas e que teriam ajudado a leva-lo ao suicídio. Se inclui entre os atingidos e chama os que perpetraram esses atos de capangas, bandos e desordeiros.</p>
26	<p><i>Torpe manipulação visando a impunidade</i></p> <p><i>(EDITORIAL em forma de matéria)</i></p>	<p>O Globo volta rapidamente ao confronto contra o varguismo após o choque do suicídio de Vargas, isenta-o</p>

<p>[...]  <i>Estão enganados os que imaginam arditosamente aproveitar-se de um dramático episódio, que veio acabrunhar os brasileiros de todos os partidos, para absolver-se das tremendas culpas de que terão que prestar contas à nação. Os falsos amigos do Presidente extinto, os que provocaram a crise, com seus desmandos, oferendo um espetáculo de degradação a bem dizer único na história dos povos modernos, os que com suas maquinações criminosas envergonharam a nacionalidade diante do mundo civilizado – terão de ajustar as contas com a justiça ou com o tribunal da opinião pública. De nada lhe valerá o embuste, a mistificação, a felonía!</i></p> <p><i>Saques e depredações em Porto Alegre</i></p> <p><i>“O PSD não está acéfalo”  Fala a O Globo sobre o caso da presidência daquele partido o Sr. Benedicto Valladares – Reúnem-se hoje o PTB e o PSP para fixarem suas posições em face do novo Governo</i></p> <p><i>Gregório não agiu por conta própria  Caracterizada sua função na chefia do atentado na Rua Toneleros – admite tratar-se de dinheiro seu o que foi encontrado em poder dos pistoleiros, mas não dá explicações sobre o fato – Identificado o assassino profissional vindo do Recife – Recusa-se Gregório a alimentar-se</i></p> <p><i>Um grande cortejo conduziu o corpo do Sr. Getúlio Vargas do aeroporto à prefeitura de São Borja</i></p> <p><i>O chefe de polícia pediu exoneração</i></p> <p><i>O Ministro da Marinha não aguardará o seu substituto</i></p> <p><i>Escolhido o novo Ministro da Aviação</i></p>	<p>de culpa e ataca a quem investe na atmosfera de caos e insegurança, se aproveitando do momento de dor nacional.  Identifica e promete justiça para aqueles que tentam se esconder por trás da dor do momento para escapar de suas responsabilidades pelos episódios que causaram a tragédia. É um aviso para quem ficou vivo. Jango, talvez?</p> <p>O Globo noticia agitação social</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo continua a repercutir a sequência do atentado na Toneleros, não deixa o assunto cair no esquecimento</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>
--	--

	<p><i>Repercutem nos EUA as demonstrações anti-norteamericanas no Brasil</i></p> <p><i>Identificados os comunistas que instigavam a população</i></p>	<p>O Globo sempre valorizando o que vem dos Estados Unidos</p> <p>Ataque permanente aos comunistas</p>
27	<p><i>Condena o sr. Oswaldo Aranha depredações, arruaças, greves ou quaisquer violências</i></p> <p><i>“A justiça é obra do tempo conjugada com a serenidade”, declara o ex-Ministro da fazenda [...] Dá o seu testemunho quanto à autenticidade da mensagem de despedida do Sr. Getúlio Vargas, afirmando que, em absoluto, não era carta de um suicida – Seria para caso da morte do ex-Presidente na luta contra os invasores do Palácio</i></p> <p><i>Madrugador o Sr. Café Filho</i></p> <p><i>Regime de austeridade no campo econômico</i></p> <p><i>O Ministro Eugênio Gudin falou a O Globo logo após a confirmação da sua nomeação</i></p> <p><i>“São Paulo não tem nenhuma reivindicação a fazer”</i></p> <p><i>Foi o que disse o Governador Lucas Garcez à reportagem de O Globo</i></p> <p><i>Em benefício da ordem e da tranquilidade</i></p> <p><i>“Recebi a notícia de minha nomeação sob o impacto de uma surpresa” – Diz a O Globo o General Teixeira Lott, novo Ministro da Guerra</i></p> <p><i>Sepultado na terra natal o Sr. Getúlio Vargas – No sepultamento do Sr. Getúlio Vargas, em São Borja, falaram a beira do túmulo os Srs. Oswaldo Aranha, João Goulart, Ruy Ramos, Tancredo Neves, governador Ernesto Dornelles, o representante do governo do Paraná e um gaúcho da fronteira, não identificado. O Sr. João Goulart, durante todo o seu discurso, chorava copiosamente. Falando a O Globo sobre as cerimônias fúnebres, disse o Sr.</i></p>	<p>Roberto Marinho ressalta a necessidade permanente de respeito à ordem. Contra arruaças, greves, depredações, etc.</p> <p>O Globo traz aqui uma versão pouco ventilada de que Getúlio Vargas não quis se matar, dada ao jornal pelo ex-Ministro da Fazenda, Oswaldo Aranha.</p> <p>O Globo dá sinal de apoio ao novo Presidente</p> <p>O Globo começa a indicar boas atitudes do novo Presidente. Nomeado para Ministro da Fazenda o liberal Gudin</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo enaltece mais uma vez a questão da manutenção da ordem</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>

<p><i>Oswaldo Aranha: “nunca vi, em minha vida, homenagem tão comovente. Todo o povo de São Borja chorou a morte de seu querido conterrâneo. ”</i></p> <p><i>Não serão adiadas as eleições</i></p> <p><i>O novo chefe de polícia</i></p> <p><i>O PSD consegue, afinal, a unidade que não tinha</i></p> <p><i>“Nada teria a ver com o atentado da Rua Toneleros o Sr. Euvaldo Lodi”</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b> <b>FILOSOFIA DA CRISE</b> <i>Estamos afortunadamente a emergir do pior da crise, que durante mais de três semanas parecia ameaçar de colapso a vida nacional em todos os seus domínios. [...] Ainda não desapareceram todos os sintomas que a todos atingiram, mas já se pode notar a volta de um sangue frio, o começo de serenidade, o desejo generalizado que a nação convalesça do temendo choque e retome o caminho natural de seu destino. [...] O pesar pelo desaparecimento de Getúlio Vargas não houve se não uma unanimidade comovedora e compacta. Amigos, adversário se indiferentes – todos se solidarizaram no prantear, cada qual nos seus altares, a figura do insígnio líder desaparecido pelo decreto de uma trágica autodecisão. Muito cedo ainda para estudar-se, mesmo que parcialmente o homem e a obra, que encheram de luta, aplausos e contestações estes agitados últimos 25 anos. Ninguém, entretanto, lhe regateou, nem lhe poderia regatear, a enorme soma de serviços prestados à coletividade. Se é cedo para o arrolamento deles, muito mais para uma conscienciosa avaliação de seus erros. [...]</i> <i>Vai o Presidente Café Filho, um homem do povo, enfrentando com firmeza a grave missão de reestabelecer as boas</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia com ironia política</p> <p>O Globo ainda repercute o atentado da Rua Toneleros</p> <p><b>EDITORIAL:</b> O Globo faz, decorridos 3 dias do suicídio, uma espécie de homenagem póstuma a Getúlio Vargas, na qual deixa o tom crítico que sempre lhe reservara, lhe reconhece os serviços prestados a nação, não nega seu esforço histórico pelo Brasil e deixa a balanço de sua obra para a posteridade. Segue em seu movimento de primeira hora pós-suicídio na defesa e apoio a Café Filho, dizendo que ele vai acabar com a corrupção administrativa e moral no Brasil.</p>
--	---

	<i>normas da administração pública, o princípio da autoridade, comprometido pelas demandas de agentes da Presidência da República, princípios da moralidade pública, tão fundamentalmente golpeada pela corrupção mais desbragada, de que a memória nesse País.</i>	
28	<p><i>Nenhum novo convite para o Ministério</i></p> <p><i>Roberto Alves, um dos mandantes Foi o único, aliás, a chorar com a notícia do suicídio do sr. Getúlio Vargas – o inquérito policial – Climério acusa Gregório – A defesa de Soares – Acareados o chefe da extinta guarda, Valente e Tomaz – Como se recebia e esbanjava dinheiro “secreto”</i></p> <p><i>Confiança na obra de restauração do País</i></p> <p><i>Contestada a prisão do general Zenóbio da Costa</i></p> <p><i>Palavras do Ministro da Guerra sobre a situação do País – o Gabinete do General Teixeira Lott</i></p> <p><i>Reverenciando a memória do ex-Presidente Getúlio Vargas. Mensagem de condolências da ABI à Sra. Darcy Vargas</i></p> <p><i>Carlos Lacerda hoje na Rádio Globo</i> <i>O jornalista Carlos Lacerda voltará hoje ao microfone das Rádio Globo, devendo falar às 20:30 minutos para focalizar os últimos acontecimentos políticos</i></p> <p><i>Fala o governador paulista sobre o seu encontro com o Presidente da República</i></p> <p><i>Denunciam como comunista a greve que ameaça São Paulo</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo ainda repercute o atentado da Ria Toneleros</p> <p>O Globo repercute apoio ao novo Governo</p> <p>Notícia com possível viés valorativo</p> <p>O Globo abre um pequeno espaço para reverências a Getúlio Vargas</p> <p>Início de um maior vínculo de Roberto Marinho com Carlos Lacerda, lhe dando ampla chance de verberação de suas posições políticas na Rádio Globo e aumentando em muito a sua capacidade de influência nos acontecimentos políticos do Brasil.</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O anticomunismo sempre presente</p>
29	<i>Não houve edição</i>	<i>Não houve edição</i>
30	<i>Manifesta-se contra o adiamento das eleições o ex-Presidente Dutra</i>	Notícia política sem viés valorativo

	<p><i>“Temos de aguentar as consequências do próximo pleito de qualquer forma”, diz S. Ex. ao O Globo</i></p> <p><i>Faltaria força moral para aquela iniciativa – Discursará hoje na Câmara o deputado Lupo Coelho, para fixar a posição do ex-chefe do Governo – Nem adesão nem oposição: expectativa – Intensas conferências políticas ontem com a presença do governador Etelvino Lins</i></p> <p><i>Prossegue a recomposição do Ministério</i></p> <p><i>Foi tragicômica a palestra com Roberto Alves, Manhães e Gregório</i></p> <p><i>Sessou a prontidão nas Forças Armadas</i></p> <p><i>Nenhuma tentativa de marchar sobre a capital da República</i></p> <p><i>O general Estillac Leal não manifestou propósitos de rebelião – e se o fizesse, não encontraria ressonância nas tropas</i></p> <p><i>Preces pelo Sr. Getúlio Vargas</i></p> <p><i>Missas em vários templos – Comparecimento de representações trabalhistas</i></p> <p><i>O coronel Uruahy continuará no comando da Polícia Militar</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Ainda a repercussão do atentado da Rua Toneleros</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo: “a crise acabou”</p> <p>O Globo deixa patente que não houve qualquer movimentação militar no período anterior e posterior ao suicídio de Vargas</p> <p>O Globo dá espaço para as homenagens a Getúlio Vargas</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>
31	<p><i>“ O governo não é udenista”</i></p> <p><i>É o que afirma o líder que discursará a respeito, na Câmara – Fixará a posição de seu partido face aos últimos acontecimentos – Falam a O Globo sobre a propalada conciliação em Pernambuco, o governador Etelvino Lins e o Sr. João Cleofas</i></p> <p><i>O Presidente da República falará, hoje, à nação</i></p> <p><i>Gregório, o poderoso</i></p> <p><i>Outras vidas seriam exterminadas!</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>]</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo continua expressando o seu desprezo pelo “grupo de Getúlio Vargas”</p> <p>Idem.</p>

<p><i>Sinistro complô que visaria a uma série de atentados contra opositores do Governo Vargas – A missão do perigoso pistoleiro que veio de Pernambuco – Uma carta reveladora ao general Ancora</i></p> <p><i>Sob a égide da ordem e da legalidade o novo Governo</i></p> <p><i>Declarações do Sr. Juscelino Kubitschek sobre a situação política nacional - A posição de Minas</i></p> <p><i>A Igreja acata e respeita o Presidente Café Filho</i></p> <p><i>É do PSD o novo Ministro da Agricultura</i></p> <p><i>Tumultuosa sessão na Câmara</i>  <i>Os agitados debates sobre os acontecimentos que levaram o Sr. Getúlio Vargas ao suicídio provocaram, por duas vezes, a suspensão dos trabalhos – Definição de atitudes em defesa do Sr. Euvaldo Lodi - Dezesete deputados se revezaram na tribuna, todos abordando os fatos que determinaram a ascensão do Sr. Café Filho ao Poder</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>ESTÍMULO E ADVERTÊNCIA AO PRESIDENTE</b>  <i>É evidente a expectativa de simpatia e confiança que envolvem as primeiras manifestações do Presidente Café Filho. O acerto da escolha de seus auxiliares de maior confiança, a recair em homens de sólido prestígio perante a opinião pública, e a simplicidade não perturbada da vida particular do chefe do Governo são os dispositivos a justificar as esperanças com que recebido o novo ocupante do Palácio do Catete.</i>  <i>[...]</i>  <i>No capítulo da moralização da administração e de combate a corrupção, não há lugar para meias medidas ou providências tímidas. É</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo usa o apoio da Igreja para reforçar Café Filho</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  O Globo elogia os primeiros passos do novo Presidente.  É importante anotar aqui a Roberto Marinho cobra do novo Governo que adote medidas relacionadas à imprensa e o rádio, para “depurar os órgãos sem decoro, carecendo de vida própria, vivendo às custas dos dinheiros públicos, voltados unicamente para os negócios escusos e para os apoios interesseiros viciados aos círculos oficiais, amantes da corrupção e dos corrompidos.  Existe razão suficiente para supor que entre esses veículos de comunicação estaria o “Última Hora”, jornal que foi fundado para dar apoio ao Governo Vargas pelo jornalista Samuel Wainer</p>
---	---

	<p><i>preciso levar a termo a tarefa, por difícil que seja.</i> [...] <i>A começar pela imprensa e pelo rádio, que precisam ser depurados dos órgãos sem decoro, carecendo de vida própria, vivendo às custas dos dinheiros públicos, voltados unicamente para os negócios escusos e para os apoios interesseiros viciados aos círculos oficiais, amantes da corrupção e dos corrompidos.</i> [...] <i>É tempo de, diremos nós, de acabar com a nefanda indústria dos jornais e rádios oficiais que arrastam o Estado um tipo de atividade que não lhe cabe e constitui, por outro lado, uma forma inaceitável de cerceamento da iniciativa privada.</i> [...] <i>Olhos postos no Presidente Café Filho, o povo brasileiro espera que saiba estar à altura das circunstâncias, cumprindo, como se impõe, o seu dever.</i></p>	<p>com recursos obtidos irregularmente do Banco do Brasil Esse pode ser um preço do apoio?</p>
1	<p><i>Considerada inevitável a greve geral articulada em São Paulo pelos comunistas e pelos “Janguistas”</i></p> <p><i>A UDN apoia o Sr. Café Filho porque se opõe à agitação e a desordem</i></p> <p><i>Novos rumos para o parlamento O líder traça para O Globo as diretrizes da Câmara diante do novo Governo</i></p> <p><i>A carta-testamento de Vargas e a política exterior do Brasil “Na história das relações entre os povos, o que conta não são as discussões apaixonadas em momentos de exaltação, mas o sentimento duradouro de amizade”, diz a O Globo o Ministro Raul Fernandes – não haverá substituição imediata de embaixadores – Outras importantes declarações do novo chanceler</i></p> <p><i>Palavras que tranquilizam a nação Manifestação do líder do Governo Vargas na Câmara sobre o discurso de ontem do Presidente da República –</i></p>	<p>O Globo em sua briga permanente contra os comunistas e Jango</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p>



	<p><i>Disposto o PSD a apoiar todas as medidas pleiteadas para resolver os problemas de interesse geral do País</i></p> <p><i>Nenhuma justificativa para o adiamento das eleições</i></p> <p><i>Climério ainda não disse todas as coisas que sabe</i>  <i>Prepara-se a polícia para indicar o mandante – Cada vez mais clara a responsabilidade de Gregório Fortunato</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Ainda o crime da Rua Toneleros</p>
2	<p><i>Fracassou a greve geral de São Paulo Normal o movimento nos principais setores de atividades essenciais</i></p> <p><i>Amplas garantias para a liberdade do pleito</i>  <i>Instruções baixadas pelo TSE, relativamente à propaganda eleitoral – Requisição de força para assegurar o livre direito à divulgação dos nomes dos candidatos e seus programas – Prazo para o registro de candidaturas</i></p> <p><i>O pistoleiro nega e acusa</i>  <i>Um delegado de polícia estaria interessado em sua eliminação – a estranha história de Sabino – Três processos, nenhum por homicídio – Confissão a O Globo</i></p> <p><i>Completo o Ministério do novo Governo</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <i>A FALA DO SR. CAFÉ FILHO E OS TRABALHADORES</i>  <i>Fez muito bem o Sr. Café Filho em dirigir-se diretamente à nação na última terça-feira. A radiodifusão tem, para os homens de governo a vantagem e a virtude de pô-los em comunicação direta com o povo [...].</i>  <i>No concernente aos primeiros, os trabalhadores – nada mais justo do que conservarem eles, na memória agradecida, o nome de Getúlio Vargas, o homem que lhes deu o “status” de garantias, vigente hoje no Brasil. É incontestável, que a muitos dos seus</i></p>	<p>Pregação anti-comunista</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Ainda o atentado da Rua Toneleros</p> <p>Notícia sem viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  Em plena convulsão entre os trabalhadores com o sacrifício de Getúlio, O Globo gostou da iniciativa de Café Filho de falar ao povo trabalhador e garantir que as conquistas trabalhistas estavam garantidas e o incentiva a manter essa prática.  O Globo alerta os trabalhadores contra o perigo vermelho.  Diz que Getúlio foi traído por Gregório e por isso morreu.</p>

	<p><i>decretos e atitudes faltava, para a sua segura execução, uma base econômica. [...] se o lugar de Vargas já está garantido na história e deve permanecer no coração fiel dos “trabalhadores do Brasil”, como ele os carinhosamente os evocava, o que interessa à comunhão laborista é saber se o seu sucessor vai prosseguir as linhas da mesma política ou se, desastradamente, vai se deixar levar a uma guinada à direita, não só suprimindo as conquistas já consumadas, como paralisando o movimento de progressivo atendimento dos interesses, direitos e justos reclamos dos obreiros de qualquer categoria. [...] Ora, foi justamente o que o Sr. Café Filho tornou claro e expresso em sua fala: podem desde logo, ficar tranquilas as classes obreiras. Não será interrompida a marcha das conquistas. [...] Veja bem o povo como estão se comportando certos representantes do que eles mesmos denominam “getulismo”, leiam as entrevistas da deputada Yvete Vargas e do Sr. Frota Moreira à “Imprensa Popular”, órgão oficial do comunismo, e fácil será concluir que os exaltados já se acham às portas de Moscou, procurando o apoio vermelho para a recuperação das posições perdida, pelos seus próprios crimes e pelos crimes da malta de Gregório, que atraçou Getúlio Vargas e comprometeu a sua permanência no Governo. [...] Continue o Sr. Café Filho a falar ao povo, o povo entende a sua linguagem</i></p>	
3	<p><i>Incentivada e custeada por políticos a fracassada greve geral de São Paulo</i></p> <p><i>Nenhum movimento político de ex-Ministros</i></p> <p><i>Depois durante cerca de 12 horas o Sr. Benjamim Vargas</i></p>	<p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Ainda o atentado da Rua Toneleros</p>

	<p><i>A vitória foi do bravo povo paulista Congratula-se com a população bandeirante o Ministro Alencastro Guimarães</i></p> <p><i>EDITORIAL: JANGO, O LÍDER [...] é que Jango se transformou no deputado mais caro da terra. Durante todo o tempo em que esteve na Câmara Federal, só compareceu à duas sessões, não obstante ter sempre recebido assiduamente os seus subsídios, que somados, representam um pagamento fabuloso para apenas duas entradas naquela casa do Congresso no decorrer dos trabalhos legislativos. Desprezando o seu dever de representante do povo, deixava de comparecer às sessões da Câmara para entregar-se a uma obra de desagregação social, nos sindicatos, fazendo a mais baixa e nefasta demagogia. Não importava, porém, que, enquanto iludia impiedosamente os trabalhadores, envenenando-os o espírito, fizesse no Banco do Brasil, como de fato fez, um empréstimo de 20 milhões de cruzeiros, sem garantias</i></p>	<p>Notícia política com possível viés valorativo</p> <p>EDITORIAL: A luta tenaz e sempre renovada de Roberto Marinho contra Jango. Execra-o perante a opinião pública ao apresenta-lo como usurpador do dinheiro público e indigno dos votos que recebeu para Deputado Federal</p>
4	<p><i>Revelações sensacionais sobre o atentado Nada, porém, envolvendo Ministros de Estado, generais e figuras do clero nos arquivos de Gregório</i></p> <p><i>Outras declarações reveladoras do ex- chefe da guarda presidencial – Íntimo de todos os poderosos da situação – As joias e o arsenal – 19 ternos, 9 pares de sapato e 22 caixas de gravatas – O “anjo negro” e Climério não estão incomunicáveis – Encontrados 80 mil Cruzeiros num bolso de um terno usado – No dia 12 o encerramento do processo militar</i></p> <p><i>A idade e receio, assim teria explicado seu gesto trágico o Presidente Getúlio Vargas, manifestando-se numa sessão espírita</i></p>	<p>Ainda os ecos do atentado na Toneleros</p> <p>Idem.</p> <p>O Globo sai de seu padrão de respeito à ética jornalística</p>

	<p><i>Agita-se de novo a política de São Paulo</i></p> <p><i>Infiltração comunista no Palácio do Catete</i>  <i>A documentação encontrada nos arquivos de Gregório e as diligências encetadas pelo Sr. C. Borer</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>O ANEL DE ALEXANDRE</b>  <i>Com a volta da calma às ruas e aos espíritos desprevenidos, um destacado grupo de homens públicos – segundo dizem os jornais – encarregou-se declarar aberta a sucessão política do Presidente Getúlio Vargas [...] sem atenção a ordem natural hereditária. Esta aponta em linha reta o nome do Sr. João Goulart, como destinado a recolher o posto partidário do finado estadista. &gt; [...]</i>  <i>Não se vê, nesse modo, como o alijarão, real ou dissimuladamente, do comando partidário os que, com títulos diferentes, queiram pôr na cabeça o penacho do prestigioso líder tão tragicamente arrebatado aos seus correligionários e ao país, ao qual serviu em vários tomos, sem embargo de erros e faltas, balanço que só cabe à posteridade.</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo aponta aqui para uma vinculação entre o círculo central de poder no Brasil com o comunismo. À época essa era uma acusação com grande peso diante da opinião pública</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  A herança política de Vargas é de Goulart e ninguém deve nem ao menos contestar isso. Apesar das várias características que o Globo lhe cola, como a de que de latifundiário e de trabalhista não tem nada, ele é de fato o herdeiro do seu “chefe” e pronto.  O Globo aproveita para prestar pequena homenagem ao personagem político importante para o Brasil: Getúlio Vargas</p>
5	Não houve edição	Não houve edição
6	<p><i>Gregório confessou!</i>  <i>Mandou Climério praticar o atentado e deu-lhe todos os recursos para a consumação do crime – Acareação, hoje, com o Sr. Benjamim Vargas – Espera-se algo ainda mais sensacional nas próximas horas</i></p> <p><i>O Sr. Amaral Peixoto ataca com veemência a UDN</i></p>	<p>Ainda sobre o atentado da Rua Toneleros</p> <p>Notícia política com possível viés valorativo</p>
7	<p><i>Gregório depõe novamente</i>  <i>Reduzidas a termos todas as sensacionais declarações que formam a sua confissão</i>  <i>Confirma-se o “furo” do O Globo – Ainda não houve a acareação com o Sr. Benjamim Vargas – Mais documentação comprometedora contra o chefe da</i></p>	<p>Ainda sobre o atentado da Rua Toneleros</p>

	<p><i>extinta guarda pessoal – A esposa do “tenente” comparece à Polícia Técnica e se excede – o pedido da prisão preventiva</i></p> <p><i>Como vândalos! Os comunistas atacaram o City Bank provocando consideráveis prejuízos – Um policial ferido</i></p> <p><i>Agitadores comunistas usam adolescentes para subversão</i></p> <p><i>EDITORIAL: OS DEVERES DO GOVERNO Com a nomeação do Sr. Clemente Mariano (PSD-Bahia) para a presidência do Banco do Brasil, ficou constituído o Governo Café Filho. [...] Pela qualidade moral e intelectual dos Ministros, será o novo Governo considerados dos que melhores expectativas têm entre nós podido comportar. Em vão lhe imputam tendências plutocráticas: a verdade é que o professor Gudin é apenas um ilustre universitário há muito aposentado como homem de negócios, e talvez um dos poucos conhecedores da nossa vida econômica que não têm ligação ativa com empresas, grupos financeiros ou interesses criados.</i></p>	<p>Combate sistemático aos comunistas</p> <p>Idem</p> <p>EDITORIAL: O Globo segue em sua linha de apoio ao novo Presidente e elogia a constituição de seu ministério.</p>
--	--	---

**Tabela 13: Eleição presidencial de 1955**

DATA	MANCHETES e EDITORIAIS	POSICIONAMENTO POLÍTICO
19	<p><i>Apuração imediata da verdade Encarece o Ministro da Marinha urgência para o inquérito sobre a autenticidade da carta do deputado peronista Antônio Brandi ao Sr. João Goulart e sua remessa à justiça eleitoral “para proceder dentro da lei”</i></p> <p><i>Demitido o agente janguista horas depois de ser nomeado</i></p>	<p>O Globo repercute o “caso da carta de Antonio Brandi” num movimento de pressão intensa contra João Goulart</p> <p>O Globo fala de “agente” janguista.</p>
20	<p><i>“Vitória de Juarez para garantia do regime” (Declarações de Milton Campos e João Agripino)</i></p> <p><i>“Peron como ditador já estava durando muito”</i></p> <p><i>Juan Peron teve o fim de todos os ditadores</i></p> <p><i>Documentada a presença no Rio, do portador da carta a João Goulart</i></p> <p><i>Carlos Lacerda diariamente na Rádio Globo</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b> <b>A CARTA DO DEPUTADO ARGENTINO ANTÔNIO BRANDI E A INSUSTENTÁVEL POSIÇÃO DO SR. GOULART</b></p> <p><i>Desde sábado está a opinião pública do nosso país sensibilizada pela divulgação do texto de uma carta escrita pelo deputado Antônio Brandi, da Província de Corrientes da República argentina. Segundo se depreende de sua leitura, teria aquele documento sido escrito em 5 de agosto de 1953, e enviada ao seu destinatário, Sr. João Goulart, então no exercício das altas funções de Ministro do trabalho do Governo do Presidente Getúlio Vargas.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Finaliza assegurando que “a mercadoria adquirida por V. Ex. na Fábrica Militar de Cordova, posso</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>O Globo dedica muita atenção a Peron e à luta pelo poder na Argentina à época</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b> O Globo apresenta com detalhes e tom de gravidade os detalhes do “caso da carta de Antonio Brandi”</p>

*antecipar-lhe que já foram tomadas providências para que lhe sejam remetidas via Uruguaiana como gêneros alimentícios.*

*O deputado Carlos Lacerda, que apresentou esta carta ao público, sob sua responsabilidade, através da televisão, fez chegar o original, como lhe cumpria, ao Estado Maior das Forças Armadas, para que este abrisse, se assim lhe parecesse conveniente, o devido inquérito de caráter militar. O problema liminar com que se defronta a nação, para apreciar devidamente o fato, é o da autenticidade da carta.*

*[...]*

*Por outro lado, as ligações estreitas do Sr. Goulart com o general Peron, com os amigos deste, com o peronismo, são elementos favoráveis a aceitação da tese que o documento é autêntico.*

*[...]*

*Ouvido pelo O Globo, o Sr. Goulart até agora limitou-se a contestar inclusive que conheça o autor do documento. Não é muito. É uma atitude simplesmente passiva, quando as circunstâncias estão exigindo do Presidente do PTB uma tomada de posição ofensiva.*

*[...]*

*O caso do Sr. Goulart requer um esclarecimento amplo e urgente, porque sua candidatura está posta ao exercício da segunda Magistratura do País. Se ele é destinatário da incriminada carta; se ele combinou com especialistas do sindicalismo peronista o envio de agentes para o Brasil; se ele contratou a compra de armas para sua milícia sindicalista [...], então não pode de forma alguma ser companheiro de chapa do Sr. Juscelino Kubitschek.*

*[...]*

*Nem o Sr. João Goulart conseguirá levantar de sobre seu nome essa gravíssima acusação apenas com palavras. Terá de fazer face ao documento, que é um corpo-de-delito, e pulverizá-lo como um papel falsificado com o fim de denegri-lo.*

	<p>[...]  <i>Não está O Globo animado com o desejo de aniquilar moralmente o Presidente do PTB. De nenhum modo. Somos adversários de sua candidatura pelas altas razões por nós sempre expostas. Elas bastam para impedir a sua vitória nas urnas.</i>  <i>A carta constitui um fato novo. Destrua-a o Sr. João Goulart. Como brasileiros, até desejamos que ele o consiga. Seria melhor para a honra de nosso país, às nossas suscetibilidades patrióticas.</i></p>	
21	<p><i>“Se não houver fraude, Juarez Távora ganhará”</i>  <i>E acrescenta o Sr. Eliomar Baleeiro, em declarações a O Globo: “Não acredito que os brasileiros deem a vitória a candidaturas repugnantes ou pilhéricas” – O Sr. Jânio Quadros afirma que se for eleito um candidato desonesto, deixará o governo de São Paulo, pois será o fim do Brasil – “Diminuem cada vez mais, em nosso estado, a diferença entre Ademar e Juarez”, observa o Sr. Cunha Bueno –</i></p> <p><i>“Vou levar a carta para os comícios”</i>  <i>Obstina-se o Sr. João Goulart, em novas declarações exclusivas ao O Globo, em negar a autenticidade da missiva do deputado peronista – Quer a apuração total da verdade – As conclusões das investigações da polícia</i></p> <p><i>Dinheiro do povo para a propaganda comunista</i>  <i>Nas diligências para o fechamento das atividades eleitorais do MNPT, pôde a polícia constatar mais uma vez a ação subversiva dos bolchevistas camuflados em orientadores trabalhistas</i></p> <p><i>Decide hoje sobre o inquérito em torno da carta</i>  <i>O Ministro da Guerra já se entendeu nesse sentido com o Sr. Café Filho – Ainda a presença do enviado peronista no Rio</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>



<p><i>Os estudantes com Juarez</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>A DEMOCRACIA NO GOVERNO</b>  <b>CAFÉ FILHO</b>  <i>A vantagem do sistema democrático está principalmente na possibilidade que tem a crítica de se exercer livremente, e por igual, de permitir aos atacados a garantia de ampla defesa e máxima publicidade desta. É o que não consentem as ditaduras, mesmo as mais brandas. Basta que se tolha ou dificulte a difusão das respostas, para que a vítima das agressões e calúnias fique diante do julgamento público em posição desfavorável.</i>  <i>Na atualidade do nosso país, mansamente, sem alarde, sem cartazes de propaganda, sem discurso numa parada no campo do Vasco, há um fórum do qual todos participam na medida do que desejam ou precisam. Este diploma de merecimento ninguém o cancelará na fé de ofício do Sr. Café Filho.</i>  [...]  <i>A diferenças das duas maneiras de interpretar os deveres da chefia do Governo – a de Vargas e a do Sr. Café Filho - reside, entretanto, num ponto de capital importância. Até 24 de agosto, acumularam-se os maiores escândalos administrativos de que a memória nesse país. Deles – é certo – jamais participou o Presidente, cuja honradez pessoal sempre foi por todos reconhecida e proclamada, até por seus mais intransigentes adversários. Entretanto, nunca se procurou apurar, por determinação do Presidente, as responsabilidades das pessoas ou funcionários incriminados.</i>  <i>Tudo foi rolando ao Deus dará. As fortunas se improvisaram do dia para a noite, num desafio ostentoso aos que de tudo careciam.</i>  [...]  <i>Com o Sr. Café Filho acontece exatamente o oposto. Não se aponta uma</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  O Globo tece loas a Café Filho por sua parcela de responsabilidade no clima de ampla democracia e liberdade de pensamento e expressão então prevalente.  Indireta para Getúlio Vargas e seus “shows políticos”  O Globo destaca também a forma de governo ética de Café Filho como antagônica à licenciosidade para o crime da época do governo Vargas.</p>
--	---

	<i>falta nesse capítulo de desvio do dinheiro público, sem que o Presidente ordene imediato inquérito e o entregue à direção de autoridades isentas de facciosismo.</i>	
22	<p><i>Opinem os leitores de O Globo: é verdadeiro ou é falso o documento Brandi?</i></p> <p><i>Dinheiro para a produção mesmo que vire o Banco do Brasil ao avesso</i>  <i>Solução para o problema básico do País, segundo o General Juarez Távora – A palavra que esclarece e o voto que decide para a implantação da verdadeira democracia – A Petrobras dará petróleo ou arrebentará – O comício do Grajaú e as demais atividades de ontem do candidato da Frente de Renovação Nacional</i></p> <p><i>“Escolhi o caminho das urnas”</i>  <i>E acrescenta o General Juarez Távora: “Seria uma deslealdade pensar em enveredar por outro caminho, pois não jogo com cartas marcadas</i></p> <p><i>“Vamos mostrar à nação quem é o traidor ‘Jango’ Goulart”</i>  <i>Peron e o Partido Comunista não vão cair apenas na Argentina, acrescenta a O Globo o Sr. Carlos Lacerda</i></p> <p><i>Vai ser ouvido o Sr. Carlos Lacerda sobre a autenticidade da carta</i>  <i>O exército vai apurar a autenticidade da carta</i></p> <p><i>Ampla investigação em torno da missiva peronista ao Sr. João Goulart – Autorizada pela presidência da República a criação de uma comissão de inquérito, com o General Maurell Filho à frente – De pleno acordo os Ministros militares</i></p> <p><i>EDITORIAL:</i>  <i>POR QUE JUAREZ TÁVORA?</i></p>	<p>O Globo faz uma ligação direta com a população, tentando a sua adesão para a revolta contra “a carta”.</p> <p>Notícia política com viés valorativo Pró-Juarez</p> <p>Notícia política com viés valorativo Pró-Juarez</p> <p>Notícia política com viés valorativo Anti-Jango</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo Anti-Jango</p> <p>EDITORIAL: Editorial no modelo norteamericano, no qual o jornal declara de forma clara</p>

<p><i>Com a aproximação da data do pleito presidencial, o eleitorado tem de compenetrar-se que nas suas mãos é que se encontra o futuro do nosso país. Ninguém, assim, deve encarar com displicência ou frivolidade este compromisso. Não bastara votar, por puro cumprimento do dever ou por simples rotina. Cada voto é uma escolha, que pode ser decisiva, já que se pode ganhar qualquer eleição pela maioria de um sufrágio. Lutar por liberdade não é tudo; cumpre votar com seriedade e meditação, como se do voto de cada um de nós dependesse o bem ou o mal desse Governo.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Deveria haver cursos públicos para ensinar o povo a refletir sobre a gravidade do ato eleitoral, sobre a distinção entre as promessas dos candidatos e a possibilidade ou impossibilidade de realiza-las, além de noções de psicologia individual ou coletiva, do ponto de vista político-partidário. Só assim o Estado democrático estaria ministrando aos cidadãos as noções, de que ele em geral carece, para preservá-lo do ataque de seus inimigos, da antidemocracia.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>A fraude [...], ainda não foi extinta, nem o eleitorado fantasma e nem a corrupção. Ainda a facciosa maioria parlamentar repeliu a cédula eleitoral, que de todos era o melhor meio de purificar as competições eleitorais. Infelizmente, é com essa matéria prima insuficiente que os brasileiros deverão, a 3 de outubro, proceder à mais grave das opções, isto é, a do homem a quem serão confiados os nossos destinos.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Não será de certo o Sr. Ademar de Barros o homem indicado para essa obra, que antes de tudo exige de uma insuspeitável austeridade nos costumes e métodos de Governo. Quanto ao Sr. Plínio Salgado, de cuja retidão pessoal ninguém duvida, suas chances de vitória</i></p>	<p>e inequívoca qual é o seu candidato nas próximas eleições. O candidato de Roberto Marinho através do seu O Globo é Juarez Távora. Ponto. Justifica a escolha enaltecendo as qualidades de Távora e desqualificando Kubitschek, aproveitando para ataca-lo por ter optado por fazer dobradinha com o inimigo histórico de O Globo, Jango.</p>
--	---

*são tão limitadas que não valem o esforço de maior exame sobre o que poderia vir a ser uma administração chefiada por ele.*

*Não restariam senão dois nomes à meditada consideração do povo: a do Sr. Kubitschek e do General Juarez Távora. A cerda do ex-Governador de Minas, a opinião nacional está mais do que esclarecida. É sem discussão o ambicioso criador da crise que devasta este grave momento da vida brasileira. Não se lhe conheceu neste episódio, um minuto de sincera compenetração pelo interesse público. Fez-se candidato em combinações prematuras e clandestinas com elementos irremediavelmente comprometidos nos acontecimentos de agosto do ano passado, e, apesar de todas as tentativas de uma nobre conciliação de partido, não se deu nunca, nem mesmo em favor de nomes ilustres, entre os quais dois ou três pessedistas, também mineiros, a que mereciam uma larga margem de um vigoroso apoio, para que o país fosse poupado a uma luta esgotante e desnecessária. Candidato, atrelou-se à demagogia do Sr. João Goulart, valorizado por ele e seus sócios à condição de estadista e de garantia do regime democrático! Acuado na câmara para que se instaurasse um inquérito parlamentar acerca do patrimônio dos candidatos, conseguiu confessadamente impedi-lo. Graças a isso, vamos para as urnas sem que a nação possa estar segura de que cada um dos candidatos possua mais do que devia honestamente possuir, não é preciso, como a nós acontece, a menor suspeita à sua honorabilidade para que esta inexplicável atitude, seja mais do que suficiente a desaconselhar a sua escolha para a chefia da nação.*

*Em contraste com estes defeitos que inabilitam o Sr. Juscelino Kubitschek, o nome do General Juarez Távora se torna, por virtudes contrárias, a solução patriótica.*

	<p><i>Por que o General Távora? Porque Távora é um homem privado e público de inatacável probidade; porque, desde o lar até a caserna, constitui um modelo que se poderia indicar aos seus compatriotas; porque não está comprometido nem mesmo com os partidos que o apresentam, muito menos com a perigosa influência do poder econômico ou da desaçalmada demagogia do janguismo ou do populismo delirante; porque estudou a fundo os problemas mais vitais do Brasil e apresenta para eles meditadas soluções que, mesmo quando combatidas, oferecem margem para um exame consciencioso e a futura colaboração dos mais capazes; porque, sendo profissionalmente, um soldado, não há quem se lhe avante no espírito civil; porque, finalmente, se o elegerem, dará ao Governo a estabilidade de que estamos precisando para a restauração do nosso crédito e reabilitação da nossa vida econômica e financeira.</i></p> <p><i>Há um aspecto decisivo que torna o General Távora o homem adequado para o momento: é o seu apaixonado senso de justiça, sua intransigente hostilidade ao comunismo internacional, hoje descaradamente atuando na parceria Kubitschek-Goulart.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>A decisão do povo terá de ser por Juarez Távora, se quisermos sair do caos e não regressar ao “mar de lama”, com os que criaram, aproveitaram e ainda hoje o defendem.</i></p>	
23	<p><i>O Globo ouve o deputado Brandi, que negou a autoria da carta Pinedo, citado na carta de Brandi, chegou ao Rio para hospedar-se no Hotel Regente, onde vivia o Sr. “Jango” Goulart</i></p> <p><i>Colhe O Globo sensacional elemento para elucidação do caso – Em declarações à imprensa, esta manhã, O Sr. Ires Valls confirma ser amigo do Sr.</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>

<p><i>Juan Peron e revela até a cidade aonde vive a família de Brandi, embora negue tenha sido intermediário na troca de cartas</i></p> <p><i>Reafirma a subserviência do MNPT a elementos comunistas</i>  <i>Em entrevista a O Globo O Sr. Nelson Rustici, que recentemente renunciou à presidência regional e à vice-presidência nacional da agremiação vermelha, sustenta os termos do seu manifesto às classes trabalhadoras. Nega ter recebido dinheiro para repudiar o MNPT - A sua inclusão na chapa de vereadores</i></p> <p><i>“Tenham pena do Brasil”</i>  <i>“Não votem em candidatos desonestos, peculários ou fascistas, afim de poupar dias amargos para o país”, conclama o presidente da UDN carioca, o Sr. Adauto Lúcio Cardoso – “Deus há de ajudar-nos a que saiamos deste atoleiro, com a eleição de Juarez” – Provada a improbidade de Juscelino – Telegrama de Carlos Lacerda ao General Távora – “Deixo o país, por breves horas, para ir buscar as provas da traição dos candidatos peronistas a presidência e vice-presidência da República”</i></p> <p><i>Fechamento ou suspensão do jornal dos comunistas</i>  <i>A Delegacia de Ordem Social está agindo contra a “Imprensa Popular” por ter divulgado o manifesto de Luis Carlos Prestes</i></p> <p><i>EDITORIAL (Início pagina 1 e continuação na página 6):</i>  <i>PARA O BRASIL A FATÍDICA OPÇÃO: GOULART OU MILTON CAMPOS?</i>  <i>O povo brasileiro terá, no 3 do mês vindouro, de eleger não só o próximo Presidente da República por cinco anos, como o seu substituto legal, nos seus impedimentos, sucessor em caso de</i></p>	<p>O Globo reforça o discurso contra os comunistas e sua crescente presença na política brasileira.</p> <p>Notícia política com viés valorativo Pró-Juarez</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>EDITORIAL: O Globo faz aqui a sua “declaração de voto” para a vice-presidência, batalha talvez ainda mais importante para Roberto Marinho do a da presidência, já que atinge seu inimigo figadal João Goulart É muito importante ajudar a</p>
---	---

<p><i>vaga, por morte ou renúncia. É um errôneo critério o de não se considerar de igual importância a escolha para os dois cargos. Engam-se os que atribuem ao Vice-Presidente apenas o caráter de personagem simplesmente decorativa, de herdeiro designado por antecipação à chefia de Governo, ou mesmo no quadro oficial. Desde logo, cabe-lhe a presidência do Senado e do Congresso, o que lhe confere destacada participação no circuito parlamentar, com todas as decorrências naturais dessa privilegiada posição.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Essa relevantíssima circunstância equiparará os dois mandatos na relevância de sua significação, e exige que ninguém vote no Vice-Presidente como se dificilmente ele pudesse vir a chefiar a Nação.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Dos nomes propostos para aquele cargo, avulta cercado de um halo de respeito e admiração o Sr. Milton Campos. Não escrevemos estas palavras movidos por sentimento de facção, que não temos, nem jamais impulsionou a conduta desse jornal nos 30 anos de sua vida. O Sr. Milton Campos pertence, por consenso unânime, aquela rara categoria de homens que enobrecem a política e lhe dão um sentido de sacerdócio cívico.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Quando hoje o seu conterrâneo Juscelino Kubitschek por aí anda a apresentar-se pela autoria do binômio – energia e transporte – ninguém escuta um fundamentado protesto vindo do Sr. Milton Campos. Entretanto coube a S. Ex. o planejamento de todas as obras de que tanto se gaba o Sr. Kubitschek.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Tais são os traços marcantes do candidato que na chapa Juarez Távora é proposto à consideração do povo brasileiro. Este é o que terá de optar: Milton Campos ou João Goulart. Pelo professor que ganhou o apreço e admiração da mocidade mineira ou pelo</i></p>	<p>derrotar Jango nessa eleição e O Globo faz a sua parte.</p> <p>Para desconstruir e dificultar a eleição de Jango O Globo é virulento em suas palavras contra ele e o ridiculariza: “discursador tatibitate dos comícios em prol da majoração do salário mínimo” e “pequeno demagogo rural”</p> <p>Para não correr o risco de ir contra sua credibilidade, que deve ser preservada para além dos tempos eleitorais, O Globo ressalva: “Não escrevemos estas palavras movidos por sentimento de facção, que não temos, nem jamais impulsionou a conduta desse jornal nos 30 anos de sua vida.”</p> <p>Ou seja, toma partido apenas pelo bem do povo e da nação.</p>
--	--

	<p><i>discursador tatibitate dos comícios em prol da majoração do salário mínimo? Pelo mestre da política à juventude universitária da velha Minas liberal, ou pelo pequeno demagogo rural que nem conhece os lineamentos da ciência social? Pelo governante austero do seu estado, ou pelo vadio Secretário do Interior do Rio Grande, que sequer frequentava seu gabinete durante dois anos? Pelo varão de uma proverbial integridade ou pelo Ministro que acobertou o desvio de verba do fundo sindical?</i></p> <p><i>Tais são os termos do confronto. O povo brasileiro, como especialidade para o povo mineiro, é que terá de decidir-se por um ou por outro. O pleito de 3 de outubro, neste aspecto, será um teste nacional.</i></p>	
24	<p><i>Autoridade brasileiras em Buenos Aires confirmam as ligações com o peronismo!</i></p> <p><i>É o que afirma a O Globo o Ministro da Marinha</i></p> <p><i>O Ministro da Guerra considera imperativa a elucidação do caso da carta a João Goulart</i></p> <p><i>Em portaria nomeando o General Maurell Filho presidente do inquérito policial-militar, declara S. Ex. que “tais fatos devem ficar comprovadamente esclarecidos já que envolvem a possibilidade de crime contra a segurança do Estado” – “Buscarei a verdade dos fatos custe o que custar”, garante o General Maurell à imprensa – Serão ouvidos o destinatário, as pessoas citadas na carta e o próprio Antônio Brandi, apontado como autor da missiva – “Jango” e Ires Valls viajam para o Sul</i></p> <p><i>Define-se o Marechal Dutra</i></p> <p><i>Estou resolvido a votar no Sr. Milton Campos</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>



*Declara a O Globo o ex-Chefe de Governo – neutro em relação aos candidatos à presidência - Acha q o pleito decorrerá normalmente – Boa a situação de Juarez na Bahia, informa o deputado Luna Freire – Jogo duplo de Plínio quanto à Vice-Presidência*

*EDITORIAL:*

*SE EU TEVESSE UM MILHÃO!  
Nestas vésperas eleitorais, os lamentáveis queixosos da eminência de um “golpe” vão sentindo, por dentro, que a mistificação da força política, que afetaram durante quase um ano, está apenas por alguns dias. Era fácil ir percorrendo o território nacional e contando vantagens às populações, ao povo atônito de tamanha audácia. Como as urnas se achavam ainda distantes, a empresa não parecia demasiada arrojada. Os propagandistas da panaceia que também ganham fama e dinheiro, enquanto o doente não verifica, pela aplicação do miraculoso remédio, que não passa de uma ilusão dispendiosa.*

*Assim foi o Sr. Juscelino Kubitschek. Desde que novembro do ano passado intitulou-se “o esperado” e saiu, mesmo antes da convenção do PSD, a converter o gentio para sua candidatura.*

*[...]*

*Quando apeava do avião particular (presente de alguns milhares de dólares, dado, nesta hora de aperturas cambiais, por um grupo de magnatas do poder econômico) [...].*

*[...]*

*E assim se foi formando a lenda que, associado com o PTB, do Sr. João Goulart, só havia um meio de impedir-lhe a entrada no Catete: o “golpe” vibrado pelas Forças Armadas. Dessa trouvaille é que lhe tirou grande partido. Ninguém gostou mais da ideia que o Sr. Kubitschek, fantasiado de novo Tiradentes, caminhando para o suplício, de braço ao pescoço, para salvar a liberdade dos brasileiros!*

*EDITORIAL:*

*O Globo vaticina a derrota dos varguistas na eleição e afirma que com esse desfecho, caem por terra os alertas infundados sobre a iminência de um golpe para impedir a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart em caso da nada provável vitória eleitoral destes.*

	<p><i>O pequeno grupo que o inventou e que o acompanha, acabou acreditando no truque por eles mesmos criado. Não deram eles ao candidato na vocação heroica.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Infelizmente para o Sr. Kubitschek, o Sr. Goulart e seus amigos, a peça está no fim. Dentro de duas semanas já as apurações feitas pelas juntas terão reduzido as tristes porções de melancólica derrota “esse sonho que viveu”.</i></p>	
25	Não houve edição	Não houve edição
26	<p><i>Lacerda promete revelações sensacionais</i></p> <p><i>“Quando toda a verdade for conhecida até o Schmidt vai votar no Juarez” – declara a O Globo em Buenos Aires, o diretor da “Tribuna da Imprensa” – Inacio Pinedo que há muitos anos conhece o Sr. Jango Goulart como “Joãozinho”, seu apelido na fronteira</i></p> <p><i>Vibrante entusiasmo no comício de Juarez e Milton, em Fortaleza</i></p> <p><i>Última esperança para resolver por bem os problemas brasileiros.</i></p> <p><i>Com o clube da lanterna considerou a candidatura Juarez Távora – Nada contra Plínio Salgado – Prepara-se a entidade para intensificar os trabalhos de propaganda em favor da chapa-Juarez-Milton</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Veiculação de notícia que contém ameaça quanto ao resultado do pleito. Só Juarez pode vencer.</p>
28	<p><i>“Juarez já ganhou”</i></p> <p><i>E acrescenta o líder Afonso Arinos em declarações a O Globo: “ A sua vitória será a salvação da democracia e da decência na vida pública brasileira” – “Comunistas de Prestes, fascistas de Plínio, caudilhistas de Jango, se acumpliciaram na luta contra a ressurreição democrática em nosso País” – O discurso de Pedro Aleixo hoje na Câmara: não lerá nenhum manifesto do Brigadeiro – Diretórios do PSD baiano apoiam candidatura Távora – Defecções no PTB paulista e expulsões</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Pró-Juarez</p>

<p><i>Distancia-se mais Juarez</i>  <i>Prosseguindo em sua enquete popular sobre as preferências do carioca em torno do pleito presidencial, a Rádio Globo apresentou a 0 hora de hoje os votos colhidos em todas as camadas sociais: Juarez, 222; Ademar, 1 59; Juscelino, 151; Plinio, 52.</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p>
<p><i>“Tenho provas irrefutáveis de que Jango é um traidor”</i>  <i>Provas de suas relações com o peronismo – O falso comerciante de queijos afirma conhecer o Presidente do PTB desde pequeno – Fala ao O Globo o jornalista Carlos Lacerda – Confirmada a viagem do General Maurell Filho</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p>
<p><i>Levou Jango a Buenos Aires no avião particular do Presidente do PTB</i>  <i>Declaração do antigo piloto do ex-Ministro do Trabalho</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p>
<p><i>Retratos e marchas, broches e flâmulas</i>  <i>Cartazes e faixas</i>  <i>“Vote Juarez que é o melhor dos três”, diz o cartaz que parece ter esquecido um dos quatro candidatos – Ademar faz propaganda em sírio na Rua da Alfandega – E Plinio também se defende – Juscelino Kubitschek faz pose de “moço bonito” e o retrato de Jango tão fiel com obturações a ouro em seus incisivos – [...]</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p>
<p><i>EDITORIAL:</i>  <i>A QUEDA DE PERON RESTABELECE A LEAL AMIZADE ARGENTINA-BRASILEIRA</i>  <i>Não é nossa intenção nem seria compatível com um artigo de jornal o exame profundo dos erros e desatinos a que foi conduzido o General Peron na sua longa e acidentada administração. Esse é problema para os argentinos. Não queremos, porém, omitir o destaque de uma certa circunstância decisiva para o julgamento da sua insinceridade doutrinária. Durante as vacas gordas, o</i></p>	<p><i>EDITORIAL:</i>  O Globo enumera uma parte das suas acusações a Peron. A principal, aqui explicitada é da que Peron se locupletou e roubou o povo argentino escondido por detrás da posição de defensor nacionalista dos interesses do povo. Pode-se considerar, inclusive, a assertiva “o caudilho arvorou-se em papa do nacionalismo econômico e do poder estatal, sobretudo em matéria de combustível líquido. Lá é que era a verdadeira sede do “o petróleo é</p>

	<p><i>caudilho arvorou-se em papa do nacionalismo econômico e do poder estatal, sobretudo em matéria de combustível líquido. Lá é que era a verdadeira sede do “o petróleo é nosso”, ciumentamente defendida pelo General Peron, inimigo aparente de qualquer colaboração do capital forasteiro. Ai de quem ele suspeitasse divergente de sua cartilha chauvinista. Era logo incluído na lista dos vendidos à Standard Oil e aos trustes estrangeiros. O jargão comunista dominava o Governo e, sob ele, foram caluniados e infamados seus adversários, até os mais inocentes. Bastava que alguém duvidasse que Peron não era o maior homem já caído dos céus, para ser imediatamente considerado “lacaio do imperialismo americano”. Seu nacionalismo, porém, não passava de uma odiosa farsa, de um a torpe mentira. Basta olhar o epílogo. Foi ele mesmo quem negociou a concessão petrolífera à Standard Oil of California [...].</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>As palavras de afeto, a sua amizade, a sai leal vizinhança, proferidas pelo novo Presidente, General Eduardo Lonardi, na entrevista de ontem à Rádio Globo, demonstram que os sentimentos confraternais entre povos podem ser temporariamente suprimidos, mas felizmente voltam, com o bom tempo depois das tempestades.</i></p>	<p><i>nosso” como possível referência ou sinalização para a política econômica brasileira daqueles anos varguistas e que também tinha tendências nacionalistas.</i></p> <p><i>Poderia estar Roberto Marinho se referindo à Petrobrás?</i></p>
29	<p><i>“O Brasil está enfermo; só com Juarez poderá melhorar”, declara Mangabeira</i></p> <p><i>Relacionado o discurso de Peron ao caso da carta</i></p> <p><i>Fala a O Globo o General Maurell Filho, que hoje segue para Uruguaiana – Já foram enviados para a perícia os documentos divulgados pela imprensa</i></p> <p><i>“Capaz de fazer tudo aquilo que diz a carta!” – O novo Comandante da III Região Militar presta sensacional depoimento a O Globo sobre o Sr. Iris</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo Pró-Juarez</p> <p>Notícia política com viés valorativo Pró-Juarez</p> <p>Notícia política com viés valorativo Anti-Jango</p>

<p><i>Valls – “Gostaria de ver como explicaria a origem da sua repentina fortuna” – Contrabandista quase ostensivo – Era pobre e está milionário – “Estou pronto a repetir tudo quanto digo perante a Comissão de Inquérito” assinala o General Emilio Ribas</i></p> <p><i>Os comunistas já começaram a cobra a Juscelino e Jango</i>  <i>O comício do Sr. Juscelino Kubitschek realizado no chamado “vale do povo”, foi tipicamente um “meeting” do ex-PCB, a quem, praticamente, o candidato do PSD deve o comparecimento de cerca de 10 mil pessoas.</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>O “GOLPE” DA DERROTA ELEITORAL</b>  <i>Nascida de uma conspiração e de um cambalacho, a candidatura do Sr. Juscelino Kubitschek está encerrando o seu triste ciclo de duração. Durante onze meses bem contados, ela realizou a maior obra de desagregação nacional que se poderia imaginar depois dos trágicos acontecimentos do ano passado. Lutas eleitorais temos presenciado muitas e acesas, algumas rematadas em pugnas sangrentas, como em 1922 e em 1930. É da índole de uma campanha em que se confrontam dois ou mais pretendentes ao cargo de Chefe de Estado, a divisão do povo em diversas correntes. [...] O que não se conhecia era a pulverização igual a que produziu a ambição do ex-Governador de Minas. Sua ação foi um corrosivo, a que não resistiram nem alguns metais extremamente nobres. A não ser o comunismo – et pour cause – nenhum grêmio ficou intacto.</i>  <i>[...]</i>  <i>Só a fragmentação do PSD é que constituiu a brecha aberta antidemocrática, deixando que por ela penetrassem os marxistas do Sr. Luis Carlos Prestes. Além disso, qualquer daqueles compatriotas mencionados</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo  Anti-Jango</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  Críticas duras de O Globo a Juscelino Kubitschek. Desagregador, autocentrado, colocava seus objetivos pessoais acima dos do país. Impediu com sua ambição desmesurada a união nacional através de uma candidatura única dos principais partidos, o que representaria uma saída de paz e tranquilidade que poria fim à crise vigente desde os acontecimentos relacionados a Getúlio Vargas desde 1954. Junta Juscelino e Jango num mesmo pacote, onde estão personagens que conspiraram contra os interesses do povo brasileiro desde 54 e alega mais uma vez que a dupla tenta ganhar a eleição batendo insistentemente na tecla de que um golpe seria capaz de impedir suas vitórias.</p>
--	--

*estava – pela experiência na administração, pela probidade indiscutível, pelo espírito público – em condição de começar uma obra de reconstrução nacional, de moralização dos costumes políticos. Mas o Sr. Kubitschek, acolitado pelo Sr. Amaral Peixoto e pelos membros da oligarquia afastada do Catete desde 1954, não cedeu um passo, preferindo jogar o Brasil na incerteza do dia de hoje, contanto que lhe tocasse a sucessão do Sr. Café Filho. Bateu o pé sobre o solo vulcânico, com uma tal falta de senso de responsabilidade que só ela é mais do que suficiente para derrotá-lo nas urnas da próxima segunda-feira.*

*[...]*

*Durante meses a nação foi afrontada pela conspirata, que se blasonava invencível no terreno eleitoral. [...] O slogan de que só pela força das armas é que o Governo do Brasil não caberia a ambos. Por isso alargaram com imprudência o fosso entre civis e militares, aberta pela luta de 24 de agosto; criaram um mundo de suscetibilidades e suspeitas; deram corpo a todos os boatos; fizeram dos simples argueiros valeiros agressivos. E começou a toada do “golpe”. O “golpe” vem hoje rebento do mesmo futuro. A Marinha não transige; a Aeronáutica está pronta a reabrir o Galeão; só o Marechal Lott que ainda nos permite uma esperança!*

*Não foi Juarez que disse ou sequer aludiu ao dilema: ou Juarez ou “golpe”. Homem duro demais para formular tão sínica alternativa. Foram eles, os líderes e os fomentadores de Juscelino e Goulart, que criaram outro desmiolado clichê: ou dão um golpe ou nós ganharemos! Quiseram impregnar a nação dessa falsidade. Difundiram-na por todas as formas, as mais indignas, com escândalos derrames de dinheiro.*

*[...]*

*O Sr. Kubitschek queria um “golpe”. Vai tê-lo: o golpe das urnas.*

<p>30</p>	<p><i>Dominada pelos comunistas, graças a cumplicidade da dupla Juscelino-Jango Goulart a praça onde se realizou o maior congresso eucarístico do mundo!</i></p> <p><i>Brandi levado preso para Buenos Aires O ex-deputado Antônio Brandi acaba de ser preso e, ainda hoje, será levado, em trem especial, para Buenos Aires, onde será ouvido pelas altas autoridades argentinas. A ordem de prisão foi dada pelo interventor da província de Corrientes</i></p> <p><i>Grupos de comunistas e ademaristas provocam agitação em São Paulo</i></p> <p><i>Vitória de Juarez é vitória do Brasil Declarações de Milton Campos na 6ª página</i></p> <p><i>Luis Carlos Prestes reinou ontem no comício de Juscelino e Jango! Enquanto os generais brasileiros eram taxados de “fascistas”, o Sr. João Goulart exclamava: “ Se a comissão Militar de Inquérito não me fizer justiça, o povo o fará! ” O Sr. Juscelino Kubitschek prometeu resolver rápido, todos os problemas nacionais... – Distúrbios, esfaqueamento e vivas a Rússia</i></p> <p><i>Sensacional irradiação pela Rádio Globo sobre o acordo dos comunistas com o PTB e PSD</i></p> <p><i>A irradiação do comício da campanha de Juarez O comício de hoje a noite do General Juarez Távora, na Esplanada do Castelo, marcará o encerramento de uma campanha cívica que há de ficar na escrita dos anais da vida brasileira pelo sentido de renovação que ele veio imprimir aos nossos costumes políticos. O grande comício terá início às 20 horas e será transmitido pela Rádio Globo, em ondas curtas [...] das 20 às 24 horas, e em ondas longas [...] pela</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo Anti-Juscelino/Jango</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo Pró-Juarez</p> <p>Notícia política com viés valorativo Anti-Juscelino/Jango</p> <p>Notícia política com viés valorativo Anti-Juscelino/Jango</p> <p>Notícia política com viés valorativo Odes a Juarez Távora e sua campanha</p>
-----------	--	---

*Rádio Mayrink Veiga, das 20 às 24 horas. Raul Brunini, esplêndido locutor das campanhas regeneradoras da Rádio Globo, fará a irradiação.*

*Nenhuma prova até agora de que a carta de Brandi é falsa  
O que declarou a O Globo esta manhã, momentos antes de embarcar para Buenos Aires, o General Maurell – De posse o presidente da Comissão de Inquérito de um cabograma cujo texto não pôde revelar*

*EDITORIAL:  
A RENOVAÇÃO NACIONAL, COM JUAREZ TÁVORA E MILTON CAMPOS  
Ou a democracia aplicada nas urnas é a arte de escolher os melhores, ou não passa de maratona esportiva para se ver quem alcança mais sufrágios. Ou é um ato cívico executado com seriedade pelo povo, ou é simples competição demagógica. Do seu correto exercício resulta um bom Governo. Do falseamento da escolha, por paixões desatadas ou por interesses de grupos, sobretudo os econômicos, advém os perigos das administrações mediócras, quando não criminosas.*

*[...]  
Por outro lado, quando se apresentam para disputar a chefia da Nação, os candidatos quase sempre se excedem na ostentação de programas miraculosos, para cuja realização não bastaria um século. Raros são os que se comprometem em executar coisa possíveis e cabíveis no lapso de tempo de um mandato. Não por outro motivo foi o povo invadido por uma onda de pessimismo. Entretanto somos senhores de um dos países mais opulentos do mundo em recursos naturais. Não há nessa afirmativa a menor reincidência do antigo e perigoso ufanismo [...].*

*[...]  
Junte-se esta crise assustadora com a desordem moral a que o país foi arrastado pela série de escândalos sem*

*EDITORIAL:  
Mais um material propagandístico de campanha de O Globo, dessa vez objetivando angariar eleitores para o voto na chapa escolhida por Roberto Marinho*



	<p><i>punição, verificados na administração pública, nos institutos de previdência, no banco do Brasil e afinal com o ominoso Gregório fazendo do Palácio do Catete centro das negociatas mais imundas e sede de uma malta de criminosos [...], e tem-se a necessidade de entrarmos numa fase de purificação dos métodos de Governo, nas proscricção dos elementos suspeitos, do aproveitamento não só dos mais capazes como dos probos.</i></p> <p><i>Na próxima segunda-feira o povo terá de escolher quem faça frente a essas tempestades, desabadas sobre o país, quem nos salve de maiores dificuldades, quem administre com o senso das responsabilidades e do espírito nacional, quem vele pelos dinheiros do erário, como dos próprios; quem restitua a poder público a dignidade das suas funções; quem não transija com assassinos e ladrões, quem enfim inaugure uma nova época, restaurando as condições das nossas finanças, da nossa economia, da limpeza dos costumes.</i></p> <p><i>De todos os concorrentes ao pleito, o que dá mais garantias de levar adiante essa verdadeira cruzada pelo bem público é o General Juarez Távora. Suas mãos são puras como são sujas as que o ferem, seu patriotismo, se algo a respeito dele se deve assinalar é que tem a exaltação daquele fanatismo natural, dos que, por vocação, abraçaram a carreira das armas. Sua preparação espiritual e técnica para o altíssimo cargo foi posta à prova não agora, no artificialismo da propaganda, mas pelo estudo consciencioso dos problemas brasileiros e pela adoção de soluções que lhe parecem adequadas.</i></p>	
<p>1 Outubro</p>	<p><i>Antônio Brandi fugiu depois de inquerido</i> <i>A fuga de seu depois de ser ouvido pelo Estado maior Argentino. Também desaparecido após o interrogatório o exército-vice-Governador de Corrientes, Clementino Fortes – Ambos negam a sua participação no negócio das armas – a</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo Anti-Jango</p>

<p><i>polícia argentina empreende uma caçada para recaptura-los – Inacio Pinado no Rio</i></p> <p><i>Dar ao Brasil um governo de respeito e que seja respeitado</i>  <i>Este o objetivo que o General Juarez Távora teve em sua campanha eleitoral – Reafirmou o candidato da Frente de Renovação Nacional seus propósitos no grandioso comício de encerramento de sua pregação cívica – Como falaram os Srs. Milton Campos, Carlos Lacerda e outros – Enorme multidão consagrou, na Esplanada do Castelo, o candidato democrático</i></p> <p><i>Governo de honradez e justiça social</i>  <i>Vibrante proclamação do general Juarez Távora ao povo, através de O Globo – Também se dirige ao eleitorado, por nosso intermédio, seu companheiro de chapa, Sr. Milton Campos – dados biográficos do candidato de renovação nacional</i></p> <p><i>“Só podemos estar otimistas quanto ao resultado final! ”</i>  <i>Após o comício de encerramento de campanha de Juarez Távora, o Sr. Cunha Bueno manifesta a sua confiança na vitória dos candidatos das forças democráticas e enaltece a colaboração dos órgãos que apoiam aquela candidatura</i></p> <p><i>Asseguram todos os partidos a vitória de seus candidatos</i></p> <p><i>Para garantir a tranquilidade do pleito o Governo prometeu se manter neutro</i>  <i>A exortação do Presidente da República ao povo à propósito do pleito de 3 de outubro</i></p> <p><i>“O seu candidato é capaz de um Governo sério e honesto, e de elevar o Brasil?”</i>  <i>É a pergunta que o Cardeal D. Jaime faz aos católicos – as três categorias de</i></p>	<p>Mais uma chamada de voto em Juarez Távora e em Milton campos</p> <p>O Globo tenta uma ajuda a mais, de última hora, para Juarez Távora dentro de reportagem sobre seu último comício eleitoral. Também se refere a Milton Campos</p> <p>Notícia política com viés valorativo Pró-Juarez</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
---	--

*eleitores – Ninguém está satisfeito com a situação geral do país*

*EDITORIAL:*

*O VOTO DA MOCIDADE*

*Não estamos agora senão a poucas horas do pleito. Esta é a última mensagem que O Globo endereça aos seus leitores antes que se abram as urnas. Há mais de um ano, quando as sombras da tragédia já vinham descendo sobre o Brasil, tomou este jornal, pela sua fidelidade ao sentimento público de acordo com as suas tradições democráticas, a única posição que um órgão de opinião poderia assumir naquela gravíssima conjuntura. Era uma hora em que a dignidade do Poder se via enxovalhado pela societas sceleris que fizera do Palácio do Catete seu valhacouto e trincheira contra todas as forças e formas de repressão aos abusos, aos crimes, aos roubos, cometidos por aqueles audazes facínoras, que tanto exploraram a condescendência do Chefe do Governo. Até então a nação assistia consternada e revoltada ao desbarato do Banco do Brasil, desviados dos seus cofres e com infração das regras estruturais para beneficiar protegidos do alto.*

*[...]*

*Afinal a providência naquela noite de 5 de agosto do ano passado, quando se ia consumir o assassinio do jornalista intrépido, que assumira o perigoso encargo de apontar à nação os crimes e os criminosos. [...] O sacrifício do Major Vaz comoveu a Nação, fez estremecerem as fibras mais nobres do povo, revoltou os seus companheiros de armas e desencadeou a tragédia, que com a morte do Presidente comoveu o mundo.*

*Entre as duas datas que abriram as páginas do Rasputim brasileiro, e o povo teve diante dos olhos as provas esmagadoras das misérias que se praticavam à sombra do Governo.*

*[...]*

*EDITORIAL:*

*O Globo faz um apelo de última hora para que o eleitorado jovem juventude vote em Juarez Távora.*

*O jornal o faz depois de mais uma vez criticar acidamente aqueles que levaram o Brasil até a crise de 1954 e que espoliaram a nação.*

*É para impedir que esses grupos e personagens ganhassem uma oportunidade para continuarem com suas falcatruas e outros crimes contra o povo e o país é que O Globo apela para a juventude, que o senso comum reputa como força transformadora, para votar e eleger o candidato da mudança, que deixasse o varguismo para trás.*

	<p><i>Agora, às vésperas da decisão eleitoral, de novo se mobilizam os saldos da oligarquia para a volta ao poder aliadas à aventura de Kubitschek-Goulart.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Esta última mensagem gostaríamos de endossa-la aos moços. Aos homens e mulheres jovens do Brasil. [...] Foi preciso que as armas de 29 de outubro operassem a cura cirúrgica para que se realizasse o pleito de 1945. No dia em que o povo veio para a rua, fez da eleição uma festa cívica. O espetáculo era o de uma conquista.</i></p> <p><i>Não a quer perder a espoliada juventude brasileira. Tem de correr depois de amanhã para as urnas, afim de salva-la, constituindo pelo voto um Governo de renovação de costumes, jamais ajudando, pelo erro da escolha, o retrocesso ao paganismo oligárquico. Esses falsos deuses já desapareceram no limbo. Não voltarão. O Brasil quer ir para adiante, numa vida livre de trabalho e idealismo construtivo, não afundar-se em catacumbas lamentosas, povoadas de fantasmas.</i></p>	
2	Não houve edição	Não houve edição
3 Eleição	<p><i>A nação escolhe hoje os seus mandatários</i></p> <p><i>Mais vigorosa e retemperada deve sair a democracia da prova crucial de hoje</i></p> <p><i>O grande momento do eleitorado brasileiro – Do seu critério e do seu equilíbrio vai depender a estabilidade do regime – Benefícios incalculáveis ou males sem conta as consequências do voto que vai ser depositado nas urnas</i></p> <p><i>Torpe exploração dos integralistas em torno do nome de D. Hélder Câmara</i></p> <p><i>Desfaz o ilustre prelado a revoltante manobra do sigma, envolvendo o seu respeitável nome</i></p> <p><i>Juarez Távora são os candidatos da Frente de Renovação Nacional.</i></p> <p><i>Representam pelo seu passado, uma</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo chama mais uma vez o eleitorado à razão mostrando a importância de se votar “bem”.</p> <p>O Globo se mostra plural e democrático</p> <p>Panfleto eleitoral em forma de matéria jornalística a favor de Juarez Távora e</p>

	<p><i>garantia de dignidade e de firmeza contra a corrupção dos costumes políticos e administrativos e o perigo da subversão comunista que ameaça abalar os alicerces da democracia e das não nossas tradições cristãs</i></p> <p><i>Bendito o Brasil se eleger Távora</i> <i>A mensagem do Governador Jânio Quadros aos Srs. Juarez Távora e Milton Campos</i></p> <p><i>A Igreja contra os candidatos do comunismo e das negociatas</i> <i>Proclamação de D. Jaime de Barros Câmara para orientar os católicos</i> <i>Devemos eleger o timoneiro de que a pátria mais precisa nesse momento</i></p> <p><i>Desaparecidos os implicados na carta enviada a Jango</i> <i>Não se sabe do paradeiro de Brandi, Fitipaldi, Pinedo e Clemente Fortes – O General Maurell Filho elogia a reportagem de O Globo – Em poder de S. Ex. recibos e subsídios de deputado assinados por Brandi para confronto da assinatura na carta</i></p> <p><i>Os candidatos dirigem-se ao povo através de O Globo</i> <i>Juscelino: “Minha primeira vitória, este eu já obtive...é o pleito” – João Goulart: “Reafirmo a minha solidariedade aos ideais de Getúlio Vargas” – Ademar: “São Paulo está comigo e o Brasil acompanhará São Paulo” – Plínio: “Que deus inspire o povo brasileiro” – Danton: “Estou com Ademar porque ele garantiu a vitória de Vargas em 1950”</i></p> <p><i>Plínio Salgado financiado pelos fascistas italianos</i></p>	<p>Milton Campos em pleno dia da eleição</p> <p>Notícia política com viés valorativo Pró-Juarez/Milton Campos</p> <p>Notícia política com viés valorativo Pró-Juarez/Milton Campos Apelo aos eleitores cristãos</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>O Globo se mostra plural e democrático</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
4	<p><i>“Com o povo a palavra decisiva”</i> <i>Fala a O Globo o General Juarez Távora, no momento da votação</i> <i>Uma multidão de fotógrafos, repórteres e cinegrafistas aguardavam o candidato na seção eleitoral</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo Pró-Juarez</p>

<p><i>Brandi e Forte interrogados pelo General Maurell Filho</i>  <i>Apresentaram-se à polícia os dois homens, explicando que haviam procurado fugir à reportagem – Depoimentos oficiosos em Corrientes, a caminho do nosso Ministério da Guerra – A esposa de Pinedo confirma sua presença em Uruguaiana – Receia-se que as investigações sobre a carta revelem fatos desabonadores para muitos oficiais do exército argentino – Como repercutiu nesta capital o telegrama do General Maurell dando sinal de autenticidade da carta</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>A PERÍCIA CALIGRÁFICA E A AUTENTICIDADE DA CARTA DE BRANDI</b>  <i>Antes que as urnas se abrissem à patriótica ansiedade nacional, um acontecimento destinado a ter enorme repercussão, dentro e fora do nosso país, ocupou o primeiro lugar no dia de ontem. Trata-se do telegrama oficial emitido, de Buenos Aires, ao Ministro da Guerra, pelo General Maurell Filho. Como é sabido, este ilustre oficial-General foi incumbido pelo eminente General Teixeira Lott de apurar, à frente de uma Comissão Militar de Inquérito, a autenticidade ou a falsidade da carta atribuída ao deputado argentino Antonio Brandi endereçada ao Sr. João Goulart, quando este era Ministro do Trabalho, no Governo do Presidente Vargas.</i>  [...]  <i>Contra-atacando, o Sr. João Goulart e seus agentes na Câmara e na imprensa atiraram-se a uma violenta ofensiva consistente em afirmar que a carta era falsa e tinha sido engendrada para prejudicar a candidatura de Kubitschek e de seu companheiro de chapa.</i>  [...]  <i>A posição de O Globo neste assunto ficou fixada na primeira hora. Graças</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  O Globo reforça a campanha sistemática para desacreditar João Goulart diante da opinião pública alegando que já se provara a autenticidade da carta que incriminava gravemente o candidato à vice-presidência, João Goulart. Ao proclamar aqui como líquida e certa a culpabilidade de Jango no caso, Roberto Marinho e O Globo se comprometem de forma direta e irremediável com uma mentira que foi por eles encampada desde que foi inicialmente noticiada. Ao ridicularizar Jango aqui, a humilhação posterior de Roberto Marinho, quando a farsa se comprovou, se reforça.</p>
--	---

*ao nosso colega Carlos Lacerda, reproduzimos junto com a “Tribuna da Imprensa, o “fax símile” da carta de Brandi, que o deputado apresentara na televisão.*

*[...]*

*Mas este jornal não entrou no debate, nem para sustentar a autenticidade do documento, nem para afirmá-lo. Nossa posição foi a única possível. Se estava constituída uma Comissão de Inquérito deveríamos todos aguardar os resultados de suas averiguações. Era isso que pediam os amigos de Goulart ao Ministro da Guerra? Pois nós estávamos de acordo.*

*Eis que ontem estourou a bomba nos já semivazios arraiais do Sr. Goulart e de seus atribulados defensores. O gabinete do Ministro da Guerra distribuiu pela manhã um comunicado à imprensa, descrevendo o telegrama que aquele titular enviará o General Maurell, ora na Argentina, à serviço da Comissão. Neste despacho, diz o General Maurell a seus superiores “transcrevo o laudo pericial que acaba de me ser entregue pelo chefe da Polícia Federal de Buenos Aires – “Neste caso particular pode dizer-se que a firma fotografada (fotocópia) tem as características que fazem sumamente provável que pertença a mesma mão que as firmas dos documentos anteriores.*

*[...]*

*O Sr. Goulart negou. Brandi também negou. Todo mundo negou o crime. Essa é a balda clássica de todos os infratores, quando apanhados.*

*[...]*

*A verdade à cerca das ações das ligações de Goulart com Peron começa a aparecer em sua nudez. Durante meses e meses o Sr. Goulart cultivou, entre deslumbrado e invejoso, a figura do ditador argentino, seus métodos de ação, seu vozerio na Plaza de Mayo, as aclamações dirigidas pela CGT.*

*[...]*

	<i>A história começa a ser escrita com as tintas da verdade. Bastou que fugisse de Buenos Aires o General Peron para que ele e todos os seus cúmplices, seus sócios, seus comparsas, apareçam em plena luz, tal como sempre foram. E o fio da meada apenas começou a desenrolar-se...</i>	
5	<p><i>Surpreende até os ademaristas a votação de Juarez em São Paulo</i></p> <p><i>“Não exerci qualquer coerção! ” Repele o Ministro da Guerra, em declarações a O Globo, críticas de representantes petebistas e comunistas – Por outro lado, diz S. Ex. que só um louco poderia atribuir-lhe o desejo de anular as eleições</i></p> <p><i>“A verdade surgirá custe o que custar” Declara com firmeza, em Buenos Aires, ao representante de O Globo, o General Maurell Filho depois de interrogar Brandi e Pineda</i></p> <p><i>A Rádio Globo facilitou as diligências policiais</i></p> <p><i>Qualquer que seja o eleito, vou propor um Governo colegiado E acrescenta o deputado Castilho Cabral em declarações ao O Globo: “Mais do que nos homens o mal está no excessivo poder do Presidente da República” – Sugerirá igualmente a transformação do novo Congresso em Assembleia Constituinte – Decisivos para a história do Brasil, nesta geração, os próximos dez dias, observa o deputado Aliomar Baleeira – Os pessedistas que no máximo nos próximos três dias, Juscelino assumirá a frente nas apurações – Confessam que não esperavam a votação obtida por Juarez em São Paulo e por Ademar no Rio Grande do Sul – A situação de Milton Campos</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo Pró-Juarez</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Autoelogio das empresas Globo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>



	<i>Lacerda deverá exigir hoje na Câmara os documentos sobre a infiltração peronista</i>	
6	<p><i>Juscelino assume liderança das apurações</i></p> <p><i>Pedirá a investigação pela Câmara, da infiltração peronista no Brasil</i>  <i>Anuncia o Sr. Carlos Lacerda que vai solicitar a constituição de um a Comissão Parlamentar de Inquérito –</i>  <i>Oficial de gabinete do Sr. João Goulart</i>  <i>corretando matéria paga em Buenos Aires – Tumultos no final da sessão</i></p> <p><i>Nada no relatório da polícia sobre infração eleitoral pela Rádio Globo</i></p> <p><i>“Fraude, coação e suborno em Minas” declara Pedro Aleixo</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>APRENDIZ DE PERON</b>  <i>Desesperadamente obrigado a mentir e a negar o que fez, não quis o Sr. Jango Goulart ficar preso e em segurança nessa atitude prudente e, vestindo afoitamente a camisa de demagogo, apelou para a justiça no caso da carta que documenta suas atitudes de lesa-pátria.</i>  <i>[...] Ademais, esse truque de dar alçada, braço a rodeio ao povo pode dar as vezes mal resultado, como está percebendo agora no seu exílio de Assunção o professor Peron. Não convém absolutamente ao aprendiz Jango, ainda muito inocente nas artes de embair o povo, apresentar à força como salvador. Faltam-lhe certas qualidades indispensáveis para isso, entre elas o senso de oportunidade e a intuição do perigo.</i>  <i>Pedir em praça pública justiça ao povo assim como pediu o Sr. Goulart, sabendo que não poderia tardar a comprovação da sua traição, vendo o seu patrono partir e tendo notícia de que</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo  Roberto Marinho se exime de qualquer desvio</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  O Globo volta a se arriscar demais diante da certeza de que a carta de Brandi era verdadeira e continua a colocar em risco seu prestígio jornalístico ao continuar a ridicularizar “as tentativas” de João Goulart de defender nesse caso.</p>

	<p><i>os seus comparsas eram acoissados de perto e estavam a cair [...].</i>  <i>[...]</i>  <i>Vê-se, pois, como foi leviano o Sr. Jango em exigir justiça ao povo. Essa justiça não lhe será negada, estamos certos, pela voz das urnas. Quanto a outra, de que evidentemente tem medo por motivos agora bem claros, essa também não lhe há de faltar.</i></p>	
7	<p><i>A sucessão foi um momento propício para a expansão do credo vermelho Tremendo libelo do Diretor do DOPS, em São Paulo, que afirmam terem os Srs. Juscelino Kubitschek e Jango Goulart dado 8 milhões de cruzeiros pela opinião dos comunistas – Elementos do PTB à testa do MNPT – Estaria praticamente dominada pelos bolchevistas a organização sindical de São Paulo</i></p> <p><i>O General Maurell ouvirá os apontados falsificadores</i></p> <p><i>Nenhuma decisão tomou a UDN</i></p>	<p>O Globo começa aqui a veicular notícias que focam um alegado acordo formal e remunerado de apoio do PCB e dos comunistas à chapa Juscelino-Jango e formulam a tese de que Juscelino e Goulart só venceram por causa dos votos comunistas resultantes de tal acordo.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
8	<p><i>As classes armadas e o resultado das urnas</i>  <i>O Sr. Armando Falcão esclarece na Câmara o pensamento do Ministro da Guerra – Respeito à soberania do povo – Reforma da Constituição a seu tempo – Precisamos de melhor governo – Diálogo entre parlamentar cearense e o Sr. Carlos Lacerda</i></p> <p><i>Infiltração peronista no Brasil na gestão do Sr. João Goulart</i>  <i>Uma carta do ex-Ministro Segadas Viana, lida pelo Sr. Carlos Lacerda na Câmara que a reafirma – O Presidente do PTB fomentou mesmo greves</i></p> <p><i>Ainda não regressou o General Maurell Filho</i></p> <p><i>Não se confirmaram os insistentes rumores sobre inesperada chegada ao Rio do General Maurell Filho. O presidente da Comissão de Inquérito</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>

*sobre a carta atribuída ao Sr. Antonio Brandi partiu ontem de Buenos Aires para Uruguaiana, só devendo regressar a essa capital na próxima semana. O General Maurell, segundo novo telegrama do nosso enviado especial na capital argentina, Daniel Caetano, deu por encerrada a sua missão no país vizinho*

**EDITORIAL:**

**ENQUANTO FALAM AS URNAS**

*A apuração das eleições do dia 3 ainda se acha mais ou menos na metade dos seus trabalhos. [...] Desde a tarde de anteontem, o candidato do PSD vem conservando a frente, embora sem grandiosa diferença sobre seus contendores. Como o exame do pleito em Minas está sendo mais lento e com a vantagem do Sr. Kubitschek se conserva ali muito elevada, as maiores probabilidades se definem em seu benefício [...].*

*Assinalamos a realidade atual da apuração, sem formularmos qualquer prognóstico. Muito menos o inspiraríamos nas preferências adotadas por este jornal durante a campanha. A democracia pós-eleitoral não se faz com simpatias ou antipatias. Ela participa do rigor aritmético das operações de somar.*

*[...]*

*A fase da luta, do proselitismo, da conquista de apoio antes do 3. Do que se trata agora é de uma correta verificação dos resultados. Está claro, que quando falamos em somas, não excluimos a possível decantação que nelas venha a fazer a Justiça Eleitoral, em face de impugnações fundadas, em torno da lei.*

*[...]*

*Seja, porém, qual venha a ser o desfecho do pleito de 3 de outubro, não é cedo para que o Globo desde já se defina na provável hipótese de caber a vitória ao Sr. Juscelino Kubitschek. Para isso não é necessário senão recordarmos as razões que nos conduziram a uma*

**EDITORIAL:**

Já contando com a vitória de Juscelino Kubitschek na eleição de 3 de outubro, O Globo indica que torcerá por seu sucesso, mas reforça antigas críticas ao vencedor, principalmente sobre seu execrável comprometimento eleitoral com os comunistas.

Justifica e não se arrepende por ter apoiado a candidatura do General Juarez Távora.

*atitude militante contra o nome do ex-Governador de Minas Gerais.*

*[...]*

*Somos um jornal livre de compromissos, a não ser com o povo, com os seus altos interesses e aspirações. Por isso mesmo é que, desde o primeiro momento, convocamos ao bom senso dos homens públicos, que poupassem a Nação a novas e acirradas divisões. Já bastavam as que nos conduziram à crise político-militar de 54 e a tragédia do mês de agosto, rematada pelo suicídio de Getúlio Vargas.*

*[...]*

*Não é este o momento de proceder-se a um novo inventário dos erros por S. Ex. cometidos. Muitos deles foram consequência de sua inexorabilidade em não ceder a ninguém a sua candidatura.*

*[...]*

*Ungido pela necessidade de votos, o Sr. Kubitschek acabou candidato do Partido Comunista, aplaudido em manifesto de Luis Carlos Prestes, e falando na Praça do Congresso tendo ao seu lado marxistas mais caracterizados, como o Sr. Roberto Morena, enquanto ali mesmo, sacriliegamente, desfilavam os dísticos pedindo restabelecimento das relações com a Rússia soviética e a volta da agremiação vermelha a legalidade! Fiéis a nossa norma invariável de conduta, batemo-nos e tornaremos a bater-nos pela vitória dos mesmos ideias que nos levaram à luta. Nesta, jamais individualizamos as questões. Mais uma vez salientamos que as pessoas dos candidatos estavam fora da mira dos nossos debates.*

*[...]*

*Detestando a neutralidade cômoda, batemo-nos pela escolha do eminente General Juarez Távora e não temos porque arrepender-nos do auxílio que, de boa vontade, e com total desinteresse, lhe demos nas suas horas mais difíceis.*

*[...].*

*[...]*

	<p><i>Se o governo vier a caber ao Sr. Juscelino Kubitschek, formularemos nossos mais ardentes votos para que S. Ex. deixe a porta do Catete os amigos comprometedores, as suspeitadas intimidades dos que fizeram da vida política uma profissão rendosa, dos que seguiram todos os governos ao preço das vantagens que o poder está em condições de distribuir, dos demagogos e irresponsáveis, de que Sr. João Goulart é um espelho, dos que em 54 arrastaram o Brasil à tragédia de agosto.</i></p> <p><i>Nossa linha de conduta não sofrerá a alteração de um milímetro. Não a adotamos por antipatias ao Sr. Kubitschek, nem por apreço ou despreço a quaisquer pessoas. Apenas por dever para com o povo e em atenção aos compromissos com o nosso passado democrático.</i></p>	
9	Não houve edição	Não houve edição
10	<p><i>Não deixaria de uma noitada alegre o atentado contra João Goulart</i></p> <p><i>Tiros para o ar no carro de Jango – As versões que vem do Sul e o que dizem amigos do líder petebista nesta capital</i></p> <p><i>Agressão covarde a jornalistas do secretário-geral do PTB</i></p> <p><i>O deputado comuno-trabalhista Frota Moreira, ajudado pelos filhos e pelos por agentes de moscou, espancou no galeão dois repórteres da “Tribuna da Imprensa” - estranheza e mal-estar no aeroporto pela má educação do deputado paulista – Apresentada queixa e realizado exame de corpo-de-delito – Fala a O Globo o deputado Carlos Lacerda</i></p> <p><i>Peron enriqueceu Iris Valls</i></p> <p><i>Aliança de Jânio com o PSD paulista</i></p> <p><i>Regressará amanhã o General Maurell Está em Uruguaiana concluindo as suas investigações</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>

<p>11</p>	<p><i>“O mal-estar diante da provável eleição de Jango, é geral; não acredito, porém, em violências” – Declara o deputado Lopo Coelho</i></p> <p><i>“Grosseira farsa que montaram em Uruguaiana”</i>  <i>Violenta reação do General Adil de Oliveira à acusação de que teria encomendado a carta a um suposto falsário – Também o deputado Carlos Lacerda adverte a Nação contra as acusações que lhe são feitas – Chegou algemado e escoltado, ontem, ao Rio, o argentino Fernando Malfussi – preso incomunicável na Polícia do Exército</i></p> <p><i>Comentário do “New York Times” sobre as eleições brasileiras</i></p> <p><i>Nem ao automóvel era do Sr. João Goulart</i>  <i>A verdade sobre o suposto atentado contra a vida do líder trabalhista troca de tiros entre seu amigo, de não nome Rubens, e um desconhecido</i></p> <p><i>O Sr. Juscelino Kubitschek quer abrir as portas à Rússia</i>  <i>Novos planos e promessas <u>do candidato mais votado para a presidência da República</u></i></p>	<p>O Globo noticia o início da resistência ostensiva à posse dos vitoriosos Juscelino Kubitschek e João Goulart.</p> <p>A farsa da “carta de Brandi” começa a ser a vir à tona.  Mas enquanto isso, as investigações que visavam incriminar Jango em crimes gravíssimos continuavam normalmente e O Globo continua repercutindo esses esforços.</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>O Globo repercute o adensamento do movimento que visa impedir a posse de Juscelino com a justificativa de que se elegeu com os votos comunistas.</p>
<p>12</p>	<p><i>Nada pode decidir, ainda, a UDN, sobre a impugnação das eleições</i>  <i>Aguarda informações sobre irregularidades havidas nos estados – Não há “de novo”, diz a O Globo o líder Afonso Arinos</i></p> <p><i>Jânio confirma que Juscelino pagou 8 milhões pelo apoio comunista!</i>  <i>Não há que tirar uma vírgula do relatório do DOPS</i></p> <p><i>Impedidos de ir às urnas em Caxias, cerca de 30 mil eleitores da UDN</i>  <i>Quando a família de Tenório Cavalcanti chegou aquele município fluminense, já</i></p>	<p>O Globo noticia a possibilidade de mudança no resultado da eleição presidencial em função de irregularidades na votação.</p> <p>O Globo repercute o adensamento do movimento que visa impedir a posse de Juscelino com a justificativa de que se elegeu com os votos comunistas.</p> <p>O Globo veicula notícia que pode ajudar a viabilizar a mudança do resultado da eleição presidencial em função de irregularidades na votação.</p>

*havam votado por ela – [...] – Como se desenvolveu a fraude no Estado do Rio*

*EDITORIAL:*

*O RESULTADO DO PLEITO E A VOTAÇÃO DOS COMUNISTAS*

*A medida que avançam os trabalhos de apuração do pleito do 3, mais se evidencia o parcelamento das votações. [...] as diferenças entre o Sr. Kubitschek e o General Távora são tão mediocres que, involuntariamente, os leitores hão de recordar os róseos prognósticos do Sr. Ernani do Amaral Peixoto, quando não fazia a vitória de seu candidato por menos de um milhão!*

*[...]*

*Por muito que se estejam por nega-la, já não há como dissimular a influência do Partido Comunista nos resultados do dia 3. Que aquele partido “outlaw” se colocara militantemente, a favor da fórmula Kubitschek-Goulart é fato que ninguém poderá dissimular com decência.*

*[...]*

*Verifica-se, depois do frigir dos ovos, que os Srs. Kubitschek e Goulart não foram desavisados buscando a aliança com os eleitores do Sr. Prestes, porque, se confrontados os resultados pró-Kubitschek e pró-Juarez, a medíocre diferença favorável ao primeiro terá de ser levada a crédito dos votos dos marxistas. É evidente que como o voto é secreto, ninguém poderá provar. Ela, no entanto, emerge da circunstância notória de que há, no Brasil, cerca de 500 mil comunistas alistados, os quais se enfileiraram na fórmula PSD-PTB.*

*[...]*

*Desse modo, tudo está a indicar a influência do PCB no resultado do pleito. E isso principalmente no tocante à posição do Sr. Goulart. Este candidato, se ficasse, como era natural, dentro das votações obtidas pelo Sr. Kubitschek, estaria vencido pelo Sr. Milton Campos.*

*EDITORIAL:*

Roberto Marinho dá forma e informa de forma categórica e inequívoca através de seu jornal à opinião pública brasileira sobre o movimento que visou impedir a posse de JK e Jango. No presente editorial O Globo assume seu papel e dá voz aos atores que protagonizaram a campanha para a anulação das eleições de 1955. Essa etapa da campanha se baseou na justificativa de que carecia de legitimidade e legalidade a vitória daqueles candidatos que só a teriam alcançado em função de um alegado e nunca provado acordo formal e remunerado de apoio do PCB e dos comunistas à chapa Juscelino-Jango. Indo além, Roberto Marinho e seus companheiros nessa campanha formulam e O Globo expõe aqui a tese de que Juscelino e Goulart só venceram por causa dos votos comunistas resultantes de tal acordo.

	<p>[...]  <i>Desse modo, os fatos estão acusando irrecusavelmente que um Partido fora da lei foi carta decisiva no jogo da sucessão presidencial.</i></p>	
13	<p><i>“Impõem-se a fusão dos partidos juarezistas”</i>  <i>O Sr. João Agripino, secretário-geral da UDN defende a viabilidade dessa ideia – “União, sim; fusão, não, diz Raul Pila – O Sr. Clóvis Pestana acha difícil a criação de um novo partido – Acredita em dias trágicos para o país</i>  <i>Interesse de Jânio Quadros na reunião das forças da “Renovação Nacional”</i></p> <p><i>Querem impugnar o mandato do deputado Carlos Lacerda</i>  <i>Tomam posição o PSD e o PTB – Argumentos que serão evocados – Quem seria o primeiro signatário? – Eis a questão crucial no seio da maioria</i></p> <p><i>Querem lançar a Marinha contra o Exército com boatos infamantes</i>  <i>Incisivas declarações do Ministro Amauri do Vale ao O Globo desfazendo rumores e intrigas – Sem fundamento a notícia da demissão do Almirante Pena Bôto</i></p> <p><i>A carta de Brandi seria falsa</i>  <i>O embaixador Leite Ribeiro presta informações ao Itamarati – Segundo sabemos, o Itamarati recebeu uma comunicação da nossa embaixada em Buenos Aires, pela qual o General Emilio Maurell Filho teria declarado ao Embaixador Leite Ribeiro, na presença de várias pessoas, que considerava falsa a carta de Brandi, assim como os fatos nela denunciados</i></p> <p><i>Termina suas pesquisas o General Maurell Filho</i>  <i>“O assunto pode tornar-se sério, mas ante os resultados das minhas investigações, deve ser objeto de profundo estudo por parte do Governo</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo ??</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>O Globo se abre pela primeira vez para a possibilidade de estar dando guarita a uma farsa</p> <p>Idem</p>



	<i>brasileiro”, avisa o militar – O desmentido do General Amauri Kruel</i>	
14	<p><i>“Não se trata de golpe” Afirma o Sr. Afonso Arinos. Entretanto o Comandante Ernani do Amaral Peixoto diz o contrário – declarações do líder da UDN e do presidente do PSD sobre o momentoso assunto- Não está sozinha a agremiação udenista</i></p> <p><i>Não declarei que a carta era falsa nem que era verdadeira” Desmente o General Maurell Filho que teria feito qualquer declaração ao Embaixador Leite Ribeiro ou a quem quer que seja</i></p> <p><i>“Pedirei na próxima semana a cassação” Fala a O Globo o deputado Ari Pitombo sobre a impugnação do mandato do deputado Carlos Lacerda – O movimento, porém, não apresenta maior profundidade - 18 deputados dão o seu depoimento a reportagem</i></p> <p><i>Maurell interroga Malfussi e Cordero O General Maurell passou toda a manhã de hoje ouvindo Alfredo Malfussi e Alberto De Mastro Cordero que há oito dias se encontram presos, sob rigorosa incomunicabilidade, no quartel da Polícia Militar do Exército. As 17 horas o General Maurell será recebido pelo Ministro da Guerra para fazer um relatório verbal sobre as diligências já realizadas</i></p> <p><i>EDITORIAL: O ORGÃO COMUNISTA CONTINUA AFIRMANDO QUE O PCB FOI PARTE DECISIVA NA VITÓRIA DE JUSCELINO-GOULART Prosseguem, agora já na parte final, os trabalhos de apuração do pleito do dia 3.E os resultados se mantêm na mesma escala definida nos 3 dias imediatos ao ato eleitoral, isto é, como o Sr. Juscelino Kubitschek a frente, seguido pelo</i></p>	<p>O Globo repercute movimentação no sentido de viabilizar a anulação da eleição presidencial</p> <p>O Globo se acha em situação delicada. Não se sabe para onde irá o resultado do inquérito sobre a “carta de Brandi” e o jornal já se comprometeu com a versão difundida de que a carta é verdadeira.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Já há dúvidas quanto à veracidade da “carta de Brandi”, mas as investigações que estavam apontando para sua veracidade continuam...</p> <p>EDITORIAL: Roberto Marinho intensifica os primeiros passos que visam anular o pleito recente. A alegação de ilegalidade deste em função do acordo de Kubitschek-Jango com o PCB e o peso dos votos comunistas na vitória é amplificada e reforçada aqui.</p>

	<p><i>General Juarez Távora [...] Muito menor é a distância que separa o Sr. João Goulart do Sr. Milton Campos. [...]</i></p> <p><i>Em nosso editorial de anteontem, pusemos de manifesto a importância desempenhada no embate pela participação militante do Partido Comunista. Ainda ninguém esqueceu o conluio celebrado entre os partidários chapa PSD-PTB com os liderados do Sr. Luis Carlos Lacerda Prestes. Apesar das negativas frouxas e genéricas, tanto do Sr. Kubitschek quanto do Sr. Goulart, a prova do entendimento se apresentou transparente. [...]</i></p> <p><i>Para contraste, a “Imprensa Popular” entrou desde o começo a jactar-se de que o Partido Comunista fora parte decisiva na vitória da dupla Kubitschek-Goulart. [...].</i></p> <p><i>A ser verdade os partidários do Sr. Luis Carlos Prestes, a pugna democrática, entre partidos democráticos teria sido arbitrada pelos adeptos de Moscou! A polícia de São Paulo já tornou pública a soma que os escritórios Kubitschek-Goulart pagaram pela nova espécie de “socorro vermelho”.</i></p> <p><i>Não poderíamos recusar, em nossas colunas, abrigo às graves e comprometedoras declarações do órgão moscovita. Não é a nós que incumbe desmenti-las</i></p>	
15	<p><i>“Não podemos aceitar um pleito viciado e desonesto”</i></p> <p><i>E acrescentou a O Globo o Sr. Raul Pina: “As impugnações, sempre que tiverem cabimento, devem ser feitas” – Ao Sr. Pedro Aleixo o comando da “batalha judiciária” – <b>interesse do Brigadeiro no assunto</b> - [...]</i></p> <p><i>Há outras prisões de estrangeiros no caso da cartado Sr. A. Brandi Fez relatório verbal ao Ministro da Guerra o General Maurell Filho –</i></p>	<p>O Globo reforça a campanha pela anulação da eleição do dia 3 de outubro</p> <p>Apesar de já haverem indícios fortes de que a “carta de Brandi” era falsa, a movimentação visando provar a sua</p>

<p><i>Dentro de 10 dias o pronunciamento final</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <i>O GRANDE CRIME DOS J. J. Não é sem razão fundamental que estamos insistindo em caracterizar a atuação militante do Partido Comunista no pleito de 3 de outubro, assim como a “influência decisiva” (palavras da “Imprensa Popular”) dos votos dos partidários de Moscou nos resultados da luta pela sucessão presidencial. Este caso transcende claramente quaisquer preferências por candidatos e não se enquadra na apreciação simplesmente aritmética do número de sufrágios já contados pelas Juntas de Apuração. Seu sentido é muito mais profundo, porque define um rumo da política e converte em arbitro da controvérsia entre partidos democráticos exatamente o pior dos totalitários [...].</i></p> <p><i>[. . .]</i>  <i>Em sã consciência, fora do âmbito das paixões facciosas ou dos interesses subalternos, nenhum brasileiro poderia convocar os agentes vermelhos do Sr. Luis Carlos Prestes, para que decidissem, com suas agitações, suas intrigas e seus votos o embate suscitado pela renovação do mandato presidencial.</i></p> <p><i>[. . .]</i>  <i>[...] é inegável que o eleitor vota em quem quer. Esses truísmos não anulam a certeza de que, em 3 de outubro, os marxistas aqui alistados sufragaram os nomes de Juscelino Kubitschek e João Goulart.</i></p> <p><i>[. . .]</i>  <i>No caso presente, não se trata de insistir que qualquer candidato não está livre de receber votos de comunistas [...].</i>  <i>Porque a 3 de outubro não houve acaso, simpatia ou qualquer sentimento pessoal do eleitor comunista para sufragar os Srs. Kubitschek e Goulart. Não, em absoluto. O que houve foi uma</i></p>	<p>veracidade continuam e O Globo repercute.</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  Esse é o terceiro editorial seguido destinado a reforçar o peso da acusação de que houve vício e ilegalidade na vitória de Juscelino Kubitschek e João Goulart. O argumento é o mesmo dos dois últimos editoriais: sem os votos comunistas, que não seriam espontâneos, mas sim mecanicamente dados por obediência doutrinária e partidária ao líder Luis Carlos Prestes, Juarez Távora e Milton Campos seriam os vencedores. Por tudo isso Roberto Marinho afirma que não há como deixar de levar esse problema, esse vício, aos tribunais (e à nação, do que se desincumbe o jornal).</p>
--	--

	<p><i>transação feita e acabada, num contrato oneroso [...] por força de cujas cláusulas, não alguns comunistas agindo isoladamente, mas o Partido Comunista inteiro e disciplinado, como é de sua ética, se comprometeu a votar nos aludidos candidatos.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Ontem, ainda mais uma vez escreveu a “Imprensa Popular”, sob o seguinte sugestivo título – “O Papel dos Comunistas” -, palavras que precisam ser gravadas pela Justiça Eleitoral: “os resultados das urnas vieram demonstrar a vigilância democrática e o papel de patriotismo do partido Comunista. É inegável que os comunistas atuaram, nessas eleições, como fiel da balança, assegurando a vitória dos candidatos antigolpe. Os comunistas trabalharam durante a campanha, pela formação da mais ampla frente de luta pelas liberdades, jamais constituída em nosso país [...]”. A insistência com que o órgão vermelho teima em reclamar para seus correligionários a posição de fiel da balança que estão beneficiando os Srs. Kubitschek e Goulart não pode mais deixar de ser apreciado pelos Tribunais e pela Nação.</i></p>	
16	Não houve edição	Não houve edição
17	<p><i>Seria confiada ao General Etchegoyen a última fase do inquérito sobre a carta O Inspetor geral da artilharia de costa, porém, não confirmou a notícia – prometeu o General Maurell Filho declarações para hoje</i></p> <p><i>Articulam-se líderes pessedistas com os de outros partidos – Reunião na sede do PSD para um pronunciamento conjunto sobre a posse dos eleitos – Posição da UDN – Confia o Sr. João Goulart no resultado das urnas e na sua posse</i></p>	<p>O desfecho da questão “carta de Brandi” vira um problema. O que fazer para os militares, Roberto Marinho e seus meios de comunicação e tantos outros que investiram sua reputação e credibilidade pública na destruição do ator político João Goulart através desse escândalo poderem sair dele sem passar vergonha?</p> <p>Tomam corpo as movimentações concernentes à questão da posse ou não dos vencedores do último pleito democrático nos vários setores da sociedade, entre os políticos e entre os militares.</p>

	<i>Funcionou livremente em Belo Horizonte um “curral” do PSD</i>	Mais subsídios para a suspeição lançada sobre o resultado eleitoral.
--	--	--

Anexo 9

Tabela 14: Eleição presidencial de 1960

DATA	MANCHETES e EDITORIAIS	POSICIONAMENTO POLÍTICO
19	<i>Tumultuadas pelos comunistas as homenagens ao Presidente no Recife. Aliados e elementos exaltados do PTB e do PSD, desvirtuaram o caráter apartidário das manifestações – S. Ex. evitou pronunciamentos políticos em seus discursos. Mas, coagido pela interpelação de um popular, hipotecou solidariedade aos candidatos situacionistas – Torpedeamento do comício de Jânio, cuja vitória no interior do estado é prevista com frente superior a 100 mil votos.</i>	Iniciando a pesquisa, já se encontra a presença de possível proteção a Jânio.
20	<i>Afirma o Ministro da Justiça: completa tranquilidade no País</i>  <i>Desaparecido o rebelde de Aragarças Não desembarcou no Rio o Tte. E. Co. aviador Labarte Lebre, que seria preso imediatamente – Chegou apenas a sua esposa</i>  <i>Eduardo Gomes, um exemplo de civismo para as novas gerações</i> <i>Cálidas homenagens ao Brigadeiro ao encerrar-se a sua carreira militar. Maior brasileiro de nosso tempo, diz o senador Afonso Arinos.</i>	Notícia política sem viés valorativo  Lembrando movimentos militares perturbadores contra JK  O Globo exprime mais uma vez a sua ligação histórica com Eduardo Gomes. Parece haver uma admiração e identidade política forte entre Roberto Marinho e o Brigadeiro.
21	<i>Promessas que não podem ser cumpridas como arma eleitoral</i> <i>Os acenos do vice-presidente Jango Goulart e a impossibilidade legal dos novos níveis salariais antes das eleições de 3 de outubro.</i>  <b>EDITORIAL:</b> <i>O QUE O POVO ESTÁ ESPERANDO</i> <i>Não se iluda ninguém, O Sr. Jânio Quadros lá vem vindo aí e cumprirá um por um os itens de suas diretrizes. Sozinho não conseguirá fazê-lo. Precisa do povo. Para colaborar, não para submetê-lo à sua vontade ou escorchar-lo dos tributos. Mas o povo ajudará. Está farto de esperas e decepções.</i>	O Globo fazendo sempre o combate a João Goulart  <b>EDITORIAL:</b> O Globo defende expressamente a candidatura de Jânio ao elencar as virtudes de suas propostas para uma reviravolta na educação e um equilíbrio orçamentário, além de executar aqui mais uma vez a tática do já ganhou.

22	<p><i>O próprio chefe de polícia de Manaus comandou os distúrbios contra Jânio!</i></p> <p><i>Apreendido farto material de propaganda injuriosa ao candidato da oposição</i> <i>Lacerda volta à campanha</i></p> <p><i>Tumultuada por estudantes a exposição de Lott na PUC</i> <i>Manifestações desrespeitosas de alguns universitários provocaram um ambiente incompatível com a tradição de elevado nível cultural e moral da Universidade Católica</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b> <b>REVIDE ANTIDEMOCRÁTICO</b> <i>Impossível não condenar a atitude antidemocrática e a de desrespeito com que foi tratado ontem por alguns estudantes da Universidade Católica o Marechal Teixeira Lott.</i> <i>Lamentáveis acontecimentos de sexta-feira última na faculdade Nacional de Direito aonde deveria falar o Sr. Carlos Lacerda.</i> <i>A intolerância dirigida dos inimigos da democracia foi respondida com a intolerância indiscriminada dos estudantes democráticos a qual atingiu o Marechal Lott assim como poderia ter atingido qualquer outro candidato contrário que ali se apresentasse</i> <i>Mas atentem bem os jovens que assim procederam na irremediável petição de princípios em que caíram, não é adotando táticas antidemocráticas que se poderá defender a democracia, nem é seguindo os violentos processos e intolerantes dos que a querem destruir que a salvaremos. A responsabilidade dos que defendem a civilização democrática e cristã é maior do que nunca nesses momentos conturbados nos quais qualquer transigência com os princípios contrários já é uma contradição e um começo de capitulação.</i></p>	<p>O Globo indica e cita movimentos visando desestabilizar e prejudicar a candidatura Jânio</p> <p>Idem</p> <p>Clima de animosidade e conflito político latentes atinge ambos os oponentes a presidência</p> <p><b>EDITORIAL:</b> Apela para o senso de responsabilidade dos estudantes radicalizados diante da disputa ideológica: UDN versus PTB/PSD Defesa da democracia</p>
----	---	---

23	<p><i>Através de O Globo, Carvalho Pinto fala aos brasileiros:</i>  <i>Enganam-se os extremistas; nada impedirá a vitória de Jânio! - Certo o governador de São Paulo da vitória de Jânio Quadros</i>  <i>Não tem dúvidas de que a crise econômica será debelada - O fomento agropecuário de São Paulo e a reforma agrária - Elogio à plataforma do candidato oposicionista -O apoio dos comunistas e uma contradição do marechal Lott - Conclamação ao povo para a revolução pelo voto</i></p> <p><i>Lacerda mostrou ao povo e a justiça a propaganda infamante impressa no IAPB</i></p>	<p>Mensagem otimista e reforço da moral janista</p> <p>Reverberando palavras de Lacerda</p>
24	<p><i>O presidente quer apoiar com o maior rigor o caso dos cartazes injuriosos</i>  <i>Incisivas declarações do Sr. Juscelino Kubitschek a O Globo condenando a manobra contra a candidatura Jânio Quadros – apuração rigorosa e imediata dos fatos – Interpelado pelo chefe do governo o presidente do IAPB – Primeiras e últimas declarações sobre o assunto – Revitalização da campanha do Marechal Lott – Pacificação em Minas</i></p> <p><i>Jânio promete a dinamização do País, com a valorização do homem no regime da moral</i>  <i>Na homenagem que lhe foi prestada na revista “O Cruzeiro”, o candidato da oposição as linhas mestras do seu governo – Diálogo de admiração recíproca entre o ex-governador paulista e o poeta Manoel Bandeira – D. Elóia tem a certeza da vitória – mensagem do governador Carvalho Pinto</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Só reproduz as declarações de campanha do seu candidato: Jânio</p>
25		Não houve
26	<p><i>Juraci tem certeza da vitória de Jânio</i>  <i>Governador da Bahia vem trabalhando decisivamente em favor do candidato oposicionista – Violências contra os janistas no Espírito Santo – Plínio reconhece o prestígio político de Jânio</i></p>	<p>Continua insuflando a candidatura Jânio, único a ser citado e muito diariamente no jornal</p>



	<p><i>O testemunho do General Sadok de Sá desfaz as intrigas e revela as mentiras</i>  <i>O ex-comandante dos bombeiros assistiu aos acontecimentos na gráfica do IAPB - Não houve depredações nem o general Batista Teixeira foi agredido – O presidente do IAPB e seu chefe de gabinete são sobrinhos do General Sadok</i></p>	<p>Mais um relato de violência na campanha</p>
27	<p><i>Jânio fará um grande governo – Assegura Carvalho Pinto no Rio</i>  <i>O governador de São Paulo, entrevistado ontem na televisão carioca, que Jânio não é privilégio de São Paulo e que todo o Brasil se beneficiará com sua administração – Elogio de Juscelino Kubitschek – São Paulo, antes e depois de Jânio Quadros – Obras públicas prestigiadas na conclusão e não no início – Com cidadão, o governador tem o dever de esclarecer os cidadãos – Nem um tostão dos cofres públicos de São Paulo para a campanha do candidato opositorista – Encontro com Lacerda</i></p> <p><i>Lacerda aclamado na Universidade Católica</i></p> <p><i>EDITORIAL</i>  <i>COM O DINHEIRO DOS BANCÁRIOS</i>  <i>O acontecimento comprova o que O Globo tantas vezes tem posto em destaque. Isto é, que a poderosa máquina da Previdência Social é um instrumento das ambições do Sr. João Goulart e seu cortejo de pelegos multicores. Indicando os nomes dos dirigentes dos institutos e autarquias, impondo seus caprichos dentro da pasta do Trabalho, sujeitando a a petebismo, o Sr. Goulart é um político privilegiado. Tem às suas ordens uma máquina considerável de funcionários obedientes à sua vontade e dispõe de empregos e dinheiro a rodo para conquistar adeptos e votos.</i></p> <p><i>O povo, porém, viu agora sem a necessidade de sofismas que a Previdência Social não é um órgão do Estado, mas do PTB, marca do Sr. João</i></p>	<p>Notícia pró-Jânio</p> <p>O Globo dá força para Lacerda</p> <p>EDITORIAL  O Globo X Jango: a guerra contínua. Roberto Marinho tira o máximo proveito possível do episódio da impressão de material de campanha anti-janista na gráfica do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários – IAPB, ligado à Previdência Social  O Globo acusa Jango de uso da máquina do Estado para seu proveito e aproveita para confirmar com esse episódio todos os ataques que faz a Jango em relação ao seu poder de manipulação e usufruto da “máquina” da Previdência Social.</p>

	<i>Goulart. Está alugada às ambições do rico latifundiário e correntista do Banco do Brasil.</i>	
28	<p><i>Milton Campos é quem pode derrotar Jango</i>  <i>Em entrevista a O Globo, Carlos Lacerda conclama o povo carioca a votar em massa no candidato udenista a Vice-Presidência da República - Lembrando uma frase de Jânio Quadros: “Um udenista assim como Milton Campos” – A revolta das massas trabalhadoras – Um conselheiro, e não um concorrente para Jânio</i></p> <p><i>O documento pela renúncia de Vargas assinado por Lott</i></p> <p><b>EDITORIAL</b>  <b>NA HORA DO EXAME DE CONSCIÊNCIA</b>  <i>Ao oposto de seu honrado competidor, acaba de renovar em seu último discurso este solene compromisso: “equilibraremos os orçamentos, proscrevendo os gastos supérfluos ou adiáveis. Conteremos a inflação que corrompe os costumes e flagela os humildes em benefício dos poderosos. Quando os técnicos e os observadores combatem os atos e diretivas que conduziram o País a essa calamitosa situação, a defesa não ousa opor quaisquer razões fundamentadas à arguição, limitando-se a proclamar o progresso do País. Mas o progresso de uma nação não se mede pelo número de suas fábricas ou de seus palácios, senão pelo valor de sua moeda, pela seriedade de suas leis, de meios, pelos saldos de seu balanço de comércio, pelo equilíbrio de suas contas, pelo rigoroso atendimento às suas fontes de produção, pelo número de suas escolas, pela saúde do povo. Acima de tudo pelo bem-estar da pessoa humana</i></p>	<p>Continua a campanha diária contra Jango</p> <p>Notícia anti-Lott</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  O Globo bate no maior flagelo da época, a inflação. Diz que Jânio promete e prioriza o seu combate com medidas de austeridade enquanto Lott não se compromete com esse combate e ainda diz que vai manter as políticas atuais.  <i>O Globo acusa Lott de negar combate as acusações que são feitas ao estado econômico do país sob o argumento de que o progresso foi enorme. Para Roberto Marinho “o progresso de uma nação não se mede pelo número de suas fábricas ou de seus palácios”</i>  <i>Atinge: JK, nacional-desenvolvimentismo e Brasília</i></p>
29	<i>Jânio vencerá por um milhão de votos ao lado de Milton como Vice-presidente</i>	Mais uma notícia motivacional para a campanha de Jânio/O Globo

<p><i>Conclusão de uma análise dos colégios eleitorais e da evolução da campanha – Ferrari perdeu a chance e “Milton vencerá bem” – A oposição é invencível no Rio; Lacerda será governador – Fala a O Globo o deputado Meneses Cortes.</i></p> <p><i>Eduardo Gomes aos cariocas Por intermédio de O Globo, o Brigadeiro Eduardo Gomes dirige a seguinte mensagem aos eleitores do estado da Guanabara: “Elegendo Jânio, Milton campos e Carlos Lacerda, o povo carioca estará exprimindo sua fé na mudança inadiável dos métodos de política e de governo</i></p> <p><i>EDITORIAL AS LUTAS ENTRE O BRASIL E OS HOMENS DE SIVOLOBOV Nesse fim de jornada democrática, as posições dos contendores estão mais do que claras. Incrivelmente, apesar de sua formação militar e de suas crenças religiosas, permitiu o Marechal Teixeira Lott que os comunistas, explorando o seu horado nome, ocupassem na luta, um papel preponderante, mascarados de “nacionalistas”. Depois que o PC foi posto fora da lei por decisão de nossa Corte Suprema, ficaram por aí bordejados os salvados do naufrágio. Em plena desordem interna. O Sr. Luis Carlos Prestes havia internado a seção brasileira do sovietismo. Não era mais um partido, mas um bando de fugitivos, brigados uns com os outros, entredevorando-se a falta de objetivos. Esperanças de volta a legalidade não tinham nem têm praticamente nenhuma. [...] Agora, porém, só por hipocrisia se dirá que o PC atuou na clandestinidade. Ei-lo aí ostensivamente nos comícios, na propaganda, nas ruas. [...]</i></p>	<p>O Globo apela mais uma vez ao ídolo de sempre, Eduardo Gomes, para puxar voto em seus candidatos</p> <p>EDITORIAL: Critica a complacência de Lott com os comunistas e a recepção destes em sua campanha. A velha e surrada arma do terrorismo eleitoral</p>
---	--

	<p><i>Tudo isso graças à complacência do Marechal, sua ambição, sua falta de preparo político.</i></p> <p><i>Se outros inconvenientes não tivessem sua candidatura, teria esse: o de haver aberto ao marxismo as portas da nossa vida cívica.</i></p>	
30	<p><i>Delírio da multidão na apoteose a Jânio, Milton Campos e Lacerda</i> <i>O grande espetáculo cívico</i></p> <p><i>Consagrada em Niterói a candidatura de Jânio</i> <i>O povo fluminense tributa ao candidato opositorista uma das maiores recepções de todos os tempos a um homem público – Milton Campos diz que nunca houve eleição com resultados tão antecipados – Impressionante peroração do Sr. Jânio Quadros</i></p> <p><i>Juracy certo da vitória de Jânio</i></p>	<p>Notícia pró-Jânio Comício consagra os candidatos de o Globo</p> <p>Notícia pró-Jânio Mais um ato de consagração de Jânio</p> <p>Notícia pró-Jânio</p>
1	<p><i>Todos as urnas para a salvação do Brasil!</i> <i>É o futuro do País que vai ser decidido no dia 3 – Nenhum brasileiro deverá abster-se de seu dever cívico de votar</i></p> <p><i>Consagrador encerramento da campanha de Jânio e Milton</i></p> <p><i>Jânio ao povo</i> <i>Encerrada a sua campanha eleitoral, o Sr. Jânio Quadros dirige cálida mensagem de confiança e certeza na vitória ao povo carioca por intermédio de O Globo. A mensagem resume todo um programa e dá assim as razões do resultado que todos esperam: a eleição de Jânio Milton e Lacerda.</i> <i>“Por intermédio de O Globo, do grande Roberto Marinho, meus respeitos e minha saudação ao povo carioca e brasileiro em todas as suas camadas sociais, a minha confiança na vitória esmagadora que nos aguarda a 3 de outubro, a bem da integração nacional, do progresso material, cultural e moral,</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia pró-Jânio Mais um ato de consagração de Jânio e seu candidato a vice.</p> <p>Consagrada a união Jânio Quadros – Roberto Marinho/O Globo através da divulgação de uma carta que Jânio endereça ao povo brasileiro através de O Globo. Jânio inicia a carta celebrando sua parceria com Roberto Marinho e o elogia como “grande”.</p>

	<i>da pátria comum, da segurança, da justiça social e da felicidade de seus filhos”.</i> <i>Guanabara 3/9/60</i>	
2	Não houve edição	Não houve edição
3	<i>Levarei para o governo a energia com que lutei na oposição – afirma Carlos Lacerda</i>  <i>Apelo de Jânio à nação: É preciso que todos votem!</i> <i>As mais importantes eleições depois da revolução de 30</i>  <i>Reafirma a UDN: Milton derrotará Jango Goulart</i>  <i>EDITORIAL:</i> <i>A CONQUISTA DA LIBERDADE E DA DEMOCRACIA</i>	Força para a candidatura Carlos Lacerda, antigo parceiro de lutas contra o varguismo e o nacional-desenvolvimentismo.  Notícia com viés positivo para Jânio  Notícia com viés positivo para para a UDN liberal e força para o adversário mais forte de Jango  EDITORIAL: Ode à democracia e apelo à participação do eleitorado.
4	<i>Jânio Quadros está vencendo</i>  <i>A oposição reafirma a confiança na vitória</i>  <i>Jânio Quadros a frente de Lott 20 mil votos</i>	Enfim, depois de várias derrotas (45, 50, e 55) O Globo pode noticiar informações consagradoras. Jânio vence! Idem  Idem
5	<i>Preparam-se em São Paulo os festejos pela vitória de Jânio Quadros</i>  <i>Milton Campos aproxima-se da vitória!</i>  <i>EDITORIAL:</i> <i>A VITÓRIA É DA DEMOCRACIA</i>	O esperado. Festa.  A tão desejada derrota de Jango: na dúvida, injeção de ânimo  EDITORIAL: Mais uma ode à democracia
6	<i>Sensacional disputa entre Jango e Milton pela Vice-Presidência</i>  <i>Consolida-se a vitória de Jânio para a mudança de métodos de governo</i> ➤ <i>Aqui, Roberto Marinho insere um editorial em forma de matéria.</i> <i>A medida que prosseguem as apurações nas respectivas Juntas, compostas de</i>	Torcida intensa pela derrota de Jango  Em editorial “disfarçado”, Roberto Marinho lamenta mais uma provável vitória de Jango e aproveita mais uma oportunidade de atacar a sua honra e honestidade.

	<p><i>elementos pertencentes ao Poder Judiciário, afirma-se e confirma-se de tal modo a maioria favorável ao Sr. Jânio Quadros sobre o Marechal Teixeira Lott que já não parece possível deixar de considerar vitorioso o ilustre candidato das oposições.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Ainda não e acha totalmente decidida a competição pela vice-presidência da República. A divisão dos votos oposicionistas [...] facilita a entrada do Sr. João Goulart, cujos sufrágios, face a soma dos seus concorrentes, são irrisórios e demonstram, se afinal lhe couber a palma, só a deverá àquela cisão, não obstante ter jogado na luta todos os recursos que indubitavelmente maneja no Ministério do Trabalho, da Agricultura, no Fundo Sindical e nos Institutos de Previdência, com a massa de favores, nomeações e achegos.</i></p> <p><i>Jânio na dianteira por mais de 1 milhão</i></p> <p><i>Governo vai se manifestar sobre o pleito</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>
7	<p><i>Lott reconhece a derrota e vai se afastar da vida política</i></p> <p><i>“Agradeço a Deus ter podido contribuir para a consolidação da nossa democracia”</i></p> <p><i>Primeiro pronunciamento do presidente da República após o prélio eleitoral de 3 de outubro, em resposta a um telegrama de felicitações do Governador Juracy Magalhães</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo pode enfim noticiar a vitória de Jânio que seria também a suja própria.</p>
8	<p><i>Jânio recebeu a vitória com humildade e alto senso de suas responsabilidades</i></p> <p><i>Declarações do Sr. Carvalho Pinto em São Paulo, após o encontro que teve com o presidente eleito – excedeu as expectativas mais otimistas do governador paulista o resultado das urnas – Nada ainda do Sr. Jânio Quadros</i></p> <p><i>EDITORIAL:</i></p>	<p>O Globo reporta em tom positivo informações sobre a reação do presidente eleito.</p> <p>EDITORIAL:</p>

	<p><i>GRANDEZA E DECADÊNCIA DO PARTIDO OFICIAL</i></p> <p><i>No fundo das urnas de 3 de outubro jazem vários vencidos. O principal não é o Marechal Lott. Apenas por ter sido candidato é que o apanha a fúria do temporal. Mas só por isso, pois S. Ex. foi induzido em erro, graças a sua despreparação política e seu gosto da suficiência.</i></p> <p><i>O primeiro lugar na lista terá inevitavelmente de caber ao PSD. Tantas vezes explicamos, desta coluna, a falta de envergadura cívica do partido majoritário, seu horror a independência, sua volúpia da doce servidão oficial.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Este espetáculo de precoce decrepitude é compensado pelo civismo popular. O Povo libertou-se das injunções, aprendeu a votar e sabe que seu sufrágio é para valer.</i></p> <p><i>Por seu lado, o Sr. Jânio Quadros, desmentindo seus acusadores, já convocou “a todos para a construção nacional”, sem prevenções, sem ódio. Esta é a bandeira que a nação esperava.</i></p>	<p>O Globo critica fortemente o PSD, acusando-o de pequenez, falta de disposição para o risco e por alianças equivocadas. A aliança com Jango foi lamentável e infeliz. Crítica também a traição a Cristiano Machado em 50. Considera a situação do PSD então como de decrepitude precoce. Para O Globo tudo será diferente com Jânio, já que este sinaliza com um governo de todo o Brasil e de todos os brasileiros.</p> <p>Dá a entender, quando diz “O Povo libertou-se das injunções, aprendeu a votar e sabe que seu sufrágio é para valer” que o povo errou nas últimas escolhas, todas alheias à vontade de Roberto Marinho, mas ao votar na UDN e em Jânio aprendeu a votar, sendo esse voto de agora válido, ao contrário dos de eleições passadas.</p>
9	Não houve edição	Não houve edição
10	-	-
11	-	-
12	<i>Jango não mandou enviado a Jânio</i>	Noticiário pós-eleitoral local
13	-	-
14	<p><i>Jânio só tratará do ministério quando regressar ao Brasil</i></p> <p><i>EDITORIAL:</i> <i>LIÇÃO DE 3 DE OUTUBRO</i> <i>As urnas de 3 de outubro mostraram mais uma vez o fracasso dos comunistas, a total incapacidade desses fanáticos de interessar os brasileiros nas suas ideias impatriótica, de agitação e de falsa renovação</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p><i>EDITORIAL:</i> O Globo tira proveito do alegado fracasso dos comunistas na eleição. Diz que devem se convencer nunca irão conseguir a adesão dos brasileiros às suas ideias antipatrióticas.</p>
15	<p><i>Favoráveis a um novo partido diversos nomes de expressão política</i></p> <p><i>Roberto Marinho “cidadão honorário” de Minas Gerais</i></p>	<p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Autopromoção de Marinho que demonstra a proximidade deste com o mundo político e demonstra que os</p>

<p><i>EDITORIAL: AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DO PRESIDENTE ELEITO No conteúdo das declarações do Sr. Jânio Quadros, não há novidades substanciais sobre o teor de seus discursos e compromissos assumidos durante a campanha eleitoral. Os temas versados se acham expressos com a segurança anterior e, agora, com maior objetividade, o que se devia esperar em sua qualidade de próximo primeiro magistrado da República. A todos os que trabalham e produzem, agradará, em cheio, saber que o Governo combaterá o surto inflacionário, sem, entretanto, sem incorrer na medida trágica da deflação, perigosa à estabilidade social do país. [...]. A esse respeito, o Sr. Jânio Quadros foi exemplar em conceituar as relações entre ambos: “O Senhor Vice-Presidente tem atribuições definidas, e o Presidente as tem, por sua vez”. Simplesmente lapidar como definição e programa. Também a profissão de fé na livre- empresa tranquilizará as classes produtoras, até aqui sujeitas aos assaltos do socialismo de bolso do Sr. Goulart e seus companheiros. [...] Aliás, a tese da nacionalização das indústrias e serviços está francamente em pleno declínio. [...]. [...] Reiterando o seu propósito de extinguir progressivamente o confisco cambial, de manter e aperfeiçoar as nossas relações com os Estados Unidos, inclusive continuando a promover os objetivos da Operação Panamericana [...]. [...] Não será mais para granjear o apoio e os aplausos da nação. Restaria o problema do Sr. João Goulart, que se reelege apertadamente e</i></p>	<p>políticos reconhecem seu papel político.</p> <p><i>DITORIAL: O Globo concorda com tudo o que Jânio promete fazer inclusive por que são confirmações da campanha. Combate à inflação, maior liberdade para as classes produtoras, saindo do jugo do “socialismo de bolso” do Sr. Goulart, ligação tradicional com os EUA, mas com soberania nacional. Critica, como anacrônica, a questão da nacionalização da indústria.</i></p>
--	---



	<i>graças a divisão dos votos entre seus dois distintos adversários.</i>	
16	Não houve edição	Não houve edição
17	<i>Jânio vai isolar-se para estudar a situação financeira do Brasil O presidente eleito estudará e equacionará, em seu retiro, os principais problemas nacionais – Sem ódios e sem ressentimentos – Deputados pessedistas esboçam esquema de oposição na Câmara com o objetivo de criar dificuldades ao futuro governo  Brasília, dívida externa e ministério preocupam Jânio Levantamento completo das condições de vida no Planalto Central – Gravidade do problema dos nossos débitos e no exterior – Para mais tarde a escolha dos Ministros</i>	Notícia política sem viés valorativo  Notícia política sem viés valorativo
18	<i>Carvalho Pinto a O Globo: dois anos para Jânio Quadros restaurar a situação econômico-financeira do País</i>	Notícia política com viés positivo para Jânio
19	<i>Meu governo será governo de vencedores e de vencidos, diz Jânio</i>	Notícia política com viés positivo para Jânio

## Anexo 10

**Tabela 15: Renúncia de Jânio Quadros e a tentativa de impedir a posse de João Goulart**

DATA	MANCHETES E EDITORIAIS	POSICIONAMENTO POLÍTICO
11	<p><i>Jango encontra Krushchev O Vice-Presidente do Brasil, Sr. João Goulart, quando era cumprimentado ontem pelo primeiro-Ministro da União Soviética, Sr. Nikita Krushchev. O Encontro verificou-se em Moscou., onde se encontra o Sr. Goulart, de passagem para a China, a frente de uma missão do governo brasileiro que vai tratar do reatamento das nossas relações comerciais com o regime de Pequim.</i></p> <p><i>EDITORIAL: O MAU COMPORTAMENTO DE GUEVARA A reunião de Punta del Este reveste-se de tamanha importância que não poderia converter-se, por boa razão, em teatro para a são exibições demagógicas e propagandísticas dos agentes do Sr. Fidel Castro. Sem dúvida ninguém desejaria suprimir ali a prerrogativa da liberdade de discussão como ora acontece na infeliz terra cubana, onde o governo concentrou tudo em suas mãos, principalmente o direito de ter opinião e de exprimi-la sem controle e sem censuras. [...] Que o Sr. Guevara ali fosse e ocupasse o lugar, a que seu governo, ao renunciar ao lugar ao seu lugar a mesa da nossa irmandade, ainda passa. Mas que aproveite a ocasião para transformar em circo polêmico um plenário de homens de Estado e de especialistas em questões socioeconômicas, eis o que excede de um as bitolas da nossa tolerância da simpatia de todos nós pela simpatia de todos nós pela gente cubana. Simpatia e</i></p>	<p>Notícia política com viés negativo para Jango</p> <p><i>EDITORIAL: O Globo faz críticas à participação de Cuba no Conferência Econômica de Punta Del Este (tipo OEA). Diz que Fidel implantou ditadura e a ida de Che contraria o espírito do encontro.</i></p>

	<p><i>afeto superiores às vicissitudes de hoje e as incertezas do amanhã.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Mas qual foi o tema de Guevara perante os delegados da Conferência? Apenas esse, inteiramente ultrapassado: O Plano Kennedy é “engenhoso e macabro” e não se trata de um plano de colaboração econômico-financeiro, mas de um plano político!</i></p> <p><i>Força é confessar que essas palavras não têm sentido na oportunidade, que as nossas repúblicas sabem que estamos face um esquema grandioso fundado no espírito de cooperação e que dele depende o nosso futuro ou a nossa desgraça coletiva.</i></p> <p><i>Aos nossos países não importa apurar o “porque” da atitude de Washington, porém reconhecer o fato real sem atenção às suas causas.</i></p>	
12	<p><b>EDITORIAL:</b></p> <p><b>SOB PATRICÍNIO DO GRANDE INIMIGO</b></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Tudo isso vai criando um clima de simpatia, solidariedade e “attachment”, que, no futuro, poderá vincular à Rússia numerosas parcelas da população brasileira [...].</i></p>	<p><b>EDITORIAL:</b></p> <p>Manifesta contrariedade com o reestabelecimento de relações diplomáticas com URSS e aponta as consequências já tangíveis dessa atitude. URSS, apesar do reestabelecimento das relações continua não tendo valores iguais aos nossos.</p>
13	Não houve edição	Não houve edição
14	<i>A Comissão nacional de Planejamento vai preparar em seis meses o plano quinquenal do governo Jânio Quadros</i>	Notícia política sem viés valorativo
15	<i>A atuação do Brasil poderá garantir a participação de Cuba na Aliança para o progresso</i>	Notícia política com viés valorativo O Globo sempre é anticomunista e anti-Cuba.
16	-	-
17	<p><i>Mensagem de Jânio ao Secretário Geral do Presidium da URSS</i></p> <p><i>Paris, 17, France Press – Urgente – Carlos Alves de Souza, embaixador brasileiro na França, compareceu hoje na embaixada soviética nessa capital, para entregar ao Secretário Geral do Presidium da URSS, ora em Paris, uma mensagem do presidente Jânio Quadros. Não há por menores nem indicações sobre o conteúdo da nota brasileira.</i></p>	<p>O Globo enfatiza as atitudes de Jânio dando mãos a nações comunistas. Nesse caso, a URSS.</p>

18	<p><i>Nem rompimento com Jânio nem mudança de secretários</i>  <i>O governador Carlos Lacerda, em entrevista à imprensa, fala de assuntos nacionais e internacionais: A URSS não está tomando conta do mundo; por que não há protesto oficial em face das violências contra a autodeterminação do povo alemão?; O problema dos ônibus elétricos</i></p>	<p>O Globo reporta que já há tensão política entre os antigos apoiadores de Jânio</p>
19	<p><i>A visita de Guevara a Frondizi abala as forças armadas</i></p> <p><i>“Guevara descortês com o governo brasileiro</i>  <i>Foi inesperadamente à Argentina e não chegou a Brasília na hora marcada, sem haver dado qualquer explicação as nossas autoridades, que o esperaram inutilmente no aeroporto</i></p> <p><i>EDITOIRIAL:</i>  <i>GRÃ-CRUZ PARA UM AGITADOR INTERNACIONAL</i>  <i>Tudo tem um limite, até a capacidade que alguns creem inesgotável de o povo brasileiro aguentar provocações a seus sentimentos e seus ideais.</i>  <i>Atingiu esse limite a outorga ao Sr. Ernesto Guevara, vulgo “che”, ex-cidadão argentino, que renegou sua pátria para servir à causa do bolchevismo no fronte avançado de Cuba, da Ordem nacional do Cruzeiro do Sul.</i>  <i>[...]</i>  <i>Depois de conferir as mesmas insígnias outorgada à abstrusa missão soviética assim chamada de Boa-Vontade, depois de agraciar Yuri Gagarin com a Comenda do Mérito Aeronáutico, o governo se excede e condecora o mais ativo agente da subversão do nosso continente.</i>  <i>Assim já é demais, o “Cruzeiro do Sul” representa, ao mesmo tempo, uma demonstração do apreço nacional e uma prova de nossa fé nos ideais formados à</i></p>	<p>O Globo enfatiza a tensão que a presença de Guevara leva aos países que o acolhem e adulam</p> <p>O Globo ataca Che Guevara</p> <p><i>EDITORIAL:</i>  O Globo se sente ofendido e fala desse sentimento como sendo a ofensa do povo brasileiro com a outorga da medalha do Cruzeiro do Sul a Che  A frase sintomática: “Assim é demais!”</p>

	<i>sombra do cristianismo. Colocar no peito do falso cubano e autêntico comunista o emblema da cruz de Cristo é um acinte que não expressa a vontade da nação e desmoraliza completamente a mais antiga e respeitável ordem brasileira.</i>	
20		Não
21	<p><i>O que fez “che” Guevara para merecer a ordem do Cruzeiro do Sul? Novas manifestações do povo contra a distinção ao Ministro cubano</i></p> <p><i>Ainda tensa a crise causada pela política exterior do governo O Governador Carlos Lacerda disse a o Globo que a tensão diminuiu mas que a crise perdura – O Sr. Jânio Quadros seguiu para Brasília – O governador carioca decidiu permanecer no Rio – A chegada presidente na capital da República</i></p>	<p>O Globo aponta e reverbera revolta popular contra a homenagem a Che</p> <p>Noticiada crise política em consequência dos gestos de Jânio para com personalidades comunistas</p>
22	<p><i>Ainda não superada a crise Tem-se como certa a alteração do modo como o governo realiza a sua política exterior – A repercussão em todo o País</i></p> <p><b>EDITORIAL: MARCO DE RENOVAÇÃO E ESPERANÇA</b></p> <p><i>O discurso proferido em Punta del Este, em nome de todas as delegações, pelo ilustre Ministro Clemente Mariani, recomenda-o plenamente ao apreço da opinião brasileira. [...]</i></p> <p><i>Rejeitando por inconsequentes certas objeções tendenciosas, disse o titular das nossas finanças: “raras vezes em nosso continente uma geração foi convocada para realizar obra tão revolucionária. Trata-se de não perder a oportunidade que a clarividência política do Presidente Kennedy, o senso de responsabilidade da nação norteamericana e o espírito de compreensão de seus delegados a esta Conferência nos proporcionaram”. [...]</i></p>	<p>Ainda a crise após a homenagem a Che</p> <p><b>EDITORIAL</b></p> <p>Na sequência dos movimentos estranhos de Jânio, O Globo opta por trazer a discussão para o âmbito da recém realizada Conferência Econômica, em Punta del Este, da qual saiu um acordo para uma união dos países americanos no sentido de uma maior cooperação e esforço para o desenvolvimento socioeconômico de todos os países da região sob o patrocínio dos Estados Unidos, através do Plano Kennedy.</p> <p>Essa parece ser uma jogada política de Roberto Marinho tentando trazer o debate nacional para temas específicos do desenvolvimento econômico que só os EUA poderia patrocinar, mostrando que os movimentos de Jânio na direção do comunismo não trariam os benefícios que a continuidade da</p>

	<p><i>Não se esqueceu o Ministro Mariani de lembrar que os representantes na Conferência eram “homens politicamente livres”, representando povos politicamente livres, conscientes, entretanto das restrições que o subdesenvolvimento nos algema, ameaçando aquelas liberdades.</i></p>	<p>amizade e cooperação com os norte-americanos poderia propiciar. O Ministro das Finanças de Jânio foi o porta-voz dessa mensagem e isso é significativo politicamente.</p>
23	<p><b>EDITORIAL</b>  <b>A HORA DE FALAR CLARAMENTE</b>  <i>Não adiantaria, sob nenhum ponto de vista, tenta diminuir nesta altura a extensão e gravidade da crise política sobrevinda em consequência da aparente tendência esquerdizante em nossa política externa; como resultado das últimas atitudes assumidas pelo presidente Jânio Quadros.</i>  [...]  <i>Especialmente nós, de o Globo, estamos à vontade pois em plena campanha eleitoral estranhemos e profligamos a viagem do nosso candidato a Cuba (nosso sim, porque por ele nos batemos principalmente nos momentos de maior incerteza ...).</i></p>	<p><b>EDITORIAL:</b>  O Globo, ressaltando que não é de colocar lenha da fogueira institucional, mostra revolta contra o “esquerdismo” de Jânio, assume que foi o seu candidato na última eleição mas questiona profundamente a política de defesa da autodeterminação dos povos levada a efeito por Jânio e diz que ainda está lhe dando um voto de confiança.</p>
24	<p><i>Chefes militares estiveram com o Ministro da Justiça</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>REALIDADE</b>  <i>É inegável, que o regime está enfermo e um dos sintomas da doença foi a aprovação, na câmara dos Deputados, do desmoralizante sistema chamado “recesso remunerado”, que não passa de uma artimanha...</i></p>	<p>O Globo sinaliza para sinais de alerta máximo.</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  O Globo diz que as coisas estão indo muito mal. O editorial em seu todo não dá conta disso pois fala das dificuldades de governar a partir de uma cidade tão pouco em condições como é a recém-inaugurada Brasília. Mas ao afirmar que o regime está enfermo, já expressa uma preocupação com a crise política.</p>
25	<p><i>Jânio renunciou!</i>  <i>O Ministro da Justiça no Senado expôs as razões do gesto do Presidente da República – Jango na presidência</i></p> <p><i>Jango na presidência!</i></p> <p><i>Tranquilidade!</i></p>	<p><b>RENÚNCIA</b> – Tudo leva a crer que Roberto Marinho foi pego de surpresa. O Globo noticia a renúncia e tenta repercuti-la ao máximo, priorizando a tentativa de preservar a paz no País.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>

	<p><i>Lacerda: a decisão do presidente desola a todos</i></p> <p><i>Mazzili assume</i></p> <p><i>Jango regressa</i></p> <p><i>Jânio em conferência com Carvalho Pinto</i></p> <p><i>Ordem no estado</i></p> <p><i>“O Congresso deve recusar a renúncia!” Palavras da maioria no Senado, senador Filinto Muller</i></p> <p><i>Relatos oficiais dos últimos acontecimentos</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
26	<p><i>Tomadas todas as providências para a manutenção da ordem</i></p> <p><i>Sob controle da censura as emissoras de rádio da Guanabara – Tropas do exército ocuparam, preventivamente, as ferrovias – Reuniões de altos chefes militares na Guerra e na Aeronáutica</i></p> <p><i>Em expectativa a nação sobre a posse de Jango</i></p> <p><i>Governo de união nacional promete</i> <i>Ranieri Mazzili – Simples, a cerimônia em que o novo presidente assumiu o cargo, no Palácio do Planalto – Ficara no posto com humildade, mas com a firme disposição de manter o regime constitucional – o gabinete</i></p> <p><i>Kubitschek preocupado com a continuidade do regime democrático</i></p> <p><i>Depois da posse de João Goulart, Jânio revelará os motivos da renúncia</i></p> <p><i>Silêncio de Jango ao ser informado da renúncia</i></p> <p><i>“A legalidade do regime, mesmo com João Goulart”</i></p> <p><i>EDITORIAL:</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>

<p><i>A RENÚNCIA</i>  [...]  <i>Tudo se poderia esperar nesses tempos incertos, menos que o Chefe da Nação, elevado ao poder por imensa maioria de votos, viesse a resignar o cargo quando praticamente nenhuma oposição organizada contra ele existe dentro e fora do Congresso.</i>  <i>Menos ainda no seio das Forças Armadas, voltadas exclusivamente para as suas atividades profissionais. Tudo quanto agitava o ambiente nacional, neste momento, era a conveniência ou inconveniência de alguns atos da nossa política externa, pelos quais o governo parecia descaracterizar os nossos antecedentes, em face do conflito ideológico entre as democracias ocidentais e o comunismo internacional, quando sempre fomos, somos e queremos ser vinculados à comunidade interamericana e à resistência ao avassalamento do materialismo dialético. Mas aquela profunda divergência jamais afetara o respeito a autoridade presidencial nem abalara a confiança na força da legalidade, por todos desejada como um escudo contra a desordem.</i>  <i>Acresce que o Presidente sustentou invariavelmente que suas atitudes não importavam em abjurar dos compromissos assumidos pelo Brasil. S. Ex. dizia ser necessário ampliar a rede do nosso comércio exterior e manter no plano diplomático, relações com todos os povos da Terra, coisa que ocorre de parte dos Estados Unidos, Grã-Betânia e França em relação a URSS.</i>  [...]  <i>A par desses enunciados políticos, entrou o Presidente a praticar atos que chocaram profundamente a opinião pública, como a recepção oficial a missão soviética, e dias depois, ao Sr. Guevara, a quem encheu de honrarias, chegando ao ponto de conferir-lhe a Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul.</i>  [...]</p>	<p><i>EDITORIAL:</i>  O Globo, incrédulo com a atitude do político a quem Roberto Marinho tanto deu força e trabalhou para sua eleição, não entende os motivos da renúncia. Diz que Jânio fazia uma presidência tranquila, quase sem oposição e que as coisas só se complicaram com as suas estranhas ações na direção de Países e atores políticos comunistas. Mas que mesmo isso estava sendo tratado com a devida ponderação pelos militares, mesmo que com as provocações de Lacerda. Roberto Marinho reclama por Jânio não ter se consultado ou mesmo confabulado com aqueles que o apoiaram na campanha vitoriosa à presidência, como ele próprio. O jornalista afirma que não havia insatisfação na classe política e nem entre as Forças Armadas que justificasse seu ato e, já no final do editorial, deixa no ar o que poderia ser interpretado como um aviso para que o resignatário não se lançasse em aventuras antidemocráticas.</p>
--	--



	<p><i>Por seu lado, as formas militares não o mínimo sinal de inconformismo. Ao contrário. Ainda anteontem o General Souto de oliveira levantava, num almoço de oficiais, um brinde de honra a S. Ex. Por tudo isso não há como disfarçar a surpresa da renúncia, consumada em silêncio e à revelia dos líderes da campanha que o levou ao poder.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Adversários intransigentes do comunismo e de todas as contemporizações com os agitadores sociais, inimigos do nosso regime, estamos em condição de lançar aos responsáveis pela vida política da nação um caloroso apelo para que se unam os bons elementos e reconstruam a frente democrática contra todos os exaltados, vermelhos ou não, em bem da tranquilidade pública.</i></p> <p><i>Nossa confiança nas Classes Armadas é de todo o povo, certos que elas saberão responder aos ideais da Pátria, sede de ordem, de justiça, de progresso e liberdade.</i></p> <p><i>Creia o Sr. Jânio Quadro que tendo pelejado por sua vitória nas urnas, lamentamos sinceramente o imprevisto e o inexplicável de sua resolução, confiantes em que o cidadão Jânio Quadros saberá zelar por sua tradição democrática, por seu caráter austero, por seu patriotismo.</i></p>	
27	Não houve edição	Não houve edição
28	<p><i>Séria advertência do Ministro da Guerra à nação</i></p> <p><i>Estamos na encruzilhada: democracia ou comunismo</i></p> <p><i>O Marechal Odílio Denys disse hoje as seguintes palavras à UPI: “Chegou a hora de escolher entre democracia e comunismo, no Brasil. Nada tenho contra a pessoa do Sr. João Goulart, mas apenas contra a forma de governo que ele representa.”</i></p> <p><i>A seguir o Ministro da Guerra lamentou ter se visto forçado a prender o marechal Lott, seu amigo. Em nota oficial, lo marechal Denys anuncia à UPI a prisão</i></p>	Notícia política com viés valorativo

	<p><i>do marechal Lott, que deverá cumprir pena de 30 dias, desmentindo, entretanto, a prisão do general Amaury Kruel</i></p> <p><i>Preso o Marechal Lott por ordem do 1º exército</i> <i>A divulgação de seu manifesto determinou a medida, executada pelo coronel Ardovino – Removido, à paisana, para uma unidade militar</i></p> <p><i>Dom Jayme recomenda calma para refletir e amor à pátria</i></p> <p><i>Governadores confiam numa solução para a atual crise</i></p> <p><i>A longa viagem de volta</i> <i>Sob a ansiosa expectativa do povo brasileiro e sob a curiosidade do mundo que acompanha os acontecimentos políticos no Brasil, o Sr. João Goulart, Vice-Presidente da República, está retornando a seu País, procedente do Extremo-Oriente.</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>
29	<p><i>Contra todos os movimentos tendenciosos ou subversivos</i></p> <p><i>Fidel Castro interfere na crise brasileira e incentiva a baderna!</i></p> <p><i>Agitada a câmara com a comunicação de Mazzili</i> <i>Sugerida a convocação do Presidente em exercício e dos Ministros militares – reina a ordem no País</i></p> <p><i>Agitação na Cinelândia</i></p> <p><i>Confiante o governador no espírito ordeiro dos trabalhadores fluminenses</i></p> <p><i>Carvalho Pinto recusa a sua eventual candidatura</i> <i>A solução para qualquer crise que possa surgir deve ser encaminhada pelo Congresso, diz o governador de São</i></p>	<p>O Globo se manifesta pela ordem acima de tudo, contra aqueles que chama de subversivos.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo reforça a necessidade de manter a ordem.</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>

	<i>Paulo, acrescentando ser de inteira normalidade a situação em seu estado</i>	
30	<p><i>Substituições no comando do Exército no Rio Grande do Sul</i> <i>As classes produtoras em reunião permanente</i></p> <p><i>Jango dá entrevista – O Sr. João Goulart ao falar ontem em Paris, aos jornalistas. Disse ser seu desejo voltar ao Brasil, a despeito da tendência que aqui se verificava de impedir o seu desembarque, por motivos de segurança nacional.</i></p> <p><i>A comissão mista de 16 membros sugere a adoção do parlamentarismo</i> <i>Aprovado o parecer Oliveira Brito, apenas contra o voto do Sr. Barbosa Lima Sobrinho – Reunido o Congresso para debater as sugestões da comissão</i></p> <p><i>Nenhuma coação das Forças Armadas contra o Sr. Jânio Quadros</i></p> <p><i>Jango em Nova York</i></p> <p><i>Seria mediador da crise o arcebispo de Brasília</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b> <b>CRIME CONTRA O BRASIL</b> [...] <i>Agora novamente as forças armadas intervêm na ordem constitucional. Desta vez a sua bandeira é de evitar que assumo o poder um presidente comprometido com ideologias contrárias à índole e aos interesses do povo brasileiro.</i> <i>Mesmo os maiores adversários do Sr. João Goulart lamentam a provação a que está sendo submetida a instituição republicana.</i> [...] <i>É necessário urgentemente encontrar uma fórmula que sirva como denominador comum permitindo que se harmonizem os pontos de vista de modo</i></p>	<p>Tensão grande inclusive no seio das Forças Armadas. O Globo noticia que os potentados econômicos estão muito preocupados.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Aparece aqui, pela primeira vez nas páginas de O Globo a ideia da solução parlamentarista.</p> <p>EDITORIAL Pela primeira vez aqui nessa pesquisa se vê um movimento de incômodo de O Globo para com alguma ação dos militares. Não gosta do que estão fazendo com a ordem institucional. No entanto, com todo o respeito que Roberto Marinho tem por, é feito um apelo para uma saída que acomode a todos os interesses em conflito.</p>

	<p><i>a preservar o sistema representativo e também que as Forças Armadas saiam desse episódio sem desprestígio</i></p> <p><i>EDIÇÃO ESPECIAL</i></p> <p><i>João Goulart na presidência Primeiro Ministro escolhido pelo Congresso governará até 31 de janeiro de 1963</i></p> <p><i>As forças armadas apelam para o povo</i></p> <p><i>Só há problema em Porto Alegre</i></p>	<p>O Globo: Solução que satisfaria a todos</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>
31	<p><i>Votação do parlamentarismo e movimento de tropas mantêm o País em expectativa</i></p> <p><i>Enquanto forças do Exército, Marinha e Aeronáutica iniciam, sob o comando do general Cordeiro de farias, as operações para debelar o movimento no Sul, o Congresso tenta ainda encontrar uma saída para a solução da grave crise votando a emenda parlamentarista</i></p> <p><i>Governadores de vários estados procuram uma solução para a crise</i></p> <p><i>Jango deixa Nova York</i></p> <p><i>Jango no Brasil ainda hoje</i></p> <p><i>Brizola pediu a João Goulart que desembarque em Brasília</i></p> <p><i>O governador diz a imprensa que as forças do estado não recuarão mesmo que tenham de ser esmagadas</i></p> <p><i>Em manifesto a Nação as Forças Armadas dão razões do veto a Jango</i></p>	<p>A tensão ainda está no ar. Forças Armadas ainda em movimento e em estado alerta.</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
1	<p><i>O Brasil não se pode transformar em campo de batalha sangrenta entre duas ideologias</i></p> <p><i>Todos os esforços para evitar a destruição de tudo quanto nos é mais caro - As declarações do Sr. Cid Sampaio a O Globo, após a reunião dos Ministros militares com os</i></p>	<p>O Globo abre o leque de opções e relata as direções políticas possíveis naquele momento.</p>

<p><i>governadores, na qual ficou acertado um entendimento entre estes e os congressistas, para o encontro de uma formula capaz de solucionar em definitivo a crise política - Presentes à reunião o general Cordeiro de Farias, o Ministro Clemente Mariani e o chefe de gabinete do ministério da Guerra</i></p> <p><i>A reunião dos governadores salvou a Brasil</i></p> <p><i>Goulart fala a O Globo em Montevideo</i></p> <p><i>Fidel Castro incita o povo brasileiro à guerra civil</i></p> <p><i>Carvalho Pinto: o congresso não se negará a colaborar</i></p> <p><i>A nação se levantará contra quem tentar leva-la para o comunismo</i></p> <p><i>Tancredo leva a João Goulart: parlamentarismo com Juraci</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>A OPORTUNIDADE PARA SERVIRMOS À PÁTRIA</b>  <i>Após a renúncia do Sr. Jânio Quadros, a nação recai, como era natural, numa atmosfera de incertezas e apreensões.</i>  <i>[...]</i>  <i>O que não podemos é, de lustro em lustro, ver a República é perturbada mais uma vez em funestas ou ambições delirantes como nos aconteceram a partir de 1954. Não há programa de recuperação nacional que resista a esses abalos.</i>  <i>[...]</i>  <i>Se alguma coisa podemos pedir a nossos compatriotas é que não façam o jogo dos inimigos naturais da ordem democracia nem se deixem arrastar por facções sectárias. Certamente o ditador Fides Castro, com seu indefectível Guevara, já está vociferando pela rádio contra o Brasil e concitando-nos a seguir a caminho de Moscou.</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo ataca Fidel Castro e o acusa de investir na tragédia da nação brasileira</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  A situação é muito ruim. O Globo lamenta a “perda de tempo de oportunidade para consertar as coisas depois do ocorrido em 1954” mas alerta o povo a não cair nas garras do discurso comunista.</p>
---	--

	<p><i>A nossa salvação não está, porém, nesses arautos do coletivismo soviético, está nós mesmos, nas lições do nosso passado, e na nossa capacidade de removermos as dificuldades de hoje, como removemos as de ontem, e de perseverarmos no eterno caminho da democracia e liberdade.</i></p> <p><i>EXTRA IMPORTANTE / BOX ESCLARECIMENTO PATRIÓTICO Disse o Sr. Carvalho Pinto que interrogara o ex-presidente sobre o assunto e ouvira em resposta em termos categóricos, que a ação das forças armadas fora sempre comovente e exemplar na preservação da autoridade do presidente da República e na sustentação do seu governo.</i></p>	<p>EXTRA: Preocupação enorme de O Globo em deixar bem e positiva a imagem das Forças Armadas depois dos acontecimentos na sequência da renúncia de Jânio Quadros.</p>
2	<p><i>Exército, Marinha e Aeronáutica coesos contra a agitação subversiva Em nota oficial, o Ministério da Guerra destaca que apenas o II exército permanece em rebeldia</i></p> <p><i>João Goulart aceita o parlamentarismo Presidente do PTB comunicou sua decisão ao senador Moura Andrade – A emenda deverá chegar ao senado nas próximas horas – O Vice-Presidente do Sr. Jânio Quadros pediu apenas que o plebiscito não seja realizado no final de seu governo – Resistente do Sr. Almino Afonso –</i></p> <p><i>Prestes, instrutor das milícias gaúchas</i></p> <p><i>João Goulart nomeará o presidente do conselho</i></p> <p><i>Aprovada pela Câmara, esta madrugada, por 234 votos a 59 votos, nova emenda que alterou fundamentalmente estabelecido a respeito do parlamentarismo – As alterações deram motivo a protestos e desinteligências</i></p> <p><i>Jango em Porto Alegre saudado como Presidente</i></p>	<p>Perigo da subversão, essa é a maior preocupação de das Forças Armadas</p> <p>Jango capitula diante da imposição das Forças Armadas e dos políticos majoritários no Congresso e aceita ser Presidente num regime parlamentarista.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>O Globo noticia a regulamentação parlamentar que institui o parlamentarismo no país.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p>

	<p><i>Apelos do arcebispo de Florianópolis e do bispo de Santo André em favor da paz</i></p> <p><i>Preso o comandante da base aérea de Belém</i></p> <p><i>Fidel quer mandar milícias para combater brasileiros</i></p> <p><i>Cassação da comenda concedida a Guevara</i></p> <p><i>Cid Sampaio não disse que não daria</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>O Globo combate Fidel Castro alertando que este estaria agindo subversivamente no Brasil</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
3		Não
4	<p><i>Os chefes militares concordam com o governo parlamentarista</i></p> <p><i>Oficialmente comunicada a decisão ao Sr. Ranieri Mazzili – Os líderes políticos comprometem-se a prestigiar as Forças Armadas – Muitos candidatos a Primeiro-Ministro</i></p> <p><i>Forças de Leonel Brizola invadem Santa Catarina</i></p> <p><i>Retrai-se o dispositivo de defesa para evitar o desencadeamento de uma guerra civil.</i></p> <p><i>Transferida a posse do Sr. João Goulart</i></p> <p><i>Chega amanhã a Brasília para a formação do gabinete – Honras de estilo no aeroporto de Brasília – manifesto dos Ministros militares acatando a decisão do Congresso – As articulações políticas no Distrito Federal</i></p> <p><i>Tropas do II e III exércitos na fronteira São Paulo-Paraná</i></p> <p><i>Quatro oficiais deixam as fileiras do II exército</i></p> <p><i>Fidel deu motivos para o rompimento de relações</i></p> <p><i>Brizola emite bônus para enfrentar a crise</i></p>	<p>Sempre muito ligado aos interesses dos militares brasileiros, Roberto Marinho noticia que eles aceitam uma mudança institucional que leve ao regime parlamentarista com Jango na presidência e enaltece o fato de que os políticos irão sua força.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Apesar da “solução” ainda há tensão militar</p> <p>Idem</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>

	<p><i>Desapontados os gaúchos com a aceitação de Jango</i></p> <p><i>Decretada a prisão do cel. Ardivino Barbosa</i></p> <p><i>Segadas Viana deixa o Ministério do Trabalho</i></p> <p><i>Continuará no seu posto o Governador Carlos Lacerda</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
5	<p><i>Provocada pelos boatos de sublevação de oficiais da FAB: Novamente adiada a posse de João Goulart Denunciado aos Ministros militares um complô contra a segurança do Sr. João Goulart – Elementos descontentes da FAB, rebelando-se contra a o Ministro Grüm Mass articulariam um movimento cuja extensão e profundidade ainda se ignora – A “operação mosquito” objetivaria interceptar em pleno voo o aparelho que traria o presidente constitucional e sua comitiva de parlamentares – o Congresso em sessão permanente – Decididos os Ministros militares a defender a ordem constitucional e a reprimir a intentona, se deflagrada</i></p> <p><i>Informa o Estado maior da FAB: A Aeronáutica cumpri fielmente as ordens do governo</i></p> <p><i>Forças do exército sediadas no Rio embarcam para o Sul</i></p> <p><i>“Agora é Juraci quem vem aí”</i></p> <p><i>Condições para a posse de Jango Os Ministros da Guerra, da Aeronáutica e da Marinha, em seguida à aceitação da decisão do Congresso, de estabelecer o parlamentarismo no País, consideraram que só estariam aptos a oferecer completa segurança para a ida do Sr. João Goulart a Brasília depois que três condições fossem satisfeitas. Primeiro,</i></p>	<p>O Globo noticia perigo de sublevação antiposse de Goulart por elementos da FAB Ainda há tensões anti-Jango dentro das Forças Armadas O Globo enfatiza posição dos comandantes militares no sentido de defender a ordem constitucional.</p> <p>Mais uma informação dando conta do legalismo das Forças Armadas.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Apesar das notícias veiculadas por O Globo sobre o legalismo das Forças Armadas, aqui estão relatadas as condições ainda a essa altura sendo impostas pelos militares para aceitar João Goulart na presidência da República</p>



<p><i>os Srs. João Goulart, Leonel Brizola e o general Machado Lopes, comandante do III exército, deveriam fazer declarações de acatamento a decisão do Congresso, que implantou o parlamentarismo; segundo, as tropas gaúchas que estavam avançando sobre Santa Catarina deveriam regressar ao Rio Grande; terceiro, as tropas irregulares armadas pelo governador Leonel Brizola, e que se acham acampadas junto às unidades do III exército, deveriam recolher-se aos quartéis</i></p> <p><i>Apela o Marechal Denys para a pacificação dos espíritos</i></p> <p><b>BOX ESPECIAL: EDITORIAL I? UMA GARANTIA</b> <i>Vivemos uma hora em que não é possível estar arriscando o futuro da Pátria em arriscadas experiências e improvisações. De qualquer maneira o parlamentarismo é um fato. A emenda foi aprovada e promulgada e não adianta especular os seus deméritos. Foi a única solução encontrada para o País e o que importa, agora, é que o regime parlamentar contribua, também, para resolver os outros problemas que tornam tão grave a atual conjuntura</i> [...]</p> <p><b>EDITORIAL II: PAZ E LEGALIDADE</b> <i>É com tristeza e alarma que a população toma conhecimento dessa nova ameaça que se esboça contra a sua estabilidade, já lamentavelmente posta à prova numa série angustiante de decepções recentes. Quando parecia que o povo brasileiro, cuja tradição de ordem e respeito à lei foi nestes dias tão rudemente ferida, ia encontrar finalmente a tranquilidade de que tanto precisa [...] surpreende-lo e consterna-o esse novo e irrefletido apelo ao extralegal, essa ameaça de agravação de todas as suas irresolvidas dificuldades.</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b> O Globo aceita a solução parlamentarista mesmo taxando-a de experiência improvisada.</p> <p><b>EDITORIAL II</b> <i>Roberto Marinho critica os movimentos militares conspiratórios e diz que o Congresso nacional, como única instituição de poder restante após a renúncia de Jânio decidiu pela instalação do parlamentarismo no Brasil, não há o que se discutir. É cumprir, executar e pronto. Absoluto combate a um eventual golpe. Esse editorial parece ser uma manifestação de Roberto Marinho no sentido de aceitar a solução parlamentarista como o mal menor a ser acatado por todos, já que tirava o</i></p>
--	--

	<p><i>Com a renúncia intempestiva e desarrazoada do Sr. Jânio Quadros, só um poder político permaneceu no Brasil, com autoridade legal e competência moral, como ficou demonstrado, para deliberar – o Congresso Nacional. Esse poder indiscutível e irrecusável constitucional se pronunciou soberanamente, modificando [...] o sistema de governo e determinando que deveria ser empossado como Presidente a frente do novo governo o Sr. João Goulart.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Podem ficar certos os que se sublevam que se estão sublevando contra o Brasil, que os condena e os reprova. O dever dos bons brasileiros é acatar a lei e dar paz ao Brasil. A nação espera que a sinistra ameaça que sobre ela paira não chegue a concretizar-se e os que a promovem se detenham em tempo, não por temor, que seria vil, mas por patriotismo, que é nobre, e compreendam que a Pátria é muito maior que os homens e mais duradoura do que as circunstâncias ocasionais.</i></p>	<p><i>poder executivo nacional de seu inimigo Jango.</i></p> <p><i>Por isso ninguém deveria contesta-la, muito menos militares isolados do comando das Forças Armadas.</i></p>
6	<p><i>Sensacional revelação sobre a renúncia de Sr. Jânio Quadros apresentada pelo O Globo</i></p> <p><i>A verdade sobre a renúncia</i></p> <p><i>“Com este Congresso não posso governar. Organizem uma junta militar e dirijam o País” - Assim falou o então Presidente Jânio Quadros aos Ministros da Guerra, Marinha e Aeronáutica</i></p> <p><i>Jango na capital pronto para a posse</i></p> <p><i>Toda a nação à espera do nome do nome do Primeiro-Ministro</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b></p> <p><b>A HORA DAS SALVAÇÃO</b></p> <p><i>Nesta tormentosa quadra de subversão de valores e de ameaças de fora para dentro, ao regime de liberdades que tem sempre gozado o povo brasileiro, impõem-se uma trégua entre as controvérsias partidárias e ao que o</i></p>	<p>O Globo exhibe uma versão da renúncia de Jânio que exime os chefes militares de qualquer culpa na renúncia e põe a culpa no Congresso.</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b></p> <p>Apelo pela paz e união nacional pela Pátria.</p>

	<p><i>Velho Testamento denominava “a acepção das pessoas”.</i>  <i>Todos os raciocínios devem subordinar-se a uma única categoria: a do interesse nacional</i></p>	
7	<p><i>UDN e PSD unidos para dar base parlamentar para o primeiro gabinete</i>  <i>Firmado acordo entre os dois maiores partidos com a possibilidade de adesão do PSP, PDC, e de outros partidos menores – Fora do bloco o PTB e o PSB, em face da posição antiparlamentarista</i></p> <p><i>Enviado de Jânio a Havana faz esse tremendo libelo:</i>  <i>Violência, corrupção e mentira para disfarçar o fracasso do regime imposto por Fidel Castro</i></p> <p><i>João Goulart assume hoje a Presidência</i>  <i>Prestará compromisso às 15 horas perante o Congresso Nacional – posse do Ministro e do Conselho de Ministros – Transmissão do cargo de Presidente da República</i></p> <p><i>Quatro oficiais brasileiros pedem asilo na Argentina</i></p> <p><i>João Goulart saúda a imprensa</i></p> <p><i>Jânio pretendia voltar ao poder com mais força</i></p> <p><i>Surge a pacificação nas Forças Armadas</i>  <i>Radiogramas trocados entre os comandantes do III e I exércitos</i></p> <p><i>Carvalho Pinto disse não</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Roberto Marinho mostra mais uma vez que está sempre preocupado com as Forças Armadas</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
8	<p><i>Pede João Goulart o referendo popular para o parlamentarismo</i>  <i>No discurso de compromisso, o novo Presidente da República entende que a sua investidura, “embora sob a égide de um novo sistema”, consagra respeitoso acatamento da ordem constitucional - a única luta interna que deve ser travada é a da nossa emancipação econômica,</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p>

	<p><i>contra o pauperismo e o subdesenvolvimento</i></p> <p><i>Tancredo Neves anuncia governo de austeridade</i> <i>Em declaração aos presidentes de partidos, o Primeiro-Ministro promete uma política de fortalecimento da moeda e de combate ao empreguismo e aos desmandos administrativos</i></p> <p><i>Di Cavalcanti, contando coisas de Cuba, revela:</i> <i>Jânio disse a Guevara que o condecorava inclusive por serem contra o ato alguns generais do Exército!</i></p> <p><i>Cinquenta oficiais-generais receberam o Marechal Denys</i> <i>Regressou ontem à noite o Ministro da Guerra</i></p> <p><i>Kubitschek pretende fundar novo partido</i> <i>Estamos seguramente informados que o Sr. Juscelino Kubitschek pretende formar um novo partido: o Presidencialista</i></p> <p><i>O Primeiro-Ministro dirige-se ao povo através de O Globo</i></p> <p><i>O êxito ou insucesso do parlamentarismo dependerá dos bons ou maus políticos</i> <i>Falam a O Globo, historiadores e estudiosos do parlamentarismo</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo O Globo concede ao novo governo uma paz que pode ser movida pelo desejo de que o parlamentarismo vingue.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Roberto Marinho mostra mais uma vez que está sempre preocupado com as Forças Armadas.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo O Globo dá espaço e força para o Primeiro-Ministro</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
9	<p><i>Empossados o Presidente e o Conselho de Ministros</i> <i>Aprovado o gabinete chefiado pelo Primeiro-Ministro Tancredo Neves – O Congresso deu posse ao Presidente João Goulart e ao Conselho em cerimônia realizada ontem à noite – Expressiva votação consagrou a aceitação do primeiro governo parlamentarista da República</i></p> <p><i>O impressionante depoimento do governador Cid Sampaio – A posição do Sr. Jânio Quadros nos acontecimentos – Pretendia voltar sem o Congresso –</i></p>	<p>Posse de Jango</p> <p>O Globo veicula versão de político sobre a renúncia de Jânio dando conta de que este tinha o propósito de após a</p>

	<p><i>Ação patriótica das Forças Armadas – Tudo para evitar uma luta fratricida</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <i>A BANDEIRA DA PAZ</i>  <i>O plebiscito já está previsto na emenda constitucional mas para nove meses antes do término do mandato do atual Presidente da República. Contenham-se, portanto, os agitadores e deixem a nação sossegar provando em paz o regime parlamentarista, a este não se deve desmoralizar nem dificultar, se ele fracassa, prejudicado será o País. Se não der certo voltaremos em 1965 ao presidencialismo.</i></p>	<p>renúncia, voltar ao poder sem o Congresso.  Reproduz um elogio explícito a atuação das Forças Armadas nos dias pós-renúncia.</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  Acena com abandeira da paz e confraternização das forças políticas sob o parlamentarismo  Na dúvida sobre a sua eficácia, exige que não se crie marolas para apressar o seu fim.</p>
10	Não houve edição	Não houve edição
11	<p><i>Será mantida a política externa, mas respeitando a nossa tradição</i></p> <p><i>Todos os Ministros assumem seu posto hoje</i></p> <p><i>Alkmim nega a coação militar na votação da emenda parlamentarista – Era a única fórmula para vencer a crise – O líder da maioria não acredita no retorno do presidencialismo – Considera que o novo sistema valorizará os programas partidários</i></p> <p><i>Apagar ressentimentos e divergências diante do dever para a Pátria</i>  <i>Como falou o Sr. João Goulart, na cerimônia de transmissão de cargo de presidente da República – Grande empenho em pacificar a família brasileira – Acatamento a decisão do Congresso – A palavra do Sr. Ranieri Mazzili</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política sem viés valorativo</p> <p>Noticiário trazendo mais um testemunho de político em ato de afago às Forças Armadas ao isentar os militares de qualquer interferência nos assuntos institucionais.</p> <p>O Globo reproduz falas que trazem apelo à calma e paz entre os brasileiros</p>

## Anexo 11

**Tabela 16: Golpe civil-militar de 1964**

DATA	MANCHETES E EDITORIAIS	POSICIONAMENTO POLÍTICO
17/3	<p><i>O CGT faz ultimato ao Congresso Ameaçou tomar “medidas concretas” se o legislativo não atender ao pedido de reforma da Constituição dentro de 30 dias Paridos acertam plano para defender o Congresso contra pressões do executivo - Meneghetti solidário com Congresso Nacional</i></p> <p><i>Estudantes e populares paulistas impediram que João Pinheiro Neto entrasse na Faculdade de Direito</i></p> <p><i>Mazilli promete agir para proteger as instituições</i></p> <p><i>Goulart acusado de traição à Pátria pelo pe. Calazans</i></p> <p><i>O sacerdote-senador falando na segunda reunião organizadora da Marcha da Família, com Deus pela Liberdade, que acabou em comício pela defesa da Constituição e dos princípios democráticos declarou: “esse homem nunca deveria ter tomado posse e devemos exigir que ele renuncie, porque é um traidor à Pátria”. Apelo da mulher paulista à rede democrática, através de nosso companheiro Rogério Marinho e de João Calmon</i></p> <p><i>Juscelino responde a Lacerda reafirmando posição democrática</i></p>	<p>O Globo dá destaque às ameaças dos “agitadores” à democracia e às instituições democráticas.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
18	<p><i>Martins Rodrigues: prazos, para o Congresso, são só os regimentais Foi maciça a reação das lideranças partidárias ao ultimato do CGT para que o Congresso atenda ao pedido de reforma da Constituição</i></p>	<p>O Globo reverbera a reação firme do parlamento ante as ameaças do CGT</p>

<p><i>Desmente o Ministério da Justiça a retomada do prédio da polícia</i></p> <p><i>Reforma ministerial talvez dentro de dias, anuncia Goulart</i></p> <p><i>Mais de 50 mil pessoas na “Marcha da Família”</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>SE NÃO, NÃO!</b>  <i>Ainda se poderá falar em legalidade neste País? É legal uma situação em que se vê o Chefe do Executivo unir-se à pelegos e agitadores comunistas, intranquilizar a Nação com menções a eventuais violências, caso o Congresso não aceite os seus pontos de vista? É legal uma situação em que a própria mensagem enviada ao Congresso, por ocasião da abertura de seus trabalhos, o Presidente da República reclame a reforma da Constituição, que jurar respeitar e defender, invadindo, portanto, a competência única do parlamento? É legal uma situação em que, inspirados nas atitudes governamentais, órgãos ilegítimos, destinados à agitação, se dirigem ao Congresso em linguagem audaciosa, fazendo ameaças e insinuando represálias? O mínimo que se poderia afirmar na atual conjuntura nacional brasileira, é que estamos cada vez mais próximos da ilegalidade. O Executivo baixa decretos inexecutáveis ou de flagrante inconstitucionalidade, sabendo que eles não resistirão a qualquer pedido de segurança, e o faz conscientemente, apenas para beneficiar-se dos seis efeitos demagógicos, os inquilinos e o povo em geral.</i>  [...]  <i>Queremos formular um apelo aos congressistas. Unam esforços,</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Começa a incentivar a “Marcha”</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  Questiona o que é legalidade (talvez já preparando a opinião pública para o golpe que, a esta altura, já estava sendo urdido) e define como ilegais uma série de atitudes do Presidente e seus “colaboradores”. O Congresso deve reagir à altura às ameaças a ele feitas pelo CGT e o Presidente sempre com as Forças Armadas a reforçar o respeito às instituições e a democracia. Lembra aqui os artigos da Constituição que dão legalidade a uma possível intervenção pelas Forças Armadas. Com base nessa premissa, marinho alerta que os militares não vacilarão diante dos constrangimentos às instituições democráticas.</p>
---	---

	<p><i>enfrentem as divergências sobre pontos não-essenciais, superem os entraves regimentais, mas aprovelem o quanto antes, os projetos de lei que uma vez votados, ou silenciarão os adversários do legislativo ou revelarão a má-fé e insinceridade deles. Votem leis democráticas, leis que estejam de acordo com o espírito de regime, leis que se amoldem aos preceitos constitucionais vigentes, que não são válidos só para aqueles que encontram na Constituição barreiras a seus sonhos de ambição.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Quanto às ameaças, ofensas e intromissões, o Congresso – temos a certeza – as repelirá com altivez.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>As Forças Armadas que alguns são buscam maliciosamente associar às tentativas de intimidação do Congresso, igualmente não falharão. Sob a autoridade suprema do Presidente da República, mas dentro dos limites da lei (Art. 176 da Constituição), elas defenderão os poderes constitucionais, a lei e a ordem (Art. 177). Não admitirão, assim, que grupos sectários e subversivos, sejam eles ou não da intimidade do Chefe do Executivo, se manifestem contra o Congresso e intentem pressioná-lo, pois não podem elas endossar gestos ilegais e processos contrários à Constituição.</i></p> <p><i>“Para a democracia – disse o senador Moura Andrade - o Congresso diz sim, se não, não!”</i></p>	
19	<p><i>Goulart garante que não alimenta qualquer pretensão ditatorial</i></p> <p><i>O Presidente da República almoçou com um grupo de deputados “agressivos” do PSD, aos quais reafirmou que passará a faixa ao seu sucessor no momento em que espirar o seu período constitucional. Disse mais, que o clima de inquietações é criado artificialmente, por setores “intransigentes da oposição”, que</i></p>	<p>Segundo O Globo, Jango acrescenta elementos novos à situação já cheia de tensão, desafiando a democracia e suas instituições.</p>



<p><i>não desiste das reformas e que elas serão executadas nos termos desejados pelo povo, seja qual for a reação das minorias.</i></p> <p><i>Delegações de 8 estados vão hoje a São Paulo, para a “Marcha pela Liberdade”</i></p> <p><i>Dia 30 a reforma do Ministério, garantem fontes de Brasília</i></p> <p><i>Agitação de desempregados mobilizou Brasília</i></p> <p><i>Sobral Pinto propõe a criação de Núcleos de Resistência Legal</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>UM FATO AUSPICIOSO</b>  <i>Apesar de todas as ameaças desta hora carregada de intranquilidade, um fato político da maior relevância fortalece as esperanças dos democratas; que desejam uma solução pacífica e constitucional para a crise brasileira. Reúne-se o PSD em convenção nacional, que culminará com o lançamento do candidato do partido à presidência da República. Ao senador Juscelino Kubitschek caberá defender as cores pessedistas no mais importante prélio político de nossa história. Brasileiro dos mais ilustres, que em seu período de governo conseguiu empolgar a imaginação de nosso povo com a mística do desenvolvimento econômico, sua representa para muitos milhões de patricios, a certeza de dias melhores, que possibilitarão ao País retomar o caminho do progresso, num clima de paz e confiança.</i>  [...]</p>	<p>O Globo dá todo o apoio e divulgação para a “Marcha”</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo  O Globo, em todas as nossas pesquisas reforça o tema da desordem quando combate o governo</p> <p>O Globo veicula manifestações defendendo a “resistência democrática”</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  O Globo saúda a possível volta de JK que ele tanto combatera em 55, como esperança de dias melhores e fim da crise atual.  Mas não deixa de usar uma fina ironia: “conseguiu empolgar a imaginação de nosso povo com a mística do desenvolvimento econômico”.  Parece que Roberto Marinho passou a confiar em Juscelino Kubitschek após o período de governo dele.</p>
--	---

	<p><i>É o processo democrático em marcha. No livre debate de programas e ideias, na espontânea preferência por esse ou aquele candidato, procurará o povo traçar o caminho que deseja para o Brasil. Pela primeira vez, desde que o País entro na convulsão causada pelos choques ideológicos e divergências a respeito das chamadas reformas básicas, terá o eleitorado a possibilidade de definir-se a respeito dos problemas em foco.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Temos a certeza de que nenhum dos candidatos deseja ficar atrás de seu tempo e todos contribuirão para a elaboração de plataformas que ofereçam ao ovo fundamentais razões de crença na democracia, como regime capaz de proporcionar o bem-estar social, repartindo melhor a riqueza da nação, sem a perda das liberdades fundamentais.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Assim, contribuir para a normalização da vida política, sem o que será inviável a recuperação econômico-financeira, é para o PSD uma questão de sobrevivência. Formulamos votos pelo êxito da convenção pessedista e desejamos a campanha do Sr. Juscelino Kubitschek concorra para o revigoramento da democracia em nossa Pátria e apreciamos o fato político da apresentação de seu nome como auspicioso indício de que o Brasil vai ultrapassar, pacificamente, esta fase aziaga que tanto preocupa a todos os cidadãos.</i></p>	
20	<p><i>São Paulo de pé em defesa da democracia</i></p> <p><i>São Paulo parou para acompanhar a grandiosa “Marcha da Família”, que teve a participação de delegações de todo o interior do estado e de Minas, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Brasília, Goiás, Paraná, Rio de Janeiro, Alagoas,</i></p>	<p>O Globo faz da “Marcha” um paradigma e símbolo da luta que o povo brasileiro estaria disposto a encetar par a defender sua fé religiosa, as instituições e a democracia.</p>

<p><i>Santa Catarina, Bahia e Guanabara. Tão grande era a multidão que não coube na praça da Sé, onde houve a concentração oficial, com discursos e orações, espalhando-se pelas ruas das vizinhanças. Em todos os discursos ficou patenteada a disposição do povo brasileiro de defender sua liberdade e sua fé religiosa. Estiveram presentes políticos, militares e religiosos de todos os credos. O governador Adhemar de Barros foi representado por D. Leonor Mendes de Barros.</i></p> <p><i>Galvão: compreensivos os credores do Brasil</i></p> <p><i>Divisão ideológica marca o primeiro dia da convenção nacional do PSD</i></p> <p><i>Mensagem aos militares jovens O Globo inicia hoje a publicação de uma série de artigos do general A. C. Muniz de Aragão, um dos mais respeitados chefes militares do País e verdadeiro líder de sua classe.</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b> <b>A PALAVRA DE ORDEM DOS PATRIOTAS</b> <i>Depois da fabulosa concentração popular de ontem em São Paulo – realizada sem o auxílio financeiro da Petrobras e de outros organismos políticos ou estatais, mas com o entusiasmo e o patriotismo da gente paulista -, vão pensar duas vezes aqueles que reclamam plebiscitos para auscultar o povo brasileiro sobre os problemas atuais.</i> [...] <i>Sirva o acontecimento aos que pensam em desviar o Brasil de seu caminho normal, apresentando-lhe soluções contrárias ao ideal democrático e ensejando a tomada do poder pelos comunistas, que o povo brasileiro jamais concordará em perder a liberdade nem assistirá</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Importante iniciativa política de O Globo. Parece uma tentativa de doutrinar os militares mais jovens e impedir que se bandeiem para o comunismo.</p> <p><b>EDITORIAL:</b> Roberto Marinho reforça as vozes da “Marcha” com o importantíssimo incomum testemunho de Dutra pela salvação do Brasil dos perigos da secessão.</p>
--	---

	<p><i>de braços cruzados ao sacrifício de suas instituições.</i></p> <p><i>Temos dito e repetido: só dentro das normas constitucionais encontrará o País saída para a crise. Fora da Constituição será o caos e a guerra civil.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>A concentração paulista teve um iniludível sentido de advertência aos inimigos do regime. Por coincidência, no mesmo dia, outra advertência era feita à nação. O marechal Eurico Gaspar Dutra rompia o seu silêncio histórico, conclamando os democratas à união, enquanto é tempo, “em face da gravidade das circunstâncias que caracterizam a atual situação brasileira”. Todos o Brasil respeito e eminente soldado [...].</i></p> <p><i>Se após 13 anos de discreto retiro o ilustre cidadão resolve falar à nação, alertando-a sobre a necessidade de “evitar o avento de condições que lancem o Brasil num desastre de irremediável secessão interna” – é porque a situação do País já não admite quaisquer silêncios ou omissões.</i></p> <p><i>[...]</i></p>	
21	<p><i>Decisão unânime do PSD: Kubitschek candidato!</i></p> <p><i>Brizola admite que Goulart pode não terminar mandato</i></p> <p><i>A saída do Presidente aconteceria em face do que o deputado classifica como desfecho que se aproxima.</i></p> <p><i>Numa entrevista em Brasília, perante a convenção nacional do PTB, que começou inesperadamente, o Sr. Brizola afirmou que a época mais propícia para o desfecho será de julho a novembro e que o Sr. João Goulart poderá, entretanto, evita-lo ou conduzi-lo, par impedir o imprevisível.</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>O Globo começa, dentro do presente período estudado por nós, a trazer Brizola para a frente de luta contra Goulart. Passa a imagem de incendiário do “cunhado do Presidente” para o leitor.</p>

	<p><i>Arraes vaiado pelo público no ginásio do Sesc, no Recife</i></p> <p><i>D. Jaime conclama à luta para a salvação do mundo</i></p> <p><i>Ordem de João Goulart: maior aproximação Brasil-URSS</i></p> <p><i>Manifesto de Magalhães Pinto condena pregação de golpe e continuísmo</i></p> <p><i>Enterro do comunismo Com um caixão, simbolizando o enterro do comunismo, cartazes de repúdio a bolchevização do País e com a exclamação a toda hora repetida: “Comunismo, não; Brasil, sim!”, um grupo de democratas realizou ontem à noite, a Passeata da Liberdade, saindo da Praça General Osório, em Ipanema, encerrando-a em um comício na Praça Serzedelo Correa em Copacabana.</i></p> <p><i>Alunos transformam a aula magna da FNF i em espetáculo de desrespeito O presidente do diretório acadêmico da faculdade, diante de embaixadores estrangeiros, reptou o Reitor Pedro Calmon e o diretor Faria Góis a se definirem sobre as reformas de base, fez violentas críticas à direção da Universidade do Brasil e afirmou que os professores são incompetentes – Tudo sob os aplausos dos colegas</i></p> <p><i>Lacerda e Adhemar declaram-se unidos pela causa democrática</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo Arraes era do PTB, partido de Goulart, e aliado e firme apoiador das reformas de base propostas pelo Presidente Jango. Notícia política com viés valorativo</p> <p>O Globo ressalta aqui a perigosa aliança de Jango com o mundo comunista e seu país central.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>O Globo reverbera manifestação popular anticomunista</p> <p>O Globo dá repercussão ação de agitação estudantil, enfatizando que estes defendiam as reformas de base.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
22	Não houve edição	Não houve edição

<p>23</p>	<p><i>Homenagens a Dutra pelo seu pronunciamento em favor das instituições</i></p> <p><i>A mulher pernambucana contra o comunismo e pela democracia</i></p> <p><i>Kubitschek: A bandeira da reforma e não a reforma da bandeira!</i> <i>Num incisivo pronunciamento na Convenção Nacional do PSD, já como candidato oficial do partido à presidência da República, o ex-Presidente pronunciou-se pelas reformas, dentro do quadro democrático, e pelo repúdio sem vacilações ao comunismo e ao reacionarismo intolerante. Afirmou: Ao dilema absurdo – estagnação ou revolução – opomos o lema Progresso e Liberdade.</i></p> <p><i>Goulart comenta o manifesto de Magalhães Pinto afirmando que também é pela legalidade</i></p> <p><i>Em estudo a encampação das distribuidoras de petróleo</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo Roberto Marinho pode ter usado aqui uma voz popular e que gozava de credibilidade para combater João Goulart.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Referência à atitude estatizante do governo e condizente com mais uma movimento para a esquerda do Goulart</p>
<p>24</p>	<p><i>D. Jaime felicita Dutra</i></p> <p><i>A mulher carioca prepara “Marcha da Família”:</i> no dia 2, da Candelária à Esplanada</p> <p><i>O Governo dará abono de 100% ao pessoal civil e militar até que o aumento saia</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b> <b>A HORA DA LIBERDADE</b> <i>O momento é oportuno, como jamais o foi durante toda a nossa História, para refletirmos, nós também, sobre a liberdade que também estamos ameaçados de perder. O momento é oportuno porque o que está em jogo desta vez não é a liberdade alheia, distante, mas é a nossa própria liberdade, ameaçada dentro das</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>O Globo divulga com realce a “Marcha”</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b> É auge da guerra Fria, do erguimento do Muro de Berlin, alemães do lado oriental tentam passar para o ocidente e são fuzilados pelas forças comunistas. O Globo usa o caso de um rapaz cidadão da Alemanha Oriental que tentou a fuga, foi metralhado e mesmo assim luta naquele momento pela vida e pela LIBERDADE. Essa é uma alegoria usada por Marinho</p>

	<p><i>nossas próprias fronteiras, das nossas próprias casas, e em cada um de nós. Se a soubermos defender, o País estará salvo e nós com ele. Sem não a soubermos defender, tudo estará perdido para todos</i></p>	<p>para desenvolver a questão da liberdade e do que custa perde-la. A moral é: também no Brasil se está prestes a perder a liberdade e tudo se deve fazer para que isso não aconteça. Fica uma dúvida: usar “Saber defender” poderia indicar a possibilidade de desencadear e/ou apoiar o futuro Golpe de Estado?</p>
25	<p><i>A “Marcha da Família” empolga a todos os setores da população</i></p> <p><i>Pedradas na democracia</i> <i>Aqueles que não gostam do regime democrático, não gostam que problemas do povo sejam resolvidos por métodos democráticos. Isso lhes tira um pouco o combustível com que eles alimentam a agitação social.</i> [...] [...] a Professora Sandra Cavalcanti, após realizar uma palestra ouvida atenta e respeitosamente pelos favelados, foi agredida a pedrada por um grupo de agitadores. O fato é tanto mais grave quando foram identificados ente os instigadores da agressão um estudante e dois assessores de um deputado estadual.</p> <p><i>Lacerda e Magalhães Pinto</i> <i>Os Srs. Carlos Lacerda e Magalhães Pinto tiveram um encontro de duas horas e meia, ontem, em Belo Horizonte, quando o governador da Guanabara fez um apelo ao Chefe do Executivo mineiro para que compareça, no dia 11, à Convenção Nacional da UDN, afim de que, entre outros motivos, à sua ausência não se dê a ideia de que a unidade dos democratas esteja fraca diante da ameaça totalitária</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b> <b>O PERIGO DAS SOLUÇÕES PRIMÁRIAS</b></p>	<p>O Globo incentiva e reverbera as manifestações contra o Governo Jango mais uma vez através da “Marcha”</p> <p>Mais uma notícia dando conta de atos de subversão e violência. Ações antidemocráticas</p> <p>Sabendo hoje que os governadores Magalhães Pinto e Carlos Lacerda forma dos mais importantes líderes civis e políticos da conspiração, essa notícia pode dar conta de uma reunião de trabalho com esse fim</p> <p><b>EDITORIAL:</b> Roberto Marinho faz aqui uma ameaça direta a Goulart. Está indo cada vez mais</p>

<p><i>Se o Governo está perdendo a cabeça, porque a opinião democrática do País se arregimenta para derrotar a agitação e as tentativas de estatizar, a força, esta Nação livre, arrisca-se a criar uma situação em que será o maior prejudicado, infelizmente, tudo indica que o que acontece no momento.</i></p> <p><i>Volta o Presidente João Goulart a entender-se com seu cunhado, em consequência da reaproximação, recrudescem os rumores de que, em breve, o Brasil será convidado por um novo Ministério esquerdista a submeter-se a uma consulta plebiscitária.</i></p> <p><i>Ao mesmo tempo crescem os indícios de que se encontra em preparação uma especial fornada de decretos, capazes de anarquizar de vez com a economia nacional, silenciar a imprensa, coagir as entidades de classe e lançar-nos ao desastroso pélogo em que mergulham as Nações que perdem a sua liberdade.</i></p> <p><i>[...] Lembre-se S. Ex. que só está no governo graças ao espírito legalista das Forças Armadas e do povo. Se passar à ilegalidade, perderá as condições para continuar chefiando o Governo.</i></p> <p><i>O plebiscito, por exemplo, que atualmente empolga a imaginação de seu cunhado - famoso pela maneira rápida com que adere `para soluções primárias -, é um caminho ilegal. O plebiscito já seria o golpe.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>A Constituição estabelece com muita minúcia a maneira pela qual o povo deve manifestar-se. É através da eleição de representantes para os diversos órgãos legislativos e de autoridades para o Executivo, mas o povo não legisla diretamente. Pretender tal coisa seria ambicionar a anarquia ou então, a ditadura [...].</i></p> <p><i>[...]</i></p>	<p>fundo na ilegalidade, na afronta à democracia e o maior exemplo disso é a ideia de chamar um plebiscito.</p> <p>O plebiscito sobre as reformas de base é ilegal e não será tolerado!</p>
--	---



	<p><i>Os decretos ilegais caem na justiça. Os atos encampatórios, de puro arbítrio, que estão sendo fabricados no Planalto, certamente terão este fim. O mesmo acontecerá com decretos demagógicos e outras medidas sem base legal. Mas o fato da justiça garantir os direitos dos cidadãos e das empresas não desobriga o Governo de agir corretamente. Porque se tem desviado, o atual Governo fica mais e mais comprometido perante a opinião pública, e, apesar das afirmações em contrário, já não o dissocia do intuito contrário às instituições, que toda a nação repele e abomina.</i></p>	
26	<p><i>O Governo desmente medidas contra imprensa</i>  <i>O gabinete do Ministro da Fazenda expediu, nas últimas horas da noite de ontem um comunicado oficial: “com relação às notícias de que o Governo brasileiro estaria inclinado a assumir o monopólio da importação ou da distribuição de papel de imprensa, e venha assim a encampar as fábricas produtoras de papel, o Ministro da Fazenda esclarece que as mesmas não têm fundamento. Pelo contrário, o Governo está interessado em continuar assegurando à imprensa os direitos que a Lei confere e o tratamento que é devido no regime democrático</i></p> <p><i>Vibrou o povo de Santos durante a “Marcha da Família”</i></p> <p><i>Mensagem aos militares jovens</i>  <i>Como “ O Globo” não circulará amanhã, publicamos hoje, na sétima página, o artigo da série “Mensagem aos Militares Jovens” da autoria do General Augusto Cesar Muniz de Aragão,</i></p>	<p>Importante veiculação de notícia sobre uma reação do Governo aos rumores sobre decreto de censura à imprensa</p> <p>O Globo continua incentivando o grande movimento contra Goulart através da divulgação das repercussões à “Marcha”</p> <p>Idem</p> <p>Relação sempre bem alimentada e retroalimentada de Roberto Marinho com os militares – doutrinação contra os ventos conspiratórios nas Forças Armadas</p>

<p><i>normalmente publicado às sextas-feiras</i></p> <p><i>A repulsa da Associação Comercial à caluniosa imputação a O Globo</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b>  <b>ANIMADORA CONSTAÇÃO</b>  <i>O discurso pronunciado pelo Ministro da Marinha Almirante Silvio Mota, em solenidade realizada na terça-feira, deve ser analisado, comentado e aplaudido. Tanto mais nos sentimos a isto obrigados quando, não há muito estranhávamos, em artigo, o que nos parecia uma diminuição da autoridade de S. Ex. Vemos, agora, que estávamos enganados. O Sr. Silvio Mota não é daqueles oficiais-generais que, guindados a cargo político deixa-se empolgar pela função ministerial, a ponta de sacrificarem, para nela permanecer, o belo conceito granjeado em muitos anos de serviço na corporação.</i>  [...]  <i>Censurou o Almirante Silvio Mota aqueles militares que têm os olhos mais voltados para a política do que para os seus afazeres profissionais reconheceu que a estrutura militar da Marinha, e com ela a sua hierarquia, vem sendo abalada em seus alicerces, por pressões estranhas a seus quadros e pelo clima de insatisfação que foi criado. Sem meias palavras declarou o Chefe da Marinha de Guerra que a diretoria da Associação de Marinheiros e Fuzileiros se deixou envolver pelas ideias subversivas de elementos estranhos a seus quadros, assegurando, porém, que seria inflexível na manutenção da ordem e da disciplina nos navios de guerra e em terra.</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo, dessa vez veiculando defesa ao papel político de O Globo diante da crise.</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  O Globo repercutiu a rebelião do Cabo Anselmo e seus companheiros que se apresentava como um duro golpe contra a hierarquia de comando da Marinha. Parece ter sido essa a gota d'água para a "Revolução".</p>
---	--

	<p>[...]</p> <p><i>Temos a intuição de que depois de seu discurso, o Almirante Silvio Mota está mais fraco politicamente, mas como se fortaleceu S. Ex. na apreciação de seus pares e de seus compatriotas! Já nos desacostumáramos a essas demonstrações de caráter, de fidelidade aos ideais superiores da nação e de cumprimento do dever, tanto tem sido, em outras ocasiões e setores, a atitude de pusilanimidade e acomodamento. O discurso do Ministro Silvio Mota foi animador e enseja a constatação de que, mesmo que na área do Governo, nem tudo está perdido.</i></p>	
27	Não houve edição	Não houve edição
28	<p><i>É artificial o clima de incompreensão na Marinha, afirma o exército-Ministro Mota. No discurso que proferiu ontem, ao transferir o cargo de Ministro da Marinha ao Almirante Paulo Mário da Cunha Rodrigues, o Almirante Silvio Mota afirmou que a luta pelo acatamento de princípios constitucionais, em 50, 55 e no começo de 61, originou o radicalismo político, “óbice considerável ao entendimento tão necessário à emancipação sócio-econômica por que aspira o povo brasileiro”. Disse mais, que a existência de gradações hierárquicas nas organizações militares é uma contingência imposta pelas próprias condições de qualquer organização, como “fórmula insubstituível para assegurar o aprimoramento do processo humano”</i></p> <p><i>Postos em liberdade os marinheiros sublevados!</i></p> <p><i>Cumprindo promessa do Presidente da República obtida pela mediação do CGT, e da qual estava ciente o novo Ministro da Marinha,</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>O Globo noticia em tom de escândalo ou revolta a libertação dos marinheiros rebelados</p> <p>O Globo traz a notícia detalhada da soltura dos rebelados sem tom crítico.</p>

	<p><i>Almirante reformado Paulo Mário da Cunha Rodrigues, os amotinados da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros, que haviam sido removidos do sindicato dos metalúrgicos, onde começou o movimento, para o Batalhão de Guarda da Polícia do Exército, deste foram libertados e começaram a sair as 17h e 40min. E deram início logo a uma passeata, que se deteve na estátua de Marcílio Dias, na Praça Onze, dirigindo-se depois até a Candelária, de onde após ovacionarem os almirantes Paulo Mário, novo titular da Marinha, e Araújo Suzano, novo Chefe do Estado-Maior da armada, Cândido Aragão que reassumiu o comando geral do Fuzileiros navais, dirigiram-se para a sede de sua associação.</i></p> <p><i>O Exército permanece em estado de prontidão</i>  <i>Embora a prontidão na Armada tivesse sido aliviada logo após a posse do Almirante Paulo Mário da Cunha Rodrigues no Ministério da Marinha o Exército continuava de prontidão ontem à noite</i></p>	
29	Não houve edição	Não houve edição
30	<p><i>Firme a oficialidade da Marinha: punição para os rebeldes e afastamento de Aragão</i>  <i>Os oficiais das Armada levaram a sua exigência ao Ministro Paulo Mário como condição básica para um entendimento. Asseguram que a hierarquia foi quebrada e não há condições de manter a disciplina nem em terra nem a bordo. Nada foi divulgado sobre a resposta do Ministro. O Presidente da República, por sua vez, disse ontem que a atuação do Governo na crise foi a mais acertada e garantiu que a</i></p>	<p>Roberto Marinho, através fecha mais vez com as Forças Armadas e a sua preservação acima de tudo como instituição responsável pela paz social e política.</p>

	<p><i>disciplina será restabelecida na Marinha</i></p> <p><i>Bandeira a meio-pau</i> <i>Na sede do Clube Naval a bandeira foi hasteada a meio-pau</i></p> <p><i>Aumentam as adesões à Marcha da Família com Deus pela Liberdade</i> <i>É crescente no Rio o movimento de colaboradores em ação para completo êxito da manifestação, a ser promovida no próximo dia 2, em defesa das instituições democráticas e das tradições cristãs do povo brasileiro. E, dos estados, chegam notícias de que numerosas delegações virão participar da passeata.</i></p> <p><i>Magessi, solidário com o Clube Naval, diz que a Marinha é intocável</i> <i>O presidente do Clube Militar afirmou a O Globo que hipotecou solidariedade ao presidente do Clube Naval, Comandante João Marcos Dias, porque admira as tradições da Marinha, lembrando que ela continua inatacável apesar do espetáculo deprimente dados por alguns marinheiros e fuzileiros navais.</i></p>	<p>O Globo começa a intensificar a reverberação das ações dos militares brasileiros diante dos acontecimentos ligados à quebra de hierarquia na Marinha</p> <p>A cada vez O Globo reforça mais a sua adesão e divulgação da “Marcha” em seu intento de enfraquecer o Governo Goulart.</p> <p>Intensificação das notícias sobre movimentação dos militares em repúdio e solidariedade aos acontecimentos dentro da Marinha.</p>
31	<p><i>Reage o Congresso a comunização do Brasil</i> <i>A crise da Marinha teve efeito de provocar, além da reação da oficialidade, apoio maciço do Exército e da Aeronáutica, através do Clube Militar e de outras entidades de classe. É de alertar o Congresso, que agora reage à comunização do País. Seu presidente e do Senado, Sr. Auro de Moura Andrade, assim como o da Câmara falaram a O Globo. Por outro lado, oradores da Câmara e do Senado manifestaram-se da tribuna verberar a instigação à desordem.</i></p>	<p>O Globo noticia repúdio dentro do Congresso aos acontecimentos na Marinha e acrescenta sobre a revolta e solidariedade do Exército e da Aeronáutica à Marinha. Representantes políticos no Congresso se expressão contra a comunização do Brasil.</p>

<p><i>Goulart aos sargentos: continuemos a defender, até com a própria vida, as nossas instituições cristãs</i>  <i>No discurso que pronunciou, na noite de ontem, durante as homenagens que lhe foram prestadas pela Associação dos Sargentos e Subtenentes da Polícia Militar, no Automóvel Clube do Brasil, disse o Presidente da República: “A minha palavra, o meu apelo, é para que os sargentos e todos os brasileiros continuem cada vez mais unidos, cada vez mais disciplinados, naquela disciplina consciente, fundada no respeito recíproco, comandantes e comandados”</i></p> <p><i>Criou-se um soviete na Marinha de Guerra</i>  <i>O líder do PSD em declaração a O Globo, adverte o País contra a subversão das instituições</i></p> <p><i>A “Marcha da Família” já conta com o apoio de 28 organizações</i></p> <p><i>Oficiais da Marinha e Exército perfeitamente identificados na defesa da lei e da disciplina</i>  <i>Desse ontem estão unidos em assembleia permanente, o Clube naval e o Clube Militar, e em troca de mensagens, o presidente de um e o presidente de outro assinalam a necessidade de manter a hierarquia das Forças Armadas. Durante todo o dia os oficiais da Marinha receberam manifestações de solidariedade. Enquanto isso, o Presidente da República é homenageado por sargentos no Automóvel Clube. Em Belo Horizonte, o Governador Magalhães Pinto, depois de um encontro com o governador Nei Braga, divulgou um manifesto de solidariedade à Marinha, que teve aplauso unânime da Assembleia Legislativa mineira. E</i></p>	<p>O Globo reproduz declarações de João Goulart que podem ser entendidas como incentivadoras da continuidade dos esforços para quebrar a hierarquia e a integridade das instituições militares.</p> <p>Notícia com viés alarmante, com ilações sobre a presença comunista nos últimos acontecimentos na Marinha</p> <p>O Globo reverbera e divulga a “Marcha”</p> <p>O Globo noticia a movimentação de militares no sentido da proteção da integridade e da defesa do princípio da hierarquia nas Forças Armadas. Divulga também manifestação de solidariedade e apoio nesse sentido de políticos que estarão diretamente ligados ao golpe de 1 de abril. Dá conta também de um movimento de afastamento do Almirante “vermelho”, Muniz Aragão. Comandante do Corpo de Fuzileiros navais aquartela do Rio de Janeiro.</p>
---	---

<p><i>no Rio, circularam rumores de que o Almirante Aragão teria sido substituído, no comando do Corpo de Fuzileiros Navais pelo Almirante Washington Frazão, mas as autoridades da Marinha não os confirmaram nem desmentiram. A crise repercute na Câmara, no Senado e na Assembleia da Guanabara</i></p> <p><i>A influência comunista no Brasil preocupa Washington</i></p> <p><i>Nei Galvão desmente o congelamento dos depósitos bancários</i></p> <p><i>Doutel desmente intenção de golpe, Mazilli desaparece e a crise domina Brasília. Ao término de um dia inteiro de notícias desencontradas, que levaram quase o pânico aos meios políticos da capital, o líder do PTB divulgou nota na qual afirma que o Presidente da República jamais se afastou dos limites da lei e da Constituição, e que as versões sobre o regime comunizante partem de um plano de agitação. Mazilli partiu para São Paulo</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b> <b>NAÇÃO UNIDA ÀS FORÇAS ARMADAS</b> <i>Em meio a luta que vem travando, na defesa da defesa de suas corporações - ameaçadas pelos golpes assestados contra a hierarquia, a autoridade e a disciplina, os oficiais brasileiros devem sentir, ao menos, confortados pela solidariedade de todos os setores da vida nacional, com a só exceção daqueles vinculados ao partido comunista e ao processo de destruição do regime. O povo percebe, sem ser preciso explicar-lhe, que ao enfraquecimento e posterior liquidação das Forças</i></p>	<p><b>EDITORIAL:</b> Roberto Marinho na edição do dia que antecedeu o Golpe de Estado que depôs João Goulart e iniciou o período de 25 anos de ditadura militar no Brasil veicula esse editorial na véspera do golpe, para denunciar aquilo que via como um plano concebido, e já em andamento na forma dos atos de rebeldia contra a hierarquia e a disciplina na Marinha, para debilitar as Forças Armadas até a sua supressão total - anulando assim a única força capaz de impedir a transformação do Brasil num “Estado Socialista”. Ele afirma: “O que une a todos os democratas, nesta hora, é a convicção de que com o desaparecimento das Forças Armadas significaria a morte do nosso regime político”.</p>
---	---

<p><i>Armadas, desaparecerá o grande obstáculo à marcha da subversão comunista. Para o êxito do processo desencadeado pelos vermelhos e indispensável a supressão do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. Por isso se unam todos os brasileiros democratas, sem distinções partidárias, na esperança de que os fatos que tiveram lugar na Marinha de Guerra não assinalem o início do fim, mas pela indignada e justificada reação que provocaram, signifiquem o fim de um estado de coisas que só nos levam e só podem levar à anarquia e a guerra civil. Como dissemos muitas vezes, a democracia não deve ser um regime suicida que dê a seus adversários o direito de suicida-la, para não incorrer no risco de ferir uma legalidade que esses adversários são os primeiros a desrespeitar. A legalidade não deve ser um tabu, a impedir que os democratas defendam as instituições, ou uma garantia para que os agentes da subversão atuem sem serem incomodados. Seria rematada loucura continuarem as forças democráticas desunidas e inoperantes, enquanto os inimigos do regime vão, paulatinamente, fazendo ruir tudo aquilo que os impede de atingir o poder. Chegaria o dia em que o Brasil, sem reação e sem luta, se transformaria em mais um “Estado Socialista”, aí todos diriam que desaparecera a legalidade democrática, mas ninguém mais teria como recuperar as perdidas liberdades e franquias, pois já estaria instalado o terror policial e – quem sabe – os pelotões de fuzilamento, segundo o modelo cubano.</i></p> <p><i>O País está, realmente, tendo o mais difícil momento de sua História. Não há dúvida de que atingimos a encruzilhada de nossos destinos. Agora se decidirá se conseguiremos</i></p>	<p>Através de O Globo, Roberto Marinho faz um chamamento aos que chama de “forças democráticas” a não se deixar levar a um legalismo democrático suicida, concita a todos os que estão contra o “estado de coisas que só nos levam e só podem levar à anarquia e a guerra civil” e apela que essas forças se unam e façam o que for necessário.</p> <p><i>O País está, realmente, tendo o mais difícil momento de sua História. Não há dúvida de que atingimos a encruzilhada de nossos destinos</i></p> <p>Importantíssimo para aquele momento: “A legalidade não deve ser um tabu, a impedir que os democratas defendam as instituições [...].”</p>
---	---



*superar a terrível crise provocada pela inflação, pelos desajustes sociais, pelo descalabro econômico-financeiro, sem a perda de nossas instituições livres, ou se, ao contrário, uma ditadura esquerdista se apossará do País, graças, principalmente ao enfraquecimento e desaparecimento das Forças Armadas. A nação democrática, que sempre viu nas Forças Armadas a segurança de que não seriam vitoriosos no Brasil os elementos subversivos que insistem em conduzi-lo contra a sua vocação histórica e suas tradições, recusa-se a admitir a segunda hipótese, e se manifesta em apoio a Marinha de Guerra, vítima, no momento, do mais grave erro cometido pelo Governo. O assunto não é político-partidário. Não se discute, agora, como devem ser feitas as reformas. Não estão em jogos pontos de vistas divergentes respeito deste ou daquele problema isolado. O que une a todos os democratas, nesta hora, é a convicção de que com o desaparecimento das Forças Armadas significaria a morte do nosso regime político, que já não teria mais quem o defendesse. E como a crise que estourou na Marinha durante a Semana Santa, deixa ver a quantas anda as instituições militares ameaçados em sua integridade, mobilizam-se todos os brasileiros lúcidos e patriotas para impedir que o processo de destruição daquelas corporações seja levado adiante. Todos têm a certeza que o Brasil não poderá mais suportar que à sombra das liberdades e garantias constitucionais os comunistas e seus auxiliares trafeguem comodamente, preparando o asfixiamento daquelas liberdades e a derrubada da Constituição.*

1	<p><i>Nota especial colocada na sequência histórica do acervo virtual de O Globo explicando o porquê de não ter havido edição nesse dia.</i></p> <p><i>“Na noite de 31 de março de 1964, O Globo foi invadido por fuzileiros navais comandados pelo Almirante Candido do Aragão, do “dispositivo militar de Jango” como se dizia na época. O jornal não pôde circular no dia 1 de abril. Saiu no dia seguinte, 2 de abril, quinta-feira, com o editorial que fora impedido de ser impresso pelo Almirante, “A decisão da Pátria”. Na primeira página um novo editorial: “Ressurge a democracia”. Também na primeira página desse dia publicou o seguinte texto: “Violência contra O Globo”, explicando os motivos pelos quais o jornal deixara de circular na véspera”.</i></p>	<p>É efetivado o Golpe Militar, declarada a vacância da presidência e derrubado João Goulart .</p>
2	<p><i>Fugiu Goulart e a democracia está sendo restabelecida</i></p> <p><i>Empossado Mazilli na presidência</i></p> <p><b>EDITORIAL:</b> <b>RESSURGE A DEMOCRACIA!</b> <i>Vive a nação dias gloriosos. Porque souberem unir-se todos os patriotas, independente de vinculações políticas, simpatias ou opinião sobre os problemas isolados, para salvar o que é essencial, a democracia e, e a lei e a ordem.</i></p> <p><i>Graças à decisão e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes mostraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se de um governo irresponsável, que insistia em arrasta-lo para rumos contrários a sua vocação e tradições.</i></p> <p><i>Como dizíamos, no editorial de anteontem, a legalidade não poderia ser a garantia da subversão, a</i></p>	<p>O Globo corrobora com a configuração “legal” da derrubada de Jango através da declaração do presidente do Congresso sobre a vacância do cargo de Presidente da República</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b></p> <p>Roberto Marinho trata de agradecer nas primeiras horas do golpe de estado às Forças Armadas brasileiras que mais uma vez teriam entrado em ação para salvar o Brasil de seus inimigos internos plantados no governo deposto com os “vermelhos” e comunistas a frente.</p> <p>Defende mais uma vez a tese de que a legalidade democrática não pode ser usada como desculpa para a inação para salvar a própria democracia.</p> <p>Diz que esse foi um movimento plural, de todas as forças políticas que já não podiam mais suportar o destino para o qual o presidente deposto e seus apoiadores estavam a levar o país. Elogia muito as lideranças civis que ajudaram a recolocar o Brasil nos seus eixos tradicionais.</p>

<p><i>escora dos agitadores, o anteparo da desordem. Em nome da legalidade não seria legítimo admitir o assassinio das instituições, como se vinha fazendo, diante da nação horrorizada.</i></p> <p><i>Agora o Congresso dará o remédio constitucional a situação existente, para que o país continue sua marcha em direção ao seu grande destino, sem que os direitos individuais sejam afetados, sem que as liberdades públicas desapareçam, sem que o poder do Estado volte a ser usado em favor da desordem, da indisciplina e tudo aquilo que estava a levar à anarquia e ao comunismo.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Atendendo aos anseios nacionais, de paz, tranquilidade e progresso, impossibilitados nos últimos tempos pela ação subversiva orientada pelo Palácio do Planalto, as Forças Armadas tomaram a si a tarefa de restaurar a Nação na integridade de seus direitos, livrando-a do amargo fim que lhes estava reservado pelos vermelhos que haviam envolvidos o Executivo Federal.</i></p> <p><i>Este não foi um movimento partidário. Dele participaram todos os setores conscientes da vida política brasileira, pois a ninguém escapava o significado das manobras presidenciais. Aliaram-se os mais ilustres líderes políticos, os mais respeitáveis governadores, com o mesmo intuito redentor que animou as Forças Armadas. Era a sorte da democracia no Brasil que estava em jogo. A esses líderes civis devemos, igualmente, agradecer em nome do nosso povo.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>Mais uma vez o povo brasileiro foi socorrido pela providência divina, que lhe permitiu superar a grave crise, sem maiores sofrimentos e luto. Sejamos dignos de tão grande favor.</i></p>	<p>Afirma que todos os direitos democráticos serão respeitados pelo novo regime, sob o controle e responsabilidade do Congresso Nacional.</p>
--	---

<p><i>EDITORIAL: A DECISÃO DA PÁTRIA Ler na 3ª página sob o título acima o editorial que deveria ter sido publicado na edição proibida* *EDITORIAL DO DIA 1 DE ABRIL A DECISÃO DA PÁTRIA Este artigo deveria ter saído nas edições normais de hoje, as quais não puderam ser rodadas em face da truculência e da arbitrariedade do almirante Cândido Aragão. Quando a renúncia do Sr. Jânio Quadros abriu as portas do poder ao Sr. João Goulart e os ministros militares da época quiseram impedir-lhe a posse, o sentimento legalista do povo e das Forças Armadas assegurou ao então Vice-Presidente a sucessão que lhe cabia em face da Constituição. Para que a Carta Magna não fosse rasgada, desaparecendo com ela ainda que transitoriamente, o regime democrático e as liberdades públicas, a grande maioria da Nação preferiu correr o risco de ver na Presidência um político que se notabilizara pela absoluta ausência de espírito público, pelos conluios repetidos com os agitadores e ligações com sistemas totalitários opostos à índole de nosso povo, tanto a ditadura sindicalista de Perón como o comunismo de Mao-Tse-Tung. Todos esperavam que o novo Presidente, imbuindo-se das responsabilidades que lhe caíam sobre os ombros e consciente do alto preço que a Nação quase que tivera de pagar para que seus direitos à Suprema Magistratura fossem respeitados, tratasse de recuperar o País, tão ferido pelos acontecimentos de agosto de 61 e tão necessitado de paz e tranquilidade para progredir. Os mais severos críticos do Sr. João Goulart, nós inclusive, procuraram</i></p>	<p><i>EDITORIAL – 1º DE ABRIL “Agora é a Nação toda de pé, para defender as suas Forças Armadas, a fim de que estas continuem a defendê-la dos ataques e das insídias comunistas”. Roberto Marinho usa esse espaço nobre de seu jornal para fazer um retrospecto dos acontecimentos e fatores que obrigaram as Forças a intervirem mais uma vez na ordem institucional e, logicamente, para agradecer mais esse pronto atendimento do chamado da nação para que estas a salvassem do destino designado pelo antigo governo sob o comando de João Goulart que certamente nos queria levar a ser uma nova Cuba. Cita também o empoderamento dos sindicatos. Levanta a questão da insubordinação na Marinha de Guerra como o estopim que levou as Forças Armadas a agirem para não serem destruídas por Jango e seus apoiadores comunistas. No final faz uma prece a Deus “pedindo-Lhe que proteja esta Pátria Cristã, que a salve da guerra fratricida e que a livre da escravidão comuno-fidelista”. Roberto Marinho inclui-se aqui, expressamente, entre os mais severos críticos de João Goulart.</i></p>
--	--

*esquecer o passado, adotando em relação a seu governo uma atitude de expectativa favorável e de contínuos estímulos.*

*Foi tudo em vão. Desde que se viu instalado no Alvorada, o Sr. João Goulart em mais não pensou senão em fortalecer os dispositivos de mando, com vistas a objetivos políticos imprecisos e suspeitos. Desconfiado dos partidos políticos, hostil ao Congresso, certo de que os militares, mesmo os mais amigos, não o acompanhariam além do que permitem a honra, a Lei e as tradições das Forças Armadas, quis levantar, ao lado destas Forças Armadas, um Poder Sindical audacioso e ameaçador. Insufinou o CGT, apoiou o PUA, incentivou todas as organizações especializadas na perturbação da ordem e na destruição da economia. Nem a volta do presidencialismo, decidido no plebiscito antecipado, o demoveu do errado caminho. Tomou a decisão popular, que apenas revelava o desejo nacional de um governo capaz e responsável como um voto de confiança a sua pessoa, uma espécie de carta-branca que lhe houvesse dado o País.*

*Criou, então, a infecunda e desnecessária polêmica a respeito das reformas de base. Cercado de assessores e auxiliares comunistas, desfraldou a bandeira das reformas, não para as obter, mas para excitar as massas trabalhadoras contra a ordem jurídica e as instituições.*

*Ninguém, realmente ninguém, no Brasil, é contra as reformas que venham a melhorar as condições de vida do nosso povo e corrigir as injustiças e desigualdades sociais. Mas ninguém, realmente ninguém, no Brasil, se animaria a confiar a execução dessas reformas a um governo a princípio infiltrado e depois orientado pelos comunistas.*

*O impasse entre o Executivo e o Legislativo, por causa das reformas, permitiu ao Sr. João Goulart levar ao paradoxismo a sua campanha contra as instituições. Aliou-se, publicamente, aos mais despidorados agitadores e agentes subversivos, chegando ao ponto de manter contatos com o Sr. Luís Carlos Prestes, de aparecer em palanques e cerimônias em companhia de antigos deputados vermelhos.*

*Mas restavam as Forças Armadas a impedir que ele levasse às últimas consequências os planos arquitetados para transformar o Brasil numa segunda Cuba. Urgia, portanto, destruí-las. Para isto, a infalível receita seria liquidar com a hierarquia, com a disciplina e com o princípio da autoridade. Foi o que ele tentou fazer, diante da Nação ofendida e espantada.*

*De há muito vinham seus correligionários mais chegados - o cunhado à frente -, os dirigentes do CGT e outros grupos sindicais trabalhando os graduados e os primeiros escalões das Forças Armadas, aos quais ministravam em doses maciças o veneno da revolta contra os superiores, apresentados como simples defensores de uma ordem social obsoleta. A Associação dos Marinheiros e dos Fuzileiros foi fundada, exclusivamente, para perturbar, na Marinha de Guerra, as relações entre oficiais e praças.*

*Recebia ela, para isto, o assessoramento permanente dos dirigentes sindicais comprometidos com a baderna. Todos sabiam que, mais cedo ou mais tarde, a crise estouraria, como de fato ocorreu na Quinta-Feira da Semana Santa. A solução dada pelo Sr. João Goulart à questão representaria, evidentemente, o fim da Marinha de Guerra como força militar*

*organizada. Depois chegaria a vez da Aeronáutica e do Exército. Ainda havia quem procurasse impedir o definitivo rompimento entre o Sr. João Goulart e a hierarquia militar, e eis que ele comparece ao Automóvel Clube para sentar-se ao lado do cabo Anselmo, o chefe do motim da véspera, dos mais irresponsáveis perturbadores da disciplina, juntamente com o Ministros de Estado, e outras autoridades.*

*O discurso que ali pronunciou e que ontem, lealmente, publicamos na íntegra, não era o que a Nação esperava; mas pior, muito pior do que o tom e as palavras, era aquele matrimônio entre os chefes da República e os chefes da subversão, era aquela febricitante atmosfera de desafio à ordem e às instituições, era aquele endeusamento dos amotinados e as afrontas feitas aos oficiais, justamente indignados, mas que ainda procuravam encontrar pacificamente uma saída que preservasse as Forças Armadas, cuja existência depende de haver disciplina e autoridade nos quartéis. Unido a mazorqueiros e aos agitadores, aquele que a Constituição declara ser o comandante-chefe das Forças Armadas marcava com sua presença no casarão da Rua do Passeio a liquidação da Marinha, do Exército e da Aeronáutica. Por quê? Pelo crime de só o ter inquirido acompanhar dentro dos limites da lei.*

*Agora é a Nação toda de pé, para defender as suas Forças Armadas, a fim de que estas continuem a defendê-la dos ataques e das insídias comunistas. Neste grave momento da História, quando os brasileiros, patriotas e democratas, veem que não é mais possível contemporizar com a subversão, pois a subversão*

<p><i>partindo do governo fatalmente conduziria ao "putsch" e à entrega do País aos vermelhos, elevemos a Deus o nosso pensamento, pedindo-Lhe que proteja esta Pátria Cristã, que a salve da guerra fratricida e que a livre da escravidão comunofidelista”.</i></p> <p><i>Castelo Branco adverte os comandos: As Forças Armadas são para defender a lei não a baderna Na circular reservada que a 20 de março dirigira aos generais-comandantes de tropas, o Chefe do Estado-Maior do Exército, após analisar as consequências do comício do dia 18, deixava claro que as Forças Armadas não poderiam atraiçoar o Brasil. Ao referir-se à ação do CGT, acentuava que a pretendida paralização geral do País, no quadro do esquema revolucionário, configurava, provavelmente, uma calamidade pública. Assim, por julgar que não seria possível aos militares ficarem omissos ou tornarem-se caudatários do comando da subversão, alertava-os para a necessidade de defender a legalidade, contra a revolução para a ditadura e a constituinte.</i></p> <p><i>Silêncio após a fuga Não se trata de um trabalho pictórico ou de foro selecionada para um concurso. É simplesmente a fachada da entrada principal do Palácio das Laranjeiras, fotografada pelo O Globo momentos após se ter retirado definitivamente o Presidente João Goulart</i></p> <p><i>A assembleia de Pernambuco votou o “impeachment” de Arraes A violência contra o globo A violência contra O Globo verificou-se precisamente às 8h10min, quando um Cap-Ten. do</i></p>	<p>O Globo reproduz material produzido para o público interno por Castelo Branco acerca dos acontecimentos mais recentes que não deixaram alternativa à ação extraordinária das Forças Armadas.</p> <p>O Globo ironiza João Goulart</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Auto-reportagem narrando aos leitores a violência que foi a invasão do jornal por</p>
--	--



<p><i>Corpo de Fuzileiros Navais, no comando de cerca de 30 homens, invadiu a sede deste jornal, no cumprimento, segundo disse, de determinações do Governo e não especificando claramente a origem da ordem. Suas instruções, acentuou o oficial, eram peremptórias e consistiam em impedir, de qualquer forma, que o jornal, já inteiramente composto, fosse impresso. Educado, mal ocultando o seu constrangimento em cumprir a ordem absurda, o jovem oficial revelou que igual procedimento seria observado quanto aos nossos confrades da “Tribuna da Imprensa” e, após leve palestra com os nosso diretores e companheiros, lamentou que outra alternativa não lhe restasse a não ser cumprir a missão recebida: O Globo não poderia ser impresso! Exatamente às 9h 20min, compareceu o Almirante Aragão. Acompanhava-o um sargento do Corpo de Fuzileiros. O comandante dos fuzileiros era bem a antítese do jovem Cap-Ten. que o precedera. Arrogante e enfatuado, escusou-se de dar qualquer esclarecimento nem justificativa da violência que estava praticando. Limitou-se, em dado momento, a balbuciar para o sargento: “um jornal como O Globo só poderá voltar às bancas dos jornaleiros se Krueel vencer essa parada! ”. Descendo às oficinas, o Almirante Aragão mudou de semblante. Tentou mostrar-se afável perante os nossos bons e eficientes colaboradores, ensaiando um humorismo e anedotas num momento tão delicado. E teve mesmo o desplante de articular esta baboseira, recebida em silêncio glacial: “O Globo não vai circular. Bem melhor para vocês, que assim ganharão o dia sem trabalhar.”</i></p>	<p>tropas comandadas pelo Almirante Aragão e que impediram a impressão da edição do dia 1 de abril.</p>
---	---

	<p><i>A atitude serena de nossos companheiros das oficinas foi o suficiente para desarmar a “proverbial” coragem do truculento Almirante Aragão, o qual, resmungando, bateu incontinentemente em retirada deixando O Globo sob a vigilância de fuzileiros, muito mais bem-educados, diga-se com justiça, do que o chefe.</i></p> <p><i>Coragem e emoção</i>  <i>Durante as longas horas em que permaneceu bravamente no seu posto no Palácio da Guanabara, ameaçado de invasão pelos fuzileiros navais, o Governador Carlos Lacerda teve o conforto de ver, ao seu lado, dispostos a qualquer sacrifício, não só soldados fiéis da Polícia Militar, mas um grande número de oficiais das três armas e de amigos e de pessoas que não o conheciam mas correram para lutar pelo Governador da Guanabara.</i></p>	<p>Roberto Marinho rende tributo ao jornalista e político Carlos Lacerda, seu companheiro de muitas batalhas desde a década de 50 e mais uma vez juntos, desta feita no combate ao governo Jango e na construção da opção militar.</p>
3	<p><i>Mais de 800 mil pessoas na “Marcha da vitória”</i>  <i>Impressionante massa humana transformou a marcha da Família com Deus pela Liberdade na maior demonstração democrática jamais vista no Brasil que serviu como demonstração esplêndida do repúdio do povo ao comunismo</i></p> <p><i>Falcão pede punição para os criminosos</i></p> <p><i>General Mourão conta a história da revolta</i>  <i>Como se preparou aluta anticomunista – A constituição do Estado Maior Revolucionário – Ninguém pensou em ditadura militar</i></p> <p><i>Mazilli chega hoje ao Rio para formar o novo governo – Presidente da República iniciará os contatos com militares e políticos para a</i></p>	<p>A passeata que fora idealizada como demonstração de protesto contra João Goulart acabou se transformando numa grande confraternização pela vitória sobre Jango.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>

<p><i>escolha de seus Ministros, completando o trabalho iniciado ontem pelo senador Auro de Moura de Andrade, e estará, também, em São Paulo e Belo Horizonte para outros contatos. O nome do Sr. Martins Rodrigues, líder do PSD está sendo cogitado para o Ministério da Justiça, posto que já ocupou no Governo do Sr. Ranieri Mazzilli após a renúncia do Sr. Jânio Quadros</i></p> <p><i>Eleição imediata do Presidente pelo Congresso</i>  <i>Um governo de 30 dias é a mesma coisa que ausência de governo. (Dario de Almeida Magalhães)</i>  <i>Ameaça de consequências funestas para a estabilidade da vida da Nação (Sobral Pinto)</i>  <b>EDITORIAL:</b>  <b>A VEZ DO CONGRESSO</b>  <i>Embora O Globo e outros jornais viessem alertando a opinião pública para o aceleração do processo de comunização, que se continuasse por mais 30 dias, no mesmo ritmo das últimas semanas, certamente enterraria toda e qualquer possibilidade de recuperação econômica, levando o país à anarquia e ao desespero, muitos, talvez, não se tivessem dado conta da gravidade da situação.</i>  <i>A verdade, porém, é uma só. O Brasil estava sendo destruído, para que, sobre seus escombros, viesse a erguer-se uma ditadura do tipo cubano.</i>  <i>Dispostos a apressar a conquista do poder, os comunistas que orientavam e controlavam o governo já não se detinham diante de coisa alguma. A atitude tomada pelo Sr. João Goulart no caso do motim dos marinheiros e fuzileiros e a sua reunião realizada no Automóvel Clube foram a mais evidente demonstração do que afirmamos.</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p><b>EDITORIAL:</b>  Roberto Marinho reporta mais uma vez as circunstâncias e causas do golpe militar. Só que aqui ele coloca o peso do próximo passo definidor do futuro imediato do país, a eleição do novo Presidente nas mãos do Congresso, afirma a importância dessa decisão e lembra que esse mesmo Congresso deve sua subsistência ao movimento golpista cívico-militar. Aponta, inclusive, para possíveis candidaturas e indica que não deveria ser escolhido ninguém que já estivesse lançado como candidato no pleito a ser realizado no ano vindouro.</p>
---	--

*Para defender a democracia e, preservar as instituições e continuar existindo, as Forças Armadas se encarregaram com amplo apoio popular e político, de afastar do governo aquele que não soubera aproveitar as esplêndidas oportunidades que lhe havia reservado o destino. A vitória do movimento em tão poucas horas, e com um mínimo de sacrifícios e praticamente sem derramamento de sangue, enche de entusiasmo os democratas, que se entregam a transporte de alegria.*

*[...]*

*Precisa o Congresso ter uma inspiração de grandeza e colocar na Chefia da Nação quem mereça a confiança de todos os setores democráticos, podendo realizar, em consequência, um governo fortalecido por amplo apoio parlamentar. Ao nosso ver, em face das condições atuais tendo em vista que o mandatário que o Poder legislativo vai nomear caberá a presidência da Nação em ano eleitoral, deveria ser sufragado um nome equidistante e não comprometido com qualquer das candidaturas apresentadas. Um nome militar, por exemplo, do gabarito dos ilustres comandantes do movimento vitorioso.*

*[...]*

*O Congresso tem, no momento, a maior oportunidade de mostrar ao país como eram injustas as críticas que lhe fazia o Ex-Presidente, seguido pela fina flor da agitação subversiva e do peleguismo imoral. Não deve perder essa chance, pois, em última análise, foi para sua defesa, para a defesa do que ele representa, como expressão do regime democrático, que as Forças Armadas se puseram em marcha, o povo enfrentou a violência e toda a nação viveu um período de*

	<i>sofrimento e angústia, finalmente transformado em dias de luz e esperança.</i>	
4	<p><i>Eleição imediata do Presidente-Castelo Branco e Eurico Dutra considerados os mais prováveis</i>  <i>O que se quer, e já, é um Governo apartidário e democrata</i>  <i>Importantes contatos políticos do governador da Guanabara com seus colegas de Goiás, Paraná e com os presidentes da Câmara e do Senado, nas quais ganhou ênfase a tese de se eleger imediatamente um presidente que possa assegurar, pelas qualidades pessoais e pela estabilidade, a consolidação dos princípios que nortearam a revolução</i></p> <p><i>Kruel: a revolução não só visou a neutralizar a infiltração comunista</i></p> <p><i>O EMFA divulga documento confidencial em que sugeria a João Goulart a opção entre o poder legislativo e os sindicatos</i></p> <p><i>Personalidades brasileiras estavam marcadas para morrer</i>  <i>A polícia encontrou em poder dos chineses uma lista de autoridades e pessoas influentes, todas com sentença de morte lavrada pelos agentes do comunismo internacional. Na lista estão o Governador Carlos Lacerda e os generais Amaury Kruel e Castelo Branco. Em outras listas, o Deputado Sérgio Magalhães e Miguel Arraes são mencionados pelos agentes de Mao Tse Tung.</i>  <i>Agitação na última tentativa</i></p> <p><i>Viajando de Brasília a Porto Alegre, numa última e desesperada tentativa de reorganizar forças e mudar o rumo que os democratas haviam resolvido imprimir ao Brasil, João Goulart chegou à capital gaúcha já na madrugada de 2 de abril, quando</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>O Globo narra os últimos movimentos de João Goulart antes de partir para o exílio. Conta que o Presidente deposto considerou a possibilidade de participar de um esforço de resistência a ser montada por Leonel Brizola.</p>

	<p><i>o Congresso deliberava em histórica sessão considerar vago o cargo de Presidente da República e empossar o Deputado Ranieri Mazzilli. Acreditando nas arengas do cunhado, o Ex-Presidente admitia permanecer no poder. Do outro lado do Rio Grande do Sul, em Passo Fundo, o Governador Ildo Meneghetti, com as divisões, os batalhões e as milícias leais à democracia, organizava a última batalha contra os recalcitrantes, da batalha que acabou não sendo concretizada.</i></p> <p><i>Decidem-se os militares pela imediata cassação do mandato dos parlamentares comunistas. No encerramento da assembleia do Clube Militar, presente o presidente do Clube Naval, deliberaram os oficiais das Forças Armadas indicar como providência essencial para que não seja frustrado o objetivo da revolução, não só a urgente cassação dos mandatos de Deputados e Senadores comunistas e agitadores ou comprometidos com os desmandos que deram o motivo para o movimento em que se empenharam as forças militares, mas também o expurgo nos quadros administrativos, políticos, sindicais e militares de todo o País.</i></p> <p><i>Obstada pelo PTB a urgência para o código de vencimentos dos militares.</i></p> <p><i>Estado de sítio a vista</i>  <i>Fontes geralmente bem informadas garantiram ontem, após a estada do Sr. Auro de Moura Andrade nos Campos Elíseos, que o Presidente Ranieri Mazzilli está auscultando Governadores e chefes militares sobre a possibilidade da decretação pelo Congresso do estado de sítio</i></p>	<p>O Globo reproduz as primeiras medidas de força emanadas do Estado Maior Revolucionário, incluindo a cassação de mandato de parlamentares comunistas.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
5	Não houve edição	Não houve edição

<p>6</p>	<p><i>A revolução democrática antecedeu em um mês a revolução comunista Enquanto farta documentação é apreendida no Recife, inclusive um manifesto de Arraes, continuam as prisões dos agitadores no interior pernambucano.</i></p> <p><i>O Brasil põe as suas esperanças na coesão das Forças Armadas</i></p> <p><i>Castelo Branco: haverá punição para os traidores</i>  <i>Ao receber grande manifestação popular, ontem, diante de sua residência em Ipanema, por sua valorosa participação na revolução democrática e em favor da sua eleição para presidência da República, o general Humberto Castelo Branco afirmou que serão punidos todos os responsáveis pela desordem e pela comunização do País</i></p> <p><i>Schmith: Esta foi uma revolução brasileira</i></p>	<p>Notícia reforçando a importância e os efeitos de natureza salvadora do golpe contra Jango.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>O Globo notícia futuras medidas de exceção com naturalidade.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>
<p>7</p>	<p><i>O Senado aprova e envia à Câmara o projeto de eleição do Presidente Os chefes militares apresentam um Ato Institucional para que o País possa ser descomunizado</i></p> <p><i>Os líderes do Movimento Revolucionário Democrático estão levando a apreciação dos dirigentes partidários um documento que engloba medidas que julgam imprescindíveis para o desmantelamento do processo comunizante. Apontam como a providência mais fundamental e mais premente que a própria eleição do próximo Presidente da República</i></p> <p><i>Autocensura nos jornais de São Paulo</i></p>	<p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia que reporta algumas das primeiras movimentações da liderança do golpe em consonância com a classe política que, em última instância, seria aquela responsável por escolher o futuro Presidente.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p>

<p><i>Magalhães Pinto quase foi sequestrado</i></p> <p><i>Alta sem precedentes na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro</i>  <i>Preso o presidente do CGT</i>  <i>Congresso elegerá livremente os indicados que mereçam o respeito do povo, garante o Ministro da Guerra</i>  <i>Castelo Branco responde “sim” aos governadores e chefes militares</i>  <i>Após sucessivas reuniões realizadas ontem no Palácio da Guerra, os governadores de São Paulo, Rio grande do Sul, paraná e Goiás e os representantes dos Srs. Magalhães Pinto e Carlos Lacerda foram a residência do Sr. Castelo Branco consulta-lo sobre se concordava com a indicação de seu nome ao Congresso. O ilustre militar acedeu, sob o aplauso dos presentes</i>  <i>A restauração financeira se dará sem grandes sacrifícios, afirma o Ministro da Fazenda</i></p> <p><i>EDITORIAL:</i>  <i>A SORTE DA DEMOCRACIA</i>  <i>Toda a nação acompanha atentamente a organização do novo Governo, convencida que as dificuldades naturais a um momento de reajuste serão superadas, podendo o Brasil encarar com otimismo o futuro, certo de que o desenvolvimento recomeçará estimulado por uma administração honesta, criteriosa e realizadora.</i>  <i>A medida em que os brasileiros vão tomando melhor conhecimento dos perigos que ameaçavam de bem perto a nossa democracia, cuja destruição estava sendo preparada pelo conluio do governo anterior com os comunistas, maior é o sentimento de gratidão que a todos anima, relativamente às Forças Armadas, que defendendo o regime, nos salvaram de escravidão</i></p>	<p>Castelo Branco aceita ser o próximo Presidente do Brasil depois de eleito pelo Congresso.</p> <p>Notícia política com viés valorativo</p> <p>EDITORIAL:  Há poucos dias do golpe de Estado, Roberto Marinho tenta injetar otimismo na população brasileira.  Faz mais um retrospecto dos acontecimentos e fatores político-militares que levaram à interferência militar na normalidade institucional democrática e ao elogiar a escolha “civil” do nome do General Castelo Branco e garante que este e seu governo terão todas as condições para vencer seu maior desafio: salvar a democracia brasileira.</p>
--	--



<p><i>semelhante àquela em que jaz o povo cubano.</i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>É preciso repetir, porém, que a continuação dessa euforia, essa confiança está condicionada à rápida normalização da vida brasileira, com o saneamento da administração federal, tão conspurcada, ultimamente, pelas manobras vermelhas. Urge, portanto, ultrapassar essa fase imprecisa, compreensível por suceder de um movimento revolucionário espontâneo, estruturando definitivamente o novo governo, cujas características devem ser a autoridade, a moralidade, a eficiência e a isenção partidária. A solução está encaminhada. Os governadores, líderes da revolução, coincidem, ao que se sabe, em indicar ao congresso o nome do general Humberto Castelo Branco para concluir o quinquênio presidencial. Apesar do indicado ser um oficial-general, trata-se de uma solução civil, no sentido de que foram os líderes civis que a formularam, vencendo, aliás, os nobres escrúpulos que sempre dominam os nossos militares quando se lhes oferece o poder e dos quais se fizeram interprete o próprio general Castelo Branco.</i></p> <p><i>Aguardamos, como toda a nação, ansiosamente, a construção do novo Governo. Será o Governo mais carregado de responsabilidades de que o Brasil já possuiu, mas não temos a menor dúvida de que, com a colaboração do Congresso, que o fará nascer, com o apoio das Forças Armadas que realizaram a revolução e o entusiasmo dos verdadeiros patriotas, ele será bem-sucedido. Disto depende a sorte da democracia em nossa Pátria.</i></p>	
--	--